

# DESAFIANDO O RIO-MAR

## Descendo o Solimões Tomo I

HIRAM REIS E SILVA

O Coronel Hiram Reis e Silva, brilhante Oficial de Engenharia do Exército, Professor do Colégio Militar de Porto Alegre, é possuidor de muitas e invejáveis titulações civis e militares. Em seu apostolado cívico em prol da Amazônia, contabiliza vários trabalhos escritos, a par de inúmeras palestras proferidas.

Entretanto, ele se fará conhecido, historicamente, pela concretização do Projeto-Aventura "*Desafiando o Rio-Mar*". E este precioso livro traz a lume o que foi tal aventura, desde o rigoroso treinamento no Rio Guaíba, até o hercúleo desafio em arrostar mais de 1.700 quilômetros [!] do Rio Solimões e seus afluentes, de Tabatinga a Manaus, em caiaque, e por quase dois meses.

Este fantástico documento é uma verdadeira joia histórica, pois riquíssimo em valiosos ensinamentos.

Ao perlustrarmos as suas páginas, somos conduzidos para a fruição de uma empolgante travessia, não em águas procelosas como as singradas a remo pelo autor, mas em um Rio sereno, de encantadoras narrativas acerca de aspectos fisiográficos, sociais e humanos, referentes a "*brasis ainda sem Brasil*".

Tal como Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o Coronel Hiram, pela epopeia há pouco realizada, acaba de consagrar, o seu ilustre nome em nossa historiografia, "*ad perpetuam Rei memoriam*".  
[...]



## ***Homenagem Especial***

A jornada pelo Solimões, iniciada em 1º de dezembro de 2008 e concluída em 26 de janeiro de 2009, foi uma justa homenagem a dois heróis, duas lideranças, de personalidades tão distintas que se cruzaram momentaneamente nos labirintos da história. Um voltado para a defesa de nossas fronteiras pela Força do Direito e o outro, sem opção, tendo de lançar mão do Direito da Força.

Naquela ocasião, ao desviar-me de minha rota e adentrar no Rio Purus, minha memória, madrugando no passado, recolheu, no arquivo ancestral, a imagem dos dois, em outubro de 1905, navegando no vapor "*Rio Branco*", singrando as águas daquele Rio tendo como destino Manaus.

José Plácido de Castro tinha comandado o vitorioso Movimento Revolucionário Acreano que resultou na incorporação das terras "*ditas*" bolivianas ao Brasil. Euclides da Cunha chefiara a "*Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus*", cuja missão era mapear o Rio Purus desde sua Foz, no Solimões, até cabeceiras, definindo as fronteiras do País com a Bolívia e o Peru.

O Purus me encantava e, nos meus devaneios, eu o reconhecia como um ser mítico, não apenas um Rio, mas um protagonista que, junto com estes homens de valor, gravou belas páginas na história da nossa Nação. Ambos foram vítimas de cruéis e covardes assassinos. Plácido de Castro foi lembrado e reverenciado, em 2008, no centenário de sua morte, e Euclides da Cunha, no centenário da sua, neste ano de 2009. Divergências, talvez, mas uma unidade de pensamento no que se referia à amada "*Terra Brasilis*".



# **Apocalipse**

**(Luiz Augusto de Lima Ruas)**



*Os meteoros ameaçam nossos jardins.  
É hora de decolarmos  
Para a infinitude <sup>(1)</sup> do silêncio dilatado  
Com nossas asas de sonho  
Antes que a terra exploda  
E se escancare como a fauce  
De uma desmedida flor carnívora  
Faminta de nossos corpos.  
Não mais teremos tempo  
De colher o fruto do nosso canto.  
Os meteoros ameaçam nossos campos.  
Os Mares cobrirão nossas faces;  
Os vulcões ressecarão nossos ossos;  
As mãos, os ventres, os sexos  
Murcharão sob o fogo das Estrelas  
Que cairão sobre vales e colinas.  
Os meteoros ameaçam nossos Rios.  
É tempo de partirmos para o espanto desmedido.  
Do que fomos, fizemos ou cantamos,  
Ficará, apenas, o invisível traço  
Do voo da ave indivisível  
Que se consumiu no espaço.*

---

<sup>1</sup> Infinitude: qualidade do que é infinito. (Hiram Reis)

## **Apresentação**

*É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)*

Loucura, lucidez perdida, bravata, insensatez, devaneios de um quase idoso... Talvez um pouco de tudo, talvez nada disso. Amor desvairado, dedicação extrema pela mulher que amo, veneração ensandecida pela mãe de meus filhos, fé inquebrantável no Grande Arquiteto do Universo, crença de que para Ele os limites da medicina não existem, com certeza sim.

Acredito que Ele seja capaz de corrigir a imperícia de um médico que transformou minha esposa numa mera sombra do que era. Acredito, mesmo que todos os especialistas que consultamos mostrem cientificamente que a lesão provocada pela incompetência do neurocirurgião seja irreversível, que Ele possa reverter esta situação.

Fiz uma promessa ao Supremo Arquiteto que faria a descida tão logo o estado de saúde de minha esposa melhorasse. A demora na sua recuperação me convenceu que o Patrão Celestial não confia muito no seu peão e decidiu que eu tenha de pagar para ver. Isto me motivou a determinar, desde logo, a data de minha pequena odisseia. Descer o Solimões/Amazonas de caiaque e reconhecer seus principais afluentes, observar a fauna, flora, hidrografia, relevo, entrevistar autoridades locais, representantes dos povos da floresta, comendo e bebendo apenas aquilo que puder pescar, colher ou receber das populações ribeirinhas.

Dia a dia, as informações obtidas serão reportadas à equipe multidisciplinar do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) que poderá acompanhar o deslocamento pelo rastreamento via satélite patrocinado pela Skysulbra.

Os locais percorridos serão estudados pelas diversas disciplinas do Ensino Fundamental e Médio.

Será, ao final, editado um livro contendo os mais variados conteúdos, ricamente ilustrado, levando à população brasileira o conhecimento político, social, histórico, cultural, fisiográfico e de meio ambiente da região explorada.

A data programada para a largada de Tabatinga era o dia 1º de outubro de 2008 e a de chegada em Belém, no dia 29 de janeiro de 2009.



# ***Prefácio***

Por Jarbas Gonçalves Passarinho

Nasci em Xapuri, Acre, perto da fronteira com a Bolívia, mas de lá saí aos três anos de idade, para Belém, curado de malária [vivax] em Manaus. Minha vocação era a carreira das armas, mas os eventos turbulentos e ideológicos de 1964 fizeram-me aceitar a indicação do meu ex-Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME, General Humberto de Alencar Castello Branco, então Presidente da República, para que eu assumisse o Governo do Pará.

Findo meu mandato, delicado, mas persuasivo, disse-me que o “*Senado devia ouvir a minha voz*”. A carreira política tomou conta de mim. Servi na Amazônia como Tenente, em Belém, e posteriormente oficial de Estado Maior, de Major a Tenente-Coronel Chefe do Estado Maior do CMA. Desempenhei duas funções civis de interesse do Exército, sempre na Amazônia, Superintendente da PETROBRAS na Amazônia, por três anos, e membro técnico da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia [SPVEA], por alguns meses.

Há pouco tempo, depois de coletar estudos durante todo o meu tempo, no Exército, sobre a Amazônia, escrevi um livro que está no prelo, à espera de diminuir a crise financeira. Ultimamente, empolguei-me lendo a Saga do Rio-Mar, meio inesperadamente porque não sou habitual na Internet. Peja-me chamá-la de aventura, pois seria diminuir a sua contribuição para conhecimento do que nos deixaram os naturalistas que percorreram o grande vale, de La Condamine a Bates e o casal Agassiz, atualizando a humanização da área que eles estudaram faz tanto tempo. Comuniquei-me com o autor, louvando-o.

Agradou-me sabê-lo gaúcho e Professor do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), origem da Escola de Formação de Cadetes [EFC], que cursei em 1939.

O Coronel da Reserva do Exército Hiram Reis e Silva, filho de Cassiano Reis e Silva, um dos meus queridos colegas da EFC, herdou do pai referências lisonjeadoras a mim, quando colegas e depois fez-me um desafio: prefaciar o livro que resulta de sua extraordinária e voluntária porfia de navegar de caiaque o leito portentoso do Rio Amazonas e afluentes volumosos como o Rio Purus.

No meu livro por nascer, trato com carinho, também, da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mami-rauá, obra de José Márcio Ayres, filho de um dos meus melhores amigos do Pará, o médico Manuel Ayres.

Aceitei prazerosamente o convite, mas o adverti para a polêmica, por vezes severa, que tenho mantido com alguns colegas de arma, porque demarqueei a Terra Ianomâmi. O Coronel Hiram insistiu em nome do princípio democrático de gerir as diferenças de pensamento.

Rendi-me à sua lealdade aos princípios democráticos e aqui expresso minha admiração pela iniciativa e pelo conhecimento havido, enquanto há e houve quem escrevesse sobre a Amazônia, após uma visita breve.

Paul Le Cointe, cientista radicado no Pará, escreveu "*L'Amazonie Brésilienne*" só depois de estudá-la por onze anos. Desejo o mesmo êxito no prosseguimento do patriótico estudo que continuará.

Rachel de Queiroz escreveu que, quando o livro é bom, não precisa de prefácio. É este o caso.

## ***Agradecimentos***

A VANESSA, DANIELLE e JOÃO PAULO, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa e, consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meu irmão caçula engenheiro Carlos Henrique Reis e Silva, amigo de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

A meus amigos, irmãos e mestres Cristian MAIRESSE Cavalheiro e Daniel Luís Costa SCHERER que financiaram minhas passagens aéreas e o transporte do caiaque;

Ao querido amigo e Ir.: Coronel Leonardo Roberto Carvalho de ARAÚJO, esteio fundamental na divulgação do Projeto, conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas;

Às professoras SILVANA Schuler Pineda e PATRÍCIA Rodrigues Augusto Carra do Clube de História que, desde o início, se engajaram de corpo e alma no projeto;

Aos Professores SÉRGIO Pedrinho Minúscoli e Major R/1 ENEIDA Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro;

À minha querida companheira ROSÂNGELA Maria de Vargas Schardosim que, incansavelmente, contribuiu com sugestões e divulgação de artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais;



Aos amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas, Comandante Geral Coronel DAN CÂMARA, Subcomandante Coronel Luiz Cláudio Marques LEÃO e Comandante do Policiamento do Interior Coronel RÔMULO Porto Barbosa Vasconcelos de Azevedo que colocaram pessoal e viaturas à nossa disposição e estabeleceram os contatos com as prefeituras ao longo da calha do Solimões;

Ao meu caro amigo Coronel de Engenharia Eduardo de MOURA GOMES, Comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Construção, Barreiras, Bahia, e família pela doação de um GPS ao Projeto;

Ao ex-colega do CMPA e Ir.: Luiz Felipe Meneghetti REGADAS da Skysulbra Rastreamento de Veículos que nos disponibilizou o mapeamento da região Amazônica e equipamento de rastreamento via satélite instalado no caiaque;

Ao meu sobrinho DIOGO Brozoski pela criação da logomarca do Projeto-Aventura: "*Desafiando o Rio-Mar*";

Ao amigo Coronel de Artilharia Flávio André TEIXEIRA que, desde que tomou conhecimento do projeto, vestiu, com paixão desassombrada, a "*camiseta*" me apoiando nos contatos e orientações possíveis;

Ao amigo Tenente de Artilharia OSCAR LUIZ da Silva Júnior pelo apoio financeiro e pela formatação profissional que deu ao projeto;

Aos amigos do INPA, Tenente Roberto STIEGER Leita e à pesquisadora chefe do laboratório de Mamí-

feros Aquáticos Amazônicos VERA Maria Ferreira da Silva pelas sugestões sobre a calha do Rio Solimões e principalmente pelos contatos que nos levaram a conhecer a fantástica Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM);

Ao Senhor JOAQUIM Martins, decano da Comunidade Boca do Mamirauá, um dos alicerces do Projeto Mamirauá, pela hospitalidade e gentileza com que nos acolheu;

Ao Gerente Operacional do Instituto Mamirauá, senhor Josivaldo Modesto, o "CÉSAR", pelo apoio cordial e incondicional que nos proporcionou desde o Aranapu até Tefé;

Ao amigo MARCELO Fichtner, proprietário do "*Parque Fazenda Itaponã*", Guaíba, RS, e seu fiel escudeiro JUAREZ Boneberg da Silva que permitiram que eu desfrutasse das instalações de sua belíssima propriedade;

Ao amigo JUAREZ de Abreu Rocha, ex-chefe do restaurante do Parque Fazenda Itaponã, Guaíba-RS, que tão gentilmente nos acolheu nos intervalos das infundáveis remadas pelo Rio Guaíba na nossa longa preparação para o Desafio "*Rio-Mar*" e nos brindou com seu convívio afável e degustação de culinária ímpar;

Aos prefeitos de Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Coari, Anamã, Manacapuru e Iranduba que nos acolheram em suas cidades, proporcionando-nos alimentação e pousadas gratuitas;

Ao Exército Brasileiro, representado pelo comando do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), Comando

Militar da Amazônia (CMA), 16ª Brigada de Infantaria de Selva (16ª Bda Inf SI), 2º Grupamento de Engenharia (2º GPT E) e Colégio Militar de Manaus (CMM);

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.



# ***Mensagens***

## **Gen Bda Eliéser Girão Monteiro Filho**

Meu Amigo e Ir.: Coronel Hiram,

Tenho a certeza de que a grandeza de seu desafio é proporcional ao ser humano que você representa. Espero que Deus continue lhe abençoando sempre.

TFA, SEEEEEEEEEEEELVA !!!

## **Gen Bda Fernando Vasconcellos Pereira**

Grande Hiram, meu caro amigo, saudações natalinas!

Aqui do Recife, sentado no apartamento em frente à praia de Boa Viagem, passeando pela Internet, me deparo com a grandeza do sonho em realização, e me lembro do teu extraordinário esforço para viabilizar a Expedição. Notável exemplo que dará ainda muito assunto a quem se deparar com os registros da viagem, daqui a algum tempo [vai sair um livro, pois não?]. Estou acompanhando a viagem de vocês, torcendo pelo sucesso e curtindo as notícias. Com muita inveja, devo confessar. Um Feliz Dia de Natal, um maravilhoso Ano Novo, com sorte, saúde e muitas alegrias.

Honra aos bravos de espírito, aos fortes de físico, aos que têm ideais. Parabéns!

Um baita abraço, Fernando Vasconcellos Pereira.

## **Cel Jarbas Gonçalves Passarinho**

Coronel Hiram,

Somos camaradas de farda. Sou Coronel Reformado do EM de Artilharia. Nasci em Xapuri, onde também nasceu o famoso Adib Jatene. Aos 3 para 4 anos, minha família voltou para Belém do Pará, onde fiz os estudos primário,

secundário e colegial. Fiz parte da primeira turma da Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre. Em 1953/55, cursei a ECEME. No Comando Militar da Amazônia, cuja sede era em Belém, passei meus últimos dez anos de Oficial de Estado Maior. Fui chefe de seções e do Estado Maior.

Conheci a fímbria Norte da Amazônia, inspecionando e apoiando os Pelotões de Fronteira e a Companhia de Infantaria de Guajará Mirim. Elaborei duas monografias [que eram exigidas durante o estágio probatório para entrar para o quadro do QUEMA]: "*Estudo Geomilitar da Bacia Amazônica*" e "*Vias Prováveis de Invasão*" que foram aprovadas pelo EM do Exército.

Faço este preâmbulo para salientar que, a despeito de ter estudado muito sobre a Amazônia, nunca tive uma oportunidade como a que o senhor está tendo de conhecê-la, na intimidade da floresta, usando os Rios que os colonizadores portugueses singraram nos séculos XVII e XVIII. A despeito de meu tempo ser tomado por artigos para cinco jornais principais de Capitais, palestras e, sobretudo, debates, pouco tempo disponho para chegar aos e-mails. Sempre que os leio, desde o primeiro seu que li, não os perco. Parabéns por sua iniciativa.

Abrços Jarbas Passarinho

## **Cel Hiram de Freitas Câmara**

### **Texto 1:**

Sou o Coronel Hiram de Freitas Câmara, AMAN62. Um companheiro me solicitou informações sobre o Cel Hiram Reis e Silva, pois como sabia ser seu nome apenas Coronel Hiram, imaginou que eu pudesse ser esse fantástico Oficial que realiza, atualmente, essa extraordinária façanha, fazendo, a remo em caiaque, 1.700 quilômetros no Rio Solimões, vencendo a correnteza do Rio-Mar, chamando a atenção dos brasileiros e do Mundo para a Soberania do Brasil sobre o Território Amazônida contido em suas fronteiras.

Fiquei vaidoso só com a dúvida do companheiro, pois, infelizmente, não me seria possível intentar tal desafio físico. E fiquei feliz de ver que o esforço desse Oficial do Exército começa a despertar o interesse de outros. Eis a minha resposta, que ofereço com muita sinceridade e orgulho, como homenagem ao meu xará, Cel Hiram Reis e Silva. Estimado amigo:

Não sou esse Hiram do e-mail, mas, neste momento, gostaria de ser esse Coronel do Exército Brasileiro.

No mínimo, afora todas as suas demais qualidades, por seu extraordinário vigor físico, já um Coronel – é verdade que treze turmas depois da nossa, o que não lhe reduz em nada seu valor. Apenas ajuda a justificar um pouco a nós mesmos, da turma de 62. Justificativa que, em contrapartida, também não reduz, em nada, o orgulho que sinto por esse militar brasileiro. Tenho acompanhado a demonstração de amor ao Brasil desse meu xará. Após intenso treinamento, partiu, com dois outros navegadores fluviais, em caiaques, sendo um deles, uma jovem.

Estão vencendo a correnteza do Solimões, bem mais rude que no treinamento na Lagoa dos Patos, de Tabatinga a Manaus. Hiram Reis e Silva é metódico, disciplinado, obstinado, perseverante. Estudioso e pesquisador da Amazônia, talvez seja, hoje, o mais bem informado brasileiro sobre a integralidade da Amazônia. Creio que haja uma simbologia própria, não sei se proposital, no fato de essa ideia haver nascido no mais afastado dos Estados em relação à Amazônia. O alcance nacional é vitalizado pelo brasileiro que sai de seus pagos para colocar a atenção do Brasil, dos vizinhos e do restante do mundo, sobre a Amazônia. Assim, sua *"pequena Bandeira"* foi organizada no Rio Grande Sul e vivida no Norte do País. O ambiente em que o sonho gestou guarda, também, um simbolismo intuído: na energia de jovens, dos melhores do País, que estudam no Colégio Militar de Porto Alegre.

Foram trabalhos em grupo e individuais, exposições, apresentações, palestras e concursos, os instrumentos



que contagiaram o educandário. A preparação foi muito suada. Quem quiser saber como ocorreu, basta visitar o site do Colégio Militar de Porto Alegre.

Na mídia nacional, afóra a gaúcha, nada se falou sobre a missão voluntária o que certamente se explica pelo custo excessivo do marketing. Mas alegrou-me saber que o Professor e Dr. Marcos Coimbra, de quem sou admirador, procurou, por um amigo militar, saber sobre Hiram Reis e Silva. Mas vou descobrindo não ser necessário. E assim, por confusão de nomes, você chegou a mim.

Mas assim é quando o universo conspira a favor: sem conhecê-lo pessoalmente, tenho vibrado com ele, a cada remada. Pois o que dele sei é o que tenho lido no site dele e naqueles aos quais sou conduzido. Nascido de semente boa, o assunto vai chegando ao conhecimento dos brasileiros, boca a boca, e-mail a e-mail. É que a realidade do dia a dia da missão tem concretizado o que ela significa.

No silêncio de suas remadas no Solimões, mesmo que não fosse essa a intenção, ele está despertando a atenção de multiplicadores brasileiros e do mundo para o fato de que, ao remar, ele reafirma que cada metro percorrido com a força de seus braços representa o esforço de quantos braços fizeram a Amazônia.

E de quantas vidas ficaram na imensidão da Hileia para legar a esta geração o Território que recebemos. Uma geração que parece decidida a demonstrar ao mundo um raro exemplo ao inverso daquele de Reis e Silva: o da ingratidão histórica com aqueles Cíveis e Militares capazes de, desde a consolidação de suas fronteiras, manter o Brasil a salvo de ambições que não são imaginadas, mas provadas, de Nações mais poderosas.

Cada gota de suor que corre pelo corpo desse brasileiro raro representa uma gota de sangue daqueles a quem a Pátria Brasileira deve seu Território, ampliado além de Tordesilhas, no quadro de moralidade jurídica que lhes foi concedida pela União das Coroas Ibéricas, e

confirmada pela lucidez, equilíbrio e maturidade da diplomacia conduzida por um português nascido no Brasil, Alexandre de Gusmão, no Brasil Colônia, e os Rio Branco, no Brasil Independente. Esse Cáceres, da primeira década do século XXI, impulsionou o próprio espírito e levou o próprio corpo ao esforço hercúleo de mais de 1.700 quilômetros a remo.

Nenhum comando, nenhuma ordem recebeu senão de seu espírito de brasilidade intenso, forjado na Academia Militar das Agulhas Negras, e nas que a antecederam, desde 1811, e desenvolvido e revelado, em seu espírito, no desafio a que se impôs, de ser exemplo a seus jovens alunos.

Amigo, embora eu tenha servido na Amazônia, com o mesmo sentimento, e haver comandado um Colégio Militar, faltar-me-ia, como fato essencial, no mínimo, o vigor físico para ser esse Hiram.

Com meu abraço, Hiram [o de Freitas Câmara].

## **Texto 2:**

Prezada Professora Silvana Schuler Pineda,

Com enorme satisfação, envio-lhe esta resposta.

Quando o “índio véio” solta a flecha, já sem a direção de outrora, não sabe bem o que vai atingir. Quando se abre o coração na Internet, é como flecha de “índio véio”. Que bom que atingiu terreno bom e fértil, na leitura de vocês.

Quando tomei conhecimento daquilo em que esse meu já estimado xará decidira investir seu tempo e sua energia, embarquei junto com ele. Já conhecia os trabalhos de Hiram Reis, a quem não tenho a satisfação de conhecer pessoalmente, pela Internet, por seus trabalhos sobre a Amazônia, onde servi como Aspirante e 2º Tenente.

Mais tarde, a vida me premiou como um dos coordenadores de um Projeto de Educação à Distância

na Amazônia e, por quatro anos, estive muitas vezes ajudando a instalar ou visitando telepostos, ao longo das barrancas de muitos igapós, furos e Igarapés de cinco Estados da Amazônia. Longe da saga de Hiram Reis, não remava, conduzido em voadeiras.

Portanto, eis outro motivo, além de ser xará, que me aproximou do site sobre a Amazônia, que acompanho desde bem antes, e onde li, talvez a mais completa integração de conhecimentos históricos da questão do Pirara.

Sempre interpretei a História como base da construção de um futuro viável e muitas vezes lamento que pessoas responsáveis pela vida de muitos, não só desprezam a História, até a de suas vidas, como ajudam a retirar as sólidas camadas sedimentadas ao longo do tempo, para reconstruir sobre uma falsa história ou uma não-história [aqui, minúsculas, mesmo], a vida de uma Nação, como se fosse possível destruir a verdade de seu passado, a base. E mesmo que se não a destruíssem, mas, como coisa de menor importância, a esquecessem, sem essa memória, a estrada a percorrer, sempre plena de obstáculos, será ainda mais difícil, para aqueles que não reconheçam os contornos, já trilhados no passado.

Obstáculos e contornos que, para agravar, quase nunca são físicos. A Filosofia ajuda a entender a Vida e quanto de Filosofia há em interpretações que penas mais finas poderiam garimpar nesse desafio de Vida de Hiram. A História nos faz evitar erros já cometidos no passado. Ou, como as remadas de Hiram, nos trazem à mente o passado da Amazônia que ele redesperta, e sacode a consciência de tantos sobre como ela se fez como um tesouro conquistado pelo cérebro dos Diplomatas do passado e pela audácia dos Bandeirantes.

Ao entrar no site do CMPA para visitá-lo, vocês ainda preparavam a epopeia e Hiram treinava no Rio Guaíba e na Laguna dos Patos, se não me engano. E chamou-me a atenção o fato de que era a área de História que dava vida ao trabalho dos alunos. Sei que outras

Cadeiras participaram e participam, mas eram o Clube e era a Cadeira de História que energizavam o espírito dos jovens alunos e, eis, o terceiro ponto de contato.

Lembrei-me dos esforços dos mestres de História no Colégio Militar de Fortaleza que eu comandeí, no início da década de 90, e como se empenhavam em dar vida a fatos que já haviam sido vida, e refaziam sua energia, abrindo caminho para que os alunos não cometessem erros já passados. Estejam certas, Professoras Silvana e Patrícia, que estes seus alunos e alunas levarão para o resto da vida esta experiência maravilhosa.

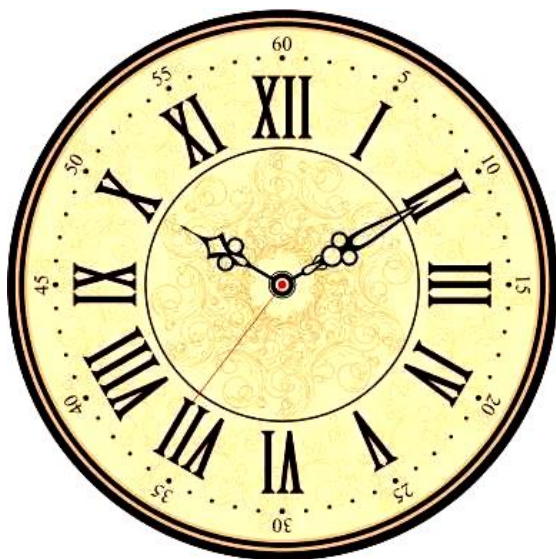
Do Coronel Hiram Reis, o exemplo espartano, no sentido da entrega por fazer vivo um ideal, arrostando qualquer sacrifício físico; o de vocês, no viés ateniense, de fazer de uma epopeia uma lição de vida para esta geração de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre. O aproveitamento do que escrevi, tão sinceramente, sobre o Coronel Hiram Reis e Silva, se for uma contribuição para com este momento tão bonito de vocês todos deste Colégio, só me fará mais feliz, como se vocês estivessem me admitindo a bordo e me honrassem com uma remada.

Com meu apreço e respeito,

Hiram Câmara, Cel Ref Inf



**O Porto é o Relógio**  
(Luiz Augusto de Lima Ruas)



*O relógio está parado  
Doce vestígio encajado  
Não marca o tempo de aqui.  
Que o tempo já foi, já fui.*

*Nesta praia, apenas,  
Sou: Concha morta, azul vazio,  
Róseo inútil,  
Morto ser.*

*Mas quando sinto que o Mar  
- Ó esperança em azul -  
Vem despertar esta praia,  
Então, fabrico o meu barco  
E parto - o porto é o relógio -  
E volto pro Mar fecundo  
Eu, ressurgida criança,  
Em palavras verde-azul.*

## **Sumário**

|  |     |
|--|-----|
| Homenagem Especial.....                  | 1   |
| Apresentação .....                       | 3   |
| Prefácio.....                            | 5   |
| Agradecimentos .....                     | 7   |
| Mensagens .....                          | 11  |
| Sumário.....                             | 19  |
| Índice de Imagens .....                  | 20  |
| Índice de Poesias.....                   | 24  |
| Carta do Cacique Seattle (1855).....     | 27  |
| Justificativas .....                     | 31  |
| Irmão Guaíba, Minha Raia .....           | 35  |
| Guaíba, Rio ou Lago?.....                | 47  |
| Projeto Desafiando o Rio-Mar.....        | 53  |
| Banzeiros .....                          | 79  |
| O Navegador .....                        | 85  |
| Carvajal e Orellana, 1541/1542 .....     | 89  |
| Pedro Teixeira 1637/1639 .....           | 105 |
| Francisco X. R. Sampaio, 1774/1775 ..... | 157 |
| Henry Lister Maw, 1828.....              | 259 |
| Herculano Ferreira Penna, 1854.....      | 317 |
| Manaus.....                              | 385 |
| Tabatinga.....                           | 413 |
| Iniciando a Jornada .....                | 435 |
| Feijoa – Belém – Santa Rita.....         | 481 |
| Santa Rita – Amaturá .....               | 493 |
| Amaturá – Santo Antônio do Içá .....     | 509 |
| Santo Antônio do Içá – Tonantins.....    | 517 |
| A Batalha da Borracha.....               | 537 |
| Retrospectiva Quinzenal .....            | 599 |
| Tonantins – Jutá .....                   | 611 |
| Jutá – Fonte Boa.....                    | 623 |
| “Inconstância Tumultuária” .....         | 641 |
| Fonte Boa – Tamaniquá .....              | 645 |
| Rio Juruá.....                           | 663 |
| Tamaniquá – Flutuante Aranapu .....      | 669 |
| Flutuante Aranapu – F. Horizonte .....   | 677 |
| Flutuante Horizonte – F. Mamirauá .....  | 683 |
| Mamirauá.....                            | 687 |
| Águas Azuis, Pretas e Brancas .....      | 695 |
| Reflexões em Mamirauá.....               | 699 |
| Flutuante Mamirauá – Tefé.....           | 707 |



|                          |     |
|--------------------------|-----|
| Tefé – Lago Ipixúna..... | 724 |
| Ipixúna – Coari.....     | 735 |
| Bibliografia .....       | 749 |

## ***Índice de Imagens***

|   |     |
|---|-----|
| Imagem 01 – Cacique Seattle.....                                  | 26  |
| Imagem 02 – Rapto das Sabinas (Jacques-Louis David) .....         | 34  |
| Imagem 03 – De Fogão em Fogão (Jayme Caetano Braun) .....         | 36  |
| Imagem 04 – Foco na MISSÃO.....                                   | 42  |
| Imagem 05 – Ilha do Chico Manoel – Rio Guaíba .....               | 43  |
| Imagem 06 – Parque Fazenda Itaponã .....                          | 43  |
| Imagem 07 – Ponta da Faxina – Rio Guaíba .....                    | 44  |
| Imagem 08 – Morro da Formiga – Laguna dos Patos .....             | 44  |
| Imagem 09 – Ilha do Veado – Laguna dos Patos .....                | 45  |
| Imagem 10 – Falésias da Laguna dos Patos.....                     | 45  |
| Imagem 11 – Bojuru – Laguna dos Patos .....                       | 46  |
| Imagem 12 – Ponta da Feitoria – Laguna dos Patos.....             | 46  |
| Mapa 01 – Raia 1 – Ilha Francisco Manoel .....                    | 57  |
| Mapa 02 – Ilha Francisco Manoel – Ilha do Veado.....              | 58  |
| Imagem 13 – Amazônia a Grande Cobiça... (G. Fregapani) .....      | 77  |
| Imagem 14 – Índios Curiosos... (Luiz Palha).....                  | 80  |
| Imagem 15 – Jornada de Orellana .....                             | 103 |
| Imagem 16 – Annaes Históricas (BERREDO) .....                     | 105 |
| Imagem 17 – Expedição de Pedro Teixeira (Sociedade Militar).....  | 118 |
| Imagem 18 – Rio Amazonas (Bento da Costa, 1638).....              | 119 |
| Imagem 19 – Índio Cambeba (FERREIRA, 1971).....                   | 130 |
| Imagem 20 – El Gran Rio Marañón... (S. Fritz, 1707).....          | 136 |
| Imagem 21 – Gran Rio de las Amazonas (ACUÑA).....                 | 147 |
| Imagem 22 – Francisco Xavier de R. Sampaio.....                   | 157 |
| Imagem 23 – Frutas do Brazil (Fr. António do Rosário) .....       | 176 |
| Imagem 24 – Carte du Cours du Maragnon... (Condamine).....        | 196 |
| Imagem 25 – Propulsor, estólica, palheta.....                     | 233 |
| Mapa 03 – Rio Japurá – Paraná Aranapu.....                        | 247 |
| Imagem 26 – Ichenumon .....                                       | 252 |
| Imagem 27 – Ichenumon, Georges Buffon, 1764.....                  | 253 |
| Imagem 28 – Matamatá (Chelus fimbriata) .....                     | 255 |
| Imagem 29 – As Viagens do Ouvidor Sampaio, 1985 .....             | 256 |
| Imagem 30 – Histoire Naturelle..., 1763 .....                     | 257 |
| Imagem 31 – Narrativa da Passagem... (Lister Maw, 1831) .....     | 259 |
| Imagem 32 – Anta (Tapirus terrestres) .....                       | 291 |
| Imagem 33 – The Naturalist on the River Amazon (Bates, 1863)..... | 316 |
| Imagem 34 – João Wilkens de Mattos, 1854 .....                    | 317 |
| Mapa 04 – Rio Japurá (IBGE).....                                  | 375 |

|  |     |
|--|-----|
| Imagem 35 – João Wilkens de Mattos .....                       | 382 |
| Imagem 36 – Vincenzo Coronelli, 1691.....                      | 383 |
| Imagem 37 – Mapa da Amazônia (Luiz de Albuquerque, 1893)...    | 384 |
| Imagem 38 – Lápides Partidas (Aquilino R., 2017).....          | 387 |
| Imagem 39 – Praça Rocio Velho (www.expedia.com.br) .....       | 389 |
| Imagem 40 – Estação Ferroviária do Rossio .....                | 391 |
| Imagem 41 – Cidade Miniatura (Inácio Maciel).....              | 398 |
| Imagem 42 – Cidade Miniatura (Inácio Maciel).....              | 398 |
| Imagem 43 – Gen Heleno e Gen Da Cás – Manaus, AM.....          | 407 |
| Imagem 44 – Teatro Amazonas – Manaus, AM.....                  | 407 |
| Imagem 45 – Bairro Cachoeirinha e Penitenciária – Manaus, AM   | 408 |
| Imagem 46 – Bairro Educandos – Manaus, AM.....                 | 408 |
| Imagem 47 – Monumento e Igreja São Sebastião – Manaus, AM      | 409 |
| Imagem 48 – Praça S. Sebastião – Manaus, AM .....              | 409 |
| Imagem 49 – Cidade das Motos – Tabatinga, AM.....              | 410 |
| Imagem 50 – Moto-Táxi Colombiano – Tabatinga, AM.....          | 410 |
| Imagem 51 – Cmdo de Fronteira do Solimões – Tabatinga, AM ..   | 411 |
| Imagem 52 – Restaurante Tierras Amazonicas – Leticia, CO.....  | 411 |
| Imagem 53 – Portobras – Tabatinga, AM.....                     | 412 |
| Imagem 54 – Portobras – Tabatinga, AM.....                     | 412 |
| Imagem 55 – Correio Braziliense nº 16.375, 18.03.2008 .....    | 415 |
| Imagem 56 – Radialista, da EBC, Lana Micol. ....               | 420 |
| Mapa 05 – Tabatinga – Feijoal – Belém do Solimões.....         | 430 |
| Imagem 57 – Região do Massacre do Capacete – B. Constant.....  | 431 |
| Imagem 58 – Cacique João – Comunidade Ticuna do Feijoal.....   | 431 |
| Imagem 59 – Comunidade Ticuna do Feijoal.....                  | 432 |
| Imagem 60 – Escolinha da Comunidade Ticuna do Feijoal.....     | 432 |
| Imagem 61 – Jovens da Comunidade Ticuna do Feijoal.....        | 433 |
| Imagem 62 – Almoço na Comunidade Ticuna do Feijoal.....        | 433 |
| Imagem 63 – Diário do Pará nº 1.726, 12.04.1988.....           | 438 |
| Imagem 64 – Travels in Brazil..., 1824.....                    | 460 |
| Imagem 65 – Cerâmica Ticuna (Comunidade Feijoal).....          | 462 |
| Imagem 66 – O Fluminense nº 38.251, 21.03.2008 .....           | 468 |
| Imagem 67 – Correio Braziliense nº 16.774, 22.04.2009 .....    | 470 |
| Imagem 68 – Jornal do Brasil nº 52, 30.05.2009.....            | 472 |
| Mapa 06 – Comunidade Feijoal (Google Earth) .....              | 479 |
| Imagem 69 – Igreja Batista (Santa Rita de Weil).....           | 487 |
| Imagem 70 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga ...   | 489 |
| Imagem 71 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga ...   | 489 |
| Imagem 72 – Cercanias de S. Rita de Weil.....                  | 490 |
| Imagem 73 – São Paulo de Olivença.....                         | 490 |
| Imagem 74 – Flutuante do Vereador Torquato – Com. Niterói..... | 491 |

|   |     |
|---|-----|
| Imagem 75 – Praça da Matriz – Amaturá.....                        | 491 |
| Imagem 76 – S. Paulo de Olivença – Igreja Matriz.....             | 496 |
| Imagem 77 – S. Paulo de Olivença – Casa Paroquial.....            | 496 |
| Imagem 78 – S. Paulo de Olivença – Santuário de S. Francisco..... | 497 |
| Imagem 79 – S. Paulo de Olivença – Hotel Marques.....             | 497 |
| Imagem 80 – Dona Nessi.....                                       | 506 |
| Imagem 81 – Índio Cambeba (Alexandre Rodrigues Ferreira).....     | 507 |
| Mapa 07 – Tabatinga – Fonte Boa (DNIT).....                       | 508 |
| Imagem 82 – O Cruzeiro nº 006, 23.11.1957.....                    | 527 |
| Imagem 83 – Rádio Vila Nova FM 87,9 Mhz (Tonantins, AM).....      | 532 |
| Imagem 84 – A Noite nº 11.119, 24.01.1943.....                    | 537 |
| Imagem 85 – Correio da Manhã nº 14.904, 05.06.1943.....           | 542 |
| Imagem 86 – Diário de Notícias nº 6.322, 05.06.1943.....          | 542 |
| Imagem 87 – Correio da Manhã nº 14.905, 06.06.1943.....           | 542 |
| Imagem 88 – Diário de Notícias nº 6.323, 06.06.1943.....          | 542 |
| Imagem 89 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946.....                     | 551 |
| Imagem 90 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946.....                     | 553 |
| Imagem 91 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946.....                     | 555 |
| Imagem 92 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946.....                     | 558 |
| Imagem 93 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.....                     | 575 |
| Imagem 94 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.....                     | 577 |
| Imagem 95 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.....                     | 579 |
| Imagem 96 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.....                     | 581 |
| Imagem 97 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.....                     | 584 |
| Imagem 98 – Propaganda Enganosa (SEMTA).....                      | 590 |
| Imagem 99 – O Seringueiro (Percy Lau).....                        | 592 |
| Imagem 100 – O Seringueiro (Percy Lau).....                       | 593 |
| Imagem 101 – Vaquejada (Percy Lau).....                           | 597 |
| Imagem 102 – Mastro – Santo Antônio do Içá.....                   | 603 |
| Imagem 103 – Com. Ticuna do Lago Grande – S. Antônio do Içá.....  | 603 |
| Imagem 104 – Com. Ticuna de Betânia – S. Antônio do Içá.....      | 604 |
| Imagem 105 – Rio Içá – Comunidade Ticuna de Betânia.....          | 604 |
| Imagem 106 – Ponte do Igarapé Manaca – Tonantins.....             | 605 |
| Imagem 107 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins.....         | 605 |
| Imagem 108 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins.....         | 606 |
| Imagem 109 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins.....         | 606 |
| Imagem 110 – Comunidade Porto Alegre – Jutai.....                 | 607 |
| Imagem 111 – Comunidade Porto Alegre – Jutai.....                 | 607 |
| Imagem 112 – Jutai.....   | 608 |
| Imagem 113 – Jutai.....   | 608 |
| Imagem 114 – Romeu Chala.....                                     | 609 |
| Imagem 115 – Flutuante Oderley.....                               | 609 |

|   |     |
|---|-----|
| Imagem 116 – Fonte Boa .....                                | 629 |
| Imagem 117 – Fonte Boa .....                                | 638 |
| Imagem 118 – Plantação de Bacabas – Fonte Boa.....          | 639 |
| Imagem 119 – Fonte Boa .....                                | 639 |
| Mapa 08 – Fonte Boa – Codajás.....                          | 644 |
| Imagem 120 – Correio Braziliense nº 16.704, 11.02.2009..... | 653 |
| Imagem 121 – Família Kulina – Rio Juruá, Tamaniquá.....     | 654 |
| Imagem 122 – Tamaniquá, AM.....                             | 659 |
| Imagem 123 – Tamaniquá, AM.....                             | 659 |
| Imagem 124 – Tamaniquá, AM.....                             | 660 |
| Imagem 125 – Tamaniquá, AM.....                             | 660 |
| Imagem 126 – Tamaniquá, AM.....                             | 661 |
| Imagem 127 – Tamaniquá, AM.....                             | 661 |
| Imagem 128 – Apuiziero.....                                 | 673 |
| Imagem 129 – Estádio Moça Bonita .....                      | 674 |
| Imagem 130 – Aranapu.....                                   | 676 |
| Imagem 131 – Flutuante Aranapu.....                         | 676 |
| Imagem 132 – Flutuante Horizonte .....                      | 681 |
| Imagem 133 – Flutuante Horizonte .....                      | 681 |
| Imagem 134 – Flutuante Cauaçu.....                          | 682 |
| Imagem 135 – Flutuante Cauaçu.....                          | 682 |
| Imagem 136 – Flutuante Boto Vermelho.....                   | 686 |
| Imagem 137 – Furo Envira – RDS Mamirauá – Tefé.....         | 691 |
| Imagem 138 – Pousada Uacari – RDS Mamirauá – Tefé.....      | 691 |
| Imagem 139 – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá.....         | 692 |
| Imagem 140 – Leo – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá .....  | 692 |
| Imagem 141 – Senhor Joaquim Martins .....                   | 693 |
| Imagem 142 – Anoitecer em Mamirauá .....                    | 693 |
| Imagem 143 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 702 |
| Imagem 144 – Com. Boca do Mamirauá (Nina Nazario) .....     | 702 |
| Imagem 145 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 703 |
| Imagem 146 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 703 |
| Imagem 147 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 704 |
| Imagem 148 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 704 |
| Imagem 149 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 705 |
| Imagem 150 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario).....       | 705 |
| Imagem 151 – Apuí – RDS Mamirauá – Tefé.....                | 706 |
| Imagem 152 – Pôr-do-Sol – Lago Tefé – Tefé.....             | 706 |
| Imagem 153 – Walter Buonfino, Romeu e eu.....               | 713 |
| Mapa 09 – Tefé – Manaus (DNIT).....                         | 723 |
| Imagem 154 – Escola Estadual Amélia Lima, Caiambé.....      | 727 |
| Imagem 155 – Comunidade Caiambé – Tefé.....                 | 728 |

|   |     |
|---|-----|
| Imagem 156 – Comunidade Santa Sofia – Tefé .....              | 728 |
| Imagem 157 – D. Conceição – Comunidade Santa Sofia – Tefé ... | 729 |
| Imagem 158 – Comunidade Laranjal – Coari .....                | 729 |
| Imagem 159 – Comunidade Laranjal – Coari .....                | 730 |
| Imagem 160 – Comunidade Laranjal – Coari .....                | 730 |
| Imagem 161 – O autor, Jones Cunha e esposa .....              | 731 |
| Imagem 162 – Aterro Sanitário Municipal (Coari, AM).....      | 743 |
| Imagem 163 – Lanchonete da Greici .....                       | 744 |
| Imagem 164 – América Meridionale (V. M. Coronelli, 1691)..... | 745 |

## ***Índice de Poesias***

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| Apocalipse .....                    | 2   |
| O Porto é o Relógio.....            | 18  |
| Payada.....                         | 25  |
| O Rio.....                          | 30  |
| Guerra.....                         | 34  |
| A Marionete .....                   | 38  |
| Se .....                            | 41  |
| Luar Amazônico.....                 | 78  |
| Natal da Minha Terra .....          | 84  |
| Soneto .....                        | 88  |
| Destino .....                       | 258 |
| Frete .....                         | 315 |
| Rossio .....                        | 390 |
| Liberdade.....                      | 406 |
| Oração do Guerreiro da Selva.....   | 429 |
| Tocando em Frente.....              | 434 |
| Imagens do Rio .....                | 477 |
| La Vida.....                        | 480 |
| Rio Solimões.....                   | 488 |
| Ter de ficar.....                   | 492 |
| Navegar é Preciso .....             | 516 |
| Tarde Oculta no Tempo.....          | 535 |
| Samaumeira .....                    | 536 |
| Acalanto do Seringueiro.....        | 591 |
| Os Sertões I .....                  | 595 |
| Três Garças... Três Graças... ..... | 610 |
| Velho Tronco .....                  | 622 |
| Os Japós.....                       | 640 |
| Os Sertões II.....                  | 657 |
| Solidão.....                        | 662 |
| A Árvore dos Poemas.....            | 667 |
| Saudades .....                      | 668 |

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| Natal da Diáspora.....     | 675 |
| Garça Feliz .....          | 694 |
| Lago Maldito .....         | 700 |
| Cântico das Criaturas..... | 722 |
| Meio Século.....           | 746 |

## **Payada**

**(Jayme Caetano Braun)**

*Raízes, troncos, ramagens, ramagens, troncos, raiz  
Abriu-se uma cicatriz de onde brotei na paisagem  
O tempo me fez mensagem que os ventos pampas dirigem  
Dos anseios que me afligem de transplantar horizontes  
Buscando o rumor das fontes pra beber água na origem.*

*Sobre o lombo da distância, de paragem em paragem  
Fui repontando a mensagem de bárbara ressonância  
Fazendo Pátria na infância porque precisei fazê-la  
E a Liberdade, sinueta, sempre foi a Estrela guia  
Que o meu olhar perseguia como quem busca uma Estrela.*

*Pensei chegar alcançar, no estágio de Índio rude  
Mas nunca na plenitude, porque essa deusa baguala  
Que aos ansejos embuçala, nunca ninguém alcançou  
Bisneto nem bisavô, nos entreveros mais brutos  
Labareda de minutos que o vento sempre apagou.*

*Primeiro era o campo aberto, descampado, sem divisas  
Cem fronteiras imprecisas, mundo sem longe nem perto  
Eu era o Índio liberto, barbaresco e peleador  
Rei de mim mesmo, senhor da natureza selvagem  
A religião da coragem e o Céu de bronze na cor. [...]  
Por mais de trezentos anos fui pastor e sentinela  
Da linha verde e amarela, peleando com castelhanos  
Gravando com "los Hermanos" a epopeia do fronteiro  
Poeta, cantor e guerreiro da América que nascia  
Na bendita teimosia de continuar brasileiro! [...]*

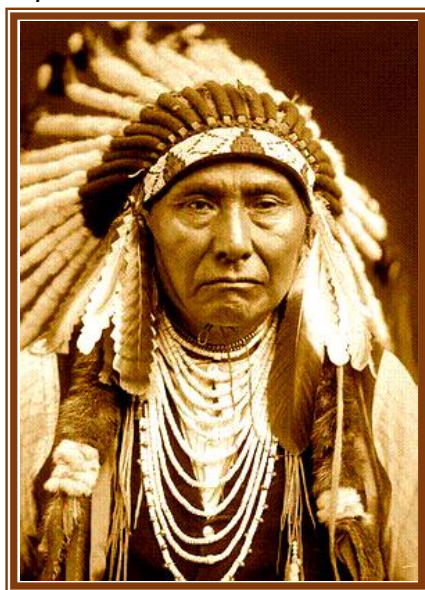
*Chimangos e Maragatos, Farrapos, Federalistas  
Caminhadas e conquistas que a história grava em seus fatos  
Os tauras intemeratos de adaga e pistola à cinta*



*Não há ninguém que desminta nossa estirpe de raiz  
Que se adonou da matriz nas arrancadas de Trinta.*

*Depois vesti a verde-oliva, como sempre voluntário  
No Corpo Expedicionário, formando uma comitiva  
Da nossa indiada nativa pra responder um libelo  
E o Pendão Verde-Amarelo, no outro lado do Mundo  
Cravado forte e bem fundo, no velho Monte Castelo!*

*Hoje, os tempos demudados, meu coração continua  
O mesmo Tigre Charrua das andanças do passado  
Sempre de pingo encilhado, bombeando pampa e coxilha  
A Pátria é minha família, não há Brasil sem Rio Grande  
E nem tirano que mande na alma de um Farroupilha!*



*Imagem 01 – Cacique Seattle*

## ***Carta do Cacique Seattle (1855)***

O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também da sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não carece da nossa amizade. Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra. O grande chefe de Washington pode acreditar no que o chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na mudança das estações do ano. Minha palavra é como as Estrelas, elas não empalidecem.

Como se pode comprar ou vender o Céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exauri-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seus pais sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos.

Suas cidades são um tormento para os olhos de um Pele-Vermelha, mas talvez seja assim por ser um Pele-Vermelha, um Selvagem que nada compreende. Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o zunir das asas dos insetos. Talvez por ser um Selvagem que nada entende, o barulho das cidades é terrível para os meus ouvidos.

E que espécie de vida é aquela em que um Pele-Vermelha não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo à noite? Um Índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho.

O ar é precioso para um Pele-Vermelha, porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar, animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo, ele é insensível ao mau cheiro.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um Selvagem e não compreendo que possa ser de outra forma.

Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem. Sou um Selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais valioso que um bisão, que nós, Peles-Vermelhas matamos apenas para sustentar a nossa própria vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também aos filhos da terra.

Os nossos filhos viram os pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes.

Não tem grande importância onde passaremos os nossos últimos dias. Eles não são muitos. Mais algumas horas ou até mesmo alguns invernos e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nestas terras ou que tem vagado em pequenos bandos pelos bosques, sobrarão para chorar sobre os túmulos de um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao Pele-Vermelha como ao Branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador.

O homem branco também vai desaparecer, talvez mais depressa do que as outras raças. Continua sujando a sua própria cama e há de morrer, uma noite, sufocado nos seus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem à gente, quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão então os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha da torre e à caça; o fim da vida e o começo pela luta pela sobrevivência.

Talvez compreendêssemos com que sonha o homem branco se soubéssemos quais as esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, quais visões do futuro oferecem para que possam ser formados os desejos do dia de amanhã. Mas nós somos Selvagens. Os sonhos do homem Branco são ocultos para nós. E por serem ocultos temos que escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos na venda é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver os nossos últimos dias como desejamos. Depois que o último Pele-Vermelha tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós as amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe.

Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueça como era a terra quando dela tomou posse. E com toda a sua força, o seu poder, e todo o seu coração, conserva-a para os seus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por Ele. Nem mesmo o homem Branco pode evitar o nosso destino comum. (CONCEIÇÃO, 2015)

## **O Rio** **(Ana Paula Filipe)**



*Suave flui o Rio  
Por onde vou vivendo.  
Se para a margem me desvio  
E a ela eu me prendo.*

*Na procura da certeza  
Naquilo que está mais perto.  
Na luta, com a correnteza,  
Em exaustão, me liberto  
Mas, deixo-a envolto em pranto  
De deixar o que era certo  
Se em fúria eu me lanço  
Na procura do que está longe  
Na ausência eu me canso  
Sem ver o que lá se esconde.*

*Mas, se me deixar levar  
Ao sabor do meu destino  
No prazer de desfrutar  
As margens que me dão tino.  
Em cada margem que passar  
Outra estou a conquistar  
O futuro não se teme  
Quando se está a amar.*

*Da alma eu faço o leme  
Para a vida navegar.  
Meu coração já não geme,  
Pelas margens que vou deixar.*

## ***Justificativas***

Toda pesquisa se baseia em três atores permanentemente presentes no processo de pesquisa: o *pesquisador*, a *instituição* e a *ciência*.

A justificativa para o *pesquisador* está relacionada à minha “*experiência*” profissional e de vida que começaram nos idos de 1979 como Tenente de Engenharia, chefe da equipe de terraplenagem do 9º Batalhão de Engenharia de Construção (9º BECnst) participando da restauração da BR-364, Cuiabá – Porto Velho, e da construção da BR-070, Cuiabá – Cáceres.

As experiências se transformaram num “*caso*” que se transformou em “*amor*” quando retornei à frente de trabalho, em 1982, como Capitão, Comandante da 1ª Companhia de Engenharia de Construção do 6º Batalhão de Engenharia de Construção (6º BECnst) participando da manutenção da BR 174, Manaus – Boa Vista.

O “*amor*” em “*paixão*” em 1999, como Coronel, na 23ª Brigada de Infantaria de Selva, Marabá – Pará, quando concluí o Curso de Operações de Selva, COS A/99. Por ocasião da cerimônia de brevetação, o General Luiz Gonzaga Schroeder LESSA, então Comandante Militar da Amazônia (CMA), insistiu para que eu assumisse o compromisso de trazer ao povo do Rio Grande do Sul uma visão mais realista das questões que afligem a Região Amazônica.

Hoje, 9 anos passados, mais de 300 palestras realizadas, achei que havia chegado o momento de abandonar o púlpito e abraçar a causa com mais determinação.

Desejo ver de perto novamente aquelas paragens, sua natureza pujante, sentir as necessidades dos povos da floresta mas, sobretudo, colher seus ensinamentos e vislumbrar sua riqueza cultural, trazer a realidade Amazônica sem mistificações, sem a mácula dos derrotistas, contrapondo-me às notícias vinculadas pela mídia nacional e estrangeira, na maioria das vezes sensacionalista e irresponsável.

Denunciando não só as agressões ao meio ambiente e aos povos da floresta, mas trazendo a público os projetos que estão sendo desenvolvidos pelos governos e instituições Municipais, Estaduais e Federais e que são, não raras vezes, apontados como modelo por diversos Países.

A justificativa para a *instituição* – Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) na qual sou professor – a importância está vinculada ao grande projeto multidisciplinar e interdisciplinar com uma face pedagógica bastante definida de total interesse não só para alunos e professores do Sistema Colégio Militar do Brasil, mas para toda a Sociedade Brasileira, que discute seriamente as questões ambiental, Indígena e desenvolvimento sustentável da nossa floresta.

Através da pesquisa e o decorrente estudo das informações colhidas "*in loco*" sobre a realidade atual e a importância da Amazônia nos contextos nacional e mundial, a face real de instituições nacionais, dentre elas o Exército Brasileiro que, sem alarde e sem flashes da mídia, realizam diuturnamente seu trabalho anônimo e raras vezes reconhecido.

A justificativa para a *ciência* reside na experiência relativa à formação de equipes multidisciplinares

e interdisciplinares ao nível de primeiro e segundo graus que receberão e processarão as informações colhidas e reportadas:

- 1. Através de entrevistas realizadas junto aos povos da floresta, o projeto pretende realizar um levantamento antropológico e histórico das populações ribeirinhas que vivem na calha do Solimões. A intenção é analisar os motivos que levaram os ribeirinhos e seus antepassados a redefinirem as relações que mantinham com o espaço;*
- 2. O deslocamento pelo rastreamento via satélite estimulará o envolvimento das Cadeiras de Matemática, Física e Astronomia;*
- 3. Os locais percorridos serão objeto de estudo pela cadeira de História que aproveitará para fazer uma retrospectiva histórica de cada um;*
- 4. As características físicas dos locais serão identificadas e estudadas pela cadeira de Geografia;*
- 5. A flora e a fauna, através de projetos que estejam sendo levados a efeito pelos diversos órgãos de pesquisa da Bacia Amazônica tais como Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – INPA, Centro de Biotecnologia da Amazônia – CBA, Universidades, serão estudadas pela Biologia e pela Química;*
- 6. A Literatura buscará nos poetas e escritores da região relatos de cada um desses pontos de passagem e a Educação Artística e Projetos Culturais identificarão os principais eventos culturais dos povos da floresta buscando reproduzir estas manifestações artísticas no âmbito do Colégio Militar de Porto Alegre.*





*Imagem 02 – Rapto das Sabinas (Jacques-Louis David)*

### **Guerra (Augusto dos Anjos)**

*Guerra é esforço, é inquietude, é ânsia, é transporte...*

*E a dramatização sangrenta e dura*

*Vir Deus num simples grão de argila errante,*

*Da avidez com que o Espírito procura.*

*É a Subconsciência que se transfigura*

*Em volição conflagradora... E a coorte*

*Das raças todas, que se entrega à morte*

*Para a felicidade da Criatura!*

*É a obsessão de ver sangue, é o instinto horrendo*

*De subir, na ordem cósmica, descendo*

*À irracionalidade primitiva...*

*É a Natureza que, no seu arcano,*

*Precisa de encharcar-se em sangue humano*

*Para mostrar aos homens que está viva!*

## ***Irmão Guaíba, Minha Raia***



*Ama as águas! Não te afastes delas!  
Aprende o que te ensinam! Ah, sim! Ele  
queria aprender delas, queria  
escutar a sua mensagem. Quem entendesse  
a água e seus arcanos – assim lhe parecia –  
compreenderia muita coisa ainda, muitos  
mistérios, todos os mistérios. (HESSE)*

O Rio Guaíba me acolheu, desde o início, com carinho e embalado por suas vagas, nem sempre ternas, naveguei por quase dois anos solitariamente. Foram mais de 2.000 horas usufruindo das suas belezas naturais e enfrentando todo tipo de obstáculos. Com humildade aprendi com as águas, com os ventos, comecei a entender suas mensagens sutis observando as nuvens, os pássaros e os insetos. Aprendi a reconhecer minhas capacidades e minhas limitações, a fazer companhia a mim mesmo e me alegrar com isso, a refletir sobre minhas ações e omissões. A declamar poesias enquanto navego – educando a respiração enquanto pico a voga.

Meu pai, carioca de nascimento e gaúcho de coração, me presenteou, no meu aniversário de 8 anos, com a 1ª edição do livro “*De fogão em fogão*” (1958) em que o Jayme Caetano Braun ensinava, através de sua gaudéria poesia, a beleza da vida campeira, a altivez dos gaúchos e as maravilhas da natureza local. Desde então as poesias do “*Payador*” tem me acompanhado nas minhas rotas infindas e me inspirou para colocar no logotipo do projeto a imagem do “*Galo de Rinha*”, minha poesia preferida, mas me pareceu que nos dias de hoje, o símbolo podia ser mal interpretado pelos talibãs da seita do “*politicamente correto*”.

JAYME CAETANO BRAUN

De FOGÃO  
em  
FOGÃO



Versos Gauchêscos

COLEÇÃO **3** CHIRUS

N.ª S.ª MEDIANEIRA, 107  
PORTO ALEGRE

*Imagem 03 – De Fogo em Fogo (Jayme Caetano Braun)*

O símbolo mostraria, simplesmente, a força do “*guasca vestido de penas*” e não seria, jamais, uma apologia às brigas de rinha. Identifico-me, por demais, com a última estrofe do “*Galo de Rinha*” e acho que esta poesia do “*Andarengo*” tem uma energia muito grande que eu gostaria de ter usado no projeto.

*Porque na rinha da vida  
Já me bastava um empate!  
Pois cheguei no arremate  
Batido, sem bico e torto  
E só me resta o conforto  
Como a ti, Galo de Rinha  
Que se alguém dobrar-me a espinha  
Há de ser depois de morto!*

Depois de pesar os prós e os contras, aderimos à imagem do quero-quero, o Sentinela dos Pampas, que também é lembrado na poesia do inspirado poeta.

*O próprio Deus Rio-grandense  
Que te deu esse penacho  
E a parada de Índio macho  
Que tão soberano ostentas,  
Fez o pampa onde sentas  
Das revoadas interminas,  
Que fez o rancho e as chinias  
A tapera e o umbu,  
Não fez outro como tu,  
Velho guardião das campinas!*

Foram intermináveis horas de aprendizado com o Rio e sempre, em cada momento, senti a presença de uma “*Força*” mágica me conduzindo e apoiando. Não raras vezes, depois de remar de 40 a 50 km, de 5 a 7 horas, encontrava energia para, nos últimos 10, acelerar o ritmo procurando melhorar o tempo.

Era como se a "Força" canalizasse os ventos para a popa do caiaque e me impulsionasse! Sentia uma estranha energia fluindo do casco para o convés, me envolvendo, e afastando de mim o cansaço e o desânimo. Como posso temer algo se "Ele" está comigo e, em última instância, se alguma fatalidade acontecesse, acho que seria uma boa morte e em boas companhias.

## **Falando da Morte**

Sempre que posso, no intervalo de minhas remadas intermináveis, leio poesia. A solidão, as paradisíacas paisagens das praias e Ilhas do Guaíba, a suavidade da brisa, o rumor das águas, tudo convida à meditação e embala a alma para estes mágicos devaneios literários. Sentado nas pedras, da Ilha do Francisco Manoel, lia "La Marioneta", poema de Johnny Welch atribuído a Gabriel García Márquez:

### ***A Marionete (Johnny Welch)***

*Se por um instante Deus se esquecesse  
De que sou uma marionete de trapo,  
E me presenteasse um pedaço de vida,  
Possivelmente não diria tudo o que penso,  
Mas definitivamente pensaria tudo o que digo.*

*Daria valor às coisas, não pelo que valem,  
Senão pelo que significam.  
Dormiria pouco e sonharia mais,  
Entendo que por cada minuto que fechamos os olhos,  
Perdemos sessenta segundos de Luz.*

*Andaria quando os demais se detêm,  
Despertaria quando os demais dormem,  
Escutaria enquanto os demais falam, e como  
Desfrutaria de um bom sorvete de chocolate...*

*Se Deus me obsequiasse um pedaço de vida,  
Me vestiria com simplicidade,  
Me atiraria de bruços ao Sol,  
Deixando descoberto, não somente meu corpo,  
Mas também minha alma.*

*Deus meu, se eu tivesse um coração...  
Escreveria meu ódio sobre o gelo,  
E esperaria que saísse o Sol.*

*Pintaria com um sonho de Van Gogh  
Sobre as Estrelas um poema de Benedetti,  
E uma canção de Serrat seria a serenata  
Que ofereceria à Lua.*

*Regaria com minhas lágrimas as rosas,  
Para sentir a dor de seus espinhos,  
E o encarnado beijo de suas pétalas...*

*Deus meu, se eu tivesse um pedaço de vida...  
Não deixaria passar um só dia  
Sem dizer à gente que quero que a quero.  
Convenceria a cada mulher e homem  
De que são meus favoritos e viveria enamorado do amor.*

*Aos homens provaria quão equivocados estão ao pensar  
Que deixam de enamorar-se quando envelhecem,  
Sem saber que envelhecem  
Quando deixam de se enamorar.*

*A uma criança daria asas, mas deixaria  
Que ela aprendesse a voar sozinha.  
Aos velhos, a meus velhos, ensinaria que a morte  
Não chega com a velhice, mas com o esquecimento.*

*Tantas coisas aprendi de vocês, homens....  
Aprendi que o mundo todo quer viver no alto da montanha,  
Sem saber que a verdadeira felicidade está  
Na forma de subir a escarpa.*

*Aprendi que quando um recém-nascido  
Aperta com seu pequeno polegar pela primeira  
Vez o dedo de seu pai,  
O tem amarrado para sempre.*

*Aprendi que um homem unicamente tem direito de olhar  
Outro homem de cima para baixo,  
Quando o tiver ajudado a se levantar.*

*São tantas coisas as que pude aprender de vocês,  
Mas finalmente de muito não haverão de servir  
Porque quando me guardem dentro desta maleta,  
Infelizmente estaria morrendo... (JOHNNY WELCH)*

De repente, minha memória, madrugando no passado, recolheu imagens de uma entrevista que dera a minhas diletas amigas, professoras Silvana e Patrícia, do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre, a respeito do Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar.

Na oportunidade, quando me indagaram qual era o meu maior medo, acho que esperavam que fosse algo que atentasse contra a minha vida ou a saúde ao enfrentar os "ermos sem fim" da Hileia ou as misteriosas águas do Solimões e seus tributários.

Quando lhes respondi que era a possibilidade de não concluir o trajeto na sua totalidade, elas ficaram surpresas.

## **Se (If) – Joseph Rudyard Kipling**

Não gostaria, jamais, de partir para a derradeira jornada, amarrado ao catre e cercado de cuidados médicos. Socorro-me novamente da poesia, desta feita, pela inspiração do grande poeta do Império Britânico para ratificar o que penso:

## **Se** **(Joseph Rudyard Kipling)**

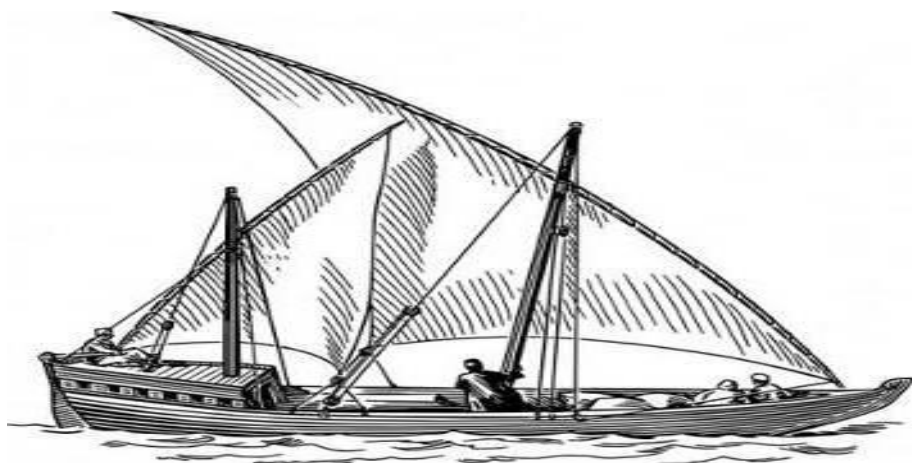


*Se és capaz de manter a tua calma quando  
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te  
culpa;  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
E para esses, no entanto, achar uma  
desculpa;  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
E não parecer bom demais, nem pretensioso;  
Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires,  
De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.*

*Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires  
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas  
Em armadilhas as verdades que disseste,  
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,  
E refazê-las com o bem pouco que te reste;  
Se és capaz de arriscar numa única parada  
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,  
Resignado, tornar ao ponto de partida.*

*De forçar coração, nervos, músculos, tudo  
A dar seja o que for que neles ainda existe,  
E a persistir assim quando, exaustos, contudo  
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";  
Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes  
E, entre reis, não perder a naturalidade,  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
Se a todos podes ser de alguma utilidade,  
E se és capaz de dar, segundo por segundo,  
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,  
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo  
E – o que é muito mais – tu serás um Homem, ó meu Filho!*





*Imagem 04 – Foco na MISSÃO*

## **Arita Damasceno Pettená**

Encerro com os versos da poetisa, escritora e professora Arita Damasceno Pettená:

*Quando em mim tudo for silêncio  
E a própria vida esvair-se  
Nas esteiras das águas flutuantes,  
Hei de buscar, no primeiro ancoradouro,  
O Porto Seguro para meus sonhos todos.*

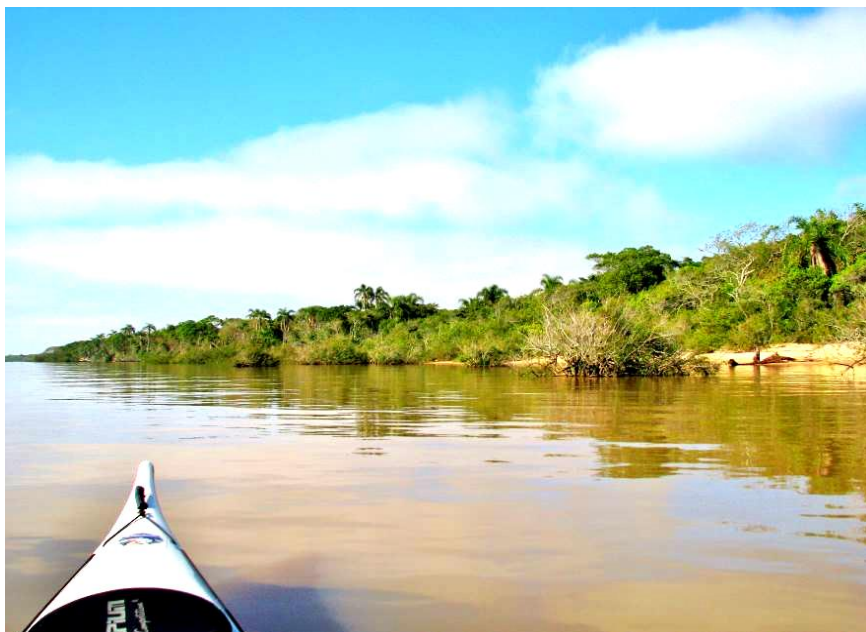
*Que importa que haja ondas revoltas,  
Ameaçando um casco acorrentando.  
Quero respirar, no último momento,  
A esperança diluindo-se em espumas,  
Espumas desmanchando-se em esperanças.*



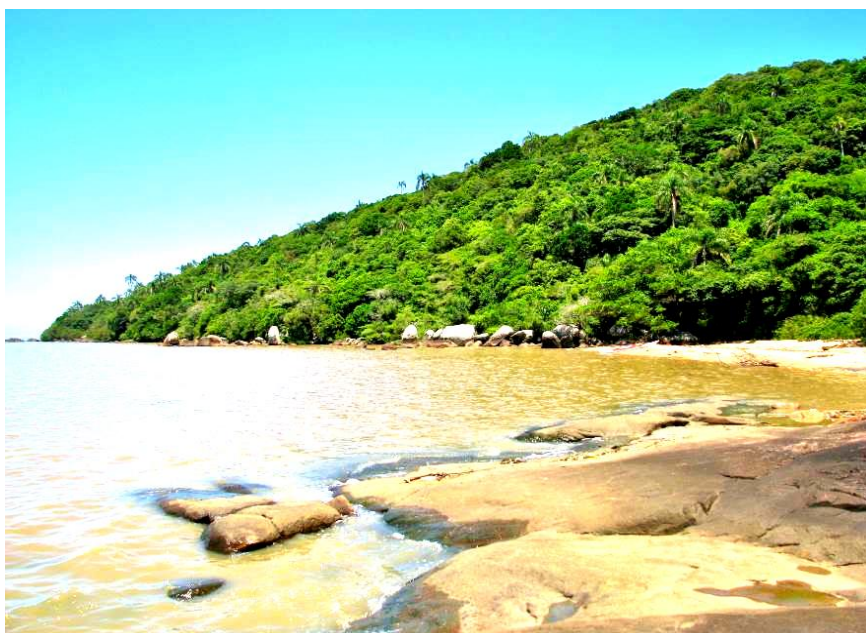
*Imagem 05 – Ilha do Chico Manoel – Rio Guaíba*



*Imagem 06 – Parque Fazenda Itaponã*



*Imagem 07 – Ponta da Faxina – Rio Guaíba*



*Imagem 08 – Morro da Formiga – Laguna dos Patos*



*Imagem 09 – Ilha do Veados – Laguna dos Patos*



*Imagem 10 – Falésias da Laguna dos Patos*





*Imagem 11 – Bojuru – Laguna dos Patos*



*Imagem 12 – Ponta da Feitoria – Laguna dos Patos*

## ***Guaíba, Rio ou Lago?***

*Desembarcou aqui como passageiro comum entre tantos que procuram a Terceira Margem do Rio entre o Céu e a Terra.*  
(NOGUEIRA)

Irmão Guaíba, navegando por tuas águas, afasto-me do mundo real e mergulho na tua essência mística, deixo o limitado pragmatismo de lado e penetro na tua fluidez infinita. Meu nível de consciência se altera, afastando de mim o cotidiano insano e permito que tuas ondas me conduzam a uma nova realidade materializada pelas tuas cálidas ondas que me embalam.

Uma estranha solidão invade meu íntimo e a onírica experiência faz com que assumas uma nova forma de vida. De repente, se estabelece uma relação única entre nós e, tu e eu, somos um só. Sinto como se regredíssemos ao útero da mãe Terra, um morno e profundo silêncio nos envolve e ao longe avistamos, por trás da bruma que se desfaz – a Terceira Margem.

### ***Lei Federal N° 7.803 de 15.08.1989***

**Art. 1°** – As florestas existentes no Território Nacional e as demais formas de vegetação, reconhecidas de utilidade às terras que revestem, são bens de interesse comum a todos os habitantes do País, exercendo-se os direitos de propriedade, com as limitações que a legislação em geral e especialmente esta Lei estabelecem.

**Parágrafo Único.** As ações ou omissões contrárias às disposições deste Código na utilização e exploração das florestas são consideradas uso nocivo da propriedade [art. 302, XI b, do Código de Processo Civil].

**Art. 2º** – Consideram-se de preservação permanente, pelo só efeito desta Lei, as florestas e demais formas de vegetação natural situadas:

- a) Ao longo dos Rios ou de qualquer curso d'água desde o seu nível mais alto em faixa marginal cuja largura mínima seja:
  - 1) De 30 [trinta] metros para os cursos d'água de menos de 10 [dez] metros de largura;
  - 2) De 50 [cinquenta] metros para os cursos d'água que tenham 10 [dez] a 50 [cinquenta] metros de largura;
  - 3) De 100 [cem] metros para os cursos d'água que tenham de [cinquenta] a 200 [duzentos] metros de largura;
  - 4) De 200 [duzentos] metros para os cursos d'água que tenham 200 [duzentos] a 600 [seiscentos] metros de largura;
  - 5) De 500 [quinhentos] metros para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 [seiscentos] metros;
- b. Ao redor das Lagoas, Lagos ou reservatórios d'água naturais ou artificiais;
- c. Nas nascentes, ainda que intermitentes e nos chamados "olhos d'água", qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50 [cinquenta] metros de largura;
- d. No topo de morros, montes, montanhas e serras;
- e. Nas encostas ou partes destas, com declividade superior a 45°, equivalente a 100% na linha de maior declive;
- f. Nas restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues;

- g.** Nas bordas dos tabuleiros ou chapadas, a partir da linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 [cem] metros em projeções horizontais;
- h.** Em altitude superior a 1.800 [mil e oitocentos] metros, qualquer que seja a vegetação.

Parágrafo único:

No caso de áreas urbanas, assim entendidas as compreendidas nos perímetros urbanos definidos por lei municipal, e nas regiões metropolitanas e aglomerações urbanas, em todo o território abrangido, observar-se-á o disposto nos respectivos planos diretores e leis de uso do solo, respeitados os princípios e limites a que se refere este artigo.

## **Comandante *Geraldo Werner Knippling***



O Comandante Geraldo W. Knippling, velejador, escritor, cartógrafo, ex-Comandante da Varig, conhece, profundamente, os segredos das águas do Guaíba e Lagoa dos Patos. O autor de "O Guaíba e a Lagoa dos Patos" e "Descobrendo o Guaíba", fez considerações importantes e, mais do que nunca, atuais no seu artigo: "Guaíba, Rio e não Lago" – editado no site "popa.com.br" em dezembro de

2003. Knippling lança um alerta veemente sobre o interesse imobiliário que procura se sobrepôr, de qualquer maneira, através de artifícios legais, às questões ambientais:



A atual controvérsia sobre o topônimo “Rio” ou “Lago” poderia ser inócua se, por trás dessa desprezível divergência, não se escondesse ardilosa manobra para a especulação imobiliária.

Com o Guaíba “Rio”, há restrições para o uso indiscriminado da orla. São 500 metros de proteção ambiental, de acordo à Lei Federal 7.803, que regula as áreas de proteção permanente. Então, de forma ilegal, o chamaram de “Lago”, onde a proteção ambiental não vai além de 50 metros.

Se for “Lago”, não se aplicam as normas de proteção da mata ciliar dos Rios, de 500 m. Mas o Guaíba é Rio.

Os compêndios de geografia têm definições claras sobre os corpos d’água, que não se podem mudar para enquadrar detalhes subjetivos e alterar o significado.

O Guaíba é Rio por se deslocar de nível mais elevado para nível mais baixo, aumentando de volume até desaguar no Mar, num Lago ou noutro Rio. Pouco importa se preenche uma falha do maciço granítico, de formação tectônica ou não.

Segundo os conceitos vigentes, “Lago é uma extensão de água cercada de terras” e o Guaíba não é nada disso, a não ser que se construa uma represa em Itapuã.

Também são falsos os argumentos de que o “Lago” seria formado “pela barragem natural da península da Faxina”. Lá não há qualquer barragem. É só uma área de menor profundidade, como parte do leito do Rio, sobre a qual fluem livres as águas. (Geraldo Knippling)

## ***Irmão Rio***

*E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; e disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões. (Jó 2: 13-25; Mc 11: 15-19; Mt 21: 12-13; Lu 19: 45-49)*

Os gananciosos empresários e políticos que desconhecem teu encanto, tua serenidade e visam tão somente a interesses econômicos estão preocupados em alterar tua classificação para te corromper e te agredir ainda mais através da especulação imobiliária.

Somente aqueles que te trazem no coração, que te consideram uma obra do Grande Arquiteto do Universo – um santuário, somente aqueles que compreendem tua história e teu destino são capazes de vislumbrar as maquiavélicas intenções destes vendilhões que mercadejam vilmente procurando abalar as colunas do teu sagrado templo.

Comento, com alguns diletos amigos, que não treino no Guaíba, mas que treino contigo, Guaíba. Com o passar do tempo, fui te conhecendo, amando e respeitando cada vez mais. Foste meu Mestre Amado nas horas difíceis em que eu tentava, com dificuldade, não naufragar na depressão e no desalento.

Nas tuas águas, afogo meus desesperares, meus desencantos, meus desamores. No aconchegante embalo de tuas ondas, encontrei forças para perseverar e enfrentar minhas angústias e meu desânimo. Tua imensidão me abraça e conforta, tuas tranquilas águas me acalmam. Tua suave brisa insufla nos meus pulmões a mais bela e pura energia e me aproxima, cada vez mais, da Terceira Margem.

Tuas águas revoltas mostram a rota da humildade que devo seguir e a névoa que te cobre nas manhãs de inverno trazem sinais de esperança nos horizontes que aos poucos se revelam. Sinto tua falta como do ar que penetra em meus pulmões e oxigena meu sangue. Nas inúmeras rotas em que me acompanhaste, foste um fiel e silente parceiro. A afinidade que nos irmana dispensa palavras, não precisa, absolutamente, delas.

Aprendi contigo a interpretar os sinais da natureza, a me deixar levar pelos ventos e pelas ondas, a mergulhar na tua memória ancestral e dela recolher fragmentos da sabedoria dos tempos. Tuas belas Ilhas e praias estarão sempre registradas na minha retina, os momentos de puro êxtase que experimentamos permanecerão gravados eternamente na minha memória.

Só aqueles que trazem na alma o amor pela natureza talvez entendam o sentimento que me invade, quando navego pelas tuas águas infindas, sejam capazes de entender a estranha energia que me invade e revigora e a sensação mágica que toma conta de minha alma como se eu estivesse entrando, sozinho, em um recinto misterioso e sagrado. Que o Grande Arquiteto não permita que os vendilhões triunfem.

Neste livro e, em todos os artigos que eu escrever, vou me referir sempre a ti como Rio, com letras maiúsculas mesmo, como merecem ser reconhecidos aqueles que são únicos.

Uma justa reverência àquele que empresta, diurnamente, sua ternura e sua beleza aos nossos dias apesar do tratamento repulsivo e antinatural que lhe dispensamos.

# **Projeto Desafiando o Rio-Mar**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

## **Determinação**

Sempre procurei mostrar àqueles com quem convivo que jamais devemos estar satisfeitos com o que somos; que devemos, sempre e sempre, buscar o aperfeiçoamento em todos os níveis, seja espiritual, físico, mental ou intelectual. Com o passar dos anos, uma natural acomodação é capaz de nos conduzir à mesmice, à estagnação.

Devemos combater essa tendência, com todas as forças, com autodisciplina, superação, estabelecendo objetivos definidos. Não devemos ter receio de tentar, medo de fracassar. O perdedor é o que não arrisca e não o que falha tentando. No palco da vida, temos de ser os protagonistas não os coadjuvantes.

## **“À Espera de um Milagre”**

*A partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Partirei sem temores; e nada absolutamente me demoverá de tal propósito.*

*(Euclides da Cunha – Carta a José Veríssimo)*

Foi com esta convicção, minha paixão extrema pela esposa enferma, minha fé inquebrantável no Grande Arquiteto do Universo e na sua capacidade de operar milagres, meu amor pela Amazônia e pelas águas, que nasceu o “Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar”. O projeto tem como objetivo fundamental despertar a juventude brasileira para que exerça, desde já, uma pressão cidadã, no sentido de reverter as ne-

fastas ações que afligem nossa Hileia, exigindo das autoridades providências que contemplem o meio ambiente e os povos da floresta sem, contudo, negligenciar a Soberania Nacional.

Nosso intuito era executá-lo depois de sairmos do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) em 2010, mas o corpo docente e discente, ao tomar conhecimento do nosso plano, sugeriu transformar o projeto do Coronel Hiram Reis em um Projeto do CMPA.

Começaram, então, entusiasticamente, a desenvolver um acurado planejamento de modo a contemplar todas as disciplinas e clubes de maneira a torná-lo um projeto interdisciplinar e multidisciplinar. Devido a esse envolvimento da Comunidade escolar do CMPA, fomos levados a antecipá-lo e programar a descida do Solimões para o período de 1º de outubro de 2008 a 04 de fevereiro de 2009.

## **Experiência e Respeito à Natureza**

A proposta original consistia em descer os Rios Solimões/Amazonas (Tabatinga/AM – Belém/PA) de caiaque, reconhecer seus principais afluentes, observar a fauna, flora, hidrografia, relevo, entrevistar autoridades locais e representantes dos povos da floresta.

A escolha do caiaque se baseou em dois requisitos fundamentais – experiência como canoísta profissional e respeito à natureza.

A *experiência* já havia sido consagrada nas águas do Mato Grosso, São Paulo e Mato Grosso do Sul quando conquistei o campeonato Sul-Mato-Grossense de Canoagem em 1989, singrando águas brancas, quedas d'água e provas de longa distância.

Numa época em que tanto se propugna pelo respeito à natureza, o caiaque sintetiza o meio de transporte ideal para ser usado na “*Terra das Águas*”. Seu deslocamento silente não afugenta, não atemoriza a fauna; as remadas firmes e cadenciadas seguem o ritmo da natureza sem agredir a flora e a ausência de motores a combustão não polui, não macula os Rios.

## **Apresentação**

No dia 21.06.2007, no Salão Brasil do CMPA – o velho Casarão da Várzea, lancei, em nome do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), da Sociedade de Amigos da Amazônia Brasileira (SAMBRAS) e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) oficialmente o Projeto.

O evento contou com a presença de todos os professores, representação de alunos, autoridades, empresários e imprensa de Porto Alegre.

## **Treinamento**

A partir de então, com muito esforço e apoio de familiares, amigos e professores consegui adquirir parte dos equipamentos necessários e manter um treinamento rígido em que estabeleci obstáculos bem superiores aos que iria enfrentar na “*terra das Amazonas*”.

Em dois anos, percorri uma distância de 12.590 km, equivalente à navegação da Foz do Chuí, Ponto extremo litorâneo do Sul do País, ao México, enfrentando condições de navegação extremas. O Guaíba proporciona reais dificuldades à navegação com seus ventos fortes e largura de até 18 km (entre a Vila Itapuã e a Praia da Faxina) bem superior à do Rio Solimões.

As diversas rotas que idealizei, atravessando o canal em navegações contínuas superiores a 2 horas, buscaram ultrapassar as situações que enfrentaria na Amazônia.

Os ventos do quadrante Sul, superiores a 25 nós (45 km/h), passando entre os morros da Ponta Grossa e a Pedra Redonda, criam um interessante efeito de turbilhonamento. As ondas, de até 1,5 m, surgem de todos os lados (banzeiro), sem um padrão definido, exigindo muita habilidade e força do canoísta.

## **Desafios**

Procurando testar meus limites, estabeleci percursos superiores a 70 quilômetros de extensão e, em todas as oportunidades, tive a satisfação de atingir com sucesso as metas propostas.

### ***Rota Desafio 1 – Navegador José Pineda***

O saudoso amigo Pineda, irmão da professora Silvana Pineda me apresentou, através de fotos e relatos de suas experiências como experiente navegador, um Guaíba muito mais majestoso e desafiador.

Seguindo suas sábias orientações, fui cada vez mais estendendo meus limites e passei a conhecer o Rio em toda a sua plenitude, em todo seu esplendor e magia. O desafio que batizei com seu nome teve início às 06h15 do dia 10.12.2007, no dia mais quente do ano. Foi um desafio de resistência física e psicológica.

Cheguei à praia da Faxina às 10h30 e, às 18h20, aportava na Raia 1 com um tempo de navegação de 09h25.



*Mapa 01 – Raia 1 – Ilha Francisco Manoel*





Mapa 02 – Ilha Francisco Manoel – Ilha do Veado

## ***Rota Desafio 2 – Cel Altino Berthier Brasil***

Esta rota foi em homenagem ao meu ex-mestre do CMPA, Coronel Berthier, profundo conhecedor das belezas e mistérios da Amazônia Brasileira. Nesta prova, saí às 05h55 e naveguei até a maravilhosa Ilha do Junco, que faz parte do complexo do Parque Itapuã, no dia 18.12.2007, retornando às 18h25 com um tempo de navegação de 09h27.

## ***Rota Desafio 3 – Professora Silvana Pineda***

Cruzei o Farol de Itapuã e superei os umbrais da Laguna dos Patos em uma navegação de 80 quilômetros em 11 horas. Uma prova que se iniciou às quatro horas da madrugada, na mágica noite do dia 07.02.2008, em que as estrelas cadentes e o Céu claro, embora sem Lua, me brindaram com sua esfuziante beleza. Cheguei exatamente às dezoito horas, após manter o compassado ritmo dos 4 nós por hora.

## ***Rota Desafio 4 – Rosa Mística***

Parti rumo à Ilha do Barba Negra às 03h15, numa noite clara, sem lua, acariciado pela brisa suave vinda do quadrante Sul, como os boletins do tempo haviam anunciado.

Depois de remar aproximadamente 45 minutos, o Céu foi ficando carregado na altura da Ponta Grossa, e os ventos de proa começaram a dificultar a progressão. Decidi continuar navegando até a Ilha do Chico Manoel, esperando que até lá as coisas melhorassem. Fiz uma breve prece esperando que o Grande Arquiteto acalmasse os ventos e desviasse as pesadas nuvens de minha rota. De repente, pequenas luzes esverdeadas começaram a faiscar sobre as águas.

A magia do momento me inebriava e eu via, ou sentia, que a abóbada celeste repousava nas águas do imenso Guaíba. Seriam microrganismos? Já havia presenciado fenômeno semelhante no litoral gaúcho. Depois de algum tempo, consegui identificar que aquelas pequenas cintilações eram produzidas por centenas de vaga-lumes que descansavam sobre as ternas águas antes de continuar o seu voo nupcial.

Cheguei à Ilha do Chico Manoel às 06h15 e o tempo continuava fechado. Fiz um pequeno lanche e descansei na maravilhosa Ilha do Clube Veleiros. O dia estava clareando, os ventos novamente se transformaram em suave brisa, e observei que na altura do Farol de Itapuã, as nuvens eram mais esparsas, anunciando bom tempo.

Parti às 06h55 diretamente para a Ponta da Faxina. A Península da Faxina, suas falésias, vegetação nativa e abundância de pássaros, extasiaram-me.

Decidi navegar mais um pouco e parar na Ilhota da Ponta Escura. A ilhota, com seus canaletes, não me chamou a atenção. Habitada e sem graça, me levou a continuar remando e a planejar um descanso na altura do Morro da Formiga. Tentava, em vão, avistar a Ilha do Barba Negra.

Por volta das 09h30, mal tinha ultrapassado a Ilhota, vislumbrei no horizonte algo que mais parecia uma Ilha de aguapés. Continuei remando, vigorosamente, por mais 30 minutos e confirmei minhas expectativas de que era a Ilha do Barba Negra. Achei estranho que a Ilha que eu guardara na memória, que possuía a orientação Norte-Sul, se apresentasse transversal ao meu deslocamento.

Eu esquecera, ou o cansaço me embotara a mente, de que a Ilha possuía dimensões importantes com 3,5 km de comprimento por 600 m de largura e elevações de 10 m. Mantive uma remada forte e cheguei, por volta das 10h20, ao morro da Formiga, coberto por mata virgem intocada, com seus 108 metros de altura. Pude avistar suas fantásticas praias de areias brancas circundada por rochas formidáveis. Em algumas delas, as lontras, saciadas com comida farta propiciada pela piracema das tainhas, tomavam, preguiçosamente, banho de Sol.

O cansaço começa a tomar conta do meu corpo e fico preocupado com a volta. Já havia remado 06h20 e ainda não tinha alcançado meu objetivo, a Ilha do Barba Negra. Decido aportar na primeira ilhota, ou praia do Morro da Formiga, que avistar. Ao ultrapassar a Ponta da Formiga, avistei uma pequena Ilha ao longe e me dirijo a ela mantendo um ritmo forte.

Cheguei à Ilha exatamente às 11h15, sete horas após ter saído da Raia 1. É uma pequena e bela Ilha para se ver de longe, mas não para se aportar. A Ilha do Veado, como é chamada, só mais tarde é que tomei conhecimento do nome dela, quando fui confirmar minha rota, é formada apenas por rochas, alguns arbustos e cactos. As rochas dificultam a aportagem e atraco em uma pequena angra protegida das ondas.

Descansei 30 min e iniciei minha jornada de retorno decidido a aumentar meu número de paradas para recuperar a energia. Parei na Praia da Formiga, tirei algumas fotos, admirei suas bromélias e vegetação típica. Confirmei, angustiado, a distância que me separava da Ilha do Barba Negra e, depois de vinte minutos, decidi retornar e rumei para a Ilhota da Ponta Escura.

A aproximadamente dois quilômetros da Ilhota, avistei um canoísta remando no meio da Lagoa dos Patos e qual não foi minha surpresa ao verificar que se tratava de meu amigo o Coronel Teixeira. Houve um pequeno desencontro de informações e, em vez de partirmos juntos, cada um saiu num horário diferente.

Cancelamos o pernoite na Ilha do Barba Negra, embora o Teixeira estivesse equipado para tal, e iniciamos o retorno. Sem carta, sem jamais ter navegado por aquelas paragens, o meu arrojado amigo, apoiado apenas na sua férrea vontade, estava na rota correta, mostrando que a fibra e a determinação dos Forças Especiais (FE) continuava viva nos seus músculos e no sangue que corre nas suas veias.

Paramos na Ilhota para conversarmos um pouco e, mais adiante, na Ponta da Faxina, onde saboreamos alguns coquinhos silvestres antes de atravessar o canal numa extensão de 12,7 quilômetros rumo à Ilha do Chico Manoel.

Pela primeira vez, no trajeto, fiz uso do GPS e confirmei a direção a ser seguida. O deslocamento, a partir das catorze horas, transcorreu bem impulsionado por suaves ventos de popa permitindo aqui e ali surfar nas pequenas ondas.

Na Ilha do Chico Manoel, paramos uns 40 minutos e recebemos um telefonema da repórter Carla, da Zero Hora, agendando uma sessão de fotos. Novamente desfrutei da paradisíaca Ilha, tomei um banho reconfortante para afastar os efeitos da canícula. Partimos, às 18h40, rumo à Ponta Grossa onde paramos brevemente e, depois do pôr do Sol, às 20h30, ajustei, a rota diretamente para a Raia 1.

A navegação, à noite, é mágica. As luzes da Cidade refletida nas serenas águas do Guaíba fazem a imaginação viajar.

Chegamos às 21h30, cansados, mas satisfeitos. Remamos 95 quilômetros durante 13h30. Sei que não irei navegar durante tanto tempo na Amazônia em apenas um dia, mas um treinamento árduo certamente nos dá a confiança e a certeza de que estamos preparados para enfrentar os óbices que surgirem na nossa pequena Odisseia.

O Forças Especiais (Coronel Teixeira) me surpreendeu favoravelmente, novamente, uma vez guerreiro, sempre guerreiro.

## **Homenagem**

Não achei nenhum amigo que quisesse ser homenageado com uma rota cujo objetivo final foi alcançar a Ilha do Veado. Brincadeiras à parte, gostaria de deixar, entretanto, patente que a homenageada desde o início era para ser nossa querida amiga Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, que tem conseguido divulgar meus artigos em diversos periódicos nacionais.

## **O Quilombo da Ilha do Barba Negra**

A professora Silvana havia me enviado, já faz algum tempo, o artigo, abaixo, de Moacyr Flores, publicado no Jornal "Correio do Povo", de 07.05.1983. Achei interessante acrescentar um pouco das histórias e curiosidades que envolvem o nosso Rio e nossa Laguna, numa tentativa de resgatá-los para uma sociedade que desconhece sua realidade física e histórica:



**Correio do Povo – Porto Alegre, RS**  
**Sábado, 07.05.1983**



**O Quilombo da Ilha do Barba Negra**  
**(Moacyr Flores)**



No início de setembro de 1829, o iate de José Inácio Teixeira levantou âncoras do porto de Rio Grande e velejou pela Laguna dos Patos, rumo a Porto Alegre. Ventos contrários não permitiram que entrasse no canal de Itapuã. O patrão do pequeno barco resolveu abrigar-se na Ilha do Barba Negra, à espera de que o vento amainasse ou soprasse noutra direção. Mandou um batelão à Ilha, com um marinheiro branco e quatro escravos, também marinheiros, para buscar lenha. Quando estes homens estavam entregues à sua faina, surgiram mais de 30 negros armados de lanças e espingardas.

Um dos marinheiros escravos se escondeu num monte de lenha e os demais, comandados pelo branco, fugiram no batelão. Os negros atacantes atiraram nos fugitivos, visando mais ao branco, mas não o acertaram. Os negros correram para canoas escondidas nos aguapés e seguiram o batelão de perto.

Vendo que os fugitivos se punham a salvo, os perseguidores tentaram a abordagem do iate que zarpou na direção de Bojuru, escapando dos quilombolas. Depois de navegar pela Laguna dos Patos até conseguir vento favorável para contornar a ponta de Itapuã, José Inácio Teixeira tomou o rumo de Porto Alegre onde comunicou imediatamente às autoridades a existência do quilombo na Ilha do Barba Negra.

O Vigário-Geral Antônio Vieira da Soledade, Vice-Presidente da Província em exercício, em meados de setembro de 1829, ordenou ao Tenente Luís Alves dos Santos Marques que preparasse uma Expedição punitiva, com 160 soldados de linha e mais 30 artilheiros. Quase um mês depois, a tropa estava distribuída na escuna "*Doze de Outubro*", dois lanchões e um iate. As embarcações aproximaram-se da Ilha do Barba Negra e ancoraram ao largo. Um dos lanchões dirigiu-se à terra e encontrou uma canoa grande tripulada por cinco escravos que, ao serem descobertos, remaram desesperadamente para a Ilha, onde sumiram em desabalada carreira no meio da vegetação. O lanchão continuou a navegar, costeando a Ilha até o lado oposto, onde os Soldados desembarcaram e bloquearam a fuga de seis machos e três fêmeas – conforme a linguagem da época – que escaparam para uma pequena canoa. Intimidados a se entregar, continuaram a fuga. O Comandante ordenou aos Soldados que atirassem. A descarga violenta matou os negros e afundou a canoa. A Expedição desembarcou na Ilha e encontrou apenas roças de feijão e de milho, quatro casas prontas e duas ainda em construção. Os Soldados arrasaram tudo.

Apareceu o escravo marinheiro de José Inácio Teixeira, que havia se escondido no monte de lenha e fora depois capturado pelos quilombolas. Contou que, enquanto lá esteve, foi mantido sob guarda e preso no tronco. O capataz do quilombo queria matá-lo porque era fiel a seu senhor e poderia denunciar o refúgio. Os demais escravos advogaram sua causa, salvando-lhe a vida. Narrou ainda que o capataz do quilombo, que morreu junto com os que tentavam fugir de canoa, era o assassino de um tal de João de Vestia. A Expedição falhou em capturar os quilombolas porque eles estavam prevenidos do ataque e conseguiram fugir a tempo pela ponta da Ilha de Canguçu.



Dois dias antes do ataque, os quilombolas estiveram carneando na estância de Cabeçadas, de propriedade de D. Maria de Oliveira, irmã do Cônego Salgado. A Expedição retornou sem nada sofrer, apenas o Cadete Joaquim da Fonseca Pereira Pinto, que se achava na retranca da escuna, por imprudência, caiu n'água e pereceu afogado. Estas notícias foram publicadas no jornal "*O Amigo do Homem e da Pátria*", edições de 18 de setembro e de 12 de outubro de 1829.

A incapacidade de os agentes repressores reunirem rapidamente suas Forças permitiu que escravos da Cidade avisassem os quilombolas em tempo. Segundo cronistas da época, as notícias circulavam rapidamente entre os escravos que tudo viam e ouviam porque participavam como mão de obra de todas as atividades dos brancos. A Expedição punitiva, com 4 embarcações e 190 soldados, não vasculhou as Ilhas e as margens da Laguna dos Patos, não percorreu as estâncias da Barra do Ribeiro e de Pedras Brancas, atual Município de Guaíba, em busca dos escravos fugitivos. O Comandante militar deu a missão por cumprida com a destruição de roças de subsistência e algumas palhoças. O jornal não se refere à proteção que os estancieiros da região davam aos quilombolas da Ilha do Barba Negra. Havia várias charqueadas nas proximidades, com trabalho mais intenso no período de dezembro a fevereiro, quando o calor do Sol é maior, para secar as mantas de carne expostas nos varais.

O quilombo da Ilha do Barba Negra fornecia mão de obra barata às charqueadas e às estâncias. Fora das safras os charqueadores e estancieiros não necessitavam sustentar esta mão de obra – o mesmo não aconteceria se tivessem que comprar mais escravos para os períodos de rodeios e salga de carne pois, nos momentos de crise ou entressafra, não poderiam despedi-los. (FLORES)

## Óbices

*Quando surge um problema, você tem duas alternativas – ou fica se lamentando, ou procura uma solução. Nunca devemos esmorecer diante das dificuldades. Os fracos se intimidam. Os fortes abrem as portas e acendem as luzes.*  
(Dalai Lama)

Infelizmente, as organizações a que o CMPA está diretamente subordinado, que são respectivamente a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), cujo chefe era o Gen Marco Antônio de Farias, e o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX), cujo chefe era o Gen Paulo Cesar de Castro, entenderam que o Projeto não era de interesse do Sistema Colégio Militar do Brasil e não autorizaram a realização do mesmo, embora a solução para o meu afastamento temporário da docência já tivesse sido devidamente equacionada com o irrestrito apoio dos professores de matemática que me substituiriam...

Como militar não me cabia julgar a irracional e antipatriótica decisão dos superiores hierárquicos e parti em busca de uma alternativa. A solução, finalmente encontrada, com o apoio irrestrito de nosso caro e esclarecido Comandante do CMPA, Cel Paulo Contieri, foi a de solicitar rescisão do contrato com o CMPA nos meses de dezembro e janeiro e tentar a recontração a partir de fevereiro de 2009. As mudanças no Projeto ocorreram tendo em vista que eu não podia passar quatro meses sem os vencimentos de professor sem comprometer as despesas relativas ao tratamento médico de minha esposa. Por estas razões, o Projeto foi, então, limitado a dois meses (dezembro-janeiro), com saída prevista de Tabatinga em 1º de dezembro de 2008 e chegada a Manaus em 29 de janeiro de 2009. Pretendo, se Deus permitir, e os amigos nos apoiarem, dar continuidade ao mesmo nos anos seguintes.

Apesar de, no lançamento do projeto, contar com acenos entusiásticos de diversas empresas gaúchas, todas se mostraram, depois, reticentes em dar seu apoio financeiro ao mesmo. O patrocínio que já contávamos como certo, da PETROBRAS, arquitetado pelo Vereador Ricardo Moura de Albuquerque Maranhão, foi vetado às vésperas de sua liberação sem qualquer tipo de explicação. Teria sido o meu artigo, intitulado "**AMAZÔNIA – Muito Discurso, Pouca Ação**", criticando o famigerado "desgoverno com-panheiro" na sua desastrosa política amazônica o motivador da suspensão do patrocínio? O meu parceiro, amigo e irmão maçom, Coronel Teixeira, com problemas de saúde na família, a três semanas da partida, foi substituído pelo professor Romeu Henrique Chala que irá pilotar o caiaque duplo com a Fabíola.

## **Boas Novas**

### ***Patrocínio de Amigos***

Meus caros amigos Cristian Mairesse Cavalheiro e Daniel Luís Costa Scherer financiaram minhas passagens aéreas e o transporte do caiaque. Meu Irmão maçom e ex-colega CMPA, Luiz Felipe M. Regadas, da Skysulbra Rastreamento de Veículos nos disponibilizou um equipamento de rastreamento via satélite instalado no caiaque. A Polícia Militar do Estado do Amazonas (PM/AM), seguindo determinação de seu Comandante, Coronel Dan Câmara, vai me apoiar nas localidades em que atracar para o pernoite e que possuam destacamentos da organização. Graças a uma feliz coincidência, o atual Subcomandante da PM/AM, Tenente Coronel PM Luiz Cláudio Leão, um grande e especial amigo, o então estagiário 16, concluiu comigo o Curso de Operações na Selva, em 1999, no CIGS.

## **Colaboração de Amigos Virtuais**

*A amizade torna os fardos mais leves porque os divide pelo meio. A amizade intensifica as alegrias, potencializando-as, na matemática do coração. (Roque Schneider)*

Após todos estes reveses, estava desanimado. O Grande Arquiteto do Universo fez, porém, com que se dissipasse a neblina e serenassem os ventos de proa nos apresentando a amiga Ana que “*abriu as portas e acendeu as luzes*”. Uma amiga fisicamente virtual, mas, certamente, uma alma gêmea comungando com os ideais que defendemos de patriotismo, honra e dignidade. Reproduzo, abaixo, apenas alguns dos e-mails de amigos comunicando seu apoio financeiro ao projeto.

### ***E-mail da amiga Ana Prudente***

Ontem depusitei R\$ 300,00 reais, que bem sei que não resolverá a falta de tantos equipamentos, mas foi o valor com o qual pude colaborar. Hoje conversei por telefone com um dos meus amigos aqui de SP, que recebeu minha chamada a seu respeito. Eu acho que ele vai poder ajudar bastante, não sei se na integralidade do faltante. Está saindo uma chamada para a FIESP/CIESP e Associação Comercial/SP. Embora o senhor não me conheça pessoalmente, eu o conheço há mais tempo, via um amigo em comum.

Foi ele quem me deu seu e-mail e pediu para que o colocasse na minha lista de contatos, já que estávamos no mesmo barco. E eu estou no seu barco, Coronel Hiram, que é o nosso Barco Brasil. E com uma “*certa inveja saudável*”, confesso que esta sua viagem me encanta. Poder observar de perto, fotografar, filmar essa nossa terra linda já me leva longe, bem longe dessa loucura que é viver em SP.

### ***E-mail do Jornalista Luís Andreoli***

Considero-a realmente de grande importância. Sei que a minha contribuição é ínfima. Todavia, é a que está dentro das minhas atuais possibilidades. Ou seja – fiz ontem um depósito no Banco do Brasil, em nome do Coronel Professor Hiram Reis e Silva, de R\$ 200,00.

Espero que, apesar de pequena, ela venha se juntar a outras para que se atinja o valor necessário. Um grande abraço e boa sorte ao Coronel Hiram.

### ***E-mail do Ir.: José de Araújo Madeiro***

E.: Ir.: Hiram Reis e Silva

Não pensávamos em nos comunicar sobre o assunto em tela, mas pelo recebido, informamos ao poderoso irmão que fizemos uma doação de R\$ 2.000,00 [dois mil reais], para seu projeto. Enviamos pelo correio, dois cheques contra o Banco do Brasil, para datas diferentes, que deverão estar às suas mãos lá para o dia 05, próximo.

De outra parte, proclamamos que o Irmão deveria comunicar-se com diversos obreiros da nossa ordem, quem sabe se não obteria mais recursos. Mas não somente desejamos sucessos na sua jornada, ficamos esperando qualquer pronunciamento da sua parte, para retransmiti-lo aos demais Irmãos.

TFA.: Madeiro

O amigo Félix Maier e os camaradas da “*Confraria das Onças*” em especial meu caro amigo Aufélio Bazoli Filho (estagiário 03), autor do livro “*Dor Desrespeitada*” igualmente colaboraram para o êxito desta invulgar empreitada.

## ***Apoio familiar***

Tenho conseguido levar a bom termo meus objetivos graças à compreensão, apoio e incentivo de meus filhos Vanessa, Danielle e João Paulo, e meu irmão caçula engenheiro Carlos Henrique Reis e Silva.

## ***Divulgação***

Os professores Capitão Alexandre José Kowalski de Oliveira, Professora Silvana Schuler Pineda e a Capitã Eneida Aparecida Mader têm auxiliado na formulação dos artigos relativos ao Projeto-Aventura e a questões amazônicas. Graças à minha querida amiga Rosângela Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, temos conseguido a divulgação dos mesmos em diversos periódicos nacionais.

## ***Conclusão***

*Prossiga na missão!!!* (General Joaquim Silva e Luna)

Independente de todas as dificuldades encontradas, de todos os obstáculos que possam surgir, eu, apoiado por abnegados amigos, cumprirei, parodiando as palavras do ilustre brasileiro Euclides da Cunha, "*meu mais belo e arrojado ideal*".





**Gente de Opinião – Porto Velho, RO  
Quinta-feira, 29.05.2008**



**AMAZÔNIA – Muito Discurso, Pouca Ação  
(Hiram Reis e Silva)**



*"O mundo precisa entender que a Amazônia Brasileira tem dono. O dono da Amazônia é o povo brasileiro: são os Índios, os seringueiros, os pescadores. Mas também somos nós. Temos consciência de que é preciso diminuir o desmatamento, as queimadas. Mas também temos a consciência de que é preciso desenvolver a Amazônia". (Luiz Inácio Lula da Silva)*

### **– O Palanque aceita tudo**

O presidente Lula, na manhã de segunda-feira, dia 26 de maio, em discurso de abertura do XX Fórum Nacional, na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – Centro do Rio, afirmou que a Amazônia "tem dono". Em abril deste ano, Lula, referindo-se a pronunciamentos de dirigentes de outros Países em relação à Amazônia, afirmou:

*Eu adoro respeitar as pessoas, mas adoro ser respeitado. Então, quando vierem discutir comigo sobre a questão da Amazônia, por favor, falem com cuidado, porque a Amazônia é da nossa responsabilidade e nós sabemos cuidar dela.*

### **– Senador Pedro Jorge Simon – “Falta Firmeza”**

Embora julgando positiva a afirmação do presidente, o Senador Pedro Simon considera que “*falta firmeza ao presidente Lula no sentido de demonstrar ao mundo que, de fato, a Amazônia é nossa*”.

O Senador defende investimentos sociais na região e critica a total falta de controle do governo em relação às mais de 25 mil fazendas de propriedade de estrangeiros na região.

*Essa confusão favorece os interesses estrangeiros e demonstra falta de compromisso efetivo do governo com o assunto, acrescentou Simon. Para o parlamentar, a cobiça internacional sobre a Amazônia, principalmente com referência às suas riquezas minerais e à biodiversidade, apresenta-se com uma insistência cada vez maior. Têm aumentado as provocações ao Brasil com relação à Amazônia, e isso merece reação forte do Brasil, enfatizou.*

### **– Senador José Jefferson Carpinteiro Peres – “Cobiça Nacional”**

*“Não tenho medo da cobiça internacional, mas sim da nacional, das ações de pecuaristas e madeireiros, que poderão levar ao holocausto ambiental da região”,* advertiu, em plenário, o saudoso senador Jefferson Peres.

Para o senador, a resposta adequada às organizações ambientalistas de Países como os Estados Unidos, contestando a soberania brasileira na Amazônia,



deve ser análoga à proferida pelo Senador Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque quando, em setembro de 2000, nas salas de convenções do Hotel Hilton, em Nova York, durante o encontro do "State of the World Forum", afirmou que, por essa lógica:

*Nova York, como sede das Nações Unidas, deve ser internacionalizada. Pelo menos Manhattan deveria pertencer a toda a Humanidade. Assim como Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade, com sua beleza específica, sua história de mundo, deveria pertencer ao mundo inteiro.*

### **– General Augusto Heleno Ribeiro Pereira – "Esquerda Escocesa"**

*"Até porque não sou da esquerda escocesa que, atrás de um copo de uísque 12 anos, aqui sentado na Avenida Atlântica, resolve os problemas do Brasil inteiro. Eu não estou na esquerda escocesa. Eu estou lá. Já visitei mais de 15 comunidades Indígenas. Estou vendo o problema do Índio. Ninguém está me contando como é que é o Índio, não estou vendo Índio no cinema, não estou vendo Índio no Globo Repórter. Estou vendo Índio lá, na ponta da linha, e sofrendo com o que está acontecendo".*

### **– Reservas Indígenas – Laudos Fraudulentos**

Acho que o presidente deveria se preocupar com homologações de reservas Indígenas baseadas em laudos criminosamente fraudados. Com a concretização da homologação da Terra Indígena Raposa e Serra do Sol, quase 15% do nosso Território Nacional serão destinadas a uma população de 700 mil Índios. Somente na região amazônica as reservas ocupam cerca de 25% do seu Território. Parece que o senhor não tem autoridade para afirmar que:

*"Nós saberemos cuidar dela".*

## **– ONGs Criminosas**

O governo, senhor, continua totalmente omissa e submisso às ações de ONGs. Muitas delas, atendendo a interesses estrangeiros, prepararam diuturnamente os alicerces que permitirão, no futuro, a contestação de nossa soberania na Amazônia.

Estas organizações agem livremente, sem qualquer controle governamental, recebendo substanciais contribuições estrangeiras e do governo “*companheiro*” sem a prestação de contas adequada.

Acho que quando afirmou que a Amazônia “*tem dono*” faltou dizer quem era este dono.

## **– Garimpo Ilegal**

O extrativismo mineral representa uma fonte de degradação ambiental. Existem, na Amazônia, mais de 20 regiões de alta concentração de garimpos de ouro.

A ampla utilização do mercúrio para auxiliar na purificação do ouro é extremamente poluidora, uma vez que o mercúrio se acumula no ambiente sob diversas formas, contaminando peixes e outros animais silvestres.

Definitivamente a poluição e devastação provocada pelo garimpo ilegal não lhe permitem afirmar que: “*nós saberemos cuidar dela*”.

## **– Liga dos Camponeses Pobres (LCP) – FARC Brasileira**

[...] organização radical de extrema-esquerda que adotou a “*violência revolucionária*” como estratégia para chegar ao poder. Com a omissão das autoridades federais brasileiras e o silêncio do resto do Brasil, esse

grupo domina mais de 500 mil hectares de terra espalhados por três Estados, em 20 acampamentos de sem-terras. [...] *"Destruir o latifúndio"* é a bandeira que a LCP empunha para realizar a *"revolução agrária"*. Encapuzados, armados e bem treinados, os guerrilheiros da LCP espalham o terror para atingir seus objetivos. *"Eles destroem plantações, queimam fazendas e torturam funcionários. Isso não pode mais ficar assim"*, cobra o Deputado Mendes. *"Nós, sozinhos, não temos como combater esse grupo. Precisamos de ajuda de Brasília"*, alerta o secretário-adjunto. *"Nossa preocupação é que movimentos armados como as FARC e o Sendero Luminoso começaram igual a LCP aqui. Quando o Governo Federal acordar já será tarde"*, reclama". (REVISTA ISTOÉ, N° 2007)

Enquanto isso, presidente, a Polícia Federal e a Força de Segurança Nacional, gastam milhões dos cofres públicos numa operação que marginaliza a população de Roraima e proprietários rurais que pagam impostos, produzem riquezas para o Estado. A ação do seu Ministro da *"Justiça"* se limita a confraternizar com os jagunços invasores do CIR.

### **– Desmatamento – celeridade contra os inimigos**

Já foram devastados pelo homem 18% dos 680 mil km<sup>2</sup> da maior floresta do mundo. Os Estados campeões de desmatamento são o Mato Grosso e Rondônia. A principal causa é o crescimento econômico. A expansão do setor agrícola, especialmente da produção de soja, foi o grande responsável pela alta taxa. O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), por sua vez, só é capaz de atuar celeremente contra os inimigos do governo. Recentemente, na fazenda Depósito, do prefeito de Pacaraima, Roraima, Paulo C. Quartiero, o IBAMA aplicou quatro multas que, somadas, atingem R\$ 30,6 milhões, o órgão decidiu, ainda, embarcar as atividades econômicas da propriedade.

## - Conclusão

Não me parece, presidente, que suas palavras de parlance, tão aplaudidas por membros da "esquerda escocesa", tenha respaldo em ações de governo. É fácil arrancar aplausos de correligionários. Gostaria de vê-lo discursando em Boa Vista (RR) e tenho certeza, então, de que em vez de aplausos seriam apupos que vossa senhoria ouviria. (Coronel Eng Hiram Reis e Silva)

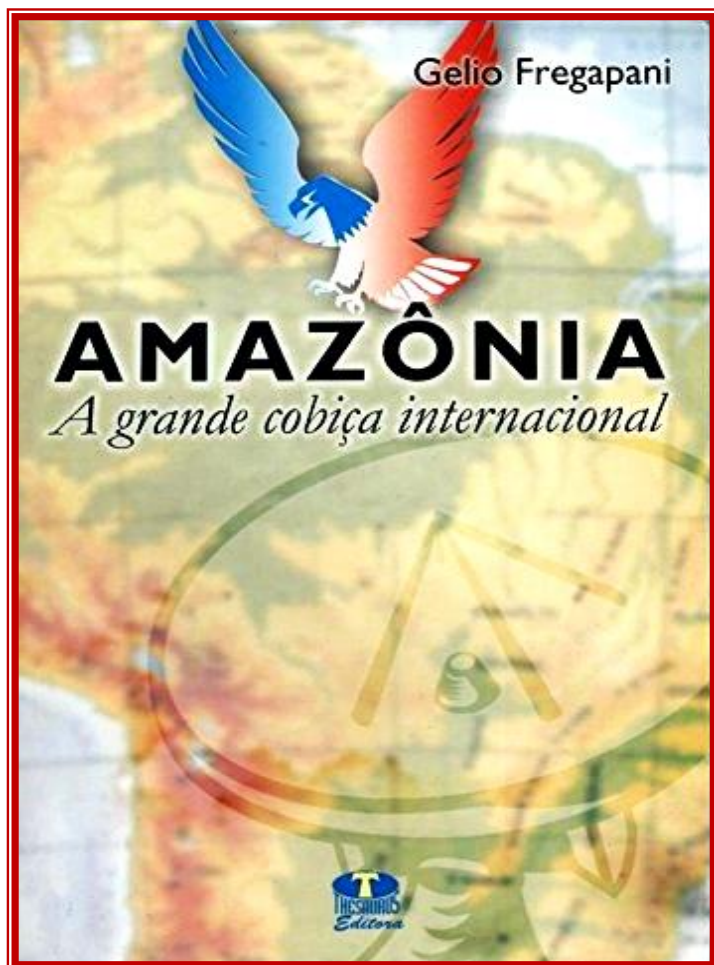


Imagem 13 – Amazônia a Grande Cobiça... (G. Fregapani)

***Luar Amazônico***  
***(Antônio Mavignier de Castro)***



*Verão. Rio em deflúvio. A Lua Cheia  
Alonga perspectivas pela mata;  
Só a fauna da noite ali vagueia  
À sombra errante que o Luar dilata...*

*Álgido <sup>(2)</sup>, estreito Igarapé serpeia,  
Qual sinuosa lâmina de prata...  
Que melopeia <sup>(3)</sup> o urutau <sup>(4)</sup> flauteia  
Na solidão Lunar da terra grata!*

*Amanhece; mas imitando um rito  
Sobre a mata flutua um véu de neve...  
E o Sol – pátena <sup>(5)</sup> de ouro do Infinito,*

*Espera que no altar da selva nua,  
O Sacerdote imaterial eleve  
A imagem eucarística da Lua!*

---

<sup>2</sup> Álgido: gélido, glacial. (Hiram Reis)

<sup>3</sup> Melopeia: cantilena. (Hiram Reis)

<sup>4</sup> Urutau: ave de hábitos noturnos, da ordem Nyctibiiformes da família Nyctibiidae, também conhecida como mãe-da-lua. (Hiram Reis)

<sup>5</sup> Pátena: pratinho de metal em que se coloca a hóstia na missa. (Hiram Reis)

## **Banzeiros**

Os banzeiros enfrentados no Rio Guaíba foram um prelúdio daqueles que viria a enfrentar nos belos e formidáveis caudais amazônicos. O Frei Luiz Palha (O.P.<sup>(6)</sup>), na apresentação de sua obra "*Índios Curiosos – Lendas, Costumes, Língua*" – editado pela Gráfica Olímpica, em 1942, afirma, na sua apresentação:

*Singelas, estas relações vão guardar uma lembrança, a lembrança das verdes matas que tantas almas ocultam de brasileiros sem o seu Brasil, os nossos queridos Índios do Norte da Pátria. Sem nexos aqui exarados esses fatos que presenciei, e lendas que ouvi dos lábios do "tapuia" araguaiano só têm como traço de união a esplendorosa natureza onde se deram e ainda vivem. [...]*

E a respeito dos banzeiros araguaianos faz um belo relato:

### **Beérokán (<sup>7</sup>) se Enraivece**

*É de ordinário calmo e sereno o Araguaia nos intermináveis estirões que no seu percurso se desdobram, a perda de vista. Acalmada a raivosa irritação dos seus "travessões" (<sup>8</sup>) frementes, dir-se-ia que as águas cansadas de espumar de ira, se repousam, se amainam, arrependidas de tanto haver lutado de encontro a pedras e fragedos (<sup>9</sup>).*

*É calmo deveras.*

---

<sup>6</sup> O.P.: Ordem dos Pregadores (latim: Ordo Prædicatorum), também conhecida por Ordem de São Domingos ou Ordem Dominicana. (Hiram Reis)

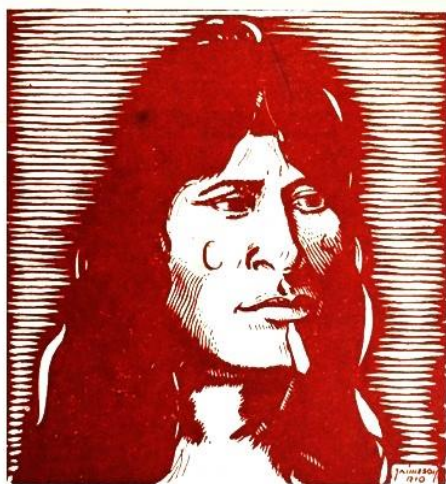
<sup>7</sup> Beérokán: Araguaia. (Hiram Reis)

<sup>8</sup> Seus "travessões": suas quedas-d'água. (Hiram Reis)

<sup>9</sup> Fragedos: rochedos. (Hiram Reis)

Frei LUIZ PALHA O.P.

# INDIOS CURIOSOS...



LENDAS • COSTUMES • LINGUA

1942

*Imagem 14 – Índios Curiosos... (Luiz Palha)*

Abra-se, porém, uma cortina sequer lá do Norte, e de lá se deixe voar o temporal... e o vento esbravejado das nossas terras de florestas virgens arrasta furioso o desassossego em suas asas.

Começa o Rio a enrugar a face com ondazinhas de quem quer levemente brincar... O vento sopra... e as ondas tênues se vão tornando em vagas cada vez mais fornidas... Ouve-se um ciciar de queixas... São as águas em prece misteriosa implorando ao vento que as deixe tranquilas, na mansidão de um repouso merecido.

O vento sopra...

E o Araguaia se encapela de instante a instante... Brancas espumas aparecem salteadas no rebuliço do azul agitado, espumas de uma raiva mal contida.

Sopra o vento...

Vagalhões se assoberbam. Já vai longe a placidez de a-pouco na mansidão do remanso. É o "banzeiro" que se levantou desenfreado, pinoteando qual Exército de Cavalaria estrepitosa que rui num ataque feroz contra inimigo ferrenho.

Campeia o banzeiro.

Malgrado o furor que ostenta nestas horas de agitação, assim mesmo é belo o Rio dos diamantes. Esquece-se de que é Rio e tenta imitar o Oceano em fúria. E deveras evocam a majestade das ondas de um pego<sup>(10)</sup> revolto, essas vagas gigantes coroadas de alvinitente<sup>(11)</sup> espuma, amontoadas em fileiras cerradas e quebrando-se fragorosas na praia de neve do formoso Rio.

---

<sup>10</sup> Pego: redemoinho. (Hiram Reis)

<sup>11</sup> Alvinitente: de um branco brilhante. (Hiram Reis)



A areia ringe e soluça, parece de se ver açoitada pelas lâminas branqueadas do “banzeiro” araguaiano. Em travessão ruidoso se transformou o Rio todo. Ai! Da montaria temerária que o “banzeiro” agarrar! Ai! da ubazinha ligeira que o “banzeiro” prender!

O Rio então já não é mais o caminho suave e bom, a “*estrada molhada*” como o apelidam às vezes os sertanejos poéticos, é cadeia de montanhas movediças por onde não mais deslizam os barquinhos alígeros <sup>(12)</sup>.

É fera indomável de escancaradas faces ávida de tragar uma presa. Lindo é ver-se nesses instantes de luta, a montaria afoita, quando guiada por amestrado piloto, se aventura nas vagas. Qual poldro <sup>(13)</sup> bravio se põe a “*upar*” <sup>(14)</sup>... Cada vaga que cresce é novo pulo elegante do barco saltador.

Não assim a ubá. Como o Índio que a ideou a tosca barquinha nada entende de reviravoltas, se não sabe adaptar a situações difíceis. Enquanto a montaria galga célere as ondas que a acometem, a ubá corta certa o vagalhão que o “banzeiro” lhe atira.

Aí reside o perigo, pois quando a vaga mais alta assim é partida, despeja de ambos os lados no frágil casquinho o furor do “banzeiro”. Inevitável naufrágio! Bem hajam os pilotos adestrados das regiões do Norte! Sem reserva os admiro. “*Pegar o jacuman*” <sup>(15)</sup> é arte de responsabilidade magna e de admirável mérito.

Quantas vezes eu os vi, os pilotos paraguaianos, nos “*travessões*” enraivados, nas “*cachoeiras*” mortíferas,

---

<sup>12</sup> Alígeros: velozes. (Hiram Reis)

<sup>13</sup> Poldro: potro. (Hiram Reis)

<sup>14</sup> Upar: pinotear, corcovear. (Hiram Reis)

<sup>15</sup> Pegar o jacuman: pilotar uma canoa ou ubá. (Hiram Reis)

ou nos subitâneos <sup>(16)</sup> “banzeiros” guiar os batéis <sup>(17)</sup> fragilíssimos das nossas regiões, com um requinte de habilidade a deixar-nos n’alma sincera admiração. Um simples pranchear ligeiro do remo que empunham e lá salvou-se a “ubá” sem defesa.

Quando se avoluma o “banzeiro”, que aprimorada destreza manifestam esses hábeis pilotos em preservar da “maresia” <sup>(18)</sup> a incauta ubazinha! Na verdade é missão delicada a dos pilotos do Araguaia.

O remeiro nada tem com a fúria ou a mansidão das águas; rema sempre para a frente, acelera ou retarda o compasso das vogas ou do remo ao talante <sup>(19)</sup> do piloto. Rema tão só para a frente.

E até no forte do banzeiro e até no furor das correntes, o sossego, a confiança nos não desampara, quando em viagem pelo formoso Araguaia, temos no leme, da embarcação, “ubá” que seja, habilitado piloto. Tudo dele depende na manobra do barco.

E veio-me como um sonho... Na vida há “banzeiros” das adversidades, há “travessões” das críticas empresas; bem vezes o vento das desgraças encapela o sereno perpassar de existências. Feliz de quem sabe no timão da sua alma o Piloto sagrado da Fé e do Amor a Nosso Senhor Jesus Cristo. Falando como os nossos ribeirinhos araguaianos, poderíamos dizer quiçá:

*Feliz de quem tem no jacuman <sup>(20)</sup> da sua inteligência a Santa Igreja de Jesus... Não teme a labuta... Não há de recear sequer “banzeiros” nem vendavais. (PALHA)*

---

<sup>16</sup> Subitâneos: repentinos. (Hiram Reis)

<sup>17</sup> Batéis: pequenas embarcações. (Hiram Reis)

<sup>18</sup> Maresia: agitação das ondas. (Hiram Reis)

<sup>19</sup> Talante: arbítrio. (Hiram Reis)

<sup>20</sup> Jacuman: pequeno remo, que serve de leme nas canoas. (Hiram Reis)

## **Natal da Minha Terra** **(Euclides Cavaco)**



*Conservo em meu coração,  
Uma aldeia de Portugal,  
Que foi meu berço de infância  
E tem tão grande importância,  
Nas tradições do Natal.*

*Eu recordo com saudade,  
A Terra por mim amada,  
Hoje de mim tão distante,  
Onde era significativa,  
A noite da consoada <sup>(21)</sup>...*

*Nesta aldeia bela e simples,  
Como é diferente este dia!  
Nele se esquecem ofensas,  
Congraçam-se as indiferenças,  
Voltando à doce harmonia.*

*Ai que saudades que sinto,  
Do Natal na minha aldeia,  
Onde ao redor da lareira,  
Se unia a família inteira,  
À luz tosca da candeia...*

*Como é terno alimentar,  
Esta suave lembrança,  
Como era o dia de ceia  
E o Natal na minha aldeia,  
Nos meus tempos de criança!*

---

<sup>21</sup> Consoada: ceia familiar da noite de Natal. (Hiram Reis)

## ***O Navegador***

Falei da dinâmica do projeto, do treinamento, de soberania, de novas propostas em virtude de fatores externos alheios à nossa vontade, do irmão Guaíba e, para concluir esta apresentação inicial, gostaria de falar do navegador que se propõe a realizar esta empreitada.

É difícil alguém falar de si mesmo, por isso, selecionei o texto das professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra, do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre que, certamente, vislumbraram verdades que eu talvez não quisesse admitir e captaram com maestria invulgar o sentimento que me invade ao retornar àquelas plagas tão queridas e de saudosas lembranças.

### ***O Desafio de Hiram***

#### ***Paixão e Vida pela Amazônia***

Uma travessia. Uma aventura. Não sabemos bem. Talvez apenas um homem comum tentando entender aquilo que é humano, mas tão doloroso.

Talvez uma perda tentando se transformar em vida.

Quem sabe um encontro consigo, com seu passado. Quem sabe uma tentativa de reunir forças para seguir uma viagem solitária muito mais difícil que o solitário Desafio contra o Rio-Mar.

Conviver durante anos com o Coronel Hiram nos permite ir pensando sobre alguns dos motivos que o levam à Tabatinga. Mas, ainda assim, um certo mistério permanece. Muitos foram os viajantes que relataram suas impressões e vivências acerca do Brasil e da Amazônia:

*Entre os viajantes que visitaram o Brasil, deixando testemunhos escritos sobre o que viram, ouviram, leram e refletiram estão representantes diplomáticos, cultivando relações políticas e econômicas; naturalistas, exploradores e cientistas, deslumbrados com a nossa flora e fauna; homens de negócio, vislumbrando lucros; artistas, que souberam captar o elemento novo, a situação diversa, os traços e os passos da brasilidade em formação; religiosos, missionários que se dedicaram, sobretudo, à população Aborígine; capelães de missões europeias; profissionais liberais; Oficiais das FFAA; técnicos; geógrafos; aventureiros; governantas; pintores; artesãos; jornalistas; foragidos; engenheiros, médicos e também educadores que enfrentaram grandes distâncias tentando transmitir às crianças brasileiras a educação europeia. (AUGEL, 1980)*

Se pensarmos nos viajantes que relataram o Brasil a partir de suas profissões, dos interesses que orientaram seus olhares e impressões, o Coronel Hiram constitui um observador diferenciado. Não é o militar, não é o professor, ou o pesquisador que rumam à Amazônia. Quem vai a Tabatinga talvez seja um homem apaixonado pela vida e pela experiência de ter vivido em meio a essa região momentos pessoais e familiares intensos e inesquecíveis. Seu olhar sobre a região é terno. Repleto de lembranças.

Não há laboratórios, governos, grupos de pesquisa que pretendam lançar novos produtos no mercado financiando sua viagem. Há o homem, sujeito histórico do seu tempo com suas preocupações enquanto cidadão, brasileiro, com suas paixões e com suas histórias de vida. Este desafio conta com a particularidade deste olhar pronto para reconhecer paisagens já visitadas; audaz o suficiente para estranhar e admirar o novo; humilde no respeito à natureza e aos humores do Rio-Mar; humano para reconhecer o outro em seu espaço e se permitir viver a humanidade que nos traga a permanente experiência de nos escrever.

Histórias de viajantes são tidas como olhares estrangeiros contando a realidade que divisam ou divisavam. Neste momento, temos vários olhares estrangeiros vislumbrando a Amazônia e suas particularidades – fauna, flora, população, histórico. Mas quantos brasileiros estão envolvidos no projeto de se permitir navegar pelas águas da região e, imersos nas preocupações de brasileiro, visam falar das suas observações e dizer da importância desta região para nós e para o mundo?

Quantos olhares brasileiros viajam e conseguem voz para dizer de suas visões? É possível que esse homem encontre outros brasileiros remando pelas águas da região e some estas vozes aos seus relatos. Também é possível que viaje solitário e encontre refúgio apenas nas populações ribeirinhas. Mas, eis um projeto de um brasileiro – “navegar e se deixar navegar pelo Amazonas”.

Para nós, pesquisadoras, o Coronel Hiram não é um viajante. Não é um estrangeiro que pretende relatar ao mundo como é o Brasil. É um brasileiro, alguém que vive neste País e que permanecerá nele terminada sua navegação. Que precisa discutir, como todos os brasileiros, as questões da região Norte. Portanto, para nós, ele é um navegante. Alguém que nos traz informações, que observa, que vê, que olha. Que aprende e que ensina. Alguém que se modificará nas águas da Amazônia. E que nos reciclará com sua navegação.

Percebendo as particularidades e singularidades dessa navegação é que as professoras responsáveis pelo Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre decidiram se inserir nesse projeto juntamente com os discentes integrantes do referido clube. (Professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra)

**Soneto**  
**(Junqueira Freire)**



*Arda de raiva contra mim a intriga,  
Morra de dor a inveja insaciável;  
Destile seu veneno detestável  
A vil calúnia, pérfida inimiga.*

*Una-se todo, em traiçoeira liga,  
Contra mim só, o mundo miserável.  
Alimente por mim ódio entranhável  
O coração da terra que me abriga.*

*Sei rir-me da vaidade dos humanos;  
Sei desprezar um nome não preciso;  
Sei insultar uns cálculos insanos.*

*Durmo feliz sobre o suave riso  
De uns lábios de mulher gentis, ufanos;  
E o mais que os homens são, desprezo e piso.*

## **Carvajal e Orellana, 1541/1542**

*Si bien escrita sin arte, es el reflejo fiel de sus propias impresiones y de lo que presenci  y el único documento que hasta ahora se conoce de aquel memorable suceso.*

(José Toribio Medina)

*Otros, sin Orellana, han levantado semejante hablilla de Amazonas después que se descubrieron las Indias, y nunca tal se ha visto ni se ver  tampoco en este Río. Con este testimonio, pues, escriben y llaman muchos Río de las Amazonas, y se juntaron tantos para ir all .*

(Francisco López de G mara)

### **Gaspar de Carvajal**

Gaspar de Carvajal nasceu no ano de 1504, na pequena cidade de Trujillo, na Extremadura espanhola. Em 1537 partiu para o Peru com dez outros frades da Ordem dos Pregadores, também conhecida como Ordem dos Dominicanos. Em 1538, como Vigário Provincial de Lima, fundou o primeiro convento dominicano da América. Em 26 de dezembro de 1541, Pizarro determinou que Orellana que descesse o Rio Coca, em busca de provisões, Carvajal o acompanhou. Quase nove meses depois, em 11 de setembro de 1542, chega à ilha de Cubagua, onde tomou conhecimento da morte do Bispo Valverde pelos índios da Puna e a de Francisco Pizarro pelos índios do Chile. Esses fatos o levaram a não retornar com Orellana   Espanha, seguindo para Lima. Em 1544, ocupou o cargo de Vice-Prior do convento de Lima e, em 1548, Prior do convento de Cuzco, de onde foi enviado para Tucuman, com o título de protetor dos  ndios. Em 1557 foi eleito Provincial de sua ordem no Peru e, em 1575, encaminhou ao Rei um documento solicitando-lhe que zele pela prote o e defesa dos  ndios.



## Francisco Orellana



Francisco de Orellana nasceu, em 1511, também, em Trujillo. Parente de Francisco Pizarro participou das conquistas de Lima, Trujillo e Cuzco. Quando soube que as cidades de Cuzco e Lima estavam sitiadas pelos Índios partiu, imediatamente, em socorro de Francisco Pizarro. Em 1538 fundou a cidade de Santiago de Guayaquil sendo nomeado Capitão General e Tenente de Governador. Nela permaneceu dois anos, até ser chamado por Gonzalo Pizarro, irmão de Francisco, para acompanhá-lo na sua jornada ao "País da Canela" e do "El Dorado".

### A Narrativa

A crônica do frade dominicano Carvajal é pesada, repetitiva e de difícil entendimento. São raras as informações a respeito da fauna, da flora e costumes Indígenas. É específico, apenas, quando se refere às Amazonas. Extrapola, nos números, quando se refere a quantidade de nativos que habitavam as margens dos Rios ou que enfrentaram pelo caminho, exagera no estado de beligerância, em que seus habitantes viviam e, na hostilidade aos viajantes. Ao mesmo tempo em que nos fala da exuberância da floresta na qual não havia "fome e miséria", pois a "natureza era a principal fonte de subsistência" os espanhóis enfrentavam privações de toda ordem e chegaram a comer os próprios cintos e as solas dos sapatos. Só conseguiam se alimentar quando eram abastecidos por tribos amigáveis ou tomavam de assalto as aldeias.

Não se pode considerar sua "Relação" como um documento histórico, pois o frade estava mais preocupado em impressionar o Rei de Espanha e transformar Orellana e seus companheiros de viagem em heróis de uma épica jornada do que ser fiel aos fatos.

### **O "El Dorado" e o "País da Canela"**



Esta Expedição, como tantas outras antes e depois dela, foi motivada pela lenda do "El Dorado" e do "País da Canela", regiões de riquezas incomensuráveis que os espanhóis julgavam existir na Amazônia. Conta-nos meu grande Mestre e Amigo do CMPA, Altino Berthier Brasil na sua obra "Desbravadores do Rio Amazonas":

*Em fevereiro de 1541 partiu de Quito uma grande Expedição Espanhola com a missão de apossar-se do País de Canela e de procurar o legendário Rei Dourado, que o gentio localizava no Oriente Andino. O comando foi dado a Gonçalo Pizarro, irmão de Francisco Pizarro, conquistador do Peru. Compunham-na 220 espanhóis a cavalo, 4.000 Índios, 2.000 lhamas, 4.000 porcos e 1.000 cães. Grande quantidade de material era transportado: abastecimento de boca, pólvora, munição, arcabuzes e bestas.*

*Conforme entendimentos anteriores, Pizarro esperava a chegada de um reforço à sua coluna, que tinha partido de Guayaquil sob o comando de seu parente e amigo Francisco de Orellana. Por uma razão que se desconhece, Pizarro partiu de Quito antes da chegada de seu convidado. Constatado o fato, Orellana não vacila. Com seus 30 homens, segue os passos de Gonçalo Pizarro, adentrando-se nas misteriosas terras de Hatun Quijos.*

*Quer alcançar o chefe o quanto antes. Mas a incursão de Orellana se revestiu de verdadeiro calvário. Duríssimo foi o contato com a Cordilheira, suas nevascas e tormentas. Depois de percorrer 30 léguas e de haver perdido pelo caminho todos os cavalos, roupas, bestas e arcabuzes, a Expedição acabou alcançando Pizarro na localidade de Muti. Foi um raro momento de alegria, que durou muito pouco.*

*Na tarde do dia seguinte, o Céu escureceu e a terra começou a tremer, abrindo enormes crateras. A noite foi infernal. O vulcão Chimborazo começou a vomitar fogo, logo seguido pelos seus outros irmãos daquela família vulcânica. Os expedicionários, que jamais haviam visto antes um terremoto ou um vulcão em erupção, enchem-se de pavor. Os Índios dispersam-se, os cavalos relincham, os porcos se perdem e o material ficou esparramado no fundo das crateras. Na região de Papallacta, a 6.000 m de altitude, uma tempestade de neve mata 100 Índios em um só dia. [...]*

*Chuvas pesadas e contínuas apodrecem as roupas dos espanhóis. Florestas virgens se antepõem ao passo do homem, sendo necessário abrir o caminho a facção. Umidade permanente, fome, febres, mosquitos, vampiros, jaguares, serpentes e aranhas venenosas convertem aquele Território em um autêntico Inferno Verde. Cada passo adiante que dá a Expedição de Pizarro, é uma conquista; cada metro, uma vitória. Ainda hoje, quatro séculos decorridos, nenhuma outra Expedição se atreveu a cumprir a mesma rota. Gonzalo Pizarro encontra, afinal, o vale da Canela. Fica, contudo, decepcionado já que os raquíticos arbustos não passavam de uma espécie inferior, sem valor comercial. Quanto ao Rei Dourado, nem sinal. A Expedição progride lentamente. O número de Soldados enfermos aumenta a cada dia.*  
(BRASIL)

## A Separação



Pizarro, em busca de suprimentos, permanece explorando a bacia do Rio Napo, enquanto seu fiel escudeiro Orellana desce pelo Rio Coca com o mesmo objetivo. As buscas infrutíferas de Pizarro esgotaram seus suprimentos forçando-o, por fim, a retornar a Quito com 80, dos 220, espanhóis que o haviam seguido. A Amazônia cobrava um alto tributo àqueles que a desafiavam e cobçavam.

Relata-nos Carvajal:

*Aí acabaram os povoados, e como já íamos muito necessitados, com falta de comida, mostravam-se todos os companheiros muito descontentes e falavam em voltar, não seguindo mais para diante, porque se tinha notícia de que havia um grande trecho despovoado. Vendo o Capitão Orellana o que se passava e a grande penúria em que todos estavam, tendo por sua vez perdido já tudo o que possuíam, pareceu-lhe que não seria honroso voltar depois de tantos prejuízos.*

*Dirigiu-se, portanto, ao Governador, dizendo-lhe que aí deixaria o pouco que possuía e seguiria Rio abaixo.*

*Que se a sorte o favorecesse, de modo que achasse nas proximidades comida com que todos se pudessem remediar, disso daria pronto conhecimento, e que se tardasse, não se preocupasse o Governador, mas voltasse para trás, para onde houvesse comida e ali o esperasse três ou quatro dias ou o tempo que lhe parecesse melhor, e se ele não chegasse, que não fizessem caso. Concordou o Governador em que ele fizesse como lhe aproovesse.*

*Tomou consigo o Capitão Orellana a 57 homens, com os quais se meteu na embarcação que construía e em algumas canoas que haviam tomado aos Índios, começando a descer o Rio com a intenção de volver logo que encontrasse víveres. Mas tudo saiu ao contrário do que todos pensávamos, pois não descobrimos comida num percurso de 200 léguas, nem nós a encontramos, padecendo por isso grandes necessidades, como adiante se dirá. E assim íamos caminhando, suplicando a Nosso Senhor que houvesse por bem guiar-nos naquela jornada, de maneira que pudéssemos volver aos nossos companheiros.*

*Dois dias depois que partimos e nos apartamos dos nossos companheiros, quase nos perdemos no meio do Rio, porque o barco bateu num pau e quebrou uma tábua, de modo que, se não estivéssemos perto da terra, ali acabaríamos a nossa jornada. Mas remediamos de pronto, tirando água e pondo-lhe um pedaço de tábua, e logo recomeçamos nosso caminho muito pressurosos.*

*E como o Rio corria muito, andávamos a vinte e a vinte e cinco léguas, porque o Rio ia caudaloso, pelos muitos outros Rios que nele desaguavam pela mão direita, para os lados do Sul. Viajamos três dias sem nenhum povoado.*

*Vendo que nos havíamos apartado do local onde tinham ficado os nossos companheiros, e que havia acabado o pouco que trazíamos como mantimento para nossa viagem tão incerta como a que fazíamos, confabularam o Capitão e os companheiros sobre a dificuldade em que nos achávamos, e a volta, e a falta de comida, porque, como pensávamos regressar logo, não medimos o comer. Confiados que não poderíamos estar longe, resolvemos prosseguir, e como nem no outro dia nem no imediato se encontrasse comida ou sinal de povoado [...].*

*Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aflição e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos de dois males aquele que ao Capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o Rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. (CARVAJAL)*

### **Nativos Amigáveis**

O cronista descreve os povos Indígenas como seres de hábitos e costumes bárbaros, frequentemente exagerando nos relatos. Em contrapartida mostra os heroicos espanhóis como instrumentos de "civilidade" e pretensos "salvadores de almas".

Os relatos são carregados de um tenso dualismo, um conflito entre as forças do bem e do mal. O cronista reafirma a superioridade do castelhano e considera os Nativos como presas fáceis do demônio, almas que teriam de ser resgatadas.

O "entendimento", por parte dos Caciques, do discurso de Orellana, era motivado mais pela pólvora dos arcabuzes do que pela pretensa fluidez, do Capitão, na língua nativa, tão propalada por Carvajal. Narra Carvajal:

*Avistando-os o Capitão, pôs-se na barranca do Rio e na sua língua, pois um pouco os entendia, começou a falar com eles e a dizer que não tivessem temor e que se chegassem, que lhes queria falar. E assim chegaram dois Índios até onde estava o Capitão, que os amimou e lhes tirou o medo e lhes deu o que tinha, dizendo-lhe que fossem chamar o Chefe, que lhe queria falar, e que o mesmo nenhum receio tivesse de que lhe viesse a fazer algum mal.*

*Tomaram os Índios o que lhes foi dado e logo foram dar o recado ao seu Senhor, que veio logo mui vistoso aonde estavam o Capitão e os companheiros, que o receberam muito bem e o abraçaram, mostrando o próprio Cacique sentir grande contentamento pela boa recepção que se lhe fazia. Logo mandou o Capitão que lhe dessem de vestir e outras coisas, com as quais ele muito se alegrou, e depois ficou tão contente que disse ao Capitão que visse de que tinha necessidade, que ele lhe daria, ao que o mesmo lhe respondeu que apenas o mandasse prover de comida, que de nada mais precisava.*

*E logo o Cacique mandou que os seus Índios trouxessem comida, e com muita presteza trouxeram abundantemente o que foi necessário, de carnes, perdizes, perus e pescados de muitas qualidades. Muito agradeceu o Capitão ao Cacique e lhe disse que fosse com Deus e que chamasse a todos os senhores daquelas terras, que eram 13, porque queria falar a todos juntos e dizer o motivo da sua vinda.*

*Embora dissesse que no dia seguinte viriam todos, e que ele os ia chamar, ficou o Capitão dando ordens sobre o que convinha a ele e aos seus companheiros, dispondo sobre as vigílias para que, tanto de dia como de noite, houvesse muita cautela para que os Índios não nos atacassem nem houvesse descuido ou frouxidão por onde tomassem ânimo para nos acometer de noite ou de dia.*

*No dia seguinte, ao cair da tarde, veio o Cacique trazendo consigo três ou quatro senhores, que os outros não puderam vir por estar longe, e que no outro dia viriam. Recebeu-os o Capitão como ao primeiro e lhes falou longamente da parte de Sua Majestade, e em seu nome tomou posse da terra; e assim o repetiu com os outros que vieram depois a esta Província, que, como disse, eram treze.*

*Vendo o Capitão que estavam em paz consigo os senhores e gente da terra, satisfeitos com o bom tratamento, tomou posse da mesma em nome de Sua Majestade. Isto feito mandou reunir os seus companheiros, para falar-lhes sobre o que convinha à sua jornada e salvamento e às suas vidas, fazendo-lhes um longo discurso, animando-os com grandes palavras. Terminado este arrazoamento, ficaram todos muito contentes por ver a boa disposição do Capitão e com quanta paciência sofria ele os trabalhos em que estava, e também lhe disseram muito boas palavras e com as que o Capitão lhes dizia andavam tão alegres que não sentiam o trabalho que faziam.*

*Depois que os companheiros se refizeram tanto da fome e trabalhos passados, vendo o Capitão que era necessário providenciar para o futuro, mandou chamar todos os seus companheiros e lhes tornou a dizer que bem viam que com o barco e canoas que levávamos, se Deus fosse servido guiar-nos até ao Mar, neles não podíamos sair com segurança. Era, portanto, preciso procurar com diligência fazer outro bergantim, que fosse de maior porte, para que pudessemos navegar [...] (CARVAJAL)*

### **Nativos Hostis**

*Ao meio dia os nossos companheiros já não podiam remar e íamos todos alquebrados pela noite mal passada e pela guerra que os Índios nos faziam. O Capitão, para que a gente tomasse um pouco de repouso e comesse, mandou que aportássemos em uma ilha despovoada, que estava no meio do Rio.*

*Apenas começamos a cozinhar a comida, vieram canoas em grande quantidade e três vezes nos atacaram, de tal maneira que nos puseram em grande abertura.*



*Vendo os Índios que pela água não nos podiam desbaratar, resolveram acometer por terra e por água, porque, como havia muitos Índios, havia gente para tudo. Vendo o Capitão o que os Índios ordenavam, resolveu não os esperar em terra, embarcando e fazendo-se ao largo no Rio, porque pensava ali defender-se melhor.*

*Começamos a navegar, sem que os Índios nos deixassem de seguir e dar combate, porque destas aldeias se tinham reunido mais de 130 canoas, nas quais havia mais de 8.000 Índios e por terra era incontável a gente que aparecia.*

*Entre esta gente e canoas de guerra andavam quatro ou cinco feiticeiros, todos pintados e com as bocas cheias de cinza que atiravam para o ar, tendo nas mãos uns hissopes, com os quais atiravam água no Rio, à maneira de feitiços, e depois de contornar os nossos bergantins, chamavam a gente de guerra, e logo começavam a tocar seus tambores e cornetas e trombetas de pau, e com grande gritaria nos atacavam. Mas os arcabuzes e balestras, depois de Deus, eram o nosso amparo.*

*Levaram-nos deste modo até meter-nos em angustura de um braço de Rio. Aqui nos puseram em grande aperto, e tamanho, que não sei se algum de nós escaparia, porque nos tinham preparado uma emboscada em terra e dali nos abarcavam.*

*Determinaram-se os da água a exterminar-nos, e já estavam muito perto de nós. Vinha adiante o Capitão-General, muito destacado como homem. Um dos nossos companheiros, chamado Fernão Gutierrez de Celis, fez pontaria nele e lhe deu um tiro de arcabuz no meio do peito e o matou. Logo a sua gente desmaiou e acudiram todos a ver o seu Senhor, e nesse meio tempo conseguimos sair para o largo do Rio.*

*Mas ainda nos seguiram durante dois dias e duas noites, sem nos deixarem repousar, que tanto durou para sairmos das terras desse grande Senhor Machiparo, e que, no parecer de todos, teria mais de oitenta léguas, todas povoadas, que não havia de povoado a povoado um tiro de besta, e as mais distantes, não se afastavam mais de meia légua, e houve aldeias que se estendiam por mais de cinco léguas sem separação de uma casa para outra, o que era coisa maravilhosa de ver.*

*Como íamos de passagem e fugindo, não tivemos oportunidade de saber o que havia terra adentro. Mas segundo a sua disposição e aspecto, deve ser a mais povoada que já se viu. Diziam-nos os Índios da Província de Apária que havia um grandíssimo Senhor terra adentro, para o Sul, que se chamava Ica, e que ele possuía grandes riquezas de ouro e prata, notícia que tivemos por certa e muito boa.*  
(CARVAJAL)

## **Amazonas**

*A lenda das Amazonas guerreiras percorreu todas as regiões celestes. Ela pertence àqueles círculos uniformes e estreitos de sonhos e ideias em torno dos quais a imaginação poética e religiosa de todas as raças humanas e todas as épocas gravita quase que instintivamente.*

(Alexander von Humboldt)

Carvajal afirma que mesmo cansados, doentes e debilitados em suas forças, em função de carência alimentar e da extenuante jornada pelo Rio-Mar os 59 homens derrotaram as Amazonas. As temidas Índigenas, hábeis no manejo do arco e da flecha, bem nutridas, formosas e adestradas para guerra, foram derrotadas por um punhado de espanhóis fracos e famélicos. Relata Carvajal:

*Havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma cidade murada, com a sua cerca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas torres com as suas janelas, as torres com portas que se defrontavam, cada porta com duas colunas. Toda esta obra era sustentada sobre dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras. Havia no meio desta praça um buraco por onde deitavam, como oferenda ao Sol, a chicha, que é o vinho que eles bebem, sendo o Sol que eles adoram e têm como seu Deus.*

*Era esse edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o Capitão e nós todos de tão admirável coisa. Perguntou o Capitão a um Índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o Índio respondeu que eles são súditos e tributários das Amazonas, e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaios para forrarem os tetos dos seus oratórios. Que as povoações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua Senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres.*

*Encontrou-se também nessa praça uma casa muito pequena, dentro da qual havia muitas vestimentas de plumas de diversas cores, que os Índios usavam para celebrar as suas festas e bailar quando se queriam regozijar diante do já referido pranchão, e ali ofereciam seus sacrifícios com a sua danada intenção. [...]*

*Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os Índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das Amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze.*

*A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os Índios como Capitães, e lutavam tão corajosamente que os Índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam.*

*Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez Índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho.*

*Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os Índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados com farto dano de suas pessoas. [...] Perguntou o Capitão como se chamava o senhor dessa terra, e o Índio respondeu que se chamava Couynco, e que era grande senhor, estendendo-se o seu senhorio até onde estávamos.*

*Perguntou-lhe o Capitão que mulheres eram aquelas que tinham vindo ajudá-los e fazer-nos guerra. Disse o Índio que eram umas mulheres que residiam no interior, a umas sete jornadas da costa, e por ser este senhor Couynco seu súdito, tinham vindo guardar a costa. [...]*

*Disse o Índio que as aldeias eram de pedra e com portas, e que de uma aldeia a outra iam caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância com guardas, para que não possa entrar ninguém sem pagar direitos.*

*[...] Ele disse que estas Índias coabitam com Índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam ou o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra.*

*Disse mais que entre todas estas mulheres há uma Senhora que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual senhora se chama Conhorí. Disse que há lá imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais e de maneira possuem um serviço todo de ouro ou prata, e que as mulheres plebeias se servem em vasilhas de pau, exceto as que vão ao fogo, que são de barro.*

*Disse que na capital e principal cidade, onde reside a Senhora, há cinco casas muito grandes, que são oratórios e casas dedicadas ao Sol, as quais são por elas chamadas caranaí, e que estas casas são assoalhadas no solo e até meia altura e que os tetos são forrados de pinturas de diversas cores, que nestas casas tem elas ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do Sol.*

*Andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas das do Peru. Seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos peitos para baixo, o busto descoberto, e um como manto, atado adiante por uns cordões. Trazem os cabelos soltos até ao chão e postas na cabeça coroas de ouro, da largura de dois dedos. (CARVAJAL)*



Imagem 15 – Jornada de Orellana

## Privações

*A fome já os pressionava tanto que se viram obrigados a comer couro, fitas e solas de sapatos cozidos com algumas ervas; e muitos estavam tão fracos que nem conseguiam ficar de pé. Para conseguir comida, quando a embarcação parava, alguns de quatro e outros apoiados em bengalas, iam para a floresta em busca de raízes para aplacar a fome, mas como não as conheciam, muitos foram envenenados e estavam à beira da morte, "porque eram loucos e não tinham juízo".*

(Gaspar de Carvajal)

*Demorou-se nesta obra quatorze dias, de contínua e ordinária penitência, pela muita fome e pouca comida que havia, pois só se comia o que se mariscava à beira d'água, que eram uns caracóis e uns caranguejos vermelhinhos, do tamanho de rãs. [...] Daí saímos no dia oito do mês de agosto, bem ou mal providos, segundo as nossas possibilidades, pois nos faltavam muitas coisas de que carecíamos. Mas como estávamos em lugar onde não as podíamos obter, passávamos os nossos trabalhos como melhor podíamos.*

*Fomos à vela, guardando a maré, bordejando de um e outro lado, sendo muito largo o Rio, embora fossemos entre ilhas, pois não estávamos em pequeno perigo quando esperávamos a maré.*

*Como não tínhamos âncoras, estávamos amarrados a umas pedras. Mantínhamo-nos tão mal que nos sucedia muitas vezes garrar e voltar Rio acima em uma hora mais do que tínhamos andado no dia todo. Quis nosso Deus, não olhando para os nossos pecados, tirar-nos destes perigos e fazer-nos tantas mercês que não permitiu que morrêssemos de fome nem padecêssemos naufrágio, do qual estivemos muito perto muitas vezes, já todos n'água e pedindo a Deus misericórdia. (CARVAJAL)*

### **Foz do Amazonas (26.08.1542)**

*Sáimos da boca deste Rio por entre duas ilhas, separadas uma da outra por quatro léguas de largura do Rio, e o conjunto, como vimos acima, terá de ponta a ponta mais de cinquenta léguas, entrando a água doce pelo Mar mais de vinte e cinco léguas. Cresce e mingua seis ou sete braças. (CARVAJAL)*

### **Nova Cadiz**

*Aportamos na ilha de Cubágua e cidade de Nova Cadiz, onde encontramos nossa companhia e o pequeno bergantim, que chegara dois dias antes, porque eles chegaram a nove de setembro e nós a onze, no bergantim grande, onde vinha o Capitão. Tanta foi a alegria que uns e outros recebemos, como não posso descrever, pois eles nos tinham por perdidos e nós a eles. [...] Desta ilha resolveu o Capitão ir dar contas a Sua Majestade deste novo e grande descobrimento, o qual temos que é o Marañón, porque há desde a foz até à ilha de Cubagua 450 léguas, porque assim o vimos depois que chegamos. (CARVAJAL)*



# **Pedro Teixeira 1637/1639**

## **ANNAES HISTORICOS**

**DO ESTADO**

**DO**

**MARANHAÕ,**

**EM QUE SE DÁ NOTICIA DO SEU DESCOBRIMENTO, E TUDO O MAIS QUE NELLE  
TEM SUCCEDIDO DESDE O ANNO EM QUE FOY DESCUBERTO ATÉ O DE 1718:**

**OFFERECIDOS**

**AO AUGUSTISSIMO MONARCA**

**D. JOÃO V.**

**NOSSO SENHOR.**

**ESCRITOS**

**POR**

**BERNARDO PEREIRA DE BERREDO,**

**Do Conselho de S. Magestade, Governador, e Capitão General, que  
foy do mesmo Estado, e de Mazagão.**

**SEGUNDA EDIÇÃO.**



**MARANHAÕ.**

**TYPOGRAPHIA MARANHENSE. ANNO DE 1829.**

*Rua do Egypto casa n. 19.*

**Impresso por A. J. da Cruz.**

*Imagem 16 – Annaes Históricos (BERREDO)*



**667.** Foi a primeira providência para adianta-la e que segurou bem a fortuna de todas, a nomeação de Comandante na pessoa de Pedro Teixeira com a Patente de Capitão Mor e todos os poderes de General do Estado; elegeu também ao mesmo tempo por Mestre de Campo ao Capitão de Infantaria António de Almeida de Azambuja com uma das três Companhias de que se compunha aquele corpo a Filippe de Matos Cotrim no posto de Sargento Mor que já tinha ocupado na Capitania do Pará a Pedro da Costa Favella e a Pedro Bayão de Abreu em Capitães de Infantaria e recebidas logo as últimas ordens partiu Pedro Teixeira para a Cidade de Belém onde tomou porto em 25 do mês de Julho <sup>(22)</sup>.

**668.** Com a chegada deste Comandante se divulgou a fama da sua Expedição que alterou de sorte todos aqueles moradores que os Ministros do Senado da Câmara se viram obrigados a representar logo ao Governador com toda a eficácia os inconvenientes que se seguiam dela pedindo-lhe quisesse deferi-la para melhor tempo porque faltando no presente as principais forças para defesa da Capitania, nas que se achavam nomeadas para acompanhar a Pedro Teixeira, lhes ficava na oposição dos inimigos tão perigosa a liberdade como a mesma honra; pois bem sabia ele que os argumentos militares se decidiam quase sempre no conceito dos homens só pelos sucessos e já com a justiça de que estava pendente na superior instância esta prudente súplica, requereu o Senado ao Capitão Mor Aires de Sousa, que até a sua positiva resolução suspendesse a viagem, mas desenganadas todas as esperanças de diverti-la com a resposta de Jacome Raimundo, se lhe deu princípio em 28 de outubro tendo ajudado muito para os seus apreços os cabedais do mesmo Comandante generosamente distribuídos.

---

<sup>22</sup> Ano 1637. (BERREDO)

**669.** Saiu Pedro Teixeira da Capitania do Cameté (23) onde formou aquele corpo com dezesseis canoas guarnecidas de setenta Soldados e maior número de trezentos Índios que cresceu a mais de novecentos com os que foi tirando das Aldeias domésticas e o das embarcações a quarenta e cinco e os Oficiais de graduação eram os que já ficam referidos excetuando o Mestre de Campo António de Almeida de Azambuja que por motivos particulares desistiu da empresa, mas ocupou o seu lugar com, a Patente de Coronel, Bento Rodrigues de Oliveira.

**670.** Com tão pequenas Forças intentou este Comandante uma ação tamanha, porém que muito, se instruídas todas do seu mesmo espírito as julgava só pela qualidade, desatendendo o número que ainda sendo ele tão acanhado se foi diminuindo todos os dias já com as doenças já com as fugidas dos Índios remeiros, mas quando tudo eram apertados exames da sua constância saía sempre deles com maiores créditos e continuando a sua derrota pelo famoso Rio das Amazonas [intitulado então S. Francisco de Quito] para refazer-se do trabalho dela se alojou em 4 de dezembro em uma Ilha grande a que deu o nome das Areias onde o deixarei descansando no seu mesmo cuidado até que me chame a relação de novos sucessos no lugar a que tocam por não interromper a inalterável ordem da minha História.

**671.** Neste tempo tinha já chegado à Cidade de S. Luiz a melancólica notícia de que saído do Recife de Pernambuco duas naus Holandesas comandadas pelo Sargento Mor Gusman casado com uma Portuguesa na Povoação do Rio Grande se pusera ele sobre a Fortaleza do Ceará guarnecida só de trinta e dois homens de que era Capitão Bartholomeu de Brito

---

<sup>23</sup> Camutá: antigo aldeamento dos Camutás, hoje Cameté. (Hiram Reis)

com as forças de trezentos e quarenta Soldados e seiscentos e cinquenta Índios da sua aliança e que com o ataque de nove horas valorosamente disputado a escalara naquele mesmo dia por uma total falta de munições de guerra, depois da morte de oito Portugueses e outros tantos feridos todos muito bem vingados mas Jácome Raimundo achando sempre o desafogo das suas aflições na constância do ânimo o dispunha com militar acordo para a oposição dos inimigos sem fazer caso da sua vizinhança, mais que para o cuidado.

**672.** No exercício deste e no da sua Expedição do descobrimento das Amazonas o achou ainda o novo ano de 1638, mas em 27 de janeiro se viu acometido de outros maiores com a chegada de Bento Maciel Parente que levando o despacho do Governo do Estado recebeu logo a posse dele

**673.** Tinha muitos serviços Bento Maciel, e ajudados da negociação os fez tão relevantes, que além deste emprego, obteve a mercê do foro de Fidalgo a de Cavaleiro, do hábito de Cristo e a de perpétuo Senhor e Donatário da Capitania do Cabo do Norte, por Doação de Felipe IV de Castela de 14 de junho do ano passado expedida pelo Ministério de Portugal com a honrosa cláusula de que todos os seus herdeiros e sucessores na Capitania se chamariam Macieis Parentes, usando das armas que por tais lhes tocavam debaixo da cominação <sup>(24)</sup> de que faltando algum a esta observância passaria logo a sua sucessão a quem diretamente pertencesse como se fosse morto como tudo consta do seu mesmo Cartaz, registrado no livro segundo da Provedoria do Pará onde se acha demarcada a tal Capitania na forma seguinte:

---

<sup>24</sup> Cominação: ameaçar com pena ou castigo. (Hiram Reis)

**674.** *Hei por bem, e me praz de lhe fazer como com efeito faço, por esta presente Carta irrevogável Doação entre vivos valedoura, deste dia para todo o sempre, de juro e herdade para ele e todos os seus filhos netos herdeiros e sucessores que após ele vierem assim descendentes como transversais e colaterais [segundo adiante irá declarado] das terras que jazem no Cabo do Norte com os Rios que dentro delas estiverem que tem pela costa do Mar trinta e cinco até quarenta léguas de distrito <sup>(25)</sup> que se contam do dito Cabo até o Rio de Vicente Pinzón, aonde entra a repartição das Índias do Reino de Castela e pela terra adentro, Rio das Amazonas arriba da parte do Canal que vai sair ao Mar oitenta para cem léguas até o Rio dos Tapuyaussús com declaração que nas partes referidas por onde acabaram as ditas trinta e cinco ou quarenta léguas da sua Capitania se construirão marcos de pedra e estes marcos correrão via reta pelo Sertão adentro e bem assim mais serão do dito Bento Maciel Parente e seus sucessores as Ilhas que houver até dez léguas ao Mar na fronteira demarcada das ditas trinta e cinco ou quarenta léguas de costa da sua Capitania as quais se entenderão medidas via reta e entrarão pelo Sertão e terra firme dentro pela maneira referida até o Rio Tapuyaussús e daí por diante tanto quanto puderem entrar e forem da minha Conquista, etc...*

**675.** Não sei na verdade com que justo título à vista deste testemunho tão irrefragável [não falando já no da demarcação de Carlos V que precedeu a esta mais de um século] pretendia ainda a Coroa de França que atropelados os notórios limites de Vicente Pinzón se contassem os da sua Colônia de Caiena pelo grande Rio das Amazonas ficando neles compreendida toda

---

<sup>25</sup> Distrito: divisão territorial administrativa portuguesa de categoria superior à de Município. (Hiram Reis)

a banda do Norte com tanto prejuízo dos vastos Domínios Portugueses, mas o certo é que a grandeza dos Príncipes raras vezes costuma sustentar-se só dos cabedais <sup>(26)</sup> próprios.

**676.** Com a chegada do Governador Bento Maciel se decidiram todas as dúvidas sobre as administrações dos Índios forros <sup>(27)</sup> que tinham sido uma das matérias mais debatidas na Capitania do Pará com tanto perigo do sossego dela como já deixou referido nos sucessos passados porque atendendo a Corte de Madri assim a estes como a outros muitos inconvenientes e ao mesmo tempo à utilidade pública na concessão das mesmas graças [como lhe mostravam as suas experiências nas Índias Castelhanas com grandes interesses do rebanho Católico] foram permitidas por resolução de 8 de junho de 1625, e se empenhadas negociações dilataram ainda a sua Expedição até o despacho de Bento Maciel ele as venceu todas com grande glória sua.

**677.** Levava ele muito recomendada a devassa do procedimento do seu antecessor na introdução ao Governo do Estado na qual não entrou imediatamente ou porque o seu não parecia apaixonado na aceleração ou porque com esta não ficasse a verdade com menos pureza, mas depois de alguns dias fazendo só escrúpulo da sua omissão em matéria tão grave mandou conhecer dela e por sentença de 10 de abril foi julgado por não Governador, declaradas por nulas todas as suas Provisões e remetido preso para Portugal onde se revogou a mesma sentença na superior instância com fundamentos menos justificados porque ainda que Jacome Raimundo merecia bem aquele lugar pelas boas partes de que se compunha a sua pessoa e alegasse também que para

---

<sup>26</sup> Cabedais: bens, haveres, riqueza. (Hiram Reis)

<sup>27</sup> Índios forros: Nativos livres, alforriados. (Hiram Reis)

a sucessão fora o primeiro nomeado nas vias como estas nunca apareceram no Maranhão nem outro documento para a eleição do Senado da Câmara de S. Luiz, que o da sua desordem sempre o castigo era o melhor exemplo.

**678.** Durava ainda o emprazamento <sup>(28)</sup> do Capitão Mor do Grão Pará Luiz do Rego de Barros, quando o sucedeu no Governo do Estado Bento Maciel e escusando-se Aires de Sousa Chichorro da substituição do seu lugar a encarregou ele a seu cunhado Feliciano de Souza e Menezes que no dia 17 de abril entrou no exercício desta ocupação, aonde o levou mais a paixão da estreita afinidade que o impedimento de Luiz do Rego, porque se o Governo de Jácome Raimundo de Noronha se julgou por intruso também ficava nulo o procedimento da sua suspensão.

**679.** Deixei o Capitão Mor Pedro Teixeira na Ilha Grande das Areias [uma das do maior de todos os Rios] já no fim do ano passado e continuando no presente a mesma viagem com trabalhosa navegação principalmente pela sua incerteza na falta de guias [porque os dois Religiosos Leigos e os seis Soldados Castelhanos <sup>(29)</sup> não tinha seguido outro algum rumo mais que o do seu destino] desesperado o sofrimento dos Tapuias remeiros determinavam deserta-lo quando fazendo ele as últimas provas da valentia do seu ânimo os persuadiu a que a levavam já vencida, tendo apenas chegado ao meio dela, como depois mostraram as próprias experiências.

**680.** Bem conheceu, contudo, este Comandante que necessitava de maiores esforços para confirmá-los

---

<sup>28</sup> Emprazamento: contrato pelo qual um senhorio transfere para outra pessoa o seu domínio útil em troca de uma pensão anual. (Hiram Reis)

<sup>29</sup> No ano de 1638. (BERREDO)

em tão alegres esperanças porque de outra sorte ao mesmo tempo as desvaneceria brevemente com a total ruína de todas as suas e para consegui-lo, em 27 de fevereiro, adiantou da sua conserva com oito canoas o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira que pela sua muita capacidade ajudada da prática da terra e do seu idioma [por ser natural do Brasil] conservava também geral estimação entre aqueles bárbaros a qual sabendo ele nesta ocasião desempenhar com todos depois de atropelar os maiores perigos chegou, com efeito, dia do Precursor da nossa Redenção o soberano Bautista ao porto de Payamino primeira povoação de Castelhanos sujeita à Província dos Quixos, jurisdição de Quito, oitenta léguas desta Cidade que principiou logo a marchar vencendo as asperezas das suas montanhas.

**681.** O Capitão Mor Pedro Teixeira seguia sempre as suas popas pelos avisos que lhe iam deixando nos portos que largava e alentados todos com tamanhos esforços se congratularam cada dia por conta já de que era aquele o último dos seus grandes trabalhos quando também o mesmo Comandante tomou em 3 de julho as aprazíveis praias de um formoso Rio que sabe da Província dos Encabelados povoado todo de Índios rebeldes pela aleivosa morte do Capitão João de Palacios referida já no lugar a que toca e parecendo-lhe acomodado sítio para segurar a sua retirada depois de postar nele a maior parte das suas Tropas [encarregadas ao Capitão Pedro da Costa Favella com a assistência do Capitão Pedro Bayão de Abreu] foi continuando com poucos Companheiros a mesma derrota que levava até Payamino onde desembarcou em 15 de agosto de 1638.

**682.** Neste lugar achou as canoas do Coronel Bento Rodrigues de Oliveira com as alegres novas da sua jornada que seguindo logo pelos mesmos passos

com um total desprezo das asperezas e esterilidade do País que lhes dificultavam chegou à Cidade de Baeça onde foi socorrido por ordem já da Real Audiência de Quito que executou tão generosamente o seu Comissário que se chamava N. Pinto que não satisfeito de dispendir só o cabedal alheio gastou muito do próprio assim na profusão da hospedagem de oito dias assistida sempre de plausíveis festejos como na abundância de mantimentos para todo o caminho em que não mostrou menos a grandeza de ânimo e montados já os Portugueses em cavalos e mulas subiram desta Povoação em 14 de outubro se 1638.

**683.** Com poucas jornadas chegou Pedro Teixeira à Aldeia de Pupas, doutrina de religiosos Franciscanos junto da qual havia também uma Povoação de Castelhanos onde o esperava o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira com todo o Corpo do seu destacamento depois de ter gozado por muitos dias dos regalos de Quito, e aqueles moradores para darem mais evidentes provas do seu contentamento nas muitas festas com que receberam aos novos hóspedes entrou a de touros, que correram dois dias acrescentando a generosidade de permitirem aos nossos Índios que matassem todos com as suas flechas o que fazendo eles com grande destreza se multiplicavam os aplausos do povo.

**684.** Já em Baeça, tinha Pedro Teixeira recebido Cartas de D. Affonso Peres de Salazar, Presidente da Real Audiência de Quito do Bispo daquela Diocese e dos Prelados principais das Religiões com os parabéns da singular vitória que havia conseguido na sua jornada e vivas expressões dos alvoroços com que o esperavam para a festejarem com as demonstrações que ela merecia, e vendo-se agora cinco léguas só da mesma Cidade, avisando-a da sua



vizinhança lhe chegou logo a cortesã resposta de que continuando a sua marcha fizesse alto no Santuário de Nossa Senhora de Guapúlo que fica na distância de meia légua para as formalidades da sua entrada, mas estava ela tão impecavelmente prevenida que ocupando o sítio assinalado com toda a boa ordem da disciplina militar revestidos de Capas de Asperges os Sacerdotes daquele templo o receberam com o sagrado Hino do "*Te Deum Laudamus*" acompanhado da sonora harmonia de um grande número de instrumentos e vozes e conduzindo-o pelo meio dela para a Capela Mor onde achou uma rica cadeira de veludo carmesim franjada de ouro com almofadas da mesma qualidade depois de fazer devota oração lhe puseram patente, com a mais reverente solenidade, a Imagem milagrosa que se reбуçava com seis véus.

**685.** Entre as adorações daquela sagrada escultura, pelo que figurava, admiraram também os Portugueses a ciência do artífice na formosura dela e saindo da Igreja Pedro Teixeira para continuar o seu caminho achou junto da porta excelentes cavalos com preciosos jaezes <sup>(30)</sup> onde montando logo a maior parte dos seus Soldados celebraram muito os Castelhanos a destreza de todos, mas pouco se tinha adiantado quando teve maiores fundamentos para a sua glória porque encontrou a nobreza de Quito ricamente vestida cortejando o Tribunal da Câmara que em corpo de cerimônia lhe deu os parabéns da sua chegada por uma discreta Oração cheia de elogios que recitou um dos seus Ministros.

**686.** Era o Presidente deste Tribunal D. João Vazques da Cunha, Cavalheiro do hábito de Calatrava, e tendo já posto a Pedro Teixeira no melhor lugar dele, com as últimas cláusulas das boas vindas o foi enca-

---

<sup>30</sup> Jaezes: conjunto das peças com que se adornam animais de carga, de tração ou de montaria. (Priberam dicionário)

minhando para a Cidade na qual cresceu de sorte o festivo concurso de um e outro sexo que se fez trabalhoso o despejo das ruas para a passagem de tamanho triunfo até a Real Audiência que é o Supremo Tribunal do Reino de Quito que obedece ao Governo geral do Peru e entrando nele, bem assistido de cortejos, os acrescentou muito o seu Presidente porque saindo alguns passos da sua cadeira [que se cobria de um custoso dossel de veludo carmesim guarnecido de ouro] depois de o abraçar com afetuosas demonstrações engrandeceu com elegantes termos a heroicidade da ação tratando-a também como parto legítimo do valor Português para maior glória de Pedro Teixeira ao qual conduzindo para outra casa se esteve informando pelo espaço de mais de uma hora de todos os sucessos do seu descobrimento mas não o divertindo este cuidado do que devia ter na acomodação de tão honrados hóspedes ao mesmo tempo que os despediu a recomendou muito a quem pertencia.

**687.** Como fez logo este Ministro um maduro conceito do muito que convinha ao serviço do Príncipe e utilidade pública a conservação de um tal descobrimento consultou os meios de facilitá-la ao Vice Rei Conde de Chinchon por um Expresso que lhe despachou no seguinte dia com a relação e carta hidrográfica de toda a jornada e continuando aqueles moradores nas demonstrações do seu contentamento nenhum houve que o não ratificasse pelo mais empenhado porém encarecendo todos a ação com maiores honras as das Religiões se distinguiram tanto que cada uma delas ofereceu com fervoroso zelo os operários mais virtuosos para o trabalho de tão inculca vinha.

**688.** Não pararam ainda nestas atenções os Castelhanos, porque passando muito mais adiante os aparatos delas, correram touros por alguns dias e depois

cavalladas e para que as noites não interrompessem os divertimentos houve também em todas excelentes músicas e danças com umas gerais iluminações e fogos de artifício demonstrações honrosas a que corresponderam com tanta igualdade as que se seguiram que nenhuma deixou de publicar a merecida glória da Nação Portuguesa.

**689.** Chegou então a esperada resposta do Conde de Chinchon, que atendendo bem ao perigoso estado em que considerava o do Maranhão com a vizinhança dos Holandeses ordenou por despacho, de 10 de novembro de 1638, que a Armada Portuguesa abundantemente fornecida de munições de guerra e boca voltasse ao Pará pelo mesmo caminho que tinha levado, acompanhada só de duas pessoas das de melhor opinião para que como testemunhas de vista pudesse granjear a sua relação na Corte de Madri o mais inteiro crédito e ao Capitão Mor Pedro Teixeira escreveu uma Carta tão cheia de honras que conheceu sem dúvida aquele Fidalgo que só seria o prêmio do seu merecimento.

**690.** A disposição da escolha de sujeitos consternou os ânimos da maior parte dos moradores daquela Cidade, porque engolfados nas suas delícias [que fazia ainda muito mais lisonjeiras o natural amor da Pátria] já considerando cada um que era dos nomeados para a jornada receavam todos preocupados do susto ou acabar a vida nos perigos dela ou infamar a honra na escusa, mas com total desprezo de umas apreensões tão pouco generosas, havendo contudo alguns do primeiro caráter que a desejavam como fortuna grande, se sinalou bem no meio deles o Corregedor D. João Vasques da Cunha [Tenente de Capitão General da mesma Cidade e de nobreza conhecida que também estimava como Portuguesa] porque a oferta da sua pessoa acrescentou com

heroica liberalidade a de toda a fazenda que possuía para levantar gente e mais despesas que fossem necessárias para tamanha empresa e ainda que saiu escusada esta pretensão com o justo motivo da importante falta que ficava fazendo no exercício dos seus empregos, lhe adquiriu merecidamente a imortalidade da memória.

**691.** Não foi admitida a generosa pretensão de D João Vasques mas quando os Ministros da Real Audiência entre as mais pessoas em que reconheciam capacidade e nas que se ofereciam deviam fazer a eleição que lhes parecesse mais conveniente atendendo só nela ao serviço do Príncipe em apaixonada irresolução consumiam o tempo sem outra utilidade que a dos aprestos da mesma Expedição nos quais é força que os deixe já nos últimos dias do presente ano para seguir no que se continua a ordem desta minha História.

**692.** No dia 17 de abril de 1638, foi encarregado do Governo da Capitania do Grão Pará Feliciano de Sousa e Menezes, como já fica referido, porém, passando da presente vida dentro de pouco tempo sem nos deixar memória que possa merecê-la lhe sucedeu de novo Aires de Sousa Chichorro, em 9 de novembro de 1638, não se querendo já aproveitar o seu grande zelo das forçosas razões que não havia ainda sete meses o tinham obrigado à demissão do mesmo lugar e depois daquelas primeiras ações com que deu princípio Bento Maciel do Governo do Estado, é esta a única notícia que se nos recomende em todo ele na rigorosa ordem da cronologia além da jornada de Pedro Teixeira que vai também seguindo a que lhe pertence.





*Imagem 17 – Expedição de Pedro Teixeira (Sociedade Militar)*



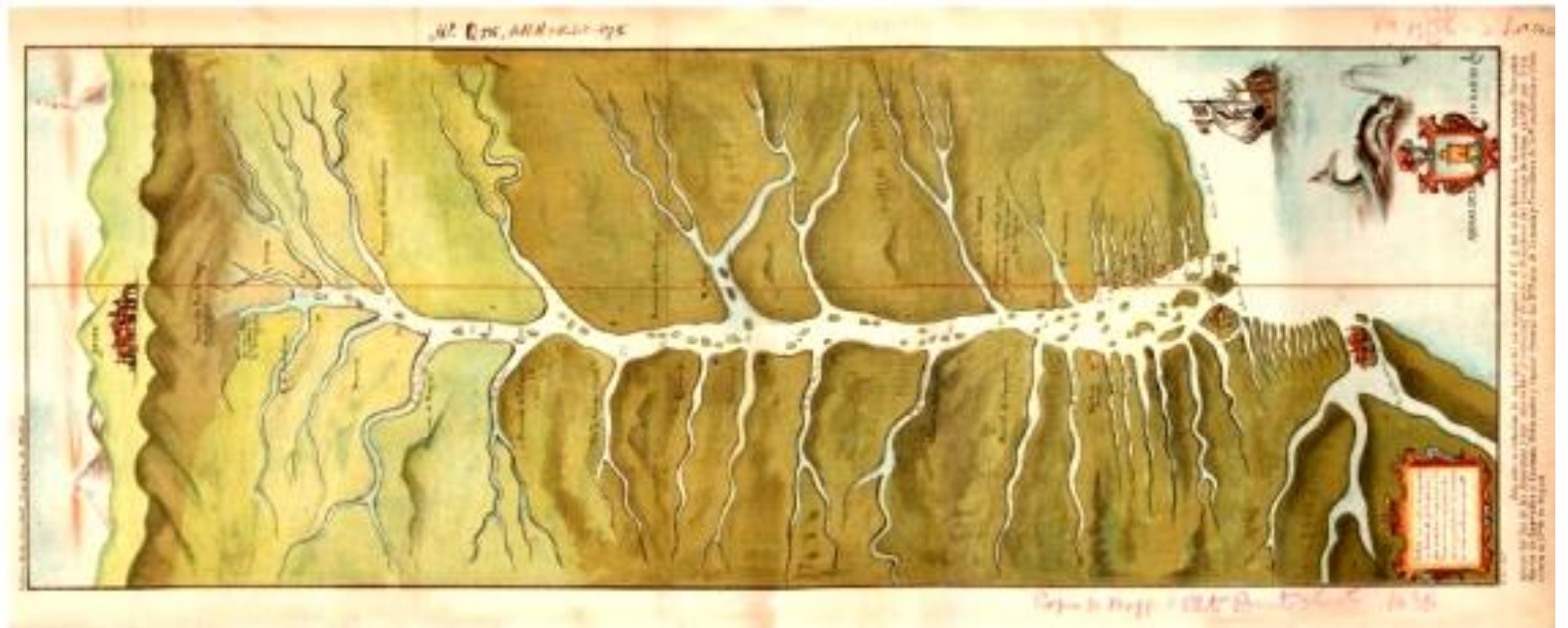


Imagem 18 – Rio Amazonas (Bento da Costa, 1638)



## Livro X

### Sumário

Sai da Cidade de Quito o Capitão Mor Pedro Teixeira acompanhado dos Padres Christoval de Acuña e André de Artieda religiosos da Companhia de Jesus. Origem certa do famoso Rio das Amazonas. Continua sua viagem Pedro Teixeira até se incorporar com o destacamento do Capitão Pedro da Costa Favella. No mesmo sítio assenta os limites das duas Coroas e vai seguindo a sua derrota até a Província dos Cambebas. Especial notícia destes Índios. Continua-se na mesma jornada com a informação de todos os Rios até a Cidade de Belém do Pará. Chega a ela Pedro Teixeira e passa logo à de S. Luiz do Maranhão. [...]

**693.** Sucedeu o ano de 1639 em que se achava já pronto o Capitão Mor Pedro Teixeira para se pôr em marcha mas continuando as contradições na Cidade de Quito sobre a nomeação dos dois sujeitos que haviam de segui-lo, se dilatava ainda a sua última Expedição até que o Fiscal da Real Audiência Belchior

Soares de Poago, Ministro mui zeloso do serviço de Deus e do seu Príncipe, maduramente ponderando, que a Companhia de Jesus desempenharia por todos os princípios o acerto da escolha, propôs este discurso no mesmo Tribunal e merecendo ele uma uniforme aprovação se mandou logo comunicar ao Padre Francisco de Fuentes Provincial da mesma Companhia.

**694.** Estimou este exemplar Prelado como grande honra da sua sagrada religião o conceito que faziam dela uns tão doutos Ministros e tratando-o já como inspiração da alta providência elegeu prontamente para tamanho emprego o Padre Christoval da Acuña Reitor atual do Colégio de Cuenca irmão, do Corregedor D. João Vasques [parece que dispondo a Divina Justiça que os merecidos créditos que se usurparam à sua pessoa se restituíssem multiplicados ao seu mesmo sangue] e em segundo lugar o Padre André de Artieda, leitor de Teologia nos estudos de Quito, religiosos ambos de tantas letras como virtudes.

**695.** Com razão satisfeito do louvável acerto desta nomeação a entregou logo na Real Audiência que a recebeu com as honrosas demonstrações que constam bem da Provisão que lhe mandou passar e que se acha copiada na relação da mesma viagem que traslada o Padre Manoel Rodrigues no seu "*Marañón y Amazonas*"<sup>(31)</sup> e vencidos já todos os embaraços entrou Pedro Teixeira na sua nova empresa não só acompanhado dos Padres Christoval da Acuña e André de Artieda mas também por virtuoso impulso de uma vocação santa, dos Padres Frei Pedro de la Rua Cirne, Frei João da Mercê e Frei Diogo da Conceição e Superior dos três Frei Affonso

---

<sup>31</sup> Marañón y Amazonas: livro 2, capítulo 6, ano de 1639. (BERREDO)



de Armejo, religiosos da Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês dos quais morrendo o último e um dos companheiros no mesmo caminho foi depois Frei Pedro o seu Fundador nas Cidades de Belém do Pará e S. Luiz do Maranhão.

**696.** Pede o Padre Acuña, com a modéstia mais religiosa que se lhe dê inteiro crédito em todas as notícias da sua relação como testemunha ocular da maior parte delas e tão fidedigna pelas obrigações do seu estado o que merece de justiça pelo grande trabalho da sua indagação que não desautorizam os mais apurados exames da minha na correção de algumas porque sucede sempre tão somente naquelas que fiou a sua singeleza das menos verdadeiras informações dos bárbaros Tapuias.

**697.** Mas antes que as proas de Pedro Teixeira, heroicamente encaminhadas cheguem a romper segunda vez o prodigioso Mar das Amazonas que tributa a maior porção das suas águas à Monarquia Portuguesa nos mesmos Domínios desta minha História devo primeiro averiguar a sua certa origem porque ainda que ela por espaço de seiscentas léguas lhe fique sendo estranha pela sujeição, como acessório há de seguir o principal.

**698.** É o Rio das Amazonas o maior do Mundo descoberto e como só nesta indisputável asseveração se explica bem a sua grandeza, todos os mais hipócritas, para persuadi-la, ficam já viciosos. Tem o seu ilustre nascimento no Reino do Peru e fertilizando-lhe as melhores terras e povoações, lhe demanda cada uma delas os honrosos respeitos da maternidade com a ambição mais generosa.

**699.** Quer a Província Amena, ou Governo de Popayan, que nas vertentes do Mocoá tenha a

primeira fonte este supremo Príncipe de todos os Rios com a alcunha de Grão Caquetá [nome próprio de outro seu tributário] porém com uma presunção tão cheia de vangloria que a notória falta de fundamentos a deixa logo desvanecida porque não se comunicando as suas águas na larga distância de setecentas léguas quando se chegam a encontrar torcendo logo o curso o Grão Caquetá com reverente submissão reconhece bem a majestade do das Amazonas seguindo o aparato do seu grande cortejo.

**700.** Por outros argumentos pretende o Reino do Peru a mesma vaidade e com princípios mais aparentes ou menos fabulosos [especialmente na opinião do Padre Acuña] a oito léguas da Cidade de Quito nas faldas de uma cordilheira que divide da sua jurisdição o Governo dos Quixos ao pé dois montes junto dos quais e de duas lagoas que os regam nascem dois Rios caudalosos um chamado Guamaná e o outro Pulca, que com poucas léguas de caminho unem as suas águas e engrossando mais o cabedal delas com o de alguns seus feudatários, lisonjeados os naturais da sua grandeza lhe dão o título de Amazonas, que o Padre Acuña [assinalando a sua origem vinte minutos ao Sul da Linha] chama também o verdadeiro ou quando menos o que procuram como mãe todos os outros Rios, porém, seguindo eu os sábios documentos do Padre Samuel Fritz da mesma Companhia de Jesus mostrarei com clareza a sua legítima produção.

**701.** O famoso Rio das Amazonas, Orellana, Grão Pará ou Maranhão [nome este último que lhe dão os melhores Cosmógrafos desde o seu próprio berço, onde os naturais lhe chamam Apurimac] é certo que nasce no Reino do Peru, porém, da célebre Lagoa Lauricocla junto da Cidade de Guanuco dos Cavaleiros.

**702.** Até a Cidade de Jaem de Bracamouros se faz impraticável a navegação que principia dela na direção da de Borja, perto da qual tem um estreito prodigioso chamado Pongo [que quer dizer porta] vinte pés de largo e três léguas de comprimento talhado de uma penha de duzentas braças de elevação para cima da superfície da água e correm as suas com tão precipitado movimento que se não gasta na passagem mais de um quarto de hora, porém, pouco abaixo da boca espraia duas léguas com um grande fundo.

**703.** O Padre Samuel Fritz na breve "*Descrição Histórica*" que traz no fim da sua Carta Geográfica estende a largura do mesmo canal a vinte e cinco varas, mas é sem dúvida que ou padece equivocação esta sua memória ou a tirou de algumas menos verdadeiras porque se na jornada de Gonçalo Pizarro como referem sem disputa os seus escritores se lançaram vigas de uma a outra banda de que se formou ponte tão capaz que deu passo seguro a todas as tropas; esta operação que se pondera justissimamente por assaz trabalhosa na curta distância de vinte pés que lhe dá também António Galvão nos seus "*Descobrimientos do Mundo*" <sup>(32)</sup> na que lhe considera o Padre Samuel se deve tratar como impossível.

**704.** Caminha este Rio da sua origem até onde o Napo desemboca nele, de Sul a Norte, e daí por diante de Oeste a Leste em dilatados giros, vizinhos sempre da Equinocial dois, três, quatro e cinco graus e dois terços na maior altura; a largura ordinária é de uma, duas, três e quatro léguas; em algumas partes se restringe a menos, porém, comumente espraia muito mais. O fundo que também se perde

---

<sup>32</sup> Descobrimientos do Mundo, ano de 1540. (BERREDO)

várias vezes conserva quando pouco sete e oito braças desde as vizinhanças do seu nascimento e depois do espaçoso curso de mil oitocentas léguas Castellhanas entra já com oitenta e quatro de boca no maior Oceano do Cabo do Norte mas como a descrição deste dilúvio de águas pertence de justiça à viagem de Pedro Teixeira a deixo para ela.

**705.** No dia 16 de fevereiro saiu da Cidade de Quito este Comandante não pela estrada de Payamino, que lhe tinha sido tão trabalhosa mas por outra nova porta que descobriu a sua atividade pela Cidade de Archidona, até a qual lograda venturosamente a sua marcha chegou ao Napo Rio caudaloso com mais um só dia que a seguiu a pé por ser de inverno, que de verão a podia vencer a cavalo com menos incômodos e metendo-se a bordo das canoas que já o esperavam naquele mesmo sítio continuou a sua viagem até se incorporar com o destacamento de Pedro da Costa.

**706.** Tinha ele deixado a este Capitão com quarenta Soldados e muita parte dos Índios guerreiros nas terras da boca do Rio dos Encabelados, mas ainda que entre aqueles bárbaros seus Naturais conservou no princípio uma grande amizade como acusados do seu procedimento na traidora morte do Capitão João de Palacios <sup>(33)</sup>, se lhes fez logo escrupulosa, provocarão de novo as justas iras de Pedro da Costa com outra semelhante infidelidade porque debaixo de toda a singeleza desta boa harmonia lhe mataram três Índios e tomando as armas para a opposição da esperada vingança como tão merecida até já a tratavam com um total desprezo lisonjeados do poder formidável da sua Nação, porém, a Portuguesa que apurando sempre a sua constância no sofrimento das honrosas fadigas, lhe falta todo nas injúrias repu-

---

<sup>33</sup> Ano 1639. (BERREDO)

tando por tal os nossos Soldados o bárbaro insulto daqueles Tapuias na repetição da sua aleivosia foram tão severas as demonstrações para o castigo dela que depois de servir de importante despojo da vitória um considerável número dos seus cadáveres acrescentou-o muito o de mais de setecentos prisioneiros, porque ainda que destes romperam alguns as grossas cadeias agradeceram poucos à sua indústria a salvação das liberdades.

**707.** Contudo tão pouco escarmentou <sup>(34)</sup> a sua fezeza neste fatal estrago que logo refazendo-se de novas forças chegaram a reduzir a subsistência do Capitão Pedro da Costa a perigoso estado pela penúria de mantimentos, porém, ele depois de esgotar na sua pretendida reconciliação todos os meios da brandura, se empenhou de sorte nas hostilidades, que as que padecia, assim no seu alojamento, como na campanha, as deixava sempre recompensadas com avultados juro; mais já lhe saiam bem custosos nas largas fadigas de onze meses quando se viu restituído dos seus companheiros e celebrando-se reciprocamente a felicidade de umas e outras ações com os aplausos que mereciam foram preparados por todos para continuá-las.

**708.** Os primeiros Soldados Castelhanos que descobriram estes Índios lhes deram o nome de Encabelados por usarem de tão longos cabelos, assim os homens, como as mulheres, que a muitas destas lhes passavam abaixo dos joelhos; as suas armas ofensivas são agudos dardos de paus tão duros como o mesmo ferro. As casas de palmeira brava e o mantimento mais regalado o de carne humana que é o ordinário de todo o gentio daqueles Rios. Trazem contínuas guerras com as Nações vizinhas como su-

---

<sup>34</sup> Escarmentou: castigou. (Hiram Reis)

cede comumente a todos os Tapuias para fazerem pasto dos vencidos com lastimoso horror da própria natureza.

**709.** Neste mesmo campo que fica vinte léguas abaixo do Rio Aguaríco <sup>(35)</sup> chamado do "Ouro" <sup>(36)</sup> mas ainda à vista da sua mesma boca se dilatou o Capitão Pedro Teixeira por alguns meses que utilizou muito assim no castigo daqueles Tapuias como na fábrica de novas canoas por se acharem as mais das que deixou no porto dele com o Capitão Pedro da Costa despedaçadas pelos mesmos bárbaros e muitas das outras consumidas pelo uso e entendendo logo que era o sítio mais acomodado para fundar uma Povoação que também servisse de baliza aos domínios das duas Coroas conforme as instruções do seu Regimento depois de concordar neste parecer toda a sua Armada mandou formar o seguinte auto que se acha registrado nos livros da Provedoria de Belém do Pará e Senado da Câmara.

**710.** *Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1639, aos 16 dias do mês de agosto defronte das bocainas do Rio do Ouro estando aí Pedro Teixeira Capitão Mor por S. Majestade das entradas e descobrimento de Quito e Rio das Amazonas e vindo já na volta do dito descobrimento mandou vir perante si Capitães, Alferes e Soldados das suas Companhias e presentes todos lhes comunicou e declarou que ele trazia ordem do Governador do Estado do Maranhão, conforme o Regimento que tinha o dito Governador de Sua Majestade, para no dito descobrimento escolher um sítio que melhor lhe parecesse para nele se fazer Povoação, e por quanto a aquele em que de presente estavam, lhe parecia*

---

<sup>35</sup> Aguarico: em espanhol – água rica. (Hiram Reis)

<sup>36</sup> Marañon y Amazonas, livro 2, capítulo 10. (BERREDO)

*conveniente, assim por razão do ouro, de que havia notícia como por serem bons ares e campinas para todas as plantas, pastos de gados e criações, lhes pedia seus pareceres por quanto tinham já visto tudo o mais no descobrimento e rio; e logo por todos e cada um foi dito que em todo o discurso do dito descobrimento, não havia sítio melhor e mais acomodado e suficiente para a dita Povoação, que aquele em que estavam pelas razões ditas e declaradas. O que visto pelo dito Capitão Mor, em nome de El Rei Felipe IV nosso Senhor tomou posse pela Coroa de Portugal do dito sítio e mais terras Rios, navegações e comércios tomando terra nas mãos e lançando-a ao ar dizendo em altas vozes – "Que tomava posse das ditas terras e sítio em nome de El Rei Felipe IV, nosso Senhor, pela Coroa de Portugal, se havia quem a dita posse contradissesse ou tivesse embargos que lhe por, que ali estava o Escrivão da dita jornada e descobrimento, que lhes receberia, por quanto ali vinham religiosos da Companhia de Jesus por ordem da Real Audiência de Quito, e porque é terra remota e povoada de muitos Índios não houve por eles nem por outrem quem lhe contradissesse a dita posse pelo que eu Escrivão tomei terra nas mãos e a dei na mão do Capitão Mor e em nome de El Rei Filipe IV, nosso Senhor, o houve por metido e investido na dita posse pela Coroa de Portugal do dito sítio e mais terras Rios navegações e comércio, ao qual sítio o dito Capitão Mor pôs por nome a 'Franciscana', de que tudo eu Escrivão fiz este auto de posse em que assinou o dito Capitão Mor.*

*Testemunhas que presentes foram o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, o Sargento Mor Felipe de Matos Cotrim, o Capitão Pedro da Costa Favella, o Capitão Pedro Bayão de Abreu, o Alferes Fernão Mendes Gago, o Alferes Bartholomeu Dias de Matos,*

*o Alferes António Gomes de Oliveira o Ajudante Maurício de Aliarte, o Sargento Diogo Rodrigues, o Almojarife de Sua Majestade Manoel de Matos de Oliveira, o Sargento Domingos Gonçalves e o Capitão Domingos Pires da Costa, os quais todos sobreditos aqui assinaram com o dito Capitão Mor Pedro Teixeira e eu João Gomes de Andrade Escrivão da dita jornada, que o escrevi.*

**711.** Feita esta função com as solenidades referidas perto de mil e duzentas léguas da Cidade de Belém do Pará [que a tanto se estendem os vastos Domínios Portugueses na demarcação das Índias Castelhanas] continuou Pedro Teixeira a sua viagem até as Províncias dos Índios Abigiras, Jurussúnez, Zaporás e Yquitás que correm pela parte do Sul quase na altura de dois graus, defronte da dos Encabelados que caminha pelo mesmo rumo e encerradas já estas Nações entre o grande Rio deste nome e o de Curaray, na distância de quarenta léguas em que unem ambos as suas águas, acaba também a habitação daquele gentilismo.

**712.** Pela mesma banda do Sul, oitenta léguas mais abaixo do Rio Curaray desemboca no das Amazonas o de Tunguragua, que desce da Província dos Maynas com o nome usurpado de Maranhão, e arrogando no título a própria majestade, até se faria respeitar deste sendo seu legítimo soberano, se detendo ele algumas léguas antes o ordinário curso, lhe não deixasse politicamente consumir o grande cabedal das suas águas de que se alimenta tanta vangloria; porque empobrecido na profusão do largo Território de uma légua confessa logo vassalagem ao Maranhão ou Amazonas pagando-lhe também para merecer o perdão da sua rebeldia além do título comum o de muitos e regalados peixes de várias qualidades.





*Imagem 19 – Índio Cambeba (FERREIRA, 1971)*

**713.** Depois do exame deste grande Rio continuou a nossa Armada a sua derrota e na distância de sessenta léguas onde já cadáver o caudaloso Napo sepulta a sua fama no honroso túmulo das Amazonas entrou na Província dos Cambebas, que principia pela parte do Norte no Rio Huiray pouco abaixo da boca do qual está a Aldeia de S. Joaquim, sítio destinado para a fundação de uma Fortaleza por ser o mais conveniente pela capacidade do terreno depois da junção do Rio Napo, ainda que fique muito dentro da demarcação de Portugal.

**714.** Aos Cambebas chama o Padre Acuña [segundo também do Padre Samuel Fritz] Omáguas ou Máguas; é certo que equivocadamente por lhe trocar o nome pelo de outra Nação. A sua Província é a mais dilatada de todo o gentilismo porque compreende duzentas léguas de Longitude, porém, a Latitude não passa da dos Amazonas que ali é menos avultada e nas suas Ilhas que são muitas se acham situados todos estes Tapuias com habitação assaz incomoda pelas anuais inundações do Rio mas conservam-se nela só para viverem mais defendidos dos seus inimigos que são poderosos.

**715.** Alguns destes Índios se comunicaram por muito tempo com as Povoações do Governo dos Qui-xos donde pouco antes se tinham retirado queixosos do mau trato dos seus moradores e como incorporando-se com a sua Nação, na maior força dela, a instruíram naquela doutrina que pode tirar a sua fereza dos documentos Castelhanos, ficaram todos menos bárbaros.

**716.** Conservavam pela banda do Sul uma contínua guerra com várias Províncias sendo principal a dos Mayorunas; nação tão poderosa que não somente se defendia deles pela parte do Rio mas de outras muitas pela da terra e na do Norte não encontravam menos oposição nos Índios Ticunas porém hoje se acham quase todos domesticados.

**717.** Não se sustentam os Cambebas de carne humana e já naquele tempo se tratava um e outro sexo com algum recato porque suposto que da cintura para cima não usassem dele daí para baixo era menos a sua indecência por se cobrirem todos de uns panos curtos de algodão que teciam com suficiente curiosidade principalmente na eleição dos matizes como sucede ainda hoje no que mostram bem mais

racionalidade do que todos os outros que só se vestem da mesma natureza, alimentando também dela a brutalidade da sua gula.

**718.** Toda esta populosa Nação tem as cabeças chatas não por natureza mas sim por artifício por que logo que nascem lhes apertam entre duas tábuas pondo-lhes uma sobre a testa outra no cérebro e como se criam metidas nesta prensa crescendo sempre para os lados lhes ficam disformes, desproporção que procuram fazer menos horrível todas mulheres, rebuçando-a no modo possível, com a multidão dos seus cabelos.

**719.** Dizem que usam desta diferença tão especial para que sendo conhecidos por ela entre todos os brancos segurem a sua liberdade na distinção notória de não comerem carne humana, porém, que importa se são o seu flagelo porque não só insultam todas as vidas dos estrangeiros sempre que podem a seu salvo, mas nas maiores festas as do seus mesmos naturais que respeitam ou temem como mais valorosos fazendo-lhes delito de uma tal virtude e despedaçados a feridas uns e outros cadáveres, depois de lhes cortarem as cabeças [que penduram logo por troféus nas paredes das casas da sua habitação] os lançam ao Rio como escreve o Padre Acuña. A que se deve acrescentar a certa notícia, de que arrancam das mesmas caveiras todos os dentes com uma fleuma verdadeiramente a mais abominável e furando-os formam deles grandes gargantilhas que lhes servem de adorno. Agora se são estes os menos bárbaros, o que serão os outros?

**720.** Chegou Pedro Teixeira vencidas mais cento trinta e quatro léguas ao coração desta Província onde tomando porto em uma das suas Aldeias chamada hoje de S. Paulo [primeira Missão dos Portugueses

da incumbência dos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo] se deteve três dias e experimentaram todos no seu clima uma tal mudança que achando-se três graus ao Sul da Linha sentiram frio tão intenso como se estivessem nas terras do Norte, o que sucede comumente nos meses de junho, julho e agosto que é o seu inverno; irregularidade que tem o princípio natural de se coarem aqueles ares por uma grande serra coberta de neve que corre para a parte do Sul pelo Sertão adentro. Mas não é esta a maior maravilha quando nas vizinhanças da Cidade de Quito situada debaixo da mesma Zona Tórrida [porque não passa de meio grau escasso ao Sul da Linha] além de vários montes também cheios de neve, se acha o celebrado de Pichinche [um dos vulcões mais violentos de todo o Mundo] vistosamente revestido dos mesmos adornos como segundo Etna Todo o distrito de S. Paulo é muito abundante de cacau e tão excelente na qualidade que parece cultura da arte não logrando outra mais que a da natureza.

**721.** Dezesseis léguas mais abaixo à banda do Norte deságua o Putumayo chamado vulgarmente Içá desde a sua origem [que a tem nas serras da Cidade de Pasto] e bem conhecido por caudaloso no Governo de Popayan, porque antes de desembocar no das Amazonas se enriquece com os cabedais de trinta Rios sendo entre eles seus competidores na grandeza um braço do Grão Caquetá e o dos Secumbios. É grande a fama dos tesouros que guarda, porém, até agora ninguém se atreveu a examina-los temerosos todos da multidão bárbara do seu gentilismo.

**722.** Navegando mais cinquenta léguas da boca deste rio três graus e meio ao Sul das Amazonas lhe entra também o de Yutay [a que o Padre Acuña chama Yctaú] que nasce no Reino do Peru das

montanhas da Cidade de Cusco antiga Corte dos Reis Incas e tão encarecido pela notícia das suas riquezas nunca averiguadas como pela grandeza com que sustenta um imenso número de Tapuias que se compõem de oito Províncias de Nações diferentes.

**723.** Com a viagem deste dia saiu Pedro Teixeira das Povoações últimas dos Índios Cambebas e trinta e oito léguas mais abaixo do Jutaí pela mesma banda na altura de cinco graus chegou à boca do Rio Juruá habitado também de inumerável paganismo.

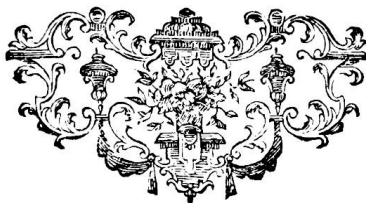
**724.** Continuou o mesmo rumo e na distância de vinte e oito léguas viu a grande Província dos Curirariz situada em terras muito altas, que seguindo sempre uma ribeira, corre o espaço de oitenta léguas pelas frondosas margens das Amazonas com Povoações naquele tempo tão multiplicadas que de uma a outra apenas se passavam quatro horas porém quase todas se achavam desertadas dos seus habitantes com as falsas notícias de que os Portugueses vinham matando e fazendo escravo todo o gentilismo.

**725.** Na Entrada de Pedro Teixeira se tinham resgatado na primeira Aldeia da mesma nação algumas pequenas pranchas de ouro que traziam os Índios penduradas dos narizes e orelhas, as quais avaliaram na Cidade de Quito vinte e um quilates e não se podendo então averiguar donde tiravam esta rica droga agora depuseram [de sorte recatando-a pelas reflexões que faziam já na ambição com que lhe pediam que só um levou duas das tais pranchas que lhe comprou o Padre Acuña] que defronte daquele mesmo sítio pela parte do Norte estava um Rio chamado Yurupaú pelo qual subindo até certa paragem de que também deram as confrontações se caminhava três dias por terra e chegando a outro por

nome Japurá se entrava por ele no de Yquiary, que era o de Ouro, mas bem pareceram de Tapuias umas informações tão especiosas porque tendo-se feito depois delas repetidas expedições nas fadigas deste descobrimento até hoje só pode conseguir-se na fantástica arrumação de todos os Mapas.

**726.** Quatorze léguas mais abaixo dois graus e meio ao Norte da Linha, entra o Japurá tão abundante de cacau como de baunilhas; quatro léguas ao Sul na mesma altura o de Tefé [a que o Padre Acuña dá nome de Tapy] povoados ambos de numerosa gentildade e vinte seis léguas adiante pela mesma banda o Rio Cuará um dos mais caudalosos que desembocam no das Amazonas, mas até agora se não tem navegado respeitando-se sempre o grande poder do seu gentilismo que se faz formidável.

**727.** Pouco mais abaixo corre o Marmiá e vinte e duas léguas da sua Povoação descansou cinco dias a nossa Armada na principal de todas, com tanta abundância de mantimentos, que se forneceu dos necessários para o resto da sua viagem com grande fortuna. Continuando pela parte do Norte fica o Cudajá e na distância de quarenta e duas léguas seguindo outra vez o rumo do Sul entra também no das Amazonas o rio Yanapuary com espaçosa boca de cristalinas águas. Ao Coary chama o Padre Acuña Catuá, ao Mamiá – Yoriná ao Cudajá – Araganatuba e ao último Cuxiguará [que o Padre Samuel na sua Carta Geografica nomea Cuchinará] todos tão abundantes de cacau como de Tapuias.







**728.** Sessenta léguas mais abaixo do Yanapuary quatro graus ao Norte desemboca o grande Rio Negro [onde temos hoje uma Fortaleza] comunicado já com outro caudaloso chamado Branco [que confina com Suriname, Colônia Holandesa] povoados ambos de muitas nações de gentilismo e algumas delas missionadas pelos religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, porém, sendo a mais populosa a dos Manáos, não admitiu até o presente a pregação do Santo Evangelho. Pouco adiante pelo mesmo rumo o rio Matary [Missão dos Padres Mercenários] que tem a sua fonte em uns formosos lagos, e ainda que não faz menção dele o Padre Christoval da Acuña, o conheceu bem o Padre Samuel, como se vê da sua Carta.

**729.** Correndo mais ao Sul da Linha na distância de quarenta e quatro léguas do Rio Negro segue o mesmo caminho o celebrado Madeira chamado assim pela muita que as suas furiosas inundações costumam arrastar depois de arranca-las das mesmas margens até com as raízes vendo-se entre ela cedros tão corpulentos que chegam a ter trinta palmos de roda e alguns ainda mais traz a sua origem do Reino do Peru e é tão povoado de gentio de diversas nações como de cacau.

**730.** Mais abaixo, pela parte do Norte, desemboca o de Saracá, depois de ter já desaguado nele o de Urubu [a que o Padre Acuña chama Barururú] habitado de muito gentio que se comunica com os Holandeses do Suriname, e a este último antepõem também o mesmo Padre [sem dúvida que equivocadamente] não só ao da Madeira, mas ainda ao Negro; o que observou bem o Padre Samuel na sua Carta Geográfica repartindo a cada um deles o lugar a que lhe toca.



**731.** Pouco adiante do Saracá correndo para a banda do Norte passou a Armada a boca do Rio Atumá e com mais um dia de viagem a dos Jamundazes ambos tão abundantes de pau cravo como de gentilismo. Nesta altura se deixou persuadir a singeleza do Padre Acuña [que também segue a do Padre Manoel Rodrigues] de várias novelas sugeridas todas por uns chamados Índios Tupinambás [que naquele tempo só tinham corpo grande no decantado Rio dos Tocantins e vizinhanças do Grão Pará] e foram entre elas as mais encarniçadas a da formosa Ilha, que intitulavam sua e a das Heroínas do famoso Rio das Amazonas celebradas com o mesmo apelido, segunda "*Ave Fênix*" das nossas idades para todos aqueles que caprichosamente quiserem impugnar a sua verdadeira etimologia na navegação do Capitão Francisco de Orellana referida já no lugar a que toca.

**732.** Setenta e duas léguas do Rio da Madeira pelo mesmo rumo na altura de dois graus e quarenta minutos deságua o das Trombetas, em outro estreito célebre das Amazonas que na distância de quatro léguas não excede a largura de tiro ordinário de artilharia, na boca da qual sustenta Portugal outra Fortaleza da invocação de Santo António que domina absolutamente a navegação daquele grande Rio e ao dos Trombetas tão cheio de gentio como de pau cravo, chama também o Padre Cunha Oriximiná.

**733.** Navegando mais quarenta léguas, à parte do Sul, entrou Pedro Teixeira na grande boca dos Tapa-jós, Rio tão aprazível como caudaloso que toma o nome da principal nação dos seus habitantes que além de serem todos muito guerreiros usam também de flechas ervadas e aportando numa das suas Povoações achou nela pelos resgates ordinários abundante refresco de carnes do mato aves peixes frutas e farinhas com um sumo agrado daqueles bárbaros

Tapuias que tratou alguns dias. A sua entrada é defendida de uma Fortaleza que conservamos há muitos anos, mas ainda que várias vezes se tenha intentado o seu descobrimento só pode conseguir-se até os primeiros rochedos, embaraçado sempre da oposição forte daquele gentilismo. Tem dilatadas matas de pau cravo e na eminência das suas montanhas se presumem riquíssimas minas, porém, até hoje só se descobrem nelas umas pedras muito pesadas que sendo de metal é de tão baixa qualidade que se exala todo na sua fundição.

**734.** Seguindo a Armada a sua viagem pelo mesmo Rio das Amazonas, ao Norte dele, avistou o de Sorubiú muito abundante de pau cravo passando ao Sul o do Curuá e voltando outra vez ao primeiro rumo na distância de pouco mais de quarenta léguas dos Tapajós o de Curupátuba, onde se acham muitas pedras de fino cristal oitavadas e triangulares e uns pântanos tão dilatados que se reputam pela Longitude de oitenta léguas checos todos de arroz de tão excelente qualidade como o de Veneza.

**735.** Mais abaixo atravessou a boca do rio Urubuçuára e pouco adiante a do Mapaú, o Sertão deste tão fértil de cacau e salsaparrilha, como o de ambos de gentilidade, alguma dela missionada hoje pelos religiosos da Piedade e de Santo António. Pela mesma banda viu logo o sítio do Parú, que defende outra Fortaleza, guarnecidas todas por destacamentos da Praça do Pará, e nas suas elevadas serras também se consideram preciosos tesouros.

**736.** Defronte deste sítio, já reduzido a Mar com o cabedal grosso de trinta e seis Rios o Príncipe de todos busca o Oceano, e desemboca nele pelo Cabo do Norte com uma oposição tão soberbamente generosa que disputando-lhe a própria natureza chega a

introduzir-lhes as suas águas pela distância de quarenta léguas com tão pouca mudança na doçura que os navegantes as aproveitam como regalo ainda quando lhes não dá o sabor a sua muita sede.

**737.** As correntes sempre precipitadas deste ilustre Rio se fazem invencíveis na subida a todo o gênero de embarcações que não sejam de remo e como nestas forças são as Portuguesas por aquela parte conhecidamente vantajosas às dos seus confinantes tanto na qualidade como também no número lhes fica sendo pouco custosa a conservação dele.

**738.** Apartado já Pedro Teixeira da navegação das Amazonas, continuou a sua pela banda do Sul e por um estreito que formam duas Ilhas entrou na boca do caudaloso Rio do Ningú [que o Padre Acuña chama Paranaíba] tão abundante de pau cravo como de gentio, muita parte dele já hoje missionada pelos religiosos da Companhia de Jesus sítio admirável para uma grande povoação com excelentes terras para engenhos de açúcar e outras muitas lavouras.

**739.** Com mais um dia de viagem chegou à Fortaleza de Santo António do Curupá, onde se deteve, e fazendo-se à vela pelo mesmo Rio do Xingu, o largou brevemente embocando o estreito de Tanajepuru, que o meteu no de Paraitau que deságua no Mar o qual costeando saiu por outro muito mais apertado [chamado hoje do Limoeiro] à espaçosa boca dos Tocantins, que deixando logo, o conduziu a outro novo estreito a que dão o nome de Igarapé mirim [que quer dizer caminho apertado de canoas] ao caudaloso Rio do Moju que sendo um dos três que formam a baía de Belém do Pará como já se veria na discrição da mesma Cidade, o recolheu nela com a jornada de oito dias depois de partir do Curupá, que é a ordinária desta navegação

**740.** Nestes Rios que não estão ainda de todo descobertos e em outros muitos que desaguam neles antes que entrem no das Amazonas há infinito número de Tapuias, que se alimentam de carne humana como já fica referido, vivendo também tanto como brutos em todos os mais usos da racionalidade, que se acaso fosse admitida nas escolas terceiras espécie dela, bem lhe podíamos considerar com fundamentos muito mais vigorosos, que os com que se negou aos da nova Espanha, pelo largo espaço de mais de quarenta anos, até o de 1537, que por Breve Apostólico, de 10 de junho, lhe declarou o santíssimo Padre Paulo III, habilitando-os para os Sacramentos porque na polícia do seu Governo nos mostram claramente repetidas histórias, que se achavam longe desta barbaridade, e senão leia-se como argumento o mais autorizado de todas elas, a do tão sábio como eloquente escritor D. António de Soliz, na famosa "*Conquista do Império Mexicano*".

**741.** Pelos sertões dos mesmos Rios se descobrem finíssimas madeiras, e além das drogas referidas se presumem outras muito mais preciosas principalmente na qualidade. Divididas pelas entradas deles, e nos que desembocam nas vizinhanças de Belém do Pará, conservamos hoje dezenove Aldeias destes Tapuias já domesticados, missionados pelos Religiosos da Companhia de Jesus, pelos do Carmo doze, pelos de Santo António, Conceição e Piedade quinze, e cinco pelos de Nossa Senhora das Mercês, com maior número de vinte mil almas.

**742.** Esta é sem dúvida a essencial descrição histórica e natural do supremo monarca de todos os Rios [desde o seu ilustre nascimento na célebre lagoa Lauricocha, até deixá-lo mais esclarecido na sepultura do Oceano] abraçando eu as notícias modernas que averigui pelos melhores práticos e

mais fidedignos, com uma exação tão escrupulosa, que com razão posso asseverar é só a verdadeira, e não indivíduo (<sup>37</sup>) outras tão diferentes como difusas informações para criticá-las, para não me afastar inutilmente da ordem com que escrevo.

**743.** Em 12 de dezembro, entrou Pedro Teixeira na Cidade de Belém do Pará, onde se celebraram as suas ações com tão públicas honras, que respeitaram bem o seu merecimento e não coube também pequena parte nelas aos seus companheiros; porque lograram todos nas aclamações daqueles moradores o mais precioso fruto de tamanhas fadigas sendo a mesma memória das primeiras instâncias com que intentaram impedir esta gloriosa Expedição a que as fez ainda muito mais estimáveis.

**744.** Viu-se Pedro Teixeira justamente gostoso entre os aplausos da Capitania do Pará, e a restituição da sua casa, mas para poder dar satisfação cabal aos encargos da sua Comissão, e melhor gozar da sua mesma fama na extensão dela, passou logo à presença do Governador Bento Maciel, que assistia ainda na Cidade de S. Luiz, e os Padres Christoval da Acuña e André de Artieda ficaram descansando na de Nossa Senhora de Belém, na qual os deixarei esperando monção e adquirindo o primeiro novas notícias para autorizar mais a relação de todas as suas na Corte de Madri enquanto vou seguindo a ordem dos sucessos, na informação dos do presente ano, que dilatei até este lugar, para não interromper a descrição do grande Rio das Amazonas quando não faltava aos rigorosos termos da cronologia.

**745.** Em 9 de novembro de 1639, tinha novamente sucedido, no Governo da Capitania do Pará, Aires de Sousa Chichorro, por falecimento do Capitão Mor

---

<sup>37</sup> Indivíduo: teorias, ideias, conceitos, hipóteses. (Hiram Reis)

Feliciano de Sousa e Menezes sacrificando já a sua obediência em obséquio do serviço do Príncipe e utilidade pública, mas em 26 do mês de abril deste presente ano o aliviou daquela ocupação, por Patente Real Manoel Madeira, que havia servido no Reino de Angola com muita distinção, e vendo Bento Maciel, que o conhecido préstimo do seu antecessor ficava sem emprego lhe conferiu logo o de Capitão Mor de Camutá, que entrou a servir dentro de poucos dias depois de recebida a nomeação.

**746.** Achou Manoel Madeira a Capitania em um geral sossego porém os Holandeses, que se não podiam ainda apartar daquelas vizinhanças ambiciosamente saudosos das utilidades que tiravam delas nos anos passados com as feitorias das suas drogas, intentaram de novo perturba-lo, e querendo tentar fortuna no exame dos ânimos dos nossos Índios, outro tempo seus aliados, subiram até perto da Fortaleza de Santo António do Curupá com um patacho armado em guerra, muito bem fornecido de todos gêneros, de que mais se obriga a barbaridade Tapuias, para que logrando este projeto, à proporção das suas medidas, pudessem desfruta-las; mas Comandante da mesma Fortaleza João Pereira Cáceres, sem mais Forças que as da sua pouca Guarnição, os buscou, e abordou com tanta valentia, que faltando-lhes já a constância para a resistência dos seus pesados golpes, lhes renderam a embarcação com toda a sua carga, que distribuiu a generosidade do vencedor como despojo da vitória.

**747.** Sem mais outra memória, que possa merecê-la em todo o Estado do Maranhão, entrou o ano de 1640, porém no seu princípio encontramos já a do emprazamento do Capitão Mor do Pará Manoel Madeira, porque excedendo muito ao número dos dias do seu Governo as reiteradas queixas do seu

procedimento, para responder judicialmente a todas elas o mandou ir Bento Maciel à Cidade S. Luiz em termo peremptório, por expressa ordem, de 23 do mês de janeiro, e encarregando a Capitania ao Senado da Câmara até o provimento da sucessão, a conferiu logo a Pedro Teixeira Capitão Morda da jornada de Quito, que só por esta ação, quando se não achasse tão habilitado pelas antecedentes se fazia digno de maiores empregos.

**748.** A ordem para o emprazamento do Capitão Mor Manoel Madeira, chegou em 16 de Fevereiro à Cidade de Belém do Pará, onde teve pronta execução, entrando também logo na substituição do seu ministério os primeiros nomeados nela, mas durou-lhes tão pouco que não passou do dia 28 do mesmo fevereiro, porque chegando nesse Pedro Teixeira e mostrando naquele Tribunal a nova Patente de Capitão Mor recebeu a posse do Governo da Capitania com uma geral satisfação dos seus moradores

**749.** Ao mesmo tempo nomeou também o Governador por Capitão Mor do Curupá e Amazonas, e da sua Capitania do Cabo do Norte, a seu sobrinho João Velho do Valle atual Capitão de Infantaria, mas querendo inculcar nestas disposições que só se encaminhavam à segurança de todo o Estado nos ameaços das Armas Holandesas concorreram muito para a sua ruína como lerá a nossa justa mágoa nos Livros seguintes desta História

**750.** No mês de dezembro do ano passado tinham entrado na Cidade de Belém do Pará os Padres Christoval da Acuña e André de Artieda e oferecendo-se-lhes favorável monção de navios da Europa se aproveitaram dela nos princípios de março do presente ano, mas tirando primeiro do Capitão Mor Pedro Teixeira uma atestação do seu procedi-

mento na jornada de Quito, que traslada o Padre Manoel Rodrigues no seu "*Marañón y Amazonas*" porque ainda que estes religiosos da Companhia de Jesus eram sem dúvida de uma vida exemplar, entenderam que necessitavam das abonações daquele Comandante que deixaram e aos demais moradores do Pará justissimamente saudosos da comunicação das suas virtudes

**751.** Toda a severidade do Governador Bento Maciel, no emprazamento do Capitão Mor Manoel Madeira, parou na frouxidão de o absolver de todas as culpas de que o arguiam, logo que chegou à sua presença com uma prova tão arrebatada, na justificação do seu procedimento, que mostrou bem que ou o primeiro da sua suspensão fora apaixonado ou este mais que leve, e embarcando-se ele em uma caravela para restituir-se ao Pará com o socorro de sessenta Soldados e doze casais de moradores para a Capitania do Cabo do Norte, mancomunado com o Piloto, arribou a Índias por vingança ainda ao Governador, quando foi mais pesada a que tomou, por diferentes princípios da sua mesma honra, na deserção do cargo de que tinha dado homenagem.

**752.** Sentiu este acidente Bento Maciel e percorrendo então nas suas consequências, despediu logo um barco para as mesmas Conquistas Castelhanas com empenhadas recomendações de que os avisos que fazia das poucas forças com que se achava para oposição das inimigas, passassem prontamente à Corte de Madri, procurando já nestas antecipadas prevenções ou fazer maior a sua fortuna na defesa do Estado ou desculpar a sua desgraça no rendimento dele que na errada distribuição das suas providencias era o mais provável.

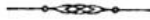






# **Christoval de Acuña**

NUEVO DESCUBRIMIENTO  
DEL  
**GRAN RIO DE LAS AMAZONAS**  
POR EL  
**P. CRISTOVAL DE ACUÑA**



Reimpreso según la primera edición do 1641



**MADRID 1891**

*Imagem 21 – Gran Rio de las Amazonas (ACUÑA)*

## **Notas Biográficas do Padre Cristóval de Acuña**

Nasceu em Burgos, em 1597, de uma família nobre e influente desta cidade. Chamado pelo Estado Eclesiástico, ingressou na Companhia de Jesus em 1612, no colégio que os padres ali fundaram, protegido pelos Bispos e depois pela família Sanvítores, que adquiriu o patrocínio da Capela Maior.

Depois de Acuña receber as ordens sacras, foi enviado às missões americanas para o Chile e o Peru, sendo posteriormente nomeado professor de Teologia Moral no colégio de Cuenca [Quito] naquele Vice-Reinado e posteriormente lhe foi confiado o cargo de Reitor daquela casa.

Nomeado pela Audiência de Lima, juntamente com o Padre Andrés de Artieda, para acompanhar o General Pedro Teixeira na exploração do Rio Amazonas, embarcou em Quito no mês de fevereiro de 1639, chegando ao Pará em dezembro do mesmo ano.

Durante essa Expedição Científica, ele estudou detalhadamente os costumes dos povos Indígenas, fazendo observações curiosas que sugeriram ideias sobre os meios que ele propunha para garantir o domínio sobre aqueles países. Em outra ocasião, ele realizou outro reconhecimento do curso do Rio Napo.

No ano de 1640 regressou à Espanha e apresentou ao Rei a obra que ora publicamos, acompanhada do Memorial que vai no final, no qual dá conta das vantagens da conquista e a conversão de tantas e tão extensas Províncias de bárbaros.

Pouco depois, ele fez uma viagem a Roma como Procurador de sua Província; após o seu retorno, foi nomeado examinador da Suprema Inquisição.

Permaneceu na Corte por algum tempo e depois partiu novamente para as Índias Ocidentais, como o novo continente era então chamado; fixou residência em Lima e lá faleceu no ano de 1675. [...]

### **Certificação do Capitão-Mor Pedro Teixeira deste Descobrimento**

Pedro Teixeira, Capitão-Mor atualmente nesta Capitania do Grão Pará, que foi um dos guerreiros, que partiu para o descobrimento do Rio Amazonas, de ida e volta, até a cidade de San Francisco de Quito, nos Reinos do Peru.

Certifico e afirmo sob juramento, pelos Santos Evangelhos, que é verdade que, por ordem de Sua Majestade, e por promessa particular emitida pela Real Audiência de Quito, o Reverendo Padre veio em minha companhia da dita Cidade para aquela do Pará.

Christoval de Acuña, religioso da Companhia de Jesus, com seu companheiro o Reverendo Padre Andrés de Artieda, em cuja viagem ambos cumpriram seus deveres em relação ao serviço de Sua Majestade, ao qual foram enviados, como bons e fiéis vassallos seus, anotando e relacionando tudo o que era necessário para realizar um relato completo do descobrimento, ao qual deve ser dado todo o crédito, melhor do que a qualquer outro, dos que realizaram a referida jornada. E quanto às obrigações de seu Hábito e serviço a Deus, eles sempre compareceram, como é costume dos religiosos; pregando, confessando e doutrinando todo o Exército, equacionando suas dúvidas, encorajando-os em seu trabalho e pacificando-os em suas brigas e discussões, como verdadeiros pais de todos; sofrendo os mesmos inconvenientes e dificuldades que qualquer um dos soldados rasos, tanto na comida quanto em tudo o mais.

E não só os ditos Padres fizeram esta viagem às suas expensas, sem que Sua Majestade lhes desse qualquer auxílio para isso, mas antes disso, tudo o que trouxeram, tanto alimentos como remédios, era dividido com todos os necessitados, a quem sempre acudiram com grande caridade e amor.

E por ser verdade tudo o que aqui está contido, dei esta certificação, assinada de próprio punho e selada com o selo de minhas armas.

Nesta cidade do Pará, no dia três de março de mil seiscentos e quarenta.

O Capitão Sênior, Pedro Teixeira. [...]



## **Relação Número I**

### **Notícias Deste Grande Rio**

**D**esde as primeiras vistas daquela parte da América, que hoje tem o nome de Peru, na nossa Espanha, devido a notícias confusas, nasceram desejos ardentes pela descoberta do grande Rio das Amazonas, chamado, por erro comum, entre os poucos vistos na Geografia, de Rio Marañón. Não apenas em virtude de suas fantásticas riquezas, das quais sempre se suspeitou; nem pela multidão de pessoas que habitavam suas margens,

nem pela fertilidade de suas terras e pelo clima pacífico, mas principalmente porque se entendia, com razão não pequena, que era o único canal, e como uma rua principal; que atravessando o rincão do Peru era sustentado por inúmeras vertentes de todas as encostas que alimentam suas altas cadeias de montanhas no Mar do Norte. [...]

## **Número IX**

### **Pedro de Teixeira é Nomeado Para a Conquista**

**N**este estado confuso se encontrava nosso descobrimento, e Sua Majestade dificilmente poderia ter tomado uma decisão sobre o que era melhor para seu serviço real, se o Governador, como ele já disse, não tivesse tido a coragem de dissipar essas sombras e contra a opinião de todos, enviado pessoas Rio acima até a cidade de Quito, para que com mais atenção e menos desconfiança, pudessem anotar tudo o que lá encontrassem que fosse digno de atenção.

Para esta empresa nomeou como Chefe e Líder de todos Pedro Teixeira, Capitão de Sua Majestade, dos descobrimentos, pessoa que o Céu escolhera sem dúvida para esta ocasião, pois só a sua prudência e as suas obrigações poderiam concluir o que ele tinha feito, a serviço de seu Rei nesta jornada, não apenas com despesas e perdas de sua propriedade, mas também com grande despesa de sua saúde, embora nada disso seja novo, para alguém que serviu tantos anos a Vossa Majestade e nunca teve outros interesses além de prestar contas honestas de tudo o que lhe foi confiado, o que foi muito, e não de pouca importância.

## **Número X**

## **Pedro Teixeira Inicia sua jornada**

**P**artiu este bom líder das fronteiras do Pará no dia vinte e oito de outubro de mil seiscentos e trinta e sete, com quarenta e sete canoas de bom tamanho [embarcações que serão tratadas mais adiante] e nelas setenta Soldados portugueses, mil e duzentos Índios para remo e guerra que, com as mulheres e os meninos de serviço, totalizando mais de duas mil pessoas.

A viagem durou cerca de um ano, devido à força das correntes e ao tempo que foi gasto em prover um Exército tão grande, e principalmente porque eles tiveram que viajar sem guias considerando que poderiam guiar-se sem dificuldade nem atrasos, pela rotas mais curtas, pelas quais deveriam prosseguir seu caminho, por ser este tão grandioso e, devido aos inconvenientes que passavam, os Índios amigos começaram a demonstrar pouca vontade de segui-lo, e de fato, alguns retornaram às suas terras.

O Capitão-Mor, temendo que outros fizessem o mesmo e o deixassem impossibilitado de continuar a viagem, pois nem o rigor nem a força bastariam para manter os que hesitavam; e embora estivesse a meio caminho, fingiu estar muito perto do final e preparando oito canoas bem equipadas com remadores e Soldados, ordenou-lhes que fossem à frente, como precursores do restante do Exército e, em verdade, eles não passavam de batedores do melhor caminho que por diversas vezes, duvidando de suas próprias escolhas, alucinavam.

## **Número XI**

### **O Coronel Benito se Apresenta**

**P**edro de Teixeira nomeou o Coronel Benito Rodriguez de Oliveira, filho do Brasil, como Capitão desta Esquadra. É uma pessoa que, como alguém criado toda a sua vida entre os Índigenas, tem os seus pensamentos decifrados e com pequenos sinais adivinha o que eles trazem em seus corações e, por isso, é conhecido, temido e respeitado por todos os Índios daquelas Conquistas e na presente descoberta sua pessoa não foi pouco importante para conduzi-la ao final com a felicidade que se alcançou. O Coronel chegou com seu Esquadrão depois de superar muitas dificuldades no Porto de Payamino. Dia de São João, no dia vinte e quatro de junho de mil seiscientos e trinta e oito, que é a primeira habitação de Castellanos que por aquelas partes, sujeitas à Província dos Quixos, jurisdição de Quito, estão localizadas nas margens deste grande Rio. Embora o Napo, que mais tarde será mencionado, tenha fornecido a toda a Marinha melhores portos, mais suprimentos e menos perdas, não somente de Índios como também de propriedades.

## **Número XII**

### **O Capitão Deixa o Exército nos Encabellados**

**S**empre o Capitão Mor ia seguindo os rastros e indícios que seu Coronel lhe deixava nos locais de pernoite com os quais, animados cada dia novamente, pensavam que seria o próximo, o último da jornada. Apoiado por essas esperanças, chegaram a um Rio que já dissemos acima, povoado inteiramente por nativos de paz em tempos passados, mas agora rebeldes devido à morte do Capitão Palacios. Este lugar parecia pacífico para se deixar ali acampada toda a Força do Exército e nomeando como Capitão e Cabo de todos à Pedro de Acosta Fauela, que com a companhia sob seu



comando ficaria ali até que uma nova ordem fosse dada, também ficou consigo o Capitão Pedro Bayon, ambas pessoas que se saíram muito bem nesta ocasião. A coragem com que exerceram a milícia durante tantos anos e a fidelidade com que obedeceram às ordens dos seus anciãos, pois esperaram a pé durante onze meses sem nunca tentar outra coisa, estando a terra doente, o sustento não era nada além do que era procurado debaixo de armas e aquelas tão curtas que pareciam que mal seriam suficientes para sustentar a vida. Mas o Capitão Mor estava muito satisfeito com aqueles que ele deixou em tais riscos que somente a morte poderia separá-los do cumprimento de suas ordens.

### **Número XIII**

#### **Chega o Capitão Mor à Quito**

Com esta confiança e alguns companheiros, Pedro Teixeira continuou seguindo seu Coronel que já estava na Cidade de Quito há alguns dias, onde foram bem recebidos e acolhidos tanto pelos Seculares como pelos Eclesiásticos, todos demonstrando a alegria que tinham de ver naquele tempo e como vassalos de Sua Majestade, não só de descobrir, mas também navegar de sua foz às suas nascentes o famoso Rio das Amazonas.

Tiveram participação efetiva nessas manifestações todos os religiosos daquela Cidade, que são muitos e muito credenciados, cada um deles oferecendo-se como trabalhadores fiéis que imediatamente entrariam em ação nas grandes e incultas terras de incontáveis bárbaros que chamaram a sua atenção graças às novas descobertas.

### **Número XIV**

## **Resolução do Vice-Rei do Peru**

Recebeu naquela Real Audiência de Quito a notícia que bastou para fazer um pleno conceito de quanto importava às Majestades, Divinas e humanas, dar imediatamente bom despacho a um assunto tão sério que o senhor Presidente e seus juizes não se atreveram a nada decidir sem antes encaminhar sua pretensão ao Vice-rei do Peru que naquele momento era o Conde de Chinchon.

O qual depois de consultar o caso com as pessoas mais práticas do Tribunal da Cidade de Lima daquele novo mundo resolveu por carta sua para o Presidente de Quito [que era o Licenciado D. Alonso Perez de Salazar] com a data de dez de novembro de mil seiscentos e trinta e oito que o Capitão Mor Pedro Teixeira com todo seu pessoal retornaria então pelo mesmo caminho, por onde vieram, à Cidade do Pará, dando-lhe tudo o que fosse necessário para a viagem.

Devido à falta de tão bons Capitães e Soldados que sem dúvida fariam naquelas fronteiras que costumam ser tão infestadas de inimigo Holandês, também ordenou que, se possível, as coisas fossem organizadas de tal forma que duas dessas pessoas pudessem estar presentes em sua companhia, a quem a Coroa de Castela pudesse dar fé de tudo o que fosse descoberto e do que ocorresse no seu retorno da jornada e que se fosse descobrindo. [...]

### **Número XVI**

#### **A Corte Real Nomeia o Padre Christoval de Acuña Para Esta Jornada**

Vendo o Licenciado Suárez de Poago, Fiscal da Real Chancelaria de Quito, já de partida a Armada

Portuguesa e considerando, como fiel Ministro de Sua Majestade, as muitas coisas úteis e inconvenientes que poderiam resultar da sua vinda, dois Religiosos da Companhia de Jesus o acompanharam, anotando cuidadosamente tudo digno de atenção neste grande Rio, com o conhecimento do qual foram à Espanha para dar conta de tudo no Conselho Real das Índias e sendo necessário que o Rei Nosso Senhor, em sua pessoa Real, como pensava o Procurador, assim o propôs no Real Acordo e como a proposta pareceu boa a todos, foi comunicada ao Provincial da Companhia de Jesus que na reunião era o Padre Francisco de Fuentes, que, estimando a honra que se fazia à sua Religião ao confiar-lhe algo de tão grande importância e desejoso de que por este caminho se abrisse a porta para que seus filhos entrassem para levar a nova luz do Santo Evangelho a tantas almas que neste grande Rio jazem na sombra da morte, nomeou em primeiro lugar para esta empresa o Padre Christoval de Acuña, religioso professo e atual Reitor do Colégio da Companhia da Cidade de Cuenca, jurisdição de Quito.

E em segundo lugar e por seu companheiro ao Padre Andrés de Artieda Leitor de Teologia no dito Colégio da mesma Cidade de Quito. Aceito pelos senhores daquela Real Corte a nomeação dos ditos dois Religiosos da Companhia de Jesus Foram ordenados para dar uma Provisão Real [cujá cláusula colocamos no início] em que são ordenados, que estando com ela requeridos.

Em seguida, partem imediatamente da Cidade de San Francisco de Quito em companhia do Capitão Mor Pedro Teixeira e, chegando ao Pará, vão à Espanha para prestar contas ao Rei de tudo o que cuidadosamente haviam anotado no curso da viagem ao Rei nosso Senhor, em sua pessoa real. (ACUÑA)

# Francisco X. R. Sampaio, 1774/1775

## DIÁRIO

DA

## VIAGEM

QUE EM VISITA, E CORREIÇÃO DAS POVOAÇÕES DA CAPITANIA DE S. JOZE DO RIO NEGRO FEZ Ó OUVIDOR, E INTENDENTE GERAL DA MESMA

FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO.

NO ANNO DE 1774 e 1775 ;

Exornado com algumas noticias geograficas, e hydrograficas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica, e natural della, aos uzos, e costumes, e diversidade de nações de indios seus habitadores, e á sua população, agricultura, e commercio.

Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas Americanas, e do famoso lago dourado

---

*Nullaque non ætas voluit conferre futuris  
Notitiam; sed vincit adhuc natura latendi.*

*Lucan. Pharsal. l. X. v. 270.*

---



L I S B O A :

NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.

1 8 2 5.

*Com licença de S. Magestade.*

Imagem 22 – Francisco Xavier de R. Sampaio

**ARTIGO**  
**EXTRAÍDO DAS ATAS**  
**DA**  
**ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS**  
**Das Sessões de 6 de Outubro e**  
**3 de Novembro de 1824.**

**D**etermina a Academia Real das Ciências, que o Diário da Viagem pelo Amazonas e Rio Negro, feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio e apresentada pelo seu sócio o Excelentíssimo Senhor Thomaz Antônio de Villa-Nova Portugal, se imprima debaixo do Privilégio da mesma Academia.

Secretaria da Academia 8 de Novembro de 1824.

José Maria Dantas Pereira,

Secretário da Academia.





## Diário da Viagem da Capitania do Rio Negro



**03 de Agosto de 1774**

### I

No ano passado de 1773, nos fins de outubro entrei a servir este lugar, e além das recomendações, que trazia do Ilustríssimo e Excelentíssimo General do Estado João Pereira Caldas, para visitar; assim me persuadiam as urgentes razões da minha obrigação.

Em 1768, tinha sido a última correição <sup>(38)</sup> que se havia feito e instava a necessidade das povoações, que novamente se visitassem. Deixei passar as cheias dos Rios para sair no princípio da vazante, de sorte que a demora nas povoações do Rio Negro me fizesse alcançar a vazante inteira no Rio Solimões; e entrando por ele nos princípios de outubro, saí por esta causa neste dia.

Uma segura e decente canoa de oito remeiros por banda, foi preparada para o meu transporte, e mais uma pequena para o serviço da viagem, caça e pesca. Dois Soldados, o escrivão, o piloto, a minha família, sendo por tudo vinte e seis pessoas, era o que compunha a equipagem. Às 07h30, embarquei, honrando-me nesta ocasião com a sua assistência o Ilustríssimo Governador desta Capitania, o Rev. Doutor Vigário Geral, os Oficiais militares da Guarnição, e todas as mais pessoas qualificadas da Capital, acompanhando-me um grande número delas em diversas embarcações duas léguas de viagem.

---

<sup>38</sup> Correição: visita do Corregedor pela Comarca para reparar e emendar os erros dos outros juizes e zelar pela execução das leis, administração territorial e política da Comarca. (CONSTÂNCIO)

Fui neste dia jantar em Poiares, distante seis léguas de Barcelos. Visitei esta povoação, a de Carvoeiro, a Vila de Moura, o lugar de Airão e a povoação da Fortaleza, das quais farei competente descrição, quando de volta entrar no Rio Negro, por assim o pedirem as leis de um melhor método. E daqui parti direto a procurar a Vila de Silves última povoação da Capitania do Rio Negro nos seus confins Orientais. [...]

## **04 de Outubro de 1774**

### **XXXVII**

Entramos pois neste dia a navegar o famoso Solimões, nome que daqui em diante daremos algumas vezes ao nosso Amazonas. Seguimos a sua margem Setentrional, passando em toda esta manhã impetuosas correntes, que a remo custavam a vencer. Foi pouco agradável o dia de hoje; porque além das contínuas correntezas, toda a margem, que era necessário seguir em pouca distância da terra, estava embaraçada de grossíssimos tronco, e ramos de árvores, ou arrojadas do Rio, ou caídas da terra da mesma margem.

Esta estava continuamente desabando em largas porções. Passávamos por baixo de árvores altíssimas, que já ameaçavam momentânea caída; porque o terreno pouco sólido, as raízes já à superfície e a água sucessivamente minando, assim o indicavam, e a cada passo se viam terras precipitadas de fresco. Este é um dos grandes perigos desta viagem, e que tem sido a causa de muitos naufrágios com perda de inumeráveis vidas.

### **XXXVIII**

Perseguiu-nos no dia de hoje a praga do pium, inseto, de corpo minutíssimo, mas cuja mordedura faz uma chaga, do tamanho da cabeça de um alfinete, precedendo crudelíssima dor.

As minhas mãos e cara só em um dia, estavam já cheias de chagas. A diferença deste mosquito ao carapanã consiste, em que o pium é mais pequeno, e somente morde de dia e qualquer roupa o defende. O carapanã porém morde de dia e de noite, e passa três dobras de qualquer roupa exceto a seda bem tapada.

Os Índios de algumas nações costumam cobrir-se de massas e betumes, que preparam para este fim e que ao mesmo tempo lhes serve de ornato. Há também a mutuca, mosca grande, que somente persegue de dia e faz com a sua mordedura uma chaga. A muriçoca é outra espécie de carapanã. O miruim é um inseto quase invisível por pequeno que aflige com as picadas, e a sua hora mais ordinária é ao pôr do Sol. Estes são os hóspedes que todos os dias e noites nos vinham cumprimentar, sendo o carapanã o mais importuno, por inquietar na hora do sono e o pium o mais terrível, porque as suas venenosas picadas tem causado a morte a muitas pessoas principalmente aos Índios, que andam nus no mato.

## **05 de Outubro de 1774**

### **XXXIX**

Na manhã deste dia passamos junto à boca do canal chamado Guariba <sup>(39)</sup>, que comunica o Solimões com o Rio Negro, saindo um dia de viagem acima da foz deste, e por onde se segue a navegação na enchente. Às 15h00, aportamos no lugar em que esteve a poucos anos o pesqueiro estabelecido para subsistência da Guarnição da capital desta Capitania, por ser abundantíssimo de tartarugas, o qual se mudou por causa das contínuas incursões dos Muras, e como por aqui costumam cometer as suas hostilidade estes atrocíssimos piratas, demos ordem à nossa defesa.

---

<sup>39</sup> Guariba: Furo Paracuuba. (Hiram Reis)



Fica adiante em pouca distância o Rio Manacapuru, e antes dele uma rapidíssima correnteza, em cuja, passagem é que os temíamos. Estava uma alta samaumeira, árvore, em que eles costumam fazer as suas atalaias, e naquela mesma muitas vezes o tem feito, como avisou-nos o piloto experimentado nesta viagem.

Mandamos à terra um Soldado e Índios armados, e depois que deram sinal que não havia nada, entramos a passar a correnteza a remo com incrível esforço dos Índios. Demos logo em uma pedra e tocou a canoa com tanta força que nos vimos quase soçobrados e a não ser a embarcação nova e forte era impossível o não abrir. Tomou-se, novo esforço e continuamos, a remo, mas tudo foi inútil. Puxou-se a canoa à corda, mas toda a diligência de uma hora se malogrou. Enfim, depois de muito trabalho dos Índios neste particular destríssimos se chegou a vencer. Logo acima ficava nova correnteza, que se passou com menor dificuldade, posto que sempre à corda, fomos descansar à boca do Rio Manacapuru.

É este Rio de água preta; entra na margem Setentrional do *Solimões*, não arroja muitas águas; porém é abundante em salsaparrilha, óleo de copaíba, e cacau. Seria comodíssimo lugar para se formar uma povoação e que muito utilizaria esta Capitania, senão dificultassem este estabelecimento as hostilidades do Gentio Mura. Povoação de que se necessita para encher o intervalo despovoado, que medra da foz do Rio Negro até o Coari.

## **XL**

Fizemos neste dia boa pesca de pirapitinga, excelente peixe, grande, chato e de escama; de tambaqui, que é quase semelhante àquele e só difere em ter este a escama mais grossa e de cor amarelada; de piraíba, peixe de extrema grandeza e de couro.

Um destes saltou na canoa, quando vinha navegando e com tanta força, que chegou a quebrar algumas obras, tendo atemorizado a todos pelo repentino e inopinado salto.

## **06 de Outubro de 1774**

### **XLI**

Na noite antecedente descansamos, passada a boca de *Manacapuru*. Na madrugada deste seguimos viagem. Ao raiar do Sol aportamos em uma dilatada praia ao que nos convidou a multidão de gaivotas, que a rodeavam, para o fim de lhes tirar os ovos, que em inumerável número de ninhos estavam semeados pela dita praia juntamente com os ovos de tracajás. Os ovos das gaivotas são inteiramente semelhantes no sabor aos da galinha. A casca é fina e toda cheia de pintas pardas e negras.

### **XLII**

Os do tracajá são brancos, e a sua casca é mais membrana do que casca. O tracajá é uma espécie de tartaruga mais pequena, com a concha superior mais convexa. Logo que as praias entram a descobrir saem os tracajás a desovar nelas, largando até vinte e quatro ovos.

### **XLIII**

Além destas qualidades de ovos, tem sido nesta viagem muito vulgares os do mutum, que excedem em grandeza os do perum<sup>(40)</sup> e o os do camaleão, animal semelhante ao lagarto que os Índios comem e aos ovos dele.

---

<sup>40</sup> Perum: peru (*Meleagris gallopavo*). Na verdade o peru selvagem é nativo da América do Norte e a ave mais pesada dos Galliformes. (Hiram Reis)

#### **XLIV**

Toda a margem do Rio que hoje corremos, estava cheia de vistosos canaviais de que os Índios fazem as suas flechas.

#### **XLV**

Foi abundante a caça de mutuns, marrecas e gaivotas, mas todos estes divertimentos ficaram dissaboreados com o acidente de se introduzir a canoa entre dois paus que, por estarem debaixo da água, não era possível evitá-los. Vinha muito seguida e por essa razão mais perigoso o toque. Custou indizível trabalho a desembaraçá-la, sendo necessário tirar-se da popa com cordas, pois ficou tão sujeita entre os dois paus como se de propósito ali a encalhassem. É este um dos grandes riscos a que estão expostas as embarcações e que tem feito naufragar irremediavelmente a muitas, e principalmente quando o pau em que tocam está de ponta para a embarcação.

#### **XLVI**

À noite fomos portar à boca do Lago Tracajás, para justamente nos livrarmos de uma trovoada, que ameaçava; porém pouco tempo nos dilatamos, porque foi tanta a praga de mosquitos e carapanãs que mudamos de lugar, continuando a navegação por uma noite tenebrosa. Chegamos ao lugar, que nos pareceu seria mais livre da praga, mas ficamos enganados, porque havia mais. Ninguém pode dormir e, pelas 02h00, principiamos a navegar.

**07 de Outubro de 1774**

#### **XLVII**

Desesperada situação até o meio-dia! Porque o carapanã, que ficou da noite antecedente, continuou a fazer-nos guerra, juntamente com inumerável pium.

Ao meio dia chegamos ao Guajaratiba, onde anteriormente estava a Povoação de Alvellos <sup>(41)</sup>, situação muito fértil em cacau. Adiante fica uma enseada cheia de voltas e ressacas, que dão origem a várias correntezas por causa dos combates das forças centrífugas e centrípetas das águas. A uma destas correntezas chamam-lhe na língua dos Índios *Jurupari-pindá*, que quer dizer anzol do diabo, em alusão à sua impetuosidade, como que ao passá-la puxasse o diabo pelas embarcações para trás e não as deixe surgir. Com incrível valentia dos Índios a passamos a remo.

### XLVIII

Acabada a enseada, passando junto de uma ilha rodeada de vistosos "paizes" <sup>(42)</sup>, nos acometeu uma horrível trovoada, perigosa naquela situação por causa dos baixios. Vimo-nos porém obrigados a correr com ela içada a vela a meio mastro e outras vezes menos e com ela chegamos defronte do Rio Purus, aonde entrou a aplacar e daqui atravessamos para a margem Meridional a procurar uma ilha quase fronteira à boca do mesmo Purus que por aquela parte deságua no Solimões na altura Austral de 03°50'. Tem o Purus as suas remotíssimas fontes na cordilheira do Peru não muito distante da cidade de Cusco, antiga capital dos infelizes Incas senhores daquele vasto Império. Entre os Rios tributários do Amazonas, ele dando-lhe extraordinária porção de águas, é também o que produz nas suas margens e extensas matas quantidade de cacau, salsaparrilha e óleo de copaíba, gêneros que anualmente se lhe extraem pelas embarcações das Capitânicas do Pará e Rio Negro e em que consiste o seu principal comércio das drogas do sertão posto que o cacau costuma produzir por anos alternados. Os Índios das nações, que o habitam são fracos e neles tem feito os Muras cruéis destroços.

---

<sup>41</sup> Alvellos: o povoado de Coary, elevada a Lugar, em 1759, com o nome de Freguesia de Alvellos. (Hiram Reis).

<sup>42</sup> Vistosos paizes (países): vistosas paisagens. (Hiram Reis)

## XLIX

Entre as mais superstições da nação Purus, é famosa a do rigoroso jejum expiatório a que se entregam por uma lei de religião. Enquanto ele dura, ainda que sobrevenha alguma moléstia, não tratam de si, nem comem mais do que lhe é permitido no jejum; de sorte que muitos morrem desfalecidos sendo necessário aos que vivem na nossa povoação de Alvellos acautelar-lhes o tempo deste jejum para os livrar da morte fazendo-os comer à força. O seu antigo nome era Cochiuará, que ainda conserva uma das suas bocas. São quatro as por onde deságua. Era antigamente povoadíssimo e as suas margens se achavam cheias de maiz<sup>(43)</sup> e mandiocas. Nele, conforme referem algumas relações, habitavam gigantes de 16 palmos<sup>(44)</sup> de altura.

### 08 de Outubro de 1774

#### L

Fomos nesta manhã seguindo a margem do Sul para evitarmos o trânsito das correntezas chamadas Aruanácoára, isto é – buraco do peixe aruaná –, ali muito frequente. O peixe aruaná é comprido, mas estreito, chato, escamoso, de bom gosto; porém cheio de espinhas. Às 07h00, avistando-se uma praia, e nela multidão de tuiuíus, ave de que já falamos, descemos para lhes atirar e juntamente fazer uma pescaria. Com quatro lances de rede pescamos inumeráveis espécies de peixe; principalmente jundiás, surubis, piranambus, pirararas, vacús, uacaris, pirarucus, pirandirás e outros. O piranambu é de delicado gosto. A escama do uacari é uma concha unida, posto que de figura ordinária de peixe. A sua boca é um buraco que anda sempre na terra e sem divisão de queixos. O pirandirá ou morcego tem no queixo infe-

---

<sup>43</sup> Maiz: milho. (Hiram Reis)

<sup>44</sup> 16 palmos: 3,66 metros. (Hiram Reis)

rior dois dentes agudíssimos e compridos, e com o focinho semelhante ao do morcego.

## **LI**

De tarde tornamos a procurar a margens do Norte, navegando com algum vento, encontrando, porém, bastantes baixios ao atravessar para as Ilhas, sendo necessário passar a canoa à vara por largos espaços. Viemos esta noite dormir defronte de Cochiuará, que como fica dito é uma das bocas do Purus distante oito léguas da principal e que nos ficava na margem oposta.

## **09 de Outubro de 1774**

## **LII**

Querendo navegar na madrugada, um fortíssimo vento, que soprava pela proa, nos obrigou a recolher. De manhã continuamos, posto que ainda com bastante vento, algumas correntezas e não poucas terras caídas.

## **LIII**

Às 20h00, passamos a boca do Lago Codajás e fomos dormir à ponta da terra que termina a enseada em que ele deságua, que é pelo Norte. O Codajás é um Lago extenso. Recebe águas de outros vários Lagos. Esta boca tem sido tida [posto que erradamente] pela inferior do Japurá. Neste célebre Lago tem hoje assíduo domicílio o gentio Mura, e daqui estendem as suas incursões ao Rio Negro pelo Unini e Cuini, que ambos desaguam nele e tem o seu princípio próximo aos Lagos do Codajás. É abundante de salsaparrilha. Nas dilatadas praias das suas vizinhanças se fazem anualmente muitos mil potes de manteiga de tartaruga que nelas desovam que é um dos lucrativos ramos do comércio desta Capitania.

## 10 de Outubro de 1774

### LIV

Seriam 03h00 quando partimos. Ao amanhecer avistamos na margem Austral a boca do Coyúuaná, uma que dá saída às águas do Purus distante da principal deste 14,5 léguas. Foi muitas vezes passada a canoa às varas porque os multiplicados baixios e restingas não davam lugar à força do remo e as rápidas correntezas do seio do Rio, obrigavam a seguir necessariamente a margem. Navegava-se pela do Norte que, às 11h00, deixamos com pouca distância da segunda barra do Codajás e entramos a procurar a do Sul, introduzindo-nos por entre duas Ilhas até onde terminava a da esquerda, e ali descansamos.

Continuou-se a viagem pelas 14h00, seguindo um canal formado pelas Ilhas que girava por vários rumos. Eram estas Ilhas de vista alegre, porque despidas de densos arvoredos que rodeiam a margem do Rio se achavam unicamente em partes copadas de floridos canaviais e em outras revestidas de agradáveis bosques de embaúbas e os claros alcatifados de formoso verde da curta canabrava. É a embaúba árvore de merecimento. A casca do seu tronco e ramos é esbranquiçada. Separa muito os ramos e neles é pouco espessa a folha a qual tem semelhança com a da figueira.



O fruto das mesmas é um cacho de uvas, cujos bagos, do tamanho e cor de um figo preto de mediana grandeza são de doce, e gostoso sabor. Cada cacho tem até cinquenta bagos. A película que rodeia o bago é áspera e se lhe extrai para comer a fruta.

## **LV**

Às 17h00, saímos daquele canal e principiamos a costear a margem do Sul. Fica neste lugar um extenso cacoad plantado pela natureza, que agora estava em flor e prometia abundante colheita. A ele vem anualmente as canoas do comércio fazer as suas cargas. Entra daqui a correr a dilatada enseada chamada do Camará que fomos rodeando até 21h30, e aportamos em uma ilha junto da boca do Rio Arú, que pelo Sul nela deságua. O Arú é outra barra do Purus. Grassam por esta paragens frequentemente os Muras.

## **11 de Outubro de 1774**

## **LVI**

Toda a noite de ontem e a maior parte da manhã de hoje gastamos na enseada do Camará. Com a ardência do Sol veio uma infinita multidão de pium, que nos atormentou com as suas venenosas picadas. Pasta esse vilíssimo inseto na flor do assacu, árvore venenosa que subitamente mata homens e animais. Dela usam os Índios para pescar. Como por aqui eram muitas aquelas árvores por isso também se encontrou tanto pium.

## **LVII**

Depois de algum descanso desde as 11h00 até às 12h00, continuamos a viagem para nos aproveitar de um bom vento, que de popa nos servia, navegando quase sempre por entre Ilhas. Estas são aquelas famosas Ilhas tão povoadas pela nação Jurímauás no tempo da viagem de Pedro Teixeira, e hoje inteiramente desabitadas. A nação dos Jurímauás era a mais numerosa e belicosa do Rio Amazonas. Ela ocupava 60 léguas de terra na margem do Sul, além das Ilhas adjacentes. Quando passou o nosso incomparável Pedro Teixeira o esperaram sem medo algum, ao mesmo



passo, que as mais nações de Índios fugiam para o interior da terra deram-lhe víveres, com que chegou ao Pará e lhe fizeram boa hospedagem. Em 1709, tínhamos ainda uma povoação dos Jurímauás no sítio chamado Táyaçutiba fronteira ao Rio Juruá, a qual foi assaltada pelos jesuítas espanhóis, levando todos os Índios, com que fundaram a sua Povoação, que conserva o nome daquela nação. No lugar de Alvellos ainda hoje se acham alguns poucos Índios dela.

### LVIII

Às 17h00, atravessámos a boca do Mamiá, que pelo Sul se mete no Amazonas, é de água preta, habitado de Muras e fértil em cacau. Navegamos até às 22h00, ao que nos convidava a bela claridade da Lua. Descansamos na situação chamada Paricátiba, que quer dizer lugar aonde é abundante a árvore paricá<sup>(45)</sup>, cuja fruta torrada e reduzida a pó sutil é universalmente o mais estimado tabaco dos Índios, e do qual usam nas suas festas chamadas Parassé, por causa do paricá e para as quais tem destinado nas povoações uma grande casa sem repartição alguma, e denominada também do paricá.

A cerimônia desta festa é na forma seguinte. Primeiramente se açoitam uns aos outros com um azorague feito de couro de peixe-boi, anta ou veado e, em falta disto, de pita<sup>(46)</sup> bem torcida e do comprimento de uma braça. Na ponta lhe atam uma pedra ou outra qualquer matéria sólida que fira. Com este instrumento se açoitam dois a dois, estando um em pé com os braços abertos, enquanto o outro o fustiga à sua vontade, e logo, a seu turno, o açoitado faz a mesma operação ao açoitante.

---

<sup>45</sup> Paricá: *Schizolobium amazonicum*. (Hiram Reis)

<sup>46</sup> Pita (*Agave americana*): Babosa-Brava, Piteira, planta da família das agaváceas, de folhas grandes, rígidas e carnosas, distribuídas sobre uma longa haste. (Hiram Reis)

Gastam-se 8 dias nesta crudelíssima cerimônia e, enquanto, as velhas preparam o paricá e as mais mulheres fazem o vinho de frutas e beijú, chamado payauarú.

Finalizada a função dos açoites, se entra a tomar o paricá, sendo companheiros neste prazer os que o foram nos açoites. O modo de tomar o paricá é desta forma. Cada um dos companheiros tem seu canudo na mão cheio do pó e aplicando uma das extremidades à parte direita do nariz do companheiro, pela outra sopra com incrível força e logo enche novamente o canudo e repete a operação na parte esquerda. O outro companheiro faz logo o mesmo. Dura este exercício todo o dia e principia-se logo a beber o vinho, que dura toda a noite.

É tão violenta a força do paricá e do vinho que faz cair quase mortos todos os que os tomam, sucedendo muitas vezes morrerem alguns sufocados do paricá, porém os que acordam, passada a bebedice, tornam de novo a continuar a festa pelos oito dias que ela dura. Esta festa é anual. É a recruta de novos Soldados, ou apresentação de rapazes para o estado varonil.

## **12 de Outubro de 1774**

### **LIX**

Antes do romper da alva seguimos a viagem pela mesma costa Meridional, para entrarmos no Rio Coari, que por aquela margem paga a pensão das suas águas ao nosso Amazonas. Ao chegar do dia fomos logo avistando as altas e escarpadas barreiras, compostas de barro vermelho que rodeiam aquela costa, lugares próprios para os assaltos dos Muras e aonde tem tirado muitas vidas, por isso se duplicou a nossa vigilância.

## LX

Eram já 14 de contínua e fatigante viagem, depois que saímos da Vila de Borba, no Rio Madeira, em uma distância não menos que de cem léguas, sem ver mais que água, terra e irracionais, sem encontrar ao menos um passageiro. Tudo nos fazia apetejada a chegada às povoações não havendo uma só naquele dilatadíssimo intervalo a que pudéssemos aportar, falta bastante nociva ao bem da navegação, do comércio e aumento desta Capitania, e que só pode achar remédio na inteira destruição do Gentio Mura que impede os estabelecimentos naquelas terras, aliás fertilíssimas.

## LXI

À noite entramos pela boca do Coari, a qual, depois de se ver a largura interior do Rio, não parece mais que um canal por onde deságua um Lago. Com efeito em brevíssima distância principia o Rio logo a formar de uma e outra margem extensíssimas enseadas, que chegam a dar-lhe 2 léguas de largura, e como este Rio em poucos dias de viagem começa a coangustar-se (<sup>47</sup>), faz com que pessoas julguem ser um Lago no lugar da sua larga baía. O Coari é navegável um mês de viagem. Corre do Sul ao Norte, e entra no Amazonas na altura Austral de quatro graus. Para formar aquela dilatada baía, concorrem os Rios Urucúparauá (<sup>48</sup>) e Urauá (<sup>49</sup>), que pelo Ocidente se unem ao Coari.

O peixe deste Rio é muito saboroso. As suas águas são pretas na aparência, vistas as praias que o bordam. Foi antigamente povoado de várias nações, que o desampararam, depois que os Muras estenderam até ali as suas correrias.

---

<sup>47</sup> Coangustar-se: tornar-se angusto, estreitar-se. (Hiram Reis)

<sup>48</sup> Urucúparauá: Urucu. (Hiram Reis)

<sup>49</sup> Urauá: Aruã. (Hiram Reis)

## LXII

Navegamos pelo Coari até às 12h00, e chegamos ao lugar de Alvellos <sup>(50)</sup> situado na sua margem Oriental a 4 léguas em distância da barra. Depois que junto a um riacho, que estende uma larga praia, se seguem prolongadas umas barreiras pouco altas, que são as extremidades da planície, em que está assentado aquele lugar, correndo em uma só rua por toda a extensão da mesma praia. Esta é a quarta situação, que tem tido este Lugar, tendo sido mudado de várias paragens do Amazonas por causa da praga dos mosquitos e dos Muras. É porém muito sujeito a trovoadas, que com grande fúria ali batem. Se esta situação ficasse mais próxima da barra, se poderiam aproveitar os seus habitantes das terras do Amazonas, principalmente das Ilhas para a plantação de cacau, porque as vizinhas ao lugar são inundadas de formigas e não lhes sendo possível separarem-se para longe, com o receio do Mura, causa menos abundância na Povoação, inutilizando todo o gênero de plantações.

## LXIII

As nações de Índios, de que se compõe este lugar são: Sorimão, Júma, Passé, Uayupí, Irijú, Purú, Catauixí, que com alguns moradores brancos fazem um avultado número.

## LXIV

Os Catauixís herdaram umas manchas brancas <sup>(51)</sup> sobre a cútis de diversas figuras e em diferentes partes do corpo, como pés, mãos, pescoço, cara, etc...

---

<sup>50</sup> Alvellos: hoje Coari. (Hiram Reis)

<sup>51</sup> Manchas brancas (pinta): doença de pele provocada pela bactéria *Treponema carateum*. Transmitida por contato com a pele de alguém infectado ou picada de insetos. Os antibióticos curam a pinta, mas não revertem as alterações cutâneas em estágio avançado. (Hiram Reis)

Não concorre para isto artifício algum, nem tampouco aquelas manchas acompanham os partos, quando nascem; mas depois é que principiam a sair em crianças, adultos e alguns que já passam de vinte anos de idade, e em outros se não conhecem. É porém digno de notar, que estas manchas se comunicam com o contágio a outras pessoas. Examinem os filósofos e professores da história natural a causa deste prodigioso fenômeno, que eu não posso compreendê-lo.

### LXV

Grassavam neste lugar funestamente as bexigas, ainda que já estavam terminando. Além dos Índios, que morreram, tinham desertado muitos, principalmente da nação Purú, com medo delas. Medo bem fundado; porque as bexigas em Índios é mal mortal, e de que raros escapam. Atribui-se a causa à dificuldade de erupção das bexigas, considerando-se, que a cútis dos Índios é menos porosa, porque andando continuamente nus e ao ar, e quase sempre dentro da água, vem a ser uns animais anfíbios e, necessariamente, hão de ter os poros do corpo mais cerrados. Seria coisa felicíssima que se introduzisse nas Povoações dos Índios o fácil e proveitoso método de inocular ou enxertar as bexigas. Que milhares de vidas se não poupariam!

### LXVI



Tive aqui grande número de presentes de várias frutas, que as Índias com interessada liberalidade me trouxeram. Ananases dulcíssimos e de várias espécies, fruta a que a natureza deu a coroa para que se conhecesse, que era o Rei delas e, por isso, o célebre Capucho

(<sup>52</sup>) que com as mais esquisitas, e esdrúxulas alegorias escreveu das frutas do Brasil lhe chama – “O Sr. Dom Ananás”. Maracujás de agradável gosto – a árvore de Maracujá é a que em Portugal se chama vulgarmente dos martírios. Ingás, que tem semelhança



ao casulo da fava, mas que são do comprimento de 2,5 palmos e largura de 2 dedos. Dentro deste casulo se incluem por todo o seu comprimento muitos caroços da grandeza da ameixa, cobertos superficialmente de uma substância cotanosa (<sup>53</sup>) e frigidíssima, que é o que se come. Os Índios fazem grande estimação desta fruta, que não deixa de ser saborosa e existem de diversas espécies.

### **13 e 14 de Outubro de 1774**

#### **LXVII**

Parte do dia de hoje com os dois seguintes me demorei neste lugar.

*Breve dissertação sobre o nome do Rio Amazonas e sobre a existência das mulheres Amazonas.*

#### **LXVIII**

Tinha eu lido no Diário de Mr. de la Condamine que ilustrou esta Povoação com a sua presença, as diligências, que este erudito acadêmico fez aqui para averiguar a verdadeira origem das célebres Amazonas, que deram causa ao nome deste famoso Rio. O que me suscitou também a lembrança de fazer as minhas averiguações.

---

<sup>52</sup> Frei António do Rosário, livro intitulado “*Frutas do Brazil*”, impresso em 1702. (SAMPAIO, 1825)

<sup>53</sup> Cotanosa: coberta de lanugem semelhante à do pêssigo. (Hiram Reis)

FRUTAS  
DO  
BRASIL  
NUMA NOVA, E AS  
cetica Monarchia,

CONSAGRADA

A' SANTISSIMA

SENHORA DO ROSARIO,

AUTHOR O SEU INDIGNO ESCRAVO

Fr. ANTONIO DO ROSARIO,  
o menor dos Menores da Serafica Familia  
de S. Antonio do Brasil, & Missionario  
no dito Estado;

*Mandando-a imprimir*

O Commissario Geral da Cavallaria de Pernambuco

SIMAM RIBEYRO RIBA.



LISBOA,  
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM,

*Com todas as licenças necessarias.*  
Anno de 1702.

*Parabola III.* 143

de, & estirada, todos se parecem com os Carotazes, sam como os dedos das mãos; he o que costumão dizer os fidalgos para desprezo, & desigualdade da sua nobreza, que os dedos das mãos não são iguaes. Os Carotazes são amarelllos, cheirozios, a-fidalgados, & tão fidalgos de nobreza tão antiga, & estirada, que se fazem parentes da cata real, descendentes do senhor Dom Ananàs Rey dos pomos, porque tem o seu labor, a sua estimação, a sua regalia, gentileza, agrado, & applauso, que tem as perinhas de cheyro de Portugal; & damos fim aos predicamentos do estado da nobreza com o estylo mais succinto, & laconico que pôde ser, & o tempo deu lugar: aos censuradores das parvidades quizera responder com os mapas, & quintas essencias;

Imagem 23 – Frutas do Brazil (Fr. António do Rosário)

O dito Condamine relata (<sup>54</sup>), que falara neste lugar com um Índio, que teria 70 anos de idade e que ocupava certo posto naquele povo: e este o assegurara que seu avô, achando-se na Povoação de Cuchiúuara [uma das bocas dos Purus, de que acima falamos] vira umas mulheres Amazonas que tinham vindo do Rio Cajamé, com as quais tratara e comunicara.

## LXIX

Perguntando pelo dito Índio achei, que era o Sargento mor da Ordenança Jozé da Costa Pacorilha, já falecido, porém, outro Índio do dito Lugar chamado Jozé Manoel, Alferes da Ordenança, homem já de setenta anos para cima e de bom propósito, natural da dita antiga Povoação do Cuchiúuara [que já hoje não existe, por se ter mudado para este lugar de Alvellos] me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado Sargento Mor, o que este disse a Mr. de la Condamine. Assegurando-me, além disso, que era neste Rio constante entre os Índios a tradição da existência das mulheres Amazonas, do qual se retiraram entranhando-se nas terras do Norte dele, da boca do Rio Negro para baixo.

## LXX

Quem não é inteiramente estrangeiro na história da América portuguesa e espanhola não ignora que o Rio Amazonas tem tido diversos nomes. O que os Índios lhe davam era Paraná-assú, isto é, grande Rio. Os Pinções (<sup>55</sup>), que foram os primeiros que viram a

---

<sup>54</sup> Extrato do Diário da Viagem do Amazonas, página 56. Amsterdã. 1745. (SAMPAIO, 1825)

<sup>55</sup> Pinções: animado Colombo com esta mercê, partiu da Corte, fez companhia com Martim Fernandes Pinçon e outro irmão do mesmo chamado Affonso Pinçon, e armaram três caravelas, de duas delas eram Capitães os dois irmãos Pinções, e da terceira Bertholameu Colombo, irmão de Christovão Colombo e este por Capitão-mór de todos. (VASCONCELLOS)



sua extensíssima barra, lhe chamaram “*Mar Doce*”. O nome de Marañón, apelido espanhol, não podia deixar de lhe ser dado por algum descobridor daquela Nação pela parte do Peru. Sobre o de Orellana e Amazonas diremos agora.

### LXXI

O Marquês Francisco Pizarro, célebre conquistador do Peru, mandou a seu irmão Gonzalo Pizarro a descobrir o País da Canela ou, como outros querem, o Lago Dourado, do qual ainda falaremos. Deu-lhe por Oficial nesta Expedição ao Capitão Francisco de Orellana. Depois de alguns meses de viagem, desertou (?) este na ocasião, em que o seu Comandante o tinha mandado adiantar e chegando à corrente do novo Rio se entregou a ela e a seguiu até o Mar. Então é que lhe deu o nome de Orellana, apelido seu. E sendo acometido na sua viagem junto à boca do Rio Nhamundá, que deságua no Amazonas na altura de 02° ao Sul, por uns Índios valorosos, entre os quais pelejavam, também, mulheres, chamou a estas mulheres Amazonas, e ao Rio deu o mesmo nome, que perdendo todos os mais antecedentes hoje ainda conserva. Esta a verdadeira origem do nome do Rio.

### LXXII

Muito se tem discorrido sobre a existência das Amazonas americanas, da sua república, exclusiva de homens fora do tempo determinado para o congresso, e a sua semelhança com a das asiáticas. Ninguém ignora o que escreveram sobre esta matéria Laet, Raleigh, Cunha, Feijoo, Sarmiento, Coronelli e Condamine.

### LXXIII

Os fatos que formam a base dos seus discursos, são os seguintes. A imposição do nome ao Rio, que não é

verosímil fosse arbitrária e caprichosa; o testemunho do mesmo Francisco de Orellana e da não pouco numerosa tropa de castelhanos e Índios, que o acompanharam, a tradição constante entre os Índios e transmitida até o dia de hoje, acrescentando a prova destes fatos e circunstâncias, feita na Real Audiência de Quito, e na cidade de Pasto, depondo nesta última uma Índia em particular, que assegurou ter estado no País, onde estavam estabelecidas aquelas valorosas mulheres. Acresce mais a tradição, de que elas se retiraram para o interior das terras que hoje se chamam a Guiana, ou Goiana, subindo pelo Rio Trombetas, que entra no Amazonas junto a Pauxis, cujas fontes são naquele País. É também certo, que o interior de Goiana não está ainda descoberto, nem por portugueses, nem por castelhanos, franceses ou holandeses, que são as Nações, cujas Colônias o rodeiam e assim não estando aquele terreno descoberto não se pode afirmar, positivamente, que lá se não conserve ainda hoje a República Amazônica, que o medo dos Europeus faria desamparar a terra nativa.

#### LXXIV

Se são poucas estas conjecturas, formem-se novas sobre o que observou Cunha (<sup>56</sup>) escritor da Relação da Viagem do nosso incomparável Capitão Pedro Teixeira. Eis aqui o que ele diz:

*Estes mesmos Tupinambás nos confirmaram também o rumor que corria por todo o nosso grande Rio das famosas Amazonas, das quais tira o seu verdadeiro nome e pelo qual é conhecido, depois que foi descoberto até o presente, não somente pelos que o tem navegado, mas pelos cosmógrafos, que dele tem tratado. Seria coisa bem estranha que este grande Rio tomasse o nome de Amazonas sem algum fundamento racional; mas as provas, que temos para segurar, que há*

---

<sup>56</sup> Capítulos 70, e 71, na tradução de Gombrevil. (SAMPAIO, 1825)

*uma Província de Amazonas nas margens deste Rio são tão grandes e fortes, que não se pode disso duvidar sem renunciar a toda a fé humana.*

## LXXV

Depois que neste lugar refere as averiguações feitas em Quito e Pasto sobre esta matéria, continua:

*Mas eu não posso calar o que ouvi com meus ouvidos, e que quis verificar, logo que me embarquei neste Rio Amazonas. Disseram-me pois em todas as Povoações, por onde passei que havia mulheres no seu País como eu lhas pintava e cada um em particular me dava delas sinais tão constantes e uniformes que, se a coisa não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitável de todas as verdades históricas.*

## LXXVI

*Trinta e seis léguas abaixo desta última aldeia dos Tupinambás [esta é a aldeia dos Tupinambás de que já falamos no §15] descendo pelo nosso Rio Amazonas encontra-se da parte do Norte outro, que vem da Província das Amazonas, e que é conhecido pela gente do País com o nome de Cunuriz [Nhamundá, presente-mente, e é aonde Orellana viu as mulheres guerreiras]. Este Rio toma o nome dos Índios que habitam mais próximos à sua boca. Superiores a estes estão os Apotós, que falam a língua geral do Brasil, mais acima estão os Tagaris, e depois os Guacaris que é o povo feliz que goza o favor das valorosas mulheres Amazonas. Tem as suas Povoações sobre montes de prodigiosa altura. Estes montes existem no lugar indicado e se chamam vulgarmente a cordilheira da Goiana, que corre ao longo do Amazonas, entre os quais há um chamado Tacamiába, que se eleva extraordinariamente sobre os outros e que é estéril por ser muito batido dos ventos. Estas mulheres se tem sempre conservado sem socorro de homens e quando seus vizinhos lhe vem fazer visita no tempo assinalado, elas os recebem com armas na*

*mão, que são arcos e flechas, para não serem surpreendidas, mas logo que os conhecem, vão todas de tropel às suas canoas, aonde cada uma pega na primeira Itamáca, que encontra e vão prendê-la em sua casa para nela receber o dono. No fim de alguns dias, voltam para as suas casas estes novos hóspedes, e não faltam de fazer igual viagem na mesma estação. As filhas, que nascem deste congresso, são criadas pelas mães, instruídas no trabalho e no manejo das armas; quanto aos filhos não se sabe bem o que fazem deles, porém eu ouvi dizer a um Índio, que se tinha achado com seu pai nesta assembleia, sendo ainda rapaz, que no ano seguinte dão aos pais os filhos machos, que pariram. Contudo comumente se crê, que elas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que for, elas tem tesouros no seu País capazes de enriquecer todo o mundo. A barra deste Rio, em cujas margens habitam as Amazonas, está em 02°30' de altura Meridional.*

### **LXXVII**

Aqui tem os apologistas da existência das Amazonas americanas argumentos, e razões convincentes para firmarem a sua opinião.

### **LXXVIII**

Se eu devo agora também dizer o que me parece, confesso, que não cabe no meu entendimento igual opinião. E se examinarmos esta matéria pela regra da verdadeira lógica e sólida crítica, devemos assentar que a existência das Amazonas da América é uma daquelas preocupações populares, que achando fundamento no maravilhoso, que o povo ama, se propagam com extraordinária facilidade.

### **LXXIX**

Que coisa mais dificultosa de se conceber por qualquer entendimento são, que uma República de mulheres, que habitem na zona tórrida, governando-se por si,

sem admitirem verão em certos dias do ano? Que causas morais podemos imaginar, que sejam tão eficazes para vencer a quase irresistível força do clima? O ânimo é sumamente agitado nos climas cálidos por tudo, o que é relativo à união dos dois sexos; tudo conduz a este objeto, diz um jurisconsulto filósofo (57). O certo é, que o alvoroço, com que elas recebiam os hóspedes e que Cunha nos relata, não mostra, que lhes não era indiferente aquela união?

### **LXXX**

Não se acha um ar de fábula naquela singular divisão dos filhos machos e fêmeas, dizendo-se por uns que os matam, por outros, que os entregam aos pais?

### **LXXXI**

Qual é o verdadeiro lugar que habitam as Amazonas? Orellana viu-as no Rio Nhamundá. O Índio que falou a Mr. De la Condamine deu notícia, que as viu em Cuchiúuará, e que tinham vindo do Caiamé, que dista do Nhamundá para cima de cento e tantas léguas e aonde Orellana as não vira passeando por aqueles distritos.

### **LXXXII**

Mas que havemos de responder aos argumentos da opinião contrária, principalmente aos fatos afirmativos, e positivos em prova da existência das Amazonas? Porém que provas, e fatos são suficientes para estabelecer o que se pretende provar, quando é um inverossímil? Nenhuma prova é bastante, sem que primeiro se reduza o inverossímil a verossímil, que é quase como uma questão prejudicial, que pede antecipada, e prévia resolução.

---

<sup>57</sup> Montesquieu, De l'Esprit des Lois, liv. 14, chap. 4. (SAMPAIO, 1825)

### LXXXIII

Não quero duvidar do fato, e dito de Orellana. Mas quem pode ouvi-lo, sabendo a sua história, que não discorra logo: que Orellana, que desertou (?) do Exército do seu General com a mais feia perfídia, necessitava de achar alguma capa, com que pudesse cobrir o seu delito, fazendo-o ao menos esquecer com fingidas e maravilhosas narrações de sorte, que o mundo o tivesse como um homem prodigioso. O que assim lhe sucedeu na Corte do Imperador Carlos V, para o que concorria o gênio do século, em que faziam ruído as descobertas da América e os ânimos desejosos recebiam com admiração toda a qualidade de novidades que vinham continuamente daquela parte do mundo. E qual outra mais própria para atrair a atenção universal, que a história das Amazonas?

### LXXXIV

Os que tivessem algum conhecimento dos costumes dos selvagens da América, não ignoravam que habitam nela algumas Nações, em que as mulheres pelejam juntamente com os homens, o que presente-mente sucede com inumeráveis. Os Mundurucus, que de quatro anos a esta parte hostilizam as nossas povoações do Rio Tapajós, trazem consigo as mulheres, as quais na ocasião do conflito, lhes subministram as flechas, como se observou no combate, que com aquela belicosíssima nação teve o ano passado o comandante da Fortaleza daquele Rio, no qual sustentaram valorosamente o fogo, que se lhe fez por um largo espaço de tempo.

A nação Otomáca uma das mais célebres do Orinoco leva as suas mulheres à guerra. O ofício destas é aproveitar as flechas, que os inimigos disparam, e ervam, as quais entregam aos seus para novamente as lançarem aos inimigos.

Eis aqui dois exemplos de Amazonas, e eis aqui quanto bastou, para que Orellana, sucedendo-lhe o mesmo, tivesse fundamento para estabelecer a sua fábula, complicada ela como que se dizia das Amazonas asiáticas, não foi necessário mais para aplicar às da América, quanto se contava daquelas nas histórias, que juntando tudo às circunstâncias preponderadas e aos costumes dos Índios, propensos naturalmente a ficções e mentiras, fizeram criar a esta opinião; favorecendo-a muito o gosto da Nação Espanhola, por quem tem sido transmitida e apoiada para o maravilhoso.

Basta de Amazonas, e prossigamos a nossa viagem.

### **15 de Outubro de 1774**

#### **LXXXV**

Pelas 04h00, saímos de Alvellos e, à 08h30, entramos a navegar pelo Amazonas, seguindo a margem do Sul. Na do Norte nos ficava a boca do canal Juiçáras, que até aqui tem sido reputado como boca do Rio Japurá, contando-se pela segunda; sendo que na verdade, pelas averiguações e exames que eu fiz nesta viagem, não é mais que um canal, que desce do outro, por onde se comunicam os Lagos Amanã, donde ele sabe, e Codajás, que o recebe pela dita margem do Sul, por onde navegamos; também passamos a segunda, e estreitíssima boca do Coari. De tarde fomos rodeando a costa de Tauána, terras altas e abundantes em cacau. No lado oposto nos ficava o canal Copeyá, que também com equívoca se julgava a terceira barra do Japurá. À noite fomos dormir à boca do canal Arauanav formado por uma ilha.

### **16 de Outubro de 1774**

#### **LXXXVI**

Toda esta manhã continuamos a navegação pela mesma margem Austral, entrando algumas vezes pelos canais que as Ilhas formavam e fomos tão perseguidos de pium, que é impossível narrá-lo. De tarde tivemos igual ou maior perseguição. Os Índios se chegaram a impacientar, ao mesmo passo, que são bastante sofredores destes incômodos. A maior parte das terras da margem, por onde passamos, eram altas, e compostas de barreiras vermelhas e amarelas. Estas terras tinham sido antigamente habitadas de Índios. Passamos junto às de Uarátapéra, isto é, lugar da aldeia de Uará, que a natureza tem transformado em um cacual. Não se pode bem pintar, quanto seja agradável a vista destas barreiras, por causa das suas cores relevadas pelo frondoso e espesso dos bosques, que à maneira de regulares balustradas lhe ornaram os cumes. Como por aqui são muitas as enseadas, e ressacas, também se multiplicam as correntezas, que a favor da baixa do Rio passamos a remo. Ao anoitecer, depois de dado algum descanso aos Índios, continuamos a navegação pela costa chamada da Tabatinga, que por nove horas tínhamos passado, e fomos dormir junto da boca de um Riacho.

## **17 de Outubro de 1774**

### **LXXXVII**

Tendo navegado por toda a manhã, seguindo a mesma margem passamos pelas 11h00 as altas, e vistas barreiras da costa do Mutúmcoára, que quer dizer, buraco ou lugar da ave mutum. Eram aqui furiosíssimas as correntezas; porque a terra do Norte boja<sup>(58)</sup> ao Rio uma ponta em tanta distância, que estreitando-o dá ímpeto extraordinário às águas comunicando-lhes a direção para a outra margem.

---

<sup>58</sup> Boja: apresenta uma saliência arredondada. (Hiram Reis)



Tivemos a fortuna de favorável vento, e com vela e remo em brevíssimo tempo tínhamos passado aquelas correntezas e paramos a jantar na boca de um canal formado pelas Ilhas. Neste canal deságua o Rio Catuá, que, às 14h00, avistamos. Corre este Rio entre outeiros, os quais são abundantes em salsaparrilha. Habita-o o gentio Mura. Fazia aqui o Amazonas grande largura. As terras da margem eram baixas, mas cheias de cacauais. Para a noite fomos encontrando barreiras pouco altas. Pelas 21h00, entramos na boca do Riacho Taruá, para nos livrar de uma trovoada, que do Oriente nos sobreveio. Aí passamos a noite entre trovões e água, que durou até ao amanhecer com grande incomodo nosso.

**18 de Outubro de 1774**

**LXXXVIII**

Já de manhã entramos a navegar. Às 07h30, passamos a boca do Riacho Camuçúá, depois a Gitica-paraná, ou Rio das batatas, onde medeia uma Ilha, que prolongando-se forma um canal. Na margem do Norte nos ficava outro chamado Uananá, tido pela quarta boca do Japurá, mas também erradamente. Corre logo pela do Sul por onde navegávamos, o Riacho Itáuarâna, ao qual se segue o Rio Caiamé, aonde chegamos, às 12h00, e aí descansamos. O Caiamé, posto que a sua boca não seja muito espaçosa, não traz contudo pequeno cabedal de águas. Em pouca distância da barra e ainda à vista dela começa a alargar-se à maneira de Lago. Era tal o cardume de peixes que fazia incrível estrondo com as pancadas de inumeráveis botos, pirarucus e outros peixes de extrema grandeza, que davam caça aos pequenos. Este Rio é habitado de gentio Mura e no mesmo lugar em que nós aportamos, tinha à pouco tempo matado duas pessoas, e defronte, proximamente, uma. Tem este Rio algum cacau e salsaparrilha.

## LXXXIX

De tarde fomos navegando por entre diversas Ilhas, na verdade ameníssimas por causa da agradável variedade de diferentes árvores, entre as quais reinavam as Embaúbas. Junto da água estavam dispostas em elegante ordem as avairanas belíssimo arbusto. Passávamos próximos às bocas dos riachos Pupunha, Genipáva, Senemby-paraná, ou Rio dos Camaleões, e fomos dormir não muito distantes da barra de Tefé.

### 19 de Outubro de 1774

## XC

Principiamos a navegar antes de amanhecer e, às 06h00, entramos pela boca do Tefé. Corre este Rio, na sua barra, com majestade; porque uma Ilha da parte do Poente, mas ainda no Amazonas, a engrandece, estreitando-se depois um tanto, segue-se o largo, que vem saindo da grande baía, que este Rio forma com largura de légua e meia. Posto que a estação pedisse, que este Rio estivesse já vazio, contudo ainda estava muito cheio, e lhe faltava o principal ornamento de suas margens, que são as alvíssimas praias que costumam rodeá-lo; mas em lugar delas por toda a sua entrada até a extensa baía, o cercavam meio alagadas as araçaranas<sup>(59)</sup>, vistoso arbusto, cujas flores brancas, e cheias de inumeráveis estames amarelos exalavam fragrantíssimo cheiro. O Tefé desce do Sul para o Norte. É navegável até dois meses de viagem, ainda que passados poucos dias não sofre embarcação grande. Produz salsaparrilha, e por ele navega o gentio Mura, desterradas as nações que antes o habitavam.

## XCI

Pelas 08h00, chegamos a Vila de Ega, que ocupa a margem Oriental daquele Rio no lugar da maior largura da sua baía, entre um pequeno Riacho, que

---

<sup>59</sup> Araçarana: *Calyptanthus concinna*. (Hiram Reis)

deságua no Tefé, e que fecha o lado Oriental da Vila, e uma ponta da parte do Poente. Forma a terra um semicírculo, que banha o Rio. Esta terra ocupa a Vila com pouca elevação a água. O terreno é pela maior parte desigual; além de uma pequena rua, que corre a frente do Rio, tem mais duas para o interior de bastante extensão e povo numeroso. Nesta Vila habitam moradores brancos. As nações de Índios de que se compõe são: Janumá, Tamuana, Sorimão, Jauaná, Tupivá, Achouarí, Júma, Manáo, Coretú, Xáma, Papé, Jurí, Uayupí, Cocrúna: nações que para esta Vila tem sido descidas de diversos Rios.

### **XCII**

Tinha antigamente esta Vila o nome do Rio, e era a principal missão dos Carmelitas. No ano de 1759 foi ereta em Vila pelo primeiro Governador desta Capitania Joaquim de Mello e Póvoas.

### **XCIII**

São as suas terras fertilíssimas para as mandiocas, e todo o mais gênero de plantações: porém o Gentio Mura não deixa estender as culturas, fazendo contínuas incursões sobre as roças, e chegando às mais próximas da Vila

### **XCIV**

Entre os diversos usos, que observei nos Índios desta Vila, foi um deles o do ipadu, do qual darei as noções, que pude alcançar. O ipadu, é uma planta de mediana grandeza, cujas folhas do tamanho das do louro da Europa são as que servem para a composição chamada do mesmo nome. Torradas estas folhas se reduzem a pó em um pilão, misturando-se-lhe a cinza da folha da embaúba. Deste pó sutilíssimo à maneira de tabaco, e de cor esverdeada, enchem a boca com tanta quantidade, que ficam as bochechas como inchadas, e pouco a pouco vão engolindo o dito pó, mas renovando na boca, tanto que vai diminuindo, para que as bochechas se conservem sempre cheias.

## **XCV**

As virtudes do ipadu, dizem que são, aliviar o peso do sono, sem que cause dano o não dormir, e por isso os Índios usam principalmente de noite deste esquisito remédio, de que fazem tanto caso, e gosto; para assim se conservarem em uma doce inação, em que os americanos, que vivem entre os Trópicos, põem o sumo bem.

## **21 de Outubro de 1774**

## **XCVI**

Até o dia de hoje me dilatei em Ega. Pretendemos partir de tarde para o lugar de Nogueira, que fronteiro àquela Vila está situado na margem Oriental da baía de Tefé, na distância de travessia de duas léguas; como, porém, ameaçavam algumas trovoadas perigosíssimas naquela baía, esperamos que serenasse o tempo, e com efeito, às 18h00, entramos a atravessar, o que concluimos em hora e meia a remo, e parte do tempo a vela.

## **XCVII**

A situação do lugar de Nogueira é mais elevada, e o terreno melhor que o de Ega. A maior parte da Povoação fica em uma planície.

Tem duas ruas formadas, além das casas espalhadas para o lado do Sul, em que corre o Riacho Meneroá. Habitam neste lugar alguns moradores brancos. As casas destes e igualmente as dos Índios são caiadas com tabatinga espécie de greda alvíssima, a que juntam a goma líquida da sorveria, para lhe darem maior tenacidade e coesão. O templo deste lugar é muito decente, e aseado. Acham-se nele várias pinturas executadas pelas Índias.

## **XCVIII**

As nações de Índios, que habitam nesta povoação, são Jurí, Catauixí, Juma, Passé, Uayupí, Yauaná, Ambuá, Mariarána, Cirú: fazendo por tudo avultado número.

## **XCIX**

O nome antigo desta povoação era Parauarí, denominação que tirou do lugar em que estava antes de se mudar para o que ocupa. As bexigas tinham desolado esta Povoação, das quais ainda havia relíquias.

## **C**

As Índias desta povoação são menos bisonhas, que costumam ser as de outras. Quando se passa pelas suas portas, saem logo a cumprimentar com tão agradável, como natural sinceridade; despida das afetações europeias. Em todo um dia, que neste lugar me dilatei apenas pude ter algumas horas para empregar nos objetos do meu ofício. Eram contínuas as visitas das Índias com presentes. A varanda das casas, em que residi, parecia uma feira. Estava cheia de paneiros de farinha de mandioca, de galinhas, frangos e outras aves domésticas, de frutas principalmente ananases, bananas, embaúbas.

Bem se entende, que tudo isto se paga. Diziam primeiramente que nada queriam, porém, logo queriam tudo, quanto se podia imaginar, e ao mesmo tempo se satisfaziam com o que se lhes dava, respondendo pela sua língua – Eré; que quer dizer, está bom.

**23 de Outubro de 1774**

## **CI**

Tive neste lugar, somente de dilação o dia 22. Era Domingo. O vigário que juntamente servia a igreja deste lugar e a de Ega, disse missa cedo, para também a ir dizer à dita Vila. Enquanto se disse missa cantaram as Índias o – “*Tantum ergo*”<sup>(60)</sup>, com harmonia não vulgar, e de admirar em tal qualidade de gente; mas é certo, que não só no canto, mas em qualquer outra arte, recebem os Índios com muita facilidade as instruções, que se lhe dão.

### CII

Depois da missa embarcamos, e com bom tempo atravessamos a baía até a Vila de Ega, aonde sem desembarcar nos dilatamos um breve espaço, e logo continuamos a viagem, de sorte, que pelas 11h00 tínhamos saído do Tefé, e entrado no Amazonas, cuja margem Austral fomos navegando. Pelas 16h00, tínhamos passado a boca do estreito canal, que ao Norte de Nogueira sai para o Amazonas, por onde seria mais breve a nossa viagem, se a vazante, posto que ainda não grande; não impedisse o passo às embarcações de maior porte.

### CIII

Às 17h00, chegamos à barra do pequeno Rio Urauí, que pelo Sul desemboca no Amazonas. Junto a ela mas na margem Oriental e rodeado em parte pela água, que do mesmo se introduz à terra, está situado o Lugar de Alvarães. O dito riacho de água preta e de mediana grandeza, a água que se introduz à terra no referido lado Oriental, a elevação do terreno, a vista do Amazonas, a de uma ilha fronteira que ocupa o meio deste Rio, concorrem a fazer elegantíssima a situação deste Lugar.

---

<sup>60</sup> *Tantum ergo*: se trata de um canto de adoração ao Santíssimo Sacramento. Essa oração é retirada do hino “*Pange Lingua*”, escrita por São Tomás de Aquino para a Liturgia das Horas. (hozana.org)

É fertilíssimo da parte do Rio e terra. Cresce aqui admiravelmente a mandioca, há plantações de cacau e café, e se entra a cuidar no anil, conforme as novas instruções, que deixei ordenadas. Chamava-se anteriormente este lugar a Cayçára, que quer dizer Curral; porque ali se faziam dos Índios escravos, que se conduziam principalmente do Rio Japurá, naqueles infelizes tempos, em que se traficava homens nestes sertões.

#### **CIV**

Tem este lugar moradores brancos, e as nações dos Índios, que o habitam em bastante número são Uárú, a que eles chamam Cóca, por causa de repetirem esta palavra muitas vezes, que na sua língua quer dizer não, Ambuá, Uaymá, Yucuná, Alaruá, Passé, Caiari, Miránha e Marauás descidos estes últimos do Rio Guruá, e que são antropófagos, ou comedores de carne humana.

#### **CV**

É esta Povoação susceptível de grande aumento; porque a bondade do sítio e a fertilidade da terra, junta estar próxima ao Japurá donde se facilitam os descimentos das inumeráveis nações, que povoam aquele Rio; mas é pena que seja sujeita à praga do carapanã e pium, ainda que no ano presente esteja livre dela atribuindo-se a causa da grande enchente, que houve no Amazonas.

**24 de Outubro de 1774**

#### **CVI**

Todo o dia me dilatei nesta povoação, em que fui visitado e presenteado pelas Índias com farinhas de mandioca em multidão, galinhas, papagaios, araras, mutuns, macacos etc...

## 25 de Outubro de 1774

### CVII

Bem na madrugada partimos, e ainda antes de amanhecer passamos a ponta de Parauarí, que deu motivo aos erros e equivocação de Mr. de la Condamine. Assunto, que faz desculpável, e necessária uma breve digressão.

*Refuta-se a opinião (<sup>61</sup>) de Mr. de la Condamine sobre os limites das Colônias Portuguesas no Rio Amazonas e se estabelece o incontrastável direito dos mesmos contra as pretensões de Espanha.*

### CVIII

Será bom para maior clareza deduzir a história do seu princípio. Depois que os Filipes ocuparam Portugal, foi um dos cuidados da Corte de Madri descobrir inteiramente o Rio Amazonas, com o fim de comunicar o Peru com as nossas Colônias do Brasil e Pará, e poderem transportar os gêneros daquele continente pelos nossos portos, e pelo meio do Amazonas lhes ficava mais fácil e cômodo, a despeito das grandes dificuldades que encontram na condução para os seus.

Fizeram-se várias Expedições, tanto pelo Pará, como pela parte do Peru, mas todas infrutuosas até que enfim o Capitão-mor Pedro Teixeira da guarnição do Pará mandado pelo Governador Jacome Raymundo de Noronha, navegou o Rio Amazonas e entrou na cidade de Quito. Naquele tempo foi reputada esta descoberta de não menor valor, que as que se chamam famosas. Em Quito foi recebido Pedro Teixeira com grandes aplausos.

---

<sup>61</sup> Tomo II das viagens de Rogers. Ed. Frances de Amsterdam, 1716. Dissertação sobre o Rio das Amazonas. (SAMPAIO, 1825)



Olhava-se para ele como para um homem extraordinário, superior aos perigos e dificuldades, que achou naquela Expedição, que se podem ver na relação que dela há escrita.

Enfim, Pedro Teixeira adquiriu imortal fama e se pôs ao lado dos heróis da nossa história, brilhando o seu nome nos Anais Portugueses com tão distinta glória como a dos Gamas e Cabrais. Na volta, pois, daquela viagem, ao Rio Napo, defronte das bocainas do Rio do Ouro ou Aguaríco plantou um marco, conforme as suas instruções, para servir de limite entre as Colônias Portuguesas e Espanholas, e logo tomou posse pela Coroa de Portugal daquele lugar e dos mais, que se incluíam dentro dos mesmos limites e demarcação. Fez-se de tudo um auto solene, que se registou nos livros da Câmara do Pará, cuja cópia se acha nos Anais Históricos de Berredo <sup>(62)</sup>.

## CIX

Quer Mr. de la Condamine <sup>(63)</sup>, que o referido marco não fosse plantado no Rio Napo, mas sim defronte da barra do Rio Japurá, no lugar que deu causa a esta digressão. Funda a sua opinião em argumentos metafísicos, inúteis para a averiguação dos fatos históricos.

Diz que no dito auto de posse se põe a data:

*Dos Guiarís defronte das bocainas do Ouro.*

Entra a confundir o Yquiari com o Rio do Ouro: a falar na passagem dos Manãos para o Amazonas, no ouro que eles traziam de Yquiari: assenta que a Aldeia do Ouro é em Paraguarí.

---

<sup>62</sup> Livro X, & 701. (SAMPAIO, 1825)

<sup>63</sup> Extrato do Diário da Viagem pelo Rio das Amazonas. Página 51, da Edição Espanhola de Amsterdã, 1745. (SAMPAIO, 1825)

E, enfim, da palavra Paraguarí, discorre, que vale o mesmo que o Rio dos Guarís no idioma Brasiliense, e por esta etimologia decide, que aqui é a aldeia do Ouro, e que ficando defronte da foz do Japurá, este é o Rio do Ouro, fronteiro ao qual se plantou o marco, de que tratamos.

### CX

Diz mais, que os portugueses esquecidos do referido auto adiantavam a sua pretensão acima da Província dos Umuás.

### CXI

A estabelecida reputação de Mr. de la Condamine poderá iludir aos que sem maiores notícias lerem os seus escritos. Mas Mr. de la Condamine podia passar sem tocar esta questão no seu diário, em cuja decisão alcançou a nota de menos verdadeiro, e muito preocupado. É pena, que um homem tão célebre quisesse assim deslustrar-se.

### CXII

A resposta às suas reflexões mostrará a debilidade delas. Primeiramente é falso, que no auto de posse se ponha a data:

*Dos Guarís defronte das bocainas do Rio do Ouro.*

Eu apelo para a cópia autêntica do mesmo auto impressa nos Anais Históricos do Governador, e Capitão-General do Estado do Pará Bernardo Pereira de Berredo, aonde se pode ver, e se conhecerá, que não há lá tais palavras "*Dos Guarís*". Antes principia o auto na forma seguinte:

*Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil seiscentos e trinta e nove, aos dezesseis do mês de agosto defronte das bocainas do Rio do Ouro, estando aí Pedro Teixeira etc...*



E se finalizava o auto com o nome das testemunhas, sem repetição de data: Como pôde logo vir ao pensamento de Mr. de la Condamine a palavra Guarís. Eu para não imputar tanta falsidade a este famoso acadêmico, direi, que ele se equivocou, trocando a palavra Aguaríco, nome do Rio, que no auto se chama do Ouro, na de Guarís, posto que tal equivocação se lhe não deva perdoar, pois que o aponta no seu mapa.

### CXIII

O Aguaríco deságua na margem Setentrional do Napo, na altura de quase 02° do Sul. O Aguaríco pois é o Rio do Ouro, de que no auto se fala. Assim o testemunha a Relação da Viagem do mesmo Pedro Teixeira escrita por Acuña, aonde se diz no capítulo 45:

*Encontra-se o Rio Aguaríco, que também se chama Rio do Ouro.*

E no capítulo 49:

*Este Rio [Aguaríco] está em fama, não só pelo seu ar pouco sadio, mas pela quantidade de ouro, que se tira das suas arcas, que à mais de cem anos lhe fez dar o nome de Rio de Ouro.*

Agora devo observar, que na mesma relação se faz menção do Rio Japurá, que aí se não equivoca como Aguaríco, ou Rio do Ouro.

### CXIV

Neste lugar é que o Capitão-mor Pedro Teixeira deixou uma parte da sua Armada, e na volta de Quito escolheu o mesmo para a plantação do marco, e formar a Povoação.

## CXV

Vamos aclarando o confuso caos de Mr. de la Condamine. O Yquiari, de que fala e aponta no seu mapa, é o Rio Ucayarí, chamado comumente Uaupés; nome de uma nação que o habita.

Sim é certo, que deste Rio há comunicação mediata com o Japurá, e que os Índios do mesmo Ucayarí das nações Panenuá e Tariana tem sido vistos com folhetas de ouro; mas ainda se ignora presentemente donde é extraído aquele ouro.

Porém a este Ucayarí não se podem aplicar as confrontações do Rio do Ouro ou Aguaríco, de que fala o auto de posse e a Relação da Viagem. Bastando para desvanecer qualquer conjectura advertir, que a barra do Ucayarí é no Rio Negro ao qual tributa as suas águas, por onde não navegou Pedro Teixeira, e ainda que se comunique com o Japurá, nem este teve nunca o nome de Rio de Ouro, nem uma tão remota comunicação podia fazer lembrar, e datar o referido auto de posse do lugar:

*Defronte das bocainas do Rio do Ouro.*

Se se entendesse por tal o Ucayarí.

## CXVI

Continuemos a desembrulhar as confusões de Condamine. Assentado que a aldeia que Pedro Teixeira denominou do Ouro ficava fronteira à barra do Japurá, conclui que este Rio é o do Ouro, para dar por certo, que defronte da sua boca se plantara o marco. Miserável discurso! E porque razão Mr. de la Condamine se não instruiu melhor para estabelecer as suas conjecturas? Se ele lesse mais atentamente a Relação do Acuña, talvez evitasse tão indesculpáveis erros.

Que conexão tem a aldeia do Ouro, como Rio do Ouro, e com o lugar em que se plantou o marco? Eu lhe concedo de boa graça, que fosse em Parauarí aquela decantada aldeia; pois se aí não foi, não é muito distante, por ter sido imposto aquele nome à primeira aldeia da nação dos Curusicariz, que se estendia pelo lado do Sul do Amazonas, principiando do Parauarí para cima.

Mas impor-se o dito nome àquela aldeia, por ficar defronte da boca do Rio do Ouro; não. E isto é o que fez equivocar a Condamine.

### **CXVII**

Na viagem para cima chegando a nossa Armada à referida primeira Aldeia, encontraram-se vários Índios dela com pendentes de orelha e nariz, de ouro, os quais compraram os nossos, e era tão fino, que pesou a vinte três quilates em Quito. Por este motivo impuseram à mesma o nome de Aldeia do Ouro, como se pode ver da Relação de Acuña no capítulo LVI. Fica logo indubitável a causa da imposição daquele nome, e que ela não foi derivada do Rio, mas sim daquele coerente motivo.

### **CXVIII**

Para assim se persuadir bastava, que Condamine refletisse, que este nome foi posto quando se subia o Rio, e que o marco foi plantado no retorno da viagem, e nesta ocasião é que se fala no Rio do Ouro, que é o Aguarico, como fica a meu parecer demonstrado: e no auto de plantação e posse se não trata da Aldeia do Ouro, como erradamente o supõe Condamine, nem Acuña o confunde, antes confrontada a sua Relação com o auto se conhece evidentemente a diferença de um e outro lugar.

## CXIX

Não nos esqueçamos da célebre etimologia da palavra Paraguarí. Quem lera Mr. de la Condamine, e o vir decidir com tom dúbio e seguro da natureza e gênio da língua geral dos Índios julgará, que ele tinha grande conhecimento da mesma. Nada menos. Condamine confessa, que a ignorava, e assim o mostra a sua decisão.

## CXX

Afirma enfim, que Paraguarí, quer dizer Rio dos Guariz: em razão da palavra "Pará" significar Rio. Um homem que sustenta um absurdo, precisamente se há de servir de provas absurdas. Condamine enganado da palavra "Guariz", que não sei aonde foi achar, viu na de "Paraguarí" feliz conformidade com as suas ideias, e foi quanto lhe bastou para a sua asseveração. Porém que imperdoáveis erros cometeu Condamine?

**Primeiro erro:** *não se escreve [conforme a genuína ortografia e pronúncia da língua geral dos Índios do Brasil] Paraguarí, mas sim "Parauarí" sem a letra "g", o que bastaria para desfazer pelo fundamento todo o custoso edifício de Condamine.*

**Segundo erro:** *a palavra, que significa Rio, é "Paraná" e não "Pará".*

**Terceiro erro:** *conforme o gênio próprio da língua sobredita e seu inalterável uso, para dizer Rio dos "Guariz", formariam assim a frase "Guariparaná"; pois juntando-se dois substantivos, um dos quais haja de ser regido como o genitivo da língua latina, se antepõe sempre o genitivo ao nominativo, e por isso se havia de dizer "Guariparaná", e não "Paraguarí". No que tem esta língua igual gênio ao da inglesa, na qual se diz "Snuff Box" para significar caixa de tabaco, antepondo-se a palavra tabaco à de caixa; como dizendo, de tabaco caixa.*

**Quarto erro:** da nação "Guariz" não há notícia alguma, nem naquele lugar, nem em todo o Amazonas.

### CXXI

Mas para que me canso em procurar razões para refutar a Mr. de la Condamine, se tenho um argumento invencível, e intergiversável, que só basta para definir a questão. [...]

### CXLVIII

Tenho finalizado a minha dissertação e é tempo de continuar a viagem. Na margem Setentrional, e de frente à referida ponta do "Parauarí", nos ficava a foz do grande e famoso Rio Japurá. Como a minha intenção é entrar neste Rio por um dos canais superiores à sua boca, que com o mesmo se comunicam, reservo para esse tempo dar maiores notícias das suas fontes, curso, Rios, que lhe são tributários e nações que o habitam.

### CXLIX

Fomos por toda esta manhã seguindo a mesma margem Austral; intermediavam algumas Ilhas; a terra se elevava em partes em altas barreiras, em que costumam ser frequentes os assaltos dos Muras. Pelas 14h00, entramos pelos canais, que as Ilhas formam, de que saímos às 17h00. Passamos à vista da espaçosa boca do Lago Cupacá, que deságua na margem do Sul. Na Oriental deste Lago e proximamente à barra esteve em outro tempo uma Povoação, composta das nações Achouarí e Júma. O espírito de rebelião, próprio da inconstância natural dos Índios, moveu a estes últimos ao sacrílego atentado de matarem a seu Missionário Frei Antonio de Andrada religioso Carmelita. Governava este Estado o Ilustríssimo e Excelentíssimo Bernardo Pereira de Berredo, [tão famoso pela elegante obra dos seus "Anais



*Históricos*”]. Mandou este General castigar os Jumas e se extinguiu aquela Aldeia. As águas do Cupacá são pretas. É este Lago abundante de cacau, salsaparrilha e óleo de copaíba. Habita-o o gentio Mura comunica-se com o Rio Juruá, de que adiante falaremos. Depois dos ditos canais se seguia uma larga enseada aonde passamos a noite.

## **26 de Outubro de 1774**

### **CL**

Continuamos a navegação, esta manhã, entrando pelo canal que forma uma ilha, chamado Ji-Paraná, ou Rio do Machado. Na manhã de hoje e também na de ontem tivemos grande perseguição do pium. Houve não poucas correntezas porque o Rio tinha tido um novo repique de enchente. Às 11h00, chegamos à boca do pequeno Rio Yautó. De tarde continuaram as correntezas e um fortíssimo vento de proa fez cessar a navegação por mais de duas horas. Nos lugares mais elevados haviam terras caídas, o que junto ao receio do Mura, que costuma frequentar estas paragens, nos trouxe um dia pouco alegre. Passamos a primeira barra do pequeno Rio Acaricoára, a qual também chamam Camadú.

### **CLI**

Pelas 17h00, deixamos a margem do Rio, que seguíamos junto a boca do canal Andirá, e entramos a costear o lado do Norte da Ilha, que o forma, continuando a viagem sempre por entre Ilhas de diversas grandezas. Já de noite navegamos para a margem do Rio junto da terra firme; passando pela boca do Riacho Baré, e fomos dormir próximos ao canal Maicoapaní. Quase defronte nos ficava, na margem do Norte, a boca de outro canal chamado Aranapu, que sai ao Japurá e tido equivocadamente, até o tempo da minha viagem, por boca do mesmo Japurá.

## 27 de Outubro de 1774

### CLII

Prosseguimos a navegação pela margem do Sul, entrando pelo dito canal Maicoapaní. Forma-se este canal por uma ilha que se aproxima a terra e gira por vários rumos. Tendo entrado a navegá-lo, pelas 03h00, saímos dele já depois das 07h00, por causa do arrebatado ímpeto, com que por aqui correm as águas. As terras das suas margens são fertilíssimas em cacau e o canal abundante de peixe-boi.

### CLIII

Entre as diversíssimas espécies de peixes do nosso Amazonas, nenhum é mais singular que o peixe-boi, ou vaca marina. A semelhança da sua cabeça e focinho a iguais partes de uma vitela lhe fez dar este nome, bastante impróprio. A sua carne, principalmente a do ventre, é gostosíssima. Dele se fazem chouriços com as suas próprias tripas. Enfim posto que tenha o nome de peixe tem mais gosto, e aparência de carne. A sua grandeza ordinária é de três para quatro varas e três, ou mais quartas de largura. Pasta a erva da margem dos Rios, para o que somente levanta a cabeça sem sair à terra, nem podem, por ter somente dois nadadores por modo de mãos junto à cabeça, que lhe servem para nadar. E por essa razão não é propriamente anfíbio, como alguns creem. A fêmea tem peitos em que dá de mamar aos filhinhos, que traz unidos a si.

### CLIV

Há outra qualidade de peixe-boi chamado vulgarmente de azeite; porque toda a sua substância é gordura, de que se extrai tanta quantidade de azeite, que chega um só peixe render para cima de 20 almudes <sup>(64)</sup>.

---

<sup>64</sup> Almudes: no Brasil, 20 almudes equivaliam a 336 litros. (Hiram Reis)

## CLV

Fomos jantar à boca do Lago Saujá. Toda a margem por onde esta tarde navegamos estava cheia de troncos caídos e terras quebradas. Às 18h00, repouσαμε um breve espaço de tempo junto do pequeno Lago, que fica próximo à segunda barra do Rio Acaricoára, que deságua em uma extensíssima enseada, passada a qual aportamos.

## 28 de Outubro de 1774

## CLVI

Foi tanta a chuva, relâmpagos e trovões na madrugada de hoje, que nos impossibilitou a navegar. Ao romper do dia ainda continuava a chuva, fomos navegando seguindo a mesma margem Austral. Por oito horas entramos em um canal, formado pela prolongação de uma ilha e andando mais meia légua atravessamos a foz do Juruá, que com impetuosa velocidade paga avultada porção das suas águas ao Amazonas, desembocando no sobredito canal.

## CLVII

Desce o Juruá das cercanias de Cusco, dirigindo a sua dilatada carreira do Sul ao Norte. Na altura Austral de 02°30' faz barra no Amazonas. Tem sido pouco frequentado pelos brancos; posto que fosse um dos primeiros que se navegaram no descobrimento destes países, pois por este Rio desceu Pedro de Úrsua, segundo descobridor do Amazonas, mandado pelo Marquês de Canhete Vice-rei do Peru. Ninguém ignora o fim trágico deste cavalheiro Navarrez, e como foi aleivosamente assassinado por dois oficiais do seu Exército, Fernando de Gusmão e Lope de Aguirre; movidos da ambição de lhe tirarem o fruto das suas largas descobertas e do criminoso desejo de possuírem a famosa Ignez, mulher daquele infeliz General.

### CLVIII

O gênero principal que se tem tirado do Juruá, é a salsaparrilha. Há neles muitas nações de Índios, dos quais se tem descido alguns para as nossas povoações, principalmente Catauixís e Maruás, e somente me reservo nomear duas pela sua singularidade.

### CLIX

A primeira destas nações é a Cauaná, espécie de anões por serem de estatura tão curta, que não passam de cinco palmos (<sup>65</sup>).

### CLX

A segunda é a Ugína. Diz-se que os Índios desta nação tem rabo do comprimento de três a quatro palmos (<sup>66</sup>), ou mais. Atribui-se a origem desta nação caudada ao ajuntamento das mulheres com os monos Coatás; e por isso também se chamam Coatá Tapuia. Parecerá esta relação uma fábula, ou para melhor dizer uma quimera, mas sendo certo que nada tem de impossível a assinada origem, está o testemunho de um grande número de Índios descidos do Juruá, que conheceram a dita nação e está, sobretudo, o incontrastável documento de uma certidão jurada, que eu vi em poder do reverendo visitador e Vigário Geral desta Capitania Jozé Monteiro de Noronha, passada pelo reverendo Padre Frei Jozé de Santa Thereza Ribeiro religioso Carmelita, datada em Castro de Avelans, aonde era vigário, em 15 de outubro de 1768, o qual religioso existe hoje no convento do Pará, e com ele falei este ano junto à Vila de Serpa, na ocasião em que se recolhia para àquela cidade.

---

<sup>65</sup> Cinco palmos = 1,143 metros. (Hiram Reis)

<sup>66</sup> Três a quatro palmos = 0,68 a 0,91 metros. (Hiram Reis)

## CLXI

Na sobredita certidão, afirma o mesmo religioso, que sendo missionário da aldeia de Pararará, que depois se mudou para Lugar de Nogueira chegara ali um homem com Índios resgatados, entre os quais vinha um, que teria uns trinta anos de idade, que dizendo-lhe o dito homem que aquele Índio tinha rabo, e não podendo acreditá-lo, o fez despir com o pretexto de tirar tartarugas de um poço em que se costumam conservar e, então, certifica o dito Padre:

*Que vira, sem padecer engano algum, que o sobredito Índio tinha um rabo da grossura de um dedo polegar, e de comprimento de meio palmo, coberto de couro liso sem cabelos.*

## CLXII

Habitam estas nações muito distantes da boca do Juruá, e para cima das cachoeiras deste Rio. Os Índios do Juruá são belicosíssimos. As suas armas além de arco e flecha, são a esgravatana, o murucú ou lança e a tamarâna.

A esgravatana (<sup>67</sup>), ou espingarda de ar, é um tubo, ou cilindro reto, com o diâmetro de meio até três quartos de polegada, de diversos comprimentos, mas que chega a 15 palmos. É feita de duas peças que depois se ajustam e unem, guarnecendo-a com a casca de um cipó ou vime forte e muito durável. O instrumento com que trabalham naquela ou semelhantes obras, é o dente de cotia, ou outros de igual rijeza. No lugar em que esta arma se aplica à boca tem maior orifício. O seu uso consiste em introduzir no dito orifício uma flechinha regularmente ervada na ponta e no pé da qual, ou extremidade oposta, se

---

<sup>67</sup> Esgravatana: zarabatana. (Hiram Reis)

prende em volta um pequeno floxo (<sup>68</sup>) de algodão ou sumaúma e logo aplicando-se a esgravatana à boca se sopra com violência, fazendo-se pontaria ao objeto a que vai dar a flecha. Também se atira com bala de barro, chega o tiro há grandes distâncias e não há arma mais própria para a caça, porque não fazendo estrondo não afugenta.

### CLXIII

A tamarâna (<sup>69</sup>) é um pau faceado em quatro lados, os opostos iguais, mas chato, muito liso, de agudas esquinas, de maior largura em uma das extremidades, e de madeira rijíssima. Ornamos-nos com uma franja de algodão e com figuras de pontinhos. Este instrumento serve para com ele dar mortais golpes.

### CLXIV

As lanças ou murucús são também de pau pesado e muito bem aperfeiçoadas: A ponta, porém, que costuma ser ervada é de diversa madeira, delgada e tão frágil que possa quebrar e ficar no corpo de quem infelizmente for ferido, para que assim obre mais eficazmente o veneno, cuja instantânea atividade apenas acha remédio.

### CLXV

Do Rio Tefé até ao Juruá habitava a nação dos Curú-curis, estendendo-se pela margem do Sul no espaço de oitenta léguas. Esta é aquela poderosa, e numerosa nação, que ocupava toda a referida margem em uma quase contínua Povoação. Em uma das suas aldeias comprou o nosso Capitão Pedro Teixeira várias pranchas de ouro de finíssimo quilate, sobre o que já falamos. Era esta nação famosa na fábrica da louça em que comerciava com as vizinhas.

---

<sup>68</sup> Floxo: chumaço. (Hiram Reis)

<sup>69</sup> Tamarâna: tacape, borduna, clava. (Hiram Reis)

## CLXVI

Em toda esta manhã ou por causa da chuva, ou porque a paragem assim o permitisse, tivemos incrível multidão de pium. Pareciam enxames, que de toda a parte nos atormentavam e creio, que somente quem tiver experimentado este cruel flagelo, poderá dar crédito ao que relato, sendo que as hipérboles seriam aqui diminutas.

## CLXVII

Depois que nos dilatamos ao jantar, fomos correndo a mesma margem Austral, cercada quase sempre de barreiras, e com não poucas correntezas. À noite aportamos nas terras baixas, que se seguiam.

**29 de Outubro de 1774**

## CLXVIII

Na madrugada vencemos outras correntezas, e ao amanhecer chegamos à boca do Riacho Cayarás, que com pequeno curso deságua na margem Austral do Amazonas. Navegamos por ele um quarto de légua e chegamos ao Lugar de Fonte boa, situado na margem Oriental do dito Riacho.

## CLXIX

Sendo a quinta situação que tem esta Povoação não parece que as mudanças a tenham feito melhorar. Era chamada antecedentemente Taracuátyba, nome da sua terceira situação. A que atualmente ocupa, posto que em uma ribanceira alta, é pouco enxuta nos fundos, excetuando a pequena frente, olhando ao porto. Pelos lados está rodeada de largas profundidades, que não dão lugar a se estenderem os edifícios. Triste o Rio. A povoação no interior dele e fora das vistas do Amazonas. O porto é incomodo na vazante.

Inumerável praga de pium, tudo concorre a fazer menos agradável a sua habitação. Porém em compensação destes defeitos está a prodigiosa fertilidade das suas terras, em que se produz abundantíssima a mandioca, o milho, as frutas, principalmente ananases em tanta quantidade que chegam a se não aproveitarem. Deles tive tal multidão de presentes, que já não havia lugar na casa, em que assistia para se guardarem. São aqui também as Índias curiosas <sup>(70)</sup> na criação de galinhas de que há muita abundância.

### **CLXX**

Sem forno nem olaria fabricam vasos, panelas, potes, e talhas de extrema grandeza. O uso destas é para os seus vinhos que fazem de ananases, de milho, de mandioca, macaxeira e outras frutas e raízes. Eu entrava em todas as casas, examinava tudo, perguntava os nomes e usos das coisas e as Índias riam com alegre satisfação. Aos Índios da fundação deste Lugar se tem acrescentado um avultado número deles novamente descidos. Pelo que é uma confusão de línguas. As nações que o povoam são Umaua ou Cambéba, Xáma, Xomána, Passé, Ticuna, Conamana, Cumuramá, Payána.

### **CLXXI**

O sítio da povoação era uma Tapera [lugar de antiga Povoação de Índios]. As ruas se acham ainda cheias de talhas enterradas, cujos bordos estão à superfície da terra. Nestas talhas conforme os seus ritos e usos sepultavam os defuntos. Grassou aqui com excesso no ano presente o contágio das bexigas, como em quase todas as Povoações do Amazonas.

**30 de Outubro de 1774**

### **CLXXII**

---

<sup>70</sup> Curiosas: que realizam uma atividade amadoramente. (Hiram Reis)



Pelas 13h00, saímos de Fonte Boa, e entramos a navegar o estreito e sinuoso canal, que do Amazonas surge na margem Ocidental do Cayará e, às 17h00, deixamos, principiando a costear a dilatada enseada, que pelo Sul rodeia o Amazonas, na qual passamos a noite. Na margem do Norte nos ficava a boca do canal Manhána, julgado erradamente barra do Japurá, caminho que, por ser mais breve, haverei de seguir na volta para entrar naquele Rio.

### **31 de Outubro de 1774**

#### **CLXXIII**

Toda a margem Austral, que fomos navegando, é cheia de cacauais silvestres e igualmente a oposta. Na madrugada tínhamos passado a boca do Riacho Campina, assim chamado por correr de uma dilatada, sendo a sua fonte um Lago em que é fama haver horríveis, e vorazes serpentes. Encontramos depois as bocas de outros vários Lagos e, às 07h00, entramos no canal Tarará, de que saímos pelas 16h00. Seguiu-se a enseada do Uarúmandyba, abundante em cacau. À noite fomos dormir a lugar bastante incômodo, obrigados pela obscuridade, que não dava lugar a procurar outro melhor.

### **1º de Novembro de 1774**

#### **CLXXIV**

Ainda antes de romper o dia tínhamos passado, navegando sempre pela margem do Sul, a boca do Riacho Puruiní. Ao raiar do Sol passamos a de Manaruá. No lado oposto avistamos a de Mariuímyba, em que em outro tempo esteve a Povoação de Fonte Boa.

Pelas 09h00, chegamos ao riacho Mujuítyba, aonde esteve, mas correndo pela margem do Amazonas o dito lugar de Fonte Boa, antes de se mudar para a situação, que presentemente ocupa.

Ainda se conhecem os vestígios daquela Povoação e se conservam muitas árvores frutíferas de que se aproveitam os passageiros. Não por ser mau aquele sítio se mudou a Povoação; mas sim por causa de tanta afluência de praga de mosquitos que a fazia inabitável. O que pode servir de prova para que se não tenha por exageração, o que sobre mesma praga tenho relatado.

### **CLXXV**

Às 11h30, chegamos à barra do Rio Jutaí, aonde descansamos. E seguindo a viagem atravessamos a sua espaçossíssima boca que conforme o cálculo de Mr. de la Condamine, é de oitocentas e sessenta varas castelhanas.

### **CLXXVI**

Paralelo ao Juruá e descendo igualmente das altas serras de Cusco dirige o Jutaí as suas correntes do Sul ao Norte entrando no Amazonas 02°40' de Latitude Austral. No volume das suas águas não cede aos de maior nota.

É denegrada a cor delas na aparência, mas na realidade cristalina e saborosa. Por essa causa fizemos provisão delas para alguns dias porque a água do Amazonas, turva e imunda é muito nociva. Corre este Rio com doce tranquilidade mas nem por isso tem sido muito navegado.

Abunda em salsaparrilha de que se extrai grande quantidade, sem que seja necessário navegar muito acima. Conta, que o habitam numerosas nações de Gentios. Na parte superior os Umauás e outras: na inferior Tapaxána, Uaraicú, Marauá. Os Conamanás, da qual nação há alguns Índios em Fonte Boa, como dissemos são antigos, pois que deles dão notícia as Relações dos primeiros descobrimentos.

## **CLXXVII**

Por informação dos Índios, que tem descido do Jutaí, se sabe que nas suas cabeceiras há campinas dilatadas, nas quais se acha gado vacum. O que é verossímil; porque bem se conhece que os castelhanos costumam sempre fundar as suas Colônias com gados.

## **CLXXVIII**

Que úteis e sólidos estabelecimentos se não podiam fazer nestes dois Rios Juruá e Jutaí dos quais apenas conhecemos por informações uma pequena parte. No Jutaí, principalmente, que proveitosa seria uma Povoação! Por meio desta poderíamos conhecer e descer as inumeráveis nações daquele Rio, facilitar a sua entrada para estender o comércio.

## **CLXXIX**

Logo que passamos o Jutaí entramos a navegar por entre Ilhas, das quais saímos pelas 17h30. Atravessamos aqui o Amazonas, para seguirmos a navegação pela sua margem Setentrional. É extrema neste lugar a sua largura. Tomamos uma ilha, mas sobrevivendo uma trovoada nos acolhemos a outra imediata, aonde passamos a noite, cuja obscuridade não permitia continuar-se a viagem, principalmente com o receio de tocar em algum tronco, como de fato nos tinha sucedido, ainda que sem perigo, não sem susto; porque a canoa com o toque fez tais movimentos, que chegou a meter água.

**02 de Novembro de 1774**

## **CLXXX**

Continuavam as Ilhas, e por entre elas fomos viajando, entrando no canal Eviratyba de que saímos ao romper do dia. Seguiu-se uma enseada de figura an-

gular, em que era arrebatadíssima a correnteza da água, refletindo com a mesma força com que incidia. Por esta causa deixamos a margem do Norte, que costeávamos e passamos para uma ilha extensíssima, que ocupa o meio do Rio, a qual fomos rodeando. Pelas 09h30, avistamos a boca do Auatí-paraná por onde se comunica o Amazonas com o Japurá. Fomos também avistando a costa que continua chamada Mina. Sem deixar as Ilhas prosseguimos a viagem passando de umas a outras. Às 17h00 avistamos a outra entrada do Auatí-paraná, que termina a referida costa Mina.

### **CLXXXI**

Tendo em toda esta viagem visto por várias vezes onças, na tarde de hoje se matou a primeira com dois tiros, que da canoa e lhe atiraram. Posto que ainda nova, tinha já um avultado corpo. Este animal é um dos mais ferozes e formidáveis, que habitam as selvas do Amazonas. São em tanta quantidade, que é perigoso qualquer descuido em entrar no mato sem cautela. Por esta causa ficam muitos Índios, dos que vem a colheita do cacau vítimas infelizes daquela voracíssima fera. Não há maior segurança nas Povoações em que chegam a entrar pelas casas.

### **CLXXXII**

Além da sua ferocidade é este animal dotado de incrível ardileza para fazer as suas presas, não somente peleja contra todos os animais, mas até pesca tartarugas e combate valorosamente contra o jacaré ou crocodilo. Ainda que os seus dentes sejam extremamente agudos, largos, e reforçados contudo a sua maior força consiste nas unhas das mãos, com que faz tiro seguro a objeto, que intenta, principalmente de cima de alguma árvore, em que costuma fazer as esperas, estando sempre movendo a cauda que é o que algumas vezes as faz pressentir.

### CLXXXIII

O único inimigo da onça, mas inimigo infeliz, é o Tamanduá-açu. Do combate deste dois animais se segue a morte de ambos. As armas do Tamanduá-açu (<sup>71</sup>), são as unhas do comprimento de meio palmo e agudíssimas, depois que com elas prende a onça as não desenterra até que ambos morrem.

**03 de Novembro de 1774**

### CLXXXIV

Por toda a madrugada continuamos pelas Ilhas. Ao amanhecer atravessamos para o Norte, que seguimos. Estreitava-se por aqui bastante o Rio. As terras eram altas, e compostas de rochedos cobertos de frondosas matas. Chamam a este lugar o Canariá o qual em todo o dia, costeamos com bastante oposição das correntezas. Foi imenso o pium que nos perseguiu por todo o dia. Para jantar foi necessário estarem os Índios com leques de penas, lançando-os fora. À noite descansamos na boca do Rio Tonatí, aonde nos martirizou o carapanã.

### CLXXXV

O Tonatí posto que Rio de pouca consideração, é contudo habitado de algumas nações de Índios, as mais conhecidas são os Cayuicénas, que estando antigamente aldeados na margem do Amazonas oposta à que agora navegamos, em um sítio entre o Riacho Maturá, mataram o seu missionário e desamparam a Aldeia de que receberam o merecido castigo mandado dar pelo Governador e Capitão General Alexandre de Souza Freire.

---

<sup>71</sup> Tamanduá-açu: Tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). (Hiram Reis)

## **CLXXXVI**

A outra nação é a Pariána. De ambas [cujas línguas tem pouca diferença] temos Índios descidos nas nossas Povoações. São inclinadíssimos à agricultura, e hábeis na pesca e caça, e por meio da sua laboriosa indústria vivem abundantes. Ao aportar reparamos em que havia fogo na ponta de uma praia, que estava junto à boca do Rio, e logo vimos fugir três Índios, cuja fugida não pudemos atalhar. Estes Índios costumam sair do centro do mato para as praias neste tempo a fazerem as suas pescarias e provimento de ovos de tartaruga.

**04 de Novembro de 1774**

## **CLXXXVII**

Sem deixar a mesma margem Setentrional, seguimos a viagem. Às 11h30, chegamos à Povoação de S. Fernando. Está situada esta Povoação na margem Setentrional do Amazonas, mas próxima à barra do Içá. É tal a elevação do terreno que cansa a subida; porém no alto do outeiro é planíssimo. Pelo Oriente a banha o riacho Itáquí, do Poente lhe fica o Rio Içá. A natureza das suas terras mostra fertilidade. Formouse esta útil e necessária Povoação, no ano de 1768, compondo-se dos Índios das duas referidas nações Cayuicénas e Pariána descidos do Tonatí.

## **CLXXXVIII**

Entrei nas suas casas, onde observei a abundância, com que vivem, estando cheios de farinhas, frutas, peixes; notando especialmente os moquéns <sup>(72)</sup> cheios de jacarés ou crocodilos, que para eles é bocado estimado. Devo aqui dar notícia dos moquéns, de que usam todos os Índios. Em uma grelha de pau

---

<sup>72</sup> Veja-se a *Histoire des Aventuriers Flibustiers*, de Oexmelin. (SAMPAIO, 1825)

sustentada por quatro pés, põem o peixe ou caça, e submetem-lhe o fogo, de sorte que não chegue à grelha, ali se vai assando lentamente. Se hão de fazer reserva, guardam os assados em cestos e de tempos em tempos os tornam a aquecer. Para o uso diário se vai tirando da mesma grelha, o que é necessário, e fica ali o resto para os mais dias. Com isto suprem o sal que não tem. Este moquém é o de que tratam alguns autores pela palavra Boucan (<sup>73</sup>). A grelha é que se dá o nome de moquém e dela se estende aos assados. Por de moquém, é por sobre a grelha.

### CLXXXIX

Não me dilatei nesta Povoação mais tempo do que foi preciso para a ver, examinar e fazer as devidas práticas e recomendações aos novos Índios seus habitantes. Às 14h00, continuamos a navegar. Seguiu-se logo o Rio Içá cuja espaçossíssima e rápida foz atravessamos.

### CXC

O famoso Içá a que os castelhanos na parte superior, que ocupam chamam Putumayo, correndo com direção quase de Oeste a Leste deságua no Amazonas na altura Austral de 03°09'. Nas serranias de Pasto, no governo de Popayan, tem os seus mananciais, por onde se vê que é dilatado o seu curso.

---

<sup>73</sup> A carne do tapiruçu tem quase o mesmo gosto da do boi; os selvagens a preparam a sua moda moqueando-a; os ameríndios enterram profundamente no chão quatro forquilhas de pau, enquadradas à distância de três pés e a altura de dois pés e meio; sobre elas assentam varas com uma polegada ou dois dedos de distância uma da outra, formando uma grelha de madeira e que chamam boucan. Têm-no todos em suas casas e nele colocam a carne cortada em pedaços, acendendo um fogo lento por baixo, com lenha seca que não faça muita fumaça, voltando a carne e revirando de quarto em quarto de hora até que esteja bem assada. Como não salgam suas viandas para guardá-las, como nós fazemos, esse é o único meio de conservá-las. (Jean de Léry)

Depois que em todo ele recebe o tributo de trinta consideráveis Rios, o vem pagar mais rico e liberal ao Amazonas. Como aqueles príncipes, que tendo também vassallos poderosos, eles são igualmente feudatários de outros grandes potentados. Pode-se chamar a este Rio o dourado Içá; porque das minas que tem nas suas cabeceiras arroja o ouro para as suas margens. O que os castelhanos ocupam na parte superior deste Rio são as missões dos Sucumbíos, que catequizam os Franciscanos. Da foz do Rio até à primeira missão serão dois meses de viagem para cima. Os portugueses sempre navegaram o Içá na parte inferior, extraindo dos seus bosques a salsaparrilha, e cacau, gêneros em que abunda, chegando até o Pepitarí, que nele entra pelo Norte e o Itití, que deságua pelo Sul.

## CXCI

Fundaram, pois, os castelhanos uma pequena Povoação junto à boca do Içá, e na sua margem Setentrional por ocasião dos Tratados dos Limites entre Portugal e Castela, a qual abandonaram inteiramente no ano de 1766, ficando reduzidos à sua antiga ocupação. Logo que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Governador e Capitão General do Estado Fernando da Costa de Ataíde Teive, teve notícia daquele abandono, com a mais prudente e sábia política, própria da sua sagacíssima penetração mandou fundar a Povoação de S. Fernando, de que já tratamos.

Era na verdade inútil aos castelhanos aquela Colônia, porque a grande dificuldade de transportar os gêneros a Pasto ou Popayan, com a viagem não menos de cinco meses e perigosíssima por causa das cachoeiras do Rio, a fazia sem proveito e interesse.

Experimentavam-se ali ares pouco sadios, o que concorria para a pouca subsistência daquela Povoação.



## **CXCII**

Habitam no Içá muitas nações de Índios, as principais são Içá que deu nome ao Rio, e é derivado de uns pequenos macacos de boca preta, como a trazem os Índios daquela nação Passé, Payába, Humána, Tumbira etc... A Cacatapuya é antropófaga e traz por distintivo um risco negro largo e retorcido das orelhas até o nariz.

## **CXCIII**

Pela margem por onde fomos navegando esta tarde eram a maior parte de terras baixas e alagadiças. Passamos junto a uma vistosa Lagoa comunicada com o Rio. Nos lugares próximos ao Içá era imenso o pium, e me disseram, que sempre assim costuma suceder. As correntezas do Amazonas eram também extraordinárias, favorecidas principalmente do vento, que furioso batia de proa. Pelas 20h30, aportamos na boca do Lago Caninityba, aonde foi infinito o carapanã.

## **CXCIV**

Apenas era manhã quando entramos a navegar; muito porém nos embaraçaram as correntezas e vento. Tinha ficado a canoa tão cheia de carapanã que foi impossível extingui-lo, e por essa causa toda a manhã nos atormentou. Tendo deixado a margem do Norte, que seguíamos, atravessamos a do Sul e, pelas 10h00, chegamos ao lugar de Castro de Avelãs situado na mesma margem sobre dois outeiros, tendo fronteira uma ilha. O terreno deste lugar é pouco igual. Pelo nascente lhe fica o Riacho Yauivira, que quase a rodeia. Esta é a sexta Situação que tem tido este Lugar. Dizem que a praga e as doenças a que eram sujeitas, algumas das antecedentes, foi a causa destas continuadas mudanças.

Quanto pelo que respeita as enfermidades poderá ter melhorado, mas não no que toca à praga, porque nela é tanta, que fazia baldadas todas as precauções para lhe escapar. Diziam que este ano era favorável. Do que inferia eu qual seria esta habitação em anos de menos favor. Porém enfim por aqui se vive, e passa, tudo vence o hábito e costume, podendo-se dizer, que os incômodos, que os habitantes destes países sofrem neste particular, se lhes recompensam com a admirável fertilidade das terras e abundância de pesca e caça com que evitam a miséria e a indigência, em que vivem os de outros, posto que mais benignos, também mais pobres, e faltos.

### CXCV

Os Índios que habitam esta Povoação são das nações Cambebas do seu fundamento: Pariánas, Cayuvice-nas, Jurís, e Xumánas descidos do Içá.

### CXCVI

Em lugar de mandioca de que fazem pouco uso, costumam servir-se de macaxeira (<sup>74</sup>), outra raiz que

---

<sup>74</sup> A mandioca brava, mais rica em amido do que a macaxeira (ou aipim), é um alimento de melhor qualidade, porém, contém ácido prússico (também conhecido como ácido cianídrico - HCN), e os Índios desenvolveram um método para neutralizar o seu veneno. Depois de permanecerem mergulhados na água por três dias, os tubérculos são descascados e ralados em raladores grosseiros, obtendo-se assim uma espécie de massa úmida que é colocada em tipitis.

Depois de cheios, utiliza-se o princípio da alavanca para alongar o cilindro e espremer a massa. O líquido que escorre é coletado em uma vasilha. Esse suco, o tucupi, é usado como molho para acompanhar as carnes. Fermentado, produz uma bebida alcoólica chamada "caulim". A massa é passada em peneiras para uniformizar a farinha e retirar possíveis impurezas para depois ser assada em grandes fornos onde são colocadas e mexidas com grandes pás de madeira, semelhantes às pás de um remo, até atingirem o ponto desejado. O ácido cianídrico além de causar dores de cabeça, tonturas e falta de ar, pode afetar o sistema nervoso central. (Hiram Reis)

prepara o como a mandioca e que além de lhe servir de pão, também a comem cozida, e assada. O que a macaxeira tem a seu favor é o crescer em seis meses, por cuja razão a plantam pelas Ilhas na vazante do Rio, para a colherem antes da futura enchente.

## **06 de Novembro de 1774**

### **CXCVII**

Nada me convidava a mais demora neste lugar, de sorte que ainda parte das obrigações do ofício diferi satisfazê-las na Vila de Olivença. Pelas 07h00, parti, seguindo a viagem pela mesma margem Austral do nosso Amazonas, cortando não poucas correntezas, em que, por causa, das pontas da terra se precipitava o Rio. Esta manhã avistaram os Índios à borda da água uma cobra chamada jararaca, que logo mataram. Esta cobra, a que se pode chamar a víbora americana, é venenosíssima. Conhece-se pela cabeça chata e pelas pintas brancas das suas escamas. São continuas as mortes que sucedem da sua mordedura, por serem muito frequentes estas cobras. Se morde de manhã, antes que no pasto tenha exaurido a maior parte do veneno é irremediável a morte. Cura-se porém se sem passarem muitas horas depois da mordedura se engolir o sumo da cana do açúcar, que é um dos melhores antídotos que se conhece. Também é proveitoso dar-se a beber aguardente de cana, e sarjar-se o lugar da mordedura.

### **CXCVIII**

Pelas 13h00, fomos descansar à boca do Rio Aucruí. A água deste Rio em aparência preta é na realidade cristalina e ótima. Habitam-no várias nações de Índios, sendo conhecidos os Uraicús, Marauás, Colinos, e Maiurúnas. Em todo este dia tivemos tirana perseguição de praga, que durou toda a noite.

## **07 de Novembro de 1774**

### **CXCIX**

Não deixamos a margem do Sul. Em todo o dia fomos avistando inumeráveis Ilhas, assim como no de ontem. Eram estas Ilhas à menos de século e meio muito povoadas pela Nação Umuauá, de que falaremos em outro lugar, hoje se acham desabitadas e sem cultura. A maior parte das terras, que avistamos, eram altas e barrentas, mas junto à água corriam quase sempre alagadiços cobertos de cana brava. Pelas 17h00, entramos a navegar por um canal estreitíssimo, do qual saímos pelas 19h00. Próxima se nos seguiu a boca do pequeno Rio Jandiatyba, povoado das mesmas nações, que habitam o Acuruí.

## **08 de Novembro de 1774**

### **CC**

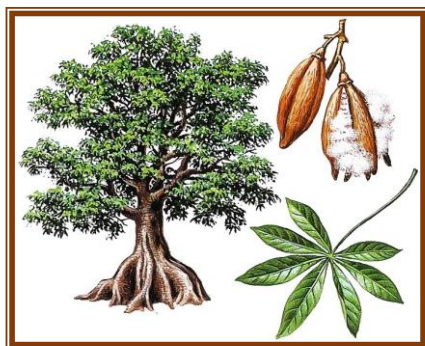
Às 06h00, chegamos à Vila de S. Paulo de Olivença, aonde não desembarquei por querer visitar primeiramente as Povoações superiores. Partimos logo seguindo sempre a margem Austral. Encontramos correntezas tão violentas, que foram baldados todos os esforços que os Índios fizeram, para as passar a remo, ficando só o recurso de puxar a canoa por terra à corda, que foi efetivo. Pelas 09h30, passamos junto à boca do Rio Camatiá. É de água preta, e de pouca consideração. Habita-o o gentio Colíno, nação famosa pela ligeireza da carreira e à qual nunca foi possível reduzir-se a aldear-se. A barra deste Rio é vistosa por causa da terra, que se eleva na margem Oriental, sendo baixa na oposta. Pelas 17h00, avistamos o pequeno Rio Pacoti e, às 18h00, atravessamos para a margem do Norte do nosso Amazonas, a qual seguimos até a hora, que aportamos para descansar.

## 09 de Novembro de 1774

### CCI

Fomos navegando pela sobredita margem toda esta manhã, ela estava cheia de formosas e elegantes árvores e, em grande número, samaumeiras, monguabas, tucuns e açáis etc...

### CCII



A samaumeira é de extrema altura, e grossura, lança os ramos horizontalmente a extraordinária distância. A madeira desta árvore é de pouco uso por não ser de duração, o que, porém, é mais admirável nela é o seu fruto, do qual se extrai uma espécie de algodão, tão estimado na Europa, para guarnecer, e estofar colchões, para o que se não tem descoberto matéria mais própria, primeiramente por ser muito cálida e, por isso, conveniente no inverno, em segundo lugar por ser tão elástica, que posto que abaixe comprimindo-se com qualquer peso, tirado ele e posto ao Sol, logo retorna à sua consistência, e em terceiro lugar pela sua alvura e asseio.

### CCIII

Para se colher esta fruta se corta a árvore pelo pé, e logo se vai juntando a mesma, e se conduz para o lugar onde se abre, e se lhe separa aquele algodão, ou felpa e se introduz em um saco, pois, se houver descuido, voa em um instante. A fruta tem forma de um melão pequeno e comprido.

Dentro está o algodão cobrindo a semente da fruta. Para completar duas ou três arrobas é necessário cortar muitas árvores e dá grande trabalho.

#### **CCIV**

A sua flor é de multipétalas. A corola dela é composta de cinco lâminas ou pétalas de cor amarela e com uma finíssima felpa, que parece pelúcia.

#### **CCV**

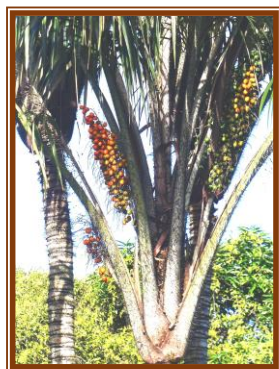


A Monguba tem alguma semelhança com a samameira na sua fruta, com a diferença que a felpa ou algodão daquela é de cor parda, e dizem os experientes que é mais fresca.

#### **CCVI**

Tem a Monguba também outra notável qualidade, que é o uso que se faz da casca interior do seu tronco, tão fibrosa que dela se fabricam cordas, das quais comumente se usam nas canoas.

#### **CCVII**



Ao Tucum se pode chamar o linho da América Meridional. Das fibras interiores das suas folhas fazem os Índios obras, não só de gosto e perfeição, mas também de serventia universal para as suas comodidades domésticas. Redes para dormir, a que chamam maqueiras, que compõem entrelaçando os fios com especial arte; matiris que são uns sacos de diversas

formas e grandezas em que guardam e transportam as suas coisas, e tudo de um fio tão fino, e tão bem torcido que faz admirar, e o mais é sem rodas ou outros instrumentos que não sejam as próprias mãos e o tempo. O Tucum é uma espécie de palmeira brava, todo o tronco é cheio de espinhos agudíssimos, e sem ramo algum, no alto estão as folhas de vara e meia de comprimento e todas recortadas.



### CCVIII

O Açaí é outra espécie de palmeira. Da baga desta árvore se faz a célebre bebida do mesmo nome muito usual entre Índios e brancos, e passa por fresca.

### CCIX

A navegação de tarde foi quase toda sempre por entre Ilhas, em algumas das quais se formavam vistosas praias, porém tinha já o Rio por aqui vazado tanto, que era necessário, quando se rodeavam as praias, puxar a canoa à vara, para cujo uso se serviam os Índios de canas. Quando o permitia o fundo, saltavam os Índios à terra e prendendo uma corda ao mastro da canoa a tiravam por ela, com o que andava com pasmosa ligeireza, e com muito aplauso dos Índios, que aos seus trabalhos costumam sempre juntar a alegria, que lhes fez mais suportáveis.

### CCX

Tendo atravessado para a margem do Sul, continuamos a navegação, por entre Ilhas, que por aqui são inumeráveis e, como já disse, eram todas antigamente povoadas pela nação Uamuás, ou Cambebas. Uma violenta trovoada, que nos sobreveio, e com a qual corremos, adiantou a viagem, fomos em todo

este dia passando de uma margem à outra conforme o pedia a navegação e, às 22h00, chegamos à vista de S. José de Javari, situada na margem Austral do Amazonas.

### **CCXI**

Fica esta Vila em terra pouco elevada ao Rio, toma o nome do Rio Javari, ainda que dista dele 9 léguas. Na enchente do Amazonas se pode chamar de uma península, por causa dos dois Regatos que quase a rodeiam. Foi esta Vila ereta no ano de 1759 pelo Ilustríssimo e Excelentíssimo Joaquim de Mello e Povoas primeiro Governador desta Capitania. Compõe-se unicamente da nação Ticuna.

### **CCXII**

São os Ticunas de um natural preguiçosíssimo. Na sua filosofia professam o miserável dogma da metempsicose, ou doutrina Pitagórica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionais. Adotam o rito Judaico da circuncisão em um e outro sexo, sendo pela maior parte as mães as ministras da operação que celebram com grandes festejos impondo os nomes aos circuncidados. São tão apegados à idolatria, que aos mesmos já doutrinados nas nossas Povoações não é possível poder persuadir, que deixem o seu ídolo; pois continuamente se lhe está achando em suas casas. É este ídolo uma medonha figura feita de vários cabacos e coberta por cima da casca de uma árvore chamada na sua língua Aichama, que parece estopa, da qual fazem também alguns toscos tecidos para as suas cobertas. Ao ídolo chamam *Hóhó* nome que dão ao diabo. O distintivo desta nação consiste em um risco negro e estreito das orelhas até o nariz. As mulheres não usam de cobertura nenhuma: os homens porém se cobrem pela cintura com a casca acima referida.



### **CCXIII**

Tem porém os Ticunas a singular arte de prepararem as aves e passarinhos, que matam com a esgravatana, de tal sorte, que ficam inteiros com todas as suas partes, enchendo-lhe a pele de algodão, ou samau-meira, com o que contribuem para se mandarem para a Europa em benefício da história natural.

### **11 de Novembro de 1774**

### **CCXIV**

Até às 12h00, me dilatei nesta Vila, a qual deixei para me ver livre não só da praga de carapanã e pium, mas também por reservar satisfazer as obrigações do ofício no Lugar da Tabatinga, aonde reside o comandante do destacamento de fronteiras, incumbido da diretoria da Vila. Toda a tarde fomos seguindo a margem Austral. Pelas 22h00, atravessamos para a ponta inferior da ilha Aramaçá aonde descansamos.

### **12 de Novembro de 1774**

### **CCXV**

De manhã principiámos a navegar costeando a sobredita Ilha que, pelas 12h00, tínhamos deixado. É esta Ilha de extensão não menos de 4 para 5 léguas, e tão abundante em cacau, que toda é um cacaua.

Na margem Austral do nosso Amazonas nos ficava a boca do Rio Yavarí, chamado por corrupção Javari. É este Rio fértil em cacau e salsaparrilha. O cabedal das suas águas é igual ao dos grandes que tributam ao Amazonas, no qual desemboca correndo do Sul a Norte, na altura Austral de 04°. Habitam nele diversas nações, sendo as mais conhecidas Marauá, Uaricú, Páno, Chaiauitá, Chimaána, Yaméos etc...

## **CCXVI**

Porém a mais célebre de todas é a Mayurúna, de aspecto tão medonho, como de bárbaros costumes. Trazem os cabelos crescidos e no alto da cabeça uma coroa aberta. Os beiços, e nariz cheios de diversos furos, nos quais introduzem espinhos de árvores, e nos cantos das bocas penas de arara. Nos buracos do nariz, beijo inferior e orelhas, penduram chapas de conchas. A barbaridade dos seus costumes consiste principalmente na desumana prática da antropofagia. Não somente comem os seus inimigos, mas também os velhos e enfermos da sua nação sem exceção de pais e filhos.

## **CCXVII**

Tendo passado para a margem Setentrional, pelas 15h00, chegamos ao lugar de S. Francisco Xavier da Tabatinga, situado na mesma margem.

## **CCXVIII**

É elegantíssima a situação deste Lugar; porque sem elevação incômoda domina inteiramente o Amazonas, descobrindo pela parte inferior até à barra do Javari, na distância de duas léguas, e pela superior até às Ilhas de Xanarié na de légua e meia. Coangusta-se aqui o Rio de tal sorte, que impede a passagem por ele sem que se observe das guaritas da Tabatinga, e se pode impedir. É excelente o terreno por causa da planície, que se estende em grande distância pelos fundos, que admite uma larga Povoação, para a qual tem todas as comodidades. A terra e o Rio a nada se pode comparar na prodigiosa fertilidade. É contudo sujeita esta Povoação à incrível praga de carapanã, pium, maruim e mutuca, que talvez cesse depois de reduzido inteiramente o mato a campina como se pretende.

## **CCXIX**

Neste lugar reside um oficial comandante do Destacamento Militar para guarnecer a Fortaleza, e as fronteiras, ficando próximas às povoações castelhanas, sendo a primeira N. S<sup>a</sup> do Loreto, do governo subalterno de Maynas, e do geral de Quito.

## **CCXX**

Deve-se à zelosa e ativa vigilância do Governador e Capitão General, o Ilm<sup>o</sup> e Exm<sup>o</sup> Fernando da Costa de Ataíde Teive, a fundação, e estabelecimento desta Povoação, fazendo para ela mudar o destacamento do Javari e impedindo assim o passo aos castelhanos com a ocupação daquele importante posto.

## **CCXXI**

Tabatinga é a última Colônia portuguesa no Rio Amazonas, não que ali sejam os limites do domínio de Sua Majestade, porque estes se estendem, como já dissemos, pelo Rio Napo acima até defronte da barra do Aguarico, onde o nosso ínclito Capitão Pedro Teixeira plantou os marcos, que haviam servir de divisão entre as Colônias de Portugal e Castela.

## **CCXXII**

Desce o Rio Napo das cordilheiras de Quito com direção paralela ao Içá. A sua barra, conforme o cálculo de Condamine, não tem menos que 1.400 varas espanholas de largura. A grandeza de suas correntes fez muito tempo duvidar se ele era tronco ou ramo do Amazonas. No Napo deságuam, entre outros Rios, o Coca famoso, porque na sua foz construiu Orellana o bergantim em que navegou ao descobrimento do Amazonas, bergantim, em que se haviam carregado cem mil libras de ouro, o que não é de admirar na descoberta da América.

### **CCXXIII**

Os castelhanos tem até à barra do Napo, contando debaixo, as seguintes Povoações: Nossa Senhora do Loreto, Santo Ignácio de Pevas, S. Paulo de Napianos. No Napo: Capecuies, El nombre de Jesus. As povoações da barra do Napo para cima são as seguintes: Santa Maria de Iquitos, S. Joaquim de Umauás, S. Regis, Urarinas, Chamiouros, Laguna [Residência do Governo] Chayavitos, Cahuapánas, Yuri-mauás, Borja, Andôas, Munixís. Destas Povoações se compõe o Governo de Maynas.

### **CCXXIV**

Os Rios que deságuam no Amazonas, nos domínios espanhóis, são os seguintes: pelo Norte, Nanay, Tigre, Chambíra, Pastaça, Morona, Santiago. E pelo Sul Ucayali, Guallaga, Apéna, Cahuapanas.

### **CCXXV**

Do Pará à Tabatinga são quatrocentas e noventa e três léguas francesas <sup>(75)</sup>, pelas quais se acham dispersas as nossas Colônias no Rio Amazonas, Colônias importantíssimas pela sua grandeza, pela sua riqueza, pela fama do maior Rio do mundo e por mil outras tão singulares circunstâncias que, quando S. Majestade não fosse tão poderoso pelo domínio de seus vastos Estados, bastava possuir o País do Amazonas, para ser senhor de um grande Império, o qual só concorreria a dar-lhe um imenso poder e glória.

### **CCXXVI**

**12 a 15 de Novembro de 1774**

---

<sup>75</sup> 493 léguas francesas: aproximadamente 2.958 km, mas que na realidade são 2.657 km. (Hiram Reis)

Em Tabatinga me dilatei o dia doze, treze, catorze e parte do quinze no qual saí pelas 14h00.

### **CCXXVII**

Depois de experimentar inarrável trabalho, cheio de sustos e perigos na navegação água acima do Rio Amazonas, tudo se nos principiou a suavizar, descendo por ele abaixo. Aquelas multiplicadas e rápidas correntezas, que tanto nos impediam a subida, agora nos serviam para nos arrojar a distâncias incríveis em breves horas. O que andamos para cima em quatro dias e meio, como fica escrito, em 23 horas de suave navegação o vencemos para baixo. Como se navega pelo meio do Rio, não há praga de mosquitos, em que tanto temos falado. Pelas 13h00, chegamos, enfim, à Vila de Olivença.

### **CCXXVIII**

Pode-se chamar a esta Vila a Corte do Rio Solimões. Ela é de todas a mais populosa. É tal a eminência da sua situação que olhando do porto para cima apenas se veem cumes das casas. No alto se forma uma planície, pela qual se estende a Vila, mas logo que acaba, se seguem de toda a parte altas e escarpadas barreiras, que a fazem mais alegre, posto que menos segura, porque cai continuamente a terra. O nome antigo desta Povoação era S. Paulo, bem conhecido nas cartas geográficas. Uniu-se-lhe a Povoação de S. Pedro, que ficava na mesma margem, nome que ainda conserva o bairro desta Vila, que habita a nação Ticuna. Foram muitas as situações que ocupou esta Povoação, mudando-se ultimamente da margem Setentrional para a do Sul, em que está. No ano de 1759, foi ereta em Vila pelo primeiro Governador desta Capitania o Ilustríssimo e Excelentíssimo Joaquim de Mello e Povoas.

### **CCXXIX**

É esta Vila o principal domicílio da famosa e antiga nação Cambeba ou Omaguá da qual darei breve, mas interessante notícia.

### **CCXXX**

Quando o Capitão-mor Pedro Teixeira navegou o Amazonas para completar a desejada descoberta deste Rio, ocupava esta nação as suas margens, e Ilhas na distância de duzentas léguas. A tradição, que este não é o país nativo dos Omaguás, mas que se refugiaram a ele para fugirem dos espanhóis, quando conquistaram a terra, a que deram o nome de Novo Reino de Granada, passando pelo Japurá ao Amazonas. Este nome de Omaguá na sua língua, quer dizer cabeça chata. O mesmo significa Cambeba, nome tirado da língua geral do Brasil, que os Portugueses lhes dão. Com efeito usa esta nação comprimir as cabeças dos seus filhos entre duas tabuazinhas, posta uma na testa, outra na cabeça, de tal sorte que ficam com a cabeça e testas chatas, com a configuração de mitras, e ainda que este costume o vão perdendo não deixam, contudo, de comprimir com a mão ao menos as testas das crianças.

### **CCXXXI**

Os Cambebas são comparáveis àqueles povos chamados Macrocéfalos, ou homens de cabeça longa feita artificialmente, dos quais fala Hipócrates, citado por Thomaz Brown (<sup>76</sup>). As palavras de Hipócrates são as seguintes na tradução latina:

*Quando a criança nasce, eles moldam sua cabeça com as mãos e a forçam a crescer (hoc institutum &c.)*

### **CCXXXII**

Entre as nações de Índios se pode dizer que são os Cambebas os mais civilizados e racionais. Mesmo sua

---

<sup>76</sup> Livro VI, capítulo XX. (SAMPAIO, 1825)

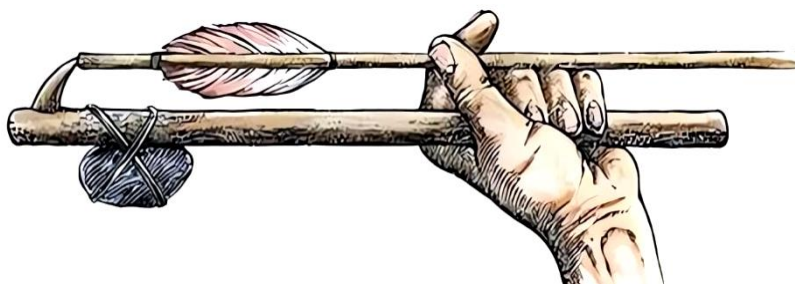
cor é mais alva e a figura elegante. Sempre usaram de vestidos em ambos os sexos; causa raríssima nos Índios da América Meridional. São estes vestidos de algodão que plantam e fabricam as suas mulheres com admirável arte. Tecem cobertas, a que chamam "*tapeciranas*" de vários matizes, pano para o uso doméstico de fio finíssimo e outras semelhantes alfaias de algodão, com o que fazem utilíssimo comércio. Uma nação de Índios fabricante e comerciante pode-se ter por um prodígio. E na verdade sempre tiveram os Cambebas, por estes motivos, especial atenção dos viajantes. Os vestidos porém dos Cambebas não tinham artifício algum. Não era mais que um pano lançado para diante e para traz, com um buraco, por onde introduziam a cabeça, e dois nos lados para os braços.

### **CCXXXIII**

Dos Cambebas aprenderam as mais nações, e igualmente os do Pará, a fabricarem a célebre goma ou resina elástica, chamada vulgarmente leite de seringa, porque daquela goma se fazem; e também outras obras como botas, sapatos, chapéus, vestidos etc..., que tudo é impenetrável à água.

### **CCXXXIV**

Os Cambebas são guerreiros. Os seus antigos inimigos eram os Ticunas e os Mayurunas, das quais nações já falamos. Na guerra eram cruéis. Cortavam as cabeças dos inimigos e as penduravam como troféus nas suas casas, e arrancando-lhe os dentes, faziam deles gargantilhas para seu adorno. A sua arma é a flecha, a qual não lançam com o arco mas com uma palheta de dois palmos e meio de comprimento, em que cravam em uma das extremidades o dente de algum animal de meio dedo de comprido e virado para a outra extremidade.



*Imagem 25 – Propulsor, estólica, palheta*

Tomando a palheta na mão, entre os dois dedos, o polegar e o indicador, aplicam à flecha a ponta aguda do dente [que também hoje usam de ferro] e logo fazendo a pontaria ao objeto arremessam a flecha a grandes distâncias e com admirável certeza e destreza. Esta arma é a estólica, em que eram destros os Soldados dos Incas do Peru, como o mostra a história daquele Império.

### **CCXXXV**

Há dúvida se os Cambebas eram antropófagos. Creem muitos que o eram e o são ainda os que vivem nos matos. Todos os desta nação, que examinei neste particular me afirmaram que era falsa semelhante imputação. Antes dizem, os que descendem dos Cambebas, que eles usavam do artifício das suas cabeças para mostrarem que não comiam carne humana e poderem assim escapar à escravidão, a que por igual delito os submetiam os Europeus.

### **CCXXXVI**

Entre vários costumes dos Cambebas é um deles a feitiçaria, no que são insignes os seus Pajés, ou feitiçeiros, para fazerem curas e outras imposturas. Além dos Cambebas, habitam nesta Vila, Ticunas, Passés, Juris e Xumanas.



**15 a 19 de Novembro de 1774**

**CCXXXVII**



**Biribá (Annona mucosa)**

De 15 até 19 me demorei em Olivença. Os Cambebas e Ticunas disputavam entre si quem mais me havia lisonjear com os seus presentes. Consistiam estes em galinhas, raiz de macaxeira, frutas, principalmente abios de extremada grandeza, biribás e abacates.

**CCXXXVIII**



**Abio (Pouteria caimito)**

O abio tem muita aparência com a maçã: a sua massa porém é branda, e ordinariamente se come com colher. Inclui dentro dela dois caroços de grandeza de ameixas. O que faz mais delicioso este belíssimo pomo é a sua frescura e doçura. O biribá se pode chamar nata, e também se come com colher. O abacate passa por nimamente cálido.

**CCXXXIX**

Não somente é esta Vila fértil em frutas, mas também abunda em outros gêneros de agricultura. As terras e Ilhas do seu circuito estão cheias de cacau silvestre, do qual anualmente se fazem grandes carregações pelos Índios desta Vila, que o transportam ao Pará. O arroz cresce admiravelmente. O Rio é abundantíssimo em todo o gênero de peixes, mas, principalmente, de peixe-boi no tempo da enchente.

## **CCXL**

Aqui achei uma espécie de anil, chamada vulgarmente cartelhana, diferente do ordinário por crescer em árvore alta e de grande folha. A sua flor é monopétala e tem um pistilo e quatro estames. Fiz conduzir algumas plantas para propagar nas nossas Colônias.

### **19 de Novembro de 1774**

## **CCXLI**

Pelas 17h30, segui viagem e andando toda a noite, pelas Três da madrugada ao seguinte dia cheguei a Castro de Avelãs.

### **20 de Novembro de 1774**

## **CCXLII**

Ouvida missa, partimos e, pelas 10h00, chegamos ao Içá, e nos demoramos na Povoação de S. Fernando próxima àquele Rio.

## **CCXLIII**

Vendo eu, que no pequeno Rio Tonantins habitava a nação Cayuviúna e Pariána, das quais eram os Índios fundadores de S. Fernando, me resolvi, quando passei para cima a mandar-lhes fazer práticas com a exposição das razões em semelhantes casos mais convenientes e adaptadas aos costumes e gênios dos Índios, para que viessem habitar na referida Povoação, e que eu próprio vinha receber a resposta na volta da minha viagem. A esta negociação mandei Três Índios de Castro de Avelãs, sendo dois da própria nação Pariána.

Ao meu desejo correspondeu inteiramente o sucesso; porque achei aqui três Índios e uma Índia, que o principal da nação mandou já a falar-me com promessa de descer os seus vassalos, e que os ditos Índios vinham para dar princípio ao seu estabelecimento de casas e roças e que me pedia um machado para abrir o caminho, que desse lugar a entrada de canoas maiores, que as pequenas de que usam.

#### **CCXLIV**

Recebi estes Deputados <sup>(77)</sup> com satisfação igual ao interesse que eu tomava neste negócio. Os Índios eram de natureza alegre. A minha canoa foi para eles de grande admiração. As armas de fogo os fez pasmar. Vestidos, vidros e coisas semelhantes lhes causavam reparos e reflexões extraordinárias que acabavam com risadas. Do que lhes ofereci para comer, unicamente quiseram frutas e açúcar. Beberam aguardente mas em pouca quantidade. Assim os despedi contentes dando-lhes açúcar, sal, espelhos, facas, anzóis e fitas, de que eles ficaram muito agradecidos. E logo segui viagem deixando-os recomendados ao diretor de Castro de Avelãs, que conduzi em minha companhia para este fim.

#### **CCXLV**

Pelas 22h00, cheguei ao Lugar de Fonte boa. Estava esta Povoação alarmada e temerosa por causa do gentio Mura que tinha acometido. Contava esta Povoação, por felicidade, não ser combatida dos Muras, e tratava das suas culturas com sossego. Agora principia a experimentar os receios, que padeciam as demais daqui para baixo, e que tanto prejuízo causam à agricultura e comércio desta Capitania, que sem segurança não pode florescer.

---

<sup>77</sup> Deputados: representantes. (Hiram Reis)

## CCXLVI

Conjecturo, que se se não dá pronto e eficaz remédio para inteiramente profligar <sup>(78)</sup> e destruir esta nação, que por sua natureza conserva cruel e irreconciliável inimizade com todas as demais nações, não excetuando os Índios. Que professa por instituto a pirataria, grassando por todos os lugares de público trânsito, em que deve haver maior segurança. Que nas suas guerras e assaltos usa a mais bárbara tirania, não perdoando aos mesmos mortos em quem cometem inarráveis crueldades, esfolando e rompendo os cadáveres. Que apenas dá quartel a algum rapaz, que depois de ferido e impossibilitado a fugir, chega a captivar e ainda assim para o reduzir a escravidão. Motivos estes que não somente justificam contra esta nação a mais enfurecida guerra, mas que a persuade uma indispensável obrigação fundada no interesse, a bem da paz e segurança da sociedade universal das nações Americanas e Colônias deste continente; se não se dá remédio a tantos e tão universais danos, ou se reduzirão a nada as Colônias e estabelecimentos dos Rios Amazonas, Negro, Madeira e Japurá, ou experimentarão o estado de languidez e diminuição, que necessariamente lhes causa o temor dos Muras, e por um cálculo bem moderado se pode inferir, que o aumento, que tem, seria quadruplicado e se seguros os moradores se aplicassem à agricultura, ao comércio e à navegação essencialmente necessária neste País para adiantar uma e outro.

**22 de Novembro de 1774**

## CCXLVII

Saímos deste lugar, às 08h00, e entramos a navegar o Amazonas para cima a ir procurar o canal Manhána para entrar no Japurá.

---

<sup>78</sup> Profligar: derrotar. (Hiram Reis)

Pelas 10h00, atravessamos o Amazonas rodeando uma ilha baixa cercada de praias, aonde eram inumeráveis as marrecas, das quais se matou uma boa porção. Às 17h00, chegamos à boca do sobredito canal, que entramos a navegar. É este canal espaçossíssimo, e semelhante a um grande Rio, seu curso é sossegado. A verdura dos frondosos arvoredos, que o cercam, refletida na água, lisonjeia agradavelmente a vista. A navegação por ele é sem perigo e trabalho, porque não correndo com rapidez cede facilmente à força do remo. Pelas 20h30, deixamos este canal, e entramos por outro mais estreito chamado Uaiúpiá.

### **23 de Novembro de 1774**

#### **CCXLVIII**

Na madrugada largamos seguindo o referido estreito canal e os seus multiplicados giros. As árvores estavam cobertas de patos bravos, e outras muitas aves que causavam alegre diversão. Pelas 09h30, entramos pelo Auatí-paraná, ou Rio do milho, que é outro largo canal que sai do Amazonas para o Japurá.

#### **CCXLIX**

Fomos por todo este dia continuando a viagem pelo referido canal, seguindo a sua tranquila corrente. São tantos os giros que faz, que se não navegam trezentos passos sem mudar de rumo. É, porém, vistossíssimo; porque alarga em partes, em outras o rodeiam praias, que agora estavam cheias de ovos de tartarugas. Eram também imensos os botos, que iam rodeando a canoa.

Às 22h00, enfim deixamos este célebre canal, e surtimos ao Japurá, onde aportamos a descansar.

## CCL

As Povoações que eu tinha de visitar neste Rio ficavam inferiores à saída deste canal, por essa causa principiámos a navegar para baixo, seguindo a plácida e sossegada corrente do Japurá; eram inumeráveis as Ilhas que por aqui se estendiam e de diversas grandezas. Tínhamos principiado a navegar pelas 05h30 e, às 10h00, passamos a boca do grande Lago Ayamá, que pelo Norte deságua no Japurá e logo chegamos à povoação de S. Mathias.

## CCLI

Foi esta Povoação formada o ano passado com os Índios das nações Aniána e Yucúna que, com dois Principais, tendo sido descido para a Povoação de Santo Antonio, inferior à mesma meia légua, escolheram aquela situação para habitarem. A situação é agradável, não se acha ainda com casas formadas. A do Principal é de célebre arquitetura formando uma pirâmide de figura cônica. Os móveis dela, além dos pertencentes à economia doméstica, consistiam em ornamentos das suas festas, que eram penachos das cabeças, flautas de osso humano, vários tipos de frutas, os instrumentos militares, lanças ervadas agudíssimas, broqueis <sup>(79)</sup> de couro de anta etc...

O que merecia maior atenção eram os tambores, ou timbales chamados vulgarmente trocanos, e que lhes servem para os avisos de guerra e paz fabricados estes instrumentos de um grosso tronco, que cavam interiormente, ficando assim oco e depois tapados os dois lados, abrindo-lhe no meio duas bocas, nesse lugar tocam com umas maças, cujas cabeças são aglutinadas de rezina elástica ou de seringa, de que já falamos, e lança de si voz tão sonora este ins-

---

<sup>79</sup> Broqueis: escudos. (Hiram Reis)

trumento que se comunica em lugares de distância de duas a três léguas, que faz admirar, e com toques diferentes conforme os fins deles para darem aviso às Povoações remotas do que se passa.

### **CCLII**

Os Índios da nação Ycúna tem por distintivo o trazerem pendentes nas orelhas umas chapas de arame, ou latão que adquirem a toda a despesa e diligência. É esta nação agricultora e usa, por consequência, de domicílios certos e Povoações. Não comem a mandioca, mas sim o extrato dela chamado tapioca. Observam a monogamia, admitindo, porém, o repúdio<sup>(80)</sup>. Castigam o adultério. Costumam fazer os seus casamentos nas nações vizinhas. Foi nação guerreira, porém hoje derrotada.

### **CCLIII**

Da nação Aniána não havia até agora Índios descidos nas nossas Povoações. Ela habita o Rio Apoaperí, que deságua pelo Norte no Japurá.

### **CCLIV**

Feita em breve a visita desta Povoação, parti logo para Santo Antonio, que fica próxima ao pequeno riacho Jaraquí-paraná. Está situada na mesma margem Setentrional e é composta das nações Mepurí, Xomána, Mariárána, Macú, Baré, e Passé. Esta Povoação esteve noutro tempo na margem Austral oito dias de viagem da boca deste Rio para cima, cujo lugar ocupa novamente outra Povoação formada pelo principal Macupurí, composta das nações, Coerúna e Jurí.

---

<sup>80</sup> Repúdio: desquite, divórcio. (Hiram Reis)

## **CCLV**

De todas estas nações a mais célebre é a Passé. Ela é numerosíssima, ama a agricultura e o trabalho. O seu distintivo consiste em uma malha negra quadrada, que toma parte do nariz, rosto e barba, com mais dois riscos que saem do nariz por entre os olhos até a raiz do cabelo. Das frentes da cabeça descem vários riscos cruzados por outros que chegam à sobredita malha negra. As orelhas são furadas com vários orifícios e largos, em que costumam introduzir pedaços de flechas. O beijo inferior tem outro largo orifício, em que trazem uma chapa esférica de pau preto finíssimo, a qual tiram quando querem, com singular ligeireza. Eis aqui em que esta nação põe a ideia da beleza, parecendo-lhe que somente são formosos, os que na verdade assim se desfeiam, corrompendo as feições, que a natureza lhes imprimiu. Faz pena ver principalmente mulheres de nobre estatura e feições delicadas, como são quase todas, maculadas pela abominável arte de suas próprias mãos. Estes riscos são feitos na infância e, de ano em ano, com espinhos agudos, cujas rasgaduras enchem de tintas pretas, com que ficam deformados para a vida toda.

## **CCLVI**

A filosofia desta nação ensina que há um ente Criador do Universo. Creem, que as almas, dos que vivem bem são premiadas e que vão viver com o Criador, e as dos que vivem mal, assinalam por castigo ficarem espíritos malévolos. Opinião conforme ao sistema de alguns filósofos antigos.

## **CCLVII**

O sistema, que põe o Sol fixo e a Terra em movimento à roda dele, que mais de 500 anos antes de Cristo ensinaram misteriosamente os pitagóricos e depois Filoláo, Aristarco e principalmente Cleante de



Samos, renovado pelo Cardeal de Cusa e explicado perfeitamente por Copérnico, é por eles adotado.

### **CCLVIII**

Dizem, que do movimento da terra provem a correnteza dos Rios, o que chamam artérias da Terra, e aos Riachos veias. Assentando que o Sol está imóvel, querem que a Terra se mova, para que em todas as suas partes receba a fecundidade que produz o calor do Sol.

### **CCLIX**

Ao Sol e Lua dão os mesmos ministérios que a Escritura lhes assiná-la. Assim como os Astrônomos antigos dividiam a esfera superior em vários Céus: eles a cortam em duas partes superior e inferior, separadas por uma abóbada transparente por onde emanam os raios da luz da parte superior, toda luminosa como habitada por Deus, cujos raios são as Estrelas, que da parte inferior se percebem.

### **CCLX**

Costumam enterrar os ossos dos seus defuntos em talhas grandes, das que os transladam para outras mais pequenas com vários ritos e festas.

### **CCLXI**

Nos seus casamentos observam um uso quase semelhante ao dos Samnitas <sup>(81)</sup>, que costumam dar por prêmio aos que se distinguiam na guerra, a escolha das donzelas, que mais lhes agradassem na sua república. Os Passés usam, porém, para alcançar tão glorioso prêmio, combater entre si, como em justas e torneios que se fazem na presença do Principal e das donzelas, ficando ao vencedor a feliz escolha.

---

<sup>81</sup> Samnitas: antigos membros de tribos guerreiras Italianas. (Hiram Reis)

## CCLXII

Os Índios da nação Macú são vagos, não usam de agricultura e se sustentam de caça, pesca, frutas e do que roubam e, por isso, nas novas Povoações são aborrecidos; porque nelas não perdem os seus costumes, sendo pouco o que se planta para eles furta-rem.

## CCLXIII

Os da nação Xumána, tem também uma malha negra; porém somente lhes cobre os beijos e dos cantos da boca lhes sai um risco, mas que não chega às orelhas, nas que trazem os homens grandes anéis da fruta Tucumã e as mulheres penas de aves.

## CCLXIV

A língua desta nação tem nomes de propriíssima etimologia e analogia. Chamam ao Sol – “*Simá*”, que quer dizer, astro cálido. A Lua – “*Uaniú*”, isto é, astro frio. As Estrelas – “*Uúeté*”, que significa, astro luzente. Ao Raio – “*Yuúí*”, ou estrondo. Ao Trovão – “*Qui-riuá*”, que significa indício de chuva. Ao Relâmpago – “*Pelú*”, isto é, coisa pavorosa. A Aurora – “*Sama-táca*”, que quer dizer princípio do dia.

## CCLXV

São célebres nas suas superstições. Queimam os ossos dos defuntos, e lhes bebem as cinzas, na inteligência, de que as almas estão presentes nos ossos para assim fazerem reviver os defuntos em si próprios.

## CCLXVI

A nação Xumana não é menos aplicada ao trabalho e ocupação do que a Passé; e por esta causa estas du-

as nações são as mais estimadas nas nossas Povoações. A Xumana, porém, tem gênio mais suave e mais lisura que a Passé, que costuma cometer seus enganos, dizendo que querem descer para as nossas Povoações, e para o persuadir mandam algumas pessoas, isto é varões e poucas mulheres, e logo que recebem os prêmios se retiram para as suas terras.

### **CCLXVII**

A nação Juri tem também malhas pretas, que cobrem os beijos e um risco do canto da boca até às orelhas. Estas as trazem furadas. A nação Juri é semelhante no gênio e nos costumes à Passé e a língua de ambas tem pouca diferença.

### **CCLXVIII**

A nação Mepurí não tem deformidade alguma. A sua língua é semelhante ou um dialeto da Baré. Além das mencionadas nações se conhecem no Japurá as seguintes. Yupurá, Caiuyarí, Cayuvicena, Xáma, Tamuána, Muruua, Peridá, Periatí, Parauamá, Gepuá, Purenúma, Poyána, Clituá, Coretú, Tumbira, Ambuá, Mauayá, Pariána, Araruá, Yupiuá, Umauá, Miránha, sendo estas duas últimas antropófagas.

### **CCLXIX**

Os distintivos da maior parte destas nações são os seguintes. Os da nação Tamuána trazem os beijos inteiramente negros, e o mesmo os das nações Purenúma e Poyana. Os da nação Xáma são iguais aos Jurís. Os da nação Tumbira tem todo o rosto negro, e trazem no beijo inferior um buraco, tapado com uma chapa negra e esférica. Os das nações Periatí, Yupiuá, Mauayá, Araruá, trazem as extremidades inferiores das orelhas furadas, que ornam com penas de tucanos.

## CCLXX

Tais os modos de pensar e caprichos dos homens, que uns chamam feio ao que os outros consideram como formoso. Todas estas nações observam os mesmos costumes gerais, diversificando somente em algumas circunstâncias particulares. Nelas a religião é nenhuma. A sociedade imperfeitíssima e por consequência pouco firme a obediência aos Chefes, ou Principais. Verdaderamente se não podem chamar nações, mas sim famílias, ou tribos, sem mais leis, que umas determinações momentâneas, expressadas de viva voz, quando a necessidade o pede para conservar a harmonia entre si.

## CCLXXI

Não é preciso, diz Mr. de Buffon <sup>(82)</sup>, ir procurar mais longe a causa da vida dispersa dos selvagens e da sua indiferença para formarem a sociedade civil. Foi-lhe denegada a mais preciosa centelha do fogo da natureza; pois lhe falta o ardor para a união do sexo, e por consequência o amor do seu semelhante.

E como não conhecem a mais viva e terna de todas as uniões, são neles frias e lânguidas as mais sensações deste gênero. Amam fracamente os pais e filhos, a mais íntima de todas as sociedades, que é a da mesma família, é sustentada por débeis prisões; a sociedade de umas famílias com as outras não tem vínculo algum, daqui se segue, que não pode haver reunião, república e estado social.

## CCLXXII

Na guerra, porém, a que dá motivo qualquer leve diferença, mostram o grande esforço e conservam os

---

<sup>82</sup> Histoire Naturelle des Minéraux (Georges Louis Leclerc De Buffon). Tomo 18, página 147, editado em Paris, 1764. (SAMPAIO, 1825)

rancores de nação a nação perpetuamente, que muitas vezes somente se terminam com a inteira destruição de algumas delas.

Usam de esgravatana e de lança ervando as pontas da mesma com venenos ativos. Também usam do coidarú, semelhante à tamarana, que já descrevemos. Cobrem-se na peleja com escudos feitos de couro de anta ou peito de jacaré. De todas estas armas me fizeram presentes. Parti da Povoação de Santo Antonio, pelas 17h00, seguindo viagem toda a noite por entre inumeráveis Ilhas.

### **26 de Novembro de 1774**

#### **CCLXXIII**

Na madrugada tínhamos passado próximo à boca do canal Aranapu, que comunica o Amazonas com o Japurá, e lhe turva as suas águas, tingindo-a da cor do Amazonas.

#### **CCLXXIV**

Pelas 08h00, avistamos a primeira boca do famoso Lago Amanã, que se comunica com outro não menos famoso, Codajás, e ambos habitados do gentio Mura. Pelas 17h00, passamos junto da segunda boca do referido Lago, que fica na margem do Norte do Japurá. Navegamos toda esta noite, até que chegamos à grande barra deste Rio.

#### **CCLXXV**

Assim completei uma navegação, que nenhum dos meus antecessores empreendeu e a que eu me resolvi movido da necessidade, que julguei haver de se visitarem aquelas Povoações, e da curiosidade de ver e examinar um Rio de tanta fama e celebridade.



Mapa 03 – Rio Japurá – Paraná Aranapu

## **CCLXXVI**

Por certo é o Japurá o maior, depois do Rio Negro, dos que deságuam no Amazonas, o imenso peso das suas águas o faria inavegável, se as multiplicadas Ilhas, que por ele estão dispersas, não rebatessem a fúria das suas correntes. Atualmente corria sossegado por estar vazio. O nome de Japurá lhe vem da nação da mesma denominação [sendo que a pronúncia dos Índios é Yupurá] e também da fruta yupurá, de que fazem uma massa branda negra e fétida, que comem.

## **CCLXXVII**

Os castelhanos na parte superior lhe dão o nome de Gran Caquetá. As suas fontes são nas cordilheiras de Popayán. Dirigindo o seu dilatado curso de Oeste a Leste paralelo ao Rio Negro e Amazonas, em cuja entrada se inclina para o Sul na altura de 03° e alguns minutos do mesmo polo.

A um mês de viagem da sua barra tem cachoeiras, saltos ou catadupas de grande altura. As águas deste Rio são cristalinas, e transparentes até o lugar, em que as turba o canal nomeado Aranapú. As suas margens abundam em salsaparrilha, cacau, óleo de copaíba, baunilhas e puxirís.

## **CCLXXVIII**

Concorrem a formar este grande Rio outros muitos consideráveis. Pelo Sul desde a barra até as cachoeiras os seguintes: Acunauí, Mauarapí, Yuamiaçú, Yuamémerím, Puréu povoadíssimo de gentio, e comunicado com o Içá, vencida pouca distância de terra: Cunacuá, Arapá, das cachoeiras para cima até onde é navegado pelos portugueses: Cauinarí e Mutú comunicado com o Içá por meio do Peridá.

## CCLXXIX

Pela margem do Norte desembocam no Japurá os seguintes, Maruá pequeno Rio, e ao qual Mr. de la Condamine erradamente chama Lago, e com igual engano o faz comunicado como Urubaxí, que deságua no Rio Negro: O Lago Cumapí, o riacho Meuaá, este sim comunicado com o Urubaxí, mediando sempre uma pequena porção de terra entre as cabeceiras de ambos: Puapuá, Amaniyú-paraná, cujas fontes são contíguas as do Inuuixí, que também deságua no Rio Negro: Uacapú-paraná, Yucarapí, Apuaperí povoadíssimo de gentio, e comunicado com o Uaupés, que deságua no Rio Negro: Murutí-paraná, Uaniá, Iraparaná e Yarí, que é até onde tem navegado os portugueses e ficam estes quatro últimos para cima das cachoeiras.

## CCLXXX

Estava-se, até agora, na inteligência de que o Japurá desaguava no Amazonas por oito diferentes bocas, as quais tenho ido referindo. Porém verdadeiramente não tem mais que a sua principal. As superiores à barra deste famoso Rio são canais que saem do Amazonas para ele, assim como o Auati-paraná e o Aranapú, o Manhána sai do Amazonas e nele torna a entrar, comunicando-se sim por um breve trânsito como Auati-paraná. Isto é o que eu pessoalmente vi, e examinei. As quatro bocas inferiores à dita barra são águas, que provem dos Lagos Amanã e Codajás, os quais as não recebem do Japurá. Fica assim desvanecido um engano que prevaleceu principalmente depois da viagem de Mr. de la Condamine, que com tom decisivo nos dá por certas aquelas bocas<sup>(83)</sup>. A este célebre viajante seguiram todos, e assim se arremou nas cartas geográficas.

---

<sup>83</sup> O citado Extrato do Diário, página 50. (SAMPAIO, 1825)



## CCLXXXI

O que mais fez conhecer este Rio foram as multiplicadas navegações, que por ele se fizeram ao trato de escravos, antes que justamente se abolisse uma permissão tão injuriosa à natureza humana, e tão sujeita ainda nas condições facultadas às mais impudentes e fraudulentas iniquidades. Abolição que bem caracteriza o nosso século e da qual resulta imortal glória ao pio e magnífico coração do nosso augusto Soberano: devendo-se imprimir com letras de ouro a santa lei de 06.06.1755, que restitui aos Índios a sua natural liberdade, em reconhecimento da sua justiça; e esculpir-se em tábuas de bronze para fazer indelével a sua memória.

Estas tábuas deverão ser fixadas nas praças do Grão Pará e erigidos padrões em todos os Rios da Capitania do Rio Negro, que servissem de sinal às inumeráveis nações de Índios, que habitam os seus vastos sertões, que ainda perguntam se é certo abolir-se entre nós a escravidão, para que trocando em sincera amizade o ódio entranhado que contra nós conceberam por aquele motivo olhassem para os mesmos padrões como memoriais eternos da grandeza, e religião de S. Majestade, e procurassem estabelecer entre nós uma união e sociedade fundada na boa-fé, de que devem nascer entre eles e nós reciprocas utilidades.

**27 de Novembro de 1774**

## CCLXXXII

Pelas 05h00, entrei no lugar de Alvarães, aonde me demorei até às 12h00, em que seguimos viagem. No pequeno Rio Urauí que, como já disse, banha este Lugar, se via por ter vazado mais incrível multidão de jacarés, este tremendo e sagacíssimo monstro, que é um dos flagelos do Amazonas, do qual direi agora o que tenho observado e ouvido por este Rio.

### **CCLXXXIII**

É o jacaré aquele terrível animal conhecido na história principalmente do Egito com o nome de crocodilo; sabe-se porém que o crocodilo americano (<sup>99</sup>) excede em grandeza aos da África, que habitam o Nilo, e Niger. Os do Amazonas chegam a trinta palmos (<sup>84</sup>) de comprimento.

### **CCLXXXIV**

Para se pintar este dragão aquático, este leviatã, não há termos que sejam suficientes. A sua cabeça é ver rugosa. Os seus queixos costumam exceder quatro palmos de comprimento, e com um labirinto de mós, e duplicadas fileiras de dentes formam agudas serras. Os olhos superiores à superfície do casco, em que estão mostrando a malícia de que é dotado. O corpo sustentado em quatro pés, e todos cheios de impenetráveis conchas e uma cauda, que quando corre, eleva com espantoso modo. Eis aqui uma pintura, posto que em borrão, deste hediondo, e fero-síssimo animal.

### **CCLXXXV**

As suas conchas fazem, com que dificulosamente o penetre a bala, sendo nos olhos o tiro mais certo para o matar. Em terra é muito mais feroz do que na água. Depois de acostumados com a carne humana são perigosíssimos; porque assaltam com a maior temeridade. Porém ordinariamente o modo de fazer as suas presas é por indústria. Tem a arte de encobrir todo o corpo debaixo da água, ficando-lhe somente os olhos próximos à superfície dela para observarem os objetos e desta sorte, sem serem vistos, fazem presas nas pessoas, que descuidadamente se ba-

---

<sup>84</sup> Crocodilo americano... 30 palmos: Jacaré-açu... 6,8 metros. (Hiram Reis)

nam à borda dos Rios, principalmente rapazes. Até chegado a tirar os remeiros das canoas, sendo de noite, quando estão apartadas. O lugar que mais frequenta o jacaré é o porto das Povoações.

Quando procura a fêmea, ou guarda os ovos que põe à margem dos Rios, entre a espessura das plantas, e cobre de folhas secas, ficando de fora à mira enquanto não saem dos ovos os jacarezinhos é que anda mais enfurecido.

Exala de si um tal almíscar, que muitos acham agradável; posto que eu como outros o não possa suportar. O inimigo maior do jacaré é a onça.

Não se encontra aqui o ichenumon, que se diz ser destruidor dos crocodilos do Nilo <sup>(85)</sup>. O ichenumon é um animal da grandeza de um furão, e ao qual se dá também o nome de mangusto, mango ou rato de Faraó <sup>(86)</sup>.

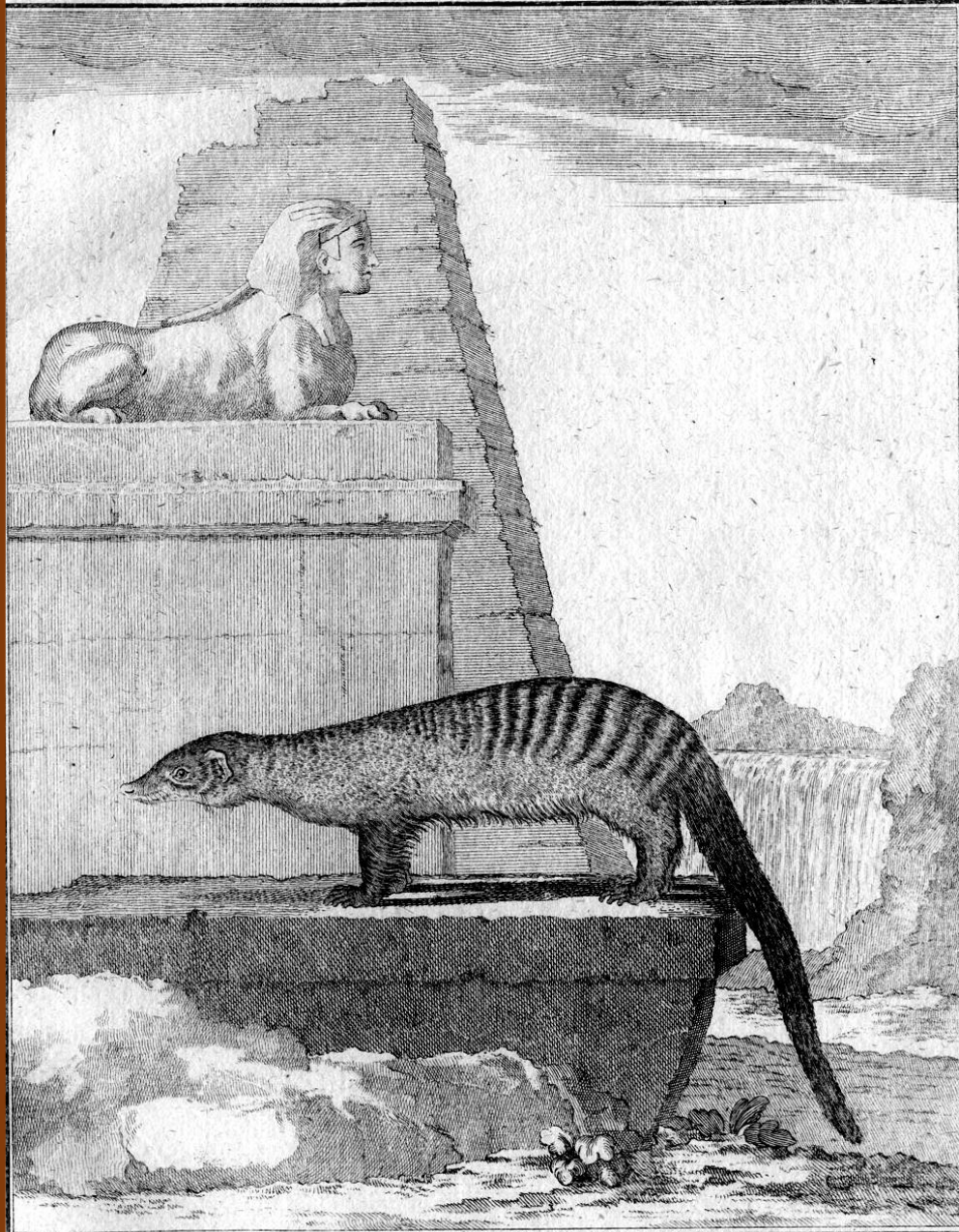


*Imagem 26 – Ichenumon*

---

<sup>85</sup> Pluch, Spetacle de la nature, Tomo I, entr. 13. (SAMPAIO, 1825)

<sup>86</sup> Vide Buffon. Tomo VI, Taf 19. (SAMPAIO, 1825)



*Die Manquste oder das Ichneumon.*

Imagem 27 - Ichneumon, Georges Buffon, 1764

## **29 de Novembro de 1774**

### **CCLXXXVI**

Fomos nestes dias seguindo a viagem pelas correntezas do nosso Amazonas, e avistando extensas praias, que estavam cheias de gente que tinham vindo a elas fabricar manteigas de ovos de tartaruga. Já falamos em uma espécie de tartarugas chamadas traca-jás; agora diremos alguma coisa sobre a tartaruga verdadeira.

### **CCLXXXVII**

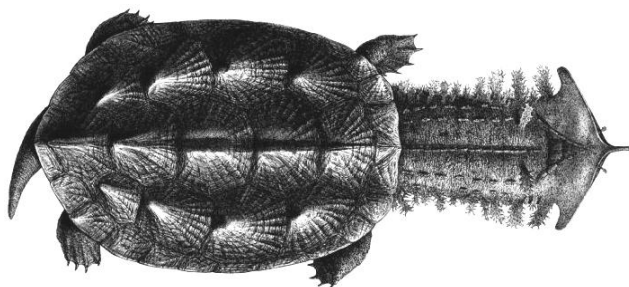
Nos meses de outubro e novembro saem as tartarugas a desovar e em tão grande número, que enchem uma praia, e ainda ficam muitas à borda da água, esperando, que as outras se recolham para elas saírem. Abrem uma cova na areia e logo que aí largam os ovos, que costumam ser até o número de 64 cada ninhada, os cobrem da mesma areia, e com tal arte, que alisam a superfície, para que não possa ser conhecido o lugar. Em 15 dias saem as tartaruguinhas e vão diretas à água por um singular instinto.

### **CCLXXXVIII**

No tempo em que as tartarugas estão nas praias é que se faz o maior provimento, porque se lança mão delas, e se viram com as costas para a terra, ficando assim impossibilitadas a moverem-se e se carregam para as embarcações.

### **CCLXXXIX**

Os ovos não só servem para se comerem, mas também deles se fabrica o azeite ou manteiga, que constitui um importante ramo do comércio entre as Capitânicas do Pará e Rio Negro. Este azeite se purifica ao fogo.



*Imagem 28 – Matamatá (Chelus fimbriata)*

Das banhas da tartaruga se extrai também outra manteiga, que é na verdade excelente. Enfim a tartaruga é sadia, nutritiva e de fácil digestão. Os Índios a preferem a todo o outro gênero de comida, e os nossos europeus, acostumados a ela, lhe dão a mesma preferência.

### **CCLXXXX**

Além disto também há a tartaruga da terra, chamada jaboti, cujo fígado passa por um bocado delicado. A sua concha superior é muito curva. O Matamatá é outra qualidade de tartaruga, de figura horrenda, por causa da sua concha cheia de tuberosidades, e excrescências escabrosas, pescoço e cabeça de largura desproporcionada. Vive nos Lagos.

### **30 de Novembro de 1774**

### **CCLXXXI**

Pouco depois da meia noite deste dia chegamos não muito longe da foz do Rio Negro.

### **1º de Dezembro de 1774**

### **CCLXXXII**

Pelas 05h00, entramos a navegar o Rio Negro. Assim se vê completa em 3,5 dias com as suas respectivas noites, a viagem que para cima nos levou 13 dias também com uma grande parte das noites. [...]



## CCLXXXIII

Apenas os Índios [sendo a maior parte do Rio Negro] avistaram as alegres colinas, que rodeiam a margem Setentrional deste Rio, que tanto aformoseiam a sua soberba entrada no Amazonas, e que ao meterem o remo na água preta, não se pode expressar a alegria, com que logo clamaram, ao seu modo, aplaudindo esta entrada ao som do memby instrumento de folego, forte e sonoro, mas de fácil fábrica. Eu próprio senti contentamento vendo-me livre dos contínuos perigos da navegação do Amazonas; posto que me restassem não poucos, contudo menos atemorizantes, que o risco dos passados. E agora principiarei a dar notícias do Rio Negro, que reservei para este lugar. [...] (SAMPAIO, 1825)

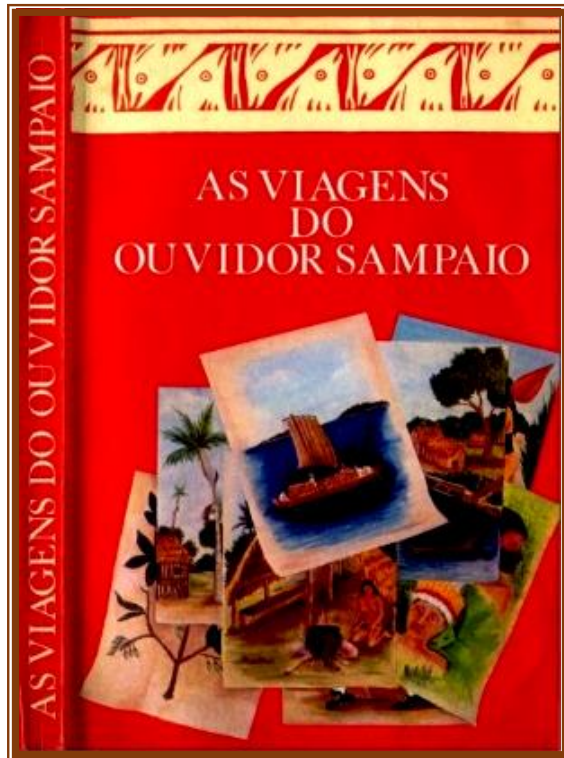


Imagem 29 – *As Viagens do Ouvidor Sampaio*, 1985

HISTOIRE  
NATURELLE,  
GÉNÉRALE ET PARTICULIÈRE,  
*AVEC LA DESCRIPTION*  
DU CABINET DU ROI.

---

---

*Tome Dixième.*

---

---



A PARIS,  
DE L'IMPRIMERIE ROYALE.

---

M. DCCLXIII.



**Destino**  
**(Tenório Telles)**

*Para te saudar a manhã luminosa  
Derrama sua torrente de cores.*

*Fiapos áureos são tecidos pelas horas  
E o tempo com seu olhar fosforescente  
Esculpe teu rosto terno.*

*A vida é uma tapeçaria de acontecimentos  
E circunstâncias cotidianas*

*Como um quadro que se inscreve na memória  
Teus dias e destino se desenrolam.*

*Nessa travessia em que tudo se esvai  
Só a lembrança que guardo de ti  
Há de ficar – como a borboleta amarela  
Que pousava nos arbustos  
Que margeavam os caminhos da infância.*

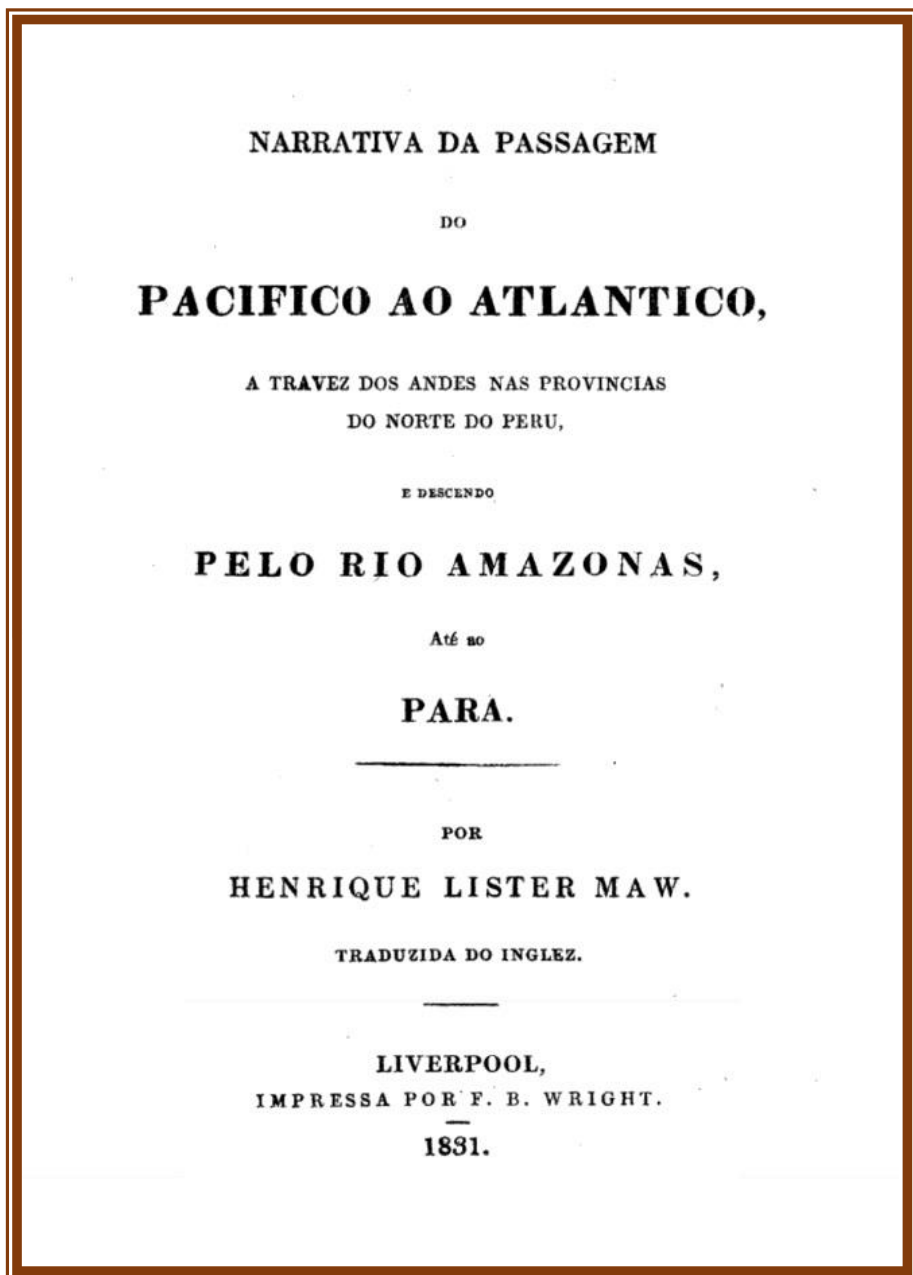
*Que possas levantar as velas do teu barco  
E que os ventos protetores  
Te conduzam para águas calmas  
E possas cumprir tua geografia de sonhos.*

*Esperarei o retorno de tuas viagens  
As notícias de um tempo feliz para o homem  
Os relatos dos teus triunfos  
Teu canto temperado pelo Mar  
E as dores purgadas sob o furor dos ventos.*

*Que o teu destino se cumpra  
E possas chegar à outra margem  
Onde encontrarás as miragens que te seduziam.*

*E então saberás que estão em ti  
Os tesouros que buscaste.*

**Henry Lister Maw, 1828**



*Imagem 31 – Narrativa da Passagem... (Lister Maw, 1831)*

## Capítulo VIII

*Desembarcamos em Tabatinga – Apresentamos o passaporte e carta do Cônsul Inglês ao Comandante da Fronteira – Certificamo-nos que nos facilitariam a nossa passagem – Padre Bruno – Indagações a respeito do Peru – Quarteis – Conversação relativa ao novo Comandante – Festa Índia – Doutores Spix e Martius – Canoa e Índios do Ucayali – Trilhas e chácaras no mato – Modo por que os Índios preparam o terreno – Descrição da povoação e Índios – Veneno das pucunas – Equivocação do Comandante – Visitas ao Padre – Luta de um Peruano com um tigre – Salsaparrilha – Papagaios, tartarugas terrestres e macacos – Peixe-boi – Pele do Tapir ou Anta.*

Na madrugada de quinta-feira, 31 de janeiro de 1828, avistamos Tabatinga, posto na fronteira do Brasil, situado numa elevação abrupta na margem esquerda do Amazonas, aonde o Rio corre numa só corrente e tem três quartos de milha de largura. Fomos chamados à fala por uma sentinela que estava numa guarita e tendo-lhe dito quem éramos e donde vínhamos desembarcamos para falar ao Governador ou Comandante da Fronteira. Assim que chegamos à casa dele mostramos-lhe a carta do Cônsul Inglês e os nossos passaportes e logo que os examinou perguntamos-lhe se haveria algum obstáculo a continuarmos a nossa viagem para o Pará, e nos disse que nenhum, ao contrário certificou-nos que nos facilitaria todos os cômodos e por isso julgamos que as dificuldades da nossa viagem tinham em grande parte terminado, mas infelizmente não sucedeu assim. Indagamos depois de que modo poderíamos prosseguir a nossa jornada e nos disse que nos faria aprontar um bote, ou se o seu sucessor, que era esperado a qualquer momento chegasse antes de nós irmos embora, que poderíamos ir na sua companhia, num bote grande que estava no porto.

Ofereceu-nos café, conseguiu-nos um aposento e apresentou-nos a um Padre que ali chegou, e com quem depois tivemos muitas relações, sendo ele o mais bem informado de todas as pessoas que encontramos na nossa viagem; e chamava-se Bruno. Nativo de Habana (<sup>87</sup>), tendo deixado o Peru durante as desordens da revolução e esperado na fronteira o resultado daqueles acontecimentos Enquanto residia em Tabatinga fazia as vezes do Cura de São Paulo a cuja freguesia pertence Tabatinga, mas não recebia paga. Também era agente do Intendente de Moyobamba e do Prefeito das missões Ucayali e diziam que tinha ganho algum dinheiro negociando salsaparrilha e ferragens. Fizera-nos muitas perguntas relativas aos efeitos produzidos pela revolução no Peru sendo aqui a opinião geral que Bolívar tencionava apoderar-se de todas as antigas Colônias Espanholas, e que não era improvável que, depois, tentasse invadir o Brasil. Tendo-nos anunciado que podíamos tomar posse do nosso aposento, achamos que ele consistia de um pequeno quarto separado por uma repartição da loja de um ferreiro aonde trabalhavam vários soldados e pela qual se entrava em nosso quarto. Apesar dos muitos incômodos e privações que tínhamos suportado, não ficamos satisfeitos com o barulho nem com a companhia dos ferreiros e por isso determinamo-nos a ver se podíamos obter outro alojamento estando prontos a pagar o que fosse justo ou então servirmo-nos da nossa barraca em preferência, apesar da muita chuva que fazia. Obtivemos, com alguma dificuldade, outro quarto pequeno, sem janela ou outra abertura, exceto a porta e alguns buracos feitos pelos ratos, sendo o chão o único soalho, deveríamos pagar de aluguel três reais dia. Cuidamos logo de limpar e varrer este quarto, depositamos nele a nossa bagagem e alguns pássaros que tínhamos comprado e arranjamos camas da melhor forma que pudemos, empregando neste serviço os Índios que tinham vindo conosco.

---

<sup>87</sup> Habana: Distrito do Peru, Departamento de San Martín, localizada na Província de Moyobamba. (Hiram Reis)

Procurou-nos de tarde o Governador e ofereceu-nos civilmente a sua mesa, em consequência da dificuldade de obtermos provisões; Mr. Hinde foi cear com ele mas como me achasse muito cansado tendo estado a sondar toda a noite precedente fiquei em casa e fui me deitar. Quando nos levantamos tinham já se ido embora os Índios da canoa que vieram conosco, o que senti, pois tencionava dar-lhes alguma gratificação por terem trabalhado e se comportado bem; assim que chegaram mostraram eles muito desejo de não se demorarem e de voltarem logo para o território Peruano devendo eles descansar em Loreto e devendo gastar um mês antes de chegarem à Laguna.

Fui de manhã com Mr. Hinde à casa do Governador, e achando ali o Padre conversamos sobre a nossa viagem indagando-nos sobre o resto da nossa jornada e que tempo gastaríamos até ao Pará – nos disseram que um mês ou menos. O Governador principiou a dizer que como ele tinha somente sido nomeado, em consequência do seu antecessor ter adoecido e até que chegasse o seu sucessor, desejava ele que este viesse antes dele partir, muito mais por ser esperado todas as horas. Não gostamos muito do tom com que o Governador falou e tendo sabido que o novo Comandante já havia a um ano saído do Pará e, que por molesto e idoso ainda que um bom militar, não tinha podido finalizar a viagem, não era improvável que nunca chegasse e se tivéssemos que esperar por ele seria muito incerta a nossa saída de Tabatinga. Julguei portanto melhor, para não deixar dúvidas, perguntar de uma vez ao Governador se ele nos permitiria continuar a nossa viagem na próxima segunda-feira se o novo Governador não tivesse então chegado, e certificando-nos ele que concordaria com nosso pedido, ficamos mais sossegados e lhe dissemos que estávamos prontos a pagar o que fosse justo, mas respondeu-nos que as ordens na fronteira eram de fazer conduzir todas as pessoas estranhas sem despesa alguma. [...]

As notícias que nos deram, em Tabatinga, do Dr. Spix, naturalista alemão, que tinha vindo à fronteira, com ordens particulares do Imperador para lhe fornecerem toda a assistência eram dificultosas de acreditar. Tinha ele examinado vários objetos e disseram-nos que não havia espécie alguma de macaco no Distrito, que ele não tivesse obtido e empalhado um ou dois de cada espécie. A habilidade científica e incansável perseverança deste senhor e do seu companheiro, o Dr. Martius, que foi pelo Japurá acima, e de quem ouvimos, depois, falar muito do Coronel Zany, Comandante das milícias no Rio Negro e que acompanhou o Dr. Martius por ordem do Governo e alcançou, por isso, o posto de Coronel são assaz conhecidas para me atrever a descrevê-las.

Havia em Tabatinga uma grande canoa que tinha vindo pelo Ucayali com salsaparrilha pertencente ao Intendente de Moyobamba, e a seu tio, que era o Prefeito daquelas missões. Tinha ela sido consignada ao Padre Bruno e estava demorada à espera de alguns gêneros que o novo Governador devia trazer consigo. Os Índios que a equipavam pertenciam às missões do Ucayali eram selvagens isto é bisonhos na aparência mas quietos e pacíficos na sua conduta.

O seu vestuário consistia de uma simples camisola feita de pano de algodão ordinário e tingida de uma cor parda. As suas armas eram flechas feitas de madeira de palma de seis pés de comprimento e setas de canas fortes da grossura de um dedo de homem, sem nós, tendo algumas na extremidade um osso e outras uma cana larga e oca rachada em metades e aguçada. Obtivemos várias destas flechas e setas a troco de facas, anzóis e agulhas grandes, etc..., que eram muito estimadas pelos Índios e distribuimos algumas entre eles mas em pequena quantidade para não desmerecerem em valia.

Quando estivemos em Moyobamba, certificou-nos o Intendente que seu tio, o Prefeito das missões tinha visto uma seta com uma destas canas na extremidade, disparada de uma flecha do Ucayali, entrar o peito de um homem e atravessá-lo nas costas. O homem que tinha a seu cargo a canoa era Peruano e falava Espanhol, a relação que ele deu do Ucayali era que Sarayacu era a mais distante residência dos missionários e que o Padre Plaza ali vivia. O Ucayali é largo e fundo até Sarayacu mas divide-se em duas pequenas correntes logo depois. Tinha ele ido pelo Ucayali até Ocopa <sup>(88)</sup> lugar notado como o Colégio dos missionários e somente a poucos dias de distância de Lima por terra. Alguns dos Índios entre Sarayacu e Ocopa são perigosos, mas outros não e comercializam. Ignoro se a relação dada por este homem é exata, mas foi a melhor que pude obter. Durante o tempo em que nos demoramos em Tabatinga quando não estávamos na casa do Governador ou do Padre ou empregados em cuidar dos pássaros, no nosso aposento, íamos ao mato pelas trilhas que víamos. Estas trilhas, frequentemente, nos levavam a alguns terreno aonde tinham cortado o arvoredo e plantado mandioca mas muito rusticamente; observava-se, contudo, alguma originalidade e engenho nesta cultura. A maneira que os Índios removem o mato não é como na Inglaterra cortando as árvores até às raízes, mas sim em profundidade de quatro ou cinco pés do chão, em consequência do que as raízes apodrecem mais rapidamente do que aliás aconteceria, e a parte principal e superior das árvores sendo ali deixadas até que sequem queimam-nas, depois, obtendo assim fertilizante das cinzas ainda que provavelmente poderiam passar sem ele. Alguns destes bocados de terreno tem telheiros anexos a eles e os designam então de chácaras.

---

<sup>88</sup> Puerto Ocopa: localidade situada no Distrito de Rio Tambo, Província de Satipo, Departamento de Junín, Peru. (Hiram Reis)

Visitamos uma destas chácaras enquanto os proprietários estavam na festa em Tabatinga. A casa consistia de um telheiro suportado por estacas e coberto com folhas de palmeira mas aberto nos lados. Os utensílios consistiam de um forno grande de barro para secar a farinha de mandioca e de pedaços quebrados de alguns jarros de louça ordinária. Num dos nossos passeios encontramos vários grandes molhos de folhas de palmeira atados e deixados em distâncias iguais no trilho. Mr. Hinde deduziu que algum dos Índios ia construir alguma chácara, edificando um telheiro e que os seus amigos lhe tinham trazido os molhos das folhas da palmeira e levando-as até ali. Tínhamos, anteriormente, sabido que quando um Índio tenta erigir uma casa ou um rancho ele obtém a assistência dos seus amigos que contribuem com molhos de folhas de palmeira, etc..., e o todo se completa brevemente. No mato há muitos perus colocando-se nas árvores mais elevadas e chamando uns aos outros nos divertiam com a seu triste, mas melodioso canto.

Quando não íamos ao mato costumávamos passear por um Forte de madeira, que entre ele e o povoado se encontra o maior espaço de terreno aberto em Tabatinga. As estacas do Forte tinham apodrecido mas tinham montadas seis boas peças de bronze de calibre de seis ou nove, em que às vezes nos sentávamos a ver se chegava o novo Comandante.

Disseram-nos que Tabatinga pertenceu antigamente aos Espanhóis e Portugueses, em comum, com uma guarnição de cada uma das duas Nações. As estacas que suportavam os diferentes Quartéis da tropa ainda existiam mas sem uso. Entre o Forte que está situado numa elevação íngreme mais acima do Rio do que a povoação, e observa o Rio em ambos os lados e o Rio, há uma planície baixa que tem quarenta a cinquenta jardas de largura.



A Povoação consiste, principalmente, das casas do Governador e do Padre e dos ranchos pertencentes à tropa que forma a Guarnição, consistindo esta, quando ali estivemos, de um Sargento e quinze Soldados, a maior parte deles casados com Índias, mas depois encontramos alguns reforços que iam para ali.

Poucos Índios vivem em Tabatinga, eles vêm às vezes do mato assistir às festas e trazer salsaparrilha, pássaros, peles, etc..., para venderem. Durante o tempo que ali nos demoramos chegou o Ticuna que tínhamos visto em Loreto vindo numa pequena canoa com milho, mas voltou imediatamente.

Mesmo aqueles que tinham habitações na povoação residiam frequentemente no mato nas suas chácaras e um Alcaide Índio que preenchia aqui o mesmo lugar que nas povoações Peruanas residia parte do tempo na chácara.

A casa do Governador é situada imediatamente acima do lugar aonde se desembarca e tem uma varanda coberta com folhas com uma grade de balaústres em frente. Diante da casa estão duas peças de artilharia pequenas montadas de calibre de dois. Há uma Igreja ou Capela que é anexa ao Distrito do Padre de S. Paulo, em que oficiava o Padre Bruno. [...]

## **Capítulo IX**

*Saímos de Tabatinga – Encontramos o novo Comandante – São Paulo – Dificuldade de prosseguirmos – Padre – Ratoneiro e equipagem – Matural – Iça – Deserção dos Índios – Arranjos, temporais, etc... – Chácara de Dias Guerreiro – Galeota do Governo – Manteiga – Encontramos embarcações do Rio – Caiçara – Alugamos três Índios – Observações sobre o Amazonas – Chegamos a Ega.*

Ficou pronta a galeota, no dia 8 de fevereiro de 1828, e tendo recebido do Governador os nossos passaportes embarcamos logo acompanhados por um Soldado, o qual nos disseram devia trazer a galeota de volta, e também obter suprimento de farinha para a Guarnição, mas segundo nos disseram nada tinha que fazer conosco. Como não julguei estar autorizado a fazer aquelas observações, que antes de chegar à fronteira tinha feito, deixei de sondar o Rio, só anotando as direções das distâncias por onde passávamos de dia.

À vista do que tinha ocorrido, e a dificuldade que encontramos de prosseguirmos na viagem, assim como irmos acompanhados de um Soldado, etc..., era evidente que éramos suspeitos, ainda que tentavam não demonstrar, e era também evidente que enquanto tínhamos direito a sermos tratados com a devida atenção a súditos Ingleses e a mim, particularmente, como oficial no serviço de Sua Majestade Britânica, e portador de cartas de recomendação dos meus superiores em Lima e dos Cônsules de lá, eramos preciso ao mesmo tempo toda a caução para não darmos justos motivos para nos tratarem mal, não faltando nós ao mesmo tempo ao respeito e atenção devida às autoridades Brasileiras.

À tarde encontramos o novo Comandante indo pelo Rio acima e fomos falar-lhe. Depois de lhe fazermos ver as cartas do Cônsul e o passaporte, que ele leu, disse-nos que, ainda que ele não tivesse instruções, nos certificava que não encontraríamos embaraço à nossa viagem. Disse ele que tinha gasto oito meses na sua viagem do Pará e que vindo à vela uma noite fora de encontro a uma árvore e em consequência do rombo que ela fez na embarcação estiveram quase indo todos para o fundo. Devia ele gastar dois dias mais, do lugar de onde o encontramos até chegar à Tabatinga. [...]

Continuamos a descer pelo Rio abaixo durante a noite mas como o vento refrescasse do Leste não fomos depressa.

### **10 de Janeiro de 1828**

Era escuro, o vento Leste e forte, chovia muito, prendemos, por isso, a embarcação a uma árvore que estava no Rio a pouca distância de um dos lados. À meia noite moderou o vento e prosseguimos chegando à povoação de São Paulo ou Olivença ao amanhecer. A povoação de São Paulo é situada numa elevação a pouca distância da margem direita do Rio tendo um espaço ao redor sem mato, maior do que qualquer outra que já tínhamos visto, desde que saímos de Balsa Puerto. Algumas das casas são construídas no estilo Europeu, ainda que só tenham um andar e há ali uma Igreja de moderado tamanho.

Quando desembarcamos informaram-nos que o Governador estava ausente tendo ido pelo Rio abaixo na única embarcação que havia pertencente ao Governo. Quem fazia as vezes do Governador era o Juiz, ou magistrado civil e era branco. Fomos procurá-lo para lhe apresentarmos os passaportes pedindo-lhe nos informasse de que maneira poderíamos continuar a nossa viagem; certificou-nos ele que não tinha meios de facilitar o nosso progresso e recomendou que esperássemos ali alguns dias até que o Governador voltasse. Como já tínhamos perdido dez dias em Tabatinga determinamo-nos a não nos demorarmos uma só hora se o pudéssemos prevenir e, por isso, fomos indagar o que podíamos fazer em tais circunstâncias. O resultado foi que compramos ao Padre uma galeota com a condição do Juiz nos fornecer os Índios a um tanto por dia, mas como os não pudéssemos obter naquele dia, e a galeota exigisse algum concerto ficamos de prosseguir na manhã seguinte.

O Juiz parecia inclinado a tratar-nos com civilidade; o Padre tinha servido como Soldado durante a Guerra Peninsular e tinha sido Sargento debaixo das immediatas ordens de Lorde Beresford. Na conclusão da guerra veio ele para o Brasil e foi ordenado Padre pelo Bispo do Pará. Haviam ali dois ou três outros brancos um dos quais tinha ali vindo como marinheiro e era Português e dizia-se que tinha ganho algumas mil patacas negociando em salsaparrilha.

Não vimos muitos Índios e os que vimos não pareciam tão satisfeitos como os que observamos no Peru. A povoação não era asseada e ainda que superior em tamanho e estilo dos edificios às que tínhamos anteriormente visto não nos inspirou uma impressão favorável. Haveriam sessenta cabeças de gado na povoação mas magras e não lhes colhiam o leite.

Na manhã seguinte quando desejamos partir não se pôde obter um número suficiente de Índios. Trouxeram-nos da cadeia um Índio que tinha cometido um roubo e um rapaz de quatorze anos devia pilotar a galeota; estes e dois outros Índios mais foram os únicos que obtivemos e ainda que não suficientes preferimos assim mesmo ir com eles a demorar-nos. Quando íamos entrar na galeota, o Juiz introduziu-nos um homem que nos devia acompanhar e nos disse que as ordens eram que todos os emigrantes que viessem do Peru deviam ser encaminhados debaixo da vigia de uma pessoa mandada pelo Governo. Não julgando que estas ordens nos eram aplicáveis por sermos súditos Ingleses e não emigrantes e a embarcação ser nossa opusemo-nos a admitir o tal indivíduo e o Juiz não insistiu mais. Logo depois de largarmos fez muito vento e os Índios não podiam haver-se com a galeota; logo que o vento moderou fomos melhor e, ao meio dia, paramos na praia para cozinhar o jantar.

Adotamos o mesmo método de dar aos Índios toda a comida que quisessem como tínhamos feito no Peru, tratando-os bem e por isso havia boa inteligência entre todos. Observava-se evidentemente, contudo, uma tristeza e má vontade entre estes Índios muito diferente das maneiras dos do Peru. Os Peruanos, ainda que muito atrasados em civilização, eram uma espécie de selvagens, mas alegres, e logo que nos conheciam e que viam que os não tratávamos mal, se entrávamos no mato acompanhavam-nos de boa vontade, e da mesma forma se procurávamos sementes ou se queríamos pescar, ou fazer qualquer outra coisa. Os Índios de Laguna gostam de cantar e eu às vezes os entretia cantando-lhes uma cantiga Canadense, largando eles logo as pás ficando muito atentos; estes Índios porém que iam conosco pareciam tristes e bisonhos. [...]

### **13 de Fevereiro de 1828**

[...] Como o vento refrescasse paramos a pouca distância abaixo da povoação e fomos muito mortificados por mosquitos. [...] Havia nesta paragem uma abertura larga na margem esquerda que os Índios nos disseram ser a foz do Rio Içá, mas a pouca distância mais abaixo entramos num pequeno Rio que ia até a povoação de Içá e nos disseram então que o Rio aonde estava a povoação era o Içá e que descia das vizinhanças de Quito. Mencionando, depois, este Rio a uma pessoa na Barra do Rio Negro, a qual parecia ter mais informação do País do que outra qualquer que encontramos certificou-nos que o Rio Içá não era mais que um Igarapé e que não se estendia à Quito. O nosso objetivo em irmos ao Içá era para alugarmos, se possível, mais Índios e refazer-nos de mantimentos. Encontramos ali o Governador de São Paulo, que nos disse estar ele mesmo em busca de Índios para conduzirem uma galeota do Governo para o Rio Negro, e que tinha mandado Soldados atrás deles.

A povoação consistia somente de poucos ranchos, nos quais viviam dois ou três brancos, e vendo que nem Índios nem mantimentos podíamos obter exceto um pedaço de peixe-boi, não nos demoramos muito. Vimos alguns jacarés neste Igarapé, um dos quais estava na embocadura do Rio e não podia ter menos de vinte pés <sup>(89)</sup> de comprido.

Descendo pelo Amazonas abaixo, tivemos um vento moderado mas contrário, e os Índios esforçando-se pouco, muito pouco progresso fizemos. A direção do Rio neste local era NNE e SSO. Continuamos a ir com a corrente durante a noite, Mr. Hinde guardando vigia até à meia noite e eu depois. Anotei algumas das direções do Rio, mas como não tivesse outra luz senão a que as estrelas forneciam com dificuldade posso ler o que escrevi. [...]

Às quatro horas da manhã acordei os Índios, e fazendo bom tempo continuamos a viagem; meia hora depois julgaram eles provavelmente que tanto eu como Mr. Hinde estávamos a dormir e a embarcação ia indo para a margem do Rio. Ainda que cansado e deitado não dormia, e vendo alguns ramos de árvores sobre nós falei alto ao rapaz do leme para que tomasse cuidado. Enquanto eu estava falando, bateu o bote contra a praia; levantei-me logo e no mesmo instante dois dos Índios à proa saltaram em terra, seguindo-os os que tinham saído da cadeia, mas o bote tendo recuado caiu ele de cabeça para baixo no Rio e o rapaz saltou do toldo. Apesar da fuga dos Índios ser objeto sério para nós, o modo que eles se foram embora causava riso. Se a intenção deles foi roubar-nos enganaram-se e na pressa com que se retiraram deixaram alguns dos seus pertences no bote.

---

<sup>89</sup> Vinte Pés: um jacaré-açu de seis metros. (Hiram Reis)

Quando eles se viram na praia sabendo que não podíamos ir atrás deles principiaram a acender fogo, naturalmente para secarem o vestuário que estava molhado e também para espantarem as feras que pudessem vir do mato, e disseram-nos algumas graças zombando de nós. Mr. Hinde estava bastante zangado, mas eu não podia deixar de rir. Fomos indo pelo Rio abaixo levados pela corrente, fazendo muito bom tempo e resplandecendo ainda algumas das estrelas. Algumas pessoas depois perguntaram-nos porque não tínhamos feito fogo sobre os Índios, mas, decerto, seria crueldade se o fizéssemos e uma conduta tal seria repreensível e pouco adequada a domesticar estes selvagens.

A primeira coisa em que cuidamos, logo que nos achamos sós, foi o procurar meios de manejarmos o bote. Tinham os Índios deixado uma pá quebrada e amarrando-a bem a um pau comprido, dela nos servimos para guiar o bote na corrente, mas não podíamos puxar bem com ela. Paramos, depois, para cozinhar a nossa comida em cuja operação cedo ficamos insignes, parávamos contudo só uma vez por dia, e de manhã afim de não perdermos mais tempo do que era absolutamente necessário, e logo que a panela fervia, levamo-la para o bote e continuando a nossa viagem íamos ao mesmo tempo comendo.

São poucas as circunstâncias em que um homem se pode achar, que não ofereçam algum divertimento, contanto que não sejam motivadas por culpa ou má conduta do indivíduo. Divertia-nos nestas ocasiões o vermos os urubus, espécie de abutres, que nos seguiam ou para melhor dizer que encontramos em todo o caminho, desde o Pacífico até ao Atlântico, excetuando nas maiores elevações das Cordilheiras e naqueles limites que pareciam mais particularmente apropriados às águias.

Logo que se acende fogo nas margens do Amazonas, os urubus sabendo ou pelo fumo, ou pelo cheiro, que se vai cozinhar reúnem-se e pousam nas árvores, esperando pacientemente pelos restos da comida ou algum quinhão que lhes caiba. Se comêssemos em terra o que cozinávamos não sobraria muito para os urubus, mas como levávamos a panela para o bote, nada lhes cabia e era divertido vê-los assim que largávamos, a saltar ao pé dos cavacos que ardião, ainda descontentes de nada encontrarem.

As araras, papagaios, etc..., que levávamos conosco causavam-nos algum trabalho, por ser dificultoso prevenir que saltassem para as árvores, enquanto estávamos a cozinhar e em outras ocasiões quando nos víamos embaraçados pelos ramos das árvores, as araras tomavam posse do toldo e deitavam abaixo tudo o que ali encontravam. Os bicos destes pássaros são tão fortes que podem com facilidade quebrar uma perna ou asa de uma galinha e o que fazem para chuparem o tutano e em poucas horas mordem em pedaços qualquer pau ainda que grosso.

Depois de cozinarmos no primeiro dia, prosseguimos a nossa viagem e passamos por uma ilha, aonde vimos grande número de porpus brancos <sup>(90)</sup> de imenso tamanho e como fizesse bom tempo continuamos a ser levados pela corrente ficando Mr. Hinde e eu de vigia. Não nos faltava que fazer e, por isso, poucas observações pude notar Mr. Hinde felizmente estava acostumado aos botes em Liverpool e, por isso, fomos com mais facilidade do que se podia esperar e a companhia dele me foi muito útil.

Ao meio-dia seguinte íamos indo com a corrente quando repentinamente nos sobreveio uma grande ventania que nos levou à praia debaixo de um roche-

---

<sup>90</sup> Porpus brancos: Boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*). (Hiram Reis)



do, e com tanta violência, que todos os nossos esforços foram precisos para o bote se não voltar e fazer-se em pedaços. Logo que o vento moderou, e o que aconteceu uma hora depois, prosseguimos novamente continuando a chover até perto do Sol se pôr, quando cessou a chuva e tivemos bom tempo até às dez horas da noite, quando outra vez ameaçou mau tempo, e como houvessem ali várias árvores no Rio, pelas quais seria perigoso passar, aportamos no primeiro lugar cômodo que encontramos, precisando nós também de algum descanso. Árvores semelhantes às que aqui encontramos no Rio, denominam-nas serradores; e são sumamente perigosas a qualquer bote que vá de encontro a elas. Com esse receio eu e Mr. Hinde tomamos aquelas precauções necessárias, caso o bote se perdesse ou que flutuasse com a corrente quando um de nós estivesse em terra, e o que podia acontecer.

Tínhamos nós dois pequenos machados, que eu tinha trazido de Lima, e determinamos nunca ir à terra sem eles. Se o bote se perdesse devíamos construir uma jangada, procurando a todo o custo salvar as armas e mantimentos; e se o bote fosse levado pela corrente, com só um de nós dentro, como um só não podia manejar o bote, devia ele tentar o desembarque imediato na praia, e unir-se ao outro pelo mato, ou então chegar ao primeiro Distrito habitado, e voltar a assistir o outro que ficasse em terra, e o qual devia, de toda a forma, ir construindo a jangada para se servir dela em caso de necessidade. Felizmente não foi necessário pôr em prática estas precauções. Partimos outra vez na madrugada seguinte, e com alguma dificuldade chegamos através do Rio a uma ilha perto da margem direita, aonde paramos para cozinhar. O dia era lindíssimo ainda que quente, e procuramos ir pela margem direita aonde nos constou estava situada a povoação de Fonte Boa a qual esperávamos chegar brevemente.

Passando por um baixo, perto da ponta de uma ilha, que naturalmente é parte da praia na estação seca, vimos várias tartarugas à superfície da água, mas não nos deixaram apanhá-las. Logo depois vimos o telheiro de uma chácara e imediatamente julgamos que pertencia à Fonte Boa.

Não era praticável, com o fraco substituto que tínhamos em lugar de remos, o puxar o bote contra a corrente, e nenhuma criatura viva tínhamos encontrado desde que os Índios nos deixaram; não tivemos portanto outro recurso senão continuar pelo Rio abaixo, e felizmente ainda nos restava algum peixe-boi seco que obtivemos em Içá e alguma farinha de pau <sup>(91)</sup>. Empregamos os intervalos, durante esta tarde, quando o bote não exigia a nossa atenção para prepararmos duas espécies de remos fortes, atando tábuas nas extremidades de duas canas da Índia grossas, e experimentando-as tivemos a satisfação de ver que correspondiam aos nossos desejos, dando-nos mais poder sobre o bote do que antes tínhamos. Num lugar aonde havia pouca água e quase nenhuma corrente, vimos vários jacarés e passamos perto de alguns, não nos incomodando nem se importando conosco apenas movendo-se à tona da água, nem mesmo fazendo caso quando atirávamos sobre eles se lhes não acertávamos. À noite era muita escura, mas sem muito vento; nós continuamos descer com a corrente ansiosamente desejando ver alguma luz, ou ouvir ladrar os cães, o que seria sinal de alguma povoação. Poucas palavras dizíamos um ao outro e ainda que não perdêssemos de todo as esperanças, a nossa situação era assaz crítica considerando que os nossos mantimentos estavam quase extintos.

---

<sup>91</sup> Farinha de pau: a farinha de mandioca, também conhecida como farinha-de-pau, farinha de mesa, farinha seca, farinha-da-terra, farinha-de-guerra, farinha suruí, é fabricada a partir da raiz da mandioca. (Hiram Reis)

Além do que, se tínhamos passado Fonte Boa podíamos também passar Ega <sup>(92)</sup> e, depois, aonde iríamos chegar? As informações que nos tinham dado do Rio eram quase todas errôneas; e as que num lugar nos davam de outro imediato, essas mesmo eram pouco exatas, e os mapas que eu levava comigo não podíamos depender deles. Ansiosamente olhávamos para toda a parte e escutávamos o menor motim, porém só a bulha dos escaravelhos e das numerosas rãs, cujo som, se próximo ou distante nos servia de guia para sabermos se estávamos perto ou longe das margens, quando levados pela corrente e de quando em quando o melancólico alarido de um pássaro noturno, era tudo quanto ouvíamos.

A voz desse pássaro tendia, a todo o tempo, a deprimir o espírito e bem desejava eu naquele momento que toda a espécie deles fosse destruída. Vimos uma vez uma luz, aparentemente na altura de uma casa, e a um terço ou quarto de milha distante de nós; no princípio julgamos que seria algum pirilampo, mas a luz era grande e fixa num local, e depois que seria uma estrela, ainda que poucas ou quase nenhuma eram visíveis, mas a luz era grande e distinta e não alterava a sua elevação, pensamos depois que seria alguma espécie de "*ignis fatuus*" <sup>(93)</sup>, mas nada sabíamos com certeza, sendo obrigados a cuidar do bote perdemo-la de vista e sendo quase meia-noite arribamos para uma das margens e deitamo-nos a dormir. Na manhã seguinte, fazendo muito vento vimos dois Índios atravessando o Rio numa pequena canoa e chamando-os não fizeram caso e foram-se embora. Pareceu-nos contudo que devia haver ali perto alguma chácara ou Povoação e pouco depois vimos uma chácara no lado oposto do Rio em que nos abrigamos do vento.

---

<sup>92</sup> Ega: Tefé. (Hiram Reis)

<sup>93</sup> Ignis fatuus: Fogo-fátuo. (Hiram Reis)

Puxamos com força para a chácara e agarramo-nos a uma projeção que havia um pouco abaixo do lugar do desembarque. Um Índio que nos ouviu veio ter conosco numa pequena canoa, e ele nos disse que tínhamos passado Fonte Boa naquela manhã não podendo vê-la porque nos achávamos na margem de uma pequena enseada. Em resposta às perguntas que lhe fizemos se poderíamos alugar Índios, disse-nos ele que era melhor irmos falar a um branco que estava na chácara, e com a assistência de dois Índios ali fomos deixando o nosso bote aos cuidados de um preto velho.

O dono da chácara chamava-se António Dias Guerreiro, recebeu-nos ele civilmente, mas disse-nos que não era possível alugar Índios, nem mesmo um piloto acrescentando que seria muito dificultoso acharmos Ega, por estar situada a alguma distância num outro Rio. Disse-nos ele então, que ele ia mandar no dia seguinte pelo Rio abaixo uma árvore oca cheia de manteiga feita dos ovos de tartaruga e que se nós quiséssemos podíamos ir em sua companhia e que no intervalo toda a acomodação que a sua chácara oferecesse estava às nossas ordens.

Como estávamos um pouco cansados estimamos aceitar a última parte da sua oferta, mas determinamo-nos a obter mais informações sobre o tronco da árvore com a manteiga e descobrimos termos nos enganado em um dia por este ser domingo, 17 de fevereiro de 1826, e não sábado 16 como nós julgávamos.

Um dos nossos objetivos principais foi o comprar mantimentos para a viagem e pouca informação pudemos ali obter. O dono da chácara disse-nos que só poucos meses antes a tinha comprado e estava ele então cortando o mato, tencionando cultivar certa parte do terreno todos os anos.

O produto da chácara, naquela época, consistia principalmente de mandioca para fazer farinha, e indagando nós o modo como a preparavam, nos mostraram algumas raízes que estavam descascadas, e que tinham posto de molho numa tina feita de parte de uma canoa velha, dizendo-nos que deviam ali ficar assim por dois ou três dias depois do que passavam-nas por um ralador feito de pedras pequenas e agudas fixas numa tábua, e a polpa era então posta em canastréis <sup>(94)</sup> compridos, feitos de certa qualidade de palha ou junco que sendo flexíveis são reduzidos em comprimento de forma a conservá-los estendidos enquanto lhes botam a polpa, e são depois dilatados pendurando-os e atando-lhes pesos nas extremidades. Extraíndo, assim, tanto sumo quanto é possível secam-na finalmente em fornos redondos de terra com fogo por baixo e então produzem a farinha.

Havia, então, na chácara um montão desta farinha, e o modo como a comiam era tão notável como a maneira pela qual a preparavam; punham na mesa uma pequena quantidade para cada pessoa, e esta tomando-a entre os dedos deitava-a na boca; eu comi alguma da palma da mão e riram-se não pouco da minha falta de destreza.

Disseram-nos que havia, em Fonte Boa, um Padre Espanhol, que tinha deixado o Peru em consequência da revolução e que ele estava, então, tentando construir um bote para navegar no Rio por maquinismo. Na segunda-feira, pela manhã cedo chegou uma galeota da Barra do Rio Negro, pertencente a um negociante tendo a bordo alguns Soldados que iam para Tabatinga.

---

<sup>94</sup> Canastréis: pequenos cestos em forma de canastra com tampa e asa. (Hiram Reis)

Pouco depois uma grande galeota bem equipada passou pelo Rio abaixo e nos disseram que vinha de Içá e que pertencia ao Governo. Fizemos-lhe sinal que lhes queríamos falar, mas pela rapidez com que iam não nos ouviram; não havia portanto outra alternativa senão prosseguirmos sós, ou irmos em companhia do tronco com a manteiga, e os Índios que deviam ir com esta última, estando prontos largamos com eles.

Quase imediatamente depois vimos outra vez o bote do Governo largando da margem direita do Rio, aonde tinham parado para cozinhar e tornando outra vez a chamá-los respondeu-nos um Soldado, que parecia ir de guarda nele, mas depois de estarmos quase perto foram-se embora, tencionando nós pedir-lhes que nos dessem reboque até que chegássemos a alguma povoação em que pudéssemos alugar Índios.

De tarde o tronco da árvore com a manteiga separou-se do bote que o conduzia e do nosso, e tivemos alguma dificuldade em achá-lo; depois do que, como a noite era boa, unimo-nos todos e fomos levados pela corrente. De madrugada no dia seguinte, os Índios foram pescar numa pequena canoa que levavam, deixando um mestiço doente, um Índio e uma mulher a tomarem cuidado do tronco com a manteiga e do seu bote. Vimos que conservarmo-nos em companhia desta gente nos causava mais trabalho do que benefício e por isso decidimos largá-los e irmos sós, e o que fizemos.

Depois de termos cozinhado, remamos com as pás que compramos na chácara entre grande número de ilhas na direção da margem direita do Rio a qual resolvemos seguir. A manhã era clara e quente, mas justamente quando passávamos a última das ilhas sobreveio um furacão de vento que nos fez ir à praia.

Era difícil nesta parte do Amazonas, prever o tempo e se arribássemos logo que houvesse aparência de vento forte, pequeno progresso poderíamos fazer. Cedo, na manhã seguinte, continuamos a nossa viagem, e perto das oito horas falamos a dois brancos que estavam pescando numa pequena canoa, sendo um deles proprietário de várias embarcações pequenas que estavam logo abaixo e nos disse que ia ao Peru fazer negócio, e dizendo-lhe nós que vínhamos de lá, perguntou-nos se havia lá abundância de patacas? <sup>(95)</sup>

Tinham eles visto também a galeota do Governo, que devia então ter chegado a Caiçara, uma povoação seis milhas mais perto de nós do que Ega. Vimos depois as embarcações pequenas pertencentes a este indivíduo e enquanto estávamos cozinhando vi uma canoa com dois Índios que iam pescar.

Observamos durante a manhã que alguns troncos de árvores que flutuavam pelo Rio abaixo, progrediam com mais celeridade do que nós, e que se conservavam pela margem direita do Rio sem encontrarem impedimento algum e, por isso, apanhando três destes troncos fixamos-lhes ao nosso bote e progredimos com eles. Perto do pôr do Sol passamos a embocadura de um Rio vindo do Sul; a água dele era transparente ainda que de uma cor escura, e conservava-se distinta da do Amazonas por uma distância considerável, sendo provavelmente o Rio Juruá.

Passamos depois por várias outras embarcações pequenas indo pelo Amazonas acima, e por uma pequena canoa com dois Índios que tinham andado a pescar.

---

<sup>95</sup> Antigas moedas brasileiras, de prata, que valiam aproximadamente 320 réis. (Hiram Reis)

A margem do Amazonas neste local era alta e despenhada, formando penhascos quebrados de terra encarnada. À tarde sendo muito serena, a vista era mais agradável do que a que até ali tínhamos encontrado no Rio; as planícies contínuas por toda a parte cobertas com arvoredos e a magnitude do Rio pareciam, contudo, dar mais uma ideia de que navegávamos no Mar alto perto de uma costa. Logo que escureceu, e as nuvens ameaçando temporal largamos os troncos das árvores e aportamos.

Na madrugada seguinte prosseguimos a nossa viagem, e durante a manhã vimos duas pequenas canoas, e os Índios que estavam nelas nos disseram que estávamos próximos a Caiçara, e que provavelmente ali chegaríamos naquela noite. Informáramos, também, que era um Igarapé e que com dificuldade se podia ver do Rio. Conservamo-nos, portanto, perto da margem, para que não nos escapasse, e não nos agarramos a mais troncos de árvores como no dia precedente. Quase à noite entramos numa larga enseada em cuja extremidade por meio de um binóculos, que trouxe comigo, vimos uma abertura na margem, com um monte atrás sem arvoredos e supondo ser Caiçara, remamos com força a fim de evitarmos um temporal que parecia próximo.

A corrente era rápida, mas mais ainda foi o temporal, e o vento soprando obliquamente através do Rio, fomos obrigados a esforçar-nos bastante para vencermos a costa, quando, aproximando-nos do monte, vimos uma árvore fixa no Rio a alguma distância da margem. A corrente corria pela árvore com grande velocidade, e se tivéssemos ido de encontro, de certo teríamos sofrido bastante dano; fomos, portanto, obrigados a procurar abrigo numa pequena baía, continuando o temporal por algum tempo com muita chuva, que nos obrigou a baldear a água fora do bote frequentemente.



Continuamos a nossa viagem na madrugada seguinte, e fazendo bom tempo, achamos Caiçara situada na extremidade da elevação que tínhamos visto, e no lado esquerdo de um Igarapé que conduzia a um Lago. Quando desembarcamos, disseram-nos que o Juiz estava ausente, em Ega, mas depois de muitas explicações de quem éramos, e de expormos que os Índios de São Paulo nos tinham desertado, conseguimos alugar três Índios, os quais nos disseram que nos levariam a Ega naquela manhã.

Assim que eles se aprontaram partimos, e do pouco que vimos de Caiçara ou Alvarães como lhe chamam, às vezes, parecia consistir de uma longa correnteza de habitações edificadas em linha e em frente da margem do Igarapé na distância de trinta jardas. Reside ali maior número de Índios do que geralmente encontramos reunidos depois de entrarmos no Território Brasileiro, e alguns brancos. Como chegamos de manhã, as mulheres por quem as chácaras são geralmente cultivadas, iam indo em canoas para seu trabalho diário, manejando as pás com uma destreza e tanta força como os homens.

Na entrada do Igarapé encontramos uma galeota equipada por várias mulheres e crianças, e como não é raro nesta parte do Amazonas para baixo encontrar mulheres navegando em canoas e como elas se armam para se defender de quaisquer animais ferozes que encontrem é natural que daí originem as histórias das Amazonas propagadas por Orellana e seus sequazes. Dizem que os jacarés atacam às vezes as canoas manejadas por mulheres e com mais frequência se nelas há crianças, cães também atraem os jacarés. Na casa de um branco, aonde Mr. Hinde foi fazer algumas indagações enquanto eu fiquei a tomar cuidado do bote viu ele uma Índia completamente nua e que pertencia, julgo eu, à tribo Origone e provavelmente era escrava.

Em consequência do que tive a fazer, depois que os Índios nos abandonaram até chegarmos a Caiçara, não posso dar uma narração exata das direções do Rio. Durante o primeiro dia e noite fomos, principalmente, na direção do Leste, do ENE até ESSE, depois mais para o Norte e, por fim, para o Sul. A margem direita que procuramos conservar, em consequência das povoações serem ali situadas, era em várias partes elevada e despenhada e o terreno era encarnado.

Depois de largarmos São Paulo, o Rio aumentou consideravelmente em largura havendo numerosas ilhas e, depois de deixarmos a chácara de Dias Guerreiro abaixo de Fonte Boa, poucas vezes podíamos avistar as duas margens em consequência das ilhas nos impedirem. Passando entre estas ilhas, o que às vezes éramos obrigados a fazer em consequência do vento nos afastar da margem direita ou da força da corrente não observamos o menor vestígio de serem habitadas e informaram-nos depois que estas ilhas variam frequentemente nas suas dimensões e número; as enchentes do Rio arrastando algumas, e depositando-as e unindo-as a outras. É notável que algumas das plantas, comuns na terra firme, não se encontrem nas ilhas, ao mesmo tempo que julgo que as palmeiras são mais abundantes nas ilhas do que na terra firme, o que talvez, neste último caso, se origine, das nozes da palmeira flutuarem com a corrente e de se depositarem nas ilhas; enquanto no primeiro caso, não é improvável que a variação que a corrente ocasiona entre as ilhas, destruindo umas, e formando outras permita que aquelas plantas que se encontram na terra firme e não nas ilhas cresçam ou ao menos cheguem a um estado de maturidade.

Uma das circunstâncias mais extraordinárias que notei no Amazonas, e o que pode dar alguma ideia da vasta magnitude da água que corre para baixo, foi que remando através do Rio, e mesmo através das passagens mais largas, observamos três correntes

sendo geralmente mais rápida (<sup>96</sup>) aquela que corria pela margem para cuja direção a última “*ponta*” ou projeção no Rio apontava.

Haviam frequentes ressacas de água subindo pelo Rio perto da margem, mas só continuavam em pouca distância e, aonde a margem era mais irregular, a corrente era geralmente mais rápida. A terra nas bordas das margens frequentemente caía no Rio enquanto nós passávamos e, em algumas partes as árvores que tinham caído estavam aos montões, enquanto em outras, árvores mais enraizadas permaneciam no Rio tendo a terra dos lados dado de si e sido coberta de água, e como a corrente era rápida exigia, atenção e cuidado quando se passava aliás podiam os botes embarçar-se.

A marcha da corrente variava, em algumas partes, aonde a água tinha demolido a margem, seriam seis ou sete milhas por hora, e em outras não chegava a três milhas e às vezes não havia corrente, mas algumas vezes por outras regulava quatro milhas por hora. A força da corrente, contudo, julgo depender da estação do ano e da quantidade das chuvas. O fundo do Amazonas, diz-se, varia da mesma forma, e pelas mesmas causas que as ilhas. Formam-se frequentemente praias de areia e desaparecem da mesma maneira. O terreno nas margens é, com poucas exceções, uma contínua planície ou antes uma planície inclinada descendo imperceptivelmente na direção do Atlântico, ainda que baixo não é contudo pantanoso, tendo as margens vários pés de altura acima do nível do Rio. É coberto com arvoredo e entre este há algumas árvores muito grandes.

---

<sup>96</sup> A correnteza de um Rio, ao passar por uma ponta, ao mesmo tempo que escava a curva oposta, aumentando sua largura e aprofundando o leito, deposita os sedimentos na parte interna da curva. A velocidade da correnteza e a profundidade na parte externa, portanto, sempre será maior do que na parte interna da curva. (Hiram Reis)

Depois de sairmos de Caiçara, o vento era fresco e favorável pelo Rio acima e os três Índios tiveram dificuldade em conservar a proa do bote na sua direção, até que entramos num canal tortuoso que estava abrigado. Em lugar de chegarmos a Ega de manhã, só chegamos à mais próxima entrada do Rio Tefé, em que Ega está situada, às quatro horas da tarde, e só desembarcamos ao pôr do Sol, distando Ega da embocadura do Tefé légua e meia. O Comandante estava ausente na povoação de Nogueira, no lado oposto do Tefé, mas fomos recebidos por um negociante Português chamado Cauper, o qual falava inglês e nos prestou muitas atenções e nos procurou alojamento numa casa desocupada pertencente ao Comandante.

Em consequência do Comandante estar ausente, não podíamos, se o desejássemos obter Índios para partirmos imediatamente, e como a última parte da nossa jornada tinha sido assaz trabalhosa precisávamos também de descanso. Durante a nossa demora ali tomamos bastante conhecimento do país e fomos informados do sistema que os brancos nesta parte do Brasil praticam para com os Índios, ainda que segundo o que eles mesmos dizem, é contrário às ordens do Imperador o qual declarou que todos os seus súditos Índios são livres. A fim de que este sistema possa ser entendido será necessário que eu dê uma descrição dos brancos eles mesmos e procurarei dá-la da melhor forma que me é praticável. Debaixo da denominação de brancos são incluídos todos aqueles que são diretamente ou por descendência, conectados com Europeus e infelizmente acontece que com poucas exceções aqueles Europeus que até então se tinham estabelecido nas margens do Amazonas não pertenciam à melhor classe da sociedade Antigamente ouvi dizer que o Governo mandava para ali degradados, e ultimamente alguns marinheiros Portugueses tem ali ido e principiado a negociar.

Mas tivessem sido degredados ou marinheiros assim que chegavam ao Amazonas transformavam-se em grandes personagens e senhores do País e nesta última capacidade, para me servir das suas próprias expressões alegavam não ter suficiente número de braços, e para remediar esta falta era-lhes, e é ainda necessário, fazer uso dos Índios para cujo fim parece ter existido uma lei autorizando os brancos a apanharem os Índios, e fazê-los escravos por dez anos. No fim daquele período deviam ser considerados como civilizados, e em conformidade a esta lei não deviam continuar, então, a ser escravos, se os brancos, porém, permitiam aos Índios esta concessão da lei não posso dizer, só sim que eu penso que nem a passada nem a presente raça de brancos paga ali respeito à lei alguma exceto aquelas que são conformes com os seus interesses particulares.

Segundo me constou, parece terem existido várias leis e regulamentos relativamente aos Índios, umas extremamente cruéis, e outras comparativamente justas e humanas, conforme a época em que foram promulgadas; contudo, seja que antigamente as leis assim o permitissem ou que recentemente a prática é contrária às leis existentes o efeito produzido tem evidentemente sido que os Índios achando-se expostos a serem feitos escravos pelos brancos, tem desertado das margens do Amazonas aonde, em consequência da facilidade com que se podiam sustentar por meio da pesca e apanhando tartaruga, é natural que eles se encontrassem em maior número, e mais civilizados, retirando-se para o interior aonde se supõem existirem em grande número e aonde por falta de mantimentos se diz sustentarem-se comendo-se uns aos outros. A fim de provar não somente a injustiça, mas a má política de um tal sistema basta só comparar os Índios do Brasil com os do Peru, aonde tem adotado um plano inteiramente diferente e muito mais humano.

Apesar de nos dizerem que por um decreto do Imperador todos os Índios no Brasil são livres e que a lei autorizando apanhá-los está anulada constou-nos, quando estivemos em Ega, que dois brancos tinham ido para o mato tentar a sua fortuna apanhando Índios, e o modo como o faziam era o seguinte.

Quando um branco julga precisar de Índios, seja para seu uso ou para trocar por fazendas [segundo a antiga lei, não se permitia a venda dos Índios, mas o Cabo que tinha a superintendência das pequenas embarcações no Rio Negro, disse-nos que podíamos ter comprado por dez mil réis um rapaz para nos servir] procura ele unir-se a um ou mais brancos com o mesmo destino, e obtém licença para irem pelo Rio Japurá acima que corre para o Nordeste, tendo a sua embocadura principal emparelhada com o Rio Tefé na margem oposta do Amazonas, e cujo Distrito é agora considerado o mais favorável para apanhar Índios.

Não nos informaram, porém, aonde é que se obtém esta licença. Entre os preparativos que se consideram, necessários é indispensável levar um Índio que conhece o mato, assim como armas e fazendas, para comprar os Índios aos diferentes Chefes, que tenham alguns para vender, no caso que os não possam apanhar, e logo que tudo está pronto, partem em canoas para perto do lugar que tem destinado. Chegando ali deixam as canoas e procedem cautelosamente pelo mato, procurando algum rancho de Índios; se o encontram escondem-se, vigiam os movimentos dos infelizes habitantes e aproveitam a primeira ocasião de os apanharem quando estão descuidados. Quando encontram um só Índio ou Índia ameaçam-no para descobrir aonde reside o resto da família e o resultado geralmente é que apanham todos. Depois de os aprisionarem prendem-nos e levam-nos para as canoas.

Tão grande é o medo que estes Índios tem dos brancos que, apesar de brigarem com muita bravura uns com outros, se, como algumas vezes acontece estão cem ou mais deles dançando à noite a roda do fogo, sete ou oito brancos estacionando-se em diferentes lugares e dando alguns tiros podem pegar quantos quiserem fugindo os outros da melhor forma que podem. Se os Índios são informados de algumas destas expedições dos brancos costumam, fazer buracos nas diferentes trilhas no mato, fixando neles flechas envenenadas, cobrindo-as com pedaços de pau podres, folhas de árvores e terra, de forma que é necessário todo o cuidado para as evitar, pois se uma pessoa for ferida por uma destas flechas a sua morte é instantânea.

Quando os brancos não podem apanhar os Índios, o plano que adotam é comprá-los daqueles chefes que tem feito prisioneiros, guardando-os em currais para os matarem e comerem, ou para os trocar por fazendas.

Apesar de parecer incrível que no atual estado de civilização se tolere um tal sistema, no entanto não admite dúvida que existe, tendo-nos sido confirmado por várias pessoas. Quando estive em Ega, não podendo acreditar nestes fatos, referiam-me a qualquer outra pessoa pela veracidade deles, e esta não só os confirmava mas ria-se da minha incredulidade, e me narrava novos particulares mostrando-me até Índios residentes na Vila que tinham comido carne humana, descrevendo a maneira como a cozinhavam etc...

Um branco disse-nos que o seu sogro tendo ido ao mato numa destas expedições, foi ter à habitação de um dos chefes que tinha prisioneiros à venda, quando lhe ofereceram um caldo e no fundo da panela viu ele um dedo polegar humano.

Dizia-se que os Índios consideravam a palma da mão de um branco como a parte mais deliciosa, e os brancos em Ega diziam, galhofando, que como eu era mais branco que a gente da terra decerto havia fazer um magnífico guisado para os Índios e de fato, ainda que não os tenhamos visto comer carne humana, vimos o suficiente para nos convenceremos que tal prática existia. Como prova de que só por necessidade estes Índios são canibais, disseram-nos que ainda que retêm os prisioneiros em currais, os donos não os tratam com crueldade. Quando precisam de uma vítima para cozinhare, o dono pega na sua zarabatana, e fixando sobre o que escolhe sopra contra ele uma seta envenenada; o Índio cai logo e é levado sem os outros fazerem caso, o hábito e a necessidade familiarizando-os a uma tal prática. O Vigário Geral do Rio Negro contou-nos uma anedota de uma rapariga que um branco quis comprar mas ela preferiu ficar com os seus parentes, e ser comida quando lhe coubesse a sua vez a ser escrava de um branco.

A exposição destes fatos e sobre os quais sei que há várias opiniões, poderá fazer-me incorrer o criticismo<sup>(97)</sup>, e mesmo desaprovação de pessoas, cuja boa opinião eu muito desejaria merecer, no entanto considero ser do meu dever relatar corretamente as observações que notei, e tentar causar aquelas impressões que eu mesmo senti. Não é improvável que não realize este desejo, muito mais por não assumir, nem pretender conhecimentos literários, uma tal antecipação, contudo, não me prevenirá de relatar o que observei, nem hesito em declarar que ainda que ansioso de me distinguir, não há parte da minha narrativa em que de tão boa vontade eu incorreria censura, como na exposição das injustiças que os infeli-

---

<sup>97</sup> Criticismo: racionalismo que procura determinar os limites da razão humana. (Hiram Reis)



zes Índios toleram; e nenhuma remuneração será para mim mais valiosa do que a satisfação de saber que eu tinha no menor grau contribuído para melhorar a sorte desta pobre gente ou do País por onde viajei. Deram-nos em Ega uma relação dos vários animais que se encontram no mato e Rios ali perto e eram o tapir ou anta que é o mesmo animal que o "*sachywaka*", dante ou grande besta do Peru e de que tanto ouvimos falar. Descreveram-nos duas qualidades; uma das quais tem as pontas das orelhas brancas e é a maior quando cresce, o corpo deste animal é igual em tamanho a um boi, mas as pernas são mais curtas. Tem quatro dedos, três adiante e um atrás nas mãos e só três nos pés.

Quando é nova tem riscas e é malhada como um veado, mas a proporção que vai crescendo vão as malhas desaparecendo, e fica de uma cor baia escura. A cabeça é comprida, estreita e curvada em frente, os olhos são pequenos e azulados, as orelhas assemelham-se mais às de um boi do que as de outro qualquer animal, mas são mais curtas e mais largas em proporção.

Tem uma pequena tromba, quatro polegadas de comprimento, de que ela faz uso como o elefante. Sustentam-se de ervas e de ramos de árvores, e entra muito na água atravessando os fundos dos Rios possui grande força, particularmente na dianteira do corpo e não faz mal senão quando a atacam. Diz-se que atravessa o mato sem seguir trilha alguma e contaram-nos que quando a anta é atacada pelo tigre este geralmente salta sobre as costas da anta, a qual introduz-se logo no mato, e procura matar o seu antagonista levando-o de encontro a alguma árvore grande e ainda que pareça pesada anda contudo com muita velocidade.



*Imagem 32 – Anta (Tapirus terrestres)*

Tigres, ou onças, são numerosos e de várias qualidades havendo-os do tamanho de um boi e também pouco maiores do que um gato. Durante a estação seca, os tigres ou onças, vêm geralmente às praias em busca de tartarugas que apanham da mesma maneira que os homens praticam.

Se a onça encontra várias tartarugas na praia, procura ela voltá-las todas de costas antes que principie a comê-las e depois de satisfeita vai-se embora deixando as outras para a seguinte ocasião.

Disseram-nos repetidas vezes que o jacaré tem tanto medo do tigre, que se deixa tirar fora da água e ser devorado sem oferecer a menor resistência ou mesmo tentar mover-se. As onças grandes atacam homens e logo que provam carne ou sangue humano procuram novas vítimas. Jacarés são grandes e numerosos, mas encontram-se mais geralmente nos Lagos ou enseadas dos Rios aonde a água tem menos movimento do que na corrente. Em várias ocasiões vimos Índios que tinham perdido os braços e ouvimos que alguns tem sido destruídos por estes animais; não são aqui, porém, considerados tão perigosos, como usualmente se supõe e menos ainda aparentemente nas partes baixas do Rio. Mr. Campbell contou-me no Pará que ele tinha ido a Marajó na estação seca aonde viu muitos jacarés enterrados no lodo de um pequeno Lago, cuja água se tinha esgotado e um Índio ia entre eles e deitava um laço sobre qualquer que se escolhesse. Disse-me também que os Índios os matavam às vezes com as pás; o jacaré sabia que o iam atacar, abria a boca para se defender e fazia diligência para se retirar mas o Índio com todo o descanso dava-lhe uma pequena pancada por detrás da cabeça, o jacaré levantava-a e depois de um movimento convulsivo, encolhendo o pescoço morria imediatamente.

Contaram-nos um caso de uma espécie enorme de serpentes que infestam os Lagos, mas era tão extraordinário que custa a acreditar. Disseram-nos que esta serpente reside nos Lagos, que são numerosos nesta parte do Sul da América e que geralmente se comunicam por passagens estreitas com o Amazonas e seus tributários.

Descreviam-na ser de tal magnitude que ninguém se atrevia a chegar ao Lago aonde se sabe que elas estão, considerando-se serem tão perigosas que os Índios das canoas não entram em Lago algum estranho sem tocarem uma espécie de buzina, ou fazerem alguma bulha semelhante, a fim de verificarem se a serpente ali está ou não. Se ela está no Lago, ela responde à bulha dos Índios com um som baixo e os Índios fogem. Os pássaros mesmos não voam sobre o Lago aonde ela reside, e até nos mencionaram o nome de um Padre que podia testemunhar estes fatos, e o qual indo para a montanha encontrou uma trilha que, pelas marcas no chão, folhas arrastadas etc..., era evidentemente de uma serpente, que devia ter tanto em diâmetro, quanto é a distância da cintura de um homem ao chão (?). Eu estou certo que há serpentes no Brasil, e talvez mais particularmente na Província do Pará muito maiores em dimensões do que a "*Boa Constrictor*"<sup>(98)</sup>; disse-me Mr. Campbell que um amigo seu tendo ido a Marajó durante a estação das chuvas e indo a cavalo na direção de uma ponte, parte da qual estava então debaixo da água, observara ele um objeto movendo-se sobre a ponte. Parou ele o cavalo, e viu parte do corpo de uma enorme serpente que atravessava e nem a cabeça nem o rabo se viam estando escondidos no mato em ambos os lados da ponte.

A autoridade de Mr. Campbell é indisputável, e várias circunstâncias tendem a provar que não somente a vegetação dos distritos nas margens do Amazonas e seus tributários é naturalmente de uma fecundidade incomparável, mas que répteis especialmente serpentes são excessivamente numerosos e de um tamanho enorme.

---

<sup>98</sup> Boa constrictor: jiboia – *Boa constrictor constrictor* (4 m) ou *Boa constrictor amarali* (2 m), ambas arborícolas. A descrição parece se tratar de uma sucuri malhada, endêmica da Ilha de Marajó, que chega a medir 3 metros de comprimento e pesar 60 kg. (Hiram Reis)

Apesar de tudo, não acredito na história da serpente do Lago, nem desejava repetir tais narrações, receoso de que se suspeite que as outras que se encontram nesta narrativa, e que são verdadeiras sejam igualmente fabulosas; tendo-me, porém, aconselhado que devia narrar esta descrição da serpente do Lago assim o faço, sem me comprometer pela veracidade do que me disseram.

Há muitos sapos ou rãs em Ega que dizem ser venenosos alguns Índios que vieram pelo Rio Tefé abaixo, e que tendo comido estas rãs envenenaram-se e vários morreram. Uma manhã vimos uma lontra nadando no Rio defronte da Vila, era de uma cor escura, e do tamanho de um cão caçador de raposas. Disseram-nos que haviam três espécies de lontras; uma, que vive e anda sempre aos pares, outra que anda sempre em ranchos, e quando encontram as outras que andam aos pares, matam-nas e comem-nas; a terceira espécie <sup>(99)</sup> é menor e são amarelas por baixo do pescoço, vivendo quase sempre nos Rios.

Os macacos que vimos eram geralmente pequenos, semelhando-se às hardas <sup>(100)</sup> etc...; tive um cujo pelo parecia de gato e não era maior que uma doninha, as mãos eram grandes, mas era muito manso e era considerado uma curiosidade no Pará e ali morreu. Mr. Cauper obteve-me várias qualidades de pássaros entre elas três diferentes espécies de mutuns O mutum, que no Peru chamam "peury" é um pássaro grande mas delgado, preto exceto debaixo da parte inferior do corpo, que é branca quando o animal é macho e parda quando é fêmea. [...]

---

<sup>99</sup> Ariranha (*Pteronura brasiliensis*): também conhecida popularmente como onça-d'água, lontra-gigante e lobo-do-rio, é um mamífero mustelídeo, característico do Pantanal e da Bacia do Rio Amazonas, na América do Sul. É o membro de maior comprimento dentre os mustelídeos, um grupo de predadores de sucesso global, alcançando até 1,7 metro. (pt.wikipedia.org)

<sup>100</sup> Hardas: esquilos. (Hiram Reis)

As principais produções do Distrito de Ega atualmente são algodão, cacau, café, açúcar e mandioca para fazer farinha. Salsaparrilha cresce brava e também, segundo ouvimos, a cultivam, mas não em grande abundância. No Rio obtém peixe e tartaruga, o peixe secam-no e dos ovos da tartaruga fazem uma espécie de manteiga.

A Vila de Ega é edificada numa ponta de areia que forma parte da margem Oriental de uma enseada formada pelo Rio Tefé e um porto largo corre quase em ângulos retos pela margem na direção do Leste, o terreno declina ou sobe gradualmente da ponta de areia até aonde as casas estão edificadas sendo algumas imitando as da Europa e caiadas de branco, mas tem só um andar de altura, as outras são superiores aos ranchos e quase todas tem um curral anexo a elas. O edifício mais próximo à ponta de areia é a casa do Comandante, que tem uma grade de madeira e uma varanda em frente, e a Igreja. Haverá quatrocentos habitantes em Ega, alguns dos quais são brancos e é justo mencionar que não são inferiores em qualidade aos outros que encontrei em outras partes, ao mesmo tempo que não hesito em declarar que o que praticam com os Índios apanhando-os e escravizando-os faz-lhes pouca honra, e deve mesmo ser prejudicial aos seus próprios interesses.

Mr. Cauper falou favoravelmente do Comandante dizendo que ele não monopolizava o pequeno comércio que havia, como alguns outros fazem, e que tinha sofrido várias perdas por se ter responsabilizado pelas dívidas dos seus amigos e parentes. Os Índios que são livres tem chácaras no mato aonde vivem mais do que na cidade. Perto de duzentas cabeças de gado pertencem à Vila. No lado oposto a Ega e perto de légua e meia de distância está a povoação de Nogueira que parecia ser do mesmo tamanho que Ega.

Entre estes lugares e o Pará negocia-se por meio de pequenas embarcações de vinte a quarenta toneladas e fazem, segundo ouvimos, duas viagens por ano os principais donos delas são Mr. Cauper e o Comandante. Havia em Ega uma chácara do Governo que suponho ser pouco produtiva mas os Índios queixavam-se de serem alguns obrigados a trabalhar nela e o que parecia contrário aos decretos e leis Imperiais em favor dos Índios. Enquanto esperamos pelo Comandante fomos várias vezes a casa de Mr. Cauper que nos tratou muito atenciosamente. A maneira como ele vivia era superior à que há tempos tínhamos experimentado não fazia ele contudo uso de pão e sustentava-se principalmente de tartaruga.

Obtinha ele, às vezes, biscoitos que lhe mandavam do Pará e distribuía-os entre os seus amigos como uma grande raridade e quando alguém adoecia vinham-lhes pedir como grande favor. Às tardes os principais habitantes reúnem-se fora das casas fumando e conversando ou ouvindo tocar guitarra. Entre os brancos havia um velho extraordinário com cabelo branco e que em outro tempo fora muito rico e possuía muitos escravos mas tem perdido quase tudo. Quando alguém lhe expressava sentimento pelas suas perdas ele dizia que não havia motivo para isso que quando ele possuía propriedade e escravos não fazia senão cuidar em conservar a primeira e prevenir que os escravos fugissem, mas agora que ele pouco tinha de seu podia deitar-se dormir e levantar-se no outro dia sem cuidados. Mr. Cauper lastimava muito a falta de energia e atenção aos seus negócios entre os habitantes.

No domingo fui com Mr. Cauper procurar o Padre que tinha vindo de Nogueira rezar Missa. Fez-nos ele várias perguntas relativas à nossa viagem particularmente nos Andes cuja descrição custava a ser acreditada por pessoas que tinham passado todos os

dias da sua vida num País plano e em que era difícil encontrar uma única pedra. Depois de deixarmos o Padre fomos a algumas outras casas, uma delas pertencia a uma pessoa que tinha sido, julgo eu, carpinteiro, ele tinha uma chácara e possuía várias casas na Vila sendo um dos homens mais ricos dali. Era ele velho, mas robusto e tanto ele como a sua mulher estavam embriagados fazendo muita bulha apesar de ser domingo.

As mulheres de Ega parecem cuidar não só do manejo das casas como no das chácaras, fazem também potes e pintam cuias envernizando-as primeiro com um verniz preto ou azul e depois pintam-lhe diferentes e curiosas figuras em várias cores. É esta uma invenção Índia originalmente, ainda que agora copiam padrões Europeus quando os obtém, supondo-se que o verniz faz a água mais fresca quando a bebem e, não há dúvida que previne que a água aqueça na cuia. Manufaturam também redes, algumas das quais são inteiramente feitas de fio de algodão e outras são feitas parte de palha e parte de algodão. O pintar cuias fazer pucunas (<sup>101</sup>), aljavas, flechas e redes parece ter sido os principais objetos de indústria entre os Índios.

Mr. Cauper tencionava construir uma casa maior do que a em que vivia, ou do que qualquer outra então em Ega e pediu-nos o nosso parecer sobre o plano que devia adotar, particularmente desejava ele saber o que preveniria a danificação das madeiras de que ele fosse obrigado a servir-se, visto não poder obter pedra, dizendo-nos ele que as extremidades das vigas que se enterram no chão logo apodrecem em consequência da muita humidade.

---

<sup>101</sup> Pucunas: arma de tiro que consiste em um tubo estreito usado para lançar dardos, flechas ou projéteis soprando com força através de uma extremidade. Um instrumento musical de sopro rústico composto por uma ou mais palhetas de tamanhos desiguais unidas e geralmente dispostas da maior para a menor. (Real Academia Española)



Na terça-feira voltou o Comandante, e o fomos procurar para lhe apresentar os nossos passaportes, e pedir-lhe que nos obtivesse Índios para continuarmos a nossa viagem. Recebeu-nos civilmente e, depois de ler os passaportes, disse-nos que procuraria obter cinco Índios para podermos partir na manhã seguinte. De tarde veio-nos o Comandante pagar a visita, e enquanto esteve conosco, algumas mulheres que passavam embriagadas vieram à porta e começaram a fazer muita bulha, mas mandamo-las embora. Pouco depois veio um Índio velho mais ou menos no mesmo estado. Tinha o Comandante já ido embora e eu não estava em casa, mas o velho disse ao Mr. Hinde que tinha tido ordens para ir conosco até ao Rio Negro, e que tinha vindo dizer-nos que estava pronto a acompanhar-nos até ao fim do mundo. Este Índio era um dos mais antigos habitantes da Vila e era na sua opinião, mais civilizado do que os outros, mas o que ele queria eram espíritos <sup>(102)</sup> para beber e logo que Mr. Hinde deu-lhes foi-se embora muito contente.

## Capítulo X

*Deixamos Ega e procedemos pelo Amazonas abaixo – Lago de Peixe Cuna – Rio Coari – Castanhas, cacau bravo, árvore de veneno, palmas, tintas etc... – Codajás – Embocadura do Purus – Ilha Mura – Rio Negro – Cidade da Barra – Coronel Comandante, Coronel Zany, Desembargador e Vigário Geral – Barcelos – Edifícios na Barra – Embarcamos em botes do Rio.*

Aprontaram-se os Índios na quarta-feira e depois de termos recebido cartas do Comandante e de Mr. Cauper para o Coronel Zany da Barra do Rio Negro, embarcamos e prosseguimos na nossa viagem.

---

<sup>102</sup> Espíritos: antigamente, os antigos químicos, compreendiam, com este nome, todos os produtos líquidos que obtinham mediante a destilação alcoólica de certas substâncias medicinais. Espírito de vinho – álcool, aguardente. (VIEIRA, 1878)

As águas do Tefé são transparentes e fundas, mas de uma cor escura. Logo abaixo de Ega a enseada contrai-se e o Rio deságua por duas embocaduras no Amazonas. Tínhamos entrado pela embocadura Ocidental e saímos pela Oriental, que é a mais larga. Depois de tornarmos a entrar no Amazonas, conservamo-nos na margem direita por cuja corrente abaixo flutuavam muitos bocados de madeira e haviam numerosas ilhas. De tarde passamos e falamos a duas embarcações pequenas que iam Rio acima, e como fizesse bom tempo continuamos a remar e ir com a corrente durante a noite. As direções foram E e S, SE e E, SE, SE e S. Na quinta-feira continuámos indo pela margem direita e na direção de ESSE, SE, E e SE. De manhã passamos por uma galeota com um branco e alguns Índios que iam colher cacau bravo. O branco, que era um Português, disse-nos que seu sogro tinha uma chácara num Lago ao qual se dirigia um Igarapé na margem direita, do Amazonas um pouco mais abaixo da lugar aonde estávamos então, e que ele tinha em seu poder duas antas. Como não tínhamos ainda visto estes animais determinamo-nos a ir vê-los.

O Lago chamava-se "*Peixe Cuna*"; as suas águas são transparentes, mas de uma cor escura, abundando nele peixes e jacarés; tendo uma légua de comprimento e meia légua de largo, e comunica-se com o Amazonas por um Igarapé de três quartos de milha de comprimento e sessenta a setenta jardas de largo, sendo as margens do Lago elevadas e íngremes. Quando íamos entrando no Lago, a galeota com o branco chegou também, e o dono da chácara convidou-nos a ir vê-la. Desembarcamos por poucos minutos, pois que tendo de atravessar o Lago para vermos a chácara não desejávamos perder tempo. A chácara tinha sido recentemente estabelecida e o branco queixava-se, como de costume, de falta de braços para a cultivar.

Ele tinha vindo de Portugal como marinheiro e tendo vindo ao Amazonas foi nomeado superintendente das praias. Tinha ele ido ao Japurá uma vez em busca de Índios, e tencionava voltar com o mesmo fim dizendo-nos ele que seu objeto era ganhar dinheiro e voltar para Portugal.

Quando atravessávamos o Lago, dois papagaios pequenos caíram na água e um deles desapareceu logo e julgo que foi engolido por algum jacaré. O velho, cuja chácara nós íamos visitar, encontrou-nos no lugar do desembarque e passeou conosco até a casa e como soubesse que nós desejavamos ver as antas mandou dois rapazes, seus filhos, buscá-las. Depois de esperarmos um bocado ouvimos muita bulha e imediatamente dois bois pretos passaram por nós correndo. O velho certificou-nos que estas eram as únicas antas que ele tinha, e deu-nos a entender que a anta (<sup>103</sup>) ali era o boi. Ainda que não tenhamos visto os animais que admirávamos, não perdemos de todo o tempo, pois tivemos uma ocasião favorável de vermos uma chácara brasileira. O velho era robusto e saudável sendo originalmente nativo de Ega, tendo vindo para a sua atual residência havia três anos. Cultivava ele mandioca, algodão, café, tabaco, e ultimamente anil, e estava então edificando uma casa assaz grande com um armazém, numa extremidade, uma plataforma para secar algodão, e na outra cacau e café, e uma varanda de grades na frente. Falou ele favoravelmente da situação da chácara que era saldável e não muito perseguida por mosquitos ou outros insetos o que a aparência dele e da sua família parecia confirmar. Logo que os Índios acabaram de cozinhar, fomo-nos embora, mas antes de sairmos do Lago refrescou muito o vento e deixando-o abrandar entramos de novo no Amazonas e continuamos a ir com a corrente durante a noite.

---

<sup>103</sup> Anta: Tapirus terrestres. (Hiram Reis)

Na sexta-feira a direção pela qual progredimos foi ESSE, E e ENE, algumas das distâncias sendo de doze a quatorze milhas de extensão. Às quatro horas da tarde, passamos por um local que nos parecia ser a embocadura de algum Rio entrando do Norte no Amazonas, e os Índios deram-lhe o nome de Cupuya. Encontramos muitas ilhas e o Amazonas era de uma magnitude tal que com dificuldade se viam as margens parecendo mais um Mar alto do que um Rio. Ao pôr do Sol, a uma distância na direção do Oeste, um pouco ao Norte, estendia-se até ao horizonte, tendo duas pequenas ilhas no meio da corrente. A largura ali seria de uma légua e meia a duas léguas, mas ignoro se ambas as margens que vimos eram da terra firme ou de alguma ilha. Como o vento fosse forte aportamos no Rio Coari, o qual deságua no Amazonas vindo do Sul. Os Índios deram-nos a entender que havia uma chácara na margem direita do Coari, pouco acima donde nos achávamos e uma povoação chamada Alvelos situada num Lago distante dois dias de jornada.

Enquanto paramos para cozinhar na sexta-feira, fomos ao mato apanhar alguns bocados de pau para o fogo e achamos algumas castanhas, da qualidade das que se exportam do Brasil. A árvore de que tinham caído igualava um ulmeiro grande em circunferência, mas era duas vezes mais alta e direita e só tinha ramos na extremidade de cima. Encontramos também algum cacau bravo, mas o fruto não estava maduro; as árvores crescem como as aveleiras, tendo o tamanho de uma pereira. O fruto é produzido logo do talo e da parte grossa dos ramos; quando não está maduro é de uma cor verde, mas quando maduro é amarelo carregado, e semelha-se a um pequeno melão oval ou um grande pepino grosso.

Cada casca é coberta com uma substância carnuda, doce e branca e tem camadas de bagos havendo cinco destes em cada uma. À meia noite abrandou o vento e outra vez fomos com a corrente pelo Amazonas abaixo.

No sábado deixando a margem direita fomos principalmente entre ilhas, algumas das quais eram tão grandes que não era fácil distingui-las da terra firme. As distâncias principais muitas vezes terminavam no horizonte, tendo ilhas no meio da corrente e correndo entre o Leste e Oeste, não podendo eu ter ideia da largura em consequência das ilhas.

Ao pôr do Sol achamo-nos numa baía; a distância pela qual tínhamos vindo era na direção do Oeste com o cume das mais altas árvores visíveis no horizonte e a em que íamos era na direção de NE e N, supondo nós que era toda a largura do Rio, mas pouco depois, quando passamos pela ponta de uma ilha, vimos que por onde tínhamos vindo era só uma passagem entre ilhas, contamos seis diferentes passagens emparelhadas umas com as outras, apesar do que os Índios nos disseram que não podíamos ver a margem direita Rio por embarçar-nos a vista uma grande ilha. O centro do Rio era na direção do OSO, terminando no horizonte e a distância direta pela qual íamos era NE, tendo dez ou doze milhas de extensão, depois do que fomos na direção de NNE por algum tempo. Enquanto estávamos cozinhando naquele dia, cortei um bocado da casca de uma árvore que os Índios nos disseram operava fatalmente como veneno; a árvore tinha quatorze pés e meio em circunferência, era direita e muito alta a casca ou cortiça teria uma polegada em grossura, e cortando-a de través saía uma espécie de leite. Os Índios temiam tanto esta árvore que não queriam mesmo aproximar-se da casca que cortamos. <sup>(104)</sup>

---

<sup>104</sup> Não seria o Uassacú, Acajú (Hura crepitans L.)? (Hiram Reis)

Haviam várias variedades de palmeiras cuja fruta era grande e tinham quatro diferentes repartições dentro com grãos em cada uma. Encontramos também algumas árvores cuja casca ou cortiça é vermelha, e os Índios disseram que servia para tingir, e outras que tinham algum cheiro igual ao do estoraque <sup>(105)</sup>.

Na madrugada do domingo, passamos por uma baía na qual deságua a embocadura inferior do Japurá; os Índios deram-lhe o nome de Codajás e disseram que o gentio chamado Mura vivia nas margens; quando ali chegamos a embocadura não parecia ter mais de uma milha em largura, mas olhando por ela adentro parecia ser mais larga. As direções eram, de madrugada OSO, dez ou doze milhas de extensão e a outra por que depois fomos, ESSE, terminando no horizonte. O Rio depois voltava para o NE e E, e assim continuava por perto de trinta milhas a largura que se via, incluindo ilhas, seria de três léguas. Ao pôr do Sol entramos numa distância NE e N terminando no horizonte, tendo-nos conservado naquele dia pela margem esquerda, e quando íamos flutuando com a corrente à noite passamos a embocadura do Rio Purus, vindo do Sul.

Na segunda-feira, ao amanhecer fomos na direção SO e O dez milhas e Leste para o horizonte; às nove horas da manhã, Leste um pouco para o Sul, ao meio dia NE, tendo neste bordo aguentado uma ventania com muitas ondas, e os Índios achando dificuldade em ir para diante, tentamos agarrar o bote a uma grande árvore que flutuava pelo Rio abaixo, mas não nos foi possível ir com ela de reboque em consequência do movimento no Rio. Às oito horas da terça-feira de manhã vimos duas chácaras na margem esquerda, e paramos na mais em baixo, que era uma plantação de café; o dono não estava ali, mas o seu filho passeou conosco enquanto os Índios estavam cozinhando.

---

<sup>105</sup> Estoraque: *Altingia excelsa*. (Hiram Reis)

A chácara existia há quinze anos e produzia de duzentas a duzentas e cinquenta arrobas Portuguesas. A estação para apanhar o café tinha justamente principiado, e continuava por dois meses colhendo-se os bagos assim que maduros e várias Guavas <sup>(106)</sup> estavam plantadas entre as árvores do café para lhes dar sombra. Às quatro horas, passamos uma ilha a que os Índios deram o nome de Mura, em consequência de alguns Índios daquela tribo terem ali residido em outro tempo, e diz-se que eles estavam de vigia quando os botes iam pelo Rio para os atacar. A direção do Rio continuou ENE até ao Sol se pôr, mas pouco depois voltou para o Norte e perto das oito horas entramos no Rio Negro.

Passamos perto da ponta Ocidental conservando aquela margem por pouca distância, e depois atravessamos o Rio, e como a noite era agradável, e a corrente não forte, continuamos a remar com as pás contra ela até às dez horas, quando arribamos para a margem esquerda do Rio. Na manhã seguinte, os Índios pediram que parássemos para cozinhar antes de chegarmos à Barra, ainda que estávamos pouco distantes dela, paramos portanto numa pequena enseada, aonde a área era muito branca, e haviam vários pequenos rochedos delgados em cima, tendo a aparência de conterem muito ferro, parecendo-me que é a quantidade de ferro que faz as águas do Rio Negro de uma cor tão escura. O mesmo Rio tem a aparência de mármore preto; aonde tem pouco fundo, é pardo e transparente, e quando se apanha a água em pequenas porções é ela cristalina e cintilante. Os Índios mostraram-nos duas árvores das quais a casca de uma aplicam-na como remédio para feridas, cosendo-a e lavando com ela; a outra chamavam-na Tavare ou Tamare e era da mesma espécie que a que tínhamos visto em Ega.

---

<sup>106</sup> Guavas: goiabeiras. (Hiram Reis)

Às dez horas da manhã chegamos à cidade da Barra, e logo que desembarcamos, procuramos a casa do Coronel para lhe apresentarmos os passaportes e Cartas que tínhamos trazido de Ega. Enquanto estávamos indagando aonde morava o Coronel, um Europeu que estava numa janela perguntou-nos qual Coronel procurávamos e respondendo-lhe que era o Coronel Zany, disse-nos que aquela era a casa dele, e mandaram um homem conduzir-nos sendo o Europeu que nos falou cunhado do Coronel. Recebeu-nos o Coronel muito civilmente, e nos fez uma apologia pela confusão que então existia na sua casa em consequência de concertos e alterações que lhe estava fazendo. Entregamos-lhe as Cartas, mas quando lhe apresentamos os passaportes com a Carta do Cônsul disse-nos que deviam ser examinados pelo Coronel Comandante, e mandou uma pessoa conosco para nos mostrar a casa. Neste intervalo soube o Comandante cujo nome era Joaquim Felipe, que éramos chegados, e estava preparado para receber-nos; era ele um homem velho e de pequena estatura, vestido com uma jaqueta azul do uniforme, muito bordada e ornada com franja de ouro sobre a qual tinha cadeias de ouro, chapéu armado, sabre, luvas brancas etc...; estando cercado de muitos outros oficiais e o que estimamos ver, por notar um grau de civilização muito diferente e superior ao que estávamos costumados a encontrar. Fomos recebidos com muita cortesia militar, e depois de nos mandar assentar, o Coronel Comandante leu o nosso passaporte e a Carta do Cônsul Inglês, e fez-nos várias perguntas; disse-nos depois que o passaporte que tínhamos trazido do Peru devia ser guardado por ele, mas que nos daria outro que nos serviria até ao Pará. Pediu-me também cópia da Carta do Cônsul ao que concordei, e fornecendo-nos alojamento fomos convidados a jantar com ele, em consequência do que fomos pôr a nossa bagagem na casa em que devíamos residir e voltamos.



O jantar do Coronel não só era mais abundante, mas mais bem servido do que qualquer outro que se nos tinham oferecido, e pela primeira vez comemos pão que havia dois meses não provávamos. Durante o jantar informou-nos o Coronel que ele tinha viajado muito; tendo estado em Falmouth, Liverpool e Bombaim e falou muito dos seus amigos Ingleses no Pará; bebendo depois de jantar à saúde do Rei da Inglaterra aliado do Imperador do Brasil; propus também a saúde do Imperador, depois do que levantamo-nos da mesa, não sabendo eu então que era a etiqueta não beber à saúde alguma depois da do Imperador.

Como os pequenos objetos que eu tinha trazido comigo de Lima para dar em pagamento aos Índios, não corriam já como dinheiro corrente, fiz presente dos que me restavam, consistindo de alguns anzóis, agulhas, cascavéis (<sup>107</sup>), tesouras, contas etc..., ao Índio velho que governava ao leme e o qual sendo coxo não podia bem ganhar a sua vida exceto pescando durante a estação em que o peixe é abundante. Tinham estes objetos para com ele muito valor, e mostrou-se muito agradecido; mas apenas tinha ele e o resto da equipagem saído da Barra quando, examinando a nossa bagagem descobrimos que nos tinha furtado o jarro de veneno que obtive em Tabatinga, nem tão pouco achei o mutum de ouro que me tinha custado duas patacas e meia em Ega. Neste momento entrou o Coronel Zany, e contando-lhe o que nos ocorrera teve ele a bondade de me oferecer um jarro de veneno que tinha. O Coronel Zany era Comandante das Milícias do Rio Negro; ele falava um pouco de Inglês e contou-nos que era Italiano de nascimento, que em consequência das ordens de Napoleão ele servira quando rapaz como conscrito, mas que não gostando de servir aos Franceses se escapara para bordo da Fragata Inglesa Thalia, em que foi a Lisboa e de lá veio para o Brasil.

---

<sup>107</sup> Cascavéis: guizos. (Hiram Reis)

Vindo para o Amazonas, tinha entrado no serviço do Brasil e fora promovido ao posto de Coronel por ter acompanhado o Dr. Martius, naturalista Alemão pelo Rio Japurá acima, e como Comandante das Milícias da Comarca do Rio Negro, a sua autoridade chegava até à fronteira. Tinha ele se casado com a filha do último Governador da Comarca e uma das suas filhas era casada com o Ouvidor, que acabava de ser nomeado Desembargador no Maranhão, e apresentou-nos a ele, que achou-me uma pessoa bem informada. O Coronel Comandante, o Coronel Zany, o Desembargador e o Vigário Geral da Comarca foram as pessoas que mais frequentemente vimos enquanto estivemos na Barra. O Coronel Zany tinha sido incumbido pelo Imperador de obter coleções de raridades para o Museu do Rio de Janeiro; tendo ele então várias qualidades de madeiras, pássaros e animais, alguns minerais, tintas, especiarias do País e alguns vestidos de penas muito curiosos.

Por via dele obtive amostras dos seguintes objetos: Anil de boa qualidade, Canela grossa e ordinária, Pucherim ou noz moscada do Sul da América [mais comprida e maior que a da Índia], Cumara ou feijões de Tonquin [grandes e finos valendo 6,720 réis por vinte e um arráteis <sup>(108)</sup>], Carajura [tinta encarnada que dizem ser preparada das folhas de uma árvore da mesma maneira que o anil custando 5,320 reis por oito arráteis], obtive também um rolo do que ali se supõe ser o melhor tabaco e que os Índios decoraram com penas.

O Coronel fez-me presente de um pássaro que ele chamava "*Galo da Serra*" <sup>(109)</sup> trazido do distrito montanhoso na direção da origem do Rio Negro, cuja

---

<sup>108</sup> Arratél: antiga unidade de medida de peso equivalente a 453,592 gramas. Igual a uma Libra. (Hiram Reis)

<sup>109</sup> Galo-da-serra: Rupicola rupicola. (Hiram Reis)

plumagem era muito mais brilhante do que a dos que tenho visto na Inglaterra, e tomei a liberdade de o presentear com a minha espingarda de dois canos julgando não me ser mais necessária. Tinha ele armazéns de vários gêneros e trezentos Índios empregados nas suas terras mas ignoro como eles ali vieram ter. Ele era muito entendido em fazer bordas para vestidos de penas representando flores, ainda que ele nos disse serem feitas pelos Índios.

Em consequência do incômodo que experimentamos com os Índios desde que entramos no Brasil, decidimo-nos a ser possível seguirmos viagem numa das embarcações do Rio, que nos disseram iam, às vezes, ao Pará, e o Coronel Zany tendo-nos oferecido os seus serviços em obter-nos o que quiséssemos, um dos primeiros pedidos que lhe fizemos foi relativamente à passagem na embarcação que primeiro saísse para o Pará. O Coronel mandou chamar um arrais de uma embarcação que estava à espera da licença do Governo para partir para o Pará e no intervalo disse-nos que era um Francês que tinha vindo ao Pará como ferreiro e que tendo vindo pelo Amazonas casara com uma filha bastarda de um branco que tinha algumas embarcações fazendo-o este mestre ou arrais de uma. Duvidamos no princípio se um ferreiro serviria para mestre de embarcações, mas o Coronel certificou-nos que haveria um piloto a bordo para navegar a nossa embarcação. Quando o arrais veio, disse ele que tanto o porão como parte do que ele chamava câmara estavam cheios de carga, mas que se quiséssemos fretar o resto do lugar que havia, ele o estimaria. Fomos a bordo, e achando que havia um espaço de oito pés de comprimento por seis de largura e quatro e meio de altura julgamos ser melhor freta-lo para acabarmos como supúnhamos, de uma vez com este negócio e em conformidade ajustou o Coronel Zany que devíamos pagar trinta mil réis.

Na sexta-feira, visitou-nos o Coronel Comandante e também o Coronel Zany. No sábado de tarde fomos, com o Coronel Zany, procurar o Vigário Geral, e este falando dos Índios nos disse que viviam no mato sem religião alguma exceto acreditarem que havia outro mundo, mas não tinham leis nem governo, e que as suas ocupações eram pouco superiores às dos animais, pois o seu principal objeto era obter o que comer. Alguns deles eram canibais, e relatou-nos algumas anedotas <sup>(110)</sup> que correspondiam com as que ouvimos em Ega.

No Domingo jantamos com o Ouvidor ou Desembargador e encontramos alguns dos principais habitantes entre eles o Coronel Zany, o Vigário Geral e um Escrivão. À cabeceira da mesa estava uma pequenina que teria três anos de idade, e como obséquio puseram-me oposto a ela no fim da mesa, a senhora da casa não apareceu, e constou-nos ser costume na Barra o fechar às senhoras principais como praticam os maometanos. Durante o tempo que ali estivemos, só vimos três senhoras, e essas por acaso, e quando notamos a singularidade de semelhante costume entre cristãos mudavam de conversa, dizendo-nos que as senhoras estavam nas fazendas da vizinhança superintendendo a colheita do café e cacau que estavam então quase maduros.

Como o arrais da embarcação nos disse que estava ansioso por ir embora, e que só lhe faltava a licença perguntamos-lhe porque não a obtinha ele, e fomos informados que todas as embarcações do Rio, passando para baixo ou para cima do Amazonas, são obrigadas a pararem na Barra até que haja comunicação com a Vila de Barcelos, que dista dez dias de jornada pelo Rio Negro acima.

---

<sup>110</sup> Anedotas: breves narrações de casos verídicos pouco conhecidos. (Hiram Reis)

Disseram-nos que até 1807, esta Vila de Barcelos tinha sido a Capital da Comarca, e naquele tempo a Barra consistia de um Forte, no qual estavam montadas várias peças para defenderem a entrada do Rio, tendo só poucas casas para o Comandante e Guarnição e algumas choupanas de Índios. No período mencionado, porém, sendo a sua situação considerada preferível à de Barcelos, as diferentes autoridades, exceto o Senado foram removidas para ali, mas, e o que era de admirar, competia ainda ao Senado de Barcelos dar as licenças para as embarcações navegarem no Amazonas, do que resultava ficarem elas detidas muitas vezes mais de vinte dias, até que houvesse resposta às solicitações feitas.

Datando o princípio da Barra como cidade, desde o ano 1807, e tomando em consideração os embaraços ocasionados por falta de comunicações, e pelos distúrbios revolucionários na Província do Pará, tem assim mesmo aumentado e melhorado de uma maneira extraordinária, e talvez ofereça uma das melhores provas do que se podia fazer nesta parte do Brasil. Constatou-nos quando estivemos na Barra, que a população quando reunida, supunha-se ser de três mil almas, mas poucas vezes se viam juntas exceto nas festas de São João, Páscoa e Natal. Havia várias boas casas, algumas com dois andares, mas são edificadas em diferentes ruas, com casas inferiores perto ou anexas a elas, sem formarem uma parte principal da Cidade. A casa do Coronel Zany que é uma das principais, se não a maior, foi edificada de madeira, e ele estava, então, removendo a madeira que estava danificada, e pondo pedra em seu lugar. Os trabalhadores eram Índios, mas, com exceção de um ou dois que superintendiam os outros pouco ou nada sabiam. Os muros não eram perpendiculares e me pareceram pouco seguros, a porta da entrada principal não tinha proporção alguma com o edifício por ser muito grande e disseram-nos que tinha pertencido a uma Igreja que se tinha demolido.

Havia um Hospital grande e bem edificado que recentemente tinham construído; a Igreja é pouco ornada e faz frente ao Rio, tendo um largo defronte e o Quartel ao pé, atrás do qual e um pouco mais abaixo no Rio está o Forte. Na mesma linha com a Igreja, mas fazendo face ao lado oposto, formando parte de uma outra rua há uma fábrica de algodão pertencente ao Governo, e num telheiro grande, situado em um monte em frente à casa do Coronel Zany, há uma fábrica de louça também pertencente ao Governo. Disseram-nos que havia outra fábrica de fazer cabos de esparto <sup>(111)</sup> mas como era fora da cidade não a vimos. As ruas não são calçadas, e quase todas parecem não acabadas. A localidade da cidade é dividida por alguns pequenos portos, que contem água na estação chuvosa, mas estão secos em outras ocasiões. Há uma ponte de madeira direita, e suportada por estacas, num dos tais portos, e outra, num ao pé do Hospital, que estavam edificando quando nós ali estivemos.

O Lugar da Barra foi provavelmente escolhido em consequência da entrada para o porto ou enseada principal a qual tem água suficiente para as embarcações do Rio, e pequenas escunas que ocasionalmente vem do Pará, e aonde se demoram até obter licença de Barcelos. Levando em consideração, porém, o seu atual estado de melhoramento, e o de que é suscetível, como um centro de comunicação nesta parte do Sul da América, por meio do Amazonas, Rio Negro e vários outros Rios grandes, eu não julgo que esta é a melhor situação que podiam escolher, não somente por não ser plana, e ser fora do caminho para as embarcações que navegam no Rio, do qual dista duas ou três léguas, mas por que não comanda os dois Rios como aconteceria se fosse situada no ponto aonde se reúnem.

---

<sup>111</sup> Esparto (*Spartium junceum*): planta poácea com os caules da qual se fazem capachos, esteiras, cordas. (Hiram Reis)

Não parecia haver mercado algum regular na Barra, suprimindo os habitantes de mantimentos, quando as canoas vinham das chácaras da vizinhança. A maior parte dos principais habitantes possui fazendas das quais não só obtém mantimentos, mas gêneros em que comerciam, como café, cacau e salsaparrilha. O Coronel Zany disse-nos que a sua fazenda era igual, em tamanho, à povoação de Caiçara, e ele tinha muitos Índios que trabalhavam nela. A Guarnição da Barra consistia de perto de cento e oitenta praças, e continuamente rondava nas ruas uma patrulha de um sargento e vários Soldados.

Além da Barra e Barcelos disseram-nos que haviam numerosas povoações nas margens do Rio Negro, e nas do seu tributário o Rio Branco, descendo este último do NE. Algumas destas povoações são consideráveis, e maiores que as do Amazonas; a população dos Distritos do Rio Negro e do Rio Branco chega a perto de trezentas mil almas das quais a maior parte são Índios bravos que vivem no mato. Disseram-nos que os Índios bravos deste Distrito vivem em famílias de vinte a cinquenta pessoas; e ainda que eles se consideram como parentes ou pertencentes a tribos particulares, se uma destas famílias é atacada as outras das vizinhanças não a assistem, e por isso são facilmente subjugados.

Há perto de quarenta mil cabeças de gado pastando nas planícies elevadas na origem do Rio Branco e, perto das fronteiras de algumas das Províncias da Guiana. Há um oficial nomeado para tomar cuidado deste gado, e às vezes trazem algum para uso da povoação da Barra, e pouco antes de chegarmos tinha ido uma pequena embarcação para este fim. Gasta-se um mês para ir pelo Rio Negro acima; a corrente não é forte, e disseram-nos ter menos violência durante a estação chuvosa, quando o Amazonas está cheio.

Há muitas ilhas em todo o curso deste Rio, mas de-ságua no Amazonas por uma só embocadura, e não há a menor dúvida que existe uma comunicação entre o Rio Negro e o Orenoco. Disseram-nos que existiam outras comunicações entre o Orenoco e o Amazonas, e estou bem certo que se os vários grandes Rios tributários ao Amazonas fossem explorados, descobrir-se-iam numerosas comunicações entre eles, se é que todos eles não formam uma espécie de rede.

Enquanto estivemos na Barra passeamos frequentemente de tarde com o Coronel Zany e o Vigário Geral, e fomos algumas vezes ver as fábricas de algodão e louça pertencentes ao Governo; na primeira não havia outro maquinismo senão as rodas de fiar o algodão como antigamente praticavam na Inglaterra, e os teares eram trabalhados à mão; empregavam geralmente mulheres, que recebiam um tostão por cada meio arrátel de algodão fiado, e o que lhes levava geralmente um dia ainda que algumas fiavam um arrátel. O fio era ordinário e desigual e aparentemente inferior ao que fazem em Moyobamba <sup>(112)</sup>. O comportamento das mulheres não era, segundo diziam, o mais exemplar apesar de haver sempre uma sentinela à porta sobre a qual estavam pintadas as armas Imperiais. A fábrica de louça nada tinha de extraordinário, e o barro, ouvimos dizer, era trazido da margem oposta do Rio Negro, e depois amassado numa cavidade quadrada feita dentro do telheiro para esse fim, de que faziam telhas, jarros grandes, contendo, cada um deles, um almude <sup>(113)</sup>, e em que geralmente guardavam manteiga e alguns outros utensílios caseiros. O barro era trazido e amassado por mulheres, um homem fazia os jarros, e outro superintendia todo o trabalho.

---

<sup>112</sup> Moyobamba é uma Província do Peru localizada na região de San Martín. Sua capital é a cidade de Moyobamba. (pt.wikipedia.org)

<sup>113</sup> Almude: medida de capacidade para líquidos e cereais equivalia a 25 litros. (Hiram Reis)



No sábado, de tarde, 15 de março de 1828, encontramos o Coronel Comandante na casa do Coronel Zany, e estimamos saber que em consequência das licenças não terem chegado de Barcelos, e da demora que as embarcações no porto tinham tido, o Comandante tinha tomado sobre sua responsabilidade de as deixar sair.

No domingo, 16 de março de 1828, depois da Missa, procuramos o Comandante para nos dar os nossos passaportes, e ele então fez menção de mandar conosco um Sargento para nos apresentar, no Pará, ao Presidente; mas tendo-lhe exposto que nós como súditos Ingleses, e principalmente eu como oficial de Marinha não precisávamos do Sargento para nos apresentar ao Presidente, replicou ele que tendo despachos a mandar julgava que o Sargento podia levá-los ao mesmo tempo, mas que, pensando melhor, o não mandaria na embarcação em que nós íamos e convidando-nos a jantar com ele no seguinte dia, aceitamos o seu convite.

Na manhã de terça-feira, 18 de março de 1828, veio o arrais nos dizer que havia de estar pronto para sair ao meio dia; aprontamos, portanto, a nossa bagagem e embarcamos, mas saindo do porto refrescou tanto o vento, que, sendo além disso contrário não pudemos progredir. Durante a tarde mudou o vento, de forma que pudemos ir pelo Rio abaixo, mas não tínhamos ido longe quando principiou a escurecer, e o fundo ali perto sendo rochedo arribamos outra vez. Estes pequenos revezes não eram de bom agouro para a nossa viagem, mas como estávamos bem acostumados submetemo-nos com resignação. No intervalo, entre o período em que a embarcação ancorou depois de ter saído, e se fez de vela novamente, Mr. Hinde e eu desembarcamos e fomos à casa do Coronel Zany. Voltando a bordo vimos que nos acenavam com um lenço, e julgamos que alguém se despedia de nós; olhando portanto com mais atenção descobrimos ser o Vigário Geral.

Este bom velho frequentemente se assentava de-  
frente da sua casa, num lugar alto que fazia frente  
para o Rio, aonde havia muito boa vista e ele tinha  
um telescópio para melhor observar os botes ou ca-  
noas no Rio. Os Índios admiravam muito este teles-  
cópio, mas era motivo de medo para as mulheres,  
que todos os dias se banhavam no Rio pois elas  
acreditavam que o telescópio não só fazia aproximar,  
mas também reverter os diferentes objetos.

Quando, portanto, iam para o Rio estavam sempre  
alerta olhando para o telescópio do Vigário, e se o  
viam enquanto estavam banhando-se, entravam-se  
logo mais pela água ou corriam a esconder-se. A mo-  
déstia delas resumia-se contudo quase só a estas  
precauções, não sendo a castidade uma das virtudes  
que seguem com mais rigor, nem é provável que  
assim aconteça enquanto continuar o atual sistema,  
ao mesmo tempo que seus encantos não eram dos  
mais tentadores [...] (Maw, 1828)



Como a tradução do original de Henry Lister  
Maw, apresentava uma certa dificuldade quanto à orto-  
grafia, tomamos a liberdade de realizar pequenas cor-  
reções para facilitar sua compreensão.



## **Frete**

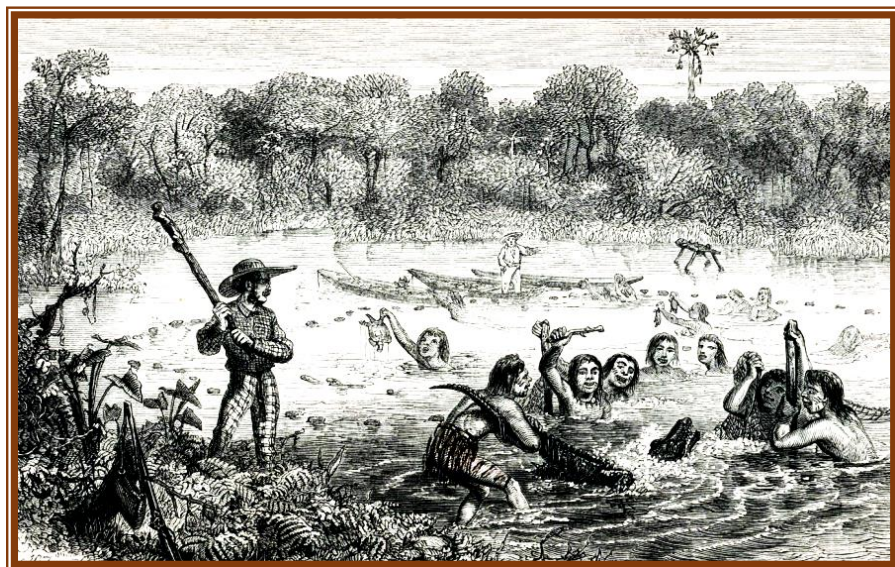
**(Renato Teixeira)**

*Eu conheço cada palmo desse chão  
É só me mostrar qual é a direção  
Quantas idas e vindas meu Deus quantas voltas  
Viajar é preciso é preciso  
Com a carroceria sobre as costas  
Vou fazendo frete cortando o estradão.*

*Eu conheço todos os sotaques  
Desse povo todas as paisagens  
Dessa terra todas as cidades  
Das mulheres todas as vontades  
Eu conheço as minhas liberdades  
Pois a vida não me cobra o frete.*

*Por onde eu passei deixei saudades  
A poeira é minha vitamina  
Nunca misturei mulher com parafuso  
Mas não nego a elas meus apertos  
Coisas do destino e do meu jeito  
Sou irmão de estrada e acho muito bom. [...]*

*Mas quando eu me lembro lá de casa  
A mulher e os filhos esperando  
Sinto que me morde a boca da saudade  
E a lembrança me agarra e profana  
O meu tino forte de homem  
E é quando a estrada me acode. [...]*



*Imagem 33 – The Naturalist on the River Amazon (Bates, 1863)*

**Herculano Ferreira Penna, 1854**

**ROTEIRO**

DA

PRIMEIRA VIAGEM

DO

VAPÔR MONARCHA,

DESDE A CIDADE DA BARRA DO RIO NEGRO, CAPITAL

DA

PROVINCIA DO AMASONAS,

ATÉ A POVOAÇÃO DE NAUTA, NA REPUBLICA

DO

PERÚ;

FEITO POR

***João Wilkens de Mattos,***

SECRETARIO DO GOVERNO DA MESMA PROVINCIA, E POR  
ELLA DEPUTADO Á ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA,

Acompanhado de uma Carta do Rio Solimões, e parte  
do Rio Negro.

**1854.**

RIO NEGRO

IMP. DE M. S. RAMOS, RUA DA PALMA, casa N.—1855.

*Imagem 34 - João Wilkens de Mattos, 1854*

## ADVERTÊNCIA

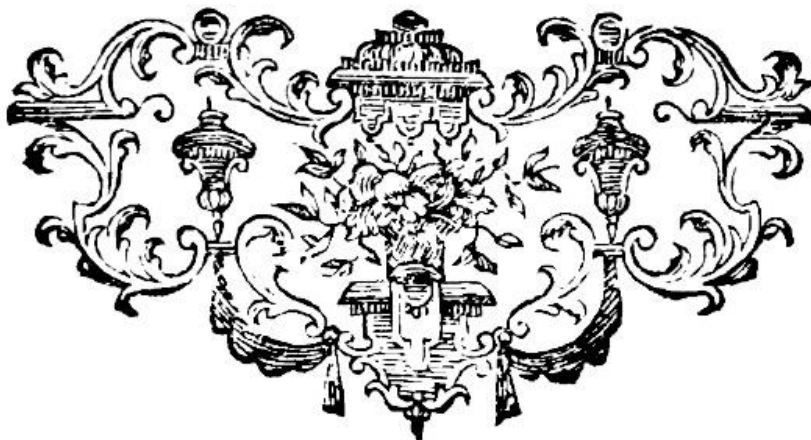
As Tribos Indígenas mencionadas neste Roteiro como habitantes de Lagos e Rios são as que, segundo notícias mais recentes, existem na atualidade.

Deixei de mencionar muitas outras, de que fazem menção alguns escritores, por que tenho informações exatas que negam a existência atual delas.

EB  
BB  
h

Estibordo.  
Bombordo.  
Hora.

Não se designam neste Relatório os rumos magnéticos das diversas e multiplicadas sinuosidades do Rio, por ser, à uma só pessoa, impraticável notá-los exatamente, e porque havendo-os descrito Henrique Lister Maw, e o Conde de Rozwadowski, aquele na sua obra intitulada "*Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*", e este no "*Roteiro da viagem redonda do Vapor 'Monarcha' desde a Cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Província do Amazonas, até a Povoação de Nauta, no Peru*", parece dispensável uma minuciosidade tal, precisa somente para o levantamento da Carta do Rio.





317°48' à Este da Ilha de Ferro (<sup>117</sup>), passamos a Ilha Marapatá por BB (<sup>118</sup>), e a foz do Lago January e do Riacho Chiborêna por EB.

**05h30.** Entramos no Rio Solimões e continuamos a navegar pela margem Boreal, mui próximos à terra. O Rio achava-se, então, em quase duas terças partes de sua enchente. À BB, o paraná-mirim do Careiro. A lenha que servia de combustível, além de não ser da melhor qualidade, achava-se encharcada de água e por isso pouco vapor fazia; o manômetro mostrava apenas dez polegadas. Íamos a meia força, e as correntes d'água, que neste tempo são violentíssimas, zombaram algumas vezes da Barca, fazendo-a ora parar, ora retroceder um pouco. Felizmente havia a bordo algum carvão, que se empregava de mistura com a lenha. À BB, a Ilha dos Muras.

**09h30.** À EB, a foz do Lago Airanduba (<sup>119</sup>).

**10h55.** À BB, a foz do Lago Janauacá; é habitado por fregueses da Cidade da Barra.

**12h00.** À BB, a Ilha do Caldeirão.

### **11 de Março de 1854, Tarde**

**14h05.** À BB, a foz do Lago Maraquiry, também habitado por fregueses da Barra que nele tem sítio, e engenhocas de moer cana. À EB, a foz do furo Arapapá.

---

<sup>117</sup> Doutores José Simões de Carvalho e Ricardo Franco de Almeida Serra. (MATTOS, 1855)

<sup>118</sup> BB: Bombordo; EB: Estibordo. Bombordo é o lado esquerdo da embarcação, enquanto estibordo (ou boreste) é o lado direito, considerando que a tripulação da embarcação está de costas para a popa e de frente para a proa. (Hiram Reis)

<sup>119</sup> Posto que por este nome seja geralmente conhecido o lugar, convém notar que Airandêua seria mais conforme a pronuncia dos Índios. Esta observação é também aplicável aos outros nomes a que, em português, se dá a terminação - ûba. (MATTOS, 1855)

**14h43.** À EB, a foz do furo Ariuaû (<sup>120</sup>)

**15h30.** Princípio da costa de Manacapuru, em que há sítios colocados em posições elevadas e aprazíveis.

**15h47.** À EB, a foz do Lago Mathias, é de pequena importância.

**17h00.** À EB, a foz do Lago Mirity.

**17h06.** À EB, a foz do Lago Calado.

**18h14.** Em frente de uns sítios junto aos quais há pedras; sendo necessário navegar a um terço do Rio para evitá-las.

**18h30.** Ancoramos em frente do Aldeamento de Índios Muras denominado Manacapuru, por estar um pouco abaixo da foz do Lago desse nome, habitado por muitos moradores e abundante de peixe-boi, pirarucu (<sup>121</sup>), castanha (<sup>122</sup>), óleo de copaíba, etc...

Dista este Aldeamento 14 léguas (<sup>123</sup>) da foz do Solimões, e está colocado à margem Boreal, em local alto, mui aprazível, fértil e sadio (<sup>124</sup>). É a meu ver um dos pontos mais próprios para o assento de uma Colônia Agrícola.

---

<sup>120</sup> É também denominado Ariuaû-pucá [Furo do Ariuaû], dista da foz do Solimões 6 léguas e comunica com o Rio Negro no tempo da cheia. (MATTOS, 1855)

<sup>121</sup> *Vastus gigas*, Castelnau. *Sudis-gigas*, Schomburgh. (MATTOS, 1855)

<sup>122</sup> *Bertholes excelsa*, Lemark. (MATTOS, 1855)

<sup>123</sup> Cônego André e Padre Noronha, mas o Capitão-Tenente Amazonas assina-lhe 18 léguas. (MATTOS, 1855)

<sup>124</sup> Neste mesmo lugar existiu antigamente um pesqueiro, estabelecido por conta da Fazenda, de onde se tirava o peixe e a tartaruga para sustento da Guarnição Militar de Barcelos. (MATTOS, 1855)



Existem no Aldeamento cerca de 80 Índios, sob a direção de um Encarregado, que também é Inspetor de Quarteirão. Sua Ex.<sup>a</sup> desembarcou e visitou o Aldeamento que se compõe de uma dúzia de casas de palha, edificadas sem ordem, nem comodidades.

Aí só existiam mulheres, e grande número de crianças; de homens só vimos o "Tuxaua" e mais um Índio; aquele disse-nos que os outros estavam no Lago, empregados no serviço de alguns moradores. A melhor construção deste Aldeamento é uma casa, que os Índios levantaram para servir de Capela, e residência de um Padre, pela presença do qual reclamam.

Sua Ex.<sup>a</sup> depois de visitar o Aldeamento, mandou vir de bordo alguns objetos [panos e ferramentas] com que brindou a família do "Tuxaua", que mostrou-se contentíssima.

Depois de haverem sido recebidas a bordo 600 achas de lenha de boa qualidade [pracuûba] <sup>(125)</sup> suspendemos às 22h12. A noite esteve clara, mas pouco seguimento tinha a Barca, por causa das correntes fortíssimas, que encontramos.

## **12 de Março de 1854, Manhã**

**06h30.** À BB, a Ilha dos Periquitos.

**08h00.** Navegamos quase encostados à terra e passando por baixo da ramagem de uma árvore, que se debruçava sobre o Rio, partiu-se o pau da bandeira da Barca.

**08h22.** A BB, a Ilha Guajaratuba, 12 léguas acima de Manacapuru. Nesta Ilha teve a Freguesia de Alvelos o seu terceiro assento, em consequência da

---

<sup>125</sup> Pracuûba: *Trichilia lecointei*. (Hiram Reis)

trasladação que para ela fez o Carmelita Frei Antonio de Miranda do desaguadouro do lago Anamã, para onde havia sido transferida do Rio Paratary, 8 léguas acima de sua foz.

**10h10.** Parou a Barca em frente do sitio do Hypólito, cerca de dois minutos, para saber-se se havia lenha, e prosseguimos na viagem, por não haver nenhuma pronta.

**11h40.** Passamos à BB, a extrema superior da Ilha Jauára [cão]. À EB a foz do lago Anamã.

### **12 de Março de 1854, Tarde**

**12h35.** À BB, a foz do Rio Purus, distante 28 léguas (<sup>126</sup>) da foz do Solimões. Navegamos um pouco pela margem direita daquele Rio acima a fim de o atravessarmos em linha reta para a ponta da margem esquerda, o que, efetuamos em 13 minutos. Singrava a Barca 5 milhas por hora, e assim calculamos a largura em uma milha (<sup>127</sup>). A corrente não excedia a duas milhas.

Jaz a foz do Purus na Latitude Austral 03°50' cruzada pelo Meridiano 315°36' à Este da Ilha de Ferro.

É muito abundante de salsaparrilha, óleo de copaíba, de tartarugas, e peixes de diversas espécies, também de castanha e breu (<sup>128</sup>).

---

<sup>126</sup> Cônego André Herndon calculou em 29 léguas, o Capitão Tenente Amazonas dá 32, e a "*História do Brazil*" por Robert Southey diz o seguinte "*Sessenta léguas abaixo do Purús, o Rio Negro entra pelo Norte*". (MATTOS, 1855)

<sup>127</sup> O Príncipe Adalberto diz que Von Martius estimou a largura da foz deste Rio em 1.250 passos [415,8 braças]. Herndon a calculou em três quartos de milha. (MATTOS, 1855)

<sup>128</sup> Amyres memífera, Juss. (MATTOS, 1855)

Tem sido navegado em grande extensão sem obstáculo algum natural e ultimamente o fora por Serafim da Silva Salgado, cujo Roteiro acha-se anexo ao Relatório apresentado pelo Exm<sup>o</sup> Conselheiro Presidente da Província Assembleia Legislativa Provincial no dia 1<sup>o</sup> de outubro de 1853.

Os seus afluentes Tapauá, Paraná-pixuna, Pauini e Mucuím tem sido explorados por diversos em procura das drogas de que abunda.

Habitam suas margens e centros as seguintes Tribos de Índios, algumas das quais são ainda hostis: Muras, Catauixis, Mamurús, Catuquinas, Sipós [habitam em pequenos grupos no Rio Tapauá], Iutanás, Tarahans, Corocatis, Caripunas [habitantes do Rio Mucuím] Iamamadis, Apolinás, Purupurús, [são os que tem a cútis escabrosa e cheia de manchas] e Cocamas.

**15h20.** À EB, a foz do Lago Uanury; tem alguns moradores, que plantam mandioca e pescam, e no tempo próprio se empregam na manipulação da manteiga de ovos de tartarugas. É a parte mais estreita do Solimões, tendo apenas milha e meia de largura.

**17h30.** Passamos a EB, a saída do Paraná-mirim, Aruanacoára. Navegamos com chuva forte, vento e relâmpagos até às 18h00.

**20h30.** À EB, a Ilha do Tiputi.

### **13 de Março de 1854, Manhã**

**00h32.** À EB, a foz do Lago Codajás; é habitado por Índios Muras, e serve de limite entre as Paróquias da Barra e a de Alvelos ou Coari. Dista da foz do Solimões 49 léguas, e é muito piscoso, e abundante

de castanha. Na estação da cheia comunica-se com o Rio Unini, que afluí na margem Austral do Rio Negro um pouco abaixo da Freguesia de Moura [52 léguas talvez da foz do Rio Negro] e por ele várias vezes os Muras, em tempo de hostilidades, assaltaram os moradores daquela Freguesia, que tinham roças nesse Rio.

**06h00.** Entramos no Paraná-mirim Sepotuba, do qual saímos às 07h35. É estreito e tortuoso, e tem de extensão oito milhas aproximadamente.

**08h20.** À EB, a ponta do Oeste da Ilha do Jurupari [demônio].

**08h30.** À BB, a foz do Paraná-mirim Jurupari, que deságua na margem esquerda do Rio Purus e é por isso considerado como uma de suas faces.

**10h45.** À EB, Ilha de Tapihira [boi], navegando pelo Paraná-mirim da mesma denominação.

**12h00.** À EB, a ponta do Oeste da Ilha Camará. Nesta Ilha habitavam os Jurimauas, quando em 1637 o Capitão-Mor Pedro Teixeira subiu o Solimões e não obstante ser esta tribo a mais guerreira e temível desses tempos, recebeu e agasalhou bem aquele intrépido viajante.

### **13 de Março de 1854, Tarde**

**13h22.** Entramos no Paraná-mirim do Uajurá.

**13h52.** À EB, a foz do Lago Uajurá. É extenso e tem margens elevadas.

**14h00.** Saímos do Paraná-mirim Uajurá e às 14h09 passamos à BB, a foz do Paraná-mirim Induá [pilão] que terá 20 braças de largura.

**15h20.** Passamos as barreiras das Araras.

**15h25.** À BB, a foz do Lago Mamiá. É de água preta, muito piscoso e habitado por Índios Muras.

**16h26.** Passamos, à EB, a ponta do Oeste da Ilha da Botija.

**16h30.** À BB, a foz do Lago Paricatuba.

**17h10.** Costeando à BB, as barreiras do Coari.

**17h20.** Começamos a vencer as grandes correntes do Ucaí.

**18h20.** Entramos na foz do Lago Coari, de água preta.

**18h30.** Fundeamos no porto de David Abdarham para receber lenha, mas sabendo que ela existia em outro sítio um pouco mais acima, para ali suspendemos. Embarcaram-se 1.350 achas de boa lenha.

O Rio Coari aflui à margem Austral do Solimões, 61 léguas distante de sua foz, na Latitude Sul 4°, e corre de S. a N. A largura de sua foz não excede a 200 braças, mas uma milha acima abre em uma vistosa baía de mais de quatro milhas de largura sobre quinze de extensão, até ao ponto em que se reúne com o Urucu-paraná e Urauí e daí para cima qualquer deles tem, por alguma extensão, largura maior de milha e são navegáveis por muitos dias; tem margens elevadas, e são mui abundantes de castanha, óleo de copaíba, e salsa.

Não prosseguimos na viagem até a Povoação de Alvelos por ser tarde, e demorar-nos muito, ficando essa visita reservada para a volta.

**14 de Março de 1854, Manhã**

**02h10.** Suspendemos e demandando o Solimões, onde saímos 13 minutos depois, prosseguimos nossa derrota pela margem direita para Ega.

**04h30.** Chuva mui forte.

**04h45.** Começamos a passar à BB, as barreiras do Anury e a EB, as do Paraná-pitinga. Encontramos aqui grande número de madeiros flutuantes, o que nos obrigou a desviar a Barca por muitas vezes da sua direção. Correntes mui fortes.

**06h20.** Fim das barreiras do Anury.

**06h35.** Entramos no Paraná-mirim Arauánahy, que terá 100 braças de largura, e quatro milhas de extensão.

**08h10.** À BB, a foz do Lago Apuari, em que habitam alguns Fregueses de Alvelos.

**09h20.** À BB, a foz do Paraná-mirim Cunuarú, é estreitíssimo e pelo verão seca de todo.

**10h26.** Parou a Barca por alguns minutos para concertar-se um parafuso da máquina.

**10h35.** Começo das barreiras Iauara-sica [resina de cão] à BB.

### **14 de Março de 1854, Tarde**

**15h45.** À EB, a ponta de Leste da Ilha Ipixuna [água escura]. É o limite entre a Freguesia de Ega e a de Alvelos.

**18h15.** À BB, começo das barreiras Mutuncoára, distante da foz do Rio Coari 12 léguas. Navegamos com muita chuva.

**18h35.** Entramos no Paraná-mirim Catuá, do qual saímos as 20h00.

**19h15.** À BB, a foz do Lago Catuá. Encontramos muitos madeiros flutuantes.

**22h00.** À BB, as barreiras Gitica [batata].

### **15 de Março de 1854, Manhã**

**02h40.** À BB, a foz do lago Caiambé, e à EB a Ilha Japûna.

**06h36.** Parou a Barca em frente do sítio de Zeferino José Frazão, lugar onde na viagem anterior do “*Marajó*” havia-se embarcado lenha, para saber-se se havia alguma, mas como ninguém aparecesse, continuamos a viagem, e às 07h06, entramos na foz do Rio Tefé (<sup>129</sup>), pelo qual subimos, e ancoramos no porto da Vila de Ega, às 08h00, depois de navegarmos cinco milhas (<sup>130</sup>). A posição geográfica desta Vila é na Latitude Austral 03°02’ (<sup>131</sup>) cruzado pelo Meridiano Oriental à Ilha de Ferro 312°41’.

Sua situação local é muito aprazível, à margem Oriental da baía, entre um pequeno Riacho, e uma ponta da parte do Poente. Teve a sua primeira fundação em Aldeia na Ilha dos Veados, donde o seu Missionário, o Carmelita Frei André da Costa a mudou para o lugar em que ora se acha, e 50 anos depois o Governador Joaquim de Mello Povoas a

---

<sup>129</sup> Herndon calculou a largura da foz deste Rio em 300 jardas [124,7 braças]. (MATTOS, 1855)

<sup>130</sup> A Corographia Brasília, o Capitão-Tenente Amazonas e D’Orbigny dão 2 léguas; o Padre Noronha, e o Ensaio Corográfico de Baena 1 légua, e o Cônego André  $\frac{3}{4}$  de légua. (MATTOS, 1855)

<sup>131</sup> Doutor Simões, Condamine, Alcedo. O Cônego André e o Padre Noronha dão 03°18’, o Capitão Tenente-Amazonas e o Ensaio Corográfico de Baena, 03°17’. (MATTOS, 1855)

elevou à categoria de Vila (<sup>132</sup>). Teve isso lugar em 1759.

Em 1833, o Conselho do Governo da Província para dar execução ao Código do Processo Criminal, suprimiu-lhe a denominação de Ega que lhe dera aquele Governador substituindo-a pela de Tefé (<sup>133</sup>).

As ruas são descalçadas, alcatifadas de relva. Contém sete casas de telha [inclusive um único sobrado] e 94 cobertas de palha.

A igreja é espaçosa, mas carece de concertos, o seu tamanho é suficiente para a população que não excede a 1.700 almas.

As terras circunvizinhas prestam-se com vantagem à criação de gado vacum, lanígero e cavalariço; à cultura da mandioca, da cana, do café, cacau, milho, arroz, algodão, etc... Nas matas colhe-se a salsa, o cacau silvestre, que abunda, e é de excelente qualidade, o óleo de copaíba, o breu, puxiri, etc.; e não há muito tempo que descobriu-se em grande abundância a goma elástica, cuja exportação deve vir a ser em muito pouco tempo um dos principais elementos da prosperidade do comércio desta Província.

A população emprega-se, na pesca do pirarucu, de que fabrica cerca de cinco mil arrobas anualmente e na manipulação da manteiga dos ovos da tartaruga, de que obtém pouco mais ou menos três mil potes. Dista da foz de Solimões 84 léguas e do Coari 22. A Latitude acima do nível do Mar, segundo as observa-

---

<sup>132</sup> O Capitão-Tenente Amazonas afirma que o Jesuíta Samuel Fritz teve aqui uma das seis Missões que, em 1709, sofreram furiosa devastação que lhe exercitou o Jesuíta Sana. (MATTOS, 1855)

<sup>133</sup> Foi-lhe restituído o nome de Ega pela Lei Provincial do Pará Nº 86 de 30 abril de 1841. (MATTOS, 1855)



ções de Herndon, é de 2.052 pés ingleses [184,4 braças].

Pelo Decreto de 11 de junho de 1843 criou-se nesta Vila um Termo com Juiz Municipal e de Órfãos, mas por outro Decreto, de 20 de maio de 1849, foi de novo reunido ao Termo da Barra. Felizmente os seus habitantes, que depois do segundo Decreto eram obrigados a viajar duzentas léguas para tomarem parte nos trabalhos do Conselho de Jurados, ficaram livres desse ônus, o mais penoso que se lhes podia impor, com a publicação do Decreto de 28 de setembro de 1853, que restabeleceu a disposição do de 1843.

Esta providência tão sábia, quanto foi prejudicial a anterior, não satisfaria ainda a todas as precisões, e comodidades dos habitantes de uma região tão extensa, e por isso resolveu a Assembleia Provincial elevá-la à categoria de Comarca com a denominação da Comarca do Solimões por uma Lei de 7 de dezembro do mesmo ano. É a Vila mais comercial da Província. Estima-se no valor de cem contos de réis as mercadorias estrangeiras importadas do Pará, das quais uma grande parte é vendida no Litoral de Loreto. O Rio Tefé é de água preta e, como o de Coari, abre em uma vistosa Baía de duas léguas de largura. Tem sido navegado sem obstáculo algum por muitos dias. Os únicos Índios que ainda habitam suas margens são os Catuquinas. Na estação da cheia facilita a comunicação, mediando um pequeno trajeto por terra, com o Purus, e com o Juruá.

Há nesta Vila uma Escola Pública de primeiras letras, e outra particular regida por um Italiano, emigrado do Peru. Sua Ex.<sup>a</sup> desembarcou para a casa do Tenente Coronel José Monteiro Chrisostomo, que esmerou-se em tratar-nos pela maneira mais obsequiosa.

Achava-se nesta Vila o 2º Tenente da Armada Imperial Francisco Pereira Dutra, que viera de Lima encarregado de uma Comissão pelo Ministro do Brasil residente naquela Capital. O resultado dos trabalhos deste Oficial deve ser interessante se o caminho pelo qual atravessou os Andes foi diverso dos que seguiram Mow, Smith, Castelnau e Herndon nas suas viagens.

### **15 de Março de 1854, Tarde**

**20h40.** Depois de se haver embarcado 2.850 achas de lenha, suspendemos do porto de Ega e descendo o Rio, entramos, às 21h20, no Paraná-mirim de Ega, do qual depois de meia hora saímos no Solimões.

### **16 de Março de 1854, Manhã**

**00h50.** À EB, a Ilha Caiçara e à BB o Rio Uraná, na barra do qual está situada a Freguesia de Alvarães, 5 léguas acima da foz do Rio Tefé.

Esta Freguesia está em decadência; contém 40 casas e uma Igreja cobertas de palha e cerca de 300 habitantes. É também Conhecida pela denominação de Caiçara, que significa Curral, por ter servido de depósito dos Índios, que desciam do Rio Japurá, com os quais foi fundada em 1758 por Geraldo Gonçalves Bitancourt, que a mudou de um canal que comunica o Japurá com o Anamã, onde fora seu primitivo assento.

**03h40.** À BB, as barreiras do Uapi. Correntes violentas e rebojos d'água, que com custo vencia a Barca.

**05h50.** Entramos no Paraná-mirim do Cupacá.

**06h37.** Começamos a passar, à BB, as barreiras do Cupacá. Como no Uapi são neste lugar violentas as

correntes, e para vencê-las foi mister procurar a margem oposta [lado Sul da Ilha Cupacá].

**06h45.** Fim das barreiras e em frente da foz, à BB, do lago Cupacá, distante da foz do Uraná seis léguas. É este lago de água preta e nele habitam Fregueses de Ega e alguns Índios Muras.

**07h32.** Saímos do Paraná-mirim do Cupacá.

**09h30.** Enseada do Ahé [Preguiça]. Correntes violentas.

**10h05.** À BB, a foz do Lago Ahé.

**10h20.** Entramos no Paraná-mirim Marimarituba, que só dá passagem na estação da cheia, porque na da seca fica apenas com alguns poços d'água e é então mui abundante de peixe. Às 11h00 saímos deste Paraná-mirim.

### **16 de Março de 1854, Tarde**

**13h12.** À EB, a ponta de Leste da Ilha Envira.

**14h15.** À BB, a foz do Lago Juçara. É habitado por Índios Muras e muito abundante de peixe.

**14h33.** Entramos no Paraná-mirim Mocuapani (<sup>134</sup>).

**15h30.** Chuva forte.

**16h05.** Caiu um raio mui perto da Barca.

**17h15.** Saímos do Paraná-mirim e costeamos a enseada do Palheta ficando, à EB, a Ilha do mesmo nome.

---

<sup>134</sup> Há neste Paraná-mirim extensos e abundantes cocais silvestres. (MATTOS, 1855)

**21h30.** À BB, a foz do Lago Guará. Serve de limite entre a Freguesia de Ega, e a de Fonte Boa.

### **Março de 1854. Dia 17, Manhã**

**00h25.** À BB, a foz do Rio Juruá. Apresenta uma largura não excedente a meia milha (<sup>135</sup>), por existirem de permeio algumas ilhas. Despeja no Solimões, pela margem Austral, com uma velocidade de 2 milhas por hora, na Latitude Sul 02°45', e na Longitude 311°36'; é navegável por muitos dias, e suas margens são habitadas pelos Índios Marauás, Canauaris, Náuas, Conivos, Catuquinas e Catauxis.

Depois de uma viagem de 40 dias em canoa pequena chega-se ao ponto em que nele afluí o Rio Paráuácû, pelo qual na estação da cheia com 10 dias de navegação, passa-se para o Rio Purus. É abundante de tartarugas, pirarucu e nas extensas praias que oferece durante a vazante fabricam-se muitos mil potes de manteiga de ovos de tartaruga, e tracajás. De suas matas colhe-se a castanha, a salsa, o óleo de copaíba, o breu e pode-se fabricar muita goma elástica, de que também abundam suas margens. Alguns autores, e entre eles o Capitão-Tenente Amazonas, afirmam que Pedro de Ursúa, em 1560, subia por este Rio para passar-se ao Jutá em regresso ao Pará, quando foi assassinado por seus Oficiais insurgidos.

Há engano manifesto nesta asserção, porque é fato histórico, que não admite controvérsia, que em 1559 o Marquês de Canete, Vice-Rei do Peru, fez partir Pedro Ursúa à frente de uma grande Expedição, em procura da Cidade do "El-Dorado", e do Lago "Parimé", que este Oficial, saindo de Cusco para o Norte chegou a Lamas, pequena Povoação à margem Bo-

---

<sup>135</sup> A Corographia Brasileira dá-lhe 300 toesas de largura, mas Condamine mediu-a, e achou 362 toesas – 73,63 braças. (MATTOS, 1855)

real do Rio Mayo, afluente do Huallaga, e aí fora assassinado pelo seu Ajudante e companheiro o Tenente "*Lope de Aguirre*"; que tencionando este prosseguir na empresa confiada à sua vítima descera a Huallaga, e o Amazonas até sua foz e navegando ao longo da costa das Guianas e da Venezuela, apossou-se da Ilha "*Margarida*", onde reforçou sua tropa, e foi desembarcar na cidade "*Cumaná*", com o fim de conquistar um Império no continente; mas sendo aí batido pelas forças espanholas, foi conduzido preso para Trindade, onde, por ordem do Rei Felipe II, o justicaram.

Os Índios usam para as suas caçadas de arco e flechas ervadas, de lanças, e tamarandas <sup>(136)</sup>. Não consta que tenha modernamente havido ato algum hostil da parte deles contra o não pequeno número de comerciantes que, em procura das drogas de que abundam as matas deste Rio, superam os incômodos inerentes a uma viagem de 30 a 40 dias em canoas de pequeno porte por sertões inabitados, e onde há em grande abundância a praga dos borrachudos <sup>(137)</sup> e outros mosquitos.

O Padre Noronha, citado por todos os escritores que tem viajado o Solimões, ou examinando sua história, dá como exata, referindo-se ao testemunho do Carmelita Frei José de Santa Thereza Ribeiro, a notícia da existência neste Rio, além das catadupas, de Índios que, da coabitação das Índias com Coatas [macacos], nascem com caudas. Tenho procurado examinar os fundamentos desta extraordinária tradição, mas nem mesmo as pessoas mais antigas de Fonte Boa dão notícia alguma que esclareça a sua origem. Dista a foz deste Rio 31 léguas da do Tefé.

---

<sup>136</sup> Tamarandas: Bordunas. (Hiram Reis)

<sup>137</sup> Cul-fceroz, Weiden. (MATTOS, 1855)

**00h30.** À EB, a Ilha Taiassûtuba, de que fazem menção o Ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, o Padre Noronha, e outros, pelo fato de haverem os espanhóis, em 1709, seduzido de uma Povoação que nela existia todos os Índios Jurimauas, com os quais fundaram outra na margem direita do Rio Huallaga, a qual deriva sua denominação dessa Tribo.

**00h50.** Entramos no Paraná-mirim da Pracuúba, navegando pela margem Austral da Ilha do mesmo nome.

**01h00.** Chovia muito e, às 01h16, saímos do Paraná-mirim, cuja extensão não excede a uma milha e três quartos.

**03h35.** Ainda com muita chuva, começamos a passar as barreiras das Araras, onde as correntes são violentíssimas.

**06h17.** Princípio, à BB, das barreiras de Fonte Boa.

**07h14.** Entramos na foz do Rio Caiaray, de água preta e de largura que não excede a 15 braças, 6 léguas (<sup>138</sup>) acima da foz do Rio Juruá. Meia légua (<sup>139</sup>) acima na margem Oriental deste Rio está a Freguesia de N. S. de Guadalupe de Fonte Boa, onde ancoramos as 07h33. É o atual o 5º lugar em que tem sido assentada esta Freguesia. O seu 1º assento foi na foz, junto à margem Oriental do Riacho Capuri, tributário do Marointuba, donde foi transferida para a foz e margem Oriental do Marointuba, sendo daqui mudada para o lugar denominado Taracuatuba, que fica pouco superior ao Riacho Manhana; passou

---

<sup>138</sup> Herndon calculou esta distância em 36 milhas [12 léguas]; mas o Padre Noronha, Cônego André e a Corographia Brazílica concordam na distância de 6 léguas. (MATTOS, 1855)

<sup>139</sup> Herndon dá 8 milhas [ $2\frac{2}{3}$  léguas], no que é evidentemente exagerado. (MATTOS, 1855)

depois para a margem Austral do Solimões, 2 léguas abaixo da foz do Rio Jutai, aonde o Missionário Frei João de São Jerônimo agregou-lhe os Índios Ticunas que se achavam aldeados na margem Oriental do Riacho Içapó, donde afinal passou para a atual situação. Contém 39 casas, das quais só duas são cobertas de telha. A Igreja, também coberta de telha, necessita de algumas obras; ainda assim, porém, é uma das melhores da Província. A população não excede a 400 almas.

O solo é fertilíssimo e muito favorável à criação de gado vacum e lanígero. Os produtos vegetais são a mandioca e o milho, além do cacau, castanha, salsa e óleo que a natureza oferece à colheita sem dificuldade. O clima é saudável, uma ou outra vez, porém, são os habitantes molestados pelo sarampo, intermitentes, e catarrais de que, por falta de socorros da medicina, morrem muitas crianças

Está esta Freguesia à alguns anos sem Pároco, sendo a falta suprida pelo de São Paulo de Olivença, que uma vez por ano vem administrar a este povo os Sacramentos e celebrar as festas de sua devoção. Nos lagos Anarucû, Arumanduba e Campina começou a 3 anos a pesca de pirarucu e peixe-boi, de que exporta-se anualmente cerca de mil arrobas. Sua Ex.<sup>a</sup> desembarcou, visitou a Igreja, e a Freguesia toda e recolheu-se para bordo às 14h00. Vimos aqui o modo de fabricar os ralos de que os Índios [e atualmente quase todos os habitantes dos Povoados] fazem uso. Em uma peça de madeira abrem uns furos com a ponta de um prego nos quais introduzem estilhaços de pederneira <sup>(140)</sup> [que vão buscar no Rio Japurá], que fazem mais fixos e grudando-os com o leite da sorveira, que é excelente cola. Embarcaram-se aqui 1.584 achas de lenha.

---

<sup>140</sup> Pederneira: sílex, rocha sedimentar silicatada, constituída de quartzo e muito dura. (Hiram Reis)

## 17 de Março de 1854, Tarde

**14h05.** Suspendemos e descendo o Caiarai, continuamos nossa viagem pelo lado Austral do Solimões.

**16h13.** À EB, a foz do Paraná-mirim Manhã, considerado, como a 7ª foz do Rio Japurá. Chovia muito desde as 15h00.

**21h30.** Entramos no Paraná-mirim Araçatuba.

## 18 de Março de 1854, Manhã

**01h00.** Entramos no Paraná-mirim Arimanduba.

**02h15.** Princípio das barreiras do Jutaí. Atravessamos para a Ilha Jenipapo, em torno da qual andamos, fora do caminho, por causa do espesso nevoeiro.

**06h12.** À BB, a foz do Lago Içapó, em cujas margens há moradores com sítios e uma engenhoca de moer cana para aguardente.

**07h10.** À BB, a foz do Rio Jutaí, que não excede a meia milha de largura <sup>(141)</sup> na Latitude Austral 02°36' e 310°46'30" de Longitude Oriental à Ilha de Ferro. Corre de S. a N. e presume-se que suas vertentes nasçam nas serras de Cusco. Dista da foz do Caiarai 14 léguas. Os Índios que habitam suas margens são os Marauás, Muras, Catuquinas, Macacos, Tocanos, Uaracús, Colinos e Taiassús. A sua riqueza fitológica <sup>(142)</sup> e zoológica é idêntica à do Juruá e é igualmente navegável por muitos dias, sem embaraço algum.

---

<sup>141</sup> A "*Corographia Paraense*" dá-lhe 27 toesas [204 braças] e o Capitão-Tenente Amazonas 430 braças. (MATTOS, 1855)

<sup>142</sup> Fitológica: Fitologia: antiga designação do campo da biologia do qual faz parte o reino vegetal. (Hiram Reis).



**11h35.** À EB, a ponta de L. da Ilha Curuçatuba.

### **18 de Março de 1854, Tarde**

**12h26.** Ponta de O. da mesma Ilha.

**13h45.** À BB, a foz do Paraná-mirim Aroti. É estreito e tortuoso, por isso não entramos nele. À EB, a Ilha do mesmo nome.

**14h08.** À EB, a praia do Aroti, onde anualmente fabricam 700 potes de manteiga de ovos de tartaruga.

**14h20.** À EB, a foz do canal Auati-paraná (<sup>143</sup>), considerado como uma [a 8ª] das bocas do Rio Japurá, dista da foz do Jutáí 9 léguas, na Latitude Austral de 02°31" cruzada pelo Meridiano 310°19' à Leste da Ilha de Ferro, tem 130 braças de largura, e 8 de fundo.

**15h15.** À EB, a ponta de Leste da Ilha Bararuá.

**15h40.** Em frente da ponta de O. da mesma Ilha.

**15h49.** Costeando a Ilha Jacaré, ficando, à BB, a foz de cima do Paraná-mirim do Arotí.

**17h15.** À BB, a ponta de Leste da Ilha Timbótuba, e às 18h04 passamos a ponta de Oeste da mesma Ilha.

**20h00.** Chuva muito forte com vento de Leste.

### **19 de Março de 1854, Manhã**

**00h30.** Entramos no Rio Tonantins, cuja foz de 30 braças de largura, dista 21 léguas da foz do canal Auati-paraná e está na Latitude Austral, 02°45" e na Longitude 309°55'33".

---

<sup>143</sup> Rio do Milho. (MATTOS, 1855)

**00h45.** Fundeamos no porto da Povoação, situada na margem esquerda do Rio do mesmo nome, uma milha acima de sua foz. O ouvidor Sampaio na visita de correição, que fez nos anos de 1774 e 1775, foi quem promoveu a fundação desta Povoação e, em 1813, José António de Moraes edificou uma pequena Igreja coberta de palha, que dedicou ao Espírito Santo, com o que deu impulso à mesma Povoação. Contém 19 casas e uma Igreja cobertas de palha, e é habitado por uma centena de Índios [a exceção de uma meia dúzia de brancos] descendentes dos Caiuvicenas, Passés e Ticunas, pelos quais foi primitivamente povoada, além dos que habitualmente residem em seus sítios pelo Rio acima até as aldeias dos Cauixanas. A praga neste lugar é imensa. Apenas tínhamos ancorado, foi a Barca invadida por nuvens de mosquitos, que nos mortificaram até romper o dia.

Vimos algumas Índias pintadas de negro com a tinta que extraem da fruta do jenipapo. Southey, tratando do costume de tingirem-se os Índios, diz o seguinte:

*Às vezes impunham às mulheres um costume que elas não perdoariam tão cedo.*

Se este historiador tivesse obtido informações mais verdadeiras sobre os costumes dos Índios, por certo que não consignaria na sua excelente obra este trecho menos exato. Os Índios, segundo as observações próprias que fizemos e as informações que pessoas práticas nos ministraram, adotam o costume, bem estranho para nós de, tingirem a parte do Corpo exposta ao ar, para evitar a mordedura dos borrachudos e outros insetos. Este uso, que a necessidade lhes impôs, tomou o grau de luxo, porque, em lugar de cobrirem com aquela tinta toda a superfície do corpo, traçam figuras emblemáticas pelo rosto, peito, braços e pernas sem dúvida à imitação dos Mundurucus, que são pintados por um processo

doloroso, que torna indelévels os traços sobre o corpo. Embarcaram-se 785 achas de lenha.

**06h15.** Suspendemos e prosseguimos nossa derrota.

**09h10.** À BB, a foz do Paraná-mirim do Javari.

**10h10.** Fundeamos no porto de Santo Antônio do Içá, 6 léguas acima da foz do Rio Tonantins, situado à margem esquerda do Rio Solimões. S. Ex.<sup>a</sup> desembarcou neste Posto Militar, que contém 8 casas cobertas de palha, incluída neste número a da residência do Comandante do Destacamento, que é atualmente um Alferes reformado e a que serve de Quartel. Além dos soldados, habitam neste lugar, cujo antigo nome era Boa Vista e não Santo Antônio do Içá, cerca de 50 pessoas. O local é alto, aprazível; mas para o fim a que o Destacamento é destinado – a guarda do Rio Içá, de cuja foz dista duas milhas (<sup>144</sup>), não presta a menor utilidade. O antigo ponto, transferido para este lugar por um de seus Comandantes, Manoel Cordeiro do Couto, a quem pertencia o sítio, era dentro do Rio Içá, 9 léguas acima da foz, na margem esquerda sobre uma eminência de 35 palmos, onde além de um Quartel e da casa do Comandante havia uma Capela dedicada a N. S. da Conceição; mas, em 1831, extinguiu-se este Posto Militar e tendo havido ordem do Governo Imperial para restabelecê-lo foi colocado onde atualmente se acha e não no antigo local como convinha.

**10h52.** Suspendemos e às 11h15 estávamos em frente da foz do Rio Içá, que terá uma milha de largura e jaz na Latitude de 03° (<sup>145</sup>) e na Longitude 309°45", duas milhas acima do Posto Santo Antônio.

---

<sup>144</sup> O Capitão-Tenente Amazonas dá a posição deste ponto Santo Antônio 20 léguas abaixo da foz do Rio Içá. (MATTOS, 1855)

<sup>145</sup> P. Noronha e Cônego André dão a Latitude de 03°09'. (MATTOS, 1855)

É de água semelhante à do Solimões, no qual despeja com uma velocidade de cerca de 3 milhas por hora. Os espanhóis o denominavam Putomaio. Sua origem é nas cordilheiras da Cidade de Pasto, na República do Equador. É navegável por 20 dias em canoa até a 1ª catadupa. A grande quantidade de praga, e as febres intermitentes, que aparecem com as enchentes e vazantes deste Rio são os principais obstáculos à sua navegação, apesar de ser rico em drogas. Por este Rio já se faz, há anos, algum comércio com a Nova Granada. Os negociantes de S. Paulo de Olivença e de Ega tem subido até Mocoá, Capital do Território de Caquetá, onde reside um Prefeito e para ali levam mercadorias estrangeiras [ferro, ferragens, bebidas, pano grosso de algodão, etc...] e os Granadinos descem até Ega trazendo algum ouro em pó, salsa, breu e outras drogas que colhem nas matas e margens deste Rio, que é somente habitado por Índios, pela maior parte pacíficos, mas inteiramente estranhos aos hábitos da vida social. No lugar denominado Japacué existe uma Aldeia de Índios Passés e Juris da qual é Diretor Francisco de Paula Bitancourt, nomeado, em 1848, pela Presidência do Pará, mas nenhum incremento tem tido.

O 2º Tenente reformado de Artilharia Joaquim Raimundo Pereira e Souza, sendo, em 1849, Comandante do Posto do Içá, começou nesta Aldeia a construção de uma Capela que todavia ainda está por concluir. Meia milha abaixo da sua foz em lugar pouco elevado, assentaram os espanhóis um Posto Militar, <sup>(146)</sup> por ocasião de tratarem com a Coroa Portuguesa da demarcação de limites, mas em 1766, reconhecendo o quanto era crítica a sua situação, o abandonaram.

---

<sup>146</sup> Denominaram-no S. Joaquim. (MATTOS, 1855)

Dois anos depois [1768] o Governador e Capitão General do Estado do Pará Fernando da Costa de Atayde Teive mandou fundar uma Povoação, com a denominação de S. Fernando (<sup>147</sup>) no mesmo lugar, com Índios Cayuvicenas e Parianas que desceram do Rio Tonantins.

### **19 de Março de 1854, Tarde**

**13h35.** Começo, à BB, das barreiras de Amaturá.

**16h12.** Em frente da Freguesia de Amaturá, onde parou a Barca para indagar se havia lenha. A posição desta Freguesia é plana e pouco elevada, à margem Austral do Solimões, seis léguas acima da foz do Rio Içá, entre o Rio Aucruhy e o Ribeiro Jauivira. Foi uma das Missões fundadas pelo Jesuíta Samuel Fritz que sofrerão, em 1709, devastação por influência de outro Jesuíta João Baptista Sana.

Teve a sua primitiva situação no lugar Pucatapuxirú, na mesma margem Austral entre os Ribeiros Aruti e Amaturá donde passou para Enviratuba, na margem Boreal, depois foi trasladada para um pouco acima do canal Auati-paraná fronteiro ao Ribeiro Aroti, sendo daí mudada para a margem Austral entre os Ribeiros Amaturá e Maturácopá (<sup>148</sup>) e finalmente para o seu assento atual. Todas estas mudanças foram ocasionadas pela praga de que ainda é açoitada.

Em 1759, foi elevada à categoria de Lugar segundo a Legislação então vigente, com a denominação de Castro de Avelãs e em 1833 deu-se-lhe o predicamento de Freguesia com o nome que ora tem. Seu Padroeiro é S. Cristóvão.

---

<sup>147</sup> Já não existe esta Povoação. (MATTOS, 1855)

<sup>148</sup> Estando aqui este Povoado foi abandonado pelos Índios, que o habitavam, depois de terem assassinado seu Missionário Frei Mathias Diniz, Religioso Carmelita. (MATTOS, 1855)

O estado atual é decadente, e sua população, oriunda dos Índios Cambebas, Parianas, Xomanas e Cayuvicenas, não excede a 350 almas das quais, em 12 pequenas casas de palha, apenas residem cerca de 80. A Igreja é também pequena, coberta de palha, e está em ruínas. Plantam mandioca e milho quanto baste para satisfazer suas necessidades; pescam o pirarucu e o peixe boi no lago Cahapiim e extraem algumas drogas do Rio Içá.

**17h05.** À BB, a foz do Igarapé Pixuna, que serve de limite entre as Freguesias de Amaturá e S. Paulo de Olivença.

**18h07.** Entramos no Paraná-mirim Caturιά.

### **20 de Março de 1854, Manhã**

**03h30.** Saímos do Caturιά e entramos às 04h00 em outro Paraná-mirim denominado Jandiatuba, do qual saímos às 05h15, passando a foz do Rio Jandiatuba, à BB, às 05h45. Habitam neste Rio Índios Uaraicus, Marauás e Mayurunas.

**06h35.** À EB, a foz do Paraná-mirim Jacurupá que comunica o Solimões com o Içá.

**07h00.** Ancoramos no porto da Freguesia de S. Paulo de Olivença, 16 léguas a cima de Amaturá <sup>(149)</sup> na margem Austral em local elevado cerca de 30 braças <sup>(150)</sup> sobre o nível do Rio e 42,8 <sup>(151)</sup> sobre o do Mar.

---

<sup>149</sup> Doutor Simões e Herndon. O Padre Noronha dá 13 léguas e a "*Corographia Brazílica*" 12. (MATTOS, 1855)

<sup>150</sup> Herndon calculou a altura de 200 a 300 pés ingleses no mês de dezembro, quando o Rio estava muito baixo. O "*Ensaio Corográfico*" de Baena dá somente 140 palmos. (MATTOS, 1855)

<sup>151</sup> Castelnau. D. Orbigny exprime-se assim: "*localizado em uma margem elevada, trinta metros acima do nível do Mar*". (MATTOS, 1855)

É a posição mais bela do Solimões e está no Paralelo Austral 03°30' de Latitude e 308°48' de Longitude Oriental à Ilha de Ferro. Foi ereta em Vila, em 1759, pelo 1º Governador do Rio Negro Joaquim de Mello Povoas, decaindo desse predicamento, em 1833, quando o Território do Pará teve de sofrer nova divisão para a execução do Código do Processo Criminal.

O assento primitivo foi 8 léguas <sup>(152)</sup> abaixo da foz do Rio Javari, fronteiro à Ilha Tauaru onde habitavam Índios Cambebas. Deste lugar Passou para outro na mesma margem, meia légua acima do riacho Pacuti, de onde foi transferida para a margem oposta um pouco superior ao último lugar; passando daí para a margem Austral a incorporar-se com a aldeia de S. Pedro fundada uma légua abaixo do riacho Samatia e um quarto de légua acima da atual situação.

Em 1743, quando Condamine desceu o Amazonas, estava esta Povoação situada acima do Pacuti. Tem uma Igreja pequena coberta de telha, em ruínas, de que são oragos S. Pedro e S. Paulo.

Habitam nesta Freguesia, em 69 casas cobertas de palha e três de telha, cerca de 350 almas, além de 100 a 159, que residem em seus sítios.

Há uma escola de primeiras letras, criada no ano passado, atualmente regida pelo Reverendo Vigário.


O clima é muito sadio. Além do produto da pesca, que se estima em 600 arrobas de Pirarucu, anualmente da extração da salsa [500 arrobas] e de breu [200 arrobas], colhem cacau silvestre, manipulam 1.200 potes de manteiga de ovos da tartaruga e fabricam mil alqueires de farinha de mandioca, que

---

<sup>152</sup> “*Ensaio Corográfico*” e Padre Noronha. (MATTOS, 1855)

exportam. Manufaturam aqui redes da palha da palmeira tucum, o que constitui o principal ramo de indústria dos habitantes, que, a exceção de uns 30, são descendentes dos Índios Cambebas, Juris, Passes, Xumanas e Ticunas. Estes últimos são assim denominados pela adoção do rito Judaico da circuncisão<sup>153</sup>, e os ministros da operação são as próprias mães, que a fazem com toda a solenidade. É essa Tribo menos selvagem e mais social que outras.

<sup>153</sup> Ainda seguem esse rito, mas não em ambos os sexos, como afirmou Sampaio (& CCXII do seu Diário) disse ele: "Adotam o rito Judaico da circuncisão em um e outro sexo". (MATTOS, 1855)

|  |   |
|--|---|
| <p style="text-align: center;"><b>DIÁRIO</b><br/>D A<br/><b>VIAGEM</b></p> <p style="text-align: center;">QUE EM VISITA, E CORREIÇÃO DAS POVOAÇÕES DA CAPITANIA DE S. JOZE DO RIO NEGRO FEZ O OUVIEDOR, E INTENDENTE GERAL DA RESHA<br/><b>FRANCISCO XAVIER RIBEIRO DE SAMPAIO.</b><br/>NO ANNO DE 1774 e 1775;</p> <p>Exornado com algumas noticias geograficas, e hydrograficas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica, e natural della, aos uzos, e costumes, e diversidade de nações de indios seus habitantes, e á sua população, agricultura, e commercio.</p> <p>Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas Americanas, e do famoso lago dourado</p> <hr/> <p style="text-align: center;"><i>Nullaque non estas voluit conferre futuris<br/>Notitiam; sed vicini adhuc natura latendi.</i><br/>Lucan. Pharsal. l. X. v. 270.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;"><b>LISBOA:</b><br/>NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA.<br/>1826.<br/>Com licença de S. Magestade.</p> | <p style="text-align: center;">68</p> <p>DIÁRIO DA VIAGEM</p> <p>noze legoas. Na enchente do Amazonas se pode chamar huma península, por causa dos doze regatos que quasi a rodeiam. Foi esta villa erecta no anno de 1749 pelo Illustriſſimo e Excellentissimo Joaquim de Melio e Povos primeiro governador desta capitania. Compõe-se unicamente da nação Tecuna.</p> <p>CCXII. São os Tecunas de hum natural preguiçosissimo. Na sua filosofia professão o miseravel dogma da metempsicoe; ou doutrina Pythagorica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionais. Adoptão o rito Judaico da circuncisão em hum, e outro sexo: sendo pela maior parte as mães as ministras da operação, que celebrão com grandes festejos impondo os nomes aos circuncidados. São tão apegados á idolatria, que aos mesmos já doutrinaos nas nossas povoações não he possível pôder persuadir, que deixem o seu idolo; pois continuamente se lhe está achando em suas cazas. He este idolo huma medonha figura feita de varios caboços, e coberta por cima da casca de huma arvore chamada na sua lingua aichama, que parece estopa, da qual fazem tambem alguns toscos tecidos para as suas cobertas. Ao idolo chamão <i>Hó hó</i>, nome que dão ao diabo. O distintivo desta nação consiste em hum risco negro, e estriado das orelhas até o nariz. As mulheres não usão de cobertura nenhuma: os homens porem se cobrem pela cintura com a casca acima referida.</p> <p>CCXIII. Tem porem os Tecunas a singular arte de prepararem as aves, e passarinhos, que matão com egervasans, de tal sorte, que ficão inteiros com todas as suas partes, enchendo-lhe a pelle de algodão, ou sumama, com o que contribuem para se mandarem para a Europa em beneficio da historia natural.</p> <p>CCXIV. 11. Até o meio dia meditei nesta villa, a qual deixei para me ver livre não só da praga de carapana, e piúm, mas tambem por reservar satisfazer as obrigações do officio no lugar da Tabatinga, como resolve o commandante do destacamento, e fronteiras, incumbido da directoria da villa. Toda a tarde fomos seguindo a margem austral. Pelas dez da noite atravessamos para a ponta inferior da ilha Arampá aonde descansamos.</p> |
|--|---|

**CCXII.** São os Ticunas de um natural preguiçosíssimo. Na sua filosofia professam o miserável dogma da metempsicoe ou doutrina Pitagórica da transmigração das almas para outros corpos, ainda dos irracionais. Adotam o rito Judaico da circuncisão em um e outro sexo, sendo pela maior parte as mães as ministras da operação, que celebram com grandes festejos impondo os nomes aos circuncidados. (SAMPAIO)



Andam nus e somente nas suas festas apresentam-se adornados com pulseiras <sup>(154)</sup> nos braços e nos joelhos dragonas e toucados de penas por eles preparados. Fazem uso imoderado de uma bebida, a que denominam “*chicha*”, preparada da mandioca fermentada e com que embriagam-se durante os dias festivos. São apaixonados pela dança e a música. O motivo das reuniões, em certa época do ano, é arrancarem todos os cabelos da cabeça de uma criança de dois meses, o que fazem ao som de seus instrumentos, acompanhado de danças em que aparecem mascarados e vestidos à caráter representando o macaco [e esse é denominado o “*Jurupari*” – diabo], a anta, o veado, a onça, o tamanduá, alguma ave de rapina, etc... A infeliz criança perece no meio de horríveis sofrimentos. Esta prática atroz em uso de séculos não tem outra origem senão alguma monomania religiosa.

S. Ex.<sup>a</sup> desembarcou para visitar a Freguesia, depois de o terem vindo cumprimentar a bordo o Reverendo Vigário, o Subdelegado e o Comandante da Força Policial. Os habitantes em grande número apinharam-se na colina para receberem a S. Ex.<sup>a</sup>, a quem saudaram com vivas demonstrações de entusiasmo, mostrando-se todos muito lisonjeados com a sua visita. O panorama que se oferece ao observador de cima da colina é o mais encantador possível. Na parte posterior da Freguesia há fontes d’águas cristalinas de que bebem os habitantes. As mulheres aqui acanham-se em falar o Português. Quando se lhes dirige qualquer pergunta, respondem sempre na língua geral, mas entendem perfeitamente aquela. Apesar da posição elevada desta Freguesia há, durante a noite, tanta quantidade de mosquitos que as redes tão apreciadas são forçosamente substituídas por camas, a que ajustam mosquiteiros de pano de algodão para evitar o incômodo desses insetos.

---

<sup>154</sup> De missangas, dentes de jacarés e porcos do mato. (MATTOS, 1855)

Há muito bom pasto para a criação de gado vacum, de que vimos algumas cabeças muito superiores às que tínhamos visto em Ega e Fonte Boa.

Não havia uma só acha de lenha pronta para ser embarcada por terem levado toda a que existia os Vapores "*Tirado*" e "*Huallaga*" remetidos dos Estados Unidos por conta do Governo do Peru, os quais tinham dias antes passado por esta Freguesia, mas o Subdelegado deu as providências necessárias e ao anoitecer já se tinham recebido a bordo 1.200 achas.

Tencionávamos partir às 20h00, mas uma chuva muita forte, que durou até tarde, ficando a noite mui escura, obistou a nossa saída a essa hora.

### **21 de Março de 1854, Manhã**

**05h00.** Suspendemos navegando vagarosamente por fazer a lenha mui pouco vapor e, as 06h50, passamos à BB, a foz do Igarapé Samatiá.

**07h15.** Entramos no Paraná-mirim Jauára [cão], do qual saímos as 08h10. Singrava a Barca somente 2,5 milhas por hora, à BB, a Ilha Tupenduba.

**08h49.** Começou a chover.

**09h15.** Passávamos, à EB, a Ilha Germana.

**09h35.** Em frente da ponta de Leste da Ilha Maracatuba e, às 11h00, passávamos a ponta de Oeste. Continuava a chuva.

### **21 de Março de 1854, Tarde**

**14h00.** À EB, a foz do Paraná-mirim Ticuna, assim denominado porque residem nas suas margens Índios dessa Tribo.

**15h45.** Paramos sobre as rodas em frente do aldeamento Jurupari-tapéra do Principal Innoncêncio, situado em lugar pouco elevado e plano e contendo 18 casas todas cobertas de palha, e uma pequena Igreja por acabar. O número de Índios Cocamas de que se compõem não excede a 80, que se empregam em plantações de mandioca e bananas. Promete este aldeamento progresso e desenvolvimento no futuro e principalmente se o Governo puder dispensar um Missionário para fixar aqui sua residência e curar da catequese e civilização das hordas de Ticunas que vivem dispersos em pequenos grupos não muito distantes. Continuando a viagem saímos do referido Paraná-mirim as 17h24.

**20h10.** Entramos no Paraná-mirim Caiari, e depois de termos navegado cerca de 10 minutos, reconhecemos a impossibilidade de prosseguir por achar-se obstruído de capim e arbustos, o que obrigou-nos a retroceder e a procurar o leito principal do Solimões.

**24h00.** A noite estava muito escura, as correntes d'água violentas e a Barca mal podia seguir. A prudência aconselhou a dar fundo, para evitarmos algum sinistro, que os madeiros flutuantes pudessem causar à Barca; fundeamos junto da margem Boreal, onde fomos visitados por nuvens de mosquitos que nos perturbaram o repouso do resto da noite.

## **22 de Março de 1854, Manhã**

**05h00.** Suspendemos, e prosseguimos nossa derrota.

**06h00.** Passamos à BB, as barreiras, do Caldeirão e, à EB, a ponta de Leste da Ilha do mesmo nome.

**07h37.** Entramos no Paraná-mirim Tauaru, ficando-nos, à BB, a Ilha <sup>(155)</sup> de idêntico nome.

---

<sup>155</sup> Fronteira a esta Ilha teve a Freguesia de S. Paulo de Olivença sua primitiva fundação, na margem Austral do Solimões. (MATTOS, 1855)

**08h52.** Saímos do dito Paraná-mirim que terá 4 milhas de comprimento.

**11h40.** Em frente da "*Tapera*" [antigo assento da Villa do Javari] à BB, 24 léguas acima da Freguesia de S. Paulo de Olivença. Era uma das Aldeias dos Índios Ticunas administradas pelos Religiosos de N. S. do Monte do Carmo e sendo determinado pela Carta Régia de 3 de março de 1775, que criou a Capitania de S. José do Rio Negro que a mesma Aldeia fosse ereta em Vila com o nome de S. José, teve isto lugar no ano de 1759 (<sup>156</sup>), e por ser a Vila mais próxima do Rio Javari, da foz do qual dista apenas nove léguas, chamou-se também depois – Vila de S. José do Javari.

Sua elevação a esta categoria teve por fim servir de residência do Governador (<sup>157</sup>) da Capitania e o registro das canoas que subissem para a parte superior do Solimões e por isso estabeleceu-se nela um Destacamento Comandado pelo Alferes Francisco Coelho, o qual reconhecendo que as canoas se esquivavam do registro, mandou postar, em 1766, outro destacamento na margem Boreal do Solimões, em um sítio denominado Tabatinga, do que deu parte ao Governador, assim como de haver o Sargento-Mor Domingos Franco, fundado nesse lugar, perto do Destacamento, uma povoação de Índios a que dera o nome de S. Francisco Xavier de Tabatinga.

O Governador do Estado do Pará Fernando da Costa de Athayde Freire aprovou a deliberação do referido Alferes e ordenou que se construísse um Forte no

---

<sup>156</sup> Sampaio; mas a "*Corographia Paraense*", página 309 diz, que a sua fundação teve lugar em 1758. (MATTOS, 1855)

<sup>157</sup> O Coronel Joaquim de Mello Povoas foi o 1º Governador da Capitania, nomeado por Patente de 14 de julho de 1757, e tomou posse na Vila de Barcelos a 7 de maio de 1758. (MATTOS, 1855)

dito sítio e para ele passasse todo o Destacamento por já não ser necessário na Vila (<sup>158</sup>).

## **22 de Março de 1854, Tarde**

**15h40.** Entramos no Paraná-mirim Aramaçá.

**16h55.** Alcançamos uma montaria que o Comandante do Destacamento do Içá despedira deste Posto, havia 10 dias, com ofícios dirigidos ao Comandante do Forte de Tabatinga.

**18h05.** Passamos a ponta de Oeste da Ilha Aramaçá (<sup>159</sup>) e a EB, a foz do Riacho Bauary, que cursa por detrás do Forte de Tabatinga.

---

<sup>158</sup> A citada Carta Régia de 3 de março de 1755, com intenção de favorecer os moradores da Vila de S. José, concedeu-lhes os seguintes privilégios, prerrogativas, e liberdades:

- 1º** Que os Oficiais da Câmara gozassem dos mesmos privilégios e prerrogativas concedidas aos da Câmara da Capital do Pará;
- 2º** Que os Oficiais de Justiça não fossem dados de propriedade, nem de serventia a quem não residisse nela;
- 3º** Que seus habitantes não pagassem maiores emolumentos aos Oficiais de Justiça, e Fazenda, do que pagavam os da Cidade do Pará;
- 4º** Que ficavam isentos de pagar quaisquer fintas, pedidos ou outros tributos pelo tempo de doze anos contados do dia da sua elevação a Vila a elevação do Dízimo;
- 5º** Que os moradores não fossem executados por dívidas contraídas fora dela e de seu Distrito durante os três primeiros anos da sua elevação ou do estabelecimento dos moradores; exceto pelos crimes de furto e roubo por serem infamantes;
- 6º** Que fossem concedidas à Câmara 4 léguas de terras em quadra para seu patrimônio podendo ela arrendar em benefício de suas rendas;
- 7º** Que os terrenos para casas e quintais fossem concedidos aos moradores gratuitamente ficando, porém, a edificação sujeita ao alinhamento e a perspectiva que a Câmara deveria estabelecer;
- 8º** Finalmente, que na mesma Vila houvessem, até que a experiência demonstrasse maior necessidade, dois Juizes Ordinários, dois Vereadores, um Procurador do Conselho, um Escrivão da Câmara, e outro do Público, Judicial e Notas. (MATTOS, 1855)

**18h20.** Ancoramos junto ao Forte de Tabatinga, na margem Boreal do Solimões, 11 léguas acima do antigo assento da Vila de S. José de Javari, e 2 da foz do Rio desse nome, na Latitude Austral 04°12" (<sup>160</sup>) cruzada pelo Meridiano 308°12' orientais à Ilha de Ferro. Situação elevada e plana, cortada por pequenos ribeiros em três faixas um pouco alagadiças. Desde sua fundação, como foi dito em 1766, e atualmente apenas existe parte da estacada, mostrando a figura de um paralelogramo com o lado menor sobre o Rio e das 9 bocas de fogo de bronze e de ferro [4 de calibre 6, 3 de 1, e 2 de 1½], ainda existem 2 de bronze de 6 desmontadas.

O Solimões tem aqui a largura de um quarto de légua. Contém o povoado (<sup>161</sup>) 21 Casas [e uma pequena Igreja dedicada a S. Francisco Xavier] todas cobertas de palha.

Mr. Milliet de Saint-Adolphe enganou-se quando no seu "*Diccionario Geográfico, Histórico e Descritivo, do Império do Brazil*" descreveu a situação deste povoado e Forte. Diz ele:

*Tabatinga – Povoação e Forte da Província do Pará, na margem direita do confluente do Rio Jabará com o Amazonas, pela mesma margem.*

A atual população do Forte e suas imediações consta somente da família do Comandante, das praças do Destacamento, cujo número não chega a 20, de mais uma meia dúzia de pessoas civilizadas, e de 50 Índios Ticunas. Embarcaram-se aqui 500 achas de boa lenha.

---

<sup>159</sup> Tem esta Ilha seguramente 4 léguas de extensão. (MATTOS, 1855)

<sup>160</sup> O Príncipe Adalberto dá 04°33', e o "*Diccionario*" do Capitão-Tenente Amazonas 04°14'. A que citamos é observação do Major de Engenheiros Euzébio Francisco Ribeiro. (MATTOS, 1855)

<sup>161</sup> Foi ereto em Freguesia pelo Governo do Pará em Conselho no ano de 1833. Nunca teve Pároco. (MATTOS, 1855)

## **23 de Março de 1854, Manhã**

**04h15.** Suspendemos para Loreto.

**05h15.** Entramos no Paraná-mirim Jauacáca, ficando, à BB, a Ilha do mesmo nome.

**06h05.** Saímos do referido Paraná-mirim, demorando a BB, a ponta de Leste da Ilha da Ronda (<sup>162</sup>) cuja extensão não excede a 2 milhas.

**07h37.** Em frente da ponta de Leste da Ilha Juma à BB, a qual terá 6 milhas de extensão. Começou a chover.

## **23 de Março de 1854, Tarde**

**12h45.** Ancoramos no porto de Loreto, 1º povoado Peruano à margem esquerda do Rio Marañón, 10 léguas acima do Forte de Tabatinga. Sua posição é agradável, mas o terreno é argiloso, e por isso durante os meses chuvosos fica péssimo de transitar-se.

Contém 18 Casas espalhadas sem ordem, todas cobertas de palha. O Quartel da Tropa é novo e ocupa o lugar mais proeminente do povoado. A população, em grande parte composta de Índios Ticunas, não excede a 200 almas, incluindo-se neste número 40 Praças de Linha, que constituem a Força de toda a Província do Litoral de Loreto. É a residência do Governador Geral, e tem um Governador Civil, nomeado em conformidade do Decreto de 15 de abril de 1853, com Jurisdição Civil e Militar.

---

<sup>162</sup> Assim denominada porque chegaram até este ponto as Rondas Militares do Forte de Tabatinga, enquanto não se achavam fixados os limites como o estão hoje pela Convenção de 23 de outubro de 1851. (RRNI nº 01)

O Secretário do Governador Geral tem a seu cargo a Repartição do Correio. Há aqui um Cura, que celebra os Ofícios Divinos em uma Casa sem forma alguma exterior de Templo e dois negociantes naturais de Portugal [Coelho e Santim] que há anos mudaram sua residência desta Província do Amazonas.

O Governador Geral Coronel D. Francisco Alvarado Ortiz, tinha no dia antecedente partido de Loreto no Vapor "*Tirado*" em visita aos Distritos sob sua Jurisdição até Jurimaguas no Huallaga, percorrendo os povoados à margem deste e do Marañón os quais são:

- 1º No Distrito de Loreto, sujeitos à Jurisdição do respectivo Governador Civil, que aqui reside: Mercel ou Cavallo coche, Camucheros e Moromoroté.
- 2º No Distrito de Pebas, sujeitos à Jurisdição do Governador Civil e Comandante Militar, aqui residentes: Peruaté, Maucallaete, Cochiquinas e Pebas.
- 3º No Distrito de Oran, cujo Governador reside em Iquitos: Chorococha, Pucaalpa ou Oran, Timicurus e Iquitos.
- 4º No Distrito de Nauta, onde reside o Governador Civil, e o Comandante Militar: Omáguas, Nauta, San-Regis, Parinári e Urarinas.

Sobre o Huallaga:

- 1º No Distrito de Laguna, onde reside o Governado Civil: Santa Cruz, Yurimaguas, Chamicuros e Laguna.

Além destes Distritos há mais três sobre o Hualaga, que compreendem todos os povoados até Tingo-Maria e dois sobre o Rio Ucayali, que se estendem até Tierra Blanca. Em cada povoado, mesmo nos em que residem os Governadores Civis há um ou mais



Tenentes Governadores, para regular a polícia administrativa e um número de “*Curacas*” <sup>(163)</sup> proporcional à população, que velam imediatamente sobre a polícia dos Índios, e decidem verbal e peremptoriamente as pequenas contendas.

O outro Vapor [“*Huallaga*”] existia amarrado à margem do Rio no porto de Loreto, por fazer muita água e ter algumas peças de maquinismo quebradas as quais não podiam ser aqui reparadas por falta de oficinas e oficiais próprios.

Os meios de subsistência são escassos aqui, consistem em geral, em peixe salgado de que não há grande abundância e, em substituição à farinha, comem aipim e a banana verde assada.

A indolência dos Índios é proverbial e não havendo aqui outros trabalhadores, bem se pode fazer ideia do quanto está atrasada a agricultura nesta parte do Amazonas. O Índio não se dá ao trabalho de fazer derrubadas para plantar a mandioca e um pequeno bananal de que possa tirar sua miserável subsistência. Espera que o Rio vaze para nas margens que vão surgindo d’água fazer suas pequenas plantações.

Nesta parte tem eles alguns motivos para preferirem as terras anualmente fertilizadas pelas enchentes, porquanto, sem outro trabalho mais do que lançar a semente, tiram no fim de 8 a 10 meses melhores colheitas do que se se dessem ao árduo trabalho de derrubar matas virgens para o que faltam-lhes as ferramentas indispensáveis, queimá-las, limpá-las e plantar, ao que acresce a vantagem de não haver nas primeiras a “*issaúba*” [formiga] que destrói as plantações nas terras firmes.

---

<sup>163</sup> Curacas: Chefes Indígenas, Caciques, Tuxauas. (Hiram Reis)

Durante a vazante, pescam quanto baste para o sustento cotidiano e só quando estão ao serviço de alguma pessoa empregada no comércio é que fazem salgas em maior escala. Informaram-me de que nas imediações deste povoado há muita goma elástica, que ainda ninguém extrai por ignorar-se aqui o processo. Receberam-se 1.100 achas de lenha.

**21h05.** Suspendemos.

### **24 de Março de 1854, Manhã**

**02h40.** Passamos à BB, a foz do Cavallococho, 7 léguas acima de Loreto; tem 50 braças de largura e na distância de 2 milhas existe um povoado – Merced – composto de 200 moradores, quase todos Índios Ticunas. Para este povoado foram conduzidos de Lima por D. Manoel Ijurra, atual Governador Civil de Loreto, cerca de 70 emigrados de diversas Nações, como núcleo de uma Colônia Agrícola, que deixou de prosperar, e mesmo de ter começo regular, sem dúvida porque os emigrados não vendo as riquezas minerais que esperavam achar à flor da terra, não se habituando às poucas comodidades e recursos de um lugar ainda inculto e não podendo, além disso, suportar a praga dos mosquitos com resignação igual à dos Índios, retiraram-se quase todos, uns para Lima e outros para o Solimões, ficando a Colônia reduzida a 24 pessoas somente.

**04h40.** Navegávamos entre Ilhas, estava a noite escura e por isso o Prático assentado sobre a caixa das rodas não viu um madeiro flutuante que introduzindo-se na roda de Estibordo partiu 7 de suas pás, abrindo a caixa pela parte de dentro. Parou imediatamente a Barca, para reconhecer-se a avaria, e durante este exame, a violência da corrente, que não seria menor de três milhas por hora, fez-nos retroceder mais de uma milha. Afinal encostou a Barca à margem, e aí estivemos em concertos até as 05h00.

**06h33.** Passamos, à EB, a ponta de Leste da Ilha dos Guaribas.

**07h12.** Entramos no Paraná-mirim do Tigre, ficando-nos, à BB, a Ilha do mesmo nome. Subimos às 09h15.

**10h27.** Fronteiros à BB, do Povoado Moromoruté, composto de 3 casas (<sup>164</sup>) cobertas de palha, em que residem cerca de 30 pessoas.

### **24 de Março de 1854, Tarde**

**12h45.** Paramos alguns minutos sobre as rodas em frente do povoado Camucheros, na margem Austral do Marañón, 4 léguas acima de Moromoruté para saber se havia lenha. Contém 6 casas de palha, construídas conforme o costume dos Índios, nas quais residem cerca de 40 Ticunas. Começou a chover.

**15h47.** À EB, a Ilha de São Paulo.

**16h18.** Entramos no Paraná-mirim Mangerona-canã, do qual saímos, às 18h00, em frente da ponta de Leste da Ilha Peruaté, que ficava à EB.

**21h10.** Ancoramos no porto de Peruaté. Estava a noite escuríssima. Dista este povoado 12 léguas de Camucheros; é composto de 18 casas e cerca de 90 habitantes todos Indígenas. Não havia aqui lenha, por ter o Vapor "*Tirado*", que saíra às 17h00, levado a que existia. Continuou a chuva e à noite muito escura. O Comandante do Vapor, por cautela, quis ficar aqui até amanhecer.

### **25 de Março de 1854, Manhã**

---

<sup>164</sup> Em Novembro de 1851 só havia uma casa, Herndon página 334. (RRNI nº 01)

**05h15.** Suspendemos e prosseguimos a viagem.

**08h45.** Passamos, à BB, o povoado Maucallaete, na margem Austral, 12 milhas acima de Peruaté. A situação deste povoado de 130 Índios Ticunas e Manjeronas que habitam em 17 casas é bastante agradável.

**10h40.** Fundeamos no porto de Cochiquinas. Entre este e o último Povoado, que dista duas léguas, encontramos correntes violentíssimas. Achamos aqui o Vapor "*Tirado*". Pouco depois de nossa chegada o Governador Geral mandou o seu Ajudante de Ordens [um Capitão de Linha] à bordo do "*Monarcha*" cumprimentar a S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Conselheiro Penna, vindo ele mesmo logo depois acompanhado do seu Secretário. A visita foi curta e como o Governador estava a partir para Pebas, S. Ex.<sup>a</sup> não se demorou em ir a bordo do "*Tirado*" retribuir-lhe, e agradecer-lhe os oferecimentos e as ordens, que dera para que fossem prestados todos os auxílios de que precisasse o "*Monarcha*".

O Povoado contém 20 casas, e uma Igreja cobertas de palha e seus habitantes não excedem a 300 Índios Ticunas, e Marubos. Antigamente esta Povoação esteve situada 4 milhas abaixo donde se viram forçados seus moradores a transferi-la para o atual lugar em consequência da perseguição dos Índios Manjeronas que assaltavam a Povoação para roubar as plantações que seus habitantes faziam.

### **25 de Março de 1854, Tarde**

**14h49.** Depois de se haver recebido a bordo 1.800 achas de lenha, suspendemos.

**23h00.** Ancoramos no porto de Pebas. Achava-se aqui o "*Tirado*" que poucas horas depois de nossa

chegada seguiu para Iquitos. Pebas está situado em uma planície elevada na margem esquerda [um quarto de milha da foz] do Ambiaco [Rio dos venenos], que aflui no Marañón pela margem Boreal. Dista 8 léguas de Cachiquinas. Contém 56 casas de palha com 138 fogos, uma Igreja, um Cemitério e cerca de 500 Índios Pebas e Oregones, além de quatro ou cinco famílias brancas. Tem um Governador Civil e um Comandante Militar, dois Tenentes Governadores e uma Escola de 1<sup>as</sup> letras. É a Povoação mais regularizada que existe em todo o Litoral, muito limpa, as casas, no exterior, caiadas e pintadas, posto que mui grosseiramente. Tem concorrido para este estado florescente atividade e energia do Comandante Militar D. Mansanarês.

### **26 de Março de 1854, Manhã**

Existe aqui uma família francesa, relíquia dos emigrados que D. José Montezal conduziu de Lima para fundar em Nauta uma Colônia Agrícola, de que adiante darei notícia. Receberam-se 400 achas de lenha.

**09h10.** Suspendemos.

### **26 de Março de 1854, Tarde**

**15h17.** À EB, a ponta de Leste da Ilha Apaica.

**15h50.** À EB, a foz do Ribeiro Apaica, de água preta, em cujas margens, nas proximidades de suas vertentes, habitam alguns Índios.

**19h00.** Chuva forte, relâmpagos e grande escuridão, que, impossibilitando a continuação da viagem, obrigou-nos a ancorar à margem Boreal.

### **27 de Março de 1854, Manhã**

**05h00.** Suspendemos, e prosseguimos a viagem.

**10h47.** Passamos, à EB, o Povoado Chorococho [Lago de macaco]. Contém 4 casas de palha e cerca de 40 Índios Manjeronas.

**11h05.** Foz do Rio Napo, que aflui no Marañón pela margem Boreal. Segundo as observações de Herndon a largura da foz deste Rio é de 80 braças<sup>(165)</sup>.

Nasce ele nas abas das cordilheiras nevadas de Antizana, 18 léguas de Quito e corre por entre grandes rochedos. É navegável até ao Povoado do mesmo nome [Napo] de onde se passa à Archidona, daqui com uma jornada de dez dias a pé chega-se à Papaicha e daí a Quito em dois dias de jornada a cavalo.

Algumas pessoas, que o tem navegado em canoas de comércio informam que o seu leito é consideravelmente obstruído de bancos de areia na estação da vazante.

As viagens de Francisco de Orellana, em 1542, de Pedro Teixeira, em 1637, a "*Relação do Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*", do Padre Cristóbal de Acuña, em 1639, tornaram bem conhecido este Rio.

Depois de 70 dias de viagem da sua foz, chega-se à confluência do Rio Coca, onde Pizarro fez construir o barco em que Orellana desceu ao Amazonas.

## **27 de Março de 1854, Tarde**

---

<sup>165</sup> Condamine calculou-a em 600 toesas [455 braças] acima das ilhas que dividem a foz e achou a Latitude Austral de 03°24'. Lister Mow calculou-a em ¼ de milha (210,5 braças) e W. Smith em 50 braças!! O cálculo de Mow é o mais aproximado à exatidão. (MATTOS, 1855)

**13h40.** Passamos o Povoado Pucaalpa, situado em terreno pouco elevado na margem Boreal do Marañón, 8 milhas acima da foz do Napo. Contém 14 casas de palha e os seus habitantes, que são Índios Manjeronas, não excedem à 70.

**15h.15.** Estava a tarde clara e navegávamos ao longo da margem Austral. Um leve descuido do Prático deu causa a que a Barca fosse sobre um pequeno madeiro flutuante, o qual introduzindo-se na roda de Estibordo, partiu as pontas de 4 pás.

**15h.30.** Passamos a EB, o sítio de Romão, contendo 6 casas de palha, situado em uma posição mui agradável à margem Boreal do Marañón, 2 léguas acima de Pucaalpa.

**16h.05.** Entramos no Paraná-mirim Timicuro.

**21h.30.** Ancoramos no porto de Iquitos. Apenas havíamos chegado, uma nuvem de praga invadiu a Barca, e perseguiu-nos, e atormentou-nos a noite toda.

Estava aqui o "*Tirado*", que chegara as 17h00. Apenas amanheceu desembarcamos para visitar o Povoado. É ele um dos mais bem situados que existe no Litoral de Loreto. Sua posição é elevada e plana. O solo é muito próprio para a cultura de tabaco e café; deste já existe alguma plantação mui florescente.

A abundância de aves domésticas, de porcos e a existência de peixe salgado em algumas casas me fizeram conhecer que os habitantes deste Povoado são mais industriosos e amigos do seu bem estar do que os dos outros que havíamos passado.

Contém 33 casas e uma Igreja cobertas de palha. Há aqui uma Escola de 1<sup>as</sup> letras, regida pelo Gover-

nador Civil D. Mateo del Castillo. A população não excede a 250 Índios Iquitos, excetuando meia dúzia de famílias brancas e mestiças.

O Sarampo e os catarrais ceifam anualmente muitas vidas. Estavam os habitantes sofrendo dessa afecção de que morrera um Índio menor, cujo cadáver achava-se amortalhado sobre uma esteira no centro da casa tendo à cabeceira e aos pés duas canecas de barro acesas e os parentes e amigos da família reunidos em torno cantando e chorando.

Para o jantar com que tinham de solenizar esse dia fúnebre, segundo o costume, haviam matado um porco, alguns porquinhos da índia e aves domésticas. O vaso da caçuma <sup>(166)</sup> [bebida que prepararam da mandioca] estava a disposição de todos.

Um jovem empunhando uma lança de pau guardava o cadáver. O jantar devia ser servido ao meio-dia, e à tardinha dar-se-ia a sepultura ao cadáver, conjuntamente com as armas do finado, um paneiro <sup>(167)</sup> de aipins e um cacho de bananas.

Havendo terminado o embarque de 1.000 achas de lenha, o Comandante do "*Monarcha*" convidou os Índios empregados nesse serviço a tomarem um copo de aguardente de cana, convite que aceitaram com inexplicável satisfação.

---

<sup>166</sup> Esta é a bebida de que falou o Padre Cristóbal de Acuña; diz ele, e é a pura verdade: "*Con este vino celebran sus fiestas, lloran sus muertos, reciben sus huéspedes; y finalmente, no ay ocasión en que se junten, que no sea este el azogue, que los recoge, y a liga que los detiene*". (MATTOS, 1855)

<sup>167</sup> Paneiro: a palavra "*paneiro*" tem origem no latim "*panarium*", que significa "*cesto de pão*". Ao longo do tempo, o termo foi adaptado e passou a designar qualquer tipo de cesto ou recipiente trançado. (loja.ibrath.com)



Notamos a existência de veias de betume negro entre camadas de argila esbranquiçada e cinzenta no porto deste Povoado. Os Peruanos o denominam "*carvão de pedra*", mas já se verificou que não é mais que um "*lignite*" (<sup>168</sup>).

### **28 de Março de 1854, Manhã**

**10h10.** Suspendemos.

### **28 de Março de 1854, Tarde**

**16h.20.** Entramos no Paraná-mirim de Omáguas, ficando-nos à BB a Ilha do mesmo nome.

**20h00.** Passamos pelo Povoado Omáguas, situado à margem Boreal do Marañón em terreno pouco elevado, 10 léguas acima de Iquitos, na Latitude Austral 04°26' e na Longitude de 73°48' a Oeste de Greenwich (<sup>169</sup>).

É composto de 22 casas e uma Igreja cobertas de palha, e sua população toda de Índios Omáguas e Panos, não excede a 250 almas (<sup>170</sup>).

Empregam-se na pesca, e plantam alguma mandioca, e bananas, de que fazem consistir a sua subsistência. Não tem este Povoado prosperado, nem promete engrandecimento, por ser muito acossado de praga.

**20h15.** Entramos no Paraná-mirim Anguiáco.

### **29 de Março de 1854, Manhã**

---

<sup>168</sup> Lignite ou lenhite: rocha sedimentar macia, castanha e combustível formada pela compressão da turfa. (Hiram Reis)

<sup>169</sup> Smith, página 259. (MATTOS, 1855)

<sup>170</sup> Em 1828, Mow disse que só existiam 50 casais e 25 a 30 casas. Em 17.03.1835, Smith afirma existirem 600 almas. Em 06.11.1851, Herndon achou 232 habitantes. (MATTOS, 1855)

Passamos a foz do Rio Ucayali sem podermos avistá-la, por estar coberta de um espesso nevoeiro.

**05h15.** Ancoramos no porto de Nauta, onde também estava o “*Tirado*”, que ali chegara às 02h00. O Governador Geral logo que amanheceu mandou o seu Ajudante de Ordens cumprimentar a S. Ex.<sup>a</sup> e oferecer-lhe um aposento em terra, mas S. Ex.<sup>a</sup> agradeceu este oferecimento e continuou a residir à bordo.

**09h00.** Veio em pessoa à bordo do “*Monarcha*” o mesmo Governador Geral visitar a S. Ex.<sup>a</sup>, que pouco depois retribuiu a esse obséquio do Sr. Coronel Ortiz.

Nauta está situada à margem Boreal do Marañón, 9 léguas acima de Omáguas, uma <sup>(171)</sup> da foz do Ucayali, e 70 abaixo da junção de Huallaga, em terreno elevado 123,38 metros <sup>(172)</sup> [56 braças] sobre o nível do Mar.

É, sem dúvida, o maior Povoado do litoral, contém 120 casas e uma Igreja, todas cobertas de palha, a maior parte com tapagem de varas em vez de paredes e uma população de 1.200 habitantes, composta, à exceção de uma dúzia de famílias brancas, de Índios Cocamas, que aqui se vieram estabelecer em 1830, depois de terem abandonado Laguna, onde residiam e eram maltratados pelos Soldados da Guarnição.

É em grande parte devida a estabilidade, e aumento desta Povoação à D. Juan Gassendes, que para ela fora nomeado Governador logo que constou ao Governo de Chachapoyas que esses Índios tinham vindo fundar aí sua habitação.

---

<sup>171</sup> Smith calculou em 4 milhas e Maury em 1,5 milha. (MATTOS, 1855)

<sup>172</sup> Castelnau. (MATTOS, 1855)

A posição é agradável e sadia; contudo há quadras em que os habitantes, e principalmente os Índios sofrem de intermitentes, e isto sempre no começo da enchente ou vazante do Rio. A mortalidade anual, segundo as informações que obtivemos do Reverendo Cura, regula em relação aos nascimentos na razão de 60 para 88.

O principal gênero de consumo dos Índios é o "tucuio" [pano grosso de algodão manufaturado em Moyobamba] e pode-se afirmar sem ser exagerado, que esse gênero é a moeda corrente do País; porquanto obtém-se em geral qualquer objeto e o serviço do Indígena com mais facilidade oferecendo-lhe a paga em "tucuio", do que em moeda de prata. A razão é óbvia, por que os Índios vestem exclusivamente o "tucuio", e com a prata nem sempre poderão comprar o que precisam. O sal-gema, a salsa-parrilha, alguma cera, tabaco, chapéus de palha bombonassa ou bombonaje, à imitação dos do Chile, são os gêneros de exportação. O primeiro destes gêneros tem seu principal consumo nos Povoados do Litoral, onde o sal marinho comum, pelas dificuldades e delongas do transporte chega muito caro (<sup>173</sup>).

Fabricam alguma manteiga de ovos de tartaruga e fazem salgas de peixe que é exportado para Moyobamba. Segundo as informações que obtivemos de pessoas conhecedoras do movimento comercial desta parte do Peru, orça por oitenta contos de réis o valor das mercadorias estrangeiras [ferro, ferragem, louça, fazendas grossas, e bebidas espirituosas] importadas do Brasil, que são consumidas nos Povoados desde Loreto até Moyobamba inclusive, e nos que estão à margem do Huallaga e Ucayali.

---

<sup>173</sup> Um alqueire de sal, que custa atualmente no Pará 1\$280 e na Barra do Rio Negro 3\$000, não se venderia em Moyobamba por menus de 6\$000. (MATTOS, 1855)

A admiração dos Índios ao verem pela segunda vez um Vapor navegando, subiu de ponto por acharem-se surtos no porto desta Povoação o "*Monarcha*" e o "*Tirado*". Em todos os portos eles apinhavam-se à margem do Rio para verem e examinarem de perto o "*Monarcha*"; aqui porém não só eles visitaram a Barca, como também as principais famílias. Ofereceu-nos ocasião de confirmar o que já anteriormente havíamos lido sobre o costume do trajar das mulheres de alguma educação. Usam de saia e camisa, andam descalças ou apenas com chinelas, trazem joias nas orelhas, pescoço e braços, um lenço ou manta lançada à "*negligé*" sobre os ombros, os cabelos em duas tranças longas soltas sobre as costas e na cabeça um chapéu redondo de palha "*bombonassa*".

Pessoas aqui residentes informaram-nos de que os Soldados desertores que assassinaram o infeliz Capitão Nina, em Tabatinga, no ano de 1844, residiam em alguns Povoados do Litoral, mas atualmente apenas existem dois, que habitam no Rio Napo, tendo os outros falecido. Vimos aqui alguns dos escravos que fugiram de seus senhores residentes nas Províncias do Pará e Amazonas. Não gozam da liberdade que esperavam achar em País estrangeiro, por que são constantemente chamados para o serviço público e sofrem muito, se são exatas as informações que tivemos. Assistimos aos preparativos para o funeral de um Índio Cocama de menor idade. A solenidade difere muito da que observam os Iquitos. O cadáver estava sobre uma esteira e reunidos em torno dele carpiam (<sup>174</sup>) os parentes. Seria dado à sepultura dentro de uma ubá [canoa de um só pau] por que estes Índios nunca sepultam cadáver algum dos seus senão em caixão.

---

<sup>174</sup> Carpiam: pranteavam, choravam. (Hiram Reis)

É Nauta um dos lugares onde pode prosperar a criação de gado vacum. Algumas vacas, que vimos pertencentes ao Sr. Cauper, negociante natural de Portugal que aqui reside há 18 anos, tinham bela figura e davam leite em abundância.

Em 1853, D. José Montezal conduziu de Lima para esta Povoação, em virtude de contrato celebrado com o Governo Supremo da República, uma partida de 113 emigrados, de diversas nações, sexos, idades e profissões [menos agricultores] com os quais pretendeu fundar uma Colônia Agrícola. Mas dentro em pouco tempo, talvez pelos mesmos motivos que ocorreram aos de que se compunha a Colônia de Cavallo-cocho, foram-se retirando para Lima uns e outros, a quem faltavam meios para levar a efeito essa dificultosa viagem, resolveram-se a descer pelo Marañón e Solimões, ficando alguns em S. Paulo de Olivença, outros em Ega e diversos na Barra, onde alguns tem sido pela Presidência empregados nas Obras Públicas, recusando-se outros a trabalhar, não obstante ofereceres-lhes jornais <sup>(175)</sup> vantajosos.

Tendo sido aprovadas em conferência havida entre o Coronel Governador Geral, o Exm<sup>o</sup> Presidente e o Agente da Companhia as tabelas provisórias de fretes e passagens, e a designação dos pontos de escala dos Vapores da 2<sup>a</sup> linha, resolveu-se a torna <sup>(176)</sup> da viagem.

### **31 de Março de 1854, Manhã**

**12h.45.** Depois de se haverem reciprocamente cumprimentado o Governador Geral e S. Ex.<sup>a</sup>, que muito penhorado ficou das atenções e obséquios com que fora recebido pelo Sr. Coronel Ortiz, suspendemos do

---

<sup>175</sup> Jornais: ordenados, honorários. (Hiram Reis)

<sup>176</sup> A torna: retornar, voltar. (Hiram Reis)

porto de Nauta, onde o Marañón oferece uma largura de três quartos de milha, saindo nesse mesmo momento o "Tirado", que continuava a subir até Jurinaguas. Para presenciar a saída dos dois Vapores apinhou-se na margem do Rio toda a população de Nauta.

**13h.04.** Ponta de Oeste da Ilha Ucayali à BB.

**13h.09.** Centro da foz do Rio Ucayali [Rio dos inimigos, na língua dos Omáguas] à EB. A junção deste Rio com o Marañón é na Latitude Austral 04°14', cruzada pelo Meridiano 305°25' à Leste da Ilha de Ferro (<sup>177</sup>) a largura de sua foz é de uma milha, e a sua altitude sobre o nível do Mar de 111,85 metros (<sup>178</sup>) ou 50 braças. Pode ser navegado por barcos de Vapor, [sem outro obstáculo mais do que a violência de suas correntes, que na maior vazante é de 3 milhas por hora], pelo espaço de 255 léguas acima da sua foz, até o lugar denominado "Vuelta del Diablo"; e segundo a opinião de Castelnau pode sê-lo também até a raiz da "Cascata de Urubamba", 90 léguas mais acima, isto é, 345 da foz.

O Rio Tambo, que aquele Autor compara em tamanho ao "Seine" (<sup>179</sup>), afluí à margem esquerda, 70 léguas acima da dita "Vuelta". Sarayacu, Povoação Indígena de 1.000 habitantes é também situada à margem esquerda, 165 léguas abaixo da "Vuelta" e 90 acima da foz do Rio.

De Sarayacu à Nauta desce-se em um terço do tempo que se gasta na subida. O Rio conserva até esta Povoação uma largura de meia milha. As enchentes sobem anualmente 45 palmos.

---

<sup>177</sup> Mow e Castelnau. (MATTOS, 1855)

<sup>178</sup> Castelnau. (MATTOS, 1855)

<sup>179</sup> Seine: Sena, Rio do Norte da França que margeia Paris e que deságua no Oceano Atlântico. (Hiram Reis)

**13h19.** Ponta de Leste da ilha Ucayalli.

**14h57.** Entramos no Paraná-mirim Anguiaco, do qual saímos às 15h38 e passamos Omáguas.

**21h00.** Em frente de Iquitos.

### **1° de Abril de 1854, Manhã**

**07h.19.** Ancoramos no porto de Pebas. Comandante Militar deste Povoado é única Autoridade subalterna, além do Governador Civil de Loreto, que tem vencimentos [40 pesos por mês]. Recebeu-se 700 achas de lenha e, às 10h45, suspendemos.

### **1° de Abril de 1854, Tarde**

**13h36.** Em frente de Cochiquinas.

**14h18.** Passamos Maucallaete.

**15h.34.** Em frente de Peruaté.

**18h30.** Em frente de Camocheros.

**20h00.** À EB, Moromoroté.

### **02 de Abril de 1854, Manhã**

**00h30.** Fundeamos no porto de Loreto. Ainda aqui existia um Inglês "*Teems*" e outras pessoas que haviam subido nos Vapores "*Tirado*" e "*Huallaga*", e que por falta de meios não tinham podido descer, por que as suas soldadas haviam sido pagas em "*vales*" sobre a casa comercial do Vice-cônsul dos Estados Unidos, no Pará. Como poderia um pobre homem fazer uma viagem de Loreto ao Pará, 600 léguas, sem dispor de um real?! Parece que o vendedor destes Vapores, e os seus Agentes encarregados de conduzi-los do Pará até Loreto, julgaram

inteiramente desnecessário trazer dinheiro para despesas em um País onde outros viajantes Americanos ou antes romancistas, tinham visto "*à cada passo camadas de ouro sobre a superfície da terra, e galinhas com os papos cheios de diamantes*". Iludidos em seus cálculos, eles achavam-se em grandes embaraços por absoluta falta de recursos, se lhes não valessem as providências dadas pela Presidência para facilitar-lhes o trânsito e a franqueza e generosidade de alguns habitantes da Província (<sup>180</sup>). Embarcou aqui no "*Monarcha*" D. Manuel Villar, Capitão de Corveta da Armada Peruana, que, não tendo tomado o comando de um dos dois referidos "*Vapores*", como havia ordenado o Governo Supremo da República, resolveu-se a regressar ao Pará, e partir para os Estados Unidos a fim de entender-se sobre este assunto com o Ministro da sua Nação, residente naquele País.

**08h35.** Partimos de Loreto.

### **02 de Abril de 1854, Tarde**

**12h10.** Fundeamos junto ao porto do Forte de Tabatinga, onde o Exm<sup>o</sup> Presidente foi recebido com as honras militares que podia fazer-lhe a sua pequena Guarnição. Havia S. Ex.<sup>a</sup> dado suas ordens ao Comandante do Forte para fazer reunir os Índios das Aldeias circunvizinhas a fim de distribuir-lhes no seu regresso de Nauta alguns brindes. Com efeito apresentaram-se cerca de 80 Ticunas e Manjeronas [homens, mulheres e crianças], e alguns deles quase nus, com seus enfeites de penas e missangas. S. Ex.<sup>a</sup> fez distribuir-lhes ferramentas, fazendas para roupa e outros objetos de que mais gostavam, como espelhos, missangas, agulhas etc..., com o que se mostraram muito satisfeitos.

---

<sup>180</sup> Com muita especialidade do Sr. Henrique Antony. (MATTOS, 1855)



**17h50.** Suspendemos depois de haver-se recebido 900 achas de lenha.

**18h30.** Em frente por EB a foz do Rio Javari, cuja largura não excede a um quarto de milha. Aflui no Solimões à margem Austral, 2 léguas abaixo de Tabatinga, em  $04^{\circ}18'$  (<sup>181</sup>) e Latitude Sul, e na Longitude  $307^{\circ}54'$ , 33 léguas acima da Freguesia de S. Paulo de Olivença. Segundo uma Carta, de que dá notícia o Conde de Castelnau, este Rio aflui no Solimões na Latitude Austral de  $04^{\circ}13'30''$  e na longitude  $305^{\circ}04'45''$  a Leste da ilha de Ferro, isto é  $4\frac{1}{2}$  milhas mais ao Norte da posição que assina a observação apresentada pelo "*Ensaio Corográfico*", e  $10\frac{3}{4}$  milhas mais à Leste. Da foz à junção que nele faz o Rio Jacarana, em linha reta, são 53 léguas. A sua direção geral é de Oeste para Leste; a do Javarisinho de ENE, e a do Jacarana NE aproximando-se ao Norte nas suas vertentes.

Nessa Carta o Tacuhy denomina-se "*Tecuahy*", o Curuzá, "*Curussatua*", e o Jacarana, "*Javary*", não tendo nome algum o Javarisinho. Os Engenheiros e Astrônomos Portugueses que exploraram este Rio, chegaram até a junção do Jacarana e por ele subiram na distância de 70 léguas em linha reta da foz, isto é, na Latitude Austral de  $05^{\circ}32'$  e na Longitude de  $305^{\circ}19'$  a Leste da ilha de Ferro; mas sendo o Rio muito sinuoso, a distância percorrida pode calcular-se em 175 léguas da foz. O extremo do Javarisinho é na Latitude Austral de  $05^{\circ}52'$  e na Longitude de  $305^{\circ}02'$  à Leste da ilha de Ferro. Um pouco antes recebe este Rio outro tributário na Latitude Sul de  $04^{\circ}48'$ , o qual corre do SO. A junção do Tacuhy é na Latitude Sul  $04^{\circ}17'$ , e na Longitude  $307^{\circ}48'$  a Leste da ilha de Ferro.

---

<sup>181</sup> Ensaio Corográfico. O Padre Noronha dá a Latitude de  $04^{\circ}$  S. (MATTOS, 1855)

O Curuzá aflui na Latitude Sul 04°30', e na Longitude 306°41' a Leste da ilha de Ferro. A grande bifurcação deste Rio é na Latitude Austral 04°30'45", e na Longitude de 316°12'45" à Leste da ilha de Ferro. É habitado por algumas hordas de Índios e, principalmente pelos Manjeronas. Atualmente é muito pouco navegado além das Aldeias que existem à margem esquerda, até onde chegam alguns negociantes para extrair drogas, ou para obtê-las dos Índios, dando-lhes em troca diversas mercadorias. É abundante de cacau silvestre e de salsaparrilha. Em virtude do Art. 7º da Convenção celebrada entre o Brasil e a República do Peru em 23 de outubro de 1851, serve o Javari de divisa destes dois Países.

### **03 de Abril de 1854, Manhã**

**06h50.** Ancoramos no porto da Freguesia de S. Paulo de Olivença. Desembarcamos, e ainda uma vez coube-nos o prazer de estar na companhia do Reverendo Vigário, do Subdelegado e Comandante da Força Policial que nos obsequiaram de modo a ficar o nossa reconhecimento cativo; e folgamos de ter esta ocasião de confessá-lo. O "*Monarcha*" teve a seu bordo cerca de 150 pessoas, que o vieram visitar. Ainda aqui achamos duas famílias Alemãs e outros indivíduos, que fazendo parte da comitiva com que D. José Montezal quis fundar uma Colônia Agrícola em Nauta desceram o Marañón, à mercê de suas correntes e da caridade de algumas pessoas, que lhes deram meios de transporte. S. Ex.<sup>a</sup> os convidou à irem estabelecer-se na Cidade da Barra, onde lhes proporcionaria meios de ganhar a vida; e sabendo que essa família e os outros indivíduos viviam de esmolas, lhes mandou prestar algum mantimento e aprontar uma canoa com remadores para os conduzir até à Barra, recomendando ao Subdelegado que tivesse todo o cuidado para que o transporte destes infelizes se efetuasse com a possível segurança, e comodidade.

Alguns Ticunas, inteiramente selvagens, vieram ver a S. Ex.<sup>a</sup> a bordo do Vapor. Fez S. Ex.<sup>a</sup> distribuir por eles brindes, com o que ficaram contentíssimos. Receberam-se 1.200 achas de lenha.

### **03 de Abril de 1854, Tarde**

**13h.20.** Suspendemos.

**19h05.** Passamos a Freguesia de Amaturá.

**21h45.** Em frente do porto de Santo Antônio do Içá.

**23h30.** Ancoramos no porto de Tonantins. Não havia aqui lenha alguma.

### **04 de Abril de 1854, Manhã**

**04h00.** Suspendemos.

### **04 de Abril de 1854, Tarde**

**19h50.** Ancoramos no porto da Fonte Boa. Receberam-se 700 achas de lenha.

**23h40.** Suspendemos.

### **05 de Abril de 1854, Manhã**

**06h00.** Em frente do Paraná-mirim Aranapú, que deságua no Rio Japurá. Cabe aqui dizer algumas palavras sobre este importante Rio.

Os Espanhóis o denominam Caquetá, e nasce na Província de Mocoá em Popaian e vem engrossar o Solimões, 112 léguas acima da confluência do Rio Negro, na Latitude Austral 02°29' (<sup>182</sup>).

---

<sup>182</sup> Capitão-Tenente Amazonas; mas o "*Ensaio Corográfico*" dá a Latitude de 02°31', e o Padre Noronha a de 3°. (MATTOS, 1855)

Spix e Martius, em 1819 subiram este Rio até a “Cachoeira Araracoára” [cauda de Arara], donde regressou, tendo Spix por causa de incômodo ficado no lugar denominado “*porto dos Miranhas*”. Do seu excelente roteiro extraímos as passagens mais interessantes. Dizem estes sábios escritores:

*A foz do Japurá, quase fronteira a do Tefé oferece uma largura de uma milha aproximadamente. A medida que se vai entrando por este Rio as matas virgens aumentam.*

A primeira parada que fizeram foi na foz do Tijuaca, desaguadouro do Lago Amona, em frente do Arana-pú. Depois de 7 dias de viagem chegaram à Santo Antônio de Maripi (<sup>183</sup>), Povoação fundada havia muitos anos e habitada por Índios Passés, Suris, Xumanas e outros. Seis casas, e uma Igreja era tudo quanta compunha este Povoado. Desta Povoação seguiram e foram desembarcar na Aldeia próxima do Lago Acunai, composta de Cauixanas. Prosseguiram até a Povoação de S. João do Príncipe (<sup>184</sup>) fundada em 1808; e havendo chegado ao lugar denominado “*Porto dos Miranhas*” Spix ficou aí, prosseguindo Martius na viagem até a “Cachoeira Araracoára”, de onde voltou. Pessoas práticas, que tem por diversas vezes subido este Rio além da confluência do Apapóris (<sup>185</sup>) informam, que em canoa pequena, chega-se à Cachoeira Copati, onde é necessário arrastar a canoa. Acima desta Cachoeira deságua o Rio Muruti paraná.

---

<sup>183</sup> Na margem Boreal, 20 léguas acima da foz do Rio. (MATTOS, 1855)

<sup>184</sup> Dista 40 léguas do Povoado precedente, isto é, 60 da foz do Rio. (MATTOS, 1855)

<sup>185</sup> Uma linha reta tirada de Tabatinga até a margem direita do Japurá defronte da foz do Apapóris é a divisa entre o Brasil e o Peru, segundo o Artigo 7º da Convenção de 23.10.1851. As margens do Apapóris são habitadas pelas seguintes Tribos de Índios: Jaúnas, Jupuas, Detuanás, Tanimbuca-tapuias, Jabahanas, Macunas, Tocandiras Uerimás, Barabatanas, Macûs, Jucunas, Cumacumans e Juris, todas, a exceção dos Macus, mui pacíficas. (MATTOS, 1855)

Subindo do Copati, com 20 dias de viagem, chega-se a Cachoeira Grande [*Araracoára*], donde começa a ver-se serras de um e outro lado. Esta Cachoeira é perigosíssima.

Os Índios que habitam o Japurá são: Pureus, Passés, Jurís, Xomanas, Maparis, Juamis, Miranhas e Curetus. Este Rio comunica-se em diversos pontos com o Uaupés e o Negro, a saber. Subindo-se o Uaupés até o seu afluente Jacari ou Pururé-paraná e por este acima até uma estrada, que da margem Ocidental passa para o Cananari, que aflui no Apapóris.

Da foz do Uaupés até a do Pururé-paraná gastam-se 28 dias e passam-se 26 cachoeiras, nas quais é indispensável descarregar a canoa: quatro delas não tem varadouros.

É muito piscoso este Rio.

A passagem pelo Pururé-paraná faz-se em 3 horas, e a do Cananari em 3 dias, vencendo-se 9 cachoeiras. Da foz do Cananari descendo pelo Apapóris até as malocas dos Índios Cumacumans gastam-se 12 dias, e daí por um trajeto de terra, passa-se ao Japurá em menos de meia hora.

Do Rio Negro para o Japurá há seis comunicações:

- 1ª** Pelo Rio Capuri subindo, sai-se entre o Rio Teraíra, que aflui na margem Boreal do Apapóris, pouco acima da sua foz. O Rio Capuri tem muitas cachoeiras.
- 2ª** Pelo Rio Marié com três dias de viagem, sai-se em um braço denominado Uanin, pelo qual sobe-se 10 dias e desembarca-se na margem esquerda donde se atravessa em dois dias por terras alagadiças até encontrar-se a margem do Rio Mamorité, pelo qual se desce ao Japurá em menos de um dia.



- 3ª** Do Rio Chiuará, ou Teia pode atravessar-se para o Puapuá que deságua no Japurá.
- 4ª** No fim de 9 dias de viagem pelo Unini acima desembarca-se na margem esquerda e por um trajeto de péssimo caminho, que se pode vencer em 2 dias sai-se em um Igarapé, pelo qual desce-se em duas horas até chegar ao Rio Puapuá, do qual se pode ir ao Japurá em seis horas.
- 5ª** Sobe-se em 8 dias pelo Rio Urubaxi, atravessa-se por um trajeto de terra que comunica com o Rio Marajá, afluente do Japurá.
- 6ª** Pelo Igarapé Queiçara, entre as cachoeiras do Pirá, e os Tapuias Manibas, sobe-se, e com um dia de viagem chega-se a um porto do qual se atravessa em 2 dias para as malocas dos Índios Cauiaris, na margem do Cananari, desce-se por este em meio dia e sai-se em outro trajeto de terra, que se vence em um dia, encontrando-se o Rio Pirá-paraná pelo qual se desce em 4 dias ao Apapóris, passando-se deste ao Muriti-paraná, que aflui no Japurá, acima da Cachoeira Copati. Esta comunicação é muito mais vantajosa do que a que se faz pelo Jacari, por evitar as cachoeiras do Cananari e a do Salto, no Apapóris, próxima da grande Cachoeira da Furna.

O "*Ensaio Corográfico*" assinala a este Rio oito diferentes bocas que são:

- 1ª** Da parte Oriental chamada Cudajá, que dista seis léguas do Cochiuará <sup>(186)</sup>, 3ª foz do Rio Purus.
- 2ª** Sem nome conhecido.
- 3ª** Cupiná <sup>(187)</sup>.
- 4ª** Uananá.

---

<sup>186</sup> O Padre C. de Acunã, citado por Robert Southey, tomou esta como a principal foz do Purus. (MATTOS, 1855)

<sup>187</sup> Não será esta a foz do lago Anamá, como a 1ª do Lago Codajás? (MATTOS, 1855)

**5ª** Em frente da ponta da Ilha Parauari.

**6ª** Uaranapu.

**7ª** Manhana.

**8ª** Auati-paraná.

Não parece a quem observa o movimento das águas nestes canais acertada a denominação que lhes deu o autor do Ensaio; por que, para que pudessem alguns deles, que comunicam o Solimões com o Japurá, ser considerados como bocas deste Rio, seria preciso que ele por elas despejasse suas águas no Solimões. Pelos três canais superiores [Auati-paraná, Manhana e Aranapu], não acontece isso. É rico em salsa, puxuri, cacau, baunilha, e as suas praias produzem centenas de potes de manteiga de ovos de tartaruga.

### **05 de Abril de 1854, Tarde**

**13h30.** À EB, a foz do Rio Urana, dentro da qual está situada a Freguesia de Alvarães ou Caiçara.

**15h27.** Ancoramos no porto da Vila de Ega. Apenas foi o Vapor avistado da Vila começaram a subir ao ar muitas girandolas de foguetes, em demonstração do contentamento de que seus habitantes estavam possuídos pela feliz viagem e regresso de S. Ex.<sup>a</sup>. Desembarcamos para a casa do Tenente-Coronel Chrisóstomo, onde S. Ex.<sup>a</sup> foi saudado por grande número dos principais habitantes da Vila, com ingênuas e expressivas demonstrações de consideração e simpatia e ao anoitecer celebrou-se na Matriz um "*Te-Deum*" <sup>(188)</sup> em ação de graças ao Todo Poderoso.

---

<sup>188</sup> Te Deum laudamus, em latim, quer dizer "*Nós Vos louvamos Deus*". Trata-se de um hino católico entoado em eventos solenes de ação de graças. (Hiram Reis)



Visitou S. Ex.<sup>a</sup> a Vila, e foi ver o Cemitério que a Câmara Municipal acabava de construir; é pequeno, mas em muito boa posição e tem uma Capela de tamanho adaptado às circunstâncias do Lugar. Fronteira à esta Vila na margem oposta da baía de Tefé, a cerca de 2 léguas de distância, está situada a Freguesia de Nogueira, fundada em 1758 pelo Religioso Frei José de Santa Thereza Ribeiro, em local elevado, sadio, e aprazível. Sua primeira fundação em Aldeia foi em um canal, que, no tempo da cheia, comunica a baía Tefé com o Solimões, e sai abaixo de Alvarães, de onde foi transferida para a ponta da Ilha Parauarí [por isso é Nogueira também conhecida por este último nome, que significa na língua Indígena – papagainho], e daqui para a atual situação. Foi uma das Aldeias que sofreram a agressão do Jesuíta Sana. Contém atualmente 47 casas e uma Igreja, todas cobertas de palha, e 409 habitantes. Pescam, plantam mandioca, milho, café, e algodão, e extraem drogas, tecem redes de fio e fazem louça de barro.

**19h00.** Depois de haver-se recebido 1.600 achas de lenha embarcamos. A noite estava clara, e tencionávamos partir às 21h00, mas o nosso prático [que é excelente] achava-se tão espiritualizado que não podia dirigir a navegação e assim obrigou-nos a permanecer no porto até a alvorada.

### **06 de Abril de 1854, Manhã**

**05h00.** Suspendemos.

**07h30.** Em frente da foz do lago Caiambé, à EB.

### **06 de Abril de 1854, Tarde**

**15h15.** À EB, a foz do Paraná-mirim Arauanahi.

**17h09.** Entramos no Rio Coari.

**17h20.** Em frente do sítio do Guarda Nacional M. M. dos Santos, onde existe o depósito de lenha à margem direita do Rio. Paramos sobre as rodas alguns minutos e seguindo logo para a Freguesia de Alvelos.

**19h48.** Ancoramos em frente da Matriz, que fica 10 milhas acima da foz do Rio Coari, em uma planície pouco elevada sobre uma bela baía formada pelas águas dos Rios Coari, Urucu e Arauá.

Sobre as diversas situações em que tem estado esta Freguesia, diz o Padre Noronha no seu excelente Roteiro o seguinte:

*A sua primeira fundação foi na margem esquerda do canal Paratari, 8 léguas acima de sua barra. De Paratari a mudou o Padre Frei José da Magdalena, Carmelita, para o riacho Uanamá à parte direita dele e meia légua com pouca diferença acima de sua barra. De Uanamá a mudou o Padre Frei Antônio de Miranda para o sítio de Guajaratiba. De Guajaratiba a mudou finalmente o Padre Frei Maurício Moreira para o Rio Coari, onde presentemente está.*

O Vapor por ser o primeiro que subia até esta Freguesia [visto como o Marajó em setembro de 1853, não passou do sítio de David Abdaran] foi saudado à sua chegada com muitos fogos do ar. Algumas pessoas vieram a bordo cumprimentar a S. Ex.<sup>a</sup>, que, por achar-se a noite muito escura e chuvosa, não saltou. Contém atualmente esta Freguesia 12 casas de palha, e uma Igreja arruinadíssima.

A população de toda a Freguesia não excede a 1.100 habitantes, dos quais mais de duas terças partes residem nos seus sítios. Segundo o Dicionário do Capitão-Tenente Amazonas teve esta Povoação a categoria de Lugar, em 1758, com a denominação de Alvelos e, em 1833, foi elevada a Freguesia, e restituída à sua primitiva denominação de Coari.

Atualmente não habita horda alguma gentílica nos Rios Coari, Urucu e Arauá, segundo informações de pessoas acostumadas a navegá-los para colherem castanha de que muito abundam suas margens. Além da mandioca, plantam algodão, milho, tabaco, pescam pirarucu e peixe-boi, manipulam manteiga de ovos de tartaruga, extraem salsa, óleo de copáiba, colhem cacau silvestre e algum cravo [Laurus ravanale, Lemark].

A posição em que está este Povoado não oferece proporções para o seu desenvolvimento, é açoitado de ventanias fortes, o solo é árido e a distância em que está da foz do Rio dificulta o acesso, principalmente no tempo da seca, por haver uma cachoeira na parte mais estreita da baía, que só permite passagem de montarias.

Desejosos os habitantes de criar outro Povoado junto à foz do Rio onde oferece outras proporções à sua prosperidade que não a atual situação, foi a Presidência da Província, autorizado por uma Lei Provincial ultimamente promulgada, a transferir a Matriz da Freguesia para o lugar que for designado pela mesma Presidência, junto à foz do Rio Coari.

Tendo a chuva continuado até a manhã do dia seguinte, ficamos privados de saltar e visitar esta Povoação; mas pelo que vimos de bordo, fizemos ideia do seu estado.

### **07 de Abril de 1854, Manhã**

**07h32.** Suspendemos e, às 09h15, fundeamos no porto do referido sítio de Santos, onde receberam-se 1.050 achas de lenha.

### **07 de Abril de 1854, Tarde**

**14h15.** Suspendemos.

## **08 de Abril de 1854, Manhã**

**05h00.** Passamos a foz do Rio Purus.

**10h00.** Chuva forte com vento de Norte.

**11h35.** Passamos a Aldeia de Manacapuru.

## **08 de Abril de 1854, Tarde**

**17h00.** Entramos na confluência do Solimões com o Rio Negro.

**19h.20.** Ancoramos no porto da Cidade da Barra, tendo gasto em toda a viagem redonda 28 dias e 15 horas [menos 8 dias e 3 horas do que gastou o "*Marajó*" na que fez em setembro e outubro de 1853].

Do tempo total gastaram-se 18 dias, 10 horas e 15 minutos em navegação, 9 dias, 13 horas e 33 minutos em demoras nos diferentes portos e 15 horas e 12 minutos perdidos em consequência de mau tempo, entre S. Paulo de Olivença e Tabatinga, um pouco acima da foz do paraná-mirim Caiari e entre Pebas e Chorococho.

O combustível gasto em toda a viagem foram 16 toneladas de carvão de pedra, que não era de boa qualidade e cerca de vinte mil achas de lenha. Além dos pequenos acidentes de que fizemos menção neste Roteiro, nenhum sinistro ocorreu.

O Agente da Companhia contratou em todos os pontos da Província, em que tocou o Vapor, o fornecimento de lenha pelo preço de 40 réis por acha posta à bordo, sendo lisonjeiro anunciar aqui que quando o Vapor regressou de Nauta já havia suficiente quantidade em todos os pontos, exceto em Tonantins, onde todavia o encarregado do fornecimento cuidava de aprontá-la o mais breve possível.



Secretaria do Governo da Província do Amazonas  
na Cidade da Barra do Rio Negro,  
4 de dezembro de 1854.

O Secretário da Província  
João Wilkens de Mattos



*Imagem 35 – João Wilkens de Mattos*





# **Manaus**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

## **Partida para Manaus (20.11.2008)**

Na noite de 19 para 20, que seria o dia da partida para Manaus, passei tranquilo, dormi bem. Ultimei, de manhã, alguns procedimentos que tinham ficado pendentes no Colégio Militar e em casa. Cheguei cedo ao aeroporto, por volta das 16h30 acompanhado de meus familiares. Ocorreu uma grande confusão com o problema da passagem, quitação de saldo, em decorrência da fusão da Gol com a Varig.

Tive de telefonar para o amigo Mairesse, que estava financiando as passagens, para que o problema, criado pela incompetência da Gol, fosse solucionado. Lembro dos bons tempos em que os aeroportos funcionavam como um relógio suíço, hoje o caos parece ter se instalado e mais parece um mercado persa.

O problema só foi resolvido após as 18h00. Sorte minha porque meu voo que estava previsto para as 18h00, só saiu às 18h45. Embarquei com destino a Brasília e cheguei lá exatamente na hora em que o voo deveria estar partindo para Manaus. Na correria, esqueci meu carrinho para carregar o caiaque e, apesar de contatar, insistentemente a Gol, o dei como perdido.

Mais uma vez a desorganização no atendimento da empresa se fez patente com funcionários desmotivados e irritados atendendo o público. O atraso do voo de Brasília para Manaus foi providencial, permitindo que eu embarcasse sem maiores problemas.



Cheguei a Manaus às vinte e três horas, hora local, com meia hora de atraso. Os Militares designados pelo Cel Abreu, Comandante do Colégio Militar de Manaus (CMM), onde ficarei instalado, estavam me aguardando. Soube, por eles, que a Fabíola já havia chegado em Manaus e estava instalada no Colégio Militar.

### **Manaus (21.11.2008)**

No dia 21, eu e a Fabíola tomamos o café da manhã com o Coronel Abreu. Ele nos apresentou à sua equipe na reunião do bom dia do Comandante. O Abreu mostrou-se muito surpreso com o projeto e nos caracterizou como loucos. É lógico que, depois de todo o planejamento e treinamento a que me submeti, a minha avaliação sobre o projeto é bastante diferente.

Saímos, logo em seguida, para fazer algumas compras, tomar um bom suco natural de graviola e realizar os contatos via celular. Devido à chuva intensa, tivemos problemas de ligação com as operadoras locais e não consegui contatar o Cel Ebling, o Comandante da Polícia Militar e os outros elementos importantes.

Após o almoço, passeamos pelo centro de Manaus e mostrei à Fabíola as construções da época áurea da borracha, como o Teatro Amazonas, o Palácio da Justiça, a Igreja e a Praça de São Sebastião, frontal ao Teatro Amazonas, e seu belíssimo monumento. O prédio da Igreja de São Sebastião tem estilo neoclássico com alguns elementos medievalistas e foi construído em 1888. O monumento no centro da Praça de São Sebastião é consagrado ao ato de abertura do Rio Amazonas ao comércio mundial e foi inaugurado em 1867, por iniciativa do Dr. Antônio Davi Vasconcelos de Canavarro, quando diretor das Obras Públicas.

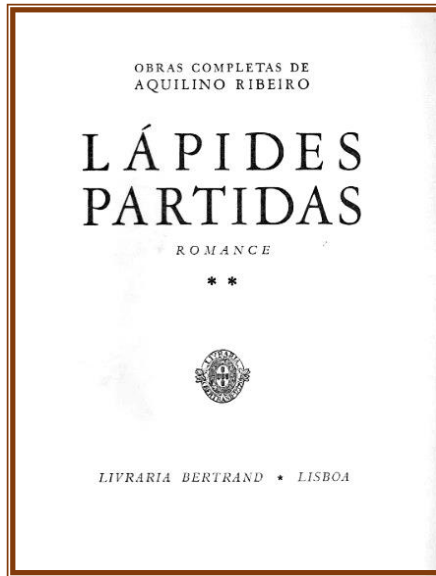


Imagem 38 – *Lápides Partidas* (Aquilino R., 2017)

O monumento traz a figura mitológica de Mercúrio e quatro naves de bronze que representam a Eurásia, África, América, Oceania e Antártida que, infelizmente, só com muita dificuldade se consegue identificar um traço, um detalhe que lembre de fato o Continente que as naves deveriam caracterizar.

*Embaixo, densa população enxameava uma larga Praça. Patarroxa, que não perdia pitada quanto a sobrancear-me, com mais envaidecimento do que se tivesse sido ele o calceteiro, chamou-me a atenção para a maneira como era empedrado aquele precioso Rossio: ondas pretas e brancas, representadas por meias-luas alternantes de calcário e basalto, que iam rolando, rolando umas sobre outras em ritmado galão. E eu, com a ufana ousadia dum ocupante, fui pisando esse interminável mosaico de curvas e contracurvas, de modo a produzir a imagem, inocente imagem, do Mar Alto.*

(Aquilino Ribeiro, *Lápides Partidas*, 2017)

Chamei a atenção dela para o calçamento em torno dessa Praça que foi copiada da Praça Dom Pedro IV ou Praça do Rossio (antiga Rocio Velho, Lisboa, Portugal). As ondas pretas e brancas que lá reportam o Mar Alto, dos antigos e intrépidos navegadores portugueses, aqui representam o encontro das águas do Rio Negro e do Solimões.

## **Manaus (22.11.2008)**

De manhã, saímos para algumas providências administrativas no chuvoso centro de Manaus. Eu não havia conseguido nenhum contato, as operadoras continuavam com problemas devido às chuvas. Fomos até o Quartel General da Polícia Militar (QGPM), tentar um contato pessoal com o Cel Leão, perto do hotel Kyoto.

Ao lá chegarmos, as instalações do antigo QGPM estavam sendo transformadas em Museu e a Praça Heliodoro Balbi, com mais de um século de existência, conhecida como Praça da Polícia, estava fechada para reformas. Novamente não foi possível estabelecer contato com meu amigo da Polícia Militar. Manaus é um grande canteiro de obras, as antigas construções estão sendo restauradas, a Cidade cresce e se moderniza a olhos vistos.

Passear por aquelas ruas onde eu guardara vivências tão caras, o Hotel Kyoto, onde ficava hospedado, com a minha família nos idos de 1982/83, por ocasião dos arejamentos (<sup>189</sup>), quando morávamos no Acampamento da 1ª Companhia de Engenharia de Construção (1ª Cia Eng Cnst) do 6º BECnst, no Abo-nari, AM, próximo à froterira de Roraima.

---

<sup>189</sup> Arejamentos: período de seis dias de descanso da labuta mensal ininterrupta na BR-174. (Hiram Reis)



*Imagem 39 – Praça Rocio Velho (www.expedia.com.br)*

## **Rossio** **(Augusto de Santa Rita)**



*Rossio: – Praça d’oiro... Pombos, pombas...  
El-Rei D. Pedro IV numa estátua,  
Em atitude um tanto ou quanto fátua (<sup>190</sup>);  
– [Poeta, cessa a ironia; porque zombas?!...]*

*É que El-Rei está tão alto, ao topo, ao fim  
Duma coluna tão estreita, em suma,  
Que a uma grande distância, lembra uma  
Tocha num candelabro de marfim.*

*Obra de artistas estrangeiros, tem,  
Contudo, em baixo, quatro maravilhas;  
Quatro figuras belas, nobres, filhas  
Da Arte clássica, a abençoada Mãe.*

*Dois grandes tanques, laterais,  
Aos quais os pombinhos, às vezes, vão beber;  
Tanques monumentais  
Que é um gosto ver.*

*Vendedeiras (<sup>191</sup>) de flores,  
Cujas cores,  
Em roda,  
Sob este Sol, – “made in Lusitania” –  
Enchem a Praça  
Toda,  
Da sua linda e momentânea  
Graça.*

*Praça  
Retangular;  
Rossio,  
Rico tesoiro (<sup>192</sup>),  
Que em doce e furtivo olhar,  
Por entre uma rua de oiro (<sup>193</sup>),  
Espreita, a distância, o Mar!*

---

<sup>190</sup> Fátua: petulante, presunçosa. (Hiram Reis)

<sup>191</sup> Vendedeiras: vendedoras ambulantes. (Hiram Reis)

<sup>192</sup> Tesoiro: tesouro. (Hiram Reis)

<sup>193</sup> Oiro: ouro. (Hiram Reis)





*Imagem 40 – Estação Ferroviária do Rossio*

*Formigueiro de gente  
Num vaivém,  
Poalha <sup>(194)</sup> de oiro, faúlhando <sup>(195)</sup> em nosso olhar;  
Elétricos, "coupés" <sup>(196)</sup>  
E "autos" em permanente  
Buzinar.*

*Ao fundo, em peristilo <sup>(197)</sup>,  
O Teatro Nacional e,  
Um pouco mais além,  
A Central  
Do Rossio – a linda "gare" <sup>(198)</sup> –  
Com seu formoso, manuelino estilo!*

---

<sup>194</sup> Poalha: poeira leve que se mantém suspensa no ar. (Hiram Reis)

<sup>195</sup> Faúlhando: lançando centelhas, faíscas. (Hiram Reis)

<sup>196</sup> Coupés: carros esportivos. (Hiram Reis)

<sup>197</sup> Peristilo: frontispício de um edifício composto de colunas isoladas.

<sup>198</sup> Gare: Estação Ferroviária do Rossio. (Hiram Reis)

Visitar as ruelas onde fazíamos as compras, os barzinhos, alguns já não existem mais, onde fazíamos as refeições. São memórias bastante importantes, se considerarmos, como dizem, que recordar é viver duas vezes. Foi uma excelente experiência relembrar alguns dos mais felizes períodos de minha existência.

Retornando ao CMM, o Coronel Ebling me telefonou dizendo que estava estacionado ao lado do Colégio com o caminhão e os dois caiaques prontos para se deslocar ao porto e me perguntou se eu queria acompanhá-lo. Nós o acompanhamos e, graças à perícia do motorista, conseguimos chegar, pois nos arredores do porto de Manaus se encontra o mais caótico trânsito que eu já observei em toda a minha vida.

Em janeiro, quando concluímos a missão, o novo Prefeito havia alterado a mão de diversas ruas do centro e a coisa melhorou bastante. Conseguimos chegar até o cais flutuante onde estava ancorada a embarcação da "*M. Monteiro Comércio de Navegação*".

Auxiliamos o carregamento dos caiaques que foram acomodados na parte superior da embarcação, com a promessa de entregarem os mesmos por volta do dia 28 ou 29 de novembro em Tabatinga.

Convidado pelo Coronel Abreu fui, com ele ao "*almoço com a reserva*" no Clube Militar dos Oficiais. O ponto alto, como não poderia deixar de ser, foi o discurso do Gen Ex Augusto Heleno Ribeiro Pereira, indiscutivelmente, hoje, a maior liderança do Exército Brasileiro. O General Heleno citou as duas estratégias fundamentais adotadas na Amazônia Brasileira: a presença, com 28 organizações Militares, e a dissuasão, baseada na capacidade de combate e intervenção.

Ressaltou a qualidade do Soldado considerado, incontestavelmente, o melhor combatente de selva do mundo e, em relação às fronteiras, ressaltou ser muito difícil seu controle, mas que temos um sistema de vigilância bastante efetivo nas calhas dos principais Rios penetrantes, mas do ponto de vista do controle de ilícitos transnacionais ainda precisa melhorar muito.

Quanto ao efetivo, sublinhou que o que se deseja é a modernização dos equipamentos e meios de transporte para que se tenha a agilidade e flexibilidade compatíveis com a Amazônia. Quanto à possibilidade de intervenção estrangeira, foi taxativo afirmando que hoje a teoria intervencionista justifica todo tipo de ação pelo mundo.

O General fez duras críticas a certos companheiros da reserva que se transformam em verdadeiros Rambos da oratória e que, quando na ativa, nada fizeram que pudesse comprometê-los. Entrincheirados na reserva, passam a cobrar atitudes mais drásticas dos chefes Militares. O General foi aplaudido entusiasmamente por todos.

É impressionante poder observar uma liderança que ultrapassa as fileiras castrenses e galvaniza, de igual forma a sociedade civil.

No almoço, encontrei três diletos amigos da Arma de Engenharia, o General Da Cás, contemporâneo da Academia Militar das Agulhas Negras e meus ex-Cadetes e atuais Coronéis Crisóstomo e Almeida. Visitamos a exposição de um pintor local que, utilizando motivos da região, animais e frutas, construiu uma série de quadros em forma de mandala. Pretendo documentá-la e remeter as fotos para serem apreciadas pelos alunos do Colégio Militar de Porto Alegre.



Após a visita, fomos tomar um suco num barzinho em frente à galeria, quando ocorreu um *blackout* geral na Cidade de Manaus. Durante uns 30 minutos, a Cidade toda ficou sem luz. Logo após o retorno das luzes, retornamos para o pernoite no Colégio Militar.

## **Manaus (23.11.2008)**

Na manhã de domingo, nos dirigimos novamente à área em torno do Teatro Amazonas para tirar mais algumas fotografias. A Rua Eduardo Ribeiro, no centro da Cidade, é interrompida aos domingos e a população toma café da manhã nas barraquinhas montadas no meio da rua. Retornamos ao Colégio para realizar a transferência dos arquivos de áudio e fotos.

Exatamente às 11h30, o Coronel Ebling, como havia prometido, estava nos aguardando na frente do Colégio Militar de Manaus para nos levar para almoçar num restaurante próximo ao encontro das águas do Rio Negro e do Solimões. Antes, porém, fomos tirar algumas fotos do cais do porto e do cais flutuante construído pelos ingleses.

O cais é uma praça de guerra, os acessos lotados de pessoas e carga que se esbarram, os gritos dos carregadores, é uma confusão só. O velho mercado público está sendo totalmente revitalizado, pude então fotografar apenas a parte das ferragens.

Visitamos o mercado de peixe. Tirando a diversidade fantástica e a qualidade do pescado, a falta de higiene e a sujeira são capazes de afugentar os fregueses e embrulhar o estômago dos mais sensíveis. O mercado não está à altura das tradições pesqueiras e da grandeza de Manaus.

Fomos, então, ao bairro Educandos onde existe uma série de palafitas, estaleiros de barcos e postos de combustíveis flutuantes no Rio Negro.

Em seguida, fomos até o bairro Cachoeirinha observar uma área de Igarapé e palafitas que está sendo totalmente remodelada. Desde 2006, o Governo do Estado do Amazonas vem investindo pesado no Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM).

Os Igarapés são transformados em belos canais a céu aberto, são construídas galerias, vias urbanas, obras de saneamento básico, parques residenciais com áreas de lazer, quadras poliesportivas e pistas de skate. Em Cachoeirinha existe um Presídio em que toda a parede externa foi pintada imitando casarios coloniais.

Depois do passeio, nos dirigimos ao restaurante, onde degustamos pratos à base de tambaqui e pirarucu. Retornando ao CMM, passamos pela imponente igreja de São José dos Operários, para fotografá-la, considerada um dos pontos turísticos de Manaus. O Ebling tem sido nosso ponta de lança nesta operação.

Por volta das 18h30, voltei novamente à galeria, dessa vez com a finalidade de entrevistar o artista plástico José Barbosa Inácio Maciel, o homem das palafitas. Maciel tem vontade, já que serviu na Polícia do Exército, de expor seus trabalhos nos canteiros do Comando Militar da Amazônia (CMA).

Vou reproduzir o texto de minhas amigas professoras do Clube de História do Colégio Militar de Porto Alegre Patrícia Rodrigues Augusto Carra e Silvana Schuler Pineda que compilaram das gravações que fiz:

O Cel Hiram Reis e Silva, em visita à Galeria do Largo, galeria de arte localizada na região central de Manaus, teve seu olhar fortemente captado pelas obras criadas pelo artista plástico José Barbosa Inácio Maciel. Gravador e máquina fotográfica em punho, Cel Hiram entrevistou o artista para registrar a sua exposição e, também, a sua história de vida.

Inácio Maciel, como é conhecido, é autor de Palafitas. Tem 43 anos, já foi Guerreiro de Selva e, além de outras profissões que exerceu antes de viver da arte plástica, fez teatro no Rio de Janeiro e teatro de Rua em Los Angeles, Estados Unidos. Há 5 anos, Maciel teve a ideia de construir, para o seu gato chamado Esso, uma casinha de madeira [material inicialmente destinado ao descarte].

Esso ganhou uma casinha nova e Manaus, a exposição Palafitas. A maioria das peças da exposição retrata a natureza e/ou denuncia a degradação ambiental da Amazônia. São peças produzidas com material destinado ao descarte. Todo esse material é reciclado e transformado, por Maciel, em arte.

O artista utiliza materiais recicláveis, tais como espetinhos de churrasco, potes de margarina, cabos de vassouras, pó de serragem e pedaços de madeira coletados nas ruas e serrarias de Manaus. O trabalho com madeira parece "*estar no sangue*", uma vez que o pai do artista trabalhava na construção de embarcações no Amazonas.

O artista tem um outro projeto em vista e está em busca de um espaço físico para colocá-lo em prática. Qual é o projeto pretendido? Uma oficina de arte para atender meninas e meninos carentes com o objetivo de oportunizar a estas crianças o desenvolvimento do "*dom de criar*", do talento e do aprendizado de uma profissão.

Palavras do Artista e cidadão Inácio Maciel ao falar sobre o projeto em vista – *“eu não quero o dinheiro; o que falta é o espaço físico para desenvolver o trabalho”*.

Uma alternativa pensada para a concretização desse trabalho é o Projeto Palafitas em miniaturas. Este projeto objetiva a divulgação das peças da exposição Palafitas através de imagens fotográficas estampadas em meios impressos institucionais, tais como cartões postais, estampas em geral e material de divulgação de empresas interessadas.

Atingiria, assim, um número considerável de pessoas de diversas culturas, diferentes níveis sociais, conseguindo chamar a atenção para as questões envolvendo a natureza, os riscos da degradação ambiental e, ao mesmo tempo, angariar fundos para custear o projeto social idealizado pelo artista.

Não foi à toa que o olhar do Coronel Hiram foi fisgado pelas Palafitas de Maciel. O professor de Matemática do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) encontrou, em Manaus, um trabalho artístico que explora elementos que fizeram parte das preocupações cotidianas dos educadores do Colégio Militar de Porto Alegre no ano de 2008 – a sustentabilidade.

Assunto de trabalho interdisciplinar, a sustentabilidade gerou discussões, aqui no CMPA, envolvendo a preocupação com o meio ambiente e as possibilidades de ações concretas e cotidianas para o encontro de soluções para tal problemática.

Hiram encontrou, em Manaus, Inácio Maciel, um homem que, com suas mãos, transforma a densa discussão sobre sustentabilidade em beleza, reflexão e prazer estético. (Professoras Silvana Schuler Pineda e Patrícia Rodrigues Augusto Carra)



*Imagem 41 – Cidade Miniatura (Inácio Maciel)*



*Imagem 42 – Cidade Miniatura (Inácio Maciel)*

## **Manaus (24.11.2008)**

Pela manhã, fui até o Comando Militar da Amazônia (CMA) onde consegui contatar, por volta das oito horas, o General Da Cás. Fui extremamente bem recebido e ficamos conversando, com o irmão de arma, a respeito das questões relativas à Engenharia Militar, ao Exército Brasileiro e a toda problemática que envolve a Força na Amazônia. O Gen Da Cás fez um relato e projetou um filmete do CComSEx, da Operação Bianca do Ibama em parceria com o Exército Brasileiro.

Fizeram parte da operação quatro helicópteros, duas embarcações de médio porte, tipo ferry-boat, 80 Militares do Exército Brasileiro e 13 agentes do IBAMA.

Em cinco dias de trabalho ao longo dos 380 quilômetros do Rio Puruê, afluente do Japurá, foram apreendidas oito dragas e desmontados dois garimpos fixos que funcionavam em terra firme. Foi uma operação extremamente bem sucedida, uma verdadeira Operação de Guerra em que foram apreendidas nove balsas. As imagens não tiveram a devida divulgação pela mídia brasileira.



### **Operação Bianca do Ibama em Parceria com o Exército Brasileiro**



**Agência Ecologia**

**(Luciana Carvalho e Rodrigo Santori)**



**Link: [www.pick-upau.org.br](http://www.pick-upau.org.br) (Fonte IBAMA)**



Manaus [08.04.2008] – Desde sexta-feira [4] o IBAMA no Amazonas considera desmontado o garimpo que vinha sendo combatido desde 1994 no Rio Puruê, afluente do Rio Japurá, no Amazonas. A “Operação Bianca”, desencadeada em parceria com o Exército Brasileiro foi realizada em total sigilo. Nenhum dos mais de 200 homens que participaram da Operação sabiam sobre o trabalho, com exceção de alguns Oficiais da Armada e dois Analistas Ambientais do IBAMA. Em 2006 numa Operação semelhante, garimpeiros que mantêm uma rede de informantes ao longo dos 700 quilômetros que separam o Rio de Tefé, no meio do Estado do Amazonas, fugiram para a Colômbia, onde foram protegidos por uma unidade da Força Revolucionária daquele País [FARC], após terem conhecimento dos passos dos agentes da Polícia Federal e do Ibama, ocasionando o fracasso da Operação.

Desta vez foram utilizados quatro helicópteros do Exército Brasileiro e a fronteira foi o primeiro ponto a ser fechado, montado um bloqueio em Território Brasileiro no dia 19 de março. Nesse bloqueio foram apreendidas três dragas que tentaram fugir para a Colômbia, como fizeram na operação anterior. No mesmo dia, outro bloqueio foi montado com outro helicóptero na foz do Rio Puruê com o Rio Japurá.

Com duas embarcações de médio porte, tipo ferryboat, 80 militares e 13 agentes do Ibama entraram na calha do Rio dois dias depois. Equipes foram destacadas para vistoriar as entradas de cursos d’água, enquanto outras equipes, utilizando lanchas rápidas seguiam as coordenadas enviadas pelas equipes de reconhecimento aéreo. Em cinco dias de trabalho ao longo dos 380 quilômetros do Rio Puruê foram apreendidas todas as oito dragas que trabalham há anos no local, além de desmontar dois garimpos fixos que funcionavam em terra firme.

Uma draga que mantinha estrutura de garimpo e mercúrio, que estava junto a dragas legalizadas para extração de seixo no Rio Japurá também foi apreendida. Os infratores receberam um total de R\$ 98.844.500,00 em multa. O Rio Puruê está localizado na zona de amortecimento da Estação Ecológica Juami-Japurá. Todo o material apreendido foi levado para o terminal fluvial da 16ª Brigada de Infantaria de Selva do Exército em Tefé, em uma viagem de sete dias de navegação.

Das 63 pessoas encontradas no garimpo, 52 foram liberadas após serem cadastradas pelas instituições com foto e documentação e os 11 líderes do garimpo, identificados durante a Operação, foram levados de avião para a Superintendência da Polícia Federal em Manaus, onde foram indiciados pelos crimes ambientais. Além das nove dragas, foram apreendidas três balsas, três empurradores, 40 quilos de mercúrio e dois barcos regionais, além de diversas deslizadeiras, motores estacionários e muito combustível.

No total, a área que foi desocupada e toda a sua bacia hidrográfica têm mais de 1 milhão e 300 mil hectares, que somados à Estação Ecológica [ESEC] Juami-Japurá, formam uma área do tamanho do Estado de Sergipe, totalmente livre da ação danosa dos infratores. Para manter o sucesso da operação, Ibama e Instituto Chico Mendes estudam ampliar os limites da ESEC, ou mesmo criar uma nova unidade de conservação no local.

Todo o material apreendido segue para procedimentos administrativos. De acordo com o chefe da Divisão de Controle e Fiscalização do Ibama no Amazonas, Adilson Cordeiro, em pouco mais de 20 dias todo o material estará disponível para doação a instituições. (Agência Ecologia)



O Gen Da Cás me levou ao gabinete do Comandante Militar da Amazônia, General Heleno, nosso instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, que cordialmente sugeriu que eu levasse a maleta do SIVAM, para que pudesse me comunicar e, caso necessário, ser resgatado rapidamente, caso houvesse algum imprevisto. Infelizmente, a maleta era grande demais para os compartimentos de bagagem do caiaque, o seu uso seria aconselhável caso tivéssemos um barco de apoio.

De qualquer forma, agradecemos ao General o empenho dado à missão. Em seguida, o General Da Cás levou-me, então, para o E5 e me apresentou o seu assistente, Major Marujo. Repassei a ele todas as minhas pretensões em relação ao projeto, quando retornasse em janeiro a Manaus já que, nessa oportunidade, pretendia contatar o IBAMA, FUNAI, CBA, Paranapanema e a Eletronorte.

O Major Marujo confirmou, mais tarde, que já havia mandado ofício para todas as entidades. Falei para o Marujo sobre o desejo do artista plástico Inácio Maciel de expor sua obra no CMA e passei a ele o telefone de contato.

Às catorze horas, fomos levados, pelo Ebling, até o General Jamil Megide Júnior, Comandante do 2º Grupamento de Engenharia de Construção (2º GECnst). O General Megide garantiu-nos total apoio no retorno e disse que tinha no INPA um elemento importante, o Tenente Roberto Stieger, determinando ao seu oficial de relações públicas que fizesse os devidos acertos para que eu entrasse em contato com ele. À noite, mais um passeio e visita ao interior do Palácio da Justiça.

## **Manaus (25.11.2008)**

Por volta das nove horas, entrei em contato com o Ten-Cel PM Rômulo, do Comando do Policiamento do Interior e ele determinou que seu motorista, o Cabo Cosme, me levasse até o QG da Polícia Militar. O TC PM Rômulo, na oportunidade, me apresentou o Sr. Fábio da Siva Cabral, Prefeito eleito da Cidade de Tonantins, que irá assumir a prefeitura em janeiro de 2009. Fábio Cabral colocou à disposição hotel e alimentação gratuitamente quando passássemos por Tonantins. Na oportunidade, ele redigiu um bilhete para ser apresentado ao seu irmão Álvaro.

Retornei ao Colégio para almoçar e, antes, saí para comprar algumas plantas medicinais que o pessoal da Química tinha encomendado para estudar. O almoço, no CMM, contou com a presença do Roberto Stieger que indagou bastante a respeito do projeto e, segundo deu para perceber, tinha severas restrições à execução do mesmo. Ele nos levou a passear pela Cidade e depois ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) onde fomos apresentados à pesquisadora chefe do laboratório de mamíferos aquáticos amazônicos, Vera Maria Ferreira da Silva. Ele marcou um jantar com a Vera e fomos para a casa do Tenente Stieger onde ele apresentou seu impressionante aparato. O Stieger tem como missão acompanhar pesquisadores em locais de difícil acesso ou inóspitos além de ser encarregado de realizar o resgate de elementos do INPA e outras instituições que por acaso tenham se perdido na selva. No jantar, a Vera, uma mulher agradável, extremamente inteligente e bem-humorada, ficou de ver se conseguiria autorização para que entrássemos na Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá (RDS Mamirauá).

O INPA possui um “*flutuante*” chamado boto vermelho dentro da reserva e ela conhece, pessoalmente, o Gerente Operacional do Projeto, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, mais conhecido como “*César*”.

## **Manaus (26.11.2008)**

Hoje de manhã tentei, insistentemente, e sem resultado, entrar em contato com a pesquisadora Vera Maria Ferreira da Silva, do INPA, para informá-la do contato que estabeleci com o Abedelack, auxiliar do Gerente de Operações do Instituto Mamirauá. O Abedelack havia informado que, para liberar a utilização de um flutuante do Instituto, eles teriam de receber uma ordem expressa do Instituto.

Por volta das onze horas, o Coronel Martini me levou até a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) para que eu entrasse em contato com o pró-reitor Dr. Rogélio Casado que queria fazer uma parceria conosco. Deixei com ele uma cópia do projeto e, depois de conversarmos um pouco e tirarmos algumas fotos, o Rogélio convidou-me para fazer palestras a seus alunos nas localidades em que passasse e houvesse instalações da UEA.

Fui, então, até o aeroporto para receber o Romeu Henrique Chala e, depois de instalá-lo no Colégio Militar de Manaus, levei-o até um barzinho próximo ao Teatro Amazonas onde o seu amigo “*peixinho*” e a esposa Kátia o esperavam. A Kátia é jornalista e aproveitou a oportunidade para entrevistar-nos. À noite participei de um jantar de despedida com o Ebling, seu pai, seu primo Paulo Ebling, o senhor Paulo Roberto e o meu ex-Cadete Magela.

## **Manaus (27.11.2008)**

Acordei às 05h30 para ultimar os preparativos da viagem para Tabatinga e fiz o "Upload" de arquivos de fotos para o site. Na chegada ao aeroporto, a Fabíola verificou que havia esquecido a carteira com documentos e dinheiro no CMM. Pedi socorro para o Coronel Martini, que se encontrava no Colégio, e ele prontamente resolveu a questão indo pessoalmente levar a carteira da Fabíola.

Embarcamos no horário previsto, 10h10, e cinco minutos depois decolávamos. Minha equipe, mal o avião estabilizou, adormeceu enquanto eu não conseguia despregar os olhos da bela calha do Solimões. Admirava a série de praias ainda existentes tendo em vista que o Rio ainda não alcançara o pico da cheia. Controlando a hora em relação à velocidade do avião, pude comparar, quando a nebulosidade o permitia, mentalmente, o traçado dos mapas com o terreno identificando e confirmando, com meu planejamento, diversos furos importantes que me permitiriam economizar tempo e energia.

## **Manaus – Reflexões**

É interessante como as vivências passadas influenciam nosso modo de ver as coisas, de encarar a realidade. Em Manaus, tudo me fazia recordar os bons tempos, o convívio diário com minha esposa e as crianças nos "arejamentos". Sempre comparei minha esposa a uma Valquíria, uma guerreira, que na retaguarda me amparava e estimulava a enfrentar os desafios de uma estrada golpeada pela inclemência das amazônicas intempéries.

A Vanessa com quase dois anos e a Danielle com três meses, careciam de atenção especial já que o trabalho me compulsava a ser um pai ausente. Andando pelas ruas, pelos locais de tão gratas lembranças, uma profunda e grata nostalgia invade todo o meu ser. Por isso, talvez, minha visão para as manifestações artísticas tenha sido exacerbada.

## ***Liberdade*** **(Fernando Pessoa)**



*Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não fazer!  
Ler é maçada,  
Estudar é nada.  
Sol doira  
Sem literatura  
O Rio corre, bem ou mal,  
Sem edição original.*

*E a brisa, essa,  
De tão naturalmente matinal,  
Como o tempo não tem pressa...*

*Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.*

*Quanto é melhor, quanto há bruma,  
Esperar por D.Sebastião,  
Quer venha ou não!*

*Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças. [...]*



*Imagem 43 – Gen Heleno e Gen Da Cás – Manaus, AM*



*Imagem 44 – Teatro Amazonas – Manaus, AM*



*Imagem 45 – Bairro Cachoeirinha e Penitenciária – Manaus, AM*



*Imagem 46 – Bairro Educandos – Manaus, AM*





*Imagem 47 – Monumento e Igreja São Sebastião – Manaus, AM*



*Imagem 48 – Praça S. Sebastião – Manaus, AM*





*Imagem 49 – Cidade das Motos – Tabatinga, AM*



*Imagem 50 – Moto-Táxi Colombiano – Tabatinga, AM*



*Imagem 51 – Cmdo de Fronteira do Solimões – Tabatinga, AM*



*Imagem 52 – Restaurante Tierras Amazonicas – Leticia, CO*





*Imagem 53 – Portobras – Tabatinga, AM*



*Imagem 54 – Portobras – Tabatinga, AM*

# ***Tabatinga***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

## **Tabatinga (27.11.2008)**

Em Tabatinga, as experiências são novas, a Cidade, as pessoas são páginas em branco prontas para serem formatadas. Chegamos a Tabatinga por volta das treze horas, hora local.

Além de os celulares não funcionarem, não havia nenhuma viatura militar nos esperando. Tentei, pelo telefone público, ligar para a Polícia Militar, pelo 190, sem sucesso.

Contatei um senhor que ali se encontrava para verificar o que poderia fazer para entrar em contato com o Exército e ele prontamente se ofereceu para me levar, no seu táxi, até o Comando de Fronteira do Solimões (CFSol).

No deslocamento, fiquei sabendo que se tratava do Prefeito reeleito de Santo Antônio do Içá, Senhor Antunes Bitar Ruas. O Prefeito disse que já tinha conhecimento do Projeto Desafiando o Rio-Mar e afirmou que nos apoiaria integralmente quando chegássemos à sua Cidade.

O revés sofrido na chegada a Tabatinga foi mais que suprido com mais esta garantia de pousada e alimentação por conta da prefeitura de Santo Antônio do Içá. O Ten-Cel Élcio, Comandante do aquartelamento, ficou bastante irritado com a falha do seu pessoal de relações públicas. Fomos instalados no Hotel de Trânsito, as instalações eram simples, mas bastante confortáveis e higiênicas.

À tarde, fizemos contato com o administrador geral da FUNAI, senhor Davi Félix Cecílio, para dar-lhe ciência de nossa passagem por algumas Aldeias ao longo do caminho e pedindo sua autorização para pernoitar nelas. Entreguei a ele um ofício elaborado pela Seção de Relações Públicas do CFSol que ele encaminhou às Comunidades informando do nosso intuito.

O Davi foi muito atencioso e identificou um erro de localização da Comunidade em que iríamos parar, no mapa número 03. Tiramos fotos com o simpático administrador e nos dirigimos ao Comando da Polícia Militar. O seu Comandante, Coronel Evandro Silva Albuquerque, se prontificou a apoiar-nos e indicou a localização de seus destacamentos.

Retornando ao Hotel de Trânsito, encontramos o Major Gerhardt que havia servido conosco, anos atrás, no Colégio Militar de Porto Alegre. Combinamos nos encontrar, à noite, num barzinho chamado "*Palhoça*" para lembrar os velhos tempos. O pessoal das relações públicas nos deixou em Letícia, na Colômbia.

O movimento de motos nas duas Cidades é impressionante. No retorno, demos uma passada no Hospital Militar para ver se o Gerhardt tinha conseguido algumas vitaminas para os despreocupados companheiros de jornada. Infelizmente o estoque era mínimo e não pôde nos atender.

A grande indignação da população local era em relação a uma recente reportagem sensacionalista vinculada pela grande mídia que havia caracterizado Tabatinga como uma Cidade de marginais e sem lei. Não observei nenhuma diferença, no que tange à violência, das demais Cidades brasileiras.

# CORREIO BRAZILIENSE

TERÇA-FEIRA

Brasília, Distrito Federal,  
18 de março de 2008  
www.correiobraziliense.com.br

LONDRES, 1808; HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA, BRASÍLIA, 1960; ASSIS CHATEAUBRIAND

EXEMPLAR DE ASSINANTE

VENDA PROIBIDA

Número 16.375  
R\$ 2,00 • 38 páginas

## EUA alertam o Brasil

DA REDAÇÃO

A descoberta, na sexta-feira, de uma plantação de coca a 150km da cidade de Tabatinga, no Amazonas, despertou o interesse da Agência Federal de Combate às Drogas (DEA, sigla em inglês) dos Estados Unidos. O órgão pediu ontem que as autoridades brasileiras fiquem atentas ao primeiro caso de cultivo da planta encontrado no lado brasileiro do Rio Amazonas. "Não nos parece que o Brasil tornou-se um importante produtor. Mas é preciso que as agências permaneçam vigilantes", declarou o porta-voz da DEA, Garrison Courtney, à agência de notícias *Associated Press*.

De acordo com o 8º Batalhão de Infantaria de Selva (8º BIS), do Exército brasileiro, responsável pela descoberta e queima do material, a área de dois hectares possuía mais de sete mil pés de coca. Até agora, só se registrava no Brasil a presença de uma planta similar, o epadu, menos capaz de produzir cocaína.

Para a DEA, essa é a prova de que a droga, geralmente cultivada em regiões montanhosas de países andinos, tem sido plantada com sucesso em outras áreas, devido ao desenvolvimento de variantes híbridas. "O Amazonas é uma área perfeita, com toda a sua vegetação e zonas desabitadas. Cria uma oportunidade quase perfeita. Os narcotraficantes estão sempre buscando áreas novas", destacou Courtney.

### Fronteira

Tabatinga faz divisa com a cidade colombiana de Letícia, e a região é conhecida por ser um canal de livre trânsito, o que facilitaria o tráfico de drogas. No entanto, a zona em que foi encontrada a plantação, ao sul de Tabatinga, é mais próxima à fronteira do Brasil com o Peru.

A descoberta foi feita com a ajuda de imagens de satélite, e os pés de coca já estavam em ponto de colheita. As plantas estavam escondidas sob lavouras de mandioca e abacaxi. Foi encontrado um laboratório e material utilizado no refino da droga — galões de ácido sulfúrico, sacos de cimento, cal e amônia. A pasta base da cocaína seria contrabandeada pelos rios da região até cidades maiores, como Manaus, de onde segue para o resto do país ou para o exterior.

Segundo o delegado-geral da Polícia Civil do Amazonas, Vinícius Diniz, a ação de sexta-feira mostra que a área tem sido monitorada com eficácia. "Eles tentam criar coisas diferentes, mas a integração das forças tem um resultado positivo. Estamos conseguindo mostrar para eles que a região é protegida e, com a união das inteligências (do Exército e da Polícia Civil), chegamos ao êxito dessa operação", avaliou.



**Correio Braziliense n° 16.375 – Brasília, DF**  
**Terça-feira, 18.03.2008**

—> {C} {S} <—  
**EUA Alertam o Brasil**  
—> {C} {S} <—  
**Da Redação**  
—> {C} {S} <—

A descoberta, na sexta-feira, de uma plantação de coca a 150 km da cidade de Tabatinga, no Amazonas, despertou o interesse da Agência Federal de Combate às Drogas [DEA, sigla em inglês] dos Estados Unidos. O órgão pediu ontem que as autoridades brasileiras fiquem atentas ao primeiro caso de cultivo da planta encontrado no lado brasileiro do Rio Amazonas. *“Não nos parece que o Brasil tornou-se um importante produtor. Mas é preciso que as agências permaneçam vigilantes”*, declarou o porta-voz da DEA, Garrison Courtney, à agência de notícias Associated Press.

De acordo com o 8º Batalhão de Infantaria de Selva [8º BIS], do Exército Brasileiro, responsável pela descoberta e queima do material, a área de dois hectares possuía mais de sete mil pés de coca. Até agora, só se registrava no Brasil a presença de uma planta similar, o epadu, menos capaz de produzir cocaína. Para a DEA, essa é a prova de que a droga, geralmente cultivada em regiões montanhosas de Países Andinos, tem sido plantada com sucesso em outras áreas, devido ao desenvolvimento de variantes híbridas.

*“O Amazonas é uma área perfeita, com toda a sua vegetação e zonas desabitadas. Cria uma oportunidade quase perfeita. Os narcotraficantes estão sempre buscando áreas novas”*, destacou Courtney.

## Fronteira

Tabatinga faz divisa com a Cidade Colombiana de Letícia, e a região é conhecida por ser um canal de livre trânsito, o que facilitaria o tráfico de drogas. No entanto, a zona em que foi encontrada a plantação, ao Sul de Tabatinga, é mais próxima à fronteira do Brasil com o Peru.

A descoberta foi feita com a ajuda de imagens de satélite, e os pés de coca já estavam em ponto de colheita. As plantas estavam escondidas sob lavouras de mandioca e abacaxi. Foi encontrado um laboratório e material utilizado no refino da droga – galões de ácido sulfúrico, sacos de cimento, cal e amônia. A pasta base da cocaína seria contrabandeada pelos Rios da região até cidades maiores, como Manaus, de onde segue para o resto do País ou para o exterior.

Segundo o delegado-geral da Polícia Civil do Amazonas, Vinícius Diniz, a ação de sexta-feira mostra que a área tem sido monitorada com eficácia. *“Eles tentam criar coisas diferentes, mas a integração das Forças tem um resultado positivo. Estamos conseguindo mostrar para eles que a região é protegida e, com a união das inteligências [do Exército e da Polícia Civil], chegamos ao êxito dessa operação”*, avaliou. (CORREIO BRAZILIENSE Nº 16.375)





## **Tabatinga (28.11.2008)**

À tarde, fomos até as instalações da PORTO-BRAS e o senhor José, vigia, autorizou nossa entrada. Observamos as embarcações da marinha e algumas voadeiras (lanchas) do CFSol em operação no Rio. Depois tiramos algumas fotos com o pessoal da Vivo, ficamos fazendo "hora" até chegar o momento da entrevista na UEA.

Às 17h00, chegamos à UEA para uma reunião com o gestor senhor Roberto Faria (Duda) e o Suboficial Clementino, da Marinha do Brasil. O Clementino me indicou uma série de contatos com os quais poderia contar ao longo do caminho além de retificar, também, algumas localizações e nomes de localidades nos meus mapas. Ele sugeriu que pernoitássemos no posto da Polícia Federal em vez de fazê-lo em Belém do Solimões. O Clementino nos convidou para um almoço na sua residência, no sábado (29).

À noite, resolvemos jantar em Letícia. Caía uma chuva torrencial e, durante uma breve estiagem, meus afoitos companheiros acompanhados do Major Gerhardt resolveram ir a pé, embora São Pedro desse visíveis sinais de que a chuva continuaria.

Tivemos de parar no meio do caminho, pois a chuva voltara com mais intensidade ainda e, para completar, faltou luz em todo o lado brasileiro da fronteira. Estávamos abrigados tentando conseguir um transporte quando se apresentou um menino dizendo que, por um real, ele conseguiria um táxi. Concordei com a proposta e, depois de algum tempo, apareceu um táxi que parecia ter saído do ferro velho, uma legítima camicleta, caindo aos pedaços, sem forro nas portas e a porta do

lado do copiloto presa com arame. O motorista tinha uma aparência que combinava com seu carro. O restaurante "*Tierras Amazonicas*" é um restaurante exótico, de muito bom gosto.

A Fabíola perguntou ao garçom o que eles tinham de mais típico para se jantar e o rapaz bem-humorado lhe trouxe um gordo e reluzente tapuru vivo (199) que ficou passeando pela mesa. Logicamente ela recusou a oferta e resolveu dar uma olhada mais cuidadosa no cardápio.

### **Tabatinga (29.11.2008)**

Hoje de manhã retornamos à Vivo para entregar as fotos que eu havia tirado para serem usadas como propaganda. O objetivo do Romeu, com isso, era conseguir uma assinatura gratuita da Vivo. Eu e o Romeu concedemos uma entrevista para a radialista Lana Micol da rádio Mesorregional do Alto Solimões FM 670 khz e, em seguida, fui entrevistar o Tenente Coronel Élcio. Ao meio-dia, em ponto, o Clementino veio nos pegar para o almoço em sua residência como tinha agendado. A dupla, como bons brasileiros, não se encontrava no Hotel na hora combinada e eu fui sozinho para a residência do Clementino que já estava preparando um enorme tambaqui assado.

---

<sup>199</sup> Tapuru: estágio larvário de um animal invertebrado, encontrado no interior dos cocos de algumas palmáceas como o dendê, a piaçava, o licuri, o inajá e o babaçu. Sua utilização como fonte de alimento foi herdada pelo caboclo e pelo combatente de selva, do costume tradicional Indígena das tribos Paracanã, Tirió, Tucano e Ianomâmi, onde é consumido e conhecido, também, com a denominação de naatanga. As tropas de selva do Exército Brasileiro, na época de escassez e em exercícios de sobrevivência, utilizam o tapuru como meio de subsistência e nutrição, pelo seu alto valor nutritivo, sendo uma importante fonte de proteína e carboidratos e um excelente alimento. (Hiram Reis)



*Imagem 56 – Radialista, da EBC, Lana Micol.*

Encontrei o Roberto Faria (Duda), diretor da Universidade, e conhecemos alguns amigos como o professor Sebastião Rocha de Sousa da UEA e o senhor Miguel, assessor do Prefeito de Tabatinga.

Durante o almoço, todos deram dicas importantes em relação aos contatos e locais onde parar e possíveis apoios. À noite, fui até uma “*Lan House*” em Letícia, aonde a velocidade da internet era consideravelmente mais rápida, para enviar os arquivos e jantar.

### **Entrevista com o Ten Cel Antônio Élcio F. Filho**

Vou reproduzir, na íntegra, a entrevista do Cel Antônio Élcio Franco Filho procurando mostrar o trabalho patriótico e hercúleo desempenhado pelos nossos valorosos Guerreiros de Selva nos confins da Amazônia Brasileira.

Sou o Tenente Coronel de Infantaria Antônio Élcio Franco Filho, meu nome de guerra é Élcio, sou da turma de 1986 da Academia Militar das Agulhas Negras, AMAN, nasci na Cidade de Alvinópolis, Estado de Minas Gerais, casado, tenho dois filhos adolescentes.

Vim para Tabatinga comandar o CFSol, 8º Batalhão de Infantaria de Selva (8º BIS), Organização Militar da 16ª Brigada de Infantaria de Selva (16ª Bda Inf SI), sediada em Tefé, AM, como um sonho de carreira militar. Vim com a minha família para cá, eu tinha 70 organizações Militares para comandar e essa foi a minha primeira opção.

No decorrer da minha carreira, realizei o Curso Básico e Avançado de Montanhismo, Curso Básico Paraquedista, Estágio de Mestre de Salto Básico e Estágio de Mestre de Salto Livre, Curso de Ações de Comando, Curso de Forças Especiais e o Curso de Operações na Selva.

Servi no 11º Batalhão de Infantaria de Montanha assim que me formei; de lá fui para a Brigada Paraquedista, Batalhão de Forças Especiais, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, 2º Batalhão de Infantaria de Selva, em Belém, minha primeira unidade no Comando Militar da Amazônia. Eu já tinha vindo à Amazônia em Operações quando estava servindo no Batalhão de Forças Especiais.

Fui, então, designado pelo Exército, para uma missão de Paz das Nações Unidas (NU), em Angola onde eu passei um ano. De Angola, eu fui para a Seção de Instrução Especial, SIEsp, da AMAN, onde eu fiquei três anos e meio.

Retornei ao Batalhão de Forças Especiais e depois para a Escola de Comando e Estado Maior, ECEME.

Após a ECEME, como integrante do Estado Maior, fui um dos pioneiros na implantação na Brigada de Operações Especiais em Goiânia, onde fiquei por dois anos, retornando à SIEsp, na AMAN, como instrutor chefe e estou agora completando meu 1º ano de comando no CFSol, 8º BIS. A unidade é muito peculiar, somos uma unidade dual, diferente de outras unidades de Infantaria, porque é um Comando de Fronteira e um Batalhão de Infantaria de Selva.

Nós temos a missão de habitar e nos fazer presentes na região de fronteira auxiliando a população, de manter os quatro Pelotões Especiais de Fronteira, PEF, em Palmeira do Javari e Estirão do Equador, na fronteira com o Peru, a Sudoeste de Tabatinga, e ao Norte em Ipiranga e Vila Bitencourt, na fronteira com a Colômbia.

Nós temos como missão, já que temos populações satélites que se estabeleceram ao redor destes Pelotões, suprir, realizar evacuações médicas e realizar o rodízio de nossos efetivos e seus familiares periodicamente. Em Tabatinga, a peculiaridade da Cidade é que ela se formou em decorrência da Colônia Militar de Tabatinga, criada em 1967.

Era um pequeno povoado do Município de Benjamin Constant e, com a criação da Colônia Militar de Tabatinga, a Cidade foi crescendo e, em decorrência, também da vizinha Letícia que é Capital do Departamento do Amazonas, da Colômbia. Em 1982, houve a emancipação do Município que, hoje em dia, tem cerca de 40.000 habitantes enquanto o nosso criador Benjamin Constant, tem uns 30.000 habitantes. O Município cresceu no entorno do Exército e tem essa consciência. Antigamente era Comando Especial de Fronteira e Batalhão Especial de Fronteira. O Hospital da Guarnição de Tabatinga é um Hospital do Exército e é ele que provê todo o apoio médico do Município.

É um grande trabalho que o Exército executa na Guarnição. Não há um Hospital Civil, o Hospital atende pelo SUS em convênio com o Estado do Amazonas com a descentralização de recursos e são os nossos médicos Militares que dão todo esse apoio.

O PEF, tem também um médico, um dentista e um farmacêutico que realizam o pronto atendimento e, eventualmente, um atendimento mais especializado ou, se necessário, orientam nas evacuações. Os elementos de saúde atendem o pessoal militar, seus familiares e a toda população civil que está posicionada ao redor dos Pelotões.

Esta é a parte do Comando de Fronteira. Como Batalhão de Infantaria de Selva, o BIS realiza anualmente a incorporação com todos os períodos de instrução do ano, instrução individual básica, de qualificação, cursos de formação de Cabos e período de adestramento com operações.

Nós também somos encarregados de realizar cursos de Formação de Sargento Temporário, Estágio de Adaptação e Serviço para Médicos, Dentistas, Farmacêuticos e Veterinários, EAS MDFV, que são os elementos de saúde convocados para prestar o serviço militar inicial e que vão mobilizar nossos PEF, nossa Unidade e nosso Hospital.

Eles passam por aqui para fazer o estágio e recebem aquela tintura, aquela primeira formação militar antes de desempenharem suas atividades como militares. Participam também de Operações Militares no contexto do Comando Militar da Amazônia e de outras tarefas impostas pela Brigada ou de demandas da nossa região de fronteira. Cabe ressaltar que o Exército na região de fronteira, amparado no Decreto nº 3897, de 24.08.2001, e das Leis Complementares nº 97 e 117, tem poder de polícia na

faixa de fronteira, que é a faixa que vai desde a linha de fronteira até 150 km para o interior do País.

Graças ao poder de polícia, ele pode, por iniciativa própria, ou em cooperação com a Polícia Federal, com a Receita Federal, com o IBAMA, e com outros órgãos do Estado, promover ações a fim de coibir ilícitos transfronteiriços sejam eles ambientais, narcotráfico, tráfico de armas, munições, contrabando, descaminho, qualquer tipo de ilícito que ocorra.

Temos ainda o transporte ilegal de madeira e a captura e transporte de animais silvestres. O Exército atua em todas estas áreas na faixa de fronteira nos PEF e na Cidade de Tabatinga, trabalhando em conjunto com esses órgãos. No momento, nós estamos realizando uma Operação Militar – Operação Curare – e estamos em contato estreito com a Polícia Federal, com o IBAMA, com a Capitania Fluvial de Tabatinga e com a Receita Federal. Essa operação visa, como já disse, coibir estes ilícitos transfronteiriços, estamos em pontos de principal afluxo de embarcações e de pessoas na Cidade, próximos aos portos e acessos ao Município.

A ação visa coibir esses ilícitos e estamos aproveitando a oportunidade para desenvolver uma campanha educacional de segurança no trânsito, que estamos fazendo pela terceira vez.

Dessa vez, com uma maior eficiência, já distribuímos 10.800 panfletos orientando sobre a obrigatoriedade do uso do capacete e equipamentos de proteção de uma maneira geral, como calçado fechado, viseira do capacete, uso da jugular, trafegar de farol aceso; no caso dos automóveis, utilização do cinto de segurança, da obrigatoriedade da CNH, portar a documentação do carro legalizada junto ao Detran, Certificado de Licenciamento do Veículo.

Acho que temos colhido significativos frutos.

Tabatinga é uma Cidade que tem tido uma grande incidência de crimes e assassinatos principalmente por pessoas envolvidas com ilícitos e, felizmente, desde que iniciamos a Operação, desde a zero hora do sábado passado [22.11.2008], até o momento, não ocorreu nenhum crime desta natureza, pelo menos que tenha chegado ao meu conhecimento.

Acredito que a população tem entendido bem e acho que vamos colher frutos para que nós tenhamos um trânsito de paz, um trânsito de mais segurança no Município. A Cidade já é reconhecida, pela mídia nacional, pelo desrespeito às leis de trânsito e pelo não uso do capacete.

Acho que isso é muito ruim, a Cidade tem de ser conhecida pelas suas virtudes e não pelos seus defeitos. O uso do capacete, com certeza, vai refletir na segurança das pessoas.

O Hospital não tem condições de realizar uma evacuação, de realizar determinados tratamentos, não tem recursos para realizar uma evacuação para aqueles que sofrem traumatismo craniano, o aluguel de uma aeronave UTI custa mais de R\$ 30.000,00 e, para se realizar uma evacuação para Manaus, o médico tem de ir junto.

Em consequência do acidente, a pessoa pode ficar debilitada e apresentar sequelas importantes para o resto da vida e, independentemente do custo e do médico ter de acompanhar, de haver internação, depois fazer uma cirurgia, muitos perdem a vida e a vida não tem preço. O problema, então, não é o ônus do aluguel da aeronave e sim a vida humana que nós queremos proteger.



Com relação a outras Operações Militares, nós também participamos de um convênio com a Polícia Civil do Estado do Amazonas na erradicação do plantio de coca na região entre Tabatinga e Palmeira do Javari. A posição estava a cerca de dez quilômetros do Rio Javari para o interior que significa, em termos de selva, um dia de marcha com a Tropa considerando Operações Militares.

Participamos também de um apoio à FUNASA na vacinação e no tratamento de saúde Indígena com os nossos meios fluviais. Foram empregadas voadeiras com motores de popa e embarcações maiores como o nosso empurrador com balsa e o ferry-boat. Ficamos 53 dias navegando pelos Rios do vale do Javari, nas terras Indígenas, e nos afluentes provendo este apoio logístico de alimentação e de transporte para o atendimento às Comunidades Indígenas.

Para se ter uma ideia dos riscos que a região nos impõe, dos 24 tripulantes do ferry-boat, contando com o cozinheiro, piloto, 21 pegaram malária nessa Operação. Participamos também com a 16ª Bda Inf SI de uma operação com o IBAMA no Rio Puruê de apreensão de balsas que estavam fazendo dragagem e garimpo ilegal de ouro, danificando o meio-ambiente e destruindo a natureza. No momento, estamos realizando a Operação Curare.

Realizamos, também, uma operação de garantia das eleições nos Municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte e São Paulo de Olivença. Só para se ter uma ideia, Belém do Solimões, que faz parte do Município de Tabatinga, fica a mais de seis horas de voadeira de Tabatinga, nossas dimensões são muito grandes. O Batalhão tem uma responsabilidade de 1.632 km de fronteira e a nossa área de responsabilidade é de cerca de 230.000 km<sup>2</sup>, quase o dobro do Estado do Acre.

É um trabalho, um desafio muito interessante, tem sido uma experiência muito enriquecedora para mim, para minha esposa e para os meus filhos. Nós temos tentado da melhor maneira ajudar a população carente com ações cívico-sociais ajudando o pessoal necessitado não só de Tabatinga, mas também nas áreas dos PEF e com isso mostrando o lado da "mão amiga" do Exército na região. A banda de música é um excelente órgão de comunicação social. A gente ajuda nas escolas nas cerimônias cívicas cantando, inclusive, com os irmãos colombianos com quem temos um contato muito amistoso e de reciprocidade.

Nós temos a Brigada 26ª que é a Brigada espelho da 16ª Brigada, temos na frente de Ipiranga e na frente de Vila Bitencourt, a cerca de meia hora de embarcação, bases colombianas onde também há uma sadia integração. Próximo a Palmeira do Javari, também a mesma coisa, promovemos o melhor contato. A região da tríplice fronteira tem muitas peculiaridades, muita coisa interessante e não apenas problemas. Tem sido uma experiência muito boa, gratificante, e eu concito aqueles que aceitam desafios e que tenham espírito empreendedor a virem conhecer esta região.

SEEEELVA! (Cel Antônio Élcio Franco Filho)



## **Tabatinga (30.11.2008)**

Com a chegada dos caiaques a Tabatinga, empenhei-me na instalação e teste do sensoriamento remoto no caiaque duplo e o carregamento do material no meu caiaque simples já que todo material coletivo, acampamento, saúde e eletrônicos seriam carregados nele. Telefonei para o Irmão maçom Luiz Felipe Meneghetti REGADAS, da Skysulbra em Porto Alegre, e ele confirmou que o sensoriamento estava funcionando perfeitamente.



**Oração do Guerreiro da Selva**  
*(Cel Gélío Augusto Barbosa Fregapani)*



*Senhor!*

*Tu que ordenaste ao Guerreiro da Selva  
Sobrepujai todos os vossos oponentes  
Dai-nos hoje da floresta*

*A sobriedade para persistir  
A paciência para emboscar  
A perseverança para sobreviver  
A astúcia para dissimular  
A fé para resistir e vencer.*

*E dai-nos também, Senhor  
A esperança e a certeza do retorno  
Mas se defendendo esta brasileira Amazônia  
Tivermos que perecer, ó Deus  
Que o façamos com dignidade  
E mereçamos a vitória!*

*Seeeeeelva!!!*





Mapa 05 – Tabatinga – Feijoa – Belém do Solimões



*Imagem 57 – Região do Massacre do Capacete – B. Constant*



*Imagem 58 – Cacique João – Comunidade Ticuna do Feijoa*





*Imagem 59 – Comunidade Ticuna do Feijoa*



*Imagem 60 – Escolinha da Comunidade Ticuna do Feijoa*



*Imagem 61 – Jovens da Comunidade Ticuna do Feijoa*



*Imagem 62 – Almoço na Comunidade Ticuna do Feijoa*



## **Tocando em Frente** (Almir Sater)



*Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais.  
Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei.*

*Conhecer as manhas  
E as manhãs  
O sabor das massas  
E das maçãs.  
É preciso amor  
Pra poder pulsar*

*É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir.*

*Penso que cumprir a vida  
Seja simplesmente  
Compreender a marcha  
E ir tocando em frente.*

*Como um velho boiadeiro  
Levando a boiada  
Eu vou tocando os dias  
Pela longa estrada, eu vou  
Estrada eu sou. [...]*

*Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora.*

*Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si  
Carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz. [...]*

## ***Iniciando a Jornada***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam.* (Henry Ford)

### **Partida (01.12.2008)**

Depois de tanto planejamento e treinamento exaustivo, chegou, enfim, o dia de iniciar aquela que talvez venha a ser a maior aventura de minha vida. Saímos às oito horas com um atraso de quase duas horas em decorrência de alguns aspectos logísticos. A Fabíola deixou para arrumar as suas coisas na última hora. A noite anterior foi sem problemas, dormi bem. Até a largada, eu estava reagindo como se estivesse hipnotizado pelas circunstâncias. Ao iniciar a jornada, porém, entrei em estado de êxtase profundo, era um sonho que se tornava realidade. A velocidade da correnteza ultrapassava os 5,5 nós (10 km/h). O Solimões mostrava sua força, sua pujança. À minha frente, uma Ilha de apenas 15 anos de idade mostrava a dinâmica de um Rio em constante evolução. Navegar a remo pelas mesmas águas de um Orellana (<sup>200</sup>), de um Pedro Teixeira (<sup>201</sup>), era um privilégio para poucos e eu tinha plena consciência disso.

---

<sup>200</sup> Francisco de Orellana: partiu de Quito, em fevereiro de 1541, participando de uma Expedição Espanhola sob comando de Gonçalo Pizarro com a missão de apossar-se do País da Canela e de procurar o legendário Eldorado. Enfrentando graves problemas de abastecimento, Pizarro toma a decisão histórica de determinar que Orellana comande uma tripulação de 57 homens, entre eles o Frei Gaspar de Carvajal, e parta Rio abaixo em busca de gêneros. Os acontecimentos evoluem e Orellana é obrigado a continuar descendo o Rio e a 24 de agosto de 1542, finalmente, chega ao Oceano Atlântico. (Hiram Reis)

<sup>201</sup> Pedro Teixeira: partiu de Belém com destino a Quito, pelo Amazonas, em 28 de outubro de 1637. A Expedição era formada por 70 soldados, 1.200 Índios e mais de mil civis. Pedro Teixeira foi recebido pelos espanhóis de Quito com surpresa e apreensão, pois desconfiavam das

Mantive meu ritmo cadenciado e metódico, mais importante que o chegar a cada destino era observar, comparar, fotografar e estudar cada imagem que era captada pela minha retina.

## **À Espera de um Milagre**

Inicio minha jornada voltando os olhos aos Céus e suplicando ao Grande Arquiteto do Universo que estenda suas bênçãos à minha querida esposa. Só Ele poderá fazer retornar ao seu rostinho aquela jovialidade e alegria que encantou nossos dias até ser vitimada pela doença e pela imperícia de um médico.

## **Os Golfinhos e o seu Raimundo**

Meus parceiros, contrariando o bom senso de acompanhar o navegador, ultrapassaram-me e estão a uns 300 metros à jusante. Ao chegar ao extremo noroeste da Ilha de Amaracá, os botos tucuxis me brindaram com suas alegres evoluções. Eram, pelo menos, duas fêmeas adultas e dois filhotes. Avistei um flutuante ancorado na margem esquerda da Ilha e me dirigi até ele. A forte correnteza dificultou um pouco a aproximação e tive de remar vigorosamente. Fomos recebidos pelo seu Raimundo que nos recebeu cortesmente, contou suas proezas em competições de “canoagem”, exibiu sua galeria de troféus e fez questão de pilotar um de nossos caiaques.

---

pretensões portuguesas. Embora as duas Coroas Ibéricas estivessem unidas, as autoridades espanholas não se sentiam a vontade com a presença de portugueses em seus domínios, já que este fato atestava a superioridade dos desbravadores lusitanos sobre os espanhóis. A Expedição foi recebida com festas, mas incitada a retornar o mais breve possível. Dois jesuítas, um deles Cristóbal de Acuña, foram encarregados de acompanhar Pedro Teixeira na sua volta e de fazer uma descrição pormenorizada da viagem ao Governo Espanhol. (Hiram Reis)

Raimundo fabricava as próprias embarcações e se tornara um campeão na modalidade. Ultrapassamos a extremidade Sudeste da Ilha e ancoramos na margem esquerda do Rio, nos arredores na Comunidade conhecida como "*Capacete*". Descansamos um pouco, fotografei um barco de madeira amarrado a uma árvore, algumas embarcações que passavam e borboletas que pousavam nos caiaques atraídas pelo colorido dos mesmos.

Os pontos que eu marcara, pelo Google Earth no GPS, estavam totalmente deslocados. Um erro de aproximadamente 1 quilômetro a Sudeste de onde deveriam estar. Descartei o GPS, agora o usando apenas como velocímetro e passei a me guiar principalmente pela minha velha bússola Silva e as cópias dos mapas do Google. A navegação continuou fácil sem qualquer dificuldade.

### **Massacre do Capacete**

Segundo nosso amigo Álvaro da Silva Cabral, irmão do saudoso Prefeito Fábio da Silva Cabral, de Tonantins, o massacre dos Índios Ticuna, também conhecido como "*Massacre do Capacete*", ocorreu em 28.03.1988, na região conhecida como "*Boca do Capacete*", Município de Benjamin Constant. A atabalhoada FUNAI havia iniciado a demarcação da terra Ticuna, e os Indígenas se aproveitaram para invadir as terras dos não-índios, que se encontravam ausentes, furtando embarcações, motores de popa e outros artefatos.

Antes de se retirar, avisaram às mulheres e crianças que se encontravam na "*Comunidade Capacete*", que retornariam para levar outros materiais, gerando um clima de grande hostilidade por parte dos posseiros que se armaram para recebê-los.

# Diário do Pará

Ano V - Nº 1.726

Terça-feira, 12 de abril de 1988

Edição de hoje: 28 páginas em 3 cadernos

## *Ticuna vão à forra do massacre e matam jovem de Capacete*

BRASILIA (AJB) — O conflito entre posseiros e índios Ticuna — iniciado no último dia 28, quando quatro índios foram assassinados, dez desapareceram, em 23 ficaram feridos num confronto com agricultores e madeireiros no distrito de Capacete, Benjamin Constant, no Amazonas — registrou mais uma vítima. Adenir Felix Vasques, 16 anos, foi morto por um grupo de Ticunas, na madrugada de ontem, quando saía de uma festa no Clube Havai, centro de Tabatinga. A Polícia Militar não tem dúvidas de que o assassinato foi uma resposta dos Ticunas ao massacre do dia 28 de março.

O capitão da Polícia Militar, Paulo Edson, responsável pelo policiamento da região, teme que novos conflitos entre brancos e Ticunas aconteçam, devido ao clima de forte tensão em Tabatinga (distante duas horas de barco do local do massacre) e em Capacete. Ou que ou-

tros assassinatos sejam cometidos, como o de Aldenir Felix, morto com uma punhalada no coração. A polícia já enviou 10 soldados para o distrito de Teresina Terceira — situado na margem oposta do rio Solimões, em frente à Capacete — para dar proteção a 40 famílias de colonos.

A Polícia Federal ainda não sabe quando concluirá o inquérito que apura o massacre dos Ticunas. A prisão preventiva de 10 posseiros e jagunços, acusados da matança, já foi pedida. A PF aguarda, apenas, o pronunciamento da justiça federal de Manaus para ouvir o principal suspeito de ter ordenado a matança — o madeireiro Oscar Castelo Branco. Segundo o assessor de comunicação social da PF, em Brasília, Paulo Marra, o madeireiro será convocado a depor no final do inquérito, pois Castelo Branco não teria participado diretamente da chacina.



**Diário do Pará nº 1.726 – Belém, PA  
Terça-feira, 12.04.1988**



**Ticunas vão à Forra do Massacre e  
Matam Jovem de Capacete**



BRASÍLIA (AJB) – O conflito entre posseiros e Índios Ticunas – iniciado no último dia 28, quando quatro Índios foram assassinados, dez desapareceram e 23 ficaram feridos num confronto com agricultores e madeireiros no Distrito de Capacete, Benjamin Constant, no Amazonas – registrou mais uma vítima. Adenir Felix Vasques, 16 anos, foi morto por um grupo de Ticunas, na madrugada de ontem, quando saía de uma festa no Clube Havaí, centro de Tabatinga. A Polícia Militar não tem dúvidas de que o assassinato foi uma resposta dos Ticunas ao massacre do dia 28 de março. O Capitão da PM, Paulo Edson, responsável pelo policiamento da região, teme que novos conflitos entre brancos e Ticunas aconteçam, devido ao clima de forte tensão em Tabatinga [distante duas horas de barco do local do massacre] e em Capacete. Ou que outros assassinatos sejam cometidos, como o de Adenir Felix, morto com uma punhalada no coração.

A polícia já enviou 10 Soldados para o Distrito de Teresina Terceira – situado na margem oposta do Rio Solimões, em frente à Capacete para dar proteção a 40 famílias de colonos. A PF ainda não sabe quando concluirá o inquérito que apura o massacre dos Ticunas. A prisão preventiva de 10 posseiros e jagunços, acusados da matança, já foi pedida. A PF aguarda, apenas, o pronunciamento da Justiça Federal de Manaus para ouvir o principal suspeito de ter ordenado a matança – o madeireiro Oscar Castelo Branco.

Segundo o assessor de comunicação social da PF, em Brasília, Paulo Marra, o madeireiro será convocado a depor no final do inquérito, pois Castelo Branco não teria participado diretamente da chacina. (DIÁRIO DO PARÁ Nº 1.726)

Os Ticunas das Comunidades Porto Espiritual, Porto Lima, Bom Pastor e São Leopoldo tentaram novamente invadir a área e foram recebidos a bala. Quatro nativos morreram na hora, dezenove ficaram feridos e dez desapareceram levados pela correnteza do Rio e nunca mais encontrados.

## **Ilha de Arariá**

Ao Sul da Ilha de Arariá, aportamos num grande banco de areia para repouso. A Fabíola ficou preocupada com as enormes vespas que atacavam seu estoque de frutas e queria partir imediatamente. Resolvemos primeiro esticar as pernas, já que as "*temidas vespas*" não possuíam ferrão. Depois do descanso, afastei as vespas do caiaque e fui navegando de bubuia<sup>(202)</sup> para tirar algumas fotografias depois de avisar ao Romeu que o aguardaria à jusante da Ilha de onde continuaríamos a navegação juntos. A forte correnteza me arrastava celeremente.

Estava aguardando a dupla quando um piloto que descia o Rio me informou que os mesmos estavam descendo pelo lado oposto da Ilha. Resolvi, então descer o Rio e esperá-los no extremo Leste da Ilha. Lá chegando, as informações obtidas com os ribeirinhos eram as mais desencontradas, uns afirmavam tê-los visto do lado Norte da Ilha e outros do lado Sul. Não havia o que fazer e parti rumo a Feijoal.

---

<sup>202</sup> Bubuia: se deixar levar ao sabor da correnteza. (Hiram Reis)

## Ticunas

Meu contato com os bravos e altivos Ticunas foi extremamente marcante e por isso mesmo dedico grande parte de minhas pesquisas e labor procurando retratar estes guerreiros que representam a maior e uma das mais belas etnias Indígenas brasileiras.

Ao contrário de deletérios grupos que se auto-denominam como nações, os Ticunas são cidadãos brasileiros com direito de escolher seus representantes através do voto.

A arrogância e o "*apharteid*" que se verifica, sobretudo em Roraima, hostilizando os membros mestiços do grupo não se verifica isso entre os Ticunas e a sadia miscigenação pode ser exemplificada pela origem dos próprios Caciques: João Farias Filho, da Comunidade de Feijoal, e de seu irmão, em Belém do Solimões que, embora tenham sangue Ticuna por parte de mãe, tem um branco Paraense como pai.

Os Ticunas fabricavam um veneno de efeito mortífero, fulminante, conhecido como "*curare*" e que foi chamado pelos tapuias de "*Ticuna*", nome que passou a designá-los. Charles-Marie de La Condamine foi o primeiro cientista francês a participar de uma Expedição Francesa à Amazônia, enviado em 1735 pela Academia Francesa de Ciências para calcular o diâmetro da Terra no Equador.

O cientista, em 1743, desceu o Amazonas e fez diversas anotações sobre a flora, fauna e costumes dos nativos. Ele afirma, no seu livro, que testou, com sucesso, o veneno fabricado pelos Ticunas em galinhas durante sua estada em Caiena, na Guiana Francesa.



A respeito do veneno, Condamine relata que:

*Esse veneno é um extrato feito por meio do fogo, do sumo de diversas plantas, e particularmente de certos cipós. Asseguram que entram mais de trinta espécies de ervas e raízes no veneno feito pelos Ticunas, que é aquele que experimentei, e que é o mais estimado entre os diversos conhecidos ao longo do Rio Amazonas. Os Índios o compõem sempre da mesma maneira, e seguem sem discrepar o processo que aprenderam de seus antepassados, tão escrupulosamente quanto os farmacêuticos entre nós para a composição da Teriaga de Andrômaco (203), sem omitir o menor ingrediente prescrito; sem embargo de que provavelmente essa grande multiplicidade não seja necessária no veneno Índio, como no antídoto da Europa. (CONDAMINE)*

Os Ticunas são hoje o maior grupo Indígena do Brasil com mais de 56.000 pessoas. No Brasil, são encontrados no Estado do Amazonas, ao longo do Rio Solimões em terras dos Municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Fonte Boa, Anamã e Beruri e, fora do Brasil, na Colômbia e no Peru.

Os Ticunas falam uma língua isolada e uma de suas características é de fazer uso de diferentes alturas na voz, o que a classifica como uma língua tonal. Os Ticunas estão organizados em clãs agrupados em metades, que regulam os casamentos. Os membros de uma metade devem casar-se com pessoas da metade oposta, sendo que os filhos herdaram o clã do pai.

---

<sup>203</sup> Teriaga: famoso medicamento cuja fórmula era composta por 64 elementos, sendo o mais importante – a carne de víbora. Foi empregada no tratamento de picadas de cobra até final do século XVIII. (Hiram Reis)

Em uma das metades estão agrupados os clãs com nomes de aves – mutum, maguari, arara, japó; na outra metade estão os clãs que possuem nomes de plantas, mamíferos e insetos, como o buriti, jenipapo, avaí, onça, saúva.

## **Comunidade Feijoal**

A população Indígena Ticuna da área se mostrava desconfiada com minha presença e as informações quanto à localização da Comunidade de Feijoal não eram, absolutamente, confiáveis. Conversando, mais tarde, com os Policiais Federais da Base Anzol, eles nos informaram que os traficantes colombianos, procurando passar despercebidos, têm lançado mão de pequenas embarcações, a remo, para suas atividades ilícitas. Só comecei a ter algum êxito quando perguntei pelo professor Henrique, cujo nome tinha sido indicado pelo meu amigo professor Sebastião Rocha de Sousa, da Universidade do Estado do Amazonas, em Tabatinga.

No seu dialeto, alguns jovens tentavam me indicar o rumo a ser tomado. O contato que havia feito com o administrador regional da FUNAI em Tabatinga, o senhor Davi Félix Cecílio, foi de muita valia. Ao chegar, procurei o Henrique, que já tinha sido informado de nossa jornada pelo amigo Davi.

O professor conseguiu que ficássemos instalados no posto da FUNAI, com direito a ar condicionado e banheiro. Meus companheiros chegaram 90 min mais tarde, quando já estávamos providenciando uma voadeira<sup>(204)</sup> e uma equipe de resgate.

---

<sup>204</sup> Voadeira: espécie de canoa, de madeira ou alumínio, dotada de motor de popa, ou rabeta, utilizada para a travessia de Rios. (Hiram Reis)

Após o banho, entrevistei as autoridades da Comunidade, o Cacique João, o encarregado da FUNAI, o Arsênio, o Henrique, dentre outros. Durante as entrevistas, saboreávamos a mapati (205).

Os problemas relatados foram, como era de se esperar, referentes à segurança, em decorrência da ação de traficantes e exploradores da mata nativa dentro da área da reserva, à saúde em virtude da falta de medicação no posto da FUNASA e à educação tendo em vista a dificuldade do acesso ao Ensino Superior para os concludentes do 3º ano do Ensino Médio. A principal reivindicação era de uma casa de apoio em Tabatinga onde pudessem ficar alojados quando estivesse cursando a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – uma reivindicação justa de qualquer sociedade medianamente organizada. Os pontos fortes que observei, junto com os Ticunas de Feijoal, foram o respeito e a confiança depositada nas suas lideranças, a limpeza da Comunidade, o sistema de refrigeração na Escola de Ensino Fundamental Marechal Rondon, a água tratada e a energia elétrica.

## **Um Convite Irrecusável**

O Cacique João Farias Filho me convidou insistentemente a permanecer mais um dia na sua Comunidade. Concordei, após comunicar à equipe que isso exigiria de nós um esforço especial no percurso de Belém do Solimões a Santa Rita de Weil já que, para manter a programação, teríamos de suprimir o pernoite na Comunidade de Santa Maria.

---

<sup>205</sup> Mapati (*Pourouma cecropiifolia*): também conhecida como “*Embaúba de vinho*”, ou “*uva da Amazônia*”. Os seus frutos maduros são muito apreciados pelo homem e pela fauna. O fruto maduro é preto, a casca tomentosa, a polpa esbranquiçada é doce e saborosa. (Hiram Reis)

Na manhã de 02 de dezembro, saí com o Cacique para conhecer a Comunidade quando tive a oportunidade de conversar com alguns alunos do Ensino Médio que relataram emocionados, em português e na língua nativa, suas angústias ante a impossibilidade de dar continuidade aos estudos. Logo em seguida, chegaram meus parceiros e seguimos com o Cacique e outras lideranças ao sítio do Arsênio onde tivemos a oportunidade de provar algumas das iguarias locais, como o ingá<sup>(206)</sup> e a mapati<sup>(207)</sup>, observar os frutos de cupuaçu<sup>(208)</sup> e cupuí<sup>(209)</sup>, ainda fora da época da colheita, e alimentar os tambaquis e outros peixes no Lago artificial onde são criados. As crianças Ticunas convenceram a Fabíola a se deixar pintar com jenipapo<sup>(210)</sup>, afirmando que a tinta sairia depois de uma semana. A cor escura, quase preta, do jenipapo teria atributos antissépticos e agia, segundo elas, como protetor solar. A nossa parceira permaneceu com a tinta escura na pele por mais de dez dias o que não evitou que ela tivesse sérios problemas com as queimaduras solares.

---

<sup>206</sup> Ingá (árvore da subfamília mimosoideae): comum nas margens de Rios e Lagos, muito procurada pelo homem e pela fauna pela polpa branca e adocicada que envolve suas sementes. (Hiram Reis)

<sup>207</sup> Mapati (*Pourouma cecropiifolia* Mart): uva da amazônia. (Hiram Reis)

<sup>208</sup> Cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*): é um fruto parente próximo do cacauzeiro. A árvore é conhecida como cupuaçuzeiro, cupuaçuzeiro ou cupu. Os frutos têm a forma esférica ou ovoide e medem até 25 cm de comprimento, tendo casca dura e lisa, de coloração castanho-escura. As sementes ficam envoltas por uma polpa branca, ácida e aromática. (Hiram Reis)

<sup>209</sup> Cupuí (*Theobroma subincanum*): parente do cupuaçu verdadeiro ao qual se assemelha em aparência, é, entretanto, bem menor e, ainda que possua polpa mais saborosa e doce, não tem o aroma do cupuaçu. (Hiram Reis)

<sup>210</sup> Jenipapo (*Genipa americana*): árvore da família das Rubiaceae de cujo fruto de cor amarelo-pardacenta, muito aromático, se fazem compotas, doces, xaropes, bebida refrigerante e licor. Além disso, é possível extrair do fruto uma tinta preta, muito usada pelos Indígenas, há milênios, em petróglifos, cerâmica, cestaria, tatuagens, pintura corporal, etc. (Hiram Reis)

## Entrevista com o Cacique João Farias Filho

O Cacique João é um líder nato e exerce sua liderança com muita sabedoria e bom senso. Lúcido e inteligente está a par dos acontecimentos nacionais e internacionais sobre os quais discorre com fluência e conhecimento impressionantes. Vejamos:

*Boa tarde, Coronel! O senhor foi muito bem recebido na Comunidade. Meu nome é João Farias Filho, eu sou o Cacique da Comunidade Feijoal e estou representando mais de duas mil pessoas.*

*Eu quero levar ao conhecimento de todos que, na nossa Comunidade, embora o senhor tenha elogiado a sua infraestrutura, está faltando ainda muita coisa nas áreas de educação, saúde e saneamento básico. Eu quero levar este recado para que o senhor possa agir pela gente.*

*Na nossa escola, os alunos não têm espaço para desenvolver suas habilidades, não têm uma área de lazer, uma sala de informática que possam fazer uso após as aulas. Nós já temos computadores, mas falta a conexão com a internet.*

*Eu queria que o Governo auxiliasse nossos mais de mil alunos, oferecendo-lhes outras possibilidades, como cursos profissionalizantes e acesso à internet, para que eles possam verificar como anda o mundo lá fora.*

*Por isso que nosso jovem, e de outras Comunidades, também, sem maiores perspectivas, acaba por se envolver com as drogas e com a violência.*

*Nós temos vários projetos para levar avante, e que foram apresentados aos políticos, mas até agora nada foi feito. (Cacique João Farias Filho)*

## **Entrevista com o Sr. Arsênio (2<sup>11</sup>)**

*Boa tarde, Coronel! Sou o Chefe do Posto da FUNAI da Comunidade Indígena Feijoal. Moro há vinte anos na Comunidade, tenho conhecimento das necessidades da Comunidade. A situação está muito precária, não tem assistência do Município, do Estado e de Órgãos Federais. Vou falar um pouco da FUNAI que é uma Instituição Governamental, um Órgão Federal que dá maior assistência, mas não para todo mundo também, porque eles sempre dão assistência para o Povo Indígena com poucos recursos.*

*Também temos o nosso problema enfrentando invasões de caçadores e madeireiros. Os invasores entram nas áreas que eu como Chefe do Posto enfrentamos com a liderança, com o Cacique, esta dificuldade que nós temos porque temos poucos recursos da FUNAI. Se tivéssemos maiores recursos poderíamos cuidar melhor de nossas áreas porque nossa área já foi demarcada.*

*O Povo Indígena que mora aqui na Comunidade sempre cuida e preserva suas áreas e cuidam dos Lagos com o pouco que tem, mas tem outra dificuldade que a gente enfrenta que são os escassos recursos, se tivéssemos maiores recursos nós poderíamos enfrentar melhor estes problemas.*

*Eu estou trabalhando há cinco anos aqui na Comunidade, eu tenho pouca experiência, alguém precisa nos ajudar. Nós aqui na Comunidade, sempre unidos com a Comunidade, com o Cacique e com a Liderança, temos o objetivo de resolver nossos problemas, nós reunimos o Povo para reivindicar uma solução para os nossos problemas, tanto com a educação, como na saúde.*

---

<sup>211</sup> Sr. Arsênio: Chefe do Posto da FUNAI. (Hiram Reis)

*Porque hoje em dia a nossa saúde está precária, não temos assistência do Governo Municipal ou Estadual. Nós temos um Posto de Saúde aqui sem remédios.*

*Não tem como o nosso Povo buscar atendimento quando eles tem algum problema de saúde. Nós temos médico mas não temos material para ele poder trabalhar na nossa Comunidade. Por isso nós estamos querendo que os Governos nos ajudem. Eles precisam conhecer o Povo Indígena Ticuna.*

*Nós moramos aqui no Alto Solimões e, na realidade, nós estamos esperando que alguém venha ajudar-nos. Sempre discutimos com as autoridades que uma das maiores dificuldades é que não temos transporte. Precisamos ter transporte em virtude da distância do Município também.*

*As vezes o Município não atende as pessoas, o Cacique. Outra coisa que é preciso falar é a respeito da educação. Na nossa Comunidade nós temos mais de mil alunos, 300 no Ensino Médio e 200 que já concluíram o terceiro ano e não tem como dar continuidade aos seus estudos.*

*Alguns alunos passaram no vestibular mas não tem um local onde ficar. É preciso ter um lugar no Município para este aluno poder dar continuidade à sua formação.*

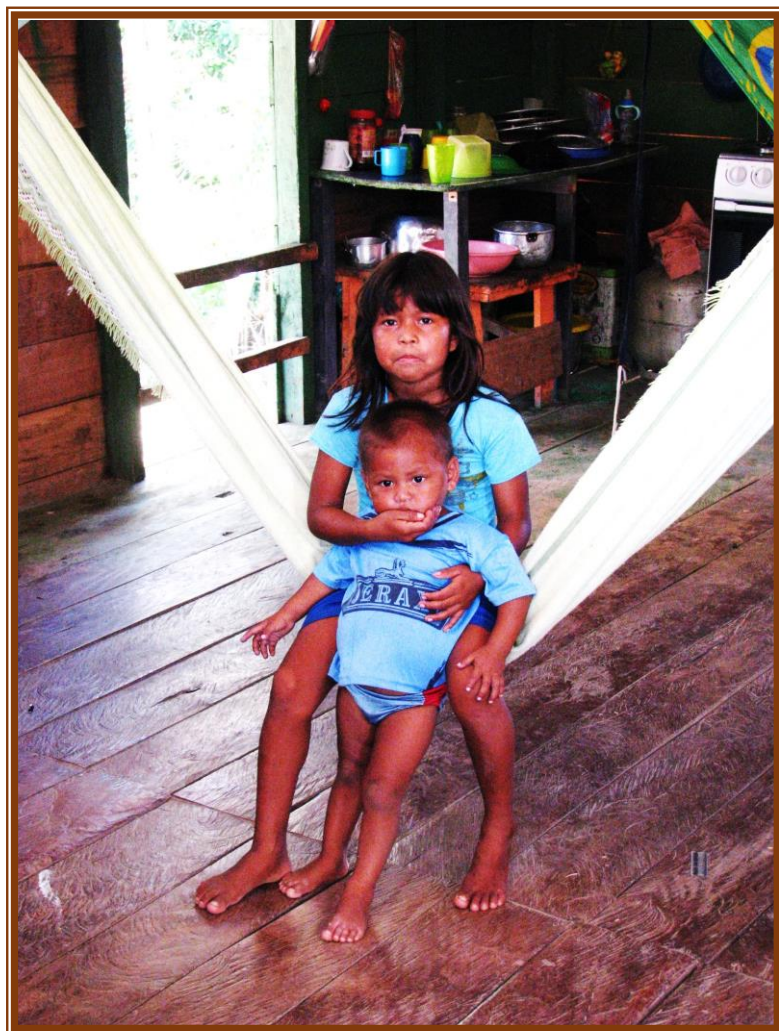
*Mas ninguém nos ajuda. O Município nos esqueceu. E agora neste sentido nós estamos lutando para ter um alojamento para os alunos universitários.*

*Outra coisa que nós queremos é criar uma Universidade na Comunidade mesmo para facilitar para os nossos alunos. Nossos alunos não tem emprego, vivem com esse vício. Por isso estou falando, terminam o terceiro ano e não tem emprego e ninguém oferece emprego para os nossos filhos.*

*Por isso eu estou falando desse problema sério na nossa educação.*

*Alguns alunos se formaram sim. Este ano se formaram duas turmas de 56 alunos. Mas eles não tem onde trabalhar, por isso nós estamos querendo ajuda do Governo tanto Municipal, Estadual e Federal. Esta era a proposta que eu queria colocar.*

*Muito Obrigado.*





## Um Jantar Especial

Comprei traíras e jaraquis (<sup>212</sup>), e o Arsênio nos instou a que os mesmos fossem preparados na sua casa. Deixamos os peixes com ele e fomos nos preparar para o jantar. Chegando à casa do amigo, retiramos os chinelos na varanda e nos dirigimos aos fundos da residência. A tia do Arsênio preparava o jantar num fogo de chão montado na ampla sala. Conversamos um bom tempo sobre os assuntos mais variados; os amigos Ticunas estavam muito bem informados sobre os problemas nacionais e internacionais, pois, como havíamos documentado, quase todas as casas possuíam televisão. A curiosidade maior foi a posição das antenas parabólicas – na horizontal – já que essa era a posição ideal para quem residia nas proximidades da Linha do Equador onde se localizam, geralmente, os satélites geoestacionários.

O Cacique João, evangélico, fez-se presente e, antes da refeição, encabeçou uma prece em agradecimento ao Senhor. Sentados, cerimoniosamente, no chão, consumimos o delicioso jantar preparado pela tia de Arsênio. Durante a refeição, provoquei o Cacique para que nos relatasse algumas de suas lendas e costumes. Ele nos relatou como foi criado o Povo Ticuna e detalhes da “*Festa da Moça Nova*”. Coletamos informações adicionais em outras aldeias Ticunas e com nosso caro amigo Professor Édison Hüttner (HÜTTNER).

---

212



## Povo Ticuna – Mito da Criação

Como as lendas se confundem com a própria origem dos povos Indígenas, os quais eram ágrafos, a tradição oral permite, de acordo com a vivência e conhecimento do seu interlocutor, matizá-las, castrá-las ou incrementá-las mantendo intocado apenas o cenário de fundo. Embora tenha ouvido a mesma lenda contada em cinco oportunidades diferentes, em cada uma delas, observei novas ou diferentes nuances. Há, por exemplo, uma divergência muito grande na série de relatos ouvidos desde a morte até a ressurreição de Nutapá. Procurei, então, reproduzir, abaixo, um resumo dos pontos em comum a todas elas, suprimindo os detalhes que não eram similares a todos.

No início, havia uma separação entre Tempo e Espaço. Antes da criação do mundo, no Tempo, Nutapá e sua mulher Mapana viviam às margens do Igarapé<sup>(213)</sup> Eware em lugares distintos, numa época de fartura em que a caça e a pesca eram abundantes. No primeiro dia de caça, os dois se desentenderam e Nutapá amarrou a mulher a uma árvore para morrer, porque ela não tinha órgão sexual para lhe gerar filhos. Um pássaro, chamado Canã, que sobrevoava o local, se transformou em gente para desamarrear a mulher de Nutapá e, mais tarde, participou do plano de Mapana para assassinar Nutapá. Mapana atirou um ninho de cabas<sup>(214)</sup> nos joelhos de Nutapá quando este retornava da caça.

---

<sup>213</sup> Igarapé: Rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes; é, geralmente, navegável; os maiores denominam-se igarapés-açus e os menores, igarapés-mirins. (Hiram Reis)

<sup>214</sup> Caba (vespa): insetos himenópteros, vespídeos. (Hiram Reis)

Nutapá foi ferroadado pelos animais em ambos os joelhos. Um grande tumor se formou nos joelhos ferroados e o grande Chefe mandou cortar a ferida para ver se havia algum bicho dentro. Nos tumores estavam dois meninos e duas meninas fazendo zarabatanas, flechas, alforjes, venenos e muitas outras coisas.

Nutapá tirou do joelho direito um casal de crianças; chamou o menino de Djói e a irmã dele de Movaca. Do joelho esquerdo outro casal que ele batizou de Ipi e Aucana. Djói fabricou a zarabatana e o curare, e Ipi o arco e a flecha.

Aucana fabricou o cesto e a bolsa, e Movaca a maqueira <sup>(215)</sup> e a peneira. As crianças foram os artífices de todos os objetos que os Ticunas usam até hoje. Um dia, quando os meninos pescavam com Nutapá, este foi engolido por uma onça depois de ter cruzado uma pinguela sobre o Igarapé Eware.

Djói e Ipi tentaram rastrear a onça e, como não conseguissem, voltaram ao local de travessia e passaram no tronco, estendido sobre o Igarapé, gosma do peixe Matrinchã e de frutas.

Enquanto esperavam a volta do animal, faziam piranhas – pretas, vermelhas, brancas, afiando os seus dentes como haviam afiado os seus. Quando a onça tentou passar pelo tronco, escorregou e caiu na água, e as piranhas a mataram.

Djói e Ipi secaram o Igarapé, tiraram o couro da onça e recolheram do seu estômago os pedaços de Nutapá, levando-os para casa e ressuscitaram o ancião.

---

<sup>215</sup> Maqueira: rede artesanal. (Hiram Reis)

A copa da grande samaumeira (<sup>216</sup>) cobria o mundo, escurecendo tudo, e os irmãos Djói e Ipi tentaram abrir um buraco na copa da árvore, jogando-lhe caroços de arara-tucupi (<sup>217</sup>) e, como não conseguissem, chamaram o pica-pau, que tentou, em vão, cortar o duro tronco com o bico. Resolveram então tirar o machado da cutia arrancando-lhe a perna de trás, que era o seu machado. Ipi começou a cortar a árvore, mas o corte tornava a fechar. Djói resolveu tentar e, com ele, o corte se mantinha aberto. Depois de cortar um bocado, passou o machado a Ipi, que continuou a cortar e, agora, para seu espanto, o corte não se fechava mais. O corte era profundo e, mesmo assim, a árvore não caía.

Os irmãos olharam para cima e viram que era uma preguiça que a sustentava. Chamaram o acutipuru (<sup>218</sup>) pequeno para subir e tirar a mão da preguiça do galho. O acutipuru subiu com formigas de fogo para jogá-las nos olhos da preguiça e conseguiu atingir-lhe os olhos. A samaumeira caiu e, daí por diante, se pôde ver o Sol, o Céu e as Estrelas. A recompensa do acutipuru foi casar com a irmã dos meninos.

---

<sup>216</sup> Samaúma ou Sumaúma (*Ceiba pentrandia*): considerada, pelos nativos, como a “*rainha da floresta*”. Os Indígenas a consideram a “*mãe-das-árvores*”. Conhecida também como “*Árvore da Vida*” ou a “*escada do céu*”. É uma das maiores árvores do mundo, atingindo 90 m de altura. Suas sapopembas, além de ornamentais, podem ser transformadas em habitações pelos povos da floresta. (Hiram Reis)

<sup>217</sup> Arara-tucupi (*Parkia pendula*): conhecida vulgarmente como angelim-saia. É encontrada em toda a Amazônia Brasileira e possui madeira com características atrativas para o mercado madeireiro. (Hiram Reis)

<sup>218</sup> Acutipuru (*Sciurus vulgaris*): admirado pelo seu aspecto peculiar, o serelepe ou esquilo brasileiro, também é conhecido na região por caxinguelê, caxinxe, catiaipé, quatimirim, quatipuru. O serelepe é um animal arborícola, vive nas copas das árvores. As sementes, insetos e frutas são as principais fontes de alimentação. Quando adulto, seu corpo chega a medir 25 cm e o rabo, de 25 cm ou mais. (Hiram Reis)

Djói, usando isca de macaxeira, foi até o Igarapé Eware e pescou peixes que transformou em gente logo que eram retirados da água, criando, assim, o povo Maguta, que significa “*povo pescado do Rio*”, os ascendentes dos Ticunas.

## **Festa da Moça Nova**

A Festa da Moça Nova, ou seja, da menina que se torna mulher, para os Ticunas é muito importante, pois eles consideram a fase da puberdade muito perigosa, período em que as jovens podem ser influenciadas por maus espíritos. O ritual tem por objetivo iniciar as meninas-moças na vida adulta e, como verificamos, é composto por eventos expressivos:

**Clausura** – *construção do local [turi] onde a menina ficará isolada;*

**Convite** – *aos Ticunas de outros clãs;*

**Mascarados** – *representando seres mitológicos;*

**Músicas e instrumentos musicais** – *selecionados especificamente;*

**Ornamentos** – *carregados de profundo significado;*

**Pelação** – *momento em que os cabelos da moça nova são arrancados;*

**Pintura Corporal** – *da Moça Nova e dos convidados;*

**Purificação** – *representada pelo banho. (HÜTTNER)*

A partir da primeira menstruação, a menina é conduzida para um local reservado (turi), construído para este fim, com esteiras ou cortinados, sem aberturas a Este ou a Oeste, de acordo com o seu clã, onde permanecerá enclausurada por um longo período, podendo se comunicar somente com a mãe, a avó materna e a tia ou avó paterna.

Neste período, receberá as orientações necessárias de caráter místico e profano para que possa conduzir com eficiência sua vida dali por diante. O objetivo desse procedimento é estabelecer uma nova família enquanto os parentes se encarregam de convidar os Ticunas de diversos clãs para o evento. O pai, uma semana antes do evento, se dedica a estocar grande quantidade de caça e pesca, as quais serão moqueadas <sup>(219)</sup> para resistir até o dia da festa, ocasião em que será consumida grande quantidade de comida e pajuaru <sup>(220)</sup>. A cerimônia começa oficialmente com um brinde de pajuaru na casa do pai da moça.

Os parentes e convidados pintam o corpo com jenipapo. A tia da moça traz feixes de fibras de palmeiras (babaçu, buriti <sup>(221)</sup> e tucum), que simbolizam a fertilidade, e serão utilizadas nas danças tribais. Durante o corte do tronco de envira, de onde se tira o material para tecer o cocar, os convivas entoam melancólicas cantigas, e o Curaca <sup>(222)</sup> realiza rituais de pajelança para atrair os seres da floresta e alimentá-los. Os mascarados surgem quando a moça sai da reclusão para a primeira pintura corporal pela manhã. As máscaras são confeccionadas de acordo com a realidade de cada comunidade e imitam entidades ou animais.

---

<sup>219</sup> Moqueadas: assadas a caça ou a pesca com o couro em um gradeado de madeira ou diretamente sobre as brasas. Após ser submetido a esse processo, o produto pode ser consumido até em uma semana. (Hiram Reis)

<sup>220</sup> Pajuaru: bebida inebriante feita da mandioca fermentada e azeda. (Hiram Reis)

<sup>221</sup> Buriti (*Mauritia flexuosa*): presente nas várzeas e margens dos Igarapés, a palmeira é conhecida como coqueiro-buriti, miriti, muriti, muritim, muruti, palmeira-dos-brejos, carandá-guaçu, carandaí-guaçu. Fornece a palha para cobrir cabanas e, do broto, tira-se a envira, fibra que serve para tecer redes, tapetes e bolsas. (Hiram Reis)

<sup>222</sup> Curaca: Cacique, Capitão, Chefe Temporal das tribos Indígenas brasileiras. (Hiram Reis)

Representam os espíritos demoníacos que, num tempo mítico, massacravam os Ticunas. Essas máscaras lembram à jovem Índia que o perigo existe.

**Mawü** – *mãe dos ventos e dos morros;*

**O'ma** – *mãe da montanha e da tempestade;*

**Toü** – *os micos;*

**Yurwü** – *parente do demônio.* (HÜTTNER)

As senhoras de seu clã iniciam a pintura com um sabugo de milho que molham na tintura e passam pelo corpo da moça, de cima para baixo, em duas grandes linhas curvas, abertas, para fora, na frente e atrás. O rosto é pintado em linhas que cobrem a face e a testa. Depois de seca a primeira pintura, derramam tinta de jenipapo no corpo da moça espalhando-a com as mãos, escurecendo totalmente o tronco. O objetivo da pintura é criar uma nova pele que, ao ser removida naturalmente, carrega com ela todas as mazelas passadas, simbolizando o renascimento de uma nova fase. Por volta do meio-dia, as mulheres mais velhas, incluindo a mãe e a avó, vão até o turi colocar os adornos na Moça Nova e pintá-la. Cada ornamento tem uma preparação bastante elaborada e um significado muito especial:

**Coroa de Penas Vermelhas de Arara** – *as penas de arara vermelha representam o Sol e têm poderes sobrenaturais já que, normalmente, é usada pelo Curaca. A coroa é confeccionada com a fibra do tururi<sup>(223)</sup> e possui duas pontas das asas da arara.* (HÜTTNER)

---

<sup>223</sup> Tururi: ubuçu ou buçu (Manicaria sacifera); palmeira com frutos em forma de cocos pequenos, da família das Palmáceas, abundante nas margens das várzeas e Ilhas da Amazônia. A palha é utilizada por ribeirinhos na cobertura de casas. O cacho que pende da palmeira é protegido por um invólucro semelhante a um saco de material fibroso e resistente chamado de tururi. (Hiram Reis)

É colocada na testa da Moça Nova, de maneira a cobrir-lhe os olhos, para que ela não possa ver.

**Tanga Vermelha** – feita pela avó ou pela mãe; deve ser pintada com folhas de *crajiru* (<sup>224</sup>), semente de *urucum* (<sup>225</sup>) ou com a fruta da *pacovan* (<sup>226</sup>). O vermelho representa a vida, o sangue; sobre essa tanga, a menina usa uma pequena tanga de miçangas coloridas;

**Colares** – cruzados à altura do peito servem apenas de adorno. As penas de arara têm um significado especial, pois representam o *Nutapá* e o seu uso representa que somos feitos à imagem Dele;

**Braçadeiras e Perneiras** – feitas de penas e fios, são colocadas nos braços e nas pernas. (HÜTTNER)

Depois da colocação de todos os adornos, é a hora da terceira pintura. Os braços são enfeitados com penas coladas ao corpo. A substância colante, nas cores vermelha e azul, é feita de *urucum* e resina de madeira. Agora a “*Moça Nova*” pode, finalmente, sair do seu *turi*. E sua chegada à sala de festa ocorre de forma especial, dançando com pessoas da família, conduzida por alguém especialmente escolhido para essa tarefa.

---

<sup>224</sup> *Crajiru* (*Arrabidaea chica*): as folhas trituradas, esmagadas em água, cozidas ou cruas, produzem uma tintura marrom ou enegrecida usada pelos Ticunas em pintura de vestuário e da face. (Hiram Reis)

<sup>225</sup> *Urucum* (*Bixa orellana*): seu nome popular tem origem na palavra Tupi “*uru-ku*”, que significa “vermelho”. De suas sementes extrai-se um pigmento vermelho usado pelas tribos Indígenas como corante e como protetor da pele contra os raios solares intensos. (Hiram Reis)

<sup>226</sup> *Banana Pacovan* (*banana-chifre-de-boi*, *banana-comprida* ou *banana-da-terra*): são as maiores bananas conhecidas; chegam a pesar 500g cada fruta e a ter comprimento de 30 cm. É achatada num dos lados, tem casca amarelo-escura, com grandes manchas pretas quando maduras; a polpa é consistente, de cor rosada e textura macia e compacta, sendo mais rica em amido do que açúcar, o que a torna ideal para cozinhar, assar ou fritar. (Hiram Reis)



É um momento muito esperado por todos. Juntam-se a eles muitos dos convidados e continuam dançando.

Ao chegar à parte externa da casa, o condutor inclina a cabeça da “*Moça Nova*” para trás, fazendo com que o rosto dela receba a luz do Sol, a mesma que ela tinha ficado sem ver durante a reclusão. Os convidados continuam dançando em volta da casa, de braços dados, em grupos de quatro a seis pessoas, deslocando-se para frente e para trás.

**Pelação** – *a pelação significa renovação, mudança, pois a menina já se tornou Moça. Ela deve retirar todo o cabelo para renovar-se e redimir-se das faltas cometidas, e para ser incentivada a assumir uma postura de pessoa adulta.* (HÜTTNER)

O processo de retirada dos cabelos é manual, sendo arrancados em pequenas mechas. A “*Moça Nova*” é sentada sobre um tapete de palhas no centro da sala enquanto, ao seu lado, todos os participantes da festa dançam, tocam instrumentos e bebem pajuaru. A “*Moça Nova*” também bebe o pajuaru antes da pelação.

Os adornos são retirados e os mais velhos começam a retirar o cabelo da Moça Nova. Vão retirando as mechas e entregando ao tio ou ao avô dela. Durante a pelação, explicam-lhe as razões do ritual, invocando a história do seu povo. Explicam que, para se tornar uma nova pessoa, para iniciar uma nova vida como adulta, é preciso que o corpo passe pelo sofrimento que ela está passando. O ritual não é só para garantir a limpeza do corpo para entrar na vida adulta, mas também uma homenagem às entidades sobrenaturais.

Eventualmente, o couro cabeludo pode ser preparado para que a moça não sinta tanta dor. Uma semana antes da festa, tira-se a casa da tucandeira (<sup>227</sup>), faz-se uma pasta, com os filhotes e as formigas, que é colocada na cabeça da Moça. Esta técnica vai diminuir a dor e facilitar a retirada dos cabelos.

A última mecha de cabelo é tirada pela pessoa escolhida, podendo ser o tio ou o avô, ou outra pessoa idosa.

Depois de concretizada a pelação, os adornos são recolocados, e o tio ou avô dão algumas voltas pelo interior da casa com a "*Moça Nova*". A festa dura três dias e três noites e os participantes dançam e batem tambores e repetem o ritual da bebida diversas vezes. A bebida é servida na mesma cuia para todos.

No final da festa, o turi é destruído e a "*Moça Nova*" é conduzida para um Igarapé ostentando toda a decoração corporal. A ornamentação é retirada e ela mergulha dando duas voltas em torno de uma flecha fincada no Igarapé. O ritual tem o objetivo de preservá-la dos perigos da vida. Depois do banho, o cerimonial é considerado concluído. Ela vai para casa se alimentar e descansar. Quando acordar, ela irá colocar um lenço branco na cabeça que só deve ser retirado quando o cabelo crescer.

---

<sup>227</sup> Tucandeira (*Paraponera clavata*): inseto himenóptero classificado na grande família dos formicídeos, subfamília das poneríneas. De cor preta, chega a medir 25 mm de comprimento. É conhecida como tocandira, tucanaíra, formiga-agulhada, formiga-cabo-verde, formiga-de-febre, formigão e outros nomes. Habitante da selva, a tocandira constrói ninhos subterrâneos na base das árvores, cujas copas utiliza para forragear. As picadas causam manchas e calombos na pele, mal-estar generalizado e vômitos. (Hiram Reis)

TRAVELS  
IN  
BRAZIL,  
IN THE YEARS  
1817—1820.

UNDERTAKEN BY COMMAND OF  
*HIS MAJESTY THE KING OF BAVARIA.*

BY  
DR. JOH. BAPT. VON SPIX,  
AND DR. C. F. PHIL. VON MARTIUS,  
KNIGHTS OF THE ROYAL BAVARIAN ORDER OF CIVIL MERIT,  
AND MEMBERS OF THE ROYAL ACADEMY OF  
SCIENCES AT MUNICH, &c. &c.

---

VOLUME THE FIRST

---

LONDON:  
PRINTED FOR  
LONGMAN, HURST, REES, ORME, BROWN, AND GREEN,  
PATERNOSTER-ROW.  
1824.

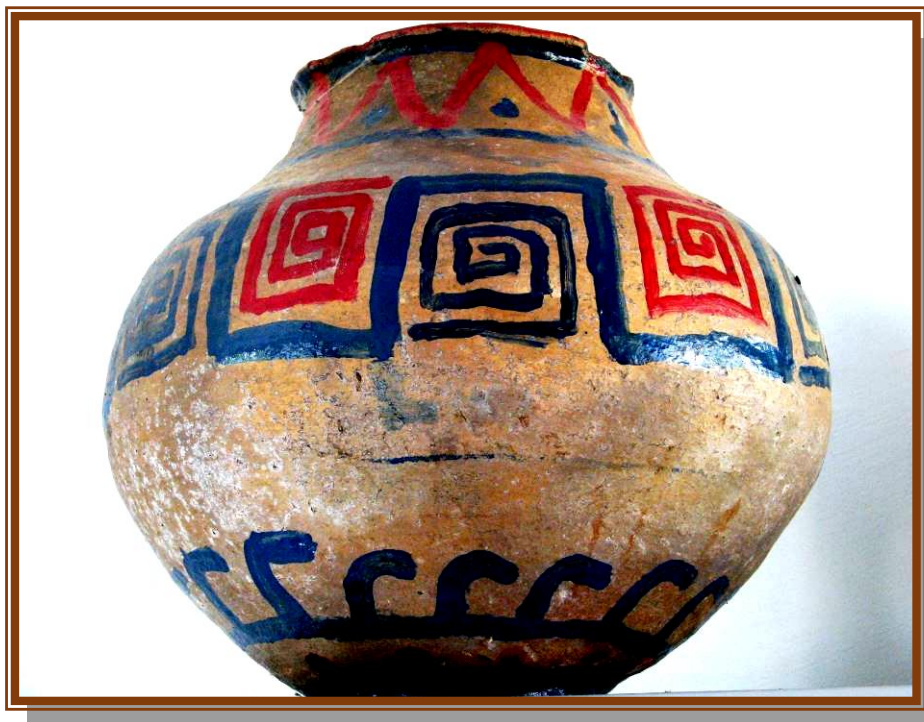
Imagem 64 – Travels in Brazil..., 1824

## **Spix – “Viagem pelo Brasil”**

Em 1817, Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius chegaram ao Brasil integrando uma das mais famosas das Expedições Científicas que visitou o País no século XIX. A missão austríaca acompanhava a comitiva da arquiduquesa Carolina Leopoldina, que vinha da Áustria para contrair matrimônio com Sua Alteza Real D. Pedro de Alcântara, primeiro herdeiro de Portugal, Brasil e Algarve.

Os pesquisadores Spix e Martius, após percorrerem grande extensão do Território Brasileiro, seguem juntos para Belém. Subiram, então, o Amazonas até a Cidade de Tefé, onde se separaram e Spix segue pelo leito do Solimões, até o Peru. Spix faz um relato, no seu livro “*Viagem pelo Brasil*”, a nosso ver, contraditório, a respeito de um evento que se assemelha à pelação do ritual da “*Festa da Moça Nova*”, exceto pela idade da criança. Devemos, por isso, sempre manter nosso espírito crítico alerta, mesmo lendo notas ou crônicas de personalidades do nível de um Spix.

*Apenas desembarcaram, ouvi uma atordoadora música, e presenciei a festa, para a qual tinham vindo de suas matas esses Índios. Consistia a cerimônia em arrancar a cabeleira de uma criança de dois meses, entre danças e música. Os Índios haviam convidado para isto os vizinhos, tocando numa buzina de caniço grosso, e festejaram a bárbara solenidade com dança bacânica, excitando-se cada vez mais aos goles de uma bebida fermentada, feita com a raiz do aipim doce [macaxeira]. Formavam um verdadeiro préstito. Aquele que figurava o diabo Jurupari, com máscara de macaco, abria a marcha; a cauda do seu vestido, feito de entrecasca, era levada por duas pequenas Índias.*



*Imagem 65 – Cerâmica Ticuna (Comunidade Feijoal)*

*Em seguida, vinham outros mascarados, um figurando um veado, outro um peixe, um velho tronco de árvore, etc. Fechando a procissão, vinha uma mulher velha, feia, toda pintada de preto, que batia monótono compasso num casco de tartaruga.*

*Nesse préstito, os indivíduos dançavam e pulavam como bodes, parecendo fantasmas ou malucos. Um desses horrendos comparsas dirigiu-se logo para mim e queria arrancar-me os botões luzidios do paletó, parecendo-lhe um conveniente enfeite para as suas orelhas. O espantoso espetáculo dessa bárbara festa, na qual muitas vezes a criança morria, durou desta vez três dias e três noites consecutivas. Outras festas são celebradas pelos Ticunas, quando se furem as orelhas da criança, e quando as raparigas chegam à puberdade. (SPIX & MARTIUS)*

## **Bates – “Um Naturalista no Rio Amazonas”**

Depois de permanecer com os Ticunas, em São Paulo de Olivença, durante cinco meses, Bates, relata em seu livro, “Um Naturalista no Rio Amazonas”:

*Os Ticunas se sobressaem entre todas as tribos na manufatura de objetos de barro. Fabricam potes de boca larga, para o tucupi<sup>(228)</sup> e a caiçuma<sup>(229)</sup> – ou molho de mandioca – com capacidade para vinte ou mais galões, ornamentando-os na parte externa com listras diagonais cruzadas de várias cores. Esses potes, juntamente com panelas, vasos pequenos para água, zarabatanas, carcases, sacolas de matiri contendo vários objetos, cestos, peles de animais e muitas coisas mais constituem o principal mobiliário de suas choupanas, tanto das grandes quanto das pequenas. Os seus Chefes, quando morrem, são enterrados no chão de suas choupanas, com os joelhos dobrados, dentro de grandes vasos de barro.*

*Os Ticunas se entregam às danças semirreligiosas e às bebedeiras rituais – comuns às tribos sedentárias do Amazonas – com muito mais desregramento do que a maioria das outras tribos.*

---

<sup>228</sup> Tucupi: molho de cor amarela extraído da raiz da mandioca brava, que é descascada, ralada e espremida (usando o tipiti). Depois de extraído, o molho é colocado para descansar para que o amido se separe do líquido (tucupi). Muito venenoso devido à presença do ácido cianídrico, o líquido é cozido, por horas, para eliminar o veneno podendo, então, ser usado na culinária. (Hiram Reis)

<sup>229</sup> Caiçuma: para preparar a caiçuma, deve-se descascar e lavar a macaxeira e cortá-la em pequenos cubos que são colocados numa panela com água e cobertos com folhas de bananeira, para cozinhar. Após o cozimento, amassa-se bem a macaxeira com uma colher de madeira e deixa-se a massa esfriar. Depois a macaxeira cozida é mastigada até que adquira a consistência de uma pasta. Coa-se a pasta. Acrescenta-se um pouco de água, e a caiçuma está pronta para ser consumida. O grau de fermentação depende do tempo destinado a isso; quanto mais tempo, maior o teor alcoólico. (Hiram Reis)

*O Jurupari (230), ou Demônio, é o único ser superior de que eles têm alguma noção, e seu nome está associado a todas as cerimônias, porém é difícil determinar quais os atributos que eles lhe dão. Parece que o consideram simplesmente como um espírito entre travesso e maligno, o qual se acha por trás de todos os malfeitos que acontecem em sua vida diária, e cujas causas não se tornam imediatamente óbvias para o seu curto entendimento. É inútil tentar arrancar alguma informação de um Ticuna sobre esse assunto; ele assume um ar de grande mistério e dá respostas inteiramente confusas às perguntas. Era evidente, entretanto, que a ideia de um espírito benfazejo, que agisse como um Deus ou Criador, ainda não tinha entrado na mente desses Índigenas.*

*Há uma grande similaridade nas cerimônias e rituais de todas as tribos, quer se trate de uma festa de casamento, da maturação das frutas, do corte ritual do cabelo dos filhos ou de uma festa organizada simplesmente para satisfazer o seu gosto pela orgia. Algumas das tribos se paramentam, nessas ocasiões, com vistosas penas de papagaios e araras. O Chefe usa um cocar feito com as penas do peito do tucano, presas a uma rede tecida com a fibra de uma bromélia.*

---

<sup>230</sup> Jurupari: é tão marcante a presença de Jurupari, que nem o tempo, nem os próprios missionários conseguiram apagar, do peito do Índio, o sinal profundo do seu mito. Mesmo com nomes diferentes, Jurupari aparece na tradição de todos os Índios que habitam a grande bacia. É consenso de que, em uma época que já vai longe, ele foi colocado no Grande Vale, a fim de cumprir uma relevante missão junto aos Índios. Segundo a vontade de Tupã, Jurupari nasceu de Ceuci, a mãe virgem. Era uma criança inteligente e bonita. Já, aos 10 anos de idade, assombrava a todos, pelos seus dotes de inteligência e pela força irresistível de seus argumentos. O menino foi crescendo. De toda a redondeza, acorriam guerreiros famosos às montanhas do Canuké, ávidos de escutar as palavras do jovem. Jurupari, bem cedo se revelou um profeta – ditava as leis, revelava os segredos da agricultura, determinava as regras de conduta, julgava os assuntos mais complicados e, noite e dia, espalhava sua doutrina. (Altino Berthier Brasil)

*Esse cocar é encimado por um penacho feito com as penas da cauda da arara. As faixas que cingem seus braços e pernas são também ornadas com feixes de penas. Outros usam trajes mascarados, compostos de longas capas que vão até abaixo dos joelhos e feitos com a fibra esbranquiçada da entrecasca de certa árvore; essa fibra é tecida de forma tão regular que se assemelha a um pano. A capa cobre, também, a cabeça, e possui dois orifícios para os olhos.*

*Dois pedaços de tecido, esticados sobre um aro de madeira flexível, são costurados dos dois lados da cabeça para representar as orelhas. As feições são pintadas no pano de maneira exageradamente grotesca, com fortes riscos amarelos, vermelhos e azuis. Os trajes são costurados com linha feita da entrecasca da uaicima <sup>(231)</sup>. Às vezes são usadas, nessas ocasiões, máscaras grotescas representando cabeças de macaco ou de outros animais, as quais são feitas esticando-se um couro ou pedaço de tecido por cima de um cesto, que serve de armação.*

*A máscara maior e mais horrenda é a do Jurupari. Metidos nesses trajes festivos, os Ticunas executam suas monótonas danças, que se resumem num sapatado e no balanço do corpo de um lado para o outro, ao som de cantos e de instrumentos de percussão. Isso se prolonga por três ou quatro dias e noites, ininterruptamente, durante os quais eles ingerem enormes quantidades de caçuma, além de fumarem e cheirarem pó de paricá <sup>(232)</sup>.*

---

<sup>231</sup> Uaicima (*Apeiba albiflora*): árvore da família das Tiliáceas, pode atingir 15 m de altura e possui flores de pétalas brancas e frutos com filamentos longos e sedosos. (Hiram Reis)

<sup>232</sup> Paricá: é um rapé feito com as cascas de várias espécies de *Virola*. As cascas e raízes da árvore são retiradas, maceradas, e o líquido é cozido até formar uma espécie de resina espessa. A resina é deixada para secar e, por vezes, é misturada a extratos de outras plantas para o preparo de um rapé a ser usado em rituais. (Hiram Reis)



*Não consegui apurar se havia algum significado simbólico mais profundo nessas danças com máscaras, nem se elas celebravam algum evento da história da tribo. Algumas delas parecem vagamente propiciatórias a Jurupari, mas o Índio mascarado, que representa o demônio, muitas vezes se embriaga junto com o resto e nunca é tratado com reverência especial.*

*Pelo que pude averiguar, esses Índios não preservam a lembrança de eventos anteriores à época em que viveram os avós. Quase toda data jubilosa é motivo para um festival, inclusive os casamentos.*

*Quando um rapaz deseja casar-se com uma moça Ticuna, tem de pedir a mão dela aos pais, que, em seguida, cuidam de todos os preparativos e marcam a data da cerimônia. Quando me achava em São Paulo de Olivença, foi realizado um casamento na semana do Natal. Comemorou-se o evento durante três ou quatro dias com grande animação; nas horas mais quentes do dia, o entusiasmo arrefecia um pouco, mas logo recrudescia ao cair da tarde.*

*Durante todo o tempo, a noiva, enfeitada de penas, permaneceu sob a guarda das Índias mais velhas, cuja função parecia consistir em manter diligentemente o noivo à distância, até o final do cansativo período de danças e bebedeiras.*

*Os Ticunas têm o singular costume – juntamente com os Culinas e os Maués – de tratar as mocinhas da tribo, no momento em que se tornam púberes, como se elas tivessem cometido um crime. Elas são levadas para o jirau, junto ao teto sujo e fumarento da choupana, e mantidas ali, às vezes, durante um mês, em regime de fome. Contaram-me que uma pobre moça morreu ao ser submetida a esse tratamento. (BATES)*

## **Drogas**

Embora nas aldeias pelas quais passei não tenha constatado o uso de drogas pelos mais jovens, soube, pelo Cacique João, da Comunidade Feijoal, que este flagelo atinge a sua Comunidade e pela Polícia Federal que, na Comunidade "Umariáçu 2", as drogas vêm trazendo graves problemas.

O Cacique Manoel Nery teve um filho esfaqueado nas costas como vingança por ser ele um dos que condenam abertamente o uso das drogas.

O Cacique Manoel Nery declarou que:

*A FUNAI não faz nada. Só o que faz é demarcar área junto com o Governo Federal e fazer a fiscalização.*

Para o Cacique, o que leva os jovens a se envolver com as drogas é a falta de perspectiva de futuro, depois de concluírem o Ensino Médio, oferecido na aldeia:

*Eles concluem o Ensino Médio e não têm profissão, não têm trabalho nenhum. Não têm ajuda dos políticos para estudar fora, na Capital ou em outro País.*

*Não têm bolsa na universidade. Então a gente está sem caminho, enquanto a Comunidade está sofrendo.*

## **Drogas nas Comunidades Indígenas**

O administrador regional da FUNAI, em Tabatinga, senhor Davi Félix Cecílio, afirmou que a cocaína está presente em quase todas as 230 Comunidades sob sua jurisdição, onde vivem mais de 54.000 Índios.

# O FLUMINENSE

Alberto Torres (1954-1998)

Niterói, sexta-feira, 21 de março de 2008 • ANO 130 - Nº 38.251 www.ofluminense.com.br

R\$ 1,00

## Aumenta suicídio entre índios

Uso de drogas e bebidas, associado à falta de trabalho, teria levado cerca de 40 jovens a se matarem em uma área indígena amazense

• Uma mistura explosiva incluindo uso de cocaína e álcool, associada à falta de trabalho está provocando uma rápida deterioração da vida e dos costumes em uma área indígena na cidade amazense de Tabatinga e levando dezenas de índios ao suicídio. Esta é a avaliação do cacique Manoel Nery Tikuna, que chefiava a aldeia Umariáçu 2.

Segundo ele, desde 2001 mais de 40 jovens se mataram

na aldeia, que abriga 3.640 índios da etnia Tikuna, às margens do Rio Solimões. O número de suicídios foi maior entre 2001 e 2004, quando 36 índios se mataram, segundo o cacique, e depois parou até 2006. Porém, novos casos voltaram a acontecer em 2007, com duas mortes, e outras duas em fevereiro deste ano, afirmou Manoel Nery.

"É uma coisa que entristeceu a comunidade, porque

a juventude está nesse caminho", comenta o líder tikuna.

"Essa droga nós não conhecemos. Chamam de papeleta. Eles têm desejo e compram. Vendem enrolado em um papel e eles usam. É cocaína."

Mas o número de mortes por suicídio varia segundo outras fontes ouvidas. Para o administrador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Tabatinga, Davi Félix Cecílio, as mortes por esta

causa em Umariáçu foram 16 no ano passado.

Já a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) não registrou nenhuma morte por suicídio na mesma aldeia em 2007, mas contou 19 suicídios em toda a região do Alto Solimões, o que representa um brutal aumento em relação aos anos anteriores. Segundo a Funasa, em 2003 houve seis suicídios; em 2004, dois; em 2005, seis; e em 2006, cinco. ■

*Imagem 66 – O Fluminense nº 38.251, 21.03.2008*



**O Fluminense nº 38.251 – Niterói, RJ  
Sexta-feira, 21.03.2008**

**Aumenta Suicídio Entre Índios**

**Uso de Drogas e Bebidas, Associado à Falta de Trabalho, Teria Levado Cerca de 40 Jovens a se Matarem em uma Área Indígena Amazense**

Uma mistura explosiva incluindo uso de cocaína e álcool, associada à falta de trabalho está provocando uma rápida deterioração da vida e dos costumes em uma área indígena na cidade amazense de Tabatinga.

tinga e levando dezenas de Índios ao suicídio. Esta é a avaliação do Cacique Manoel Nery Tikuna, que chefia a aldeia Umariáçu 2.

Segundo ele, desde 2001 mais de 40 jovens se mataram na aldeia, que abriga 3.640 Índios da etnia Ticuna, às margens do Rio Solimões.

O número de suicídios foi maior entre 2001 e 2004, quando 36 Índios se mataram, segundo o Cacique, e depois parou até 2006.

Porém, novos casos voltaram a acontecer em 2007, com duas mortes, e outras duas em fevereiro deste ano, afirmou Manoel Nery.

*“É uma coisa que entristeceu a Comunidade, porque a juventude está nesse caminho”, comenta o líder Ticuna. “Essa droga nós não conhecíamos. Chamam de papeleta. Eles têm desejo e compram. Vendem enrolado em um papel e eles usam. É cocaína”.*

Mas o número de mortes por suicídio varia segundo outras fontes ouvidas.

Para o administrador regional da Fundação Nacional do Índio [FUNAI] em Tabatinga, Davi Félix Cecílio, as mortes por esta causa em Umariáçu 2 foram 16 no ano passado.

Já a Fundação Nacional de Saúde [FUNASA] não registrou nenhuma morte por suicídio na mesma aldeia em 2007, mas contou 19 suicídios em toda a região do Alto Solimões, o que representa um brutal aumento em relação aos anos anteriores.

Segundo a FUNASA, em 2003 houve seis suicídios; em 2004, dois; em 2005, seis; e em 2006, cinco. (O FLUMINENSE Nº 38.251)

# CORREIO BRAZILIENSE

LONDRES, 1808 - HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA, BRASÍLIA, 1968 - ASSIS CHATEAUBRIAND

QUARTA-FEIRA • Brasília, Distrito Federal, 22 de abril de 2009

[www.correio braziliense.com.br](http://www.correio braziliense.com.br)

Número 16.774 • 64 páginas • R\$ 2,00  
EXEMPLAR DE ASSINANTE • VENDA PROIBIDA

## CRIMES NA ALDEIA

### Índios criam delegacia própria

Índigenas da etnia ticuna decidiram combater o crime com as próprias mãos e criaram há quatro meses uma delegacia na aldeia Umariáçu, em Tabatinga, cidade a 1.105 km de Manaus. Vestindo fardas desenhadas pelos próprios índios, os "policiais" usam palmatória, chicotes e cassetetes para reprimir a violência local. Os detidos são levados para uma prisão de 1,5m<sup>2</sup>. Nos uniformes, há um logotipo — dois cassetetes e um facão — e a inscrição Serviço de Proteção ao Índio

(SPI). "Estavam cansados da omissão do poder público e resolveram tomar a iniciativa para proteger sua gente e suas terras", defende o dirigente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Jecinaldo Sateré.

Na semana passada, Jecinaldo foi a Tabatinga para reunir-se com pajés da aldeia Umariáçu. "Pediram apoio para a delegacia e ontem (segunda-feira) encaminhamos a carta com o pedido ao Ministério da Justiça e ao governo do

Amazonas", conta. Os indígenas convocados para integrar a polícia na aldeia são ex-soldados do Exército e usam essa experiência para coibir o crime. Com o avanço do alcoolismo na aldeia, aumentou o envolvimento com drogas e violência.

Dentro da aldeia, foi proibida a entrada de bebidas alcoólicas desde a criação da delegacia. Os 60 "policiais" trabalham em três turnos e também fazem serviço de ronda na área da aldeia, controlando o fluxo de veículos e de

turnos e também fazem serviço de ronda na área da aldeia, controlando o fluxo de veículos e de pessoas que entram e saem. "Eles (os índios) têm um levantamento que mostra uma queda em 80% dos crimes causados especialmente por embriaguez, no balanço desses quatro meses de delegacia", destaca Jecinaldo.

Imagem 67 – Correio Braziliense nº 16.774, 22.04.2009



**Correio Braziliense nº 16.774, Brasília, DF  
Quarta-feira, 22.04.2009**



**Índios Criam Delegacia Própria**



Índigenas da etnia Ticuna decidiram combater o crime com as próprias mãos e criaram há quatro meses uma delegacia na Aldeia Umariáçu, em Tabatinga, cidade a 1.105 km de Manaus. Vestindo fardas desenhadas pelos próprios Índios, os "policiais" usam palmatória, chicotes e cassetetes para reprimir a violência local. Os detidos são levados para uma prisão de 1,5 m<sup>2</sup>. Nos uniformes, há um logotipo – dois cassetetes e um facão – e a inscrição Serviço de Proteção ao Índio [SPI].

*"Estavam cansados da omissão do poder público e resolveram tomar a iniciativa para proteger sua gente e suas terras", defende o dirigente da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira [COIAB], Jecinaldo Sateré.*

Na semana passada, Jecinaldo foi a Tabatinga para reunir-se com Pajés da aldeia Umariagu. *"Pediram apoio para a delegacia e ontem [segunda-feira] encaminhamos a carta com o pedido ao Ministério da Justiça e ao Governo do Amazonas", conta.*

Os Indígenas convocados para integrar a polícia na aldeia são ex-Soldados do Exército e usam essa experiência para coibir o crime.

Com o avanço do alcoolismo na aldeia, aumentou o envolvimento com drogas e violência. Dentro da aldeia, foi proibida a entrada de bebidas alcoólicas desde a criação da delegacia. Os 60 *"policiais"* trabalham em três turnos e também fazem serviço de ronda na área da Aldeia, controlando o fluxo de veículos e de pessoas que entram e saem.

*"Eles [os Índios] têm um levantamento que mostra uma queda em 80% dos crimes causados especialmente por embriaguez, no balanço desses quatro meses da Delegacia", destaca Jecinaldo. (CORREIO BRAZILIENSE N° 16.774)*



**Jornal do Brasil n° 52, Rio de Janeiro, RJ**  
**Sábado, 30.05.2009**



**Suicídios Entre Indígenas do Amazonas**  
**Preocupam FUNASA – Média é até Oito Vezes**  
**Maior que da População em Geral –**  
**Governo Lança Plano**



SAÚDE

## Suicídios entre indígenas do Amazonas preocupam Funasa

Média é até oito vezes maior que da população em geral. Governo lança plano

MANAUS

Informações do Distrito de Saúde Indígena (Dsei) do Alto Solimões (AM) reveladas ontem mostram que nos municípios amazonenses de Tabatinga, Benjamin Constant, Santo Antonio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Tonantins a média de suicídios registrada entre a população indígenada da região em 2008 é de 38,32 para cada 100 mil habitantes. A taxa de suicídios pode chegar a ser quase oito vezes maior que a média nacional que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), varia de 3,9 a 4,5 para cada 100 mil habitantes.

O Dsei Alto Solimões é o primeiro do interior do Amazonas a organizar dados sobre o problema. A equipe atende 42.093 indígenas pertencentes a sete etnias, predominantemente ticuna. A prática de suicídio entre indígenas que vivem na região do Alto Rio Solimões, no sudoeste do Amazonas, deve-se a fatores diversos mas, principalmente, a aspectos culturais e a falta de perspectivas para o desenvolvimento pessoal e profissional desses indivíduos, na avaliação do gerente do Programa de Saúde Mental da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Carlos Coloma. De acordo com ele, o assunto continua sendo uma das principais preocupações não só entre os povos indígenas, mas também entre os profissionais que trabalham com essas populações.



AMEAÇADOS – Área da etnia ticuna: falta de perspectivas é um dos principais fatores que leva ao suicídio

– A morte tem um sentido diferente para os indígenas em comparação à cultura ocidental. Para muitos povos, morrer significa passar para outra vida. Isso pode ser uma das justificativas culturais para a prática. Contudo, a atitude, obviamente, está relacionada a uma questão emocional e pode também ser influenciada pela falta de oportunidades de educação e trabalho. A Funasa ainda não tem essas in-

formações consolidadas, mas pretende identificar estes índices e, a partir daí, realizar o diagnóstico da situação – explicou.

### Plano

Até o fim de junho, a Funasa deverá concluir a elaboração do Plano de Enfrentamento de Situações que Colocam em Riscos as Comunidades Indígenas que vivem nos municípios do sudoeste do Amazonas.

O documento será utilizado pelos profissionais que trabalham para a instituição no Distrito de Saúde Indígena (Dsei) do Alto Solimões, responsável pelo atendimento à saúde de mais de 42 mil indígenas. O objetivo é utilizar as diretrizes apresentadas no plano para, sobretudo, reduzir o consumo de bebidas alcoólicas e drogas (maconha e cocaína), além de reduzir os elevados índices de violência nas aldeias. (ABR)

Imagem 68 – Jornal do Brasil nº 52, 30.05.2009

MANAUS, AM – Informações do Distrito de Saúde Indígena [DSEI] do Alto Solimões [AM] reveladas ontem mostram que nos municípios amazonenses de Tabatinga, Benjamin Constant, Santo Antonio do Içá, Amaturá, São Paulo de Olivença e Tonantins a média de suicídios registrada entre a população Indígena da região em 2008 é de 38,32 para cada 100 mil habitantes.

A taxa de suicídios pode chegar a ser quase oito vezes maior que a média nacional que, segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS], varia de 3,9 a 4,5 para cada 100 mil habitantes. O DSEI Alto Solimões é o primeiro do interior do Amazonas a organizar dados sobre o problema. A equipe atende 42.093 Indígenas pertencentes a sete etnias, predominantemente Ticuna.

A prática de suicídio entre Indígenas que vivem na região do Alto Rio Solimões, no SO do Amazonas, deve-se a fatores diversos, mas, principalmente, a aspectos culturais e à falta de perspectivas para o desenvolvimento pessoal e profissional desses indivíduos, na avaliação do gerente do Programa de Saúde Mental da FUNASA, Carlos Colorara. De acordo com ele, o assunto continua sendo uma das principais preocupações não só entre os povos Indígenas, mas também entre os profissionais que trabalham com essas populações.

*“A morte tem um sentido diferente para os Indígenas em comparação à cultura Ocidental. Para muitos povos, morrer significa passar para outra vida. Isso pode ser uma das justificativas culturais para a prática. Contudo, a atitude, obviamente, está relacionada a uma questão emocional e pode também ser influenciada pela falta de oportunidades de educação e trabalho. A FUNASA ainda não tem essas informações consolidadas, mas pretende identificar esses índices e, a partir daí, realizar o diagnóstico da situação”* – explicou.

## **Plano**

Até o fim de junho, a FUNASA deverá concluir a elaboração do Plano de Enfrentamento de Situações que *“Colocam em Risco as Comunidades Indígenas”* que vivem nos municípios do SO do Amazonas.



O documento será utilizado pelos profissionais que trabalham para a instituição no Distrito Sanitário Especial Indígena [DSEI] do Alto Solimões, responsável pelo atendimento à saúde de mais de 42 mil Indígenas. O objetivo é utilizar as diretrizes apresentadas no plano para, sobretudo, reduzir o consumo de bebidas alcoólicas e drogas [maconha e cocaína], além de reduzir os elevados índices de violência nas aldeias. (JDB N° 052)

## **Homossexualismo Indígena**

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) publicou, recentemente, o resultado de uma pesquisa, realizada junto à etnia Ticuna, revelando a existência de um número crescente de homossexuais. Este, porém, não é fato que chama a atenção no relatório e sim o crescimento do preconceito contra os Indígenas assumidos.

Os especialistas afirmam que crescem, nas aldeias, no mesmo ritmo, a ideologia cristã, a homofobia e o número de Indígenas assumidos.

O levantamento na aldeia de Umariçu II mostra que são aproximadamente 3.649 Ticunas, 40% dos quais têm menos de 25 anos e, dentre eles, 20 são homossexuais assumidos. O administrador da FUNAI na região, Darcy Bibiano Murati, comenta:

*Isso é novo para a gente. Não víamos Indígenas assim, agora rapidinho cresceu em todas as comunidades. São meninos de 10, 15 anos.*

O Órgão Federal acredita que o número de "assumidos", os "tibiras", cresceu junto com a violência. Os tibiras são agredidos com pedras, garrafas, latas e chacotas sendo chamados de "meia coisa".

Os jovens “*tibiras*” rompem, definitivamente, com as tradições seculares. Fazem uso de tatuagens com henna, usam piercing, pintam o cabelo e as unhas e fazem as sobrancelhas.

Darcy Ribeiro relata que há registros de homossexualidade entre Índios desde o século XIX. No Mato Grosso, onde ele estudou os Kadiwéu, chamavam o homossexual de kudina – o que decidiu ser mulher.

## **Conclusão**

É triste verificar que, apesar dos esforços das lideranças, os costumes venham sendo relegados ao segundo plano, e que muitos Indígenas reneguem com veemência sua descendência.

As drogas vêm conquistando celeremente as mentes dos jovens sem maiores perspectivas de futuro o que poderia ser contornado com a criação de cursos profissionalizantes que atendam às necessidades locais e que estejam de acordo com as tradições e a cultura nativa. O artesanato é restrito a umas poucas senhoras de idade e não está sendo repassado às crianças.

Não consegui, apesar de todos os esforços, conhecer uma única pessoa que dominasse a técnica da cerâmica Ticuna, o único exemplar que fotografei estava em uma estante da Escola de Ensino Médio de Feijoal.

Da mesma forma, ninguém detinha o conhecimento de ervas medicinais. A modernidade chegou implacável ao território Ticuna e em quase todas as residências observamos a televisão ocupar o espaço reservado aos anciãos na formação e doutrinação dos mais jovens.

## Pequeno vocabulário Ticuna

| <i>Ticuna</i> | <i>Português</i> |
|---------------|------------------|
| Ái            | onça             |
| Awa           | mandioca         |
| Bueterere     | panela           |
| Chai          | peixe            |
| Chawí         | milho            |
| Dáu           | vermelho         |
| Dyái          | sucuriju         |
| Dyati         | homem            |
| Dyáu          | azul             |
| Dyãwe         | veado            |
| Dyawiru       | jaburu           |
| Dyuéma        | machado          |
| Eí            | fogo             |
| Homun         | luz              |
| In            | casa             |
| Ira           | pequeno          |

| <i>Ticuna</i> | <i>Português</i> |
|---------------|------------------|
| nãpa          | rede             |
| na-pé         | dormir           |
| nauwa         | socó             |
| nayí          | saúva            |
| nuta          | pedra            |
| pána          | moça             |
| pári          | fumo             |
| pukí          | chuva            |
| puta          | dente            |
| saúegan       | irmã             |
| sauene        | parente          |
| sauenoeene    | irmão            |
| ta            | grande           |
| taikire       | macaco           |
| ti            | algodão          |
| tiimá         | matar            |

| <b>Ticuna</b> | <b>Português</b> |
|---------------|------------------|
| Kaya          | jacaré           |
| Káwa          | maguari          |
| Keá           | clã              |
| Máyu          | mutum            |
| Naí           | arara vermelha   |

| <b>Ticuna</b> | <b>Português</b> |
|---------------|------------------|
| tuuna         | homens           |
| yatu          | homem            |
| wãí           | preto            |
| waiíma        | terra            |
| wurá          | arco             |

### ***Imagens do Rio*** ***(Keilah Diniz)***



*Sou um barco parado num porto qualquer. E as águas que passam sob mim não me levam, também não me trazem, apenas vão me machucando levemente cada dia um pouco mais, apenas vão me lavando docemente cada dia um pouco mais até que eu fique liso, limpo não de pureza, mas de vazio, de solidão.*

*Inútil como um barco parado. Sou um Rio que passa sob um barco parado. E minha força é pouca tão pouca que não consegue pelo menos balançar esse barco nem ao menos manchar o seu casco de barro. Sou um Rio limpo puro e sereno como água de Rio que passa sob um barco sem deixar marcas.*

*Sou a ponte sobre o Rio de barco parado. E só me aproximo das águas quando elas se alvoroçam amedrontadas e chegam até mim depois de já terem engolido o barco. Só assim tomo consciência de sua existência – quando me atacam! E só assim também tomo consciência de sua existência – quando sou atacada diretamente! Sou a ponte parada sobre o Rio de barco morto.*

*Mesmo que eu quisesse não seria possível me aquietar. Aqui onde estou, nessa prancha sobre as águas, as ondas me levam. E quanto mais eu quero me segurar ficar duro, rijo mais elas me arrastam para onde não quero ir. Melhor mesmo é encontrar um remo remar, remar, remar. Assim pelo menos posso tentar encontrar um caminho ou então me afogar de vez.*





Mapa 06 – Comunidade Feijóal (Google Earth)



## **La Vida** **(Joaquín Lorenzo Luáces)**



JOAQUÍN LORENZO LUÁCES.

*Como el voluble Océano,  
Hoy tranquilo, mañana tempestuoso,  
La vida del humano,  
Que se fatiga en vano,  
Se pasa sin reposo  
Por camino desierto i escabroso.*

*La verde Primavera  
Huye el calor del abrasado Estío,  
I Otoño, la severa  
Intonsa cabellera  
Del cano Invierno frio  
Que cuaja en los arbustos el rocío.*

*Los Ríos placenteros  
Corriendo van a los turgentes Mares  
Por húmedos senderos;  
I escondense altaneros  
En pálidos manglares,  
Dejando atras colinas i palmares.*

*Así corre la vida  
Por sendero con flores matizado,  
En presurosa huida,  
Hasta llegar perdida  
Al recinto callado,  
Que sepulcro los hombres han llamado.*

*Ni el magnate orgulloso,  
Ni del Rey los altivos consejeros,  
Ni el guerrero brioso,  
Ni el rico voluptuoso  
De tristes pordioseros  
Dejan de ser, entónces, compañeros. [...]*

## ***Feijoal – Belém – Santa Rita***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para Belém do Solimões (03.12.2008)**

Partimos para Belém do Solimões por volta das 06h40 do dia 3 de dezembro. Novamente, meus companheiros resolveram seguir um rumo diverso do tomado pelo navegador e optaram pela margem esquerda do Rio Solimões enquanto eu seguia pela margem esquerda da Ilha Javari-mirim. Mantivemos contato visual durante uma hora aproximadamente até nos aproximarmos de um enorme banco de areia que separava a Ilha da margem esquerda do Rio. Parei para descansar, como havíamos combinado, e tentei contactá-los subindo num grande tronco que existia num local elevado do banco de areia. Gritei em vão por 15 min. Resolvi continuar, já que, sem conseguir que me respondessem, achei que não haviam parado e estavam à minha frente.

### **Furo Tauaru**

Cheguei, sem qualquer dificuldade, ao extremo Sul do furo Tauaru. O furo economiza aproximadamente 12 quilômetros de navegação e é uma opção importante para pequenas embarcações. Na viagem de avião para Tabatinga, eu havia avistado e fotografado o furo. Confirmei minhas expectativas de economizar tempo navegando por ele.

Aguardei 30 minutos pelos parceiros e, como não aparecessem, deduzi que já tinham passado por ali ou seguido pela grande volta do Solimões.



O Furo parece uma via expressa, pois o movimento de pequenas embarcações é enorme. São pequenas montarias, voadeiras, recreios, passando a todo momento. Passei pela Comunidade Novo Brasão, onde cumprimentei seus educados moradores de origem indígena e pedi para que avisassem meus companheiros de minha passagem, caso ali cruzassem.

## **Furo Tauaru/Rio Solimões**

A visão do Solimões no extremo Norte do Tauaru é impressionante pela beleza e magnitude. A Oeste, mal se consegue vislumbrar a margem esquerda. Embora meus amigos de Feijoaal tivessem me orientado a seguir pela margem esquerda do Rio, para facilitar a orientação, decidi tangenciar a margem direita e me dirigir direto a Belém do Solimões. A opção tornaria meu trajeto bem mais curto embora houvesse necessidade de estar atento às características do terreno para não enveredar inadvertidamente por algum furo e, conseqüentemente, ultrapassar meu objetivo. O vento de proa prejudicou um pouco, mas a velocidade, de acordo com o GPS, foi mantida em torno dos 12 km/h.

## **Belém do Solimões**

Belém do Solimões domina, com imponência, a barranca do Rio. Não avalei corretamente a força da correnteza (em torno dos 20 km/h); não arribei (<sup>233</sup>), como dizem os ribeirinhos, o suficiente e fui empurrado violentamente para jusante do local onde pretendia atracar – um flutuante de captação de água. Depois de muito esforço, consegui amarrar o caiaque a uns 30 m abaixo do mesmo e desembarquei para fazer contato.

---

<sup>233</sup> Arribar: navegar mais à montante, ou Rio acima. (Hiram Reis)

O Cacique, o representante da FUNAI, o Padre, o professor Chiquinho todos se encontravam em Tabatinga. Consegui, então, contatar o professor Manoel Mário que nos acolheu em sua escola e providenciou apoio para que o caiaque fosse carregado para lá.

Um as três horas depois, chegaram meus esbaforidos parceiros que, espero, depois dos dois últimos contratempas, decidam me acompanhar e não traçar rotas alternativas.

A Comunidade é bem maior do que a de Feijoal e talvez por isso seus problemas sejam igualmente consideráveis. Não há água potável, as escolas não possuem sistemas de calefação ou ventilação que proporcione conforto a seus alunos e mestres, as ruas estão repletas de lixo, a comunicação é precária.

A modernidade, através da mídia, contaminou os jovens indígenas que procuram imitar nos trajes, piercing e mesmo tatuagens seus "heróis" globais.

Esta neo-cultura e o homossexualismo ostensivo são vistos com muita reserva e desencanto pelos importantes anciãos. O artesanato, pelo que pudemos observar, perdeu em qualidade e utiliza elementos fabricados nos grandes centros como o nylon e contas coloridas de plástico. Como em Feijoal, nenhum artesão que trabalhe com a cerâmica Ticuna foi identificado.

Parece que uma destruição, semelhante à que o grande Rio provoca nas barrancas da grande Comunidade, golpeia nefastamente os costumes do povo Ticuna. O Rio, segundo os mais antigos, escavando o barranco já levou mais de 200 metros da Comunidade.

## Entrevista com o Pastor Ticuna Antônio Cruz

Assim como o Solimões solapa as barrancas do Rio ameaçando de destruição a Igreja de São Francisco de Assis, inaugurada em 1936, a religião católica vem perdendo espaço junto às comunidades indígenas para os evangélicos. São pelo menos três igrejas de cultos evangélicos distintos em cada grande Comunidade que visitamos e todos eles geridos por pastores de origem indígena.

Os nativos de hoje preferem ouvir alguém sem sotaque estrangeiro falando-lhes de Jesus Cristo, e ter como pastores os homens que se preocupam mais com a evangelização do que com a política, optam por líderes religiosos que apontem o caminho da harmonia e da convivência fraterna, ao conflito e ao apartheid.

*Meu nome é Antônio Cruz, nascido aqui na Comunidade de Belém do Solimões, no dia 21 de agosto de 1989. Minha mãe me convenceu a me tornar cristão evangélico e pelo desejo dela eu me tornei pastor evangélico. E hoje, para mim, ser evangélico é um dos maiores tesouros da vida indígena que eu encontrei. É a salvação em Cristo Jesus que Deus planejou a eternidade para todos os seres humanos que há na face da Terra.*

*Por isso eu me sinto bastante alegre agora com o senhor que está me entrevistando aqui para que ele possa repassar os relatos de muitas histórias da aldeia e das comunidades. Temos lendas e costumes que estão sendo esquecidos pela população atual devido ao avanço tecnológico. Isso tem feito com que o indígena se esqueça da sua cultura, daquilo que ele sabia fazer, como o artesanato, os artefatos que usava para a caça e para a pesca tornando-o dependente de tudo aquilo que vem de fora.*

*Isso precisa ser resgatado pelas lideranças locais e pelos governos que precisam olhar com mais amor para a Amazônia. A tribo Ticuna não é muito conhecida apesar de ser uma das maiores. Por isso, nesta hora diante do senhor que está me entrevistando, sinto-me bastante alegre e quero agradecer por isso, muito obrigado. (Antônio Cruz)*

## **Partida para Santa Rita de Weil (04.12.2008)**

Para compensar os dois dias que passamos em Feijoal, no dia 04 de dezembro resolvi rumar direto para Santa Rita de Weil. Fabíola, bastante estressada, acusou alguns indígenas de terem roubado seu chapéu. Ainda bem que a maioria deles não entendeu nada do que ela disse; o chapéu estava devidamente guardado com nossos demais pertences. O incidente chegou aos ouvidos das lideranças, e tive de me desculpar quando vieram me interpelar justificando o comportamento inadequado da parceira, dizendo que ela estava muito cansada e enfrentava "*problemas de mulher*". Os líderes sorriram e relevaram a falta de educação da moça.

Solucionado o primeiro bate-boca, a Fabíola iniciou uma discussão com Romeu, sobre quem iria ocupar a posição de piloto no caiaque duplo. Tive de interromper, pois a altercação estava se transformando em um verdadeiro circo, para a alegria dos Ticunas que a tudo assistiam. Navegamos direto para a Base Anzol<sup>(234)</sup>, da Polícia Federal, onde fomos muito bem recebidos pelos agentes. Tomamos o café da manhã com os amigos federais e ouvimos deles relatos sobre as dificuldades que enfrentam na área.

---

<sup>234</sup> Base Anzol: posto da Polícia Federal, situado na localidade de Palmeiras. O acesso só pode ser feito por helicóptero ou barco. Nos últimos três anos, a Base Anzol foi responsável por 70% das apreensões de cocaína da área. (Hiram Reis)

Em Tabatinga, eu já havia avisado ao delegado local de nossa intenção de ir até a base. Abastecemos nossas garrafas com água potável, já que a água de Belém era imprópria para o consumo.

Nas proximidades de Santa Maria, a meio caminho, entre Santa Rita de Weil e São Felix, paramos para descansar. Aproveitei para colocar a malhadeira (<sup>235</sup>) e apanhei duas sardinhas que foram assadas pela Fabíola e consumidas pelo trio. A Vila que ficava a uns 500 metros de distância seria o local de parada caso não tivéssemos permanecido dois dias em Feijoal.

A navegação continuava facilitada pela força da correnteza e, por vezes, alcançávamos os 15 km/h. Paramos em um enorme banco de areia a 13 quilômetros de Santa Rita, onde pude observar e fotografar um nativo recolhendo a rede em sua "*montaria*" com uma destreza invulgar e outro que, com seu arpão de bico (<sup>236</sup>), aguardava imóvel algum grande e descuidado peixe. Os olhos treinados procuravam, certamente, o bululu (<sup>237</sup>) ou a siriringa (<sup>238</sup>) que identifica a presença da presa.

---

<sup>235</sup> Malhadeira: rede de pesca. (Hiram Reis)

<sup>236</sup> Arpão de bico: formado por uma haste de madeira nobre de mais de dois metros de comprimento e, em cuja ponta, é adaptado um bico de ferro em forma de ponta de flecha. A ponta do bico tem aproximadamente três milímetros de raio e vai aumentando o seu diâmetro para cerca de sete milímetros até o chamado "*alvado*" que é engastada à ponta inferior da haste. Ao bico é amarrada uma corda de fibra vegetal de mais de uma dezena de metros e a outra ponta da corda é amarrada na popa do barco. Depois de arpoado o peixe, o bico se solta da haste e esta faz o papel de bóia; o pescador pode conduzi-lo, depois de cansado, como se faz com uma linha de pesca. (Hiram Reis)

<sup>237</sup> Bululu: pipocar de borbulhas. (Hiram Reis)

<sup>238</sup> Siriringa: insignificante movimento da superfície da água provocado pelo deslocamento dos grandes peixes nas camadas inferiores. (Hiram Reis)



*Imagem 69 – Igreja Batista (Santa Rita de Weil)*

Partimos com velocidade para a última perna do dia. O vento Norte formou ondas de 40 cm, e eu resolvi apertar o ritmo das remadas antes que os ventos aumentassem. Confirmei com um pescador se o canal que conduzia a Santa Rita entre a Ilha e o continente estava liberado e continuamos nossa aproximação.

### **Santa Rita de Weil**

Fundada por alemães (Weil e Muller), a Vila é um retrato escarrado da decadência e desleixo. As casas estão em petição de miséria e o lixo acumulado justifica a presença de urubus que perambulam pelas ruas como aves domésticas.

Na escolinha, fomos muito bem recebidos pelo gestor local, que conseguiu que ficássemos abrigados na casa do professor Jorge. As condições da casa eram deprimentes e não se entende como um projeto de escola na área não contemple alojamento para professores, já que todos, sem exceção, moram na sede do Município, em São Paulo de Olivença.

Tomei banho na água que jorrava pela tampa da caixa d'água da Escola. À noite saí para colher imagens da Igreja Batista – fundada pelos americanos e depois tirei mais algumas fotos de outras edificações. Conhecemos, depois, em São Paulo de Olivença, uma senhora – dona de restaurante, descendente dos Muller – que nos deu o telefone de um parente seu, de Manaus, que conhecia o escritor que estava trabalhando num livro a respeito dos fundadores da Vila. Infelizmente, para nossa decepção, chegando a Manaus, o número do telefone não estava correto.



**Rio Solimões**  
**(Sérgio Luiz Pereira)**

*Imagens, são fantásticas imagens!  
Mistérios, são mistérios perseguindo,  
O verde em sempre, pássaros sorrindo  
À flor das águas doces e selvagens.*

*De quando em quando habitações, miragens  
Das almas esquecidas vêm surgindo  
E a imensidão das águas permitindo  
Dos homens e progressos as passagens.*

*O Sol boiando inspira doce mágoa  
Salta o boto a sorrir na beira d'água  
Passa a canoa cheia nos porões.*

*E a noite vem chegando com histórias  
Ficando vivamente nas memórias  
Na solidão do Rio Solimões...*



*Imagem 70 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga*



*Imagem 71 – Com. Ticuna do Belém do Solimões – Tabatinga*





*Imagem 72 – Cercanias de S. Rita de Weil*



*Imagem 73 – São Paulo de Olivença*



*Imagem 74 – Flutuante do Vereador Torquato – Com. Niterói*



*Imagem 75 – Praça da Matriz – Amaturá*

**Ter de ficar**  
(Elpídio Reis)

*Ter no corpo a alma de andarilho,  
Nas veias o sangue de viajante,  
Ver, no porto, à noitinha,  
Majestoso, todo iluminado,  
Um navio partindo,  
Ver na distância um avião sumindo,  
Como um ponto quase invisível  
Até desaparecer,  
Levando para longe quem a gente adora,  
E ter de ficar.*

*Ver automóveis passando,  
Levando os que se amam,  
Ver as aves voando,  
Duas a duas, donas do mundo!  
Ver um trem correndo  
E, involuntário manobreiro,  
Ter de ficar.*

*Ver nas estradas, nas águas, nos trilhos  
E até nos ares,  
Os rastros dos que se foram,  
Ver a vida se consumindo,  
Ver que os dias que passam  
Não voltam mais,  
Nunca mais,  
E ter de ficar.*

*É de ter-se pena da gente,  
Uma grande, uma terrível pena  
Do destino da gente!*

## ***Santa Rita – Amaturá***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para São Paulo de Olivença (05.12.2008)**

A Fabíola abandonou, temporariamente, e sem qualquer aviso, a equipe indo de “recreio” (barco a motor) para São Paulo de Olivença. Saímos, dia 05 de dezembro, eu e o Romeu, exatamente às 6 horas, e fomos brindados com um amanhecer fantástico. À Leste, matizes formidáveis enfeitavam o Céu e, a Oeste, um arco-íris maravilhoso formava um perfeito semicírculo sobre a selva, o primeiro que, aqui, pude observar. Pela primeira vez, sem atrasos, ficamos esperando o dia clarear o suficiente para iniciarmos a navegação. Na primeira parada, em um grande banco de areia, avistei vestígios de uma enorme anta tendo em vista a profundidade e tamanho das pegadas. Na segunda parada, um rebanho de zebus sonolentos ficou nos observando enquanto atracávamos. Eu havia colocado o maior peso da carga no meu caiaque para que o Romeu pudesse remar, sozinho, o caiaque duplo sem grande esforço. Descontadas as paradas de descanso, conseguimos fazer em cinco horas o que os barcos a motor fazem em quatro e chegamos a São Paulo de Olivença por volta das 12h00.

### **São Paulo de Olivença**

O missionário jesuíta Samuel Fritz, em 1689, a serviço da coroa de Espanha fundou várias missões no Rio Solimões, entre elas a de São Paulo Apóstolo e São Cristóvão. O Governo Português não queria que a catequese no Rio Solimões fosse feita por missionários

subordinados ao Governo Espanhol e determinou, em 1691, a expulsão dos jesuítas. Os religiosos relutaram em cumprir a ordem e, em 1708, o Governador do Grão-Pará enviou uma tropa comandada pelo Capitão Inácio Correia de Oliveira, para evacuar as missões. O jesuíta João Batista Lana fingiu retirar-se, contudo, seguiu para Quito. Trouxe de lá uma Força Armada, com a qual atacou os portugueses, aprisionando o Comandante e diversos soldados.

O Governador do Grão-Pará ordenou, então, que outra Expedição comandada pelo Sargento-mor José Antunes da Fonseca fosse enviada. A Expedição vingou a derrota sofrida por Correia Oliveira libertando os prisioneiros. As aldeias de São Paulo Apóstolo e São Cristóvão foram transferidas para a tutela dos missionários portugueses e suas denominações imediatamente alteradas para São Paulo dos Cambebas e Castro d’Avelos (hoje Amaturá) respectivamente. A missão de São Paulo dos Cambebas teve seu primeiro assentamento na margem Sul do Rio Solimões, onde habitavam os Cambebas e Ticunas.

Em 1817, é elevada a Vila, com o nome de Olivença e, em 1833, perde a categoria de Vila. Em 1882, a Freguesia foi elevada novamente a Vila, com denominação de São Paulo de Olivença e, em 1884, com a criação da Comarca de Solimões, torna-se sede da Vila de São Paulo de Olivença.

## **Chegada a São Paulo de Olivença**

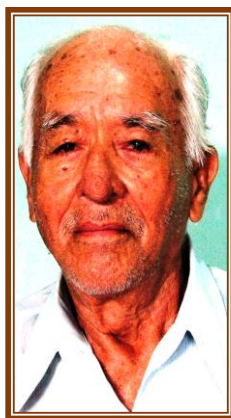
Conforme havia me orientado o amigo Suboficial da Marinha Clementino, em Tabatinga, atraquei junto ao frigorífico azul do Nonato, Prefeito eleito de São Paulo de Olivença.



Solicitei a um de seus servidores que entrasse em contato com a Polícia Militar local para nos apoiar. Uma viatura imediatamente se apresentou no local e, graças a ela, contatei o delegado e depois descarregamos nossos pertences no Hotel Marques, a poucos metros do frigorífico. As instalações não podiam ser mais simples, mas por R\$ 10,00 a diária não tínhamos do que reclamar. Passeando pela Cidade, podia-se notar a centenária influência dos capuchinhos na arquitetura – na igreja matriz, casa paroquial e na escola recém-restaurada. Não consegui estabelecer contato com o pároco, já que o mesmo se encontrava em Tabatinga.

### **Entrevista com o Senhor Bonifácio**

O Sr. Bonifácio foi indicado para ser entrevistado por todas as pessoas com quem travei algum tipo de contato na Cidade. Um dos mais antigos moradores, seu Bonifácio, é uma pessoa afável, que me recebeu com toda a cordialidade, concedendo-me uma entrevista e me mostrando alguns artesanatos dos Ticunas, de sua propriedade:



*Eu me chamo Manoel Aparício Baleeiro, mas sou conhecido como Bonifácio, aqui nasci em 28.05.1928 e aqui me criei. Estou com 80 anos, não conheci meu pai, minha mãe era descendente dos Cambebas e vivíamos numa pobreza desgraçada. Para comer, andava pedindo pelas cozinhas dos outros. Eu era criança e não sabia trabalhar. As coisas começaram a melhorar quando comecei a estudar com os padres. Naquela época, os padres capuchinhos tomavam conta de tudo, estudei até o quarto ano primário no colégio dos padres e, ao completar doze anos, fui dispensado e comecei a trabalhar para viver.*



*Imagem 76 – S. Paulo de Olivença – Igreja Matriz*



*Imagem 77 – S. Paulo de Olivença – Casa Paroquial*



*Imagem 78 – S. Paulo de Olivença – Santuário de S. Francisco*



*Imagem 79 – S. Paulo de Olivença – Hotel Marques*



*Minha vida, então, começou a melhorar. Primeiro eu fui madeireiro, depois fui seringueiro no tempo da guerra, como soldado da borracha. Trabalhei 23 anos tirando seringa. Só parei de cortar depois que ela perdeu o valor e aí eu vim trabalhar com os padres, em 1967, como madeireiro, depois servente de pedreiro e, mais tarde, cuidando da casa dos padres onde hoje é a prefeitura. As histórias ou lendas que conheço são as da Mãe do Mato ou Curupira.*

*A Curupira existe mesmo. Quando eu era madeireiro, estava cortando um cedro e vi uma. Eu e três companheiros corremos atrás dela, mas ninguém conseguiu alcançá-la. Alguns a chamam de mãe do mato. Ela é toda coberta de pelos cinzentos com os pés para trás e mais ou menos da altura de um menino.*  
(Manoel Aparício Baleeiro)

## **Cambebas (Omáguas)**

O Padre Cristóbal de Acuña, reitor do Colégio de Cuenca, que acompanhou Pedro Teixeira na sua viagem de retorno de Quito a Belém, em 1637, escreveu a famosa obra "*Novo Descobrimento do Grande Rio Amazonas*" onde relata detalhes importantes da epopeia.

Segundo o ilustre cronista, o território dos Cambebas ou Omáguas começava a sessenta léguas abaixo da confluência do Napo com o Marañón, e terminava a quatorze léguas abaixo do Jutaí.

Eram numerosos e possuíam uma sociedade complexa e hierarquizada. Os guerreiros tinham o costume de deformar a cabeça e deixá-la com o formato de cone e, por isso, eram conhecidos como os "*cabeças chatas*". O achatamento artificial do crânio foi destacado por quase todos os cronistas do passado, e Acuña, por sua vez, relata:

*Possuem todos a cabeça chata, o que causa fealdade nos varões, embora as mulheres a cubram com o cabelo abundante.*

*Está tão arraigado nestes nativos o costume de ter a cabeça achatada que, desde que nascem as crianças, elas são colocadas numa prensa. Tendo sua fronte presa com uma tábua pequena, o recém-nascido fica de costas sobre outra tábua que lhe serve de berço e, apertado fortemente à anterior, fica com o cérebro e a fronte tão achatados como a palma da mão. E como estas tábuas não lhe permitem que a cabeça cresça mais que para os lados, ela acaba se deformando de tal maneira, que mais parece mitra de bispo mal construída que cabeça de um ser humano. (ACUÑA)*

Na disputa da Amazônia pelas Nações Europeias, os Cambebas se beneficiaram com o comércio de escravos que faziam com os holandeses. Em decorrência das epidemias, o poder dos Cambebas se enfraqueceu e eles foram dominados pelos Ticunas a partir da segunda metade do século XVII.

### ***Cambebas e a Borracha***

Os Cambebas foram os primeiros a fazerem uso da borracha que retiravam das seringueiras. Isso despertou a atenção do sábio francês Charles Marie de La Condamine. Suas histórias despertaram grande interesse na Europa e uma delas, descrita abaixo, reporta exatamente o uso, pelos Cambebas, de pelotas de látex em um jogo que parece ter sido o precursor do futebol.

*Um dia surpreendi os Cambebas entregues a uma singular prática, que minha razão pende entre a insanidade e esporte, no intuito de classificá-la. Alguns homens corriam pelo terreiro da aldeia em*

*busca de uma esfera, e quando algum alcançava tal esfera, procurava impulsioná-la com os pés, para um objetivo determinado, que eram duas varas fincadas no solo, num dos extremos do terreiro. No outro extremo, outro semelhante par de varas parecia ser considerado o objetivo de alguns dos participantes, que para lá procuravam desviar, sempre aos coices, a esfera que, porventura, se encontrasse nos pés de algum adversário. Mas o principal não é a natureza exótica dessa prática, é a própria esfera que parece constituir o centro de interesse.*

*Essa esfera salta e torna a saltar, contrariando a lei da gravidade da Terra. Tal peculiaridade logo me atraiu, e os gentis Cambebas me mostraram que a esfera, elástica e cheia de ar, tinha sido manufaturada a partir de uma seiva branca, que uma espécie muito farta de árvores deita generosamente. Esta seiva é solidificada com fumaça e se torna elástica, impermeável e com outras peculiaridades que poucas matérias podem reivindicar. Vislumbro um grande futuro para essa descoberta que, a princípio, me intrigou, por desafiar uma lei tão severa que é a da atração dos corpos. (CONDAMINE)*

## **O Curupira**

O seu Bonifácio, na sua entrevista, chama o ente mágico com quem teve contato de “a Curupira”, confirmando a tese do ilustre pesquisador Franz Kreuther Pereira, que descreve, muito bem, a dificuldade em se caracterizar um ente mítico.

O pesquisador, teve o livro de sua autoria – “Painel de lendas & mitos da Amazônia”, premiado com o 1º lugar no Concurso “Folclore Amazônico 1993”, da Academia Paraense de Letras. Narra Franz Kreuther Pereira:

*Na bibliografia que compulsamos, a maioria dos pesquisadores não apresenta um consenso quanto às características e particularidades deste que vem a ser um dos mais férteis númens caboclos. Encontramos os seguintes nomes e grafias – Cayapora, Kaapora, Caipora, Jurupari, Anhangá, Koropyra, Curupira, Currupira, Tatacy, Çacy, Saci, Sacipererê, Sacy-Cererê, Maty, Matinta, Matinta Pereira, Mati-Taperê ou simplesmente Sererê. O que queremos mostrar é a dificuldade para se dar a esse mito um contorno definido e esclarecer as funções da divindade. E é exatamente aí o fulcro da confusão que coloca o Caapora, o Curupira e o Saci como uma só entidade.*

*Embora exista uma diferença estrutural evidente entre Caapora e Çacy, ambos são membros da mesma família. O vocábulo Caapora, ligado à imagem de protetor, função exercida pelo Curupira e pelo Saci, na nossa opinião, é o verdadeiro foco da confusão.*

*Gonçalves Dias registrou em "O Brasil e a Oceania" as seguintes palavras:*

*O Caapora veste as feições de um Índio anão de estatura, com armas proporcionais ao seu tamanho; habita o tronco das árvores carcomidas, onde atrai os meninos que encontra desgarrados na floresta; outras vezes divaga sobre um tapir ou governa uma vara de infinitos caititus, cavalgando o maior deles. Os vaga-lumes são seus batedores; é tão forte seu condão que o Índio que, por desgraça o avistasse, era mal sucedido em todos os seus passos. Daí vem chamar-se Caipora ao homem a que tudo se dá ao contrário.*

*O Caapora apresenta-se como um moleque pretinho, que cavalga porcos selvagens; mas também pode ser descrito como uma caboclinha de longos cabelos, duros feito espinhos, e que, em troca de tabaco, é capaz de dar ao caçador tanto a caça que ele deseja quanto o próprio sexo.*

*Os Índios e caboclos acreditam que, prendendo um Caapora, ele é obrigado a conceder um "poderzinho" ou atender a um desejo, em troca da liberdade. A armadilha para capturá-lo e a isca utilizada consistem apenas de uma cuia e aguardente. Derrama-se a cachaça na cuia, que deve ser colocada num lugar onde ele já tenha aparecido, ou no local para onde tenha sido chamado previamente. Depois de ter bebido a cachaça, torna-se presa fácil para qualquer um, porém, até hoje, ninguém conseguiu realizar tal façanha. Apesar de, em alguns casos, essa entidade aparecer como má e vingativa, a versão geral é a de que ele é um duende protetor da floresta e da caça.*

*Daí alguns autores o identificarem com o Curupira, como já vimos, mas ele guarda, também, certa semelhança com outro habitante das matas, outro gênio florestal: o Mapinguari. (PEREIRA)*

## **O Caso da Menina Íris**

Perambulando pela Cidade, para conhecer as pessoas e lugares, fui até o Colégio Estadual onde encontrei vários professores assistindo aos jogos esportivos dos alunos. Entrevistei a Professora Iraci que relatou o caso da menina Íris. Este é o caso da menina Íris cujo desaparecimento na floresta mobilizou a Cidade:

*Meu nome é Iraci, professora da Escola Estadual Professora Nilce Rocha Coelho e vou relatar o caso, verídico, da garota Íris Gomes. Corria o mês de outubro e estávamos envolvidos na preparação para o dia das crianças e Nossa Senhora Aparecida.*

*Nesse período, vazante do Rio, época das praias, as pessoas da região costumam colher as culturas de várzea. Íris tinha sete anos e morava com a avó, e a vizinha convidou ambas para ajudá-la na colheita.*

*Trabalharam o dia inteiro e, no final da tarde, começou a se formar uma grande tempestade. A avó da garota e outra senhora se apressaram em organizar os sacos de feijão para mandar para as canoas. A ventania formava redemoinhos enormes de muita poeira e a última vez que alguém viu a menina ela estava sentada num tronco de árvore na praia. Quando se deram conta de que a menina tinha sumido e foram procurá-la, só encontraram o chapéuzinho vermelho dela. Todos entraram em pânico e, logo que a tempestade passou, já era quase noite, mandaram o piloto do barco à Cidade comunicar aos tios o acontecido. Os tios foram até a Ilha e iniciaram as buscas. Passaram-se 5 dias, eu lembro que nós participamos de uma destas buscas.*

*A Comunidade toda se envolveu e, como a garota não foi encontrada, foram buscar ajuda do Exército. Os Soldados vasculharam a mata de ponta a ponta para ver se encontravam a menina. Todo mundo orava, de todas as crenças, era católico fazendo oração, era o pessoal de centro espírita, cada um com a sua fé. Já estávamos achando que ela estivesse morta.*

*No 5º dia, quando iam novamente adentrar na mata, acharam uma sandália que ela estava calçando, viram as pegadas, mas não a encontraram. A Rádio Comunitária Católica pediu ajuda para reiniciarem as buscas e, de repente, sem mais nem menos, a menina apareceu na casa de uma senhora. Íris estava apavorada, com fome, só de calcinha, cheia de espinhos pelo corpo. A menina contava que dois homens estavam sempre com ela protegendo-a e que um deles a alimentava. Ela estava muito assustada, atrapalhada, mas parecia ter se alimentando normalmente. Os médicos recomendaram que a mãe, que morava em Manaus, viesse e a levasse para fazer tratamento psicológico. Hoje ela está em Manaus e deve estar com 14 anos. (Professora Iraci)*

Após a entrevista, a Professora Iraci gentilmente permitiu-me acessar a internet de sua residência e fazer o upload, ainda que lentamente, de alguns arquivos de fotos.

## **Partida para a Comunidade Niterói (07.12.2008)**

Os mapas não retratam corretamente o nome de diversas Comunidades, por isso me preocupei apenas com a localização geográfica da Comunidade Niterói, na margem direita do Solimões, a uns 5 quilômetros da Ilha de Caturiaí que, no meu mapa (Google), constava como São João. Saímos às 06h45 do dia sete de dezembro, com o dia nublado. Havia chovido muito na véspera e a temperatura estava agradável. A primeira parada foi na Foz do Rio Jandiatuba.

Histórias de americanos explorando ouro no seu leito e impedindo os ribeirinhos de adentrar na sua área são bem conhecidas. O Rio serve, ainda, de rota alternativa para o tráfico, pois possibilita contornar o posto da Polícia Federal, PF, da Base Anzol. Com a presença ostensiva da PF, os ilícitos estão sendo coibidos. Pesquisadores da PETROBRAS, entrando em confronto com indígenas, também deram notoriedade ao pequeno tributário de águas pretas do Solimões.

A segunda parada na Comunidade Porto Lutador foi rápida e, mais uma vez, a Comunidade Ticuna se mostrou bastante amigável. A terceira parada foi ao Sul da Ilha Caturiaí, onde encontramos o mineiro Paschoal, casado com uma cabocla. Descansamos à sombra generosa de uma frondosa árvore. Paschoal é um homem inteligente e falante. Contou alguns casos de estranhas luzes e dos caçadores de cabeça de que vínhamos ouvindo falar desde Feijoal.

Até hoje nenhuma vítima dos propalados caçadores foi encontrada para comprovar esta que é mais uma das muitas lendas contemporâneas dos povos da floresta. Fiz uma parada estratégica para aquilatar o tamanho e as condições de abrigo da próxima Comunidade, indagando dos ribeirinhos que ali se encontravam, e nos dirigimos até ela.

Fomos orientados a entrar em contato com o vereador Torquato Araújo, dono de um flutuante que funciona como comércio e alojamento. O vereador Torquato e sua esposa Leila acolheram-nos fraternalmente. Eu e o Romeu fomos tomar banho num Igarapé da Comunidade Niterói para recompor as energias. À noite, a jovem senhora Leila nos ofereceu um jantar formidável, a base de peixes, antes de nos recolhemos no flutuante para dormir.

### **Partida para Amaturá (08.12.2008)**

Acordamos mais tarde, já que o deslocamento até Amaturá era de apenas 40 km. Fomos novamente brindados com um café com banana pacovan frita, tapioca (<sup>239</sup>) e outras guloseimas preparadas pela encantadora Sr<sup>a</sup> Leila. A vista de Amaturá é reconfortante. O encontro das águas pretas do Rio Acuruí com as barrentas do Solimões é um espetáculo à parte. Protegida das investidas do Rio, o barranco gramado ostenta o nome da Cidade e, ao fundo, as construções dos capuchinhos dão um ar nostalgicamente agradável à Cidade.

---

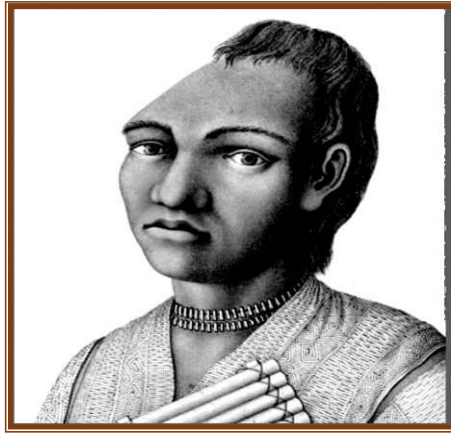
<sup>239</sup> Tapioca ou beiju (ou ainda biju): é o nome da iguaria tipicamente indígena, feita com a fécula extraída da mandioca, também conhecida como goma da tapioca, polvilho, goma seca, polvilho doce, fécula de mandioca. Ao ser espalhada numa chapa ou frigideira aquecida, transforma-se num tipo de panqueca e pode ser degustada com diversos acompanhamentos. (Hiram Reis)





*Imagem 80 - Dona Nessi*

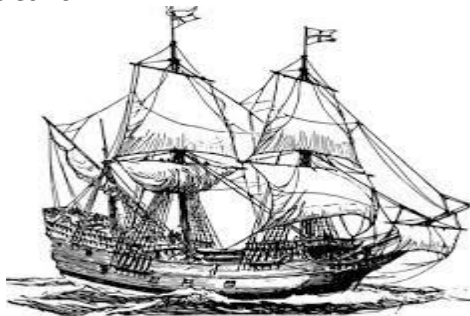
Deixei a equipe tomando conta dos barcos e me dirigi, a pé, à Polícia Militar, já que o 190 não funcionava. Mais uma vez a cortesia dos Policiais Militares foi patente e, depois de procurarmos, junto com o Presidente da Câmara Municipal, um hotel para pernoitarmos, fomos acolhidos, gentilmente, pelo Prefeito Luiz Pereira na sua Fundação. O Romeu sugeriu procurarmos a Dona Nessi, anciã local, com mais de 100 anos de idade. Filha de um peruano com uma índia Cambeba possui uma lucidez invulgar para alguém de idade tão avançada. Apesar de ter a vista e a audição prejudicadas, historiou sobre a chegada dos capuchinhos, citando nominalmente cada um, sua procedência e personalidade. Emocionou-se quando falou dos filhos, alguns já falecidos. Contatei o Frei, à noite, que me prometeu uma entrevista para o dia seguinte a partir das 05h30. Provoquei-o e ele discorreu sobre a história dos capuchinhos e sua influência nas áreas da educação e desenvolvimento da região, sem permitir, no entanto, que eu gravasse seu relato naquele momento. Não avistamos a Fabíola durante nossa permanência em Amaturá. Ela praticamente não saiu do quarto.



*Imagem 81 – Índio Cambeba (Alexandre Rodrigues Ferreira)*

## **Amaturá**

A origem do Município de Amaturá está vinculada à história de São Paulo de Olivença que remonta à missão de São Paulo Apóstolo, fundada pelos jesuítas no final do século XVII. Com a vitória dos portugueses, a missão de São Paulo Apóstolo, depois aldeia de São Paulo dos Cambebas, se tornou sede do Município, desmembrado de Tefé com o nome de São Paulo de Olivença. O território sofre vários desmembramentos e dá origem aos Municípios de Benjamin Constant e Santo Antônio do Iça. Em 1981, o Distrito de Amaturá é desmembrado, passando a constituir o Município autônomo de Amaturá.





## ***Amaturá – Santo Antônio do Içá***

*Há mais pessoas que desistem do que  
pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para Santo Antônio do Içá (09.12.2008)**

Acordei às 04h30 e me dirigi ao posto da Polícia Militar para confirmar o apoio agendado para as 05h30. Acordei o plantonista, confirmei o horário e me dirigi para a Praça Central.

Aguardei o Frei capuchinho durante 30 min na Praça para a entrevista que ele disse que me concederia; como não apareceu, fui ajudar os parceiros a carregar os caiaques. Partimos às 06h15, o dia estava magnífico, os botos vermelhos nos saudaram logo de manhã cedo com suas alegres evoluções.

### **Trajeto**

Depois de remar por mais de uma hora, paramos para o descanso numa praia onde comemos pão e bebemos bastante líquido. O dia continuava agradável e, na segunda parada, na altura de Várzea Grande (segundo o mapa), observamos um bando de golfinhos (botos tucuxis) pescando.

A orientação, apesar dos problemas com o GPS, continuava fácil e eu conseguia identificar no terreno as Comunidades e acidentes sem qualquer dificuldade.

### **Aportando em Santo Antônio do Içá**

Na chegada a Santo Antônio do Içá, por volta do meio-dia, mais botos tucuxis em sua operação de pesca, foi a maior concentração que pude observar em toda extensão do Solimões.

Aportei para descansar e me lavar antes de atracar no porto da Cidade. Enquanto fazia isso, ninguém sabe como, a Fabíola conseguiu virar o caiaque oceânico, que estava parado no meio do Rio. Pescadores que estavam por perto se aproximaram para ajudar, mas, antes mesmo que eles se aproximassem, o problema já tinha sido contornado sem maiores consequências a não ser o susto e equipamento molhado.

O velho porto estava lotado e desembarquei, com alguma dificuldade, no flutuante para embarcações maiores, escalando os pneus que servem de amortecedores para o casco dos navios. Novamente, utilizei o 190 em busca de apoio e apareceu o Policial Jeniel, que me levou até a casa do Vice-prefeito, já que o Prefeito estava viajando. O Vice não se encontrava, e sua esposa orientou o Jeniel a respeito da hospedagem.

Fomos até o Hotel Rio Solimões, próximo ao porto, e confirmei as reservas. No porto, o Jeniel montou uma rápida operação com o apoio dos vigias locais de maneira que pudéssemos manobrar os caiaques para uma área mais segura e os descarregássemos; em seguida, deixou-nos no hotel junto com a bagagem.

Uma Cidade grande para o contexto amazônico, com um traçado moderno e bastante organizada, construída a 70 m acima do nível do Mar, a 888 quilômetros em linha reta de Manaus e 1.199 quilômetros via fluvial.

## **Santo Antônio do Içá**

A história do Município está vinculada à construção da igreja do Divino Espírito Santo em Tonantins, em 1813. Em 1865, foi criada a Freguesia de Tonantins. Sua primeira denominação foi Boa Vista.

A restauração do Município de São Paulo de Olivença deu-se em 1935, mas só em 1938 é que reapareceram Tonantins e Boa Vista, como Distritos de São Paulo de Olivença, o segundo já com a denominação atual de Santo Antônio do Içá. Em 1955, os Distritos de Tonantins e Santo Antônio do Içá são desmembrados de São Paulo de Olivença, passando a constituir o Município Autônomo de Santo Antônio do Içá. Em 1981, o Município de Santo Antônio do Içá, até então constituído do Distrito Sede e do Distrito de Tonantins, perde este último, que se torna Município autônomo.

### **Rádio Felicidade (10.12.2008)**

Concedemos uma entrevista às 07h30 de 10 de dezembro, na rádio Felicidade ao professor Sebastião Batalha. A Fabíola, para variar, não quis participar. O professor Batalha nos deixou bastante à vontade e apresentei o projeto e seus objetivos.

Retornamos ao Hotel, que ficava a uns dez minutos da rádio e, antes de chegarmos a ele, fomos interpelados, na rua, pelo Secretário de Saúde do Município, o senhor Cristóvão, irmão do Prefeito Antunes, que nos garantiu apoio em viatura e alimentação. Solicitei ao secretário alguém que conhecesse a Cidade e pudesse nos levar aos seus principais pontos turísticos.

### **Turismo com o Amigo Jorge**

Pouco depois, estávamos com o amigo Jorge, funcionário da prefeitura, fazendo um tour pela Cidade. Conhecemos a Comunidade Indígena Ticuna do Lago Grande e o belo Lago que lhe empresta o nome.

A Comunidade possui uma estrada asfaltada, pela gestão do Prefeito Antunes, até as suas proximidades e, em reconhecimento, observamos uma bandeira do PT, partido do Prefeito, tremulando no centro da aldeia. O Lago, fechado com exclusividade para a Comunidade, se presta à pesca sustentável do pirarucu que é realizada de quatro em quatro anos. Após breve visita à aldeia, continuamos o passeio e conhecemos um balneário de águas cristalinas, em que os populares tomavam banho e preparavam um tambaqui assado.

Passamos pelo aeroporto local que aguarda liberação da Infraero para funcionar. Na pista do aeroporto, o Jorge deu carona para um grupo de crianças que retornavam do banho no Igarapé. Uma delas estava com uma garrafa cheia de peixinhos coletados no balneário. Pude identificar, pelo menos, sete espécies diferentes naquela pequena garrafa.

## **Apoio Incondicional**

Fomos deixados no hotel para nos refrescarmos e logo após nos dirigimos ao restaurante indicado pelo amigo Cristóvão, que lá nos esperava com alguns elementos ligados à saúde das Comunidades indígenas. Conhecemos a enfermeira Cristiane, uma paulista entusiasmada com os desafios que a Comunidade Ticuna de Betânia lhe propicia.

O secretário Cristóvão autorizou que acompanhássemos o deslocamento da equipe de saúde pelo Rio Içá, atendendo a um desejo meu. Eu queria observar o Rio de perto e comparar sua geografia com a descrição de Euclides da Cunha. Conversei demoradamente com a Cristiane e marcamos a saída para as dez horas no dia seguinte.

Só faltava resolver o problema da Internet, enviar as fotos tiradas até agora e escrever os artigos atrasados. O secretário escalou seu assessor, o Jaran, para que isso fosse resolvido. Jaran me deixou as chaves de seu gabinete e me lancei sofregamente a escrever o diário de bordo e enviar os arquivos de imagem e áudio.

Só interrompi meus afazeres para o jantar, lá pelas 19h30, e concluí minhas tarefas à uma hora da madrugada. Neste intervalo, fiquei redigindo meu artigo e conversando com a enfermeira Cristiane, que também colocava sua correspondência em dia e relatou, com preocupação, determinadas atitudes que a Fabíola pretendia tomar em relação ao projeto.

### **Rio Içá (11.12.2008)**

Sáímos com certo atraso para a Comunidade Ticina de Betânia acompanhados pelo pessoal da FUNASA. A velocidade da voadeira impulsionada pelo poderoso motor de popa mal permitia que pudéssemos admirar as margens do furo em que nos deslocávamos e observar os ribeirinhos em suas pequenas embarcações. A Comunidade, fundada por missionários Batistas de origem Norte-americana, é grande, bem estruturada, e enfrentava, na oportunidade, problema de abastecimento d'água. Acompanhando os integrantes da FUNASA visitamos a simpática Comunidade.

O leito sinuoso do Içá, seus meandros, Lagos em forma de ferradura e furos como tantos outros afluentes do Amazonas pode ser descrito pelas palavras incomparáveis do imortal Euclides da Cunha na obra póstuma "*À Margem da História*" (lançada um mês após a sua morte):



*A inconstância tumultuária do Rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos [...] (CUNHA, 2000)*

A história do Município de Santo Antônio do Içá se confunde com o Rio que lhe empresta o nome e banha as suas terras. Com inúmeros afluentes e Igarapés aumentando-lhe a vazão, o Içá, na sua Foz, tem a força de suas águas praticamente bloqueadas pelo Solimões. O represamento faz com que o belo Rio se alargue abandone seu leito invadindo as terras baixas ao seu redor formando diversos Lagos e Ilhas.

### **Johann Baptist von Spix no Rio Içá**

O zoólogo Johann Baptist von Spix, na véspera do Natal de 1819, chega ao Rio Içá, e faz o seguinte relato:

*A 24 de dezembro alcancei o Quartel Militar do Rio Içá, que nasce a Noroeste, na cordilheira, onde é chamado Putumayo, e verte as suas águas pretas pelo lado Setentrional, no Solimões. A minha chegada foi festejada com luminárias à noite, para cujo fim queimam manteiga de tartaruga em cascas de laranja.*

*Duzentos dos mais belos Índios da tribo dos Passés, com caras tatuadas de preto, inteiramente nus, alguns com compridas varas na mão, outros com flautas de caniço, marchavam em fila, seguidos pelas mulheres e crianças, formando ora um círculo singelo, ora um círculo duplo. Semelhante marcha militar também executavam os menos numerosos Juris, alternando com os outros.*

*Ambas as nações são habitantes principais das margens do baixo Rio Içá. Entre os Passés, o pajé é tido em grande consideração. É ele quem aparece logo depois do parto, e dá o nome à criança. A mãe fura as orelhas do recém-nascido. A força e insensibilidade do menino são postas à prova com surra. Jovens donzelas casadoiras são suspensas na cabana e jejuam durante um mês. A parturiente fica um mês de resguardo no escuro e só pode comer mandioca, e igualmente o marido, que, durante esse período, se pinta de preto e também fica deitado na rede.*

*Usam-se aqui as insuflações com o pó de paricá e clisteres com o decoto do mesmo. O Tuxaua tem, em geral, diversas mulheres; os demais, apenas uma. O "jus primae noctis" (240) não faz parte dos costumes destes. Há festas frequentes com mascarados.*

*Enterram os defuntos em covas redondas. Só o corpo do chefe é que tem acompanhamento, e suas armas são-lhe incineradas sobre o túmulo.*

*Entre estes Índios, encontram-se indivíduos da tribo dos Jumanas, Miranhas, de asas nasais furadas, Ujaquas, Ariaueñas de orelhas alongadas e pendentes e também Muriatés, cujas mulheres, em seguida ao parto, se escondem no mato fechado, a fim de que o Luar não lhes provoque nem ao recém-nascido, alguma doença.*

*Dos Juris, conhece-se o costume usual aqui e acolá na América do Sul de deitar-se o marido na rede, logo que a mulher dá à luz, e ser servido por ela. (SPIX & MARTIUS)*

---

<sup>240</sup> Jus primae noctis: o "direito à primeira noite" era um cruel tributo lascivo imposto pelos senhores feudais europeus aos seus servos, permitindo-lhes desfrutar das primeiras carícias das noivas de seus vassallos. (Hiram Reis)

## Primeira Baixa

Na noite de 11 para 12.12.2008, levando em conta os pressupostos de segurança, saúde e falta de afinidade em relação aos propósitos do projeto, chegamos à conclusão, de comum acordo, que a Fabíola não estava em condições de acompanhar mais a equipe.

### ***Navegar é Preciso*** ***(Fernando Pessoa)***



*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
"Navegar é preciso; viver não é preciso". (241)*

*Quero para mim o espírito desta frase,  
Transformada a forma para a casar como eu sou:  
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.*

*Só quero torná-la grande,  
Ainda que para isso tenha de ser o meu corpo  
E a minha alma a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;  
Ainda que para isso tenha de a perder como minha.  
Cada vez mais assim penso.*

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue  
O propósito impessoal de engrandecer a Pátria e contribuir  
Para a evolução da humanidade.*

*É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.*

---

<sup>241</sup> Navigare necesse; vivere non est necesse. Pompeu, o Grande (106/48 aC.) em Plutarchus: "Vitae illustrium virorum – Pompey". (Hiram Reis)

## ***Santo Antônio do Içá – Tonantins***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para Tonantins (12.12.2008)**

Não contamos com o apoio de viatura para carregar o material do Hotel até os caiaques e isso acarretou um atraso de uma hora no horário previsto para a partida. Calibrei novamente o GPS, com a expectativa de corrigir as incorreções verificadas nos percursos anteriores. Às sete horas iniciei as remadas com um ritmo bastante lento, para que o Romeu se adaptasse novamente ao fato de remar um caiaque duplo sozinho.

### **Primeira Parada**

Depois de uns 10 min, já havíamos chegado a um cadenciado ritmo de 12 km/h. Apareceram, então, dois botos vermelhos fêmeas que nos acompanharam a uns 50 m de distância durante 30 min. A primeira parada, a uns 16 km de distância do porto, foi na extremidade Sul da Ilha do Pupona. As extensas praias de areias brancas abrigavam um considerável rebanho bovino, e aqui e ali se avistavam pés de feijão e melancia, certamente remanescentes de plantações das várzeas dos períodos da vazante do Rio.

O GPS estava funcionando corretamente e me desloquei até o ponto assinalado para conferir sua exatidão. Fiquei satisfeito com o resultado e calibrei novamente o equipamento. A possibilidade de poder contar com o GPS em trechos mais complexos me deixou mais tranquilo em relação às navegações futuras.

## **Segunda Parada**

Acompanhamos por um bom período um empurrador que, Rio abaixo, conduzia uma balsa carregada de seixos rolados, mantivemos um ritmo forte, até que resolvemos parar novamente no extremo Norte da Ilha Pupona. Ficamos observando pescadores que recolhiam o espinhel em sua montaria, resignados com o insucesso de seu labor.

## **Avistando Tonantins**

Depois de uma acentuada curva à esquerda, na altura da Ilha do Macuco, avistamos Tonantins a uns 8 quilômetros de distância. A correnteza forte facilitou bastante a navegação e aportamos no flutuante da prefeitura às 11h45.

## **Tonantins**

Em 1938, Tonantins se torna um dos Distritos de São Paulo de Olivença e, em 1955, é desmembrado de São Paulo de Olivença, e se torna Distrito do Município de Santo Antônio do Içá. Junto à antiga Vila de Tonantins, forma-se a Vila Nova de Tonantins, que se transforma no núcleo de desenvolvimento do Distrito.

Em 1981, o Distrito de Tonantins é desmembrado de Santo Antônio do Içá, passando a constituir o Município de Tonantins, com sede no Tonantins.

## **Contatos em Tonantins**

O Romeu permaneceu com as embarcações e eu parti em busca do irmão do Prefeito eleito de Tonantins, senhor Álvaro da Silva Cabral. O Cabral, como é conhecido, foi indicado pelo seu irmão, quando o co-

nheci no Quartel General da Polícia Militar, em Manaus, no gabinete do Coronel PM Rômulo, Comandante do Policiamento do Interior.

Na oportunidade, o futuro Prefeito havia prometido apoio em alimentação e pousada na sua Cidade e escreveu um bilhete que deveria ser entregue ao seu irmão quando chegássemos à Cidade.

### **Os Amigos da Polícia Militar (PM)**

Subi as escadarias do porto e, como não avistasse nenhum telefone público para acionar o 190, recorri a um moto-táxi e me desloquei até a casa do senhor Cabral que, na oportunidade, não se encontrava na sua residência. Deixei um recado informando de nossa chegada e me dirigi ao Hotel Garcia, de propriedade dele. Entreguei, na portaria, o bilhete do Prefeito e solicitei que fosse feito contato com a PM.

O Cabo Libório me atendeu cortesmente e destacou o Cabo Arcanjo e dois auxiliares para me apoiar. Deixamos os caiaques sob a guarda do senhor Rodrigues no Flutuante da Prefeitura e carregamos nossos pertences, auxiliados pelos Policiais Militares, para a viatura policial que estacionara junto à escadaria, e fomos para o Hotel Garcia.

### **Bar e Restaurante Dona Ray**

Ocupamos o apartamento número 2 e os Policiais nos levaram até o Restaurante da Ray, nos apresentando aos seus proprietários. A Senhora Raimunda, seu esposo Raimundo e sua adorável filha Patrícia foram extremamente amáveis conosco. Fizemos nossas refeições diárias no restaurante, sempre à base de Tambaqui frito.

## **Associação dos Pescadores**

Fizemos contato com o Pastor Haroldo e este nos contou sua história de vida, sua participação na criação da Associação dos Pescadores e a fundação da rádio FM Vila Nova. Ele agendou uma entrevista nossa com o Presidente da Associação, o senhor José Fernando de Oliveira, que nos mostrou suas realizações e projetos futuros. À noite tive o privilégio de conhecer o simpático Padre Elias, que marcou uma entrevista para as oito horas de 13 de dezembro.

## **Entrevista com o Padre Elias Augusto José**

Como havia solicitado, o Padre Elias discorreu sobre sua origem. Como fiel representante da “*raça mestiça*”, traz nas veias o sangue matizado pelas cores das diversas bandeiras consolidadas, hoje, nas cores verde e amarelo. O simpático amigo discorreu sobre a história dos missionários católicos na região.

*A igreja do Alto Solimões, hoje diocese do alto Solimões, foi criada, no dia 23.05.1910, e teve toda uma caminhada eclesiástica e organizacional. A região do Alto Solimões foi longamente disputada pelos espanhóis e portugueses. Desde 1542, quando Orellana de Quito desceu pelo Napo, Maranhão e Solimões, várias Expedições foram enviadas nessa época pelos espanhóis. Os missionários Jesuítas que acompanharam essas Expedições tinham a tarefa de transformar “os índios bravos em Índios mansos” e a expressão corrente era de “amansar os Índios”.*

*Por isso foram fundadas, especialmente pelo Padre Jesuíta Samuel Fritz, várias Aldeias, destacando-se São Paulo dos Cambebas, São José do Javari e São Pedro do Camatiã onde reuniu os Ticunas, Matura e Tonantins.*

*No final de 1600, o Governo Português enviou tropas para ocupar o Solimões. Houve muita luta, mortes, várias aldeias foram destruídas, e os Índios foram levados a lutar uns contra os outros. Em 1749, os Espanhóis deixaram definitivamente o Solimões e os Lusos cuidaram de garantir as fronteiras. Os Jesuítas foram expulsos e as missões entregues aos Carmelitas. O Rei de Portugal, usando os poderes do padroado <sup>(242)</sup>, criou Freguesias e Paróquias. As Paróquias de S. Francisco Xavier em Tabatinga e S. Paulo Apóstolo em S. Paulo de Olivença nunca tiveram sacerdotes e a 1ª Igreja foi construída um ano depois. O Governo só visava garantir as fronteiras.*

*Estes acontecimentos mostram como a atividade religiosa teve pouquíssima atuação. Com a criação da Diocese do Amazonas em 1892, começou a tornar-se mais frequente a presença do sacerdote. Mesmo assim a evangelização era mínima, realizada através de breves visitas puramente sacramentalizadoras. O Padre que fazia a melhor catequese era aquele que mais batizava sem se preocupar com a preparação do seu rebanho para o ato do batismo. A assistência permanente e organizada começou somente com a criação da Prefeitura Apostólica do Alto Solimões.*

*Foi no dia 23.05.1910 que o Papa Pio X, com a Bula "Laeti Animo", confiou à recém-criada Prefeitura aos Capuchinhos da Úmbria, Itália. Assim, a Igreja do Alto Solimões começou a sua caminhada missionária.*

*Na região, não existia nenhuma estrutura física, somente S. Paulo de Olivença era o único Município da área. Em 12.11.1919, Bento XV declarou padroeira da Prelazia N. Sr.ª da Assunção. Aos 11.08.1950, Pio XII elevou a Prefeitura Apostólica em Prelazia do Rio do Alto Solimões. A 16.02.1992, a Prelazia do Alto Solimões passa à dignidade de Diocese.*

---

<sup>242</sup> Padroado: direito de conferir benefícios eclesiásticos. (Hiram Reis)



*Toda uma caminhada histórica, ação missionária, prefeitura apostólica, prelazia, diocese, a igreja na sua fase adulta dando continuidade à missão que aqui deram início os capuchinhos mesmo considerando as culturas já existentes. No Javari, por exemplo, são mais de dez etnias, o País mais estrangeiro do mundo é o Brasil, tantas são as etnias e línguas indígenas diferentes. (Padre Elias Augusto José)*

## **Entrevista com o Sr. Francisco A. do Nascimento**

Após a entrevista com o Padre Elias, ele recomendou que eu conhecesse o avô de sua secretária. Ela me conduziu até a casa do senhor Francisco, uma das personalidades mais antigas de Tonantins que nos concedeu uma entrevista apaixonante contando sua história de vida.

O senhor Francisco me presenteou com o livro de seu filho Alberto Francisco Nascimento – *“Tonantins – sua história e sua gente”*.

*Meu nome é Francisco Alberto do Nascimento e nasci em 07.08.1923. Meu pai se chamava Francisco Rodrigues do Nascimento, era maranhense de São Luís do Maranhão. Como o ciclo da borracha era muito promissor, ele veio para o Amazonas, em 1909 ou 1910, e instalou-se em São Paulo de Olivença. Foi seringalista, trabalhou até o fim do ciclo da borracha e ficou por aqui pela região.*

*Minha mãe se chamava Paula Pessoa do Nascimento, filha de cearenses que também migraram para cá no ciclo da borracha. Eu estudei um pouquinho com uma irmã que se formou em Belém do Pará, como normalista, e que me ensinou as primeiras letras. Quando meu pai morreu, eu tinha 12 anos e tive que tomar conta da minha família.*

*Abandonei os estudos e, a minha mãe resolveu vir de São Paulo de Olivença com minha avó e morar em Tonantins. Cheguei a Tonantins dia 10.07.1938.*

*Como eu havia começado a vida no seringal, que tinha voltando a dar dinheiro em 1936 ou 1937, voltei para o corte da seringa em 1939 e lá fiquei enquanto a borracha dava dinheiro. No verão, eu viajava para os trabalhos no seringal e no inverno voltava para passar com minha família e aqui permaneci até agora.*

*Eu fui para o seringal com 16 anos. Como eu falei, meu pai morreu em 1936, e eu fiquei com minha mãe e uma tia. A solução era ir para a seringa, posso dizer que saí do banco de um colégio para ir para o topo da seringueira acompanhar meu tio na estrada ajudando a colher, pois no início eu não sabia cortar, porque ele estava nos sustentando, eu, minha mãe e meus irmãos que estávamos na companhia dele. Eu tinha 12 anos e, para não ficar em casa ocioso, ia com ele e fazia o que podia. Um dia, ele me deu uma faquinha para eu começar a cortar também.*

*Daí em diante, fiquei cortando seringa enquanto a borracha dava dinheiro. Até que comecei a trabalhar por minha conta, pedi crédito, e comprei o necessário para o trabalho e fui trabalhar na seringa.*

*Em 1945, casei e aqui mesmo construí o meu barraco, um barraco de pobre, de palha e aí nós fomos trabalhando, trabalhando e hoje nós temos essa casa. Hoje me orgulho de ter 12 filhos, sendo 9 professores formados e eu continuo aqui em Tonantins. No seringal, é aquela vida de seringueiro, difícil, de muito trabalho e perigosa. Eu tinha muito medo de onça, naquela época havia muitas, mas graças a Deus nada de mal me aconteceu, nunca fui agredido por nada.*

*Encontrei-me algumas vezes com onças, mas, quando ela investia, eu me fazia de corajoso, ela acabava desistindo e ia embora. Isso aconteceu comigo algumas vezes, uma única vez uma onça custou muito a desistir, mas são coisas da vida, de quem trabalha no mato.*

*Mas fora isso, nós trabalhamos muito até chegar aonde chegamos. Eu me sinto feliz por ter conseguido educar os meus filhos. (Francisco Alberto do Nascimento)*

### **Soldado da Borracha**

Na 2ª Guerra Mundial (2ª GM), os japoneses cortaram o fornecimento de borracha para os Estados Unidos e o Presidente Getúlio Vargas montou uma operação que visava garantir o fornecimento de borracha para os americanos. A propaganda veiculada nos meios de comunicação afirmava que os voluntários para a extração da seringa eram tão importantes quanto os marinheiros e aviadores que lutavam contra a pirataria submarina.

Em todas as esquinas se avistavam retratos de seringueiros tirando látex e os slogans “*Tudo pela Vitória*”, “*Terra da Fortuna*”, soavam como palavras de ordem. Esta verdadeira Operação de Guerra desencadeada pelo Presidente Getúlio Vargas transportou 30.818 trabalhadores e dependentes dispostos a enfrentar a hostilidade e a insalubridade da selva entre 1942 e 1945. No próximo capítulo vamos repercutir algumas notícias divulgadas pela imprensa da época para que possamos aquilatar, não só, as extremas dificuldades logísticas desenvolvidas em operações desta magnitude mas, sobretudo a determinação destes heroicos “*Soldados da borracha*”.

Os descendentes dos Soldados da borracha, nativos da região amazônica, que conhecemos ao longo do caminho, sobreviveram a todos os desafios que lhes foram impostos e afirmam ter ganhado muito dinheiro neste período. São necessárias gerações para se forjar no gene de uma raça a têmpera de um nativo amazônida capaz de conviver com a selva e sobrepujar a inclemência do ambiente hostil.

A Constituição de 1988, mais de quatro décadas do fim da 2ªGM, contemplou com uma pensão os Soldados da Borracha, ainda vivos, como reconhecimento pelos serviços prestados ao país.

### **Curiosidades de Tonantins**

Do livro *"Tonantins – sua história e sua gente"* de Alberto Francisco Nascimento, selecionei três relatos interessantes cujos textos adaptei:

#### ***Naufração do Navio "Ajudante"***

Em agosto de 1945, as forças peruanas e colombianas estavam em franca hostilidade. A fragata colombiana *"Cartagena"*, no dia 02.08.1945, ancorou junto a Foz do paraná Jauarizinho, a jusante do Rio Içá, aguardando, de tocaia, com as luzes apagadas, a passagem de uma embarcação peruana que saíra de Manaus dois dias antes.

A embarcação peruana havia encalhado num banco de areia próximo a Coari e foi ultrapassada pelo navio *"Ajudante"* de bandeira brasileira. Quando o navio brasileiro, confundido com a nau peruana, passou, à noite, pela boca do Pati, nas proximidades do Jauarizinho, foi abalroada pela fragata colombiana que a espatifou em duas partes.

A velocidade da correnteza, a explosão da caldeira do Ajudante e a escuridão da noite contribuíram para que se salvassem apenas 48 das 120 pessoas que viajavam a bordo da embarcação brasileira.

### ***Terezinha Gonçalves Morango***

O português Antônio Ferreira Morango foi contratado pelos capuchinhos para construir a Escola S. Francisco e a casa paroquial inaugurada em 7 de janeiro de 1914. A Escola deu origem ao atual Colégio São Francisco.



Em 26 de outubro de 1936 nasce na propriedade de seu tio Antônio Ferreira Morango, em Canavial, que hoje faz parte do Município de Tonantins, Terezinha Gonçalves Morango, filha de Emir Gonçalves Morango e de Manoel Ferreira Morango. Terezinha Morango, em 1957, é eleita Miss Amazonas e Miss Brasil. No concurso de Miss Universo, ocorrido no dia 19 de julho em Long Beach, no Estado da Califórnia (USA), ficou em segundo lugar, perdendo para a peruana Gladys Zender.

### ***Tonan e Tins a Lenda***

Na aldeia dos Caiuvicenas existiam dois jovens que se sobressaíam na tribo. Tonan era uma jovem bela, graciosa, excelente cozinheira e hábil artesã e Tins era um guerreiro valente, caçador por excelência, muito forte, destacava-se pela destreza do arco e da flecha e era imbatível no combate.



Imagem 82 - O Cruzeiro nº 006, 23.11.1957

Os dois acabaram se apaixonando, mas não puderam se casar, pois o Cacique achava que eles eram muito importantes para a Comunidade.

Com o passar do tempo, os jovens, indignados com a proibição, fugiram e se internaram na mata. Tonan seguiu rumo ao Nascente e Tins para o Poente e bem longe da aldeia construíram seus tapiris (<sup>243</sup>) e passaram a viver isolados.

Não suportando a saudade, os dois vieram a falecer. Tupã, compadecido com o destino dos jovens, resolveu, então, transformá-los em duas fontes de água limpas e cristalinas. As águas correndo da terra firme para a várzea se encontraram, por fim, envolvendo-se num abraço eterno e seguiram em frente até encontrar o Solimões.

Por onde passavam suas águas, as árvores floriam de alegria. Da união formou-se o Rio Tonantins que emprestou seu nome à Cidade.

## **Johann Baptist Spix em Tonantins**

No Rio Tonantins, Spix viu os índios cauxanas e assim os descreveu:

*Um dia depois, atravessei para a margem Setentrional do Solimões, e alcancei, escapando com felicidade de algumas tempestades, em sete dias depois da partida de Fonte Boa, a povoação no Tonantins.*

*Este Rio nasce a apenas alguns dias de viagem, mais ao Norte, na direção do Japurá. Aqui existem muitas roças de mandioca.*

---

<sup>243</sup> Tapiri: habitação precária e rústica. (Hiram Reis)

*O Tonantins é habitado pela tribo dos Cauixanas, conhecidos por se alimentarem de jacaré, e há poucos anos mataram o seu missionário.*

*Ao meu aparecimento em suas moradas, no mato, mostraram-se assustados no primeiro momento, mas logo saíram das cabanas, os homens todos nus e atrás deles diversas das suas mulheres e filhos, com os rostos salpicados de preto e vermelho, enfeitados com tiras de entrecasca e penas nos braços e pernas.*

*Essas choças de teto cônico são feitas com folhas de palmeira, e têm uma parte baixa, pela qual a gente entra e sai de rastos. Homens, mulheres, crianças e cães deitam-se todos juntos nessa morada escura, cheia de fumaça.*

*Trouxeram-me muitos bugios, os negros coatás, os peludos guaribas ruivos, rãs azuis, variedade de colibris, muitos insetos, ovos verdes de inhambu, etc.; parecia que esses Índios viviam numa zona muito mais rica em alimento do que seus vizinhos do Japurá, que têm que se habituar à fome, por causa da quase contínua escassez de caça.*

*Também diversos ingazeiros, cujas vagens longas e doces são comestíveis e oferecem aos Cauixanas agradável alimento. (SPIX & MARTIUS)*

## **Pastor Haroldo Fernandes de Lima**

Às dez horas, fomos entrevistados na rádio Vila Nova 87,9 Mhz pelo Pastor Haroldo. Ambos nos emocionamos. O Pastor é um homem dinâmico e empreendedor. Prometemos manter contato e reportar nossas impressões tão logo chegemos a Porto Alegre. O Pastor havia deixado sua motocicleta à disposição durante nossa estada em Tonantins.



## **Pastor Haroldo Fernandes de Lima**



*Meu nome é Haroldo Fernandes de Lima eu sirvo à Comunidade como Pastor Evangélico e, além disso quando aqui chegamos, em 1994, eu precisei me afastar do púlpito da igreja e estender a mão aos carentes, os necessitados da localidade. Inicialmente começamos nosso trabalho com os pescadores e desenvolvemos um projeto com eles. Logo que chegamos, constatamos uma quantidade imensa de pescadores, diretamente responsáveis pela segunda maior fonte de renda do Município porque a primeira é o INSS. Nós sabíamos que recursos do Governo poderiam ser disponibilizados para eles, mas antes era preciso organizá-los e conseguimos, com muita dificuldade, porque os patrões não queriam abrir mão de seus empregados.*

*Achávamos que cada pescador poderia ter o seu próprio barquinho com motor a gasolina, sua malhada, seu rancho, que era, então, tudo de propriedade do patrão. Confrontei resolutamente os patrões que não queriam abrir mão de dezenas de pescadores. Mas nós estávamos bastante determinados e conseguimos organizar e fundar a Associação de Pescadores que hoje funciona normalmente e tem em torno de 700 associados, cujo Presidente já informou, anteriormente, ao Coronel detalhes da mesma. Hoje os associados estão recebendo benefícios do Governo Federal, o chamado "seguro defeso" <sup>(244)</sup>, no período de 1º de novembro a 31 de março, e, com isso, permitindo que os peixes se reproduzam.*

---

<sup>244</sup> Seguro Defeso: defeso – período do ano em que para proteger os peixes ou crustáceos que estão em fase de reprodução, a pesca é restringida, total ou parcialmente. Seguro Defeso – visa contribuir para a manutenção das famílias dos pescadores neste período. (Hiram Reis)

*No Rio Tonantins, onde se pesca matrinchãs e curimatãs os pescadores estão respeitando as determinações.*

*Recebemos muitos elogios do pessoal do SINE que aqui estiveram. Então está tudo bem e graças a Deus vamos seguindo o caminho das águas amparando o pescador. Outra questão importante é que quando aqui chegamos não existia telefone, só o comunitário, onde as pessoas formavam uma fila enorme para poder falar com seus familiares que moravam em outros Municípios.*

*Conseguimos trazer a TELEMAR para cá, porque notamos que os políticos não queriam que a população fosse informada do que se passava lá fora mantendo seu domínio sobre o "curral eleitoral". Depois de muita confrontação com os políticos conseguimos vencer e dar continuidade ao projeto [...].*

*Como nos encontramos em transição de mandato municipal, é necessário apenas aguardar a concessão de um terreno para instalar uma torre da TIM e quando isso se tornar realidade o nosso pescador poderá ligar, lá do Lago, e falar com a sua família. No momento estamos apenas com o telefone fixo, mas vamos, passo a passo, avançando.*

*No ano 2000, quando aqui cheguei existia uma rádio pirata comunitária de baixa potência que era monopolizada por alguns elementos para promover-se politicamente. O prefeito é que comandava a emissora e eu cheguei até ter meu horário vetado com a justificativa de que não estava alcançando a popularidade devida com minhas controversas declarações.*

*Isso me motivou a conquistar uma rádio do povo que fosse capaz de levar a informação a todos e cujos temas não estivessem vinculados a nenhum partido político.*



Imagem 83 – Rádio Vila Nova FM 87,9 Mhz (Tonantins, AM)

*Foi um desafio que Deus colocou no meu coração e passamos 5 anos enfrentado a burocracia até que, em 2003, entramos no ar, com a ajuda de pessoas amigas da comunidade nós conseguimos o equipamento básico de uma rádio. A rádio ainda está instalada aqui na minha residência porque eu não consegui apoio suficiente para construir uma instalação adequada. Mas, se Deus quiser, ano que vem vamos construir, ao lado do templo, um prédio novo que sediará um centro de comunicação, mais próximo da rua principal – um local estratégico. Nossa Rádio já está no ar há cinco anos servindo a comunidade onde todo o povo tem acesso. Agora não temos mais aquela problemática do prefeito ou qualquer político querer comandar por que somos totalmente independentes deles. Sobrevivemos de doações de voluntários que acreditam no nosso trabalho e confiam em nós, graças a isso, temos avançado na área de comunicação e com a nossa própria sede.*

*O Coronel Hiram, executando o "Projeto Aventura Desafiando o Rio-mar", está agora passando pela nossa região, mas acredito que poderá nos trazer, futuramente, informações lá de sua região, criando uma parceria conosco. Temos muito mais coisas pela frente e isso nos despertará para a realidade nacional. Devemos, também, tomar conhecimento da realidade daqueles que já não estão morando nesta cidade, em decorrência de novas oportunidade e melhoria de suas condições de vida. Acho que será bem interessante este intercâmbio de informações. Hoje, 13.12.2008, vai ser considerado um dia histórico, apesar de muito chuva e frio, não tanto como lá no Sul do País. [...]*

*Na verdade poucas pessoas teriam a coragem de fazer o que o Coronel está fazendo e também de dispor de seu tempo para nos falar um pouco da sua Expedição que tem contado com irrestrito apoio de todas as Comunidades Ribeirinhas. O Coronel está repassando sua experiência e aprendendo nossa cultura e a nossa vida o que muito agradecemos. Nós aqui ainda comemos carne de caça, pegamos peixe com a mão, já imaginaram isso?*

*E ele mostrará isso nos seus artigos e livros. Ele vindo, lá do Extremo Sul, para centro da selva amazônica, nos deixa muito alegres com esta sua atitude. Como diz um trecho bíblico – "Venha para a Macedônia e ajude-nos" (245), e está acontecendo isso, abrindo mão do conforto que tem lá no Sul para conviver conosco nestes ermos. Agradecemos a cada um daqueles que patrocinou ou apoiou, de alguma forma, a concretização deste magnífico projeto. [...]*

---

<sup>245</sup> Atos dos Apóstolos (16:9 e 10): 9. Durante a noite, Paulo teve uma visão: um macedônio estava em pé suplicando-lhe: "Venha para a Macedônia e ajude-nos". 10. Logo depois que ele teve a visão, procuramos ir à Macedônia, concluindo que Deus havia nos chamado para lhes declarar as boas novas. (Bíblia Sagrada)

*Fica então aqui o nosso abraço para vocês aí do Rio Grande do Sul, estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre, que adotaram esse projeto, que estão mantendo esse projeto, nós agradecemos, sinceramente, em nome do povo da nossa Terra. Nem tudo que repassam na internet é real, é fato, mas agora vocês estão tendo a oportunidade acompanhar "in loco" estas experiências vivenciadas pelo Cel Hiram. Eu vim do Acre, me formei em Manaus, e de lá vim para cá há 14 anos. Estou aqui cooperando com os povos indígenas, os Tikuna, os Caixana e os Cocama. Eles carregam a cultura no sangue deles, não vivem nus, não usam arco e flecha e nem ostentam pinturas corporais – são tão civilizados como nós, com estudo, casas como as nossas... Para trabalhar com eles temos de conhecer sua cultura temos de levar em conta sua formação e respeitá-la. [...].*

*Para iniciar meu trabalho, precisei começar pelo "Tronco" (<sup>246</sup>) – na aldeia chamada Marimari – Lago Grande, com foco no social, levando roupas calçados e alimentos porque lá é que está a origem desse povo que mora aqui na cidade. Minha missão foi gloriosamente recompensada, as pessoas me cumprimentavam e abraçavam e abriram suas portas para mim porque eu estava beneficiando o "Tronco" da aldeia deles. Foi um sucesso retumbante, a minha esposa já fala um pouco de Ticuna, eu não consegui ainda porque é difícil, eles falam um pouco pelo nariz – é nasal a fala deles. Mas acho que se eu me dedicar por uns três meses poderei aprender. [...]*  
(Pastor Aroldo Fernandes de Lima)



---

<sup>246</sup> Tronco: do tupi ma'ri m'ari. (Hiram Reis)

## **Senhor Álvaro da Silva Cabral**

Após uma série de desencontros, tive a oportunidade de conhecer nosso mecenas, o senhor Cabral, no Bar e Restaurante Dona Ray. Conversamos sobre diversos temas e descobri que o Cabral era um irmão de armas, tendo servido em diversas Organizações Militares da região amazônica. Ratificou o apoio hipotecado pelo seu irmão e nos desejou sucesso na empreitada.

## **Professor Cristóvão Lopes Ramos**

O diretor da Escola Estadual Irmã Terezinha, professor Cristóvão, gentilmente, permitiu que utilizássemos suas instalações para escrever o presente artigo autorizando que permanecêssemos com a chave das instalações. A escolinha ficava longe do centro e tive de chamar, por diversas vezes, moto-táxis para me deslocar para o upload dos arquivos enquanto jantava.

## **Agradecimento**

Mais uma vez se torna patente a alma generosa e acolhedora do povo desta terra, cujo carinho guardarei eternamente em minha lembrança.

### ***Tarde Oculta no Tempo*** ***(Jorge de Lima)***

*O andarilho sem destino reparou então  
Que seus sapatos tinham a poeira indiferente  
De todas as pátrias pitorescas;  
E que seus olhos conservavam as noites e os dias  
Dos climas mais vários do Universo;  
E que suas mãos se agitaram em adeuses  
A milhares de cais sem saudades e amigos;  
E que todo o seu corpo tinha conhecido  
As mil mulheres que Salomão deixou. [...]*



**Samaumeira**  
(Almino Álvares Affonso)



*Samaumeira! Liana e flores, em festa,  
Descem da copa imensa que a amplidão fareja...  
E o Sol, em sangue e ouro, portentoso beija  
A soberana – graça e força – da floresta.*

*Mas quando, em transe, o vento sopra as tempestades,  
E lhe fere, zimbrando, a colossal umbela,  
Luta, esbraveja, cai... grandiosamente bela,  
Porém jamais se curva como os vis covardes!*

*E golpeada, ainda assim, vai soltando as sementes,  
Louros, plúmeos casulos, livres e frementes,  
Que se libram e vão nascer léguas além...*

*Atenta: se algum dia na vida fraquejares,  
Não importa... Do amanhã na vastidão dos ares,  
Na força de tua fé reviverás também!*

# A Batalha da Borracha

— 24.1.1943 — A NOITE — 3



**O "FRONT" DA BORRACHA**

**T**ABALHADEIROS bras-  
leiros do Norte, do Sul,  
do Centro, organizados  
na Frente da Borracha,  
estão lutando para a vitória  
do Brasil contra os monopó-  
lios estrangeiros. Para isso,  
a luta é árdua e constante.  
O Brasil precisa da borracha  
para a indústria e para a  
defesa. Mas os monopólios  
estrangeiros querem que  
o Brasil seja dependente  
deles.

Os produtores brasileiros  
de borracha estão lutando  
para a vitória do Brasil  
contra os monopólios  
estrangeiros. Para isso,  
a luta é árdua e constante.  
O Brasil precisa da borracha  
para a indústria e para a  
defesa. Mas os monopólios  
estrangeiros querem que  
o Brasil seja dependente  
deles.

Os produtores brasileiros  
de borracha estão lutando  
para a vitória do Brasil  
contra os monopólios  
estrangeiros. Para isso,  
a luta é árdua e constante.  
O Brasil precisa da borracha  
para a indústria e para a  
defesa. Mas os monopólios  
estrangeiros querem que  
o Brasil seja dependente  
deles.

**CRAVOS AMERICANOS**  
Exatidão, Certeza, Firmeza,  
Resistência. O Cravo Americano  
é o melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**Vai para o praia?  
Para o campo?**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**QUEM MELHOR PAGA  
BRILHANTES  
OURO PRATA E  
JÓIAS ESMALTE**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**VITÓRIA REGIA**  
De nada é mais Bom  
do que o Cravo Americano.  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**PEDRO TEIXEIRA**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**Lustro de móveis?**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**CASA MOZART**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

**Roupas de Banho**  
O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa. O Cravo Americano é o  
melhor para a indústria e para a  
defesa.

O PRODUTOR AO CONSUMIDOR -- ARMAZEM MUNDIAL -- AV. LAURO MULLER, 86/90 - TEL. 98-4733

Imagem 84 - A Noite n° 11.119, 24.01.1943





**A Noite nº 11.119 – Rio de Janeiro, RJ**  
**Domingo, 24.01.1943**



**O “*Front da Borracha*”**

Trabalhadores brasileiros do Norte, do Sul, do Centro, embrenhados nas florestas da Amazônia, estão lutando para a vitória das Nações Unidas. Porque, sem a borracha, a vitória, segundo a opinião acreditada de um técnico norte-americano, a guerra dificilmente seria ganha. E o Brasil, em proporção cada vez maior, envia para esse “*front*” esse precioso material, tão necessário à construção dos engenhos de guerra, como os aços finos.

As imensas florestas da Amazônia estão neste momento sendo cruzadas em todos os sentidos, pelos valorosos “*Soldados da Borracha*”, dispostos a enfrentar todos os riscos combatendo pela causa dos aliados, em busca do insubstituível “*látex*”.

Ao ser dado o grito de guerra e da abertura do “*front da borracha*”, brasileiros de todos os cantos acudiram pressurosos, dispostos à luta e a arrancar das brenhas inóspitas a vitória para a causa da Justiça e da Liberdade. Levas e mais levadas de voluntários, já partiram da Capital da República, depois de rigorosos exames médicos a que foram submetidos no Albergue da Boa Vontade. Outras saem de vários pontos de seleção existentes no Brasil. As gravuras que ilustram a página anterior dão uma ideia perfeita da disposição e da alegria de um dos contingentes que partiu para o Norte. São homens destemidos, cheios de patriotismo e conscientes da missão que a Pátria lhes confiou. São os bravos trabalhadores do “*front da borracha*”. (A NOITE Nº 11.119)



**O Acre nº 684 – Rio Branco, AC  
Domingo, 07.03.1943**



**Legião Brasileira de Assistência**



[...] No Acre, a Comissão Estadual da LBA conta com um sem número de legionárias e visitadoras, a braços com árduas tarefas em prol dos “*Soldados da Borracha*”, que necessitam de conforto material e moral ao se embrenharem, depois do êxodo doloroso dos sertões nordestinos, nas selvas, suas trincheiras onde a Pátria o exige, para o esforço tenaz da extração do látex. [...] (O ACRE Nº 684)



**A Noite nº 11.260 – Rio de Janeiro, RJ  
Sexta-feira, 18.06.1943**



**A Borracha Movimenta a Economia Amazônica**



**Impressões de uma Viagem Através da Região**



Porto Velho, junho – A litorina <sup>(247)</sup>, confortável e segura, avança velozmente devorando os 366 km que separam Guajará-mirim de Porto Velho. Percorremos a famosa Estrada de Ferro Madeira Mamoré que a tantas e tão estranhas lendas deu origem nos dias áureos da borracha. Construída pelo Brasil nos termos do Tratado de Petrópolis, para possibilitar escoamento à produção da Bolívia, a estrada preense às cachoeiras do Rio Madeira serve a uma imensa região, famosa pela riqueza dos seus seringais.

---

<sup>247</sup> Litorina: vagão ferroviário com motor a diesel e condutor próprio. (Hiram Reis)

A borracha deu à estrada dias de fausto e dias de opróbrio (<sup>248</sup>). Por ela viajaram, nos tempos de esplendor, brasileiros que se recusavam receber como pagamento libras esterlinas de ouro, preferindo o nosso papel moeda, “*que valia mais e pesava menos*”. Hoje, depois de trinta, anos os bons tempos estão voltando, pois novamente a borracha movimentou a economia amazônica, dando à ferrovia o movimento perdido. De um extremo ao outro a linha corta a floresta amazônica, que de ambos os lados se levanta em gigantescas muralhas verdes. Os que pretendem que a visão continuada da selva é monótona e acaba por enervar, não tem olhos para ver. Sob a aparente uniformidade, o que existe realmente é a diversidade sem fim a dar vida e encanto próprios aos quadros que se desdobram em sucessão infinita. Neste cenário de lenda, seringueiros de todo o Brasil se aprestam para a “*Batalha da Borracha*” e é fácil prever que daqui sairão quantidades cada vez maiores da goma essencial à guerra moderna. À medida que a litorina avança, o Major Aloisio Ferreira, Diretor da Madeira Mamoré dá aos seus companheiros de viagem informações sobre a região.

O primeiro trecho, de Guajará Mirim e Abunã, é considerado zona perigosa. Os Pacanovas atacam as turmas de conservação da estrada e dificultam o trabalho dos seringueiros. No quilômetro 302, estes Índios mataram, há meses, um vigia, e por isso agora todas as turmas trabalham sob a proteção de guardas. Os seringueiros devem agir com cautela, afim de evitar encontros desagradáveis com os Pacanovas. Pequenas trilhas, perfeitamente visíveis, indicam as entradas dos seringueiros na floresta. De distância em distância surgem ao longo da linha palhoças de seringueiros, muitas das quais mostram à janela as crianças atraídas pela litorina.

---

<sup>248</sup> Opróbrio: maldição. (Hiram Reis)

Ao lado de algumas está o local de defumação: um fio de fumaça indica que o seringueiro se acha entre-gue à operação de defumar a borracha. O novo surto de produção está repovoando as palhoças abandonadas e fazendo surgir, cada dia com maior frequência, novas construções destinadas a abrigar os trabalhadores mobilizados para os seringais. Vila Murтинho a primeira parada, à altura da confluência dos Rios Marmoré e Beni, que aí formam o Madeira. Nos depósitos da estação tomamos contato com um resultado positivo da "*Batalha da Borracha*": mais de 150 toneladas de " *fina*" <sup>(249)</sup> estão preparadas para seguir pela estrada até Porto Velho e daí para Belém e depois para os Estados Unidos. Ao tomarmos o café que a hospitalidade do chefe da estação nos oferece, alguém pergunta:

*Este café é da região?*

Responde um empregado da estrada:

*Não, vem de São Paulo.*

Retruca então o paulista que formulou a pergunta:

*Da minha terra.*

Corrige prontamente o ferroviário:

*Não. Da nossa, porque tudo é Brasil.*

Continua a viagem e à medida que nos aproximamos do Amazonas a vegetação revela maior pujança e o verde se torna mais carregado. Almoço em Abunã, no quilômetro 220. Recebemos notícias sensacionais: uma Revolução na Argentina depôs o governo Ramón Castillo, que à nossa partida do Rio parecia absolutamente seguro da sua posição. O rádio revela detalhes do ocorrido e, por momentos, a nossa atenção se desprende da "*Batalha da Borracha*".

---

<sup>249</sup> Fina: a fina é preparada com látex fresco puro e bem defumado. (Hiram Reis)



Imagem 85 – Correio da Manhã n° 14.904, 05.06.1943

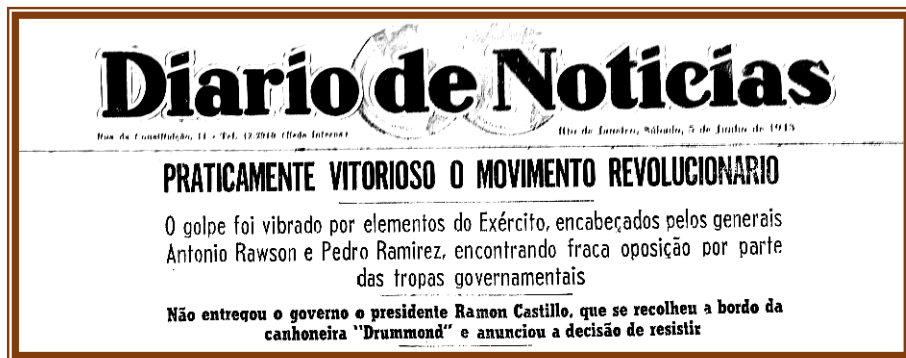


Imagem 86 – Diário de Notícias n° 6.322, 05.06.1943



Imagem 87 – Correio da Manhã n° 14.905, 06.06.1943



Imagem 88 – Diário de Notícias n° 6.323, 06.06.1943

Novamente na litorina, cuja fome de distância parece não se saciar jamais. A noite começa a cair, emprestando novos encantos à paisagem sempre renovada. Na estação de Jaci-Paraná, um trem que transporta Soldados da Borracha para a região de Guajará-Mirim, cruzou com a litorina. Vamos encontrá-los aos grupos, conversando animadamente, enquanto o trem espera a linha livre.

Às nossas primeiras perguntas, respondem desembaraçadamente. Os nordestinos mostram-se animados e prometem dar todo o seu esforço à produção da borracha. Os chamados "*cariocas*", mais afeitos à vida da cidade, não escondem certa surpresa ante o novo cenário, mas como não querem dar parte de fracos, garantem que não se deixarão bater pelos nordestinos. Todos querem ir para os seringais o quanto antes. Qualquer atraso, mesmo que seja para ambientá-los à vida da região, enerva estes "*brabos*", que só pensam na seringueira.

Um deles esclarece que foi mobilizado como "*Soldado da Borracha*", e que considera qualquer demora como uma falta no cumprimento do seu dever. É preciso explicar-lhes que os "*brabos*", desacostumados à vida amazônica, necessitam primeiro ambientar-se e passar à categoria de "*mansos*". Para isso, ficarão adidos às turmas da estrada durante alguns dias, até aprenderem os segredos da floresta e a maneira de enfrentar as surpresas do meio. Estes trabalhadores foram mobilizados pela SEMTA em seus Estados natais e entregues à SAVA, em Belém. Todos reconhecem a regularidade da viagem e confessam, que salvo alguns inconvenientes de pouca monta, tudo tem corrido bem, inclusive a assistência médica e a alimentação. O trem dá o sinal de partida e das janelas dos vagões os "*brabos*" se despedem alegremente, orgulhosos dos seus títulos de "*Soldados da Borracha*".

No quilômetro 48 encontramos o "acampamento dos americanos". À margem da estrada, em instalações improvisadas, americanos e brasileiros jantam, depois de um dia de intenso trabalho. Integram o grupo dez americanos e cinquenta brasileiros, chefiados por três professores da Universidade de Columbia. A sua missão é abrir uma estrada de penetração em direção aos seringais em plena floresta virgem. O picadão inicial já atinge a 50 km e avança agora pelo espigão do divisor de águas do Jaci-Paraná e das cabeceiras do Juruena. O engenheiro-chefe Carling dá detalhes sobre o andamento dos trabalhos. Aguarda-se apenas o preenchimento de certas formalidades para prosseguir o trabalho com ritmo acelerado. Grandes máquinas próprias para a construção de estradas em tempo "record" estão para chegar e levarão para diante a rodovia que assegurará o escoamento rápido da produção de uma das usais famosas zonas de borracha da Amazônia. A litorina arranca pela última vez e o engenheiro Carling grita no seu português de estrepante:

*Até à volta. Feliz viagem.*

Mais algum tempo e surge ao longe, em pleno céu da floresta, o clarão das luzes de Porto Velho. Ao percorrermos a ferrovia famosa sentimos, com uma força difícil de expressar, como se vem processando, rápida e seguramente, a recuperação da região.

Dessa vez, porém, a vantagem de um plano oficial meticuloso em seus menores detalhes procura assegurar à borracha a estabilidade que salve a sua economia de um futuro colapso, tão funesto à riqueza nacional quanto o outro do ano 15 <sup>(250)</sup>. (A NOITE N° 11.260)

---

<sup>250</sup> O Brasil não pode dispor, em 1915, de verba alguma para impedir a morte da indústria seringueira, a ruína definitivamente dos Estados produtores e a completa e conseqüente desorganização do nosso comércio internacional. (Diário do Congresso Nacional, 1914)



**O Acre nº 699 – Rio Branco, AC  
Domingo, 20.06.1943**



**Aos "Soldados da Borracha"**



**Mensagem do Presidente Getúlio Vargas ao ser  
Iniciado o Mês Nacional da Borracha**



Brasileiros, há apenas um mês tive ocasião de vos falar, nas comemorações de 1º de março. Afirmar, então, que o trabalhador brasileiro nunca me decepcionou, e vos concitei a produzir mais e melhor. Volto hoje a vos alertar para que dediqueis todas as energias à Batalha da Produção, e quero solicitar-vos o interesse para um problema específico e urgente: precisamos, nós e os nossos aliados, de mais borracha! Não ignorais quão gigantesco é o consumo de certos materiais nesta guerra universal, salientando-se a borracha, pelo desgaste e diversidade de emprego. Pode-se afirmar que sobre a borracha caminha a guerra moderna. Mas não só as rodas exigem a goma elástica; inúmeros outros equipamentos a reclamam, em quantidades enormes. Para fazerdes ideia da sua importância, lembrai-vos, por uns instantes, dos diferentes e extensos cenários nos quais se ferem as sangrentas lutas pela vitória dos povos livres, tendo presente que cada carro de assalto requer mais de tonelada e meia de borracha e cada bombardeiro pesado quase uma tonelada. A resposta a tão formidável consumo é: produzir sem repouso, colhendo o "látex" abundante das seringueiras do vale amazônico e das mangabeiras espalhadas por diversos pontos do Território Nacional. Essa é uma das nossas tarefas para assegurar a vitória dos bravos que pelejam nas várias frentes, através do mundo.



Nas guerras modernas a mobilização é total. Nelas não tomam parte somente os exércitos. A nação inteira é chamada às armas, de uma ou de outra forma. Homens e mulheres, velhos e crianças, cada um tem o seu campo de ação. A vós sertanejos do Norte, do Centro ou do Sul, rudes desbravadores, valentes pioneiros, cabe na batalha da produção o setor da borracha, um dos mais importantes do nosso esforço de guerra, da nossa contribuição para a vitória. As Forças Brasileiras combatem no Ar e no Mar, e irão combater em terras longínquas se for necessário. Mas os seringueiros nas planícies amazônicas e nos sertões mato-grossenses já tomaram posição na luta e nela permanecerão se o seu trabalho for útil. Estou certo que sabereis defender, sem desfalecimentos, a trincheira que vos foi confiada, extraíndo das ricas florestas do Brasil toda a borracha que puderdes. A minha reconhecida simpatia por vós, trabalhadores, o empenho do meu Governo em assegurar-vos melhores condições de vida, dá-me o direito de vos dirigir este apelo, seguro dos resultados, pois conheço o valor da vossa tenacidade quando se trata de servir a engrandecer a Pátria. (O ACRE N° 699)



**O Acre nº 700 – Rio Branco, AC**  
**Domingo, 26.06.1943**



**Nos Seringais Lutaremos Contra Hitler...**  
**(Wilson Aguiar)**



Com o objetivo de focalizar a vida dos "*Soldados da Borracha*" que nos chegam das mais distantes regiões do País, decidi fazer uma visita à hospedaria onde se encontram alojados estes bravos Soldados do Brasil vitorioso e da liberdade universal.

Acompanhado do enfermeiro de plantão, Iniciei as minhas observações e pude constatar com alegria, que o estado sanitário, tanto do prédio como dos futuros seringueiros, é ótimo. Quatro ou cinco casos de paludismo, um ou dois de gripe e nada de mais grave. Todos estão bem dispostos e com vontade de, embrenhando-se na mata amazônica, extraírem das seringueiras o precioso "látex" tão necessário às Nações Unidas nesta luta em defesa dos princípios básicos em que se alicerça a civilização.

O que vale a pena dizer e de maneira eloquente, é o sentimento de brasilidade de que estão possuídos aqueles nossos irmãos. A todos que interrogava sobre a situação do Brasil em guerra, procurando despertar-lhes o verdadeiro sentir de um patriotismo sadio, encontrava em seus corações a mais ardente chama de amor ao Brasil.

E naquela simplicidade de sertanejo, os brasileiros do nordeste exprimiam os seus pensamentos, ao tempo que se mostravam firmes nos mesmos propósitos: desejo ardente de produzir mais borracha para que as Nações Unidas derrotem os exércitos dos tiranos. Cercado por um grupo destes heroicos Soldados que me interrogavam sobre o progresso da guerra, observo, com curiosidade, um homem moreno, de cabelos grisalhos, de estatura normal, aparentando os seus cinquenta e tantos anos de idade, e que lia distraidamente um livro, a um canto da hospedaria. Dirigi-me ao enfermeiro e perguntei quem era. A resposta foi imediata:

*É o seu João, o intelectual dessa leva que chegou na semana passada. É ele quem escreve quase todas as cartas de seus companheiros.*

Curioso, fui palestrar com aquele que interpretava as alegrias e os sofrimentos dos seus companheiros de jornada em missivas tão esperadas.

**Wilson Aguiar:** *Boa tarde meu amigo... Está lendo o seu romance?*

Calmamente aquela criatura que talvez encerre em sua vida uma tragédia, levantou os olhos do livro e respondeu:

**Sr. João:** *Não senhor. Não gosto de ler romances... Estou lendo "E a França teria vencido" (251).*

**Wilson Aguiar:** *O senhor gosta da França?*

**Sr. João:** *Gosto, isto é, admiro a França dos homens honestos e amantes de sua Pátria. A França vitoriosa de 1914 e não a França dos fantoches e atraçoada de 1939. Eu gosto da França que eu conheci, cheia de liberdade, culta e cheia de arte.*

**Wilson Aguiar:** *O senhor já esteve na França? Conhece Paris?*

**Sr. João:** *Conheço, sim senhor, conheço a França de antes da primeira Guerra Mundial. Recordar é viver... Mas não gosto de recordar os meus dias de Paris.*

**Wilson Aguiar:** *Então o senhor fala bem o francês?*

**Sr. João:** *Falei. Hoje lembro-me de uma ou outra palavra.*

**Wilson Aguiar:** *O senhor é cearense?*

**Sr. João:** *Sim, sou filho de Fortaleza. Os meus pais eram franceses. Deixei minha cidade e aqui estou para trabalhar pela grandeza e vitória do Brasil. Hoje sou "Soldado da Borracha" e disso me orgulho. E, como Soldado, estou esperando as ordens dos meus Chefes a fim de seguir para minha trincheira empunhando as minhas armas. Lá lutarei contra Hitler e seus comparsas, produzindo Borracha pela Vitória da Liberdade. Lutarei pelo Brasil nesta Batalha grandiosa, e pode o senhor estar seguro de que este é o pensamento de todos os meus coestaduanos.*

---

<sup>251</sup> E a França Teria Vencido: autor General CHARLES André Joseph Marie DE GAULLE, Editora José Olympio, 1941. (Hiram Reis)

*Nós nos alistamos no "Exército da Borracha" prometendo trabalhar de Sol a Sol se necessário. Esta promessa que ao instante se nos afigura como um juramento será cumprida por todos nós, porque amamos a liberdade.*

Este estado de ânimo, esta demonstração de patriotismo que encontrei naquela casa, ou dizendo melhor, no Quartel General Acreano do "Soldado da Borracha", nos faz acreditar mais de perto na vitória da "Batalha da Borracha" preconizada pelo Presidente Getúlio Dornelles Vargas. E nos faz acreditar ainda mais no quanto é capaz de empreender a realizar a raça brasileira. Nas longínquas Selvas acreanas, nas misteriosas matas da Amazônia, Soldados Brasileiros empunhando seus instrumentos de trabalho, lutam com denodo contra a tirania do "Louco de Berlim". (O ACRE Nº 700)



**O Cruzeiro nº 39 – Rio de Janeiro, RJ**  
**Sábado, 20.07.1946**



**O Trem da Borracha**



Esta história começa em Sobral, no Estado do Ceará, ponto de partida do Exército de Emigrantes para a Amazônia. Todos os homens válidos da terra hostilizada pelo Sol foram mobilizados para a terra dos Rios. Deixaram suas famílias e, animados pelo espírito de aventura, entraram nas infundáveis florestas.

### **A Marcha Para a Morte**

Texto de David Nasser

Fotografias de Jean Manzon

Hoje, que na Assembleia Nacional Constituinte a sorte de cinquenta e quatro mil nordestinos é o assunto palpitante trazido à discussão pelo Deputado Paulo Sarazate – já que se afirma terem morrido 50% nas florestas do Amazonas – vale a pena julgar o depoimento sensacional de nossos dois companheiros. David Nasser e Jean Manzon que foram os únicos repórteres da imprensa brasileira e estrangeira que acompanharam, desde o início, a marcha para o seringal.

Viajando de trem, de caminhão, de navio e de avião, sobre os comboios de gado ou nas rodovias pedregosas, eles cobriram milhares de quilômetros, seguindo a marcha de trabalhadores que se destinavam aos seringais da Amazônia. – *“Durante a marcha propriamente dita”, asseguram – “morreu apenas um homem”.*

E depois da chegada? Esse é o mistério dos expedicionários brasileiros do *“front”* da retaguarda, os mortos que não tiveram Pistoia, os borracheiros sem glória, os cearenses que não voltaram, os fragmentos desse Exército sem Bandeira, mas ao qual tanto, tanto devemos.

**54.000** NORDESTINOS foram levados para a Amazônia, na campanha de aumento da produção de borracha. Era medida aconselhada pelas necessidades da guerra e imposta pelos acordos do Brasil com seus aliados. Até aí, nada demais. Terminada a guerra, quantos voltaram aos seus lares? Quantos dormem semienterrados nas florestas verdes dos seringais? Quantos vivem, se é viver aquela romaria incessante pelas ruas de Belém e de Manaus, estendendo as mãos à caridade pública? Quantos povoam as aldeias marginais dos grandes rios, tremendo de maleita e de fome?

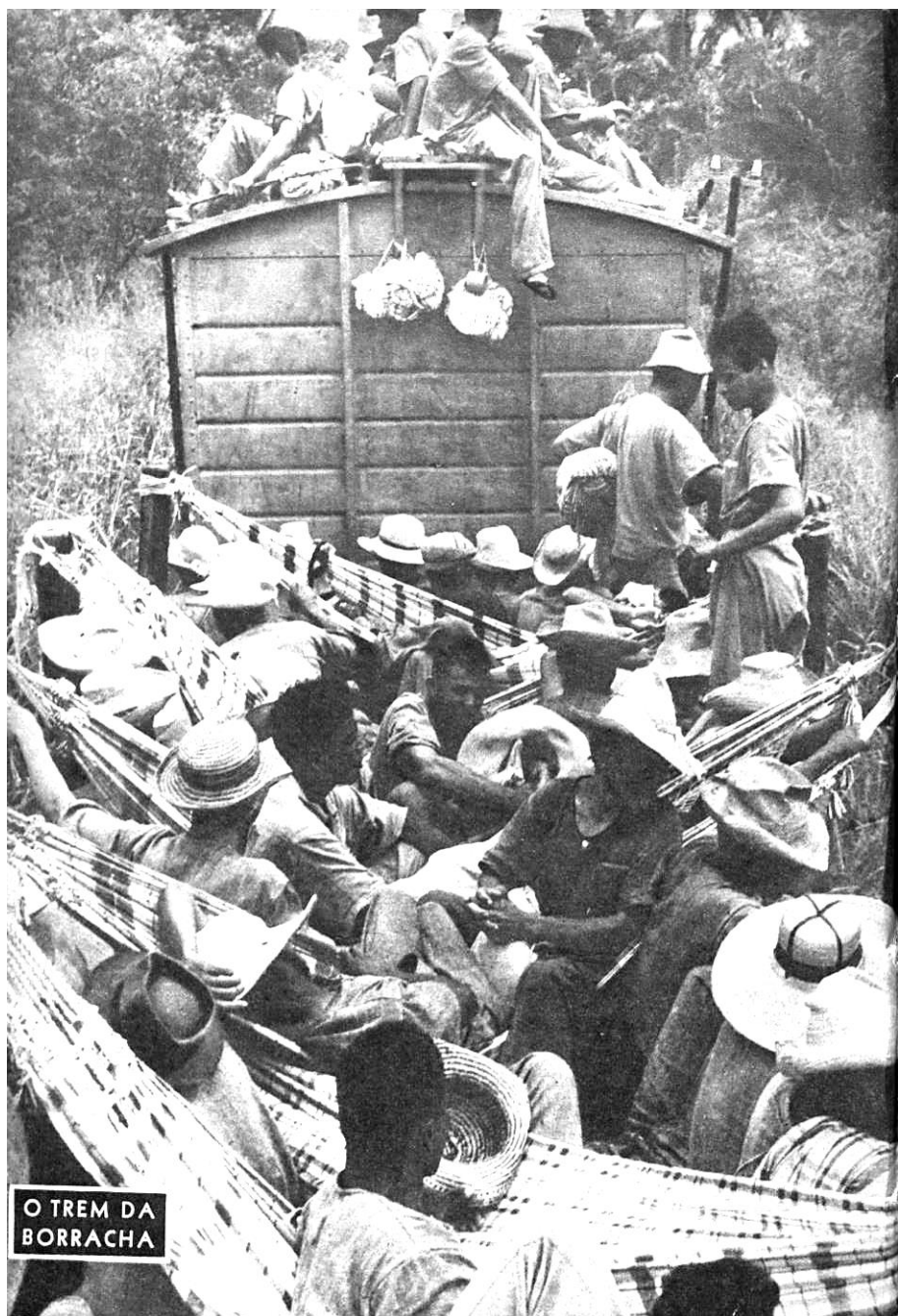


Imagem 89 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946

Oh, senhores Deputados, Senadores do Governo, senhores de todos os Poderes, esses homens que sobraram da batalha da borracha querem voltar para casa. Não discutamos agora se a batalha fracassou ou não. A guerra já terminou. A última das minas foi recolhida nos campos de França, da Polónia, da Rússia. Que mal existe em pedir que os cearenses voltem para casa? Voltarão sem bandeiras, sem condecorações, quase sem glória. Mas, voltarão alegres, cantando, e esquecerão depressa a fome e o seringal. Deixemos que eles voltem, senhores, porque já estão ansiosos por ouvir, outra vez, o murmúrio do Mar em Fortaleza, nas noites de tempestade. Não sabemos se eles são um exército derrotado, não sabemos. Não sabemos se são mesmo um exército ou apenas os restos de um exército. O que passou, passou. Cuidemos de salvar os que sobraram, os que saíram ilesos ou apenas arranhados do ventre das florestas amazônicas. Não, o Amazonas não serve para os cearenses. Tem água demais. E há, tanta fartura por lá que eles morreram de fome. A guerra já acabou duas vezes. Deixemos que os arigós voltem para casa.

\* \* \*

Um trenzinho corta o mato, barulhentemente. Lá dentro, conversas sobre o trabalho à frente (dizem que há feras nos seringais, dizem que há demônios soltos, dizem tanta coisa, tanta, que uma noite não basta para repetir) conversas sobre as próximas chuvas e sobre as chuvas que passaram. Mas as seringueiras terão que verter seu branco sangue para as cuias, as cuias serão recolhidas, o látex receberá seu tratamento, e mais carros avançarão contra os inimigos, mais aviões lançarão bombas sobre eles, mais depressa acabará a guerra. (Não se esqueça que estamos nos dias tenebrosos de 1943).





O trem atravessa matas e montanhas, sobe colinas e desce pelos trilhos que branqueiam à luz do Sol. Ao longe aparecem as sombras abrigadas do primeiro Posto. Grupos de homens vão ficando em cada acampamento, mas noutro dia, depois da noite de sono, o trenzinho voltará a partir. Um navio substituirá o trem, caminhões. E depois novamente os barcos, rasgando agora as águas lamacentas do Amazonas, as proas voltadas para os seringais.

Ceará, Ceará, Ceará! Ceará vazio, Ceará deserto. Ceará quente, Ceará tórrido, Ceará sem gente, vendo partir os seus últimos homens válidos, os seus braços ainda fortes. As mulheres de Sobral se calam. As velhas do Crato nada dizem. E a procissão de caminhões vai seguindo.

Contaram-lhes que há uma guerra muito feia lá fora. Os cearenses vão para a guerra, no “*front*” do Amazonas. Vão tirar borracha. Borracha para os canhões, para os aviões, para os caminhões. A Alemanha declarou guerra ao Ceará? O Ceará declarou guerra ao Japão? Nada disso, minha senhora – explica o agente do Governo – nossos navios foram afundados, entramos numa guerra ao lado dos Estados Unidos, precisamos tirar borracha para o Exército dos Estados Unidos, ou quer que lhe explique mais?

E a marcha para o seringal vai aumentando, vai engordando, e o Ceará vai definhando, vai emagrecendo. – “*Vocês não acham que isso é despir um Santo para vestir outro?*” – está me perguntando um médico cearense, no restaurante Ramos, em Fortaleza.

E falava no magro e pálido Ceará, abanando as mãos, implorando ao resto do Brasil um pouquinho da felicidade nacional que nesse tempo quase existia.



Imagem 91 – O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946

Temos sido ingratos, desde os velhos tempos da Colônia, ingratos e maus para com o brasileiro Ceará. Sem depender das migalhas que lhe deram os governos federais, ele fez milagres. Não é vantagem implantar civilização em terras boas ou de bom pasto, em zonas temperadas e de fácil acesso. Ceará, com o muito que sua gente realizou, é uma civilização contra o Sol, contra a terra, contra o Céu, contra a providência, uma civilização arrancada numa luta, dia-a-dia, hora-a-hora, contra os elementos, contra a própria lógica. – *“Pois é, mas agora, o Ceará se despova. Depois de melhorar à custa de tantos sacrifícios, levam os melhores de seus filhos, os jovens, os fortes, os bons. Vocês acham que eles voltarão depois da Guerra?”*

\* \* \*

A Guerra terminou. Os cearenses que tinham partido, não voltaram. Nem voltarão, talvez, porque, dos 54.000 soldados da borracha – segundo os dados apresentados na Assembleia Nacional Constituinte pelo Deputado Paulo Sarazarte – a maior parte dorme à sombra das florestas amazônicas. Morreram longe dos seus, por um sonho de riqueza, pela esperança de melhores dias. O Exército da Borracha anda, hoje, moribundo, espalhado, derrotado, faminto e errante, como em terra inimiga, perdido entre as árvores enormes, afogado nos pântanos do deserto verde, definitiva e inapelavelmente vencido. O treme-treme, a terçã-maligna, a disenteria amebiana, a fome, a absoluta falta de recursos eram mais fortes que a coragem, a dedicação, a bravura e a teimosia dos homens do Ceará, da Paraíba do Norte, da Bahia e do Rio Grande do Norte.

\* \* \*

## **A Alemanha Declarou Guerra ao Ceará**

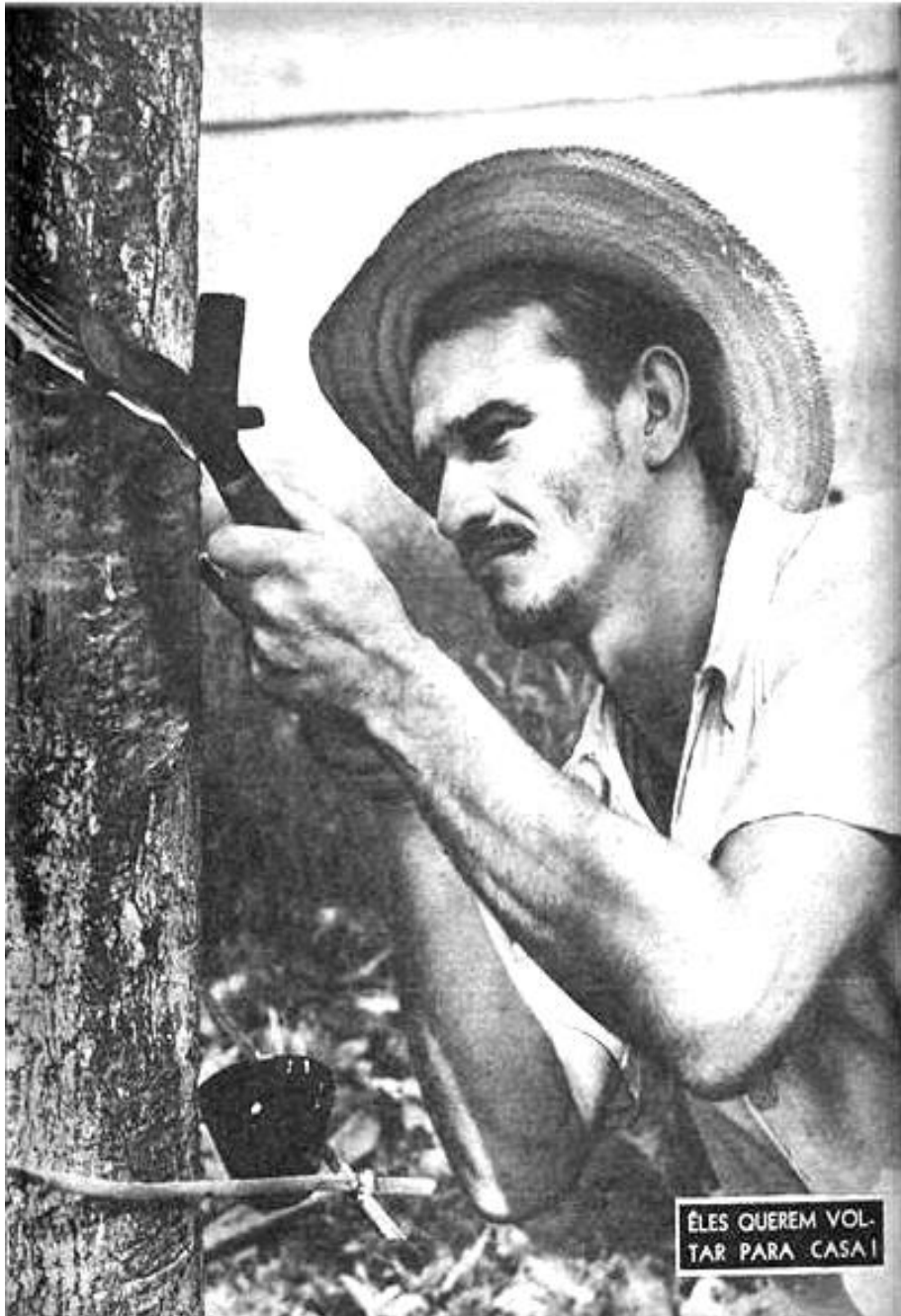
*O Brasil declarou guerra à Alemanha. Os cearenses não hesitaram um minuto. E o nobre Estado mandou para os seringais os seus homens mais válidos, a fina-flor do sertão e da serra.*

Historiemos calmamente os acontecimentos. Depois de Pearl Harbour, os norte-americanos se viram de uma hora para outra desprovidos de borracha natural. A região do Pacífico tomada pelos japoneses após o golpe traiçoeiro produzia quase dois milhões de toneladas.

A solução imediata era incentivar no Brasil, na Bolívia, no Peru e noutros países latino-americanos, a produção de látex, para compensar a perda dos seringais asiáticos.

De acordo com obrigações assumidas pelo Brasil para com os Estados Unidos, deveria o nosso País fornecer determinada quantidade de borracha à indústria bélica da República irmã. Não possuindo a Amazônia braços suficientes para a realização desse programa, ficou estabelecido que seria mobilizado o braço nordestino, considerando-se serviço de guerra o trabalho prestado nessa tarefa.

Subordinado diretamente à Presidência da República foi criado o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia com o objetivo de mobilizar 50.000 homens para a campanha da extração de borracha no Extremo Norte. Sua sede era em Fortaleza. E havia também, com a missão de colocar os trabalhadores nos seringais, outro órgão: a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico, cuja sede era em Belém do Pará. O primeiro trazia os homens do Ceará até Belém, por trem, caminhões e navios. O segundo órgão mandava-os de Belém para Manaus ou os seringais.



*Imagem 92 - O Cruzeiro nº 39, 20.07.1946*

Posteriormente, essas duas organizações foram reestruturadas numa única – a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia. No Exército Migratório não se admitiam nem fracos nem doentes. Eram todos submetidos a um cuidadoso exame, que ia desde o aparelho dentário a investigações antropométricas. Aceitavam-se apenas os fisicamente capazes, sem deficiências, sem defeitos, com peso e altura proporcionais. Gente robusta e rígida. E a fina-flor das zonas sertanejas e serranas, emigrou dos pagos nativos embalada na música da propaganda sensacional. A princípio a viagem para a “*jungle*” do Norte era feita em navios, mas depois de intensificada a campanha submarina passaram os nordestinos a ser transportadas por terra, em caminhões, e até por via aérea. Antes da partida, cada um assinava, por dois anos, um contrato de trabalho com o órgão disciplinador de emigração.

A marcha para Belém se realizou em ordem e sem incidentes. Na capital paraense os norte-americanos tinham instalado os escritórios da Rubber Development Corporation (RDC), organização que controlava a obtenção de borracha numa vasta área latino-americana denominada a Região da Borracha, ou mais fielmente, a “*Rubber Region*”, abrangendo vários Países, inclusive o nosso. Depois do fracasso da Batalha da Borracha, a RDC, através da palavra de seus funcionários, acusou os brasileiros dos maus resultados do gigantesco empreendimento. Parece incrível que somente um jornal norte-americano – o “*Daily News*” – saísse em campo para nossa defesa. – “*Em Belém*” – diz o órgão de imprensa novaiorquino – “*vimos cerca de quatro mil homens em um campo de concentração do SAVA*” (252).

---

<sup>252</sup> Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico. (O CRUZEIRO N° 39)

*Estavam todos entre cercas de arame. Em Manaus, em outro campo, vimos perto de dois mil. Alguns deles, durante o longo período de sete meses, tornaram-se preguiçosos entre essas cercas e costumavam brigar entre si ou lutar contra seus guardas. Dados procedentes de fonte fidedigna” – continua o “Daily News” – “mostram que de todos os 10.000 homens que o SEMTA (<sup>253</sup>) trouxe para Belém, apenas 900 foram encaminhados para os seringais.*

*Os outros ficaram no pouso e foram espalhados em campos menores, noutras cidades. Alguns deles tiveram permissão para arranjar empregos. Muitos desses homens são prisioneiros involuntários, preguiçosos e inúteis. Não parece justo acusar as organizações brasileiras pelo fracasso em transportar homens para a Amazônia, nem pela falta de transporte e provisões. Em ambos os casos, a entidade norte-americana – Rubber Development Corporation – concordou em fornecer às entidades brasileiras navios e provisões. A RDC deixou de cumprir esses dois pontos vitais”.*

\* \* \*

Os recrutadores de homens bateram às portas de Pernambuco e não foram atendidos. Outros Estados – entre os quais, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão – contribuíram razoavelmente com homens para o trabalho nos seringais. – “Mas o Ceará” – proclama o Instituto do Nordeste, através a palavra de seus homens mais ilustres – “foi o Estado que concorreu com a maior percentagem de Soldados para a nova caminhada na Amazônia. Mais uma vez o Ceará era o grande e trágico celeiro humano onde a morte ia buscar os desbravadores.

---

<sup>253</sup> Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia. (O CRUZEIRO N° 39)

*"Dessa vez, porém, era em nome da Pátria e das Nações Unidas que o povo cearense, no que possuía de mais forte e viril, era conclamado para a luta no 'front' da retaguarda em plena planície amazônica".* Vinha do Governo Federal, nesse sentido, lancinante e veemente apelo. Considerava-se Serviço de Guerra o aumento da produção de borracha. – *"Nós ajudaremos o Brasil! Mas, quem ajudará o Ceará?"* – perguntavam os que enxergavam longe. E o patriotismo dos cearenses – basta tocar no patriotismo cearense para achar-lhes o caminho do coração – naquela difícil conjetura não criou entraves à mobilização para a jornada ao Rio-Mar, embora desfalcados ficassem os seus campos, com profunda repercussão futura na economia da Província. Enquanto a maioria das unidades federadas recusava qualquer contribuição à Batalha do leite das seringueiras, o Ceará viu partir os seus melhores filhos e não fez um gesto para impedir o êxodo. Era um sacrifício varonil, uma coisa de lenda, espantosa e incrível. Era uma sangria no organismo Estadual. Canalizava-se o sangue cearense para as florestas tropicais. – *"De qualquer maneira"* – diziam os homens de lá – *"é um sacrifício pelo Brasil e pela tradicional fidelidade aos pactos internacionais"*.

\* \* \*

Tudo isso é maravilhoso de se dizer e gostoso de se escrever, mas a Guerra já acabou há muito tempo. Emudeceram-se os canhões na Europa e no Pacífico. Já não se pode cometer uma série de coisas em nome da Pátria. E se levantam vozes acusadoras no Ceará. – *"Finalmente as Nações Unidas alcançaram a vitória sobre o inimigo, vitória por cujo advento dezenas de milhares de nordestinos, na campanha de extração da borracha foram palmilhar as vias selváticas"*.



De há muito regressaram ao País, cobertos de glória, os Expedicionários que no “*front*” italiano cumpriram para com a Pátria, o dever. Os que não lograram retornar – dormem em Pistoia. Mas e os que marcharam para o “*front*” amazônico? Estão vivos? Ou mortos, semienterrados no cemitério verde das florestas?

Alguns voltaram sim. E fizeram trágicas narrativas. Vieram por suas próprias forças. Deus sabe como, impaludados, maltrapilhos, contando os horrores da vida no seringal. Seus companheiros que escaparam ao abandono nas zonas de produção da borracha, os restos de um Exército vencido, arrastam-se pelas ruas de Manaus e Belém implorando a caridade pública, para não roubar, esqueléticos, famintos, sombras do que foram. No ventre da selva tentacular e absorvente, a morte ceifou milhares de cearenses. *“Morreram, certamente, mais brasileiros nessa odisséia da borracha do que nas montanhas da Itália”* – afirmam documentadamente, os Srs. João Otávio Lôbo, Diretor da Faculdade de Direito do Ceará; Luís Sucupira, Secretário da Fazenda do Ceará e outros cearenses de responsabilidade.

Não há dúvida de que o número de mortos no Exército da Borracha – 23.000 para alguns, 10.000 para outros – somente poderá ser apontado numa investigação oficial.

Neste momento, os Deputados estão votando uma resolução cujo objetivo é conhecer, sem demora, o destino e as atuais condições dos Soldados da Borracha, com a incumbência de assegurar-lhes não somente o retorno ao seu antigo pouso, mas igualmente de garantir-lhes depois disso, condições de vida compatíveis com o mérito da Campanha em que se empenharam duramente.

Os Soldados voltam para casa, depois da Guerra. Que há de mais no cearense pedir para voltar ao Ceará? Já sabemos que a Amazônia precisa de gente, mas isso não é assunto que se resolva num dia, nem depressa nem assim. O transplante de massas sem poder aquisitivo de um Estado pobre para outro Estado pobre, empobrece um sem enriquecer o outro, mantendo a zona que recebe esse fluxo migratório no mesmo estado de economia semicolonial. Se querem povoar a Amazônia, favoreçam a canalização de imigrantes estrangeiros, mas, pelo amor de Deus, não despovoem o Ceará para povoar o Brasil. (O CRUZEIRO N° 39)



**A Noite nº 12.366 – Rio de Janeiro, RJ**  
**Segunda-feira, 16.09.1946**



**Assistência Imediata aos Soldados da Borracha**  
**O Plano Mandado Elaborar**  
**Pelo Presidente da República**



O Presidente da República, assinou Decreto na pasta do Trabalho, nos seguintes termos:

O Departamento Nacional de Imigração do Trabalho Indústria Comércio, e a Comissão de Controle dos Acordos de Washington do Ministério da Fazenda, elaborarão um plano para à execução de assistência imediata aos trabalhadores encaminhados, para o Vale Amazônico, durante o período de intensificação da Produção da Borracha para o esforço de guerra.

O plano deverá ser elaborado imediatamente e submetido à aprovação dos Ministros do Trabalho e Fazenda.



## **Procurando Solapar uma Campanha Patriótica**

Principia o Sr. Péricles de Carvalho:

*Aos que conhecem o problema do esforço de guerra feito pelo Brasil, repugna fato de se visar a destruição de um movimento espontâneo e patriótico de todo o povo brasileiro, com o escuso objetivo de se desmoralizar uma campanha por meio de dados e informações colhidas precipitadamente, sem a intenção de provar ou documentar as falsas incriminações. Tal foi o trabalho desse correspondente estrangeiro, que não teve o cuidado de examinar o assunto, buscando-o em suas fontes exatas.*

### **É um Problema Brasileiro**

*O problema da Amazônia é um problema brasileiro e deverá ser discutido por brasileiros. O Governo e o Parlamento estão empenhados em resolvê-lo, e dispensam, por certo, as informações tendenciosas que de modo algum contribuem para o desenvolvimento dessa grande, rica e inexplorada região, especialmente quando feitas sem o devido escrúpulo, por elementos estranhos ao assunto.*

### **A Verdadeira História**

Prosegue:

*A história da Batalha da Borracha pode, portanto, ser resumida da seguinte maneira: O SEMTA, órgão criado pela Coordenação em virtude de um acordo assinado, em 22.12.1942, com a Rubber Reserve Company [RRC], agência do Governo Americano, iniciou o recrutamento e seleção dos trabalhadores, tendo encaminhado para Belém do Pará, durante o período de março de 1943 a setembro do mesmo ano, 10.123 trabalhadores.*

### **Novo Órgão de Recrutamento**

*Por um novo acordo, aprovado pelo Decreto Lei 5.813, de 14.09.1943, realizado entre a Rubber Development Corporation [que substituiu a RRC], a Comissão de Controle dos Acordos de Washington [CCAW], Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico [SAVA], criada pelo Decreto Lei 5.044, de 04.12.1912, e a Coordenação da Mobilização Econômica, passaram os serviços de controle financeiro e o de recrutamento, executados pelo SEMTA, a um novo órgão da CCAW, previsto nesse acordo, denominado Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia, [CAETA]. Esse órgão recrutou e encaminhou para Belém, de outubro de 1943 a janeiro de 1944, 2.319 trabalhadores que, somados aos 10.123 do SEMTA, constituíram o primeiro contingente da "Batalha da Borracha", no total de 12.442 trabalhadores, encaminhados para a Amazônia, entre março de 1943 e janeiro de 1944. Esses trabalhadores chegados a Belém do Pará eram entregues à SAVA, que tinha a seu cargo a colocação e distribuição dos mesmos no Vale Amazônico.*

### **Sob o Controle do Departamento Nacional de Imigração**

Diz-nos o Sr. Péricles de Carvalho:

*Por um novo acordo aprovado pelo Decreto 14.535, de 19.01.1944, celebrado entre a CAETA e o Departamento Nacional de Imigração, passou a este órgão todo o serviço de recrutamento, encaminhamento e colocação, para nova remessa de trabalhadores para a Amazônia, já agora acompanhados de suas famílias. Por esse acordo, foram encaminhados, de fevereiro de 1944 a abril de 1945, 12.127 trabalhadores e 6.249 dependentes [esposas, filhos e agregados], perfazendo um total de 18.376 pessoas, que constituem o segundo e último contingente dos denominados "Soldados da Borracha". Esses trabalhadores e famílias assim denominados, perfazem a soma total de 30.818 [trinta mil oitocentos e dezoito], que constitui realmente o contingente encaminhado para a Amazônia, em virtude dos acordos realizados pelos órgãos dos governos brasileiro*

e norte-americano, durante o período compreendido entre março de 1913 e abril de 1915.

## **Muitos Trabalhadores não Foram Para os Seringais**

Esclarece o Sr. Péricles de carvalho:

*Nem todos esses trabalhadores foram para os seringais amazônicos. O número de "Soldados da Borracha", já citado, expressa o total dos que foram recebidos em Belém pela SAVA. Os serviços de colocação nos Estados do Pará, Amazonas e Territórios do Acre e Guaporé, foram feitos pela SAVA, cujo superintendente, Engenheiro Henrique Dória de Vasconcelos, ex-diretor do Departamento Nacional de Imigração, meu antecessor, se encarregou da localização desses trabalhadores em diversos serviços nas capitais e no interior. O Sr. Dória confiou as colocações nesses Estados aos representantes dos respectivos Governos que chefiavam os serviços na SAVA. Em Belém, esteve a cargo do Sr. José Vieira Cordeiro, representante do Governo do Estado, designado pelo ex-interventor, Senador Magalhães Barata, toda a colocação, não só na capital como nos municípios. Milhares de "arigós" colocaram-se em Belém, quer na SNAPP nos trabalhos do Porto, quer na "Pará Elétrica", cujo chefe do tráfego, há três anos, era "Soldado da Borracha", ou ainda nas obras de saneamento do SESP, bem como da Polícia Estadual e na Força Pública.*

## **O que Revelam as Estatísticas**

*Nossas estatísticas mostram que, dos trabalhadores chegados em 1944 à hospedaria do Tapanã, em Belém, foram licenciados para trabalhar em atividades urbanas, 1.130 homens e 143 mulheres. Fugiram das dependências da hospedaria e, provavelmente, se colocaram em outras atividades urbanas, 2.462 trabalhadores. Foram reembarcados para novas colocações – 233. Foram recambiados para os lugares de origem, 960.*

*Foram desligados por desejarem rescindir o contrato, 19 e falecidos, 20 trabalhadores. Já do total de 30.818 podem deduzir-se essas cifras dos que não foram além da capital do Pará, em 1944. Para não me alongar no detalhe das cifras, darei, ainda, os dados de colocação em atividades urbanas na capital do Pará: ainda na Zona Bragantina, municípios de Bragança, Capanema, Castanhal, Igarapé-Açu, Santa Isabel e outros, durante os anos de 1943 a 1945 foram colocados milhares de trabalhadores, possuindo o DNI os dados estatísticos com precisão, os quais seriam longos para uma entrevista. No Estado do Pará foram ainda colocados centenas de trabalhadores em outras zonas, como Salgado, Marajó, Ilhas Tocantins, Xingu, Baixo Amazonas, em municípios como Vigia, Anajás, Breves, Chaves, Curralinho, Soure, Abaetetuba, Portel, Moju, Alcobaça, Altamira, que recebeu no triênio 1943-45 - 1.751 homens. Itaituba, que recebeu cerca de 1.400, e Santarém, que absorveu nesse mesmo período, para Fordlândia e Belterra, cerca de cinco mil trabalhadores e famílias.*

### **Uma Grande Parte não Passou dos Centros Urbanos**

Acrescenta o Dr. Péricles de Carvalho:

*Pode-se, pois, deduzir dos 30 mil soldados da borracha, essa grande percentagem que se localizou nos centros urbanos da capital e dois municípios paraenses, em atividades ora ligadas à extração da borracha, ora supletiva desse trabalho, substituindo os "mansos" que abandonaram espontaneamente os centros para irem em busca de ouro negro. O mesmo ocorreu em Manaus, cujo chefe da colocação era o Sr. Jorge de Andrade, falecido recentemente, o qual representava o Governo do Estado junto à SAVA, por designação do ex-interventor Álvaro Maia, hoje Senador da República. Ali também as atividades do Porto, a SNAPP, o SESP, a construção das Bases Aéreas, a Força Pública, e outras atividades privadas absorveram centenas e talvez milhares de Soldados da Borracha, que assim deixaram de seguir para a selva Amazônica.*

*No Território de Guaporé, cujo serviço de colocação esteve a cargo do Diretor da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, Sr. Araújo Lima, representante do Governo do Território junto à SAVA, foram colocados diretamente de Belém – 1.388 trabalhadores e cerca de 2.500 mais, encaminhados de Manaus. Grande parte desses Soldados da Borracha foi encaminhada para seringais daquela região, porém centenas ficaram nos trabalhos urbanos e nas obras da Estrada de Ferro e outros serviços do Território. Em Rio Branco, no Acre, o Sr. Pimentel Gomes, representante do Governo, organizou a colocação dos trabalhadores, em atividades agrícolas e extrativas. Ainda outros Territórios, como o do Amapá e do Rio Branco, absorveram cerca de 500 desses trabalhadores, em obras de construção de aeroportos e outras atividades ligadas ao Esforço de Guerra e aumento da produção. Esses dados são importantes para desfazer a impressão de que os mortos da campanha da borracha ascenderam às cifras astronômicas indicadas sem base.*

### **As Cifras Exatas**

*Ao lado do recrutamento oficial, o movimento de nordestinos para a Amazônia foi intenso, quer espontâneo, por conta própria, quer dos que buscaram o auxílio do Governo, em passagens e hospedaria. Somente o Departamento Nacional de Imigração [DNI] encaminhou nesse mesmo período os seguintes trabalhadores e famílias que espontaneamente solicitaram alojamento e transporte, sem contrato de trabalho e sem colocação garantida pelo Governo: em 1941 – 4.000 pessoas, com passagens concedidas gratuitamente por ordem do Governo ao Lloyd Brasileiro, de Fortaleza e Manaus; em 1942 – 9.218 pessoas com alojamento, assistência, roupas, hospedagem e encaminhamento para Belém e Manaus; em 1943 – 7.331 nas mesmas condições; nos anos seguintes o DNI se ocupou apenas das famílias dos trabalhadores encaminhados para a "Batalha da Borracha", compreendidos nas cifras citadas. Essas são as cifras exatas da participação do Governo no encaminhamento de trabalhadores para Amazônia.*



## **Os Fatores que Concorreram Para a Emigração dos Nordestinos**

Diz-nos o Diretor do Departamento Nacional de Imigração [DNI]:

*Desejo salientar os seguintes fatos que reputo esclarecedores desse movimento, que constitui o "leitmotiv" (254) para tanta celeuma:*

- 1º Os contingentes de trabalhadores engajados na denominada "Batalha da Borracha" chegados na Hospedaria de Tapanã, em Belém, atingiram a cifra de 30.818 trabalhadores e dependentes;*
- 2º O movimento foi absolutamente espontâneo, caracterizado apenas pela forma de assistência que o Governo prestou quanto a alojamento, vestuário, pagamento de diárias durante o período de recrutamento até a colocação, assistência médica, dentária e hospitalar, instrução e preparo técnico para a colocação, garantida por contratos cuja fiscalização cabe ao Banco de Crédito da Borracha, que se baseia no financiamento para observação das obrigações dos seringalistas;*
- 3º Três fatores concorreram para a migração dos "Soldados da Borracha" para a Amazônia, a saber:*
  - a. A seca do Nordeste, assolado durante três anos por esse fenômeno climático, com um número de pessoas atingidas em cifras bastante elevadas, pois, em 1942, a hospedaria do DNI, em Fortaleza, com capacidade para 1.200 pessoas, abrigava em seu interior cerca de 3.000 e, por fora de suas cercas, nos cajueiros, dormindo em rede, ao ar livre, havia cerca de 2.000 pessoas para as quais não existia abrigo na Capital do Estado;*

---

<sup>254</sup> Leitmotiv: real motivo. (Hiram Reis)

- b.** O "Esforço de Guerra", a colaboração e o compromisso do Governo Brasileiro no aumento da produção da matéria prima indispensável à causa aliada cujo resultado econômico deverá ser apurado nos relatórios dos órgãos próprios, inclusive os do BCB (<sup>255</sup>) que foram verificados, quer pelo Parlamento Brasileiro, quer na Conferência da Borracha, realizada, em 1945, pelo Ministério da Fazenda, quer nos relatórios das Associações Comerciais dos Estados da Região Amazônica;
- c.** A colonização do Vale Amazônico, que constitui o problema de conquista daquela região pelos brasileiros, especialmente pelo nordestino, que é, sem dúvida, o pioneiro da conquista de muitos rincões de nossa área geoeconômica.
- 4°** O retorno dos trabalhadores desajustados está se processando normalmente, com a assistência do DNI e da Comissão Especial de Assistência aos Trabalhadores da Borracha, sob a presidência do Dr. Vieira de Alencar, embora disponham esses órgãos de poucos recursos para esse fim;
- 5°** Esse retorno, abrangendo não só os "Soldados da Borracha", como demais trabalhadores e famílias que, espontaneamente, se dirigiram para o Vale Amazônico, oferece os seguintes índices:
- Em 1945 - retornaram 1.422 Trabalhadores;
  - Em 1946 - retornaram 2.269 trabalhadores;
  - Em 1947 [1° trimestre] - retornaram 601 trabalhadores.

*Sendo esse número o dos que procuram o amparo oficial junto às hospedarias do DNI, nele não se incluem os que voltaram por conta própria e que, por certo, não necessitavam dos favores do Governo;*

---

<sup>255</sup> BCB: Banco Central do Brasil. (Hiram Reis)

- 6°** *A colocação nos Estados e nos Territórios foi feita pelos órgãos federais, CCAW, SAVA e DNI, em estreita e direta colaboração com os Governos Estaduais e Territoriais, e com órgãos ligados à região amazônica como o Banco de Crédito da Borracha;*
- 7°** *O Parlamento Nacional já estudou devidamente o assunto, com rigoroso inquérito, e está cuidando de atender ao problema geral da revalorização da Amazônia;*
- 8°** *O Departamento Nacional de Imigração possui detalhado arquivo sobre os trabalhadores encaminhados e realiza um inquérito sobre os que retornam, possuindo inúmeros depoimentos, quer dos que se desajustaram e adoeceram, quer dos que tiveram bom êxito. Desse inquérito constam numerosos depoimentos de elementos que retornarem ao Nordeste para tratamento de saúde com o objetivo fixo de retornar à Amazônia levando suas famílias. Para não sermos extensos, citaremos entre esses últimos os trabalhadores:*
- *Genésio Moura, que deixou, em 1943, o seringal Adélia no Juruá, regressando à sua custa para buscar a família e voltar ao seringal, dadas as condições mais favoráveis, conforme declarações prestadas em Fortaleza;*
  - *Garibaldi Lopes Sesion, que voltou doente e declarou, no inquérito desejar retornar à Amazônia logo que se restabeleça;*
  - *Pedro José Noronha, que trabalhou no Seringal "Igualdade" e que declarou, em Belém, ser o motivo de seu regresso buscar sua família e mais as de 15 "Soldados da Borracha", do Rio Grande do Norte, para se dedicarem todos à extração de borracha.*

*Dezenas e centenas de outros depoimentos, prestados espontaneamente nas hospedarias de Belém, Fortaleza e Manaus, poderiam ser citados e*

*transcritos para demonstrar que a Amazônia ainda é para muitos desses trabalhadores um ponto de atração.*

### **O Governo Está Empenhado em Amparar e Assistir os "Soldados da Borracha"**

Finalmente, disse-nos o Dr. Péricles de Carvalho:

*Há necessidade de que se desfaçam os exageros em torno desse problema, especialmente nesta hora em que o Governo procura os meios de atender à revalorização da região Amazônica, e em que seu povoamento se impõe como um imperativo econômico e de defesa dessa imensa área do Território Nacional.*

*O Sr. Presidente da República está vivamente empenhado na assistência e no amparo dessa população, objetivando sua recuperação e, para esse fim, não tem medido esforços, buscando atender às proposições que lhe são apresentadas pelo Ministro do Trabalho e relativas à assistência dessa massa de trabalhadores nacionais. Se alguns erros houve inicialmente, na fase de improvisação dos serviços, devidos à inexperiência dos que planejavam e adotavam providências iniciais, não afeitos aos problemas complexos de migração, essas falhas foram corrigidas quando o movimento ficou a cargo dos órgãos tradicionalmente ligados ao problema imigratório e os responsáveis pelas faltas iniciais assumiram publicamente essa responsabilidade, penitenciando-se com o interesse do País em causa de guerra.*

### **Até Ex-Trabalhadores Querem Retornar à Amazônia**

O Governo está vigilante quanto a esse problema que, no momento, não oferece o aspecto dramático falsamente alegado. As obras e iniciativas que presentemente realizam nos Governos dos Estados do Pará e Amazonas, acrescenta, absorveriam mão de obra porventura excedente, e que reclamam novos braços. Se, no momento, o Departamento Nacional de Imigração concedesse passagens para a Amazônia, o movimento





Antônio Cândido encolheu-se mais no canto em que tremia de frio do impaludismo e me fuzilou com a estranha e inesperada energia de um olhar cheio de ódio:

*Olhe, quando eu morrer, se minha alma tiver vergonha, não passará nem por cima do Amazonas.*

Por que os cearenses começam a pensar desse modo, eles que sempre foram os tradicionais voluntários do desbravamento do "Inferno Verde"?

**OS GENERAIS ERAM MUITOS e Todos Adoravam Posar ao Lado dos Heroicos, Soldados da Borracha.**

**TITÃ BRONZEADO AO SOL. Vacinou-se Contra Tudo, mas Voltou com Todas as Moléstias...**

Na manhã branca de Sol desfilava o Exército da Borracha. Era a fina flor do Nordeste, milhares e milhares desses "caboclos belicosos e ágeis, vindos dos tabuleiros mansos de Quixadá ou dos canaviais do Cariri", homens escolhidos a dedo pelos médicos do SESP [Serviço Especial de Saúde Pública], os eleitos da saúde e da força, magníficos espécimes de uma raça de titãs retemperados pelo Sol das caatingas, na luta secular contra o mais terrível dos inimigos: a própria Natureza.

Fazia gosto vê-los assim, como escolares partindo para um piquenique, numa alegria doida, dando vivas ao Ceará e ao Brasil, dando morras a Hitler e Mussolini, acenando com o "V" da Vitória para o povo que os aclamava com o mesmo ardor, com que aplaudiu os pracinhas, da FEB que seguiram para Itália.

E, diferença havia? Não iam todos lutar por um mundo melhor?





**MAIS BORRACHA! Ninguém Resistia aos  
Cartazes da "SEMTA" Com as Promessas Mais  
Sedutoras. O V DA VITÓRIA! Partiam Para Lutar  
Pela Liberdade dos Povos e, Entretanto, Caíam  
na Escravidão.**

Toda aquela gente estava partindo para uma Grande Batalha e a sorte das democracias dependia, também, de certo modo, das 60.000 toneladas de borracha que, Brasil prometera aos Estados Unidos. Sim, os Aliados esperavam por nós. E os Sertanejos não hesitaram um momento, dispondo-se à jornada para a "jungle" misteriosa e cheia de perigos, eterna fascinação do homem apossado pelas secas.

**FAMÍLIA DE UM SOLDADO DA BORRACHA que  
Partia Para o Amazonas em Companhia do seu  
Chefe. Ninguém Sabe que fim Levou Esta Gente.**

E ei-los partindo, os heróis! Troavam as bandas de música. Subiam os foguetes. Mais foguetes do que nas novenas do Mártir-Santo São Sebastião. Viva o Brasil! Viva o glorioso Exército da Borracha! Viva o Coronel Franco Rabelo! Hino Nacional.

\* \* \*

Fortaleza, ponto de concentração e de partida dos trabalhadores dos seringais assistia a muitos espetáculos deste tipo. Cada leva que partia era um barulho de todos os diabos. No começo havia esse entusiasmo todo, ninguém ficava em casa, todos queriam ver e gritar até ficar roucos. A grande máquina de propaganda armava uma barragem publicitaria no mais puro estilo exibicionista, capaz de fazer corar de inveja o próprio Dr. Goebbels (<sup>256</sup>).

---

<sup>256</sup> Paul Joseph Goebbels (\* Rheydt, 29.10.1897 / † Berlim, 01.05.1945): Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista no período de 1933 a 1945. (Hiram Reis)



Os caminhões vinham passar pelo centro da cidade – antes de tomar as tortuosas estradas para a longa viagem rumo ao “*Paraíso Verde*” – afim de que a população testemunhasse como era limpinha a roupa dos futuros seringueiros e como eles estavam radiantes em partir para a Terra Prometida, de onde voltariam ricos, depois de ajudar o Brasil a esmagar o Eixo com o látex de suas tigelas. Nas estradas, mágicos cartazes convidavam o sertanejo a dar o seu esforço.

**TODOS PARTIRAM CALÇADOS e o “SEMTA” os Fotografava Para Mostrar que ele não se Descuidava de Nenhum Detalhe na Proteção do Trabalhador.**

E os matutos ingênuos, crédulos, bons superlotavam os campos de pouso, vindos de longe, do sertão e da serra, com essa sede atávica pela Amazônia. Todos vinham contentes e só lamentavam que não houvesse alemão lá pelos seringais, para fazerem um serviço completo.

\* \* \*

**O POVO SE AGLOMERAVA NAS RUAS e Aplaudia os Sodados da Borracha que Partiam Para a Amazônia, com o Máximo Entusiasmo com que Ovacionaram os “*Pracinhas*” Cearenses que Seguiam Para a Itália. Somente que Estes iam de Caminhões Novos em Folha, com Destino ao Interior, Numa Viagem da Qual Poucos Voltaram.**

No começo era assim, essa festa continua no alvoroço das sucessivas partidas. Depois, foi virando rotina, o entusiasmo foi arrefecendo devagarinho e os viajantes que passavam pelo Extremo Norte nos diziam que a coisa não estava saindo como se pensava.

REGRESSO



"QUANDO EU MORRER, se minha filha tiver seu gôsto, não passará por cima de Amestor".



A MULHER REGRESSOU chorada, com a marido que ficou entretido com outros. Dizia "Maldito" não sua única consorte mas seu amigo de amor e sua vida. Depois de tanto sofrer.



O CRUZEIRO

com que a vida não estava sendo como se poderia ser aqui. A grêmio leva de trabalhadores que por um parte a Associação chegou que tinham a não poder trabalhar de outro porque não havia ainda quem recebesse os homens e os trabalhadores não havia onde abrigar tanta gente ao mesmo tempo. Uma funcionária do SERTÁ tomava um jeito de procurar, em Fortaleza, como a situação poderia ser melhor e "vontade da família". Com o tempo, mais gente foi chegando e a hospitalar convalescente em férias, a de Tapará, ficou abarrotada, enquanto a fiscalização dos homens pelas autoridades aumentava constantemente. Muitos esperavam condições para o retorno da vida, mas não recebiam a expectativa com a instalação dos quartéis-generais instalados em Itaipó e Manaus. De Fortaleza continuava a sair gente para o norte. Escribano de correspondência até ao po-  
(Continua na pág. 7)



REGRESSO... Faltante de Cruz ali chamado e há fome no norte. Tapará, república, falta gôsto e falta vontade em Não sendo de trabalhar... Comida sem fartura... Temu não é o Cruz!

9 de Agosto de 1947

**“QUANDO EU MORRER, se Minha Alma Tiver  
Vergonha, não Passará por Cima do  
Amazonas”.**

**A MULHER REGRESSOU Sozinha, sem o Marido  
que Ficou Enterrado num Seringal.  
Dois “Bichinhos” são sua Única Consolação  
Nessa Hora Amarga de Rever o seu Ceará,  
Depois de Tanto Sofrer.**

A primeira leva de trabalhadores que partiu para o Amazonas chegou a Belém e não pode desembarcar do navio porque não havia ainda quem recebesse os homens e os encaminhasse, não havia onde abrigar tanta gente ao mesmo tempo. Dois funcionários do “SEMTA” tomaram um avião às pressas, em Fortaleza, rumo à capital paraense, para evitar o “*estouro da boiada*”. Com o tempo, mais gente foi chegando e a hospedaria construída em Belém, a de Tapanã, ficou abarrotada, enquanto a distribuição dos homens pelos seringais caminhava morosamente. Milhares esperavam condução para o interior da selva, mal acomodados e impacientes com a lentidão dos Quartéis Gerais instalados em Belém e Manaus. De Fortaleza continuava o corre-corre para o Norte.

Enchiam-se os cargueiros até os porões de uma carga humana amontoada como fardos de algodão, como sacos de mamona. Notícias clandestinas vindas de Belém diziam que eram autênticos “*negreiros*” os navios que aportavam no Pará. Uma promiscuidade aterradora. Doenças, sujeiras, imundície quase insuportável.

O arrependimento começava a entrar em todas as almas, “*sutil como um gás*”. Os Soldados da Borracha, antes de chegar à linha de fogo, recebiam o terrível batismo da luta que iam travar. Só a esperança dos melhores dias prometidos os animava a prosseguir.

E com as notícias que chegavam ia desaparecendo, mesmo em Fortaleza, a vibração dos primeiros embarques. A algazarra e o foguetório cederam lugar a uma cruciante apreensão dos cearenses ainda capacitados a usar o cérebro no meio daquela fogueira de patriotismo que incendiava o grande e aberto coração do povo nordestino, afinal, que estávamos fazendo?

Compensaria mesmo o grande sacrifício daquele despovoamento sem freios? Que seria do Ceará sem os seus melhores braços? Estaria o "SEMTA" em condições de cumprir todas as promessas? E a volta dos nossos irmãos? Como e quando eles poderiam voltar para os sertões abandonados?

Ninguém podia atirar a primeira pedra. Enfim, tratava-se mesmo de um Serviço de Guerra. Mas os que conheciam a Amazônia consideravam a corrida desenfreada um autêntico suicídio em massa.

Mas quem falava contra o "SEMTA", era quinta-coluna (<sup>257</sup>). E as poucas vezes que timidamente se ergueram para duvidar dos mirabolantes planos oficiais foram abafadas pelo clamor universal! Mais borra-cha! Mais borracha!

\* \* \*

---

<sup>257</sup> Quinta-coluna: o termo ganhou força no curso da Segunda Guerra Mundial, denominando aqueles que apoiavam a invasão nazista, tal como aconteceu com parte dos alemães que habitavam nos Sudetos. A ação de uma quinta coluna não se dá no plano puramente militar. Assim como os demais partícipes de uma guerra, os elementos quintacolunistas agem por meio da sabotagem e da difusão de boatos. Em outras palavras, pode-se dizer que a força da quinta coluna reside tanto na possibilidade de "atacar de dentro", como na capacidade de desmobilizar uma eventual reação à agressão que se intenta. ([www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/q/quinta\\_coluna.htm](http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/q/quinta_coluna.htm))



## VEIO DE BELSEN?

Não – nem de Dachau, nem das Filipinas. Veio dos seringais da Amazônia, dois anos depois de ter sido selecionado pelos médicos do SESP como expoente do vigor físico dos sertanejos cearenses. Agora, bagaço humano espera a morte!

*Imagem 97 – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947*

O grande erro do plano governamental para a campanha do látex já se sabe: foi o de não ter estendido aos seringais a proteção com que o "SEMTA" e depois a "CAETA" recrutavam e encaminhavam os trabalhadores nordestinos. Sim, recrutar e encaminhar era muito pouco. Até porque os cearenses nunca deixaram de seguir para o eterno Amazonas dos seus sonhos, espontaneamente, sem nenhuma falsa promessa. Quando a seca queima os roçados, eles emigram, e a via tradicional de fuga é o caminho do Norte. Mas quando vão por sua própria vontade é porque nada mais tem a perder, e vão sozinhos, sabendo muito bem os perigos a que estarão sujeitos.

Não alimentam ilusões enganadoras. Partem para tentar um futuro melhor na beira dos grandes Rios, porque no Sertão a vida é impossível. Que fez o SEMTA? Arrebanhou milhares de famílias que viviam relativamente felizes no interior e que se deixaram levar na onda, ou por patriotismo ou por ambição, ou pelas duas coisas juntas. O SEMTA enganou toda essa gente prometendo-lhe felicidade e fartura, imunidade contra as doenças do vale Amazônico, médicos e remédios e lucro fácil e abundante na extração do látex. Uma monstruosa máquina de propaganda funcionou em toda a sua plenitude, com uma exuberância verdadeiramente Amazônica.

Dizia assim, por exemplo: – *"Milhares de homens partem do Nordeste para a Amazônia, depois de uma rigorosa seleção médica encaminhados, assistidos e protegidos dia a dia, momento a momento, por uma completa organização do serviço em que tudo foi previsto, disposto e controlado de forma a garantir o máximo de eficiência com o mínimo de esforço, além de assegurar ao indivíduo o respeito e o conforto devidos à dignidade de sua condição humana – pedra de toque da sinceridade de todo Governo democrático na sua atitude em relação ao povo"*.



Getúlio Vargas saneou a Amazônia com alguns discursos pelo rádio e os nossos homens – mais de cinquenta mil! – partiram para a nova Canaã. Mas a verdadeira tarefa do SEMTA e da CAETA era só a de conduzir Na selva os trabalhadores foram entregues aos proprietários de seringais, e aí é que começa a grande tragédia. Uma escravidão total. O seringueiro, antes de começar o seu trabalho, já estava devendo ao seringalista o facão de mato, a espingarda, a bacia de defumar, as tigelas – enfim todo o material indispensável à sua atividade, material que o SEMTA prometera entregar gratuitamente. Todos os fornecimentos eram feitos pelo dono do seringal, desde atebрина para as febres até a farinha e os cigarros. Não estamos contando isso por ouvir dizer: vimos muitas notas autênticas que nos foram mostradas pelos pobres arigós que agora estão regressando, doentes e sem vintém. Era humanamente impossível juntar qualquer dinheiro nos seringais.

Todos foram miseravelmente espoliados. Um homem doente era um homem desprezado, perdido, tinha que vir embora de qualquer maneira, quando não morria à falta de alimentação e medicamentos. Famílias inteiras em grande número estão agora sepultadas nas margens dos Igarapés, ou foram devoradas pelos bichos. Morreu arigó como formiga. E os arigós pensavam que era só a seca que matava gente.

Histórias de noites horríveis os arigós contam à vontade. Não adianta repeti-las, mesmo porque o leitor vai pensar que é lenda, invenção de repórter exagerado. Mas são casos arrepiantes de seringalistas que mandavam surrar os que tentavam fugir [e fugir, daquele inferno, era o supremo desespero], que abandonavam os doentes na solidão da floresta [cinco horas de viagem para o seringal mais próximo] que deixavam morrer à míngua dezenas de trabalhadores escravizados pelas dívidas.

O grande SEMTA não aparecia mais naquela nova fase da Batalha. Ele só fazia entregar aos donos da terra os ingênuos nordestinos, condenados a um destino pior que o dos prisioneiros de Alcatraz ou Sing-Sing. No entanto, vá gente conversar com um proprietário de seringal. Joga toda a culpa para cima do SEMTA:

*Nós precisávamos de vinte homens, por exemplo, e o SEMTA nos enviava cem. O que íamos fazer com essa gente toda? Tivemos que lutar sozinhos nos complicadíssimos problemas de assistência aos Soldados da Borracha. O SEMTA não queria saber de nada: ia só entregando levas e mais levas de homens, muitos dos quais aventureiros e malandros que se juntavam aos sertanejos bem intencionados.*

Aqui está o depoimento um de um seringalista cearense, o Sr. Areal Souto, com quem estivemos conversando a respeito do assunto:

*O governo não preparou o terreno para a execução do plano, plano errado, aliás, já de nascença. Não ouviu os homens da região, conhecedores dos seus problemas, os mais complexos. Entregou tudo a técnicos de gabinete, que não conheciam a Amazônia a não ser através de mapas e da história de suas lendas, técnicos alheios completamente ao meio, sem o menor conhecimento prático do terreno onde deveria ser travada a Batalha da produção de borracha. Técnicos que não tinham conhecimento das ondulações profundas que formam as ladeiras dos seringais do Acre, Iaco, Tejo, Xapuri e Moua, nem a lama dos seringais do Juruá, Purus, Javari, nem as sezões do Itui, Ituchi ou Badajós, nem as regiões beribéricas do Tapauá e Piorini, nem as cachoeiras do Arpoanã, Madeira e Jamari, nem as pragas de carapanã, do pium, da mutuca, do berne, que atormentam, injetam e matam os moradores ribeirinhos dos Rios da Amazônia.*

E por aí continuou o Sr. Areal Souto, fazendo a sua carga contra o SEMTA.

\* \* \*

Agora é a longa viagem de volta. Há muito tempo que os heróis do “*front*” da borracha estão regressando aos pouquinhos à sua terra, sabe Deus em que condições. Vêm nos porões dos navios, vêm na rabada dos trens, vem até à pé, mas vem de qualquer maneira, porque no Ceará está chovendo.

Eles ouviram contar as histórias deste lindo inverno de 1947, açudes sangrando, Rios transbordando, cidades alagadas, o Sertão verde de doer na vista da gente. Impossível resistir à saudade da terra querida. Por que ficar em Belém e Manaus pedindo esmolas nas ruas? Ei-los que regressam, os heróis!

Só agora é que estamos vendo realmente o que aconteceu ao nosso Exército. O inverno está aí, o solo ubérrimo reclama braços que nos foram roubados, mas braços que hoje regressam são míseros destroços. Bagaço humano. E dizer-se que não se vê por aqui, neste amargo epílogo da grande e gloriosa Batalha, um só dos generais que conduziram o impetuoso contingente de homens selecionados para o “*front*” da Amazônia.

Os generais eram tantos em 43 e 44! Eram grandes cartazes do Estado Novo fervilhando pelas hospedarias e pelos pousos, sorrindo para fotógrafos, abraçando os pobres matutos, fazendo discursos, dando empregos e entrevistas a torto e a direito, coisa e tal.

Levaram nossos irmãos para a floresta selvagem e os abandonaram por lá, nas garras dos proprietários de seringais, mais desumanos que os antigos senhores de escravos, nas garras da selva assassina. Onde estão agora os generais da Batalha da Borracha que não vem ver o seu magnífico Exército regressando das linhas de frente, dois anos depois de terminada a Guerra.

A FEB foi recebida em apoteose, comandantes à frente, com medalhas no peito, os pracinhas beijados em público pelas moças mais bonitas do Rio. Venham agora ver o Exército da Borracha no seu regresso triunfal! Nossos irmãos não trazem condecorações, é bem verdade, mas em compensação estão cheios de impaludismo, de disenteria e de barriga d'água. Lutaram e morreram pela vitória dos aliados, morreram em número muito maior do que os Pracinhas na Campanha da Itália. Enfrentaram onças, já-carés, mutucas, serpentes, piuns, mosquitos, febres de todas as espécies, enfrentaram os seringalistas mais cruéis que os nazistas de Dachau.

Por que então voltam sozinhos, semi-mortos, amontoados nos porões e nas terceiras classes dos navios? Por que os generais que os animaram e os conduziram não aparecem para ver o novo espetáculo, miseráveis frangalhos dos seus bravos, os espectros apavorantes dos homens sadios e vigorosos que partiram para o Vale?

Vinde agora, Srs. generais! Vinde ver, vinde ouvir as histórias de Campanha dos vossos Soldados. Vinde ver essas carcaças que deram tudo na vida, a saúde em primeiro lugar. Eu vos garanto: não são de Belsen os homens que recebemos para repovoar os nossos sertões, em troca daqueles que vos demos: são os homens do Amazonas, os homens dos seringais.

Bem sabemos que aí na Avenida jamais podereis fazer uma ideia do que resta da vossa intrépida Soldadesca. Ide a Belém, a Manaus, vinde a Fortaleza e trazei, por bondade, os correspondentes estrangeiros para que eles acabem de contar a história.

Nenhuma faca de Juazeiro se erguerá contra vossas respeitabilíssimas pessoas: nós outros estamos acostumados a perdoar, apesar de tudo. (O CRUZEIRO N° 42)

**NORDESTINO:**  
 QUERES IR TRABALHAR NA  
**AMAZÔNIA ?**

ALISTA-TE NO  
**S.E.M.T.A.**

QUE TE DARA':

- A passagem
- Um equipamento de viagem
- Alimentação
- Um bom contrato
- Amparo à tua família
- Assistência médica e religiosa

Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia

*Left side of the poster:*  
 Vai também  
 PARA A AMAZÔNIA  
 PROTEGIDO  
 PELO SEMTA

**EXTRAIR  
 BORRACHA  
 PARA A  
 VITÓRIA**

*Right side of the poster:*  
 Illustration of a man tapping a rubber tree.

*Bottom of the poster:*  
 é colaborar  
 no esforço de Guerra!

Imagem 98 – Propaganda Enganosa (SEMTA)

## ***Acalanto do Seringueiro*** ***(Mario de Andrade)***



*Seringueiro Brasileiro,  
Na escuriza da floresta  
Seringueiro, dorme.  
Ponteando o amor eu forcejo  
Pra cantar uma cantiga  
Que faça você dormir.  
Que dificuldade enorme!  
Quero cantar e não posso,  
Quero sentir e não sinto  
A palavra brasileira  
Que faça você dormir...  
Seringueiro, dorme...*

*Como será a escuriza  
Desse mato virgem do Acre?  
Como serão os aromas  
A macieza ou a aspereza  
Desse chão que é também meu?  
Que miséria! Eu não escuto  
A nota do uirapuru!  
Tenho de ver por tabela,  
Sentir pelo que me contam,  
Você, seringueiro do Acre.  
Brasileiro que nem eu.  
Na escuriza da floresta  
Seringueiro, dorme.*



*Imagem 99 – O Seringueiro (Percy Lau)*

*Seringueiro, seringueiro,  
Queria enxergar você...  
Apalpar você dormindo,  
Mansamente, não se assuste,  
Afastando esse cabelo  
Que escorreu na sua testa.  
Algumas coisas eu sei...  
Troncudo você não é.  
Baixinho, desmerecido,  
Pálido, Nossa Senhora!  
Parece que nem tem sangue.  
Porém cabra resistente  
Está ali. Sei que não é  
Bonito nem elegante...  
Macambúcio, pouco fala,  
Não boxa, não veste roupa  
De palm-beach... Enfim não faz  
Um desperdício de coisas  
Que dão conforto e alegria.*



*Imagem 100 – O Seringueiro (Percy Lau)*

*Mas porém é brasileiro,  
Brasileiro que nem eu...  
Fomos nós dois que botamos  
Pra fora Pedro II...  
Somos nós dois que devemos  
Até os olhos da cara  
Pra esses banqueiros de Londres...  
Trabalhar nós trabalhamos  
Porém pra comprar as pérolas  
Do pescocinho da moça  
Do deputado Fulano.  
Companheiro, dorme!  
Porém nunca nos olhamos  
Nem ouvimos e nem nunca  
Nos ouviremos jamais...  
Não sabemos nada um do outro,  
Não nos veremos jamais!  
Seringueiro, eu não sei nada!*



*E no entanto estou rodeado  
Dum despotismo de livros,  
Estes mumbavas que vivem.  
Chupitando vagarentos  
O meu dinheiro o meu sangue  
E não dão gosto de amor...*

*Me sinto bem solitário  
No mutirão de sabença  
Da minha casa, amolado  
Por tantos livros geniais,  
"sagrados", como se diz...  
E não sinto os meus patrícios!  
E não sinto os meus gaúchos!  
Seringueiro dorme...  
E não sinto os seringueiros  
Que amo de amor infeliz...  
Nem você pode pensar  
Que algum outro brasileiro  
Que seja poeta no Sul  
Ande se preocupando  
Com o seringueiro dormindo.*

*Desejando pro que dorme  
O bem da felicidade...  
Essas coisas pra você  
Devem ser indiferentes.*

*Duma indiferença enorme...  
Porém eu sou amigo  
E quero ver si consigo  
Não passar na sua vida  
Numa indiferença enorme.*

*Meu desejo e pensamento – ... numa indiferença enorme...  
Ronda sob as seringueiras – ... numa indiferença enorme...  
Num amor-de-amigo enorme...  
Seringueiro, dorme! [...]*

## **Os Sertões I** *(Euclides da Cunha)*

### **III**



*O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.*

*A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.*

*É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente.*

*A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas.*

*E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeiramente conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.*

*É o homem permanentemente fatigado.*

*Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.*

*Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.*

*Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso.*

*Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas.*

*O homem transfigura-se.*

*Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firmasse-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.*

*Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.*



*Imagem 101 – Vaquejada (Percy Lau)*

*É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos.*

*Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o campeão que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência.*

*Mas se uma rês alevantada envereda, esquiva, adiante, pela caatinga garranchenta, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.*

*Vimo-lo neste "steeple-chase" bárbaro.*

*Não há contê-lo, então, no ímpeto.*

*Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras,  
coivaras, moitas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada  
lhe impede encaçar o garrote desgarrado, porque por onde  
passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo...*

*Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à  
pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um  
centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras;  
mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras;  
vingando cômoros alçados; rompendo, célere, pelos  
espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no  
largo dos tabuleiros...*

*A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em  
toda a plenitude.*

*Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao  
cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas  
improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas,  
arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas  
encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no  
arção, – escanchado no rastro do novilho esquivo: aqui  
curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase  
pela sela; além desmontando, de repente, como um  
acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao  
embate de um tronco percebido no último momento e  
galgando, logo depois, num pulo, o selim; – e galopando  
sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra  
sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos  
cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encaestado em  
couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios  
obstáculos à travessia...*

*Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês  
dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado,  
outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da  
andadura lenta, com a aparência triste de um inválido  
esmorecido.*

# ***Retrospectiva Quinzenal***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

## **Retrospectiva**

Hoje completei duas semanas de descida do Rio Solimões. Sonhos realizados, muitas observações, inocência perdida, mitos desfeitos, ratificação de conceitos, retificação de rumos. Um crescimento como ser humano. A ternura e a alma hospitaleira do homem do Norte me enchem de humanidade. O amor para com o semelhante me invade, penetrando cada poro, cada capilar. O carinho com que nos recebem mostra o quanto somos egoístas no nosso dia a dia. São mestres da harmonia e nos ensinam, capítulo a capítulo, a cordialidade e o desprendimento.

## **Festa do Divino Espírito Santo dos Inocentes**

Em diversas comunidades observamos curiosos mastros enfeitados (Imagem 102) e procuramos entender seu significado. Os homenageados podem ser o Divino Espírito Santo, Santa Luzia ou outros Santos padroeiros. A Festa do Divino é uma das manifestações amazônicas que mesclam folclore e religiosidade. No primeiro dia da festa, levanta-se o mastro e, no último dia, ele é derrubado. O mastro, antes de ser erguido, é enfeitado de frutas típicas da região. No topo é fixada uma bandeira rodeada de biscoitos de carimã <sup>(258)</sup>.

---

<sup>258</sup> Carimã: as raízes da mandioca são descascadas, deixadas de molho em água limpa e expostas ao Sol por quatro dias. A mandioca vai amolecendo sob efeito da fermentação. Concluído o processo, a mandioca é ralada, prensada e secada ao Sol por mais quatro dias. Usa-se a carimã em substituição à farinha de trigo. (Hiram Reis)

A figura de um pombo estampada nas bandeiras do mastro e dos foliões significam o Espírito Santo, e as frutas, comidas e biscoitos simbolizam a colheita da lavoura.

Depois de derrubado o mastro, os comunitários formam um cortejo dançando e bebendo o tarubá <sup>(259)</sup> até darem por encerrada a tradicional Festa do Divino Espírito Santo dos Inocentes.

## **Lendas e Mitos**

As muitas lendas, cujas narrativas pacientemente ouvi e constatei serem plágios de outras plagas, outras gentes, outras eras, são contagiantes em suas minúcias. A maioria possui um elo comum, o evangelizador, que as trouxe em sua bagagem e as disseminou.

Lendas que foram adaptadas à realidade amazônica, mas que pouco ou nada têm a ver com os povos da floresta. Outras foram alteradas, buscando prepará-los para aceitar a “*verdadeira fé*”.

Temos o Jurupari, o “*Moisés Tapuio*” que começou a “*editar*” leis de interesse exclusivo do clero; lendas exóticas como a de um cavalo-marinho em plena Hileia ou, ainda, um saci incorporado por Indígenas que jamais haviam contatado um afro-americano.

---

<sup>259</sup> Tarubá: de procedência Indígena, a bebida é feita de mandioca descascada e ralada, formando beijus, que vão ao forno de torrar farinha, para cozimento. Após o cozimento, são enrolados em folhas de sororoca molhadas e ficam depositados em lugar apropriado onde levam de três a quatro dias para fermentar. Os beijus, depois, são colocados em água limpa, para incharem que, então, é coada. Está pronta a bebida que é servida nas festas. A fermentação do tarubá com o decorrer dos dias torna a bebida cada vez mais forte. (Hiram Reis)

Nos dias de hoje, o Mapinguari (<sup>260</sup>) foi substituído por alienígenas pilotando OVNI's.

## **Tradição**

Os Cocama e Caixama perderam a sua língua no túnel do tempo, são raros aqueles que conseguem se comunicar com fluência na sua língua mãe. O artesanato e o folclore vêm, pouco a pouco, sendo substituídos por modismos ditados pela mídia televisiva presente ostensivamente em todos os lares.

As festas tradicionais só são lembradas, em algumas Comunidades, através de relatos dos anciãos, e até os sucos naturais foram substituídos pelos refrigerantes industrializados. Algumas lideranças reclamam não receber, da FUNAI, artefatos para fabricar seus "*originais*" artesanatos.

## **Miscigenação**

A pureza das raças defendida pela alienada FUNAI e ONGs alienígenas vem sofrendo uma salutar, progressiva e inexorável miscigenação. As duas principais lideranças Ticunas de Feijoal e Belém do Solimões têm o sangue de um branco Paraense a fluir em suas veias. Há uma integração muito positiva com os chamados, por eles mesmos, "*civilizados*" e também com os peruanos. A distinção em relação aos peruanos talvez se justifique porque a maioria dos que encontramos nas aldeias são de origem Ticuna também.

---

<sup>260</sup> Mapinguari: criatura descrita como um macaco de tamanho descomunal, 5 a 6 metros, peludo como porco espinho. Tem um só olho, enorme, no meio da testa, e uma bocarra vertical que desce até o umbigo, cada pé mede três metros e seu alimento favorito é a cabeça das vítimas. (Hiram Reis)



## Nômades

O nomadismo foi substituído pelo sedentarismo, com o apoio incondicional da FUNAI e ONGs que tratam diretamente da Questão Indígena. As políticas públicas de melhoria das Comunidades, como pavimentação, luz elétrica, tratamento d'água e outras obras de infraestrutura, eliminam a possibilidade de um retorno ao nomadismo não justificando, absolutamente, a demarcação de grandes reservas.





*Imagem 102 – Mastro – Santo Antônio do Içá*



*Imagem 103 – Com. Ticuna do Lago Grande – S. Antônio do Içá*



*Imagem 104 – Com. Ticuna de Betânia – S. Antônio do Içá*



*Imagem 105 – Rio Içá – Comunidade Ticuna de Betânia*





*Imagem 106 – Ponte do Igarapé Manaca – Tonantins*



*Imagem 107 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins*



*Imagem 108 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins*



*Imagem 109 – Com. Cocama de Prosperidade – Tonantins*





*Imagem 110 – Comunidade Porto Alegre – Jutai*



*Imagem 111 – Comunidade Porto Alegre – Jutai*



*Imagem 112- Jutai*



*Imagem 113 - Jutai*



*Imagem 114 – Romeu Chala*



*Imagem 115 – Flutuante Oderley*



**Três Garças... Três Graças...**  
**(Barreto Sobrinho)**

*Dentro da floresta amazônica, disforme,  
Há um grande Lago, um Lago enorme,  
Que vive a espelhar na face sua  
De dia o Sol, de noite a Lua...*

*Em torno do Lago  
O vasto capinzal verdeja.  
E sob o afago  
De mil aves  
De cantos estridentes ou suaves, alveja.*

*Uma trilogia de garças brancas  
Que naquelas paragens francas  
Ficaram perdidas  
Qual três visões esquecidas...*

*Aquele grupo lindo  
De três garças,  
Faz-me pensar que fugiram do Pindo  
As três graças...*

*E ali naquela imensidade  
De água e floresta  
Elas estão simbolizando a saudade  
Na expressão de sua alvura modesta...*

*E o Lago também ali perdido, ignorado,  
Dá-me a ideia de um mundo encantado  
Transformado no líquido polido...  
Esta minha impressão [eu bem recorde]  
Tive-a ao passar por ali, a bordo.*

*O Rio se estirava interminável!  
A floresta aumentava formidável!  
Foi quando eu vi as três garças solitárias  
Naquelas paragens milenárias  
De sugestões e de belezas raras,  
De lendas, de bruxedos e de Iaras! [...]*

## ***Tonantins – Jutaí***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Véspera da Largada (13.12.2008)**

Desloquei-me para a Escola Estadual Irmã Terezinha por diversas vezes para fazer o upload dos arquivos de imagem, interrompendo o jantar e o agradável bate-papo com os donos do bar e restaurante “*Dona Ray*”, senhor Raimundo, sua querida esposa Raimunda e o dileto amigo senhor Álvaro da Silva Cabral e esposa. O Raimundo, um mestre contador de histórias, esmerou-se em desfiar um longo repertório de piadas com matizes regionais.

Com o amigo Cabral, discorreremos sobre a Questão Indígena, abordando, dentre outros temas a polêmica questão da demarcação contínua da Raposa e Serra do Sol em que nossos abjetos magistrados do Supremo Tribuna Federal deram, mais uma vez, sobejas demonstrações de que estão submissos às pressões de organizações estrangeiras e totalmente alheios aos interesses nacionais.

O voto desses “*meritíssimos*” demonstra sua total ignorância sobre a história da demarcação e da manipulação criminoso dos dados e da realidade pelos técnicos encarregados que contavam com o beneplácito da FUNAI, a cabresto dos interesses alienígenas.

Graças ao professor Cristóvão, consegui enviar todo o material relativo ao projeto até nossa parada em Santo Antônio do Içá. Na primeira oportunidade, talvez em Jutaí, envie os arquivos de Tonantins em diante.

## **Café da manhã frustrado**

Às 05h20 do dia 14.12.2008, quando abrimos as portas do Hotel Garcia, os Policiais Militares já estavam a postos para carregar o material até os caiaques. Deixamos os caiaques em condições e fomos até o restaurante da Ray, que nos prometera um café antes da partida. Aguardamos por 20 min e, como não verificássemos nenhuma movimentação, decidimos partir sem o café prometido. Meu relógio de pulso parou de funcionar e vou ter de utilizar a hora do GPS doravante.

## **Alterações na programação**

As inúmeras incorreções na localização de Comunidades e nome das mesmas me fizeram alterar o deslocamento até Jutaí. A previsão inicial era de três etapas e agora planejei para apenas duas aumentando em um dia a permanência em Jutaí. O Prefeito Fábio Cabral já nos havia alertado a respeito quando o encontramos no gabinete do TC PM Rômulo, em Manaus.

## **Partida para Prosperidade (14.12.2008)**

Largamos às 06h20 com uma chuvinha fina caindo e uma agradável temperatura de 22° C. Fizemos a primeira parada às oito horas e a segunda às dez horas já no extremo Sul da Ilha, em frente à Comunidade Indígena Prosperidade, da etnia Cocama.

## **Povo Cocama**

A língua Cocama, falada hoje apenas por menos de uma centena de anciãos, faz parte da família Tupi-Guarani e é bastante semelhante à dos Cambebas (Omáguas) seus parentes. Alguns professores, nativos, estão tentando, com muita dificuldade, resgatá-la.

Os Cocama representam menos de mil indivíduos que se distribuem por comunidades localizadas no alto e médio Rio Solimões nos Municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí, Fonte Boa e Tefé. Quando perguntei a alguns nativos qual era o número de membros da Comunidade Prosperidade me pareceu que este número era encarado como segredo de estado e só o Cacique tinha condições de informar.

Um levantamento preliminar que realizei apontava para algo em torno de 140 habitantes.

Os Cocama, no século XVI, se organizavam em grandes aldeamentos, possuíam artesanato refinado, construíam imponentes malocas, fabricavam canoas e instrumentos musicais, mantinham currais de tartarugas, torravam farinha, que produziam em grande quantidade e por isso mesmo eram conhecidos como a *"civilização da mandioca"*.

### **Lenda da Origem do Povo Cocama**

A Deusa Iara havia criado um único homem Cocama. O Cocama, perambulando pela selva, observou que era diferente dos outros animais e desejou ter um companheiro igual a ele. Um dia ele encontrou uma árvore, de rijo tronco, e começou a ralá-lo. A deusa Iara, curiosa, observava-o e ele pediu a ela que transformasse o pó da madeira em mais um Cocama.

Imediatamente do pó da madeira surgiram vários insetos. O Cocama continuou ralando o tronco e o pó se transformou em sete mulheres. Espantado, ele notou que, embora semelhantes, elas tinham uma anatomia um pouco diferente da sua.

Não satisfeito, ele ralou mais chegando ao cerne de onde saíram seis homens. Cada um dos homens escolheu uma mulher, e o Cocama mais antigo fez o casamento coletivo. Esta lenda explica por que o homem é mais forte, fisicamente, que a mulher, pois o homem saiu do cerne (<sup>261</sup>) da árvore.

## **Comunidade Cocama de Prosperidade**

Apresentei-me, como é de praxe, imediatamente ao Cacique Salim que, embora seja um homem sério e de poucas palavras, franqueou-nos as instalações da Escola Municipal. O Romeu improvisou um almoço com sardinha em lata e farinha e deitamos um pouco para recuperar as energias, aguardando o Vice-Cacique Almir, mais conhecido como Pacu que, embora seja o Vice, é quem comanda por aqui.

## **Cacique Almir**

O Romeu convidou os amigos indígenas a andar de caiaque. O seu Rui deu um show de habilidade desembarcando com desembaraço, de pé, ao chegar à margem. O Antônio, filho do Cacique Almir, obsequiou-nos com um matrinxã (<sup>262</sup>) acompanhado de arroz e farinha, que foi saboreado com muito prazer.

---

<sup>261</sup> Cerne: parte central do tronco, cuja madeira tem uma cor mais escura e é mais dura. Trata-se do xilema cujos vasos lenhosos perderam sua função de levar água para as folhas, assumindo apenas funções estruturais. As paredes celulares desses vasos estão impregnadas por substâncias que impedem a proliferação de microorganismos que poderiam apodrecer a planta. (Hiram Reis)

<sup>262</sup> Matrinxã (*Brycon amazonicus*): peixe de escamas da família Characidae, lembra muito um lambari grande. Sua coloração geral é prata nos flancos, com dorso mais escuro em marrom ou preto e nadadeira caudal geralmente com faixas negras e bordos brancos. Tem boca pequena. Atinge pouco mais de 70 cm de comprimento total e cerca de 4,5 quilos de peso. (Hiram Reis)

Ao anoitecer, novamente nos trouxe um café à base de "beijus". Retribuímos a gentileza com uma camiseta do projeto e um saco de alimento não perecível. O Cacique chegou junto com os carapanãs <sup>(263)</sup> que o senhor Rui me informara que eram "poucos". A noção de quantidade do amigo Rui é bastante questionável. Nunca havíamos enfrentado tamanha quantidade de insetos. O Cacique é um homem lúcido, inteligente e preocupado com as questões que afetam sua Comunidade. Presenteou-nos com algumas velas, já que Prosperidade não possui gerador. O telhado da escolinha não possuía forro e os carapanãs kamikazes zuni- am sobre nós sem respeitar o "Boa noite" aceso pelo Romeu e as camadas de repelente que passáramos pelo corpo.

### **Partida para "Jerusalém" (15.12.2008)**

Tomamos o café da manhã com o Cacique Pacu e a esposa, à base de beijus. O Cacique nos presenteou com um cacho de bananas e partimos em direção à Comunidade de Jerusalém. Tinha chovido muito à noite e a manhã estava fresca e nublada, ideal para a navegação. Antes de chegarmos ao Furo Urutuba, um cardume de aruanãs <sup>(264)</sup>, assustado com os caiaques, deu um show se afastando aos saltos ruidosamente.

---

<sup>263</sup> Carapanã (Anopheles): nome dado aos mosquitos sugadores de sangue conhecidos em outros estados como muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego. São pequenos dípteros, medindo em geral menos de um centímetro de comprimento ou de envergadura, corpo delgado e longas pernas. (Hiram Reis)

<sup>264</sup> Aruanã (Osteoglossum bicirrhosum): peixe de grandes escamas, corpo muito alongado e comprimido, boca enorme, língua óssea e áspera, dois barbilhões na ponta do queixo, de coloração branca, que ficam avermelhadas na época da desova. Alcança 1,2 m de comprimento e mais de 5,5 kg. O aruanã vive na beira dos Lagos, igapós ou capins aquáticos, à espreita de insetos que caem na água. (Hiram Reis)

Resolvemos pescar um pouco e conseguimos apanhar apenas dois bodós (cascudos) e algumas piranhas. Continuamos a viagem e fomos acompanhados à retaguarda por um enorme boto vermelho. Chegamos ao extremo Oeste do furo por volta do meio-dia.

Segundo informações obtidas em Tonantins, procurei Jerusalém no extremo Oeste. Sem sucesso, avistamos ao longe, Rio abaixo, uma Comunidade e nos dirigimos a ela. Um enorme bando de botos tucuxis nos acompanhou com alegres volteios até a Comunidade que, mais tarde, constatamos se tratar de Porto Alegre.

## **Porto Alegre**

Depois de contatar o Presidente da Comunidade, fomos autorizados a ocupar o Centro Cívico. Comemos um miojo com farinha, montei a barraca e o Romeu dedicou-se a ensinar as crianças a arte de dominar a técnica de remada nos caiaques. A Comunidade já havia mudado sua localização por quatro vezes para escapar à fúria do Rio.

## **Partida para Jutai (16.12.2008)**

Partimos de manhã às 06h05 e me preparei para enfrentar dificuldades adicionais na orientação. No trajeto que iria percorrer, o Rio apresentava duas grandes alças como um enorme “m” visto do espaço. Esse traçado, mais que qualquer outro, significava que o Rio mostraria sua “*inconstância tumultuária*”.

Os furos se transformam em canais principais e estes, por sua vez, em trechos assoreados e imprestáveis à navegação, áreas de praia em Ilhas e Ilhas arrasadas pela força formidável do colossal Solimões.

Apesar das dificuldades, consegui progredir com sucesso, ora comparando o terreno com os mapas, ora seguindo apenas o instinto e o bom senso aliados a um conhecimento da geografia de um Rio em constante mudança.

## **Chegando a Jutai**

Em Jutai, dirigi-me diretamente ao flutuante do Daniel, como tinham aconselhado os amigos de Tabatinga. A recepção, apesar da ausência do Daniel, em tratamento em Manaus, não poderia ser mais cordial. Autorizaram-nos a desembarcar no flutuante e nos convidaram imediatamente para o almoço.

Eles próprios entraram em contato com os Policiais Militares e nos auxiliaram a carregar o material até a viatura que nos deixou no Tuchaua Palace Hotel. Quando estava escrevendo este artigo, recebi a notícia que o Prefeito eleito de Tonantins, Fábio da Silva Cabral e esposa, que tão gentilmente hipotecaram-nos seu apoio, haviam falecido em um acidente, com a voadeira que os transportavam, logo após sua diplomação, quando se dirigia de Tonantins para S. Antônio do Içá.

## **Entrevista com Paulo Coelho da Fonseca**

Na manhã, 17 de dezembro, respondi a alguns e-mails, e fomos até o flutuante do Daniel cumprimentar nossos amigos. A Silvana, funcionária do Daniel, ligou para o Paulo Coelho e ele ficou de nos receber. Paulo é acostumado a este tipo de tratativas e não se furtou a relatar sua incrível história de vida. Fomos até o seu sítio, onde cria animais exóticos, peixes como o tambaqui e o pirarucu em Lagos ornados por açais e buritis e diversos locais encantadores para lazer.



No local mais alto, contemplando sua magnífica obra, iniciamos a entrevista:



*Eu sou Paulo Coelho da Fonseca, nascido no Espírito Santo. Estou morando em Jutaí há 8 anos. Cheguei aqui em Jutaí sem nada, de canoa em um barco e, graças a Deus, hoje eu*

*sou uma das pessoas que mais contribui em termos de emprego na região.*

*Trabalham comigo, diretamente, cerca de 60 pessoas e indiretamente mais de 450. Tenho muitos barcos e em cada barco trabalham 3 ou 4 pessoas. Eu gero muitos empregos, o que posso fazer pela Cidade eu faço. Não faço as coisas só para ganhar dinheiro, eu faço as coisas também para agradar as pessoas que vão lá nos meus comércios, como o posto de gasolina, admirar minhas esculturas, as pessoas estão tirando fotos, colocando seus filhos na frente de uma árvore de natal, colocando as pessoas na frente de um pássaro para tirar as fotos. O sítio também é umas das coisas muito bonitas que eu fiz. Há domingos que tem de 300 a 400 pessoas tomando banho de piscina, jogando sinuca, é o único divertimento que temos na Cidade. Como a Cidade não proporciona, eu ofereço sem cobrar nada.*

*O motivo de eu ter saído do Espírito Santo para cá foi porque em casa eram todos evangélicos e em toda família existe um que é a "ovelha negra". Na minha família, eu era a "ovelha negra", eu não valia nada, era usuário de drogas, roubava, tudo o que não prestava eu fazia. Hoje as coisas estão mais banalizadas, mas, naquela época, quando o filho fazia alguma coisa errada, o pai é que acabava preso.*

*Então não era justo, uma pessoa digna como o meu pai, da igreja como o meu pai, ser preso por erro meu. Decidi sair de casa com 14 ou 15 anos e, por incrível que pareça, o que o meu pai não conseguiu me ensinar o mundo conseguiu. Pois os pais batem com carinho, com pena e o mundo não, a polícia não, no vagabundo batem sem pena. Na verdade, cheguei a Jutai assim: saí de Porto Velho pelo Rio Madeira e vim para o Rio Amazonas trabalhando no garimpo como peão, eu não tinha nada, nada. Se quisessem me matar por R\$ 50,00 me matavam, não tinha nada. De dia eu conseguia umas 2 g de ouro mergulhando e à noite eu gastava 3 ou 4 em drogas, porque eu comprava duas, e duas eu comprava fiado, então eu nunca conseguia nada. Eu entrei no garimpo, todas as coisas ruins que você puder imaginar do garimpo eu passei, todas as coisas difíceis que você imaginar eu experimentei. Então hoje sei o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim, o que é perigoso e o que não é perigoso.*

*Foi aí que eu resolvi escolher o caminho da minha vida. Eu falei: de agora em diante quero zelar pelo meu nome, pela minha pessoa, pela minha imagem e hoje, graças a Deus, eu sou o que sou. Hoje tenho um exemplo de vida, inclusive, já fiz palestras em escolas, já me chamaram para dar o meu depoimento em outras ocasiões e que serve de ensinamento para aqueles que querem pensar como eu pensei.*

*Cada um de nós tem a sua cabeça e se guia. Então, se servir de exemplo, eu sou o exemplo disso. Como havia falado, cheguei aqui em Jutai sem nada e comecei a pensar naquilo que eu estava falando, comecei a pensar na minha vida. Pensei assim: já que dei desgosto para os meus pais, agora vou dar orgulho. Então comecei a pensar – agora vou conseguir alguma coisa, porque tudo o que a gente quer a gente consegue.*

*Quando entrei para o garimpo, nunca mais usei droga, nunca mais fui para flutuante à noite, comecei a juntar meu ouro. Quando eu entrei para o garimpo, passei 6 meses lá dentro: quando sai, já era dono de duas balsas mesmo devendo. As pessoas começaram a acreditar em mim, começaram a confiar no meu nome mesmo eu devendo. Foi quando fui para São Paulo de Olivença, lá eu também consegui muito ouro, paguei minhas contas e voltei novamente para o Rio Negro só.*

*Do Rio Negro, fui para o Peru, lá consegui muito ouro, paguei minhas dívidas, minha vida melhorou. Mas também foi lá que eu perdi tudo de novo porque a polícia peruana, talvez vocês não recordem, mas há 8 ou 10 anos atrás, saiu até no Jornal Nacional, um brasileiro que foi preso no Peru, eu estava no meio. Saiu em vários jornais, no Peru o que se falava nos jornais tanto lidos, como televisionados era sobre nós, os garimpeiros que tinham sido presos no Peru. Eu perdi tudo.*

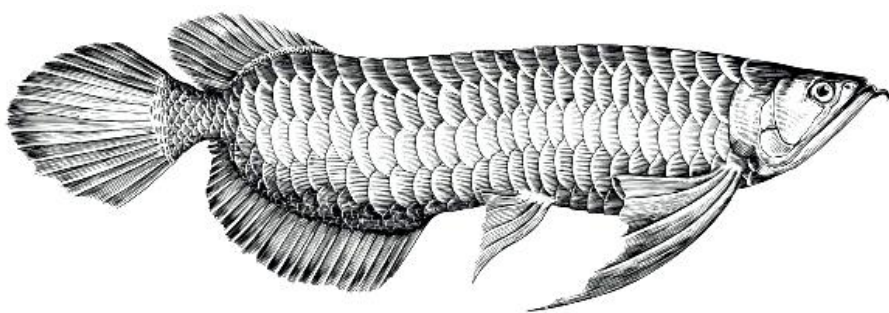
*Voltei para Jutá sem nada de novo. Morando na rua, não tinha nem condições de pagar hotel, quando um amigo meu que ainda hoje está no Mato Grosso, falou para eu comprar peixe. Só que eu não sabia nada de peixe, não conhecia nada de peixe mas, por uma insistência dele, fui comprar peixe. Comecei com dois isopores, comprava peixe à noite e, no outro dia, eu vendia aqui mesmo para os frigoríficos, principalmente para o Alexandre. Pois eles não compravam à noite, só compravam durante o dia.*

*Tinha muita gente tirando sarro de mim, mas continuei, comprei mais duas caixas de isopor. Com 30 ou 40 dias eu já tinha umas 8 caixas de isopor. Depois fiz uma caixa grande de isopor e, com uns 6 meses comprando peixe, eu já montei o meu primeiro frigorífico.*

*Mas eu nunca saía para a rua nem para tomar um refrigerante, tanto que ganhei o apelido de miserável. Passava a noite toda ali, zelando pelos meus fregueses como eu faço até hoje, valorizando-os e com 6 meses eu já tinha meu primeiro frigorífico e hoje, graças a Deus, eu tenho uma estrutura moderna, tanto que uma fábrica de gelo do porte da minha são poucas e as pessoas de Fonte Boa, Tabatinga, passam para comprar o meu gelo.*

*Eu comprei meus maquinários todos em Caxias do Sul, tudo moderno. Hoje eu tenho capacidade para armazenar em torno de 400 a 500 toneladas de peixe. Tudo começou assim, hoje eu tenho muitos frigoríficos, fábricas de gelo, posto de gasolina... (Paulo Coelho da Fonseca)*

O jovem empresário nos levou até o melhor restaurante de Jutuí, restaurante Natureza, com sua magnífica vista do encontro das águas do Rio Solimões com o Jutuí e depois deixou o Romeu no Hotel e eu em uma "Lan House". Paulão, como é conhecido, fez questão de pagar 50% das despesas de hospedagem.



**Velho Tronco**  
(Hemetério Cabrinha)



*Olha esse tronco de árvore esgalhado,  
Levado à toa pela correnteza.  
Quem nos sabe contar o seu passado?  
Quem nos diz sua história? Com certeza*

*Floriu, frutificou, teve seu fado,  
Foi luz, foi pão, foi ouro, foi grandeza,  
Teve um viver de inveja saturado,  
Foi um sorriso aberto à natureza.*

*Vê! como ele vai sereno, a esmo,  
Arrastando o cadáver de si mesmo  
Para um destino torturante, triste...*

*No entanto, quantas vezes não enchera  
De frutos bons, a mão que o abaterá!  
Como esse tronco muita gente existe!*

## **Jutaí – Fonte Boa**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Lauri Corso**

O Romeu conheceu o gaúcho Lauri, apaixonado pela Terra Amazônica, funcionário do IBAMA, que agora faz parte de um grupo que coordena os trabalhos na Reserva Extrativista de Jutaí. Jantamos no Restaurante Natureza, o Lauri contou sua experiência de vida e discorremos sobre temas ligados ao seu trabalho. Depois do jantar, fui até a sua casa onde me mostrou sua bota de fibra de vidro, ainda em desenvolvimento, para evitar picadas de cobra nas caminhadas pela mata.

### **Partida para o Flutuante Oderley (18.12.2008)**

Acordamos às cinco horas do dia 18 de dezembro e nossos amigos da Polícia Militar nos auxiliaram no carregamento do material dos caiaques. Passamos na casa do Lauri, que tinha prometido documentar nossa saída, e nos dirigimos ao Flutuante do Daniel, onde aportáramos os caiaques. Depois de nos ajudar a carregar a tralha, Lauri resolveu experimentar a navegação nas nossas embarcações. Tiramos algumas fotos dele e partimos por volta das 06h30.

### **Primeira Parada**

Remamos num ritmo forte e cadenciado, aproveitando a correnteza superior a 12 km/h que nos permitiu desenvolver uma velocidade de 15 km/h. Depois de pouco mais de duas horas de navegação, paramos na margem Oeste da Ilha da Guarida, próximo

à casa de um ribeirinho. A viagem não apresentara, até então, nenhum fato relevante, nenhum golfinho, apenas um Tucanuçu (<sup>265</sup>) sobrevoando a copa das árvores e o som dos pássaros saudando a aurora.

Para quebrar a monotonia e abrandar a saudade dos pampas, passei a declamar, para mim mesmo, as poesias do augusto poeta do Rio Grande, Jayme Caetano Braun (*Galo de Rinha, Amargo, Galpão de Estância, Quero-Quero, Negrinho do Pastoreio e Vento Xucro*).

## **Segunda Parada**

A Ilha da Guarida, em comparação com as fotografias do Google Earth, havia estendido um pouco sua extremidade de jusante e, ao contorná-la, nos deparamos diretamente com a entrada do furo Araman-duba. A meio curso do furo, por volta das dez horas, paramos numa bela praia de areias muito brancas. Segundo meus cálculos, estávamos apenas a uns seis quilômetros do Flutuante de destino.

Caminhei ao longo da praia procurando relaxar a musculatura e tirar algumas fotos daquela natureza pujante. Os troncos de enormes árvores caídas e os belos fungos, conhecidos como orelhas-de-pau (*Basidiomiceto*), chamavam a atenção pelo belo formato e forte colorido.

---

<sup>265</sup> Tucanuçu (*Ramphastos toco*): é o maior de todos os tucanos. De corpo preto e peito branco têm um bico inconfundível que corresponde a quase metade do seu tamanho. O enorme bico de cor amarelo-alaranjado com faixas avermelhadas e grande mancha negra na ponta é usado com grande habilidade, permitindo-lhe apanhar desde pequenas presas até separar pedaços de alimentos maiores. Coloca os ovos em ocos de árvores já abertos por outras aves. Comunicam-se com chamados graves, semelhante a um mugido (tucano-boi). (Hiram Reis)

## Flutuante Oderley

Chegamos ao flutuante do Orlaney que leva o nome do filho Oderley, que morrera afogado há algum tempo. O Paulo Coelho nos recomendara a parada no flutuante do Orlaney, seu funcionário, onde fomos recebidos com a costumeira cortesia e, em seguida, convidados para degustar um saboroso peixe liso (peixe de couro).

Após o almoço, tomamos as medidas de praxe e montamos a barraca no flutuante. A montagem em terra iria nos atrasar na saída. O Orlaney estava envolvido na colocação do forro do flutuante, buscando solucionar o problema do calor provocado pelo telhado de zinco e os mosquitos que infestam a região [carapanãs, maruins (<sup>266</sup>) e piuns (<sup>267</sup>)].

Por volta das dezessete horas, o Romeu iniciou as aulas de canoagem com o Orlaney e filhos. Foi um acontecimento único para aquelas crianças ilhadas em um flutuante nos confins da Amazônia.

Novamente ficamos impressionados com a destreza daquelas criaturinhas “anfíbias”. O equilíbrio e a facilidade no manejo do remo duplo do caiaque são impressionantes.

---

<sup>266</sup> Maruins (ceratopogonídeos): inseto díptero, nematóceros, de 1 a 2 mm de comprimento. As larvas e ninfas vivem na água doce ou salgada e só as fêmeas são hematófagas. Transmitem a filariose ao homem e aos animais domésticos por meio de picadas dolorosas. Também conhecidos como meruí, meruim, maringuim, marigui, muruim, mosquito-domangue, mosquito-palha, mosquito-pólvora, catuqui, catuquim ou bembé. (Hiram Reis)

<sup>267</sup> Pium (simuliídeos): famosos pelas fêmeas hematófagas, medem entre 2 e 6 mm de comprimento e possuem coloração negra. Também são conhecidos pelos nomes de borrachudo, pinhum e promotor. (Hiram Reis)



## **Heróis Anônimos**

É estranho verificar que estas pessoas, que vivem em condições tão precárias nos confins da floresta, achem nossa aventura um desafio de titãs. Heróis anônimos, titãs da "*Terra das Águas*" são eles que, apesar de enfrentarem todos os rigores de uma natureza hostil, não se dobram, não esmorecem. As políticas públicas, tão benevolentes com a população Indígena, muitas vezes subsidiadas por capitais estrangeiros pelas mãos das ONGs, não os atinge.

Sobrevivem graças à sua estirpe heroica e viril e a sua capacidade de trabalhar em regime de mutirões dentro da mais legítima convivência cristã. Em conjunto, irmanados pela mesma determinação de seus antepassados, enfrentam todo tipo de adversidade imposta pela selva e pelas águas. Registro meu preito de admiração e respeito à população ribeirinha do Solimões que, apesar de possuir tão poucos bens, nos apoia quando aportamos em suas pequenas aldeias, numa prova irrefutável do espírito cristão que os anima.

## **Luz Elétrica**

O flutuante possui um pequeno gerador a gás que funciona do entardecer até o final da novela "*Preferida*" da dona da casa. Jantamos, desta vez um tambaqui e, depois de assistir ao jornal, nos recolhemos, pois pretendíamos sair antes do alvorecer.

## **Partida para a Fonte Boa (19.12.2008)**

Não foi uma noite repouante. Os mosquitos zumbiam do lado de fora da barraca sem nos incomodar, em compensação, os holofotes dos "*motores*" que

passavam nos focaram a noite inteira. Parece que os vigias dessas embarcações estavam mais preocupados em vislumbrar as intimidades dos ribeirinhos do que se precaver de embarcações ou troncos que venham em rota de colisão.

Partimos às 05h15 do dia 19 de dezembro e, sem muita dificuldade, apesar das nuvens que bloqueavam a luz das Estrelas e da Lua que nascera há pouco mais de 2 horas, conseguimos achar a entrada do furo Tarara. O Tarara é tortuoso e lento e levamos mais de 2 horas para percorrê-lo.

O ritmo que imprimíamos era cadenciado, pois tínhamos plena consciência de que os quase 70 quilômetros que nos separavam de Fonte Boa exigiriam muito esforço.

### **Primeira Parada**

A primeira parada às 07h30, na confluência do Tarará com o Solimões, foi rápida em virtude da ofensiva dos carapanãs. Só cessaram o ataque quando fiz uso do malcheiroso sabonete de alcatrão doado pelo caro amigo gaúcho Oscar Luís da Silva Júnior.

### **Alterando a Rota**

A partir desse ponto, o Rio inflete para o Sul numa grande alça. O amigo Antônio Carlos, em Jutaí, havia nos aconselhado a manter a margem direita para evitar erros de percurso. Seguir a orientação facilitaria a navegação em virtude das Ilhas existentes na ponta Sul da península, mas, em compensação, aumentaria o percurso em aproximadamente 7 km, um luxo que eu não estava em condições de negociar.

As pequenas Ilhas com vegetação eram representadas, bastante desatualizadas, pelo mapa do Google Earth como enormes bancos de areia.

## **Segunda Parada**

Avistamos a primeira Ilha próxima à ponta, na margem esquerda do Rio e aportamos numa magnífica e extensa praia. Estiquei as pernas fazendo uma boa caminhada e tirando algumas fotos dos enormes troncos arrastados para aqueles bancos na época das cheias numa fantástica demonstração da força das águas.

## **Chuva Amazônica**

Partimos com chuva e decidi, mesmo assim, manter a rota alternativa, para ganhar tempo. Determinei ao Romeu que não se afastasse, diminuindo a distância entre os caiaques e me aproximei das margens das Ilhas por causa da baixa visibilidade.

Adaptei novamente o percurso, buscando identificar as Ilhas que me permitissem continuar comparando a fotografia aérea com o terreno, embora isso fizesse aumentar um pouco o percurso.

## **Dinâmica da Natureza**

Era impressionante verificar que os enormes bancos de areia reproduzidos nas fotos haviam se transformado em Ilhas de vegetação luxuriante. Precisei viajar no tempo para poder comparar a foto com o terreno. A predominância de embaúbas em algumas dessas Ilhas era a prova de que eu precisava de sua recente formação.



*Imagem 116 – Fonte Boa*

As Ilhas haviam, também, estendido significativamente suas porções terrestres à jusante da correnteza e com muita imaginação consegui, sem maiores problemas, chegar ao furo Cajaraí.

### **Frigorífico Pescador**

No extremo Norte do Cajaraí, ancoramos no Frigorífico Pescador. Imediatamente, procuramos o administrador, senhor Sabá Franco, indicado pelo amigo Álvaro Cabral, de Tonantins, como um contato importante em Fonte Boa.

O Romeu navegou com uma das funcionárias pelo Furo Cajaraí e depois degustamos um tucunaré cortesmente oferecido pelo senhor Sabá. Sabá fez um contato, a meu pedido, com a administradora do Hotel Eliana que assegurou um razoável desconto na diária.

## **Polícia Militar**

Fizemos, como de praxe, contato com a Polícia Militar para levar nosso material até o hotel e tivemos uma desagradável surpresa ao chegar ao nosso destino. O carro era um táxi que cobrou 15 reais pela corrida. Pela primeira vez, nesta jornada, não contamos com nenhum tipo de apoio por parte da PM.

## **Rádio Cabloca FM**

Depois do banho, saímos para tomar um sorvete e procurar a rádio da Cidade onde concedemos uma prévia da entrevista agendada para as doze horas do dia seguinte. Fui, então, até a única "*Lan House*" da Cidade onde iniciei o "*upload*" dos arquivos e concomitantemente conversei com minhas filhas Vanessa e Danielle e os amigos Coronel Araújo e Rosângela, quando sobreveio um "*Black Out*". Fui, então, para o hotel arrumar meus pertences e me preparar para o dia seguinte.

## **Novo Black-Out (20.12.2008)**

Acordamos ainda com falta de luz, redigi o artigo enquanto aguardava a volta da energia e o Romeu foi até o frigorífico dar aulas de canoagem para o filho do Sabá, o menino João. Deixei o computador da "*Lan House*" reservado, enviando as fotos e, às 11h45, fui até a Rádio Cabocla FM.

Novamente a "*comunicação*" amazônica estava presente. Fui informado de que aquele era o horário evangélico e que só à uma hora da tarde seria possível. Fiz os contatos necessários e deixei um aviso para o Romeu no hotel e voltei para a "*Lan House*".

Como passei o dia inteiro envolvido com a atualização dos artigos e “uploads” das fotos, o Romeu fez, sozinho, a entrevista na Rádio local. Infelizmente as rádios comunitárias não ultrapassam os limites de suas sedes, alcançando quando muito, pequenas comunidades próximas, o que, do contrário, nos facilitaria, bastante, a questão do apoio. Por volta das dezessete horas, fui até o Hotel Eliana para “almoçar”. Embora tenha permanecido sentado o dia todo, estou cansado, pois não me alimentei até agora. A refeição foi ótima, pirarucu com arroz e feijão.

### **Tour em Fonte Boa (21.12.2008)**

Contratei um moto-táxi e saímos para fotografar a Cidade e arredores. A Cidade é nova, sua arquitetura histórica foi toda perdida, pois, na década de 70, toda a parte antiga foi arrasada pelo Solimões. Visitando a área rural da Cidade, observei diversas plantações de açaí e bacaba (<sup>268</sup>) e uma quantidade significativa de velhas castanheiras que, certamente, foram plantadas pelos nativos.

### **Lenda da Bacaba**

*Conta a lenda que, na Serra do Tumucumaque, existia a tribo dos Badulaques, pequena e fraca, sem muitos guerreiros e cujo chefe, Cacique Cabaíba, preferia viver em paz sem invadir as terras de outras tribos. Era considerada uma tribo sem valor e por isso não participava do Grande Conselho das tribos.*

---

<sup>268</sup> Bacaba (*Oenocarpus bacaba*): planta oleaginosa da família das palmáceas. Altura de 10 a 20 m com tronco de 20 a 30 cm de diâmetro. A madeira é empregada para construções rústicas e esteios. As folhas são utilizadas pelas populações Indígenas para a confecção de abanos e bolsas e os seus frutos empregados pela população local para a confecção de um vinho semelhante ao do açaí. (Hiram Reis)

*Um dia a desgraça se abateu sobre todas as tribos da serra. Poucos se lembravam da grande batalha travada entre o deus Tupã e Catamã, a entidade do mal. Contavam os anciãos que, na batalha, tinha sido devastada uma grande área além da Serra do Tumucumaque e que a luta entre o bem e o mal durara muitas Luas até que Tupã, usando de toda sua magia, conseguira aprisionar Catamã no topo da serra por um período de cem anos.*

*Diziam ainda os anciãos que, depois desse tempo de guerra, a fome e a doença atingiriam as tribos, renunciando a volta de Catamã, que tentaria reerguer seus domínios por toda a terra, mas que um guerreiro, nascido em tribo pequena, se sobressairia dentre todos os seus irmãos em caçadas e lutas, podendo vencer o mal e lançá-lo novamente à sua prisão.*

*Os prenúncios da desgraça chegariam quando Catamã já tivesse cumprido três terços de seu exílio, e assim ocorreu. Primeiro uma grande doença se abateu sobre as tribos. O mal atacava principalmente os pés e as mãos, impossibilitando os guerreiros, assim como mulheres e crianças, de se locomoverem. Logo não puderam mais segurar o arco e a flecha para caçar e centenas morreram de fome. Depois vieram as guerras. Tribo contra tribo.*

*As mortes se sucedendo e as nações Indígenas enfraquecendo-se cada vez mais. Na época também a tribo dos Badulaques foi atingida e muitas mulheres morreram. Tarirã, uma das esposas do Cacique Cabaíba, estava grávida de muitas Luas e o Cacique temia que fosse atingida pelas pragas ou morta pelas lanças dos guerreiros inimigos.*

*Numa noite, Tupã foi até o Cacique e em sonhos disse-lhe:*

- *Teu filho será um bravo. Irá se sobrepor a todos os guerreiros e se chamará Bacabá. Somente ele poderá livrar a nação do mal e destruir para sempre a encarnação da perversidade.*

*Por três noites os membros da tribo dançaram, agradecendo a dádiva de Tupã. Duas Luas depois, nasceu o menino, que cresceu e foi treinado nas mais diversas práticas de combate, assimilando com incrível facilidade os ensinamentos dos pajés e anciãos. Manejava o arco e a flecha como se tivesse nascido para caçar. Sua grande vitória foi quando o conselho o designou chefe das nações Indígenas. As maldições de Catamã continuavam. Certa noite um feiticeiro apareceu na forma de um feroz cachorro do mato e, entrando na tenda do chefe, matou Tarirã, que já se encontrava em idade avançada. Pela manhã, o corpo da Índia foi encontrado dilacerado e Bacabá, furioso, entoou seu canto de morte, que atravessou os vales. Estava iniciado o confronto.*

*Pela manhã, Bacabá reuniu-se com o Grande Conselho, anunciando que iria enfrentar Catamã no topo da serra. O pajé, tocado pelo deus Tupã, deu-lhe um saquinho de couro contendo a mistura de muitas ervas, que deveriam ser jogadas no olho da divindade, tornando-a cega. Depois de despedir-se de seus irmãos de sangue, Bacabá armou-se de uma lança, arco e seus apetrechos de guerra e saiu no rumo da serra. Quando alcançou o topo, a figura de um imenso cachorro do mato atravessou-lhe à frente.*

*A fera, com olhos injetados de sangue, investiu contra o Índio, iniciando uma batalha. Embaixo, milhares de guerreiros assistiam a tudo. Tupã proveu Bacabá de poderes para fazer frente à divindade do mal e o local da batalha transformou-se em uma imensa clareira. Contam os Índios mais velhos que a contenda foi terrível.*



*Durante duas noites o confronto prosseguiu e depois o silêncio foi total. Os guerreiros, temerosos, esperavam que o vencedor se manifestasse. O silêncio, no entanto, reinava no cume da Serra do Tumucumaque.*

*O Cacique Cabaíba reuniu seus bravos e subiu à serra, seguindo os rastros de destruição, até que sobre um amontoado de pedras encontraram um imenso cachorro, com os olhos arrancados e uma lança cravada no peito. A seu lado, o corpo do guerreiro, dilacerado pelas garras e dentes do monstro. Bacabá venceu, mas a façanha lhe custou a vida.*

*Seu corpo foi sepultado ao lado da mãe, em um cortejo que reuniu milhares de guerreiros, todos lhe prestando a derradeira homenagem. Muitas Luas se passaram até que o Cacique Cabaíba, sentindo a perda do filho, foi vê-lo.*

*No local onde tinha sido sepultado, havia, por benevolência e homenagem de Tupã ao mais bravo guerreiro da face da terra, uma palmeira solitária com as folhas em forma de lanças, da qual sobressaíam-se flores de cor branco-amarelas e frutos pequenos avermelhado-escuros. O chefe Cabaíba recolheu os frutos e mandou as mulheres da tribo fazerem um vinho que chamou de bacaba. Da bacabeira, de caule forte como os braços do guerreiro, são feitos arcos e lanças que, dizem as lendas, serem abençoados por Tupã. (LOPES & ANDRADE)*

## **Entrevista com o escritor Humberto F. Lisboa**

Às 10h00, fui até a casa do professor Humberto Ferreira Lisboa, autor do livro "*Fonte Boa – chão de heróis e fanáticos*", que concedeu uma entrevista bastante interessante:

*Eu sou o professor Humberto Ferreira Lisboa, nascido e criado em Fonte Boa, professor de História do Ensino Médio e um estudioso sobre a Cidade. Há mais de oito anos, pesquisei para formar um livro sobre a Cidade e consegui, embora pouca coisa; hoje, com mais amadurecimento, a gente acha que esse livro merece uma segunda edição, melhorando o conhecimento sobre a Cidade, ou seja, ser mais profundo no que a gente pensava que estava acabado. Fonte Boa começa com o projeto europeu de transformar a América em um povo civilizado pela ação das missões. Começa com o trabalho do jesuíta Samuel Fritz que pensa em formar uma grande Cidade, aí nasceu o núcleo missionário chamado Nossa Senhora das Neves. Muita confusão depois que a Colonização Portuguesa entrou em conflito com os espanhóis. Samuel Fritz se retirou e também retirou a sua missão. Mais tarde, os portugueses retomaram e criaram outra missão com o nome de Nossa Senhora de Guadalupe.*

*Depois os carmelitanos que tomaram conta da Cidade esqueceram da própria missão, abandonando-a por mais de 30 anos e a Cidade perdeu o nome. Por sinal, começou a chamar-se Taraquatiua, depois transformada em Vila por Decreto do Marquês de Pombal, mais tarde ela seria elevada à categoria de Cidade, ainda na República. Daí em diante, Fonte Boa vai atravessar diversas fases de transformação e de lutas, por exemplo: vai surgir o ciclo da borracha, vão existir conflitos de coronéis, de controle dos Rios, de controle das pessoas, enfim da política local.*

*O que se pode dizer é que toda a história de Fonte Boa se permeia por aí, pelas brigas, pelas fofocas. Mas, sempre vai ter presente a luta do caboclo contra os coronéis o que é bonito é isso, os descendentes de Índios legítimos querendo participar da política local.*

*Mais tarde, pela década de 60, Fonte Boa eclode em uma revolta, cassando o último Prefeito. Começa a surgir a primeira Praça, os primeiros calçamentos de rua, ou seja, as primeiras frentes de trabalho. Algum tempo depois, vem a queda do barranco que desmorona toda parte antiga da Cidade, o traço da Cidade. As pessoas não têm ajuda do Governo Estadual para fazer suas casas, refazer suas vidas, isso vai ficar marcado para sempre na história do povo Fonteboense, essa falta de assistência do Governo Estadual naquele momento difícil da vida de Fonte Boa que começa pela década de 60 e vai perdurar por quase 12 anos. Algumas pessoas continuam chamando a atenção do Governo Federal para que ajude Fonte Boa a reconstruir seus espaços urbanos, a refazer o saneamento que haviam começado.*

*É uma nova Cidade que começa, um novo processo que se forma. Na realidade, ao meu livro deu-se o nome de "Fonte Boa, chão de heróis e fanáticos" por esse motivo. Fanáticos porque ele se dividiu em favor de preservação da política Coronelista e os heróis foram aqueles que ficaram aqui mesmo com a falta de assistência, resistindo na casa de barranco, resistindo àquela falta de emprego, àquela falta de trabalho e permanecendo aqui em Fonte Boa.*

*Por isso é um livro que vamos procurar aperfeiçoar para ficar com a próxima geração Fonteboense e também àqueles que quiserem vir aqui fazer pesquisas nós iremos oferecer o livro, na 2ª Edição, a partir de março, já com mais ênfase, com mais renovação, com mais maturidade do que se está falando e até mais pesquisa.*

*É o que eu tenho a dizer no momento ao Coronel Hiram que nos procura querendo informação sobre Fonte Boa. É um povo muito hospitaleiro, inteligente.*

*Diga-se de passagem que nós chegamos a concorrer com Parintins. Éramos o 2º Folclore do Amazonas em termos de boi bumbá (269) e de outras festividades. Fomos visitados por turistas estrangeiros, nacionais e fomos homenageados pela imprensa pelo esforço e pela criatividade e agora nós não sabemos como que vai ficar, porque a falta de compromisso com a cultura, com a educação é muito séria, mas, quem sabe, se houver uma mudança, nós voltaremos a ter o 2º Festival Folclórico do Amazonas. (Humberto Ferreira Lisboa)*

Depois da entrevista discorremos sobre diversos assuntos relativos à história e geografia da região e, em seguida, dirigi-me à “Lan House”.

## **A Queda do Barranco e da História de Fonte Boa**

As comunidades vizinhas de Fonte Boa a chamam de “Foste Boa” em referência à catástrofe que destruiu toda a parte antiga da Cidade. Parece, também, que o Rio Solimões, que provocou a chamada “*queda do barranco*”, pelo professor Lisboa, levou consigo muito da história, da memória de uma Cidade que se mostra diferente das demais. O frenesi constante que envolve a Cidade parece ser uma vã tentativa de remover da lembrança as agruras do passado.

---

<sup>269</sup> Boi-bumbá Fonteboense: como outras manifestações folclóricas do País, tem origem na grande diversidade de povos que aqui se estabeleceram propiciando a fusão de diversos elementos culturais. No início, era uma brincadeira realizada nas ruas e terreiros das residências. Eram dois bumbás: o Estrelinha, do centro da Cidade, e o Tira Prosa, do bairro São Francisco. No período de 1980 até 2002, passaram a se apresentar na quadra de esportes municipal. Na década de 90, o evento evoluiu bastante e a disputa entre os bois tomou ares de “*guerra*” na arena. O “*Tira Prosa*”, com as cores vermelho, e o “*Corajoso*”, com as cores azul e branco, se tornaram famosos em todo o Estado do Amazonas. (Hiram Reis)



*Imagem 117 – Fonte Boa*



*Imagem 118 – Fonte Boa*



*Imagem 118 – Plantação de Bacabas – Fonte Boa*



*Imagem 119 – Fonte Boa*

## **Os Japós**

**(Anísio Thaumaturgo Soriano Mello)**

*Fala que fala  
A voz desse japó  
E plena misturação de brado e de silêncio.  
É cantiga de canto e de agonia  
No abraço da intriga da ave marginal.  
Não sacia no canto e ecoa na floresta  
O assobio que dança e chora e imita.  
A ura só tempo e deus e é demônio  
E fala com o mato atormenta a formiga  
Perturba a todo instante as aves tranquilas  
E faz no matagal tremenda promoção.*

*O caboclo tranquilo o remo companheiro  
A igarité parada o Rio espelho  
Desce o barranco calças na canela  
Anzol caniço samburá surrado  
Cabocla prenha curumim descalço  
Indiferente a tudo.  
Terra molhada chuvisco de noite  
Serração da manhã lhe cega os olhos.*

*Jurupari te esconjuro Deus me tenha  
Empurra o casco Rio abaixo  
Traz o peixe Rio acima  
Todo dia que Deus manda.  
Tudo igual toda manhã  
O japó no seu comício  
O caboclo na rede que treme de noite  
Levanta com o japó  
E ela só ela na ponta dos pés  
Sai à procura do balde da cuia pitinga  
E repete com prazer o seu bom-dia.  
Raimundinho, Honorato, Zezinho, Antoninho  
Lembranças felizes da beira do Rio  
Das redes e dos japós...*



## **"Inconstância Tumultuária"**

*A inconstância tumultuária do Rio retrata-se ademais nas suas curvas infundáveis, desesperadamente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos. [...] ou vai, noutros pontos, em furos inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se illogicamente tributário dos próprios tributários – sempre desordenado, e revoltado, e vacilante, destruindo e construindo, reconstruindo e devastando, apagando numa hora o que erigiu em decênios – com a ânsia, com a tortura, com o exaspero de monstruoso artista incontentável a retocar, a refazer e a recomeçar perpetuamente um quadro indefinido... (CUNHA, 2000)*

### **Sidarta (Hermann Hesse)**

O autor nos reporta as experiências de um jovem brâmane em eterna busca do conhecimento e da luz. Abandonando a casa paterna, Sidarta iniciou sua jornada na companhia dos Samanas (<sup>270</sup>). Três anos se passaram e Sidarta verificou que vida samana era uma forma de fugir da vida e do eu e os abandonou.

Seguindo sua busca, Sidarta se tornou discípulo do Buda. Algum tempo depois, porém, ele se convenceu de que a iluminação não podia ser alcançada através da doutrina e sim pela vivência, e que a experiência da iluminação era impossível de ser descrita. Resolveu, então, seguir seu próprio caminho sem se ater à qualquer doutrina, sem seguir nenhum mestre, até alcançar a redenção ou a morte.

---

<sup>270</sup> Samana: indivíduo que abandona as obrigações da vida social para encontrar o caminho de uma vida de mais harmonia (sama) com a natureza. (Hiram Reis)



Atraído pela beleza e sensualidade da cortesã Kamala, se entregou de corpo e alma aos prazeres mundanos até que, arrependido, se deu conta de que mais do que tudo “*causavam-lhe asco a sua própria pessoa, os cabelos perfumados, o bafo de vinho que sua boca exalava, a flacidez e o mal-estar de sua pele*”.

Depois de pensar, inclusive, em suicidar-se, encontrou a paz, o conhecimento divino e se tornou um ser de luz através de um homem simples, um balseiro que lhe reportou os arcanos da vida aprendidos no levar constante de pessoas de uma margem à outra e nos mistérios transmitidos pelo irmão Rio.

## **O Mestre Rio**

Depois de navegar algumas centenas de quilômetros observando, ora a generosidade plena deste manancial de água doce, ora seu poder de promover profundas mudanças na geografia da terra, começo a entender-lhe o espírito.

Sua generosidade se manifesta na oferta de pescado farto e de boa qualidade aos ribeirinhos, como via de acesso aos mais inóspitos rincões, na fertilização das várzeas que, por ocasião da vazante, propiciam o plantio fácil e colheita abundante.

Sua força, seu poder destruidor estão presentes nas barrancas solapadas pela corrente voraz e na vegetação arrastada violentamente para outras plagas. Sua arrogância é capaz de destruir, em poucos dias, Ilhas que levou anos para criar, de alterar os canais abandonando cursos já consagrados para experimentar novas rotas por puro e simples capricho. É a “*inconstância tumultuária*” do Rio adolescente relatada por Euclides da Cunha.

O Rio, cujo avô formidável corria para Noroeste e desaguava no Pacífico nas priscas eras da Pangea (<sup>271</sup>), teve como pai o Lago Pebas (<sup>272</sup>), quando os continentes se separaram e suas águas foram barradas pela Cordilheira dos Andes que se formou.

Talvez o Solimões, herdeiro destes extraordinários colossos, queira mostrar a todo Universo sua força e o faz afrontando tudo à sua volta, provocando alterações profundas na natureza e na vida dos ribeirinhos.



---

<sup>271</sup> Pangea ou Pangeia: nome dado ao continente que, segundo a teoria da deriva continental, existiu até 200 milhões de anos, durante a era Mesozoica e que, nessa altura, começou a se fragmentar. (Hiram Reis)

<sup>272</sup> Lago Pebas: há aproximadamente 11 milhões de anos, a Bacia Amazônica estava submersa num grande Lago (Pebras) que tinha saída para o Oceano Pacífico. Com a deriva dos continentes e a consequente elevação da Cordilheira dos Andes, as águas ficaram temporariamente represadas até que vazaram e passaram a correr para Leste, formando a Bacia Amazônica e o Rio Amazonas desaguando no Oceano Atlântico. A drenagem possibilitou, então, que algumas das terras submersas aflorassem. (Hiram Reis)



## **Fonte Boa – Tamaniquá**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Polícia Militar de Fonte Boa**

Desde meu contato com Coronel Rômulo, Comandante do Policiamento do Interior, os Policiais Militares do Estado do Amazonas foram incansáveis em nos apoiar no transporte de material e contato com autoridades locais. Gostaria de deixar registrado o profissionalismo, a urbanidade e a atenção com que me trataram os Policiais de São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins e Juruá. Realmente, Fonte Boa foi uma exceção à regra; o descaso e a falta de apoio por parte do Comandante do destacamento não são absolutamente compatíveis com as tradições da instituição que representa.

### **Partida para Tamaniquá (22.12.2008)**

O senhor José Antônio, do Hotel Eliana, suprimindo a falta da Polícia Militar, conduziu-nos, gentilmente, até o Frigorífico Pescador. Partimos por volta das oito horas, depois de agradecer o apoio do senhor Sabá Franco, administrador do frigorífico; paramos duas vezes antes de chegar às proximidades da Foz do Juruá.

### **Foz do Juruá**

Na segunda parada, por volta das 11h35, verifiquei a enorme discordância da carta com o terreno em relação à margem direita do Solimões, perto da Foz com o Juruá. Já acostumado com os devaneios deste Rio errante, concluí que toda Ilha, à margem esquerda

do Juruá, tinha sido violentada pela fúria do Rio-Mar na sua ânsia de remodelar o relevo a seu bel-prazer. A transformação criou um delta na Foz do Juruá. A dilapidada “*Ilha da Consciência*” (273), à jusante da Foz, talvez venha a se transformar em mais um ícone da “*perda da inocência*” do rebelde Rio-menino.

## **Nova Matusalém**

Na Foz do Juruá, parei para tirar algumas fotos, que foram prejudicadas, porém, pela altura da vegetação. Na margem direita da Foz, aportamos no local denominado pelas cartas como Porto Colombiano, mas chamado pelos populares ribeirinhos como Nova Matusalém, para um breve descanso e para confirmar o nome da Comunidade.

O Romeu se precipitou, talvez levado pelo cansaço, e foi solicitar pousada na Comunidade onde lhe informaram que não seria possível, uma vez que o Presidente e o Vice-Presidente da Comunidade não se encontravam. Minha ideia, desde o início, não era parar naquela pobre Comunidade e sim prosseguir até Tamaniquá, como me orientara o senhor Sabá Franco. Tamaniquá estava há apenas 7 km à jusante, e bastariam 40 min de remo para alcançá-la.

## **Tamaniquá**

Partimos para Tamaniquá, que podia ser avistada no horizonte.

---

<sup>273</sup> A ilha que existe fronteira à boca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se “*Ilha da Consciência*”; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. (CUNHA, 2000)

Tamaniquá é a Cidade natal do amigo Sabá, que havia recomendado que lá procurássemos o Flutuante do Ribeiro. Mais uma vez o Romeu saiu remando freneticamente enquanto eu observava e fotografava as paisagens dos barrancos e embarcações que passavam, procurando absorver a magia das paisagens. O Romeu tentou contato com o Ribeiro, que não lhe deu a menor atenção. O nosso dia, que começara mal com o “calote” por parte da PM de Fonte Boa, continuara com a falta de hospitalidade da Comunidade Nova Matusalém e, por fim, consagrou-se com o descaso do Ribeiro.

### **Professor Emanuel Carvalho**

Aportei no flutuante e comuniquei ao Ribeiro que iríamos estacionar os caiaques junto ao seu flutuante por questão de segurança; deixei o Romeu descansando no Flutuante do Ribeiro e fui até a escolinha local, onde encontrei seu gestor, o professor Emanuel. O professor foi extremamente educado e receptivo, permitindo que se usasse uma de suas salas de aula para acampar, deixando comigo as chaves da cozinha e autorizando a fazer uso dos computadores da escola.

### **Amigo Chico**

Descarregamos o material na sala de aula e fomos, imediatamente, tomar um banho no Rio. Revigorados, paramos para degustar os saborosos “dindins” (sacolés) da Dona Maria “Capivara”, esposa do Chico. Acabamos com seu estoque de dindins de graviola (<sup>274</sup>).

---

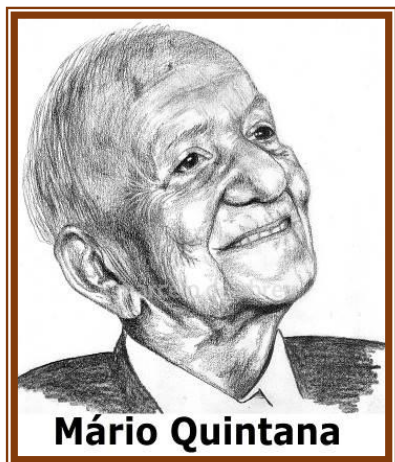
<sup>274</sup> Graviola (*Annona muricata*): fruta originária das Antilhas, a graviola é uma árvore de pequeno porte (4 a 6 metros de altura), encontrada em quase todos os países tropicais, com folhas verdes brilhantes e flores amareladas, grandes e isoladas, que nascem no tronco e nos ramos. Os frutos têm forma ovalada, casca verde-pálida, são grandes, chegam a pesar entre 750 gramas a 8 quilos, dando o ano todo. (Hiram Reis)

A graviola e outros frutos são plantados pelos donos da casa e parentes da Dona Maria num sítio da família. Contratamos o Chico para nos levar, de manhã cedo, de rabetá, até uma Comunidade Indígena, Kulina, às margens do Juruá. Terminado o pequeno lanche, saí pela Comunidade para fotografar.

## **Pernoite na Escola**

Para nos livrarmos dos mosquitos, dormimos na barraca montada dentro da sala de aula. Ficamos livres dos mosquitos, mas não do calor. O gerador desliga às 23h00 e, a partir daí, foi difícil conciliar o sono em decorrência do calor e dos latidos dos cães a noite toda.

## **Visita ao Juruá (23.12.2008)**



**Mário Quintana**

O Chico, como bom caboclo, deixou tudo para a última hora – preparação do barco e compra de combustível, talvez para não fugir à regra ou talvez querendo nos adaptar ao “*ritmo amazônico de fazer as coisas*”. Atalhando por um Paraná, dois furos e um Lago, chegamos à Comunidade. O percurso se reveste de uma beleza sem igual. Longe da impetuosidade dos grandes mananciais, estas artérias têm um ritmo dolente; o motor de 6,5 Hp nos impulsiona com vagar, permitindo admirar a natureza ao redor. Perguntaria, intrigado, o leitor, como recordar Mário Quintana, um poeta cidadão, no coração da selva hostil. A lembrança me veio ao avistar os formidáveis colossos arbóreos tombados junto às margens.

Troncos e galhos desfolhados e esbranquiçados pelo tempo imitavam a agonia das “*mãos de enterrados vivos*” do Quintana (275).

## **Evolução das espécies**

Lembrar Charles Darwin talvez seja mais racional ao divagarmos sobre a adaptação da “*Amazônica Biodiversidade*”. As árvores tombam com facilidade porque as raízes que as sustentam são por demais superficiais. O solo pobre não as estimula a procurar nutrientes, aprofundando suas raízes. Algumas árvores, porém, mais sábias, mais adaptadas ou evoluídas, se utilizam de verdadeiros estais para procurar manter sua estabilidade que, na região, são chamados de sapopemas e, para sobreviver, parcialmente submersas, raízes respiratórias. Há uma profusão de plantas flutuantes, como o capim-memeca, canarana, alface d’água e o aguapé, que descem os Rios em enormes Ilhas flutuantes por ocasião das chuvas ou das cheias. Sobre estas exuberantes Ilhas flutuantes vivem diversas espécies de insetos enquanto nas águas criam-se enormes populações de mosquitos e outros dípteros importunos. A mata que sofre inundação por Rios de águas brancas costuma ser chamada de “*várzea*”, enquanto as banhadas pelas águas pretas e claras (ou azuis), de “*igapós*”. A várzea é muito mais rica em decorrência dos nutrientes carregados pelas águas. Em relação à biota aquática, os Rios de água branca são ricos em peixes, enquanto os Rios de água preta são “*Rios da fome*”.

---

<sup>275</sup> Mario de Miranda Quintana: poeta, tradutor e jornalista, nasceu em 30.07.1906, na Cidade de Alegrete. Aos 13 anos, em 1919, é matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) em regime de internato. É no CMPA que publica seus primeiros trabalhos na revista *Hyloea*, da Sociedade Cívica e Literária do CMPA. (Hiram Reis)



## **Povo Kulina ou Madija**

O povo Kulina tem seu habitat tradicional nas planícies dos Rios Juruá e Acurauá, afluentes do Solimões e pertencem à família linguística arawá. Os Kulina se autodenominam Madija, que significa “*os que são gente*”. Os Kulina formam um grupo de pouco mais de 700 membros e ainda preservam sua língua e cultura.

Os Kulinas ocuparam as manchetes sensacionalistas de jornais de todo o mundo que os acusavam de canibalismo. Há anos as drogas vêm ocupando cada vez mais espaço dentro das comunidades Indígenas, e o consumo de crack, associado às bebidas alcoólicas, podem ter deflagrado o ato de canibalismo na Cidade de Envira (AM).

Cinco Kulina trucidaram e canibalizaram Océlio Alves de Carvalho no dia 02.02.2009, quando a vítima desapareceu, e só veio à tona quando um Índio da mesma aldeia denunciou o caso às autoridades.



**Correio Braziliense nº 16.704 – Brasília, DF**  
**Quarta-feira, 11.02.2009**



**Amazonas: Segundo Polícia, Jovem com**  
**Deficiência Mental Teria Sido Morto por**  
**Cinco Kulinas no Município de Envira.**  
**Grupo Teria Esquartejado e Comido**  
**Partes do Corpo da Vítima**



**Índios Suspeitos de Canibalismo**  
**(Repórter Paloma Oliveto)**



**A** população de Envira, município do Sudeste amazonense, está chocada com um crime ocorrido no último dia 2, mas que só ficou conhecido ontem, depois que fotos de um jovem decapitado e esquartejado começaram a circular pela internet. Portador de deficiência mental leve, Océlio Alves de Carvalho, 21 anos, foi assassinado na aldeia Cacau, povoada por Índios Kulina e localizada a 4 km da cidade. De acordo com testemunhas, cinco Indígenas comeram partes do corpo do jovem e abandonaram os restos na mata.

O Sargento da PM José Carlos Corrêa, que atua como Delegado no pequeno município de 17 mil habitantes, deve concluir o inquérito até amanhã, mas afirma que já sabe quem são os suspeitos. Trata-se de um grupo de cinco pessoas, conhecidas por Vadeci, Socorro, Aleijadinho, Macaquinho e Todomar.

*"Foi o próprio chefe da aldeia quem entregou os nomes", disse Corrêa. Segundo ele, o crime teria ocorrido por vingança. No ano passado, um Kulina da aldeia morreu afogado em um acidente, mas alguns Índios acreditam que ele foi assassinado. "Testemunhas, inclusive Índios da própria aldeia, ouviram esse grupo dizer que matariam um cariú, como chamam os brancos. Foi o Océlio, como poderia ter sido qualquer outro": afirma o Delegado.*

Valdeci chegou a ser preso, mas sob a tutela da Fundação Nacional do Índio [FUNAI] foi solto e encontra-se na aldeia. Os outros fugiram. O guarda municipal Francisco Eudo, tio de Océlio, diz que a população está em pânico. *"Todos estão com medo de novas ocorrências. Eu mesmo fui ameaçado de morte no domingo passado, assim como o Raul Kulina, uma das testemunhas", conta. O Delegado afirma que o filho de Valdeci é o suspeito de ter ameaçado Eudo.*

A família, de acordo com o tio de Océlio está desolada não só por causa do homicídio, mas pelo que consideram um descaso da FUNAI, que demorou dois dias para ir à cidade, só acessível por meio de avião ou barco. Os próprios familiares tiveram de ir à aldeia resgatar os restos mortais da vítima.

Na segunda-feira 2, por volta das 16h00, o jovem deveria ir para casa depois de pastorear bois. Foi nesse momento que, de acordo com testemunhas, teria sido induzido pelo grupo de Índios a visitar a aldeia. Lá, ainda conforme Indígenas que viram a cena, ele foi esfaqueado. A perícia, realizada no Hospital Geral de Envira contabilizou 80 facadas.

Depois, o corpo de Océlio foi partido ao meio, num corte vertical do crânio até os órgãos genitais. As pernas e os braços foram cortados. Conta o Delegado:

*Os outros Índios pediam para eles não fazerem aquilo, mas então eles começaram a assar o coração, o fígado, parte das vísceras e um pedaço da coxa esquerda. Depois, comeram.*

Ele ressaltou, porém, que não houve qualquer tipo de ritual. Os Índios estariam bêbados. Relata:

*Esse é um problema muito grave aqui. Eles chegam a beber álcool puro, que chamam de "cabeça azul", por causa da cor da tampa.*

## **Cultura**

Em nota, a FUNAI afirmou ontem que "a prática da antropofagia entre os povos Indígenas no Brasil contemporâneo não ocorre mais".

Confirma o antropólogo Stephen Baines professor da Universidade de Brasília:

*A antropofagia não faz parte da cultura dos Kulina. Além disso, eles estão em contato com os não Índios há muito tempo.*

Os primeiros registros de encontro entre os Índios dessa etnia com os brancos foi no século 19. Reforça Edgar Rodrigues, administrador da FUNAI em Manaus:

*Nunca houve um caso como esse entre os Kulina.*

Ele confirma que o consumo de álcool é excessivo entre os Índios da região, mas refuta a afirmação de que o órgão do Ministério da Justiça tenha sido negligente. Diz:

*O acesso desde Manaus é difícil. Mas ficamos três dias no local, levamos um Indigenista e uma intérprete para a aldeia. Fizemos tudo dentro dos tramites legais. (CORREIO BRAZILIENSE Nº 16.704)*

# CORREIO BRAZILIENSE

LONDRES, 1906. HINOÍTO JOSÉ DA COSTA BRASÍLIA, 1960. ASSIS CHATEAUBRIAND

QUARTA-FEIRA • Brasília, Distrito Federal, 11 de fevereiro de 2009

Número 16.704

## AMAZONAS

Segundo polícia, jovem com deficiência mental teria sido morto por cinco kulinhas no município de Envira. Grupo teria esquartejado e comido partes do corpo da vítima

# Índios suspeitos de canibalismo

PALOMA OLIVEIRA  
DA EQUIPE DO CORREIO

A população de Envira, município do sudeste amazense, está chocada com um crime ocorrido no último dia 2, mas que só ficou conhecido ontem, depois que fotos de um jovem decapitado e esquartejado começaram a circular pela internet. Portador de deficiência mental leve, Ocelito Alves de Carvalho, 24 anos, foi assassinado na aldeia Cacatu, povoada por índios kulina e localizada a 4 km da cidade. De acordo com testemunhas, cinco indígenas comeram partes do corpo do jovem e abandonaram os restos na mata.

O sargento da Polícia Militar José Carlos Corrêa, que atua como delegado no pequeno município de 17 mil habitantes, deve concluir o inquérito até amanhã, mas afirma que já sabe quem são os suspeitos. Trata-se de um grupo de cinco pessoas, conhecidas por Valdeci, Socorro, Aleijadinho,

Macaquinho e Todomar. "Foi o próprio chefe da aldeia quem entregou os nomes", disse Corrêa. Segundo ele, o crime teria ocorrido por vingança. No ano passado, um kulina da aldeia morreu afogado em um acidente, mas alguns índios acreditam que ele foi assassinado. "Testemunhas, inclusive índios da própria aldeia, ouviram esse grupo dizer que matariam um cariú, como chamam os brancos. Foi o Ocelito, como poderia ter sido qualquer outro", afirma o delegado.

Valdeci chegou a ser preso, mas, sob a tutela da Fundação Nacional do Índio (Funai), foi solto e encontrado em sua aldeia. Os outros fugiram. O guarda municipal Francisco Eduardo de Ocelito diz que a população está em pânico. "Todos estão com medo de novas ocorrências. Eu mesmo fui ameaçado de morte no domingo passado, assim como o Raul Kulina, uma das testemunhas", conta. O delegado afirma que o filho de Valdeci é o suspeito de ter ameaçado Edoá.

A família, de acordo com o tio de Ocelito, está desolada não só por causa do homicídio, mas pelo que consideram um descaso da Funai, que demorou dois dias para ir à cidade, só acessível por meio de avião ou barco. Os próprios familiares tiveram de ir à aldeia resgatar

“  
A ANTROPOFAGIA  
NÃO FAZ PARTE DA  
CULTURA DOS KULINA.  
ALÉM DISSO, ELLES  
ESTÃO EM CONTATO  
COM OS NÃO ÍNDIOS  
HÁ MUITO TEMPO

Stephen Baines, antropólogo da Universidade de Brasília

os restos mortais da vítima.

Na segunda-feira 2, por volta das 16h, o jovem deveria ir para casa depois de pastorear bois. Foi nesse momento que, de acordo com testemunhas, teria sido induzido pelo grupo de índios a visitar a aldeia. Lá, ainda conforme indígenas que vivam a cena, ele foi esfaqueado. A pericéia, realizada no Hospital Geral de Envira, contabilizou 80 facadas. Depois, o corpo de Ocelito foi partido ao meio, num corte vertical do crânio até os órgãos genitais. As pernas e os braços foram cortados. "Os outros índios pediam para eles não fazerem aquilo, mas então eles começaram a assar o coração, o fígado, parte das vísceras e um pedaço da coxa esquerda. Depois, comeram", conta o delegado. Ele ressalta, porém, que não houve qualquer tipo de ritual. Os índios seriam bebados. "Esse é um problema muito grave aqui. Eles chegam a beber álcool puro, que chamam de 'cabeça azul', por causa da cor da tampa", relata.

## Cultura

Em nota, a Funai afirmou ontem que "a prática da antropofagia entre os povos indígenas no Brasil contemporâneo não ocorre mais". "A antropofagia não faz parte da cultura dos kulina. Além disso, eles estão em contato com os não índios há muito tempo", confirma o antropólogo Stephen Baines, professor da Universidade de Brasília (UnB). Os primeiros registros de encontro entre os índios dessa etnia com os brancos foi no século 19.

"Nunca houve um caso como esse entre os kulina", reforça Edgar Rodrigues, administrador da Funai em Manaus. Ele confirma que o consumo de álcool é excessivo entre os índios da região, mas refuta a afirmação de que o órgão do Ministério da Justiça tenha sido negligente. "O acesso desde Manaus é difícil. Mas ficamos três dias no local, levamos um indigenista e uma intérprete para a aldeia", diz. "Fizemos tudo dentro dos trâmites legais", garante.

Imagem 120 – Correio Braziliense nº 16.704, 11.02.2009



*Imagem 121 – Família Kulina – Rio Juruá, Tamaniquá*

## **Comunidade Kulina**

No início, como de costume, o Cacique Francisco se mostrou bastante reticente em relação ao nosso pedido de fotografar as crianças e entrevistá-lo, autorizando, inicialmente, somente a entrevista. O Cacique é o único professor e ministra aula do primeiro ao quarto ano. Durante a entrevista, em uma das salas de aula da escolinha, a Comunidade foi chegando aos poucos e, depois da entrevista, as mães nos procuraram, insistentemente, para que seus filhos fossem fotografados. A falta de apoio por parte da prefeitura de Juruá ficou patente no pronunciamento do Cacique.

### **Festa da Partilha – Dossehé (Marco A. Gonçalves)**

A festa da partilha é um dos rituais mais importantes para os Kulina e que, normalmente, pode envolver praticamente toda a aldeia. Relata-nos, Marco Antônio Gonçalves:

As mulheres, quando notam que não há mais carne na aldeia, ficam descontentes e reclamam da preguiça dos homens. Durante a noite, então, elas decidem mandá-los caçar na manhã seguinte.

Um grupo de mulheres, dentre as mais jovens, vão, cantando, de casa em casa, uma canção que diz: temos fome, nós mandamos vocês caçarem, tragam-nos carne.

Entre as cantoras, uma jovem aproxima-se de um homem e começa a tirar-lhe a veste, em meio a risos e piadinhas. A maior parte dos homens age como se nada estivesse acontecendo. Um rapaz, porém, começa um combate com a jovem, que significa: eu quero trazer-lhe carne, quero ser o seu parceiro sexual. O pai, o irmão, o primo e o marido da jovem não podem ser seus possíveis parceiros nesse ritual.

Após a partida dos homens para a caça, as mulheres continuam com suas tarefas cotidianas, além de preparar uma bebida não fermentada para oferecer aos caçadores na sua volta à aldeia. Depois elas se preparam para a volta dos caçadores: tomam banho, vestem as roupas mais bonitas, se enfeitam, se perfumam etc. Nesse ritual, o homem nunca pode ter duas mulheres, mas às mulheres lhes é dado ter dois homens. À tarde, os homens anunciam seu retorno, tocando uma trompa de argila cozida.

Enquanto as mulheres preparam parte da carne trazida, os homens vão tomar banho e se vestir. Homens e mulheres comem em separado, mas ao mesmo tempo. Após a refeição, se iniciam os "jogos" entre homens e mulheres: elas os "caçam" e eles fogem, mas se deixam "caçar". As crianças imitam a brincadeira. Esse jogo é seguido de uma noite de danças. O ritual é fortemente marcado pelo erotismo e sensualidade. As mulheres também se utilizam desse ritual para obter dos homens outros serviços como a pesca, a coleta, etc.

Esse tipo de caça se distingue da caça habitual por ter um conjunto de motivações. Enquanto a caçada tradicional é feita em grupo, essa última é individual, para permitir aos jovens acesso às jovens mulheres e, principalmente, possibilitar a iniciação sexual. (GONÇALVES, 1991)

## **A Cultura Madija (Fátima Ferreira)**

A questão da doença para os Madija é causada por "dori" [feitoço], que se manifesta na forma de um objeto que entra no corpo da vítima através de inserção mágica, podendo ser uma pequena pedra, um pedaço de pau ou ossos, causando muita dor no corpo do doente. Embora se reconheça hoje em dia que há doenças que não são "dori", as doenças de branco "dsama coma" [literalmente "terra doente"], seu sistema de crença invariavelmente as atribui ao "dori" que, se não as provoca diretamente, age no sentido de colocar a pessoa num estado tal que ela se torne suscetível a adoecer. Quem lança o "dori" é sempre o "dsopinejé" [xamã], que nunca age contra alguém de seu próprio grupo.

Dessa forma, a doença se deve a um xamã, de um grupo rival na aldeia, ou de gente Madija ou não. Muitos conflitos aconteceram e ainda acontecem, por conta disso, na forma de manaco [vingança] entre Madijas de localidades diferentes ou outras etnias. Os homens, bichos e plantas vivem em nami [terra], enquanto que os espíritos ocupam o mundo subterrâneo, nami budi. Os bichos e animais de caça também vivem em "nami budi", subindo a terra para serem caçados pelos homens. O pajé, quando bebe "rami" [ayahusca], ou em sonhos, entra em contato com o mundo subterrâneo, visitando as grandes aldeias subterrâneas onde vivem os espíritos que trazem os animais para a superfície, próximos da aldeia. (Fátima Ferreira)

## **Retorno**

Na maior parte do tempo, enfrentamos chuva e um pequeno “banzeiro,” vencido com facilidade pela destreza do Chico. Somente na Foz do Juruá, onde eu pretendia documentar melhor a erosão, a chuva deu uma pequena trégua. Em Tamaniquá, o Romeu preparou um arroz com sardinha e, enquanto ele se preparava para a aula de canoagem para a gurizada, utilizei o computador da escolinha para descarregar mais de cem fotos, no “4shared”, e escrever este artigo. Estou ansioso para conhecer a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá (RDS Mamirauá) e espero que o apoio por parte do Exército em Tefé seja total, já que as Prefeituras, com as quais não tínhamos maiores vínculos, não pouparam esforços em nos dar suporte.

### **Os Sertões II** **(Euclides da Cunha)**

#### **Transacreana**

*A Carta da Amazônia, no trato que demora ao Ocidente do Madeira, é o diagrama de seu povoamento inicial. A história da paragem nova, antes de escrever-se, desenha-se. Não se lê, vê-se. Resume-se nos longos e tortuosos riscos do Purus, do Juruá e do Javari. São linhas naturais de comunicação a que nenhuma se emparelham no favorecer um dilatado domínio. Geometricamente, os seus talwegues, rumados no sentido geral de SO para NE, num quase paralelismo, oblíquos aos Meridianos, facultam avançamentos simultâneos em Latitude e em Longitude; sob o aspecto físico, à parte os entraves artificiais oriundos do abandono em que jazem, estiram-se de todo desimpedidos. Travam-se-lhes os mais privilegiados requisitos. Na grande maioria dos Rios amazônicos, e, sobretudo, no Vale do Ucaiáli, os empeços naturais acumulam-se ao ponto de originarem estranhos termos geográficos.*



*Neles não há citar-se um só. Nem pongos vertiginosos, nem despenhadas urmanas, nem muiunas remoinhantes ou vueltas del diablo desesperadores... Daí esta expressiva consequência histórica: enquanto no Tocantins, no Tapajós, no Madeira e no Rio Negro, o povoamento, iniciado desde os tempos coloniais, se entorpeceu ou retrogradou, retratando-se na ruínia dos vilarejos a caírem com as barrancas solapadas, ali, ajustando-se-lhes às margens, progrediu tão de improviso que determinou, em menos de cinquenta anos, uma dilatação de fronteiras. Era inevitável. O forasteiro, ao penetrar o Purus ou o Juruá, não carecia de excepcionais recursos à empresa. Uma canoa maneira e um varejão, ou um remo, aparelhavam-no às mais espantosas viagens.*

*O Rio carregava-o; guiava-o; alimentando-o; protegendo-o. Restava-lhe só esforço de colher à ourela das matas marginais as especiarias valiosas; atestar com elas os seus barcos primitivos e volver águas abaixo – dormindo em cima da fortuna adquirida sem trabalho. A terra farta, mercê duma armazenagem milenária de riquezas, excluía a cultura. Abria-se-lhe em avenidas fluviais maravilhosas. Impôs-lhe a tarefa exclusiva das colheitas. Por fim tornou-lhe lógico o nomadismo. O nome de "montaria", da sua ubá aligeirada, é extremamente expressivo. Ela o ajustou àquelas solidões de nível, como o cavalo adaptou o tártaro às estepes.*

*Esta diferença apenas: ao passo que o calmuco tem nos infinitos pontos do horizonte infinitos rumos atraindo-o ao nomadismo irradiante à roda da sua iurta, que ao mudar-se se afigura imóvel no círculo indefinido das planuras – o jacumaúba amazonense, subordinado a roteiros lineares, adscrito a direções imutáveis, ficou largo tempo constringido entre as barrancas dos Rios. Mal poderia libertar-se em desvios de poucas léguas pelos sulcos laterais dos tributários. Ao invés do que se acredita, aquelas redes hidrográficas, entretecidas de malhas tão contínuas, não misturam as águas das caudais diversas em largas anastomoses, insinuando-se pelas imperceptíveis linhas de vertentes abatidas nas planícies encharcadas.*



*Imagem 122 – Tamaniquá, AM*



*Imagem 123 – Tamaniquá, AM*



*Imagem 124 – Tamaniquá, AM*



*Imagem 125 – Tamaniquá, AM*





*Imagem 126 – Tamaniquá, AM*



*Imagem 127 – Tamaniquá, AM*

## **Solidão** **(Miguel Torga)**



*Pouco a pouco, vamos ficando sós,  
Esquecidos ou lembrados  
Como nomes de ruas secundárias  
Que a custo recordamos  
Para subscitar  
A urgência de um beijo epistolar  
Ainda inutilmente apetecido.  
Mortos sem ter morrido,  
Lúcidos defuntos,  
Vemos a vida pertencer aos outros.  
E descobrimos, na maneira deles,  
Que nada somos  
Para além do seu dissimulado  
Enfado  
Paciente.  
E que lá fora, diariamente,  
Conforme arde no céu,  
O Sol aquece  
Ou arrefece  
Os versáteis e alheios sentimentos.  
E que fomos riscados  
No rol da humanidade  
A que já não pertencemos  
De maneira nenhuma.  
E que tudo o que em nós era claridade  
Se transformou em bruma.*

## **Rio Juruá**

*[...] Boca do Rio que com razão podemos chamar de Cuzco, pois, segundo um regimento desta navegação, que vi de Francisco Orellana, está Norte-Sul com a mesma cidade de Cuzco. Chamam-no os naturais de Juruá.*  
(Padre Cristóbal de Acuña)

### **Rio Juruá**

Afluente da margem direita do Rio Amazonas com cerca de 3.355 quilômetros de extensão desde sua nascente peruana, no Cerro das Mercês, a 453 metros de altitude é considerado o mais sinuoso dos Rios do Planeta Terra. O Juruá tem seu período de cheias nos meses de fevereiro a abril seu período de águas altas e vazante de julho a setembro. A navegação é realizada no médio e baixo curso do Rio, com características de planície numa extensão de 3.120 quilômetros.

O Vale do Juruá, uma extensa área que engloba sete municípios amazonenses e quatro acreanos banhados pelo Rio Juruá, possui uma longa história que se inicia com as numerosas nações Indígenas de origem Pano e Aruaque de procedência cisandina ou tunguruana-amazônica, localizadas a partir dos Andes, Médio e Alto Juruá.

Comerciantes começaram a explorá-lo a partir de 1813 subindo o Rio em busca de escravos Índios, de salsaparrilha, copaíba, cacau e ovos de tartaruga.

### **Johann Baptist Spix (1817/1820)**

Spix, na sua "*Viagem pelo Brasil*", em 1817/1820, noticia sua passagem pela Foz do Juruá:

Rio de águas um tanto mais claras do que as do Solimões, até agora é ainda muito pouco conhecido e não é navegado profundamente para o interior das terras. Na sua Foz tem quase um quarto de légua de largura. É habitado pelos Índios Catauixis, Catuquinas, Canamarés, etc., e é incrível ali a abundância de cacau e salsaparrilha. (SPIX & MARTIUS)

### **Antonio Ladislau Monteiro Baena (1832)**

Baena faz o seguinte relato sobre o Juruá, em 1832, no seu "*Ensaio Corográfico da Província do Pará*":

[...] nele há silvícolas chamados Caunás que parecem anões, pois são de tão curta estatura que não passam de cinco palmos verticais; há também outros silvícolas denominados Uginas que tem rabo de 3 a 4 palmos; assim o recontam muitos; o crédito porém que aplicar se lhe deve, à descrição do judicioso fique. (BAENA)

### **Romão José de Oliveira (1852)**

Romão, cuja missão era a de atrair e pacificar os nativos, em 1852, cumprindo as ordens de João Batista Tenreiro Aranha, Presidente da Província do Amazonas, empreendeu a primeira Expedição oficial ao Juruá conseguindo alcançar o Mineroá.

### **João da Cunha Correia (1854)**

Correia, diretor de Índios, em 1854, cumprindo ordens do Presidente do Amazonas João Pedro Dias Vieira, alcançou o Juruá Mirim, subiu o Tarauacá e a partir deste ao Envira chegando ao Purus via terrestre onde tentou encontrar, sem sucesso, Manoel Urbano da Encarnação que se encontrava no Alto Juruá.

## **William Chandless (1864)**

Chandless, em 1864, enviado pela Royal Geographical Society of London, percorreu 980 milhas do Juruá, descrevendo-lhe as características físicas.

## **Constantino Tavestin (1920)**

O Padre Constantino Constant, no seu livro "Le Fleuve Juruá", faz referência a um:

Crioulo português (<sup>276</sup>) que, pela era de 1850, subiu frequentes vezes o Juruá até o Marari, e mesmo até o Tarauacá, para troca de produtos europeus com os índios, que lhe davam cacau, salsaparrilha, baunilha, óleo de copaíba. (TASTEVIN)

## **Período da Borracha**

*O Purus e o Juruá abriram-se há muito à entrada dos mais díspares forasteiros – do sírio, que chega de Beirute, e vai pouco a pouco suplantando o português no comércio do "regatão"; ao italiano aventureiro e artista que lhes bate as margens, longos meses, com a sua máquina fotográfica a colecionar os mais típicos rostos de silvícolas e aspetos bravios de paisagens; ao saxônio fleumático, trocando as suas brumas pelos esplendores dos ares equatoriais. E, na grande maioria, lá vivem todos; agitam-se, prosperam e acabam longevos. (CUNHA, 2000)*

A partir de 1858, se verifica uma ocupação efetiva do Vale do Juruá, por migrantes nordestinos levados por João da Cunha Correa, diretor dos Índios para o extrativismo da borracha e coleta de especiarias. O Acre começava a despontar como centro de produção de látex. Levas de nordestinos e sírio-libaneses aventuraram-se procurando encontrar lendárias fortunas.

---

<sup>276</sup> Manoel Urbano da Encarnação. (Hiram Reis)



Existem registros, de 1865, que reportam a existência de cortadores de seringa e coletores de salsaparrilha, vivendo no interior da mata. Esse comércio, já com certa expressão, obrigou a Companhia Fluvial do Alto do Amazonas a navegar também pelo Juruá, iniciando seu trabalho por volta de 1873.

No final do século XIX e início do século XX, a Amazônia experimenta o auge da produção da borracha. Neste mesmo período, o nordeste foi assolado pelas secas de 1877/79 e 1904 forçando a migração de milhares de retirantes para a Amazônia.

O Vale do Juruá absorveu uma parte significativa desse traslado, transformando-se num dos maiores produtores de goma elástica.

Em 1877, a Província do Amazonas criou um Distrito Policial para toda a extensão do Rio e, em 29.04.1879, enviou funcionários da Fazenda Provincial à região do Juruá para arrecadação de impostos.

No Juruá, durante o início de exploração da borracha, destacaram-se o Coronel Francisco F. de Carvalho que, em 1870, estabeleceu o seringal Riozinho da Liberdade; os Coronéis Antônio Petrolino Albuquerque, Miguel Fernandes e João Bussons, que em 1877 penetraram no Rio Tarauacá e instalaram seus seringais.

No ano de 1883, o cearense Antônio Marques de Menezes montou um seringal na Foz do Rio Moa. Os Coronéis João Dourado e Balduino de Oliveira ocuparam regiões de fronteira com o Peru. Em seguida uma série de outros seringais estabeleceram-se por todo o vale do Juruá.

Os primeiros migrantes nordestinos que chegaram a Guajará (AM) vieram incentivados pela exploração do látex, resultando também na conquista de novas terras para o desenvolvimento da agricultura, como a cana-de-açúcar, banana, farinha, tabaco, e para a criação de bovinos. A forte presença nordestina no Vale do Juruá e em Guajará (AM) pode ser observada até os dias de hoje, materializada pelos biotipos e pela cultura da população local.

## ***A Árvore dos Poemas*** ***(Mario Quintana)***



*Quando a árvore dos poemas não dá poemas,  
Seus galhos se contorcem todos como mãos de enterrados  
vivos,*

*Os galhos desnudos, ressecos, sem o perdão de Deus!  
E, depois, meu Deus, essa lenta procissão de almas  
retirantes...*

*De vez em quando uma tumba, exausta à beira do caminho,  
Porque ninguém lhe chega ao lábio o frescor de cântaro,  
A doçura de fruto que poderia haver num poema.  
Maldita a geração sem poetas que deixa as almas seguirem  
Seguirem como animais em estúpida migração!  
Quando a árvore dos poemas não dá poemas,  
Qual será o destino das almas?*

## **Saudades**

**(Torquato Xavier Monteiro Tapajós)**

*Saudades tenho da terra  
Dessa terra em que nasci;  
Saudades – tenho da vida  
Da vida que lá vivi.*

*Saudades – tenho dos bosques  
Desses bosques e florestas,  
Onde o gentio dorme às tardes  
As horas mornas das sextas.*

*Saudades – tenho das tardes  
– Saudades que trazem prantos  
Em que ao longe o Amazonas  
Gemia os seus tristes cantos.*

*Saudades – tenho das brisas  
Que ao luar – pelo arvoredos –  
Passam tristes soluçando...  
E soluçando em segredo...*

*Saudades tenho das alvas  
Das alvas praias d'areia,  
Aonde em noite estrelada  
Sorrindo brinca a sereia.*

*Saudades de meus amigos  
Meus amigos verdadeiros;  
Saudades de meus prazeres  
Meus prazeres derradeiros.*

*Saudades de minhas manas  
De minhas manas queridas;  
De meus manos com quem tinha  
Minhas dores repartidas.*

*Saudades tenho de tudo  
De tudo – como ninguém –  
Mas me ferem mais doridas  
– De meu pai e minha mãe...*

## **Tamaniquá – Flutuante Aranapu**

*Há mais pessoas que desistem do que  
pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Tamaniquá**

Aguardei o Romeu, que estava envolvido com as aulas de remo para a criançada, na casa do Chico e da Dona Maria “*Capivara*”. Degustamos alguns dindins<sup>(277)</sup> e ficamos conversando com o monossilábico Chico. Fomos convidados a saborear um jantar à base de peixe frito e caldeirada de piranha acompanhada de feijão com abóbora produzidos na roça da família e, logicamente, a saborosa farinha regional. Após o jantar, fomos ultimar os preparativos para a partida.

### **Partida para o Flutuante Aranapu (24.12.2008)**

Na manhã de 24 de dezembro, nossos amigos Chico e Dona Maria “*Capivara*” estavam a postos na margem, para as despedidas. É impressionante como a amizade pode surgir em tão breves momentos de contato, em locais tão ermos, com pessoas cujas histórias de vida são tão diversas. Partimos taciturnos, levando a lembrança do carinho e da atenção dos queridos amigos que deixamos em Tamaniquá.

### **Aru**

Na Amazônia, o caboclo chama a neblina de Aru. Aru é o sapo que deposita seus ovos numa densa espuma presa às vegetações aquáticas. A neblina que encobre a floresta, por sua vez, parecia amalgamada à copa das árvores.

---

<sup>277</sup> Din-dins: sacolés, chopinhos ou geladinhos. (Hiram Reis)

## **Navegando na Aru** <sup>(278)</sup>

Recomendei, devido à neblina, que o Romeu diminuísse a distância para que não perdêssemos o contato visual, já que a visibilidade era muito ruim. Seguindo o conselho do Chico, naveguei junto à margem esquerda do Solimões, que era a menos alterada pela violência do Rio, já que nesta altura ele faz uma pronunciada curva à esquerda.

Após a primeira hora de navegação, a neblina se dissipou e o meu afoito parceiro resolveu mais uma vez se adiantar. Com isso, tive de dispensar um agradável banco de areia para a primeira parada e enveredar por uma rota mais lenta e tortuosa entre uma das Ilhas próximas à Maquapanim e a margem esquerda do Solimões, quando a melhor rota, mais retilínea e de maior correnteza, era a da direita.

## **Na Boca do Aranapu**

Depois da 2ª parada, o Romeu ficou muito para trás e, embora eu tenha diminuído bastante o ritmo das remadas, ele continuava bastante afastado de mim. Fiz uma longa parada depois de avistar a boca do Paraná Aranapu, aguardando o parceiro. Como o GPS apontava uma distância de mais uns 5 km até o nosso destino e as informações que eu possuía a respeito da localização do flutuante eram conflitantes, pus-me a buscar ratifi-

---

<sup>278</sup> Aru: a planície Amazônica é a região do mundo que concentra a maior quantidade e a maior variedade de sapos. Onde quer que se esteja, a gente ouve sempre, partindo dos bosques e dos charcos, uma confusão de sons, uma Babel de ruídos formando um concerto extravagante. Os Índios devotavam grande estima ao sapo, ligando-o às chuvas amenizadoras do clima, à abundância de peixes e à fertilidade da terra. Chamam-no genérica e carinhosamente de "*amana-manha*", a mãe da chuva. (Altino Berthier Brasil)

cação com alguns ribeirinhos. Confirmados os dados do GPS, tivemos de “*arribar*”, remando vigorosamente contra a correnteza do Solimões para entrar no Aranapu e, depois de 40 min, aportamos no flutuante Aranapu do Instituto Mamirauá.

O Sr. Cláudio, zelador do flutuante, já nos esperava. Fui descarregando o material do caiaque, para o flutuante, enquanto aguardava o Romeu chegar e, logo que ele aportou no flutuante, fomos nos acomodar nas confortáveis instalações.

### **Tributário de si Mesmo**

*[...] ou vai, noutros pontos, em furos inopinados, afluir nos seus grandes afluentes, tornando-se illogicamente tributário dos próprios tributários...* (CUNHA, 2000)

O Aranapu é um Paraná que conduz as águas barrentas do Solimões às águas claras do Japurá. Segundo o senhor Cláudio, vigia do flutuante, nos últimos 18 anos, apenas em duas oportunidades o Solimões recebeu águas do Japurá por intermédio do Aranapu. A sabedoria de Euclides da Cunha se torna patente mais uma vez. O Rio-menino é afluente dele mesmo ao lançar suas águas no Japurá através do Aranapu e recebê-las, mais adiante, de volta.

### **Contato com a Comunidade**

Enquanto o Romeu promovia uma aulinha de canoagem para os mais jovens eu assistia a um torneio de futebol promovido pelo Cláudio, no enlameado estádio “*Moça Bonita*”, cujo troféu era um porquinho. À margem do campo, uma placa, ostentando o símbolo do Clube de Regatas Flamengo, trazia o nome do campo – “*Estádio Moça Bonita*”.

A placa tinha sido fixada em um belo “apuí” (279). Tirei algumas fotos e conversei com alguns populares.

## **Apuí – Tentáculos de Imenso Polvo**

Num bosque, figueiras estrangulavam as palmáceas, tal como observei na África com relação aos sândalos. Na sombra desse bosque não se via uma única flor ou um arbusto sequer; o ar pesado e o solo negro de húmus. Quase que cada palmeira servia de arrimo a uma figueira. Estas se apresentavam de todos os tamanhos e idades. As mais novas apenas envolviam as palmeiras como se fossem lianas ou cipós. As mais desenvolvidas, já lenhosas, estendiam rebentos que abarcavam os estípites num amplexo mortal. Alguns dos galhos eram lançados em volta do tronco como se fossem verdadeiros tentáculos de imenso polvo. Outros davam a impressão de garras, fisingando cada fenda ou envolvendo cada saliência. Mais tarde a palmeira morria, mostrando o esqueleto asfixiado pelos grossos galhos envolventes, até que desaparecia totalmente, restando então apenas os grandes braços retorcidos e já unidos da figueira, formando enorme árvore. Notava-se sempre, ao pé de cada palmeira morta e de cada figueira assassina, uma poça de água estagnada. Havia qualquer coisa de lúgubre e sinistro no silêncio noturno desse bosque; era como se seres conscientes se pusessem a contorcer na ânsia de estrangular outros seres conscientes... (ROOSEVELT)

---

<sup>279</sup> Apuí: é uma das árvores, segundo os Kokamas, onde moram os Xamãs. Para se tornar pajé, é necessário que a mãe do Apuí, que é xamã, entre no sonho do candidato e o encaminhe até o Apuí, levando, como oferenda, caldo de cana forte, xixa de milho e tabaco que deve ser depositado no chão junto às raízes da árvore. A mãe do Apuí, então, desce, se embriaga e, quando o Aspirante estiver dormindo, a mãe do Apuí o ensina a manipular remédios e os cânticos para incorporar os xamãs. (Hiram Reis)



*Imagem 128 – Apuizero*





Imagem 129 – Estádio Moça Bonita

## Preocupações Extra-Amazônicas

Os dias têm se sucedido melhor do que eu planejava. O rendimento dos caiaques, o apoio das autoridades e populares, o clima, normalmente agradável na parte da manhã, tudo tem contribuído favoravelmente para meu otimismo. Apenas duas coisas me inquietam o sono e me preocupam: minha família e a renovação de meu contrato como professor do Colégio Militar de Porto Alegre. A saúde de minha esposa tem sido uma constante preocupação nestes cinco últimos anos e os altos custos com medicação e enfermagem reforçam a necessidade de continuar exercendo as atividades de professor para complementar o salário. O General Farias (da DEPA) hipotecou sua palavra de oficial e cavalheiro, garantindo-me que meu retorno estaria garantido, mas, infelizmente, ainda não tivemos, até o momento, a efetivação confirmada.

## Natal da Minha Terra (Euclides Cavaco)

O Romeu improvisou um “*quibe sem carne*”, que foi nossa ceia de Natal. Fomos acompanhados pelo amigo Cláudio o que tornou a noite bastante agradável.

A noite foi fresca; havia chovido a tarde toda e dormimos muito bem, nos preparando para o “*Flutuante Horizonte*”. O Natal tem essa capacidade de evocar, na nossa memória, os entes e as plagas queridas. A poesia de Cavaco me envolvia no seu saudoso e melancólico manto.

Euclides Cavaco nasceu em Mira, Coimbra, e reside no Canadá. Cavaco é um português de corpo e alma como ele mesmo propala: “*tenho uma alma Lusíada e dela deixo transparecer a minha inequívoca portugalidade com um desmedido orgulho de ser português e das minhas raízes numa constante da vida, tentando levar aos quatro cantos do globo a nossa cultura através da nossa poesia, glorificando o nome de Portugal e deste Povo que nós somos*”. A poesia de Cavaco, impregnada de amor à terra e à cultura nativa, embala meu pensamento, nesta noite de natal, carregado de nostalgia, determinado pela saudade dos pais que já partiram para a querência eterna, da família, dos amigos e da minha terra natal.

### ***Natal da Diáspora*** ***(Euclides Cavaco)***

#### *O Natal*

*Desperta nas longas e taciturnas noites  
De quem está ausente  
Sentimentos de doce convívio  
Inebriados pela lonjura que os separa  
Com recordações de amizades inapagáveis  
Que por vezes acordam tendências recalçadas  
Que lhe ficaram dos seus tempos de infância  
E que lhe trazem à lembrança  
Memórias da Pátria Mãe  
Que se dissimulam como epílogo  
Em nostalgia e saudade. [...]*



*Imagem 130 – Aranapu*



*Imagem 131 – Flutuante Aranapu*

## **Flutuante Aranapu – F. Horizonte**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para o Flutuante Horizonte (25.12.2008)**

O Cláudio chegou às 06h45, quinze minutos antes da hora combinada; atrelamos nossos caiaques à sua “*rabeta*” e rumamos para a boca do Aranapu, no Solimões. O motor de 5,5 Hp gemia contra a correnteza forte, determinando uma velocidade média de 6,5 km/h.

Partimos às 07h50, com um ritmo calmo, tendo em vista que o objetivo se encontrava a mais de 60 km de distância.

### **“Paraná” Envira**

Às 09h30, depois de aportarmos numa pequena praia próxima ao furo que eu procurava para encurtar o percurso, saí para fazer um reconhecimento e confirmei se tratar do “*Envira*”. A foto do satélite mostrava uma Foz de aproximadamente um quilômetro, que o terreno totalmente assoreado reduzira a menos de uma centena de metros. O areal e a vegetação de imbaúbas (<sup>280</sup>) e capins indicavam que essas alterações na geografia eram recentes.

---

<sup>280</sup> Imbaúba (*Cecropia hololeuca*): os brotos e frutos da imbaúba são alimentos habituais da preguiça (árvore da preguiça). As espécies amazônicas, em um ano, atingem 10 m e, em pouco mais de cinco anos, seu porte máximo. São conhecidas pelo nome de imbaúba, embaúba ou umbaúba, cerca de cinquenta espécies. São árvores de 8 a 25 m de altura. Em geral, só na parte mais alta existem galhos, que têm a mesma conformação do caule e sustentam as folhas grandes e ásperas, verde-escuras na face superior e esbranquiçadas por baixo. (Hiram Reis)

Depois de um breve repouso, entramos no furo; confirmei minha tese com um ribeirinho que navegava em nossa direção. As praias da margem esquerda estavam tomadas por enormes bandos de gaivotas que, incomodadas com nossa presença, iniciaram uma estridente revoada, quebrando a serena harmonia dos sons da floresta.

## **Outro Furo**

Depois da segunda parada, aproximamo-nos de um furo de uns 500 metros de largura, aproximadamente. Na fotografia aérea, que eu possuía, não se tinha ideia da sua real dimensão, mas como a correnteza que penetrava por ele era bastante forte, decidi alterar a rota programada e percorrê-lo.

Foi uma bela escolha; a velocidade da correnteza se manteve por volta dos 12 km/h e, mais uma vez, consegui reduzir significativamente o percurso.

Na saída do furo, novamente no Solimões, parei numa praia para descansar e reconhecer o terreno. Havia feijão em abundância e de boa qualidade nas belas areias brancas. Calibrei o GPS e chequei a posição do Flutuante Horizonte com as coordenadas enviadas pelo Instituto Mamirauá. De acordo com estes dados, o flutuante se encontrava a apenas 11 quilômetros de distância, na margem direita.

## **Flutuante Horizonte**

Rumamos para o Horizonte e, como o Romeu apressasse o ritmo, acompanhei-o. Na Comunidade Novo Horizonte, fui informado que o flutuante tinha sido transferido para a margem esquerda, em frente, a 4 quilômetros de distância.

Enquanto eu verificava onde o vigia se encontrava, o Romeu, extenuado e sem raciocinar corretamente, já tinha iniciado a travessia para a margem esquerda. O bom senso mostrava, que a correnteza, no local, era muito forte e seria extremamente cansativo nos deslocarmos até o flutuante depois de remar aproximadamente 70 km já que uma travessia frontal faria com que atingíssemos um ponto muito à jusante de nosso alvo. Achei, na Comunidade Horizonte, o zelador Isvon. Chamei o Romeu que, teimosamente, lutava contra a correnteza e solicitei ao Isvon que nos rebo-casse até o flutuante.

O treinamento intensivo no Guaíba em rotas que chegaram a 13h30 de remo, em apenas um dia, fez com que eu chegasse a um nível de “*endurance*” tal que seria capaz de alcançar os objetivos propostos sem fadiga e com a capacidade de tomar as decisões corretas, na hora adequada, evitando maiores transtornos. Chegando ao flutuante, descarregamos os pertences e coloquei a “*malhadeira*” (rede de pesca) na esperança de uma alteração no cardápio.

## **Família do Isvon**

O Isvon foi buscar a esposa Helen Mara e seu hiperativo filho, quebrando nossa nostálgica rotina. A retirada da rede foi uma festa; um pequeno poraquê<sup>(281)</sup> e uma arraia foram imediatamente devolvidos ao Rio, e as três branquinhas, a pescada e a cachorra foram preparadas pela Helen para nosso jantar.

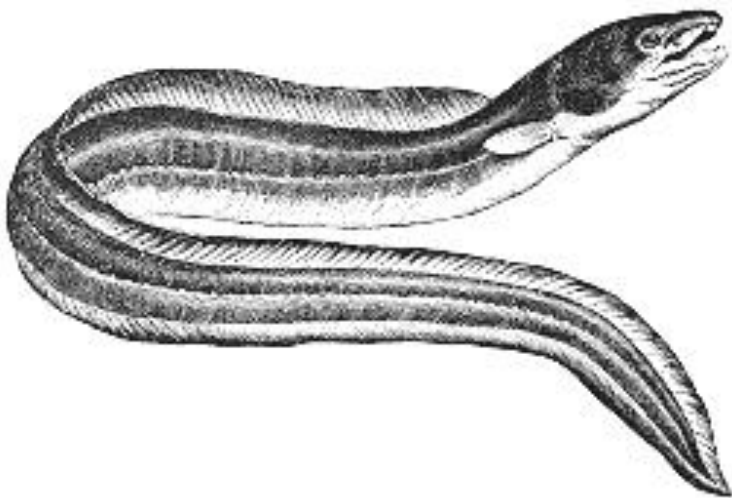
---

<sup>281</sup> Poraquê (*Electrophorus electricus*): “*aquele que faz dormir*” – em Tupi. Possui dois sistemas de produção elétrica: um involuntário, com descargas regulares utilizadas na eletrorrecepção, vital em condições de pouca visibilidade e outro, voluntário, que pode emitir descargas de até 550 V, suficiente para atordoar suas presas ou predadores. (Hiram Reis)

O Isvon me presenteou com sua camisa de manga comprida, para me proteger das queimaduras solares e dos mosquitos e eu retribui com uma lanterna que dispensa pilhas, sendo recarregada por um dínamo.

## **Lenda do Poraquê**

Poraquê era um guerreiro valente, imbatível nos combates, excelente caçador, inigualável na destreza do arco. Mas Poraquê tinha um defeito, era muito ambicioso. Tentou dominar o fogo, não conseguiu; quis comandar os Rios, foi derrotado. Vencido pela segunda vez, subiu em um pé-de-vento e tomou um relâmpago do Trovão, e com ele fez uma borduna (<sup>282</sup>) capaz de lançar raios. Certa feita, uma tribo atacou a aldeia de Poraquê e ele, com sua borduna de raios, exterminou os invasores. Sua arma ficou tinta de sangue e ele foi lavá-la no Rio. Um dos raios caiu na água e o fulminou, transformando-o em um peixe feio.



---

<sup>282</sup> Borduna: designação genérica das armas indígenas feitas de madeira dura usadas para dar bordoadas (pauladas). (Hiram Reis)





*Imagem 132 – Flutuante Horizonte*



*Imagem 133 – Flutuante Horizonte*





*Imagem 134 – Flutuante Cauaçu*



*Imagem 135 – Flutuante Cauaçu*

## ***Flutuante Horizonte – F. Mamirauá***

*Há mais pessoas que desistem do que  
pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para o Flutuante Cauaçu (26.12.2008)**

Partimos às 05h40 do dia 26, “*arribamos*”, navegando quase um quilômetro Rio acima, colados na margem esquerda, pois a entrada do furo “*Mari-Mari*” ficava, praticamente, em frente ao flutuante, na margem oposta, e a força da correnteza nos impediria, certamente, de acessá-lo.

### **Paraná Mari-Mari**

O caboclo da Amazônia não faz distinção entre furos e paranás. Por definição, os furos são canais que ligam o mesmo Rio, permitindo, na maioria das vezes, diminuir os percursos.

O “*Mari-Mari*” é um exemplo disso, unindo o Solimões a ele mesmo e encurtando o caminho natural do Rio que, no local, faz uma grande curva à direita. O Paraná, por sua vez, é um canal que liga dois Rios distintos, como o caso do Aranapu, que liga o Solimões ao Japurá.

Acessamos a entrada do “*Mari-Mari*” quando o Sol iniciava sua caminhada no amazônico horizonte. O furo, relativamente estreito, permitiu-me admirar a paisagem exuberante de ambas as margens. Mergulhei de corpo e alma no ambiente que me cercava, absorvendo seus aromas e sons impressionantes. O nascer do dia estimulava os pássaros, numa esplendorosa melodia em louvor ao Sol; ao fundo, um soturno coral

de guaribas (<sup>283</sup>) complementava a peculiar sinfonia da aurora. Eu fotografava, extasiado, as imagens ao meu redor.

Meu parceiro, infelizmente, alheio a tudo isso, se afastara novamente remando freneticamente. Passei por um grande coqueiral e por uma casa de alvenaria que, pela grandeza e qualidade da construção, contrastava com o ambiente a seu redor. Estacionei e conversei com os caseiros que me informaram que seus donos residiam em Tefé e que criavam tambaquis e pirarucus em Lagos situados atrás da sede da fazenda.

## **Flutuante Cauçu**

Depois de três paradas, chegamos, por volta das 11h30, ao flutuante Cauçu, onde fomos recebidos pelo Sr. Manoel. Descarregamos os caiaques e, enquanto o Romeu se banhava, aproveitei para colocar a "*malhada*". Manoel sinalizou-me um lugar melhor na margem oposta e, ao retirar a rede para recolocá-la, verifiquei que tinha capturado três piranhas que, depois, limpei para o jantar. Mudei a rede e fui tomar banho. Escrevi um pouco, analisei a rota para o flutuante Mamirauá trocando ideia com o Sr. Manoel e fui retirar a rede, constatando que ela havia sido levada pelo boto vermelho que antes passara rondando pelo "*furo*".

---

<sup>283</sup> Guariba (*Alouatta guariba*): a pelagem varia do ruivo ao castanho, possui pelos mais compridos nas laterais da face se assemelhando a uma espécie de barba. Os machos são vermelho-alaranjados e as fêmeas e jovens castanho-escuros. Mede de 30 a 75 centímetros e é um dos maiores primatas das Américas. Famoso por seu grito, um ronco forte e sóbrio, semelhante a um esturro de onça, que pode ser ouvido ao longe. A potência desses sons é obtida graças a um pequeno osso, situado entre a laringe e a base da língua, o hióide, que funciona como uma caixa de ressonância. É também conhecido por bugio, barbado ou macaco-uivador. (Hiram Reis)

Mais tarde, usando um pequeno arpão, consegui pegar duas sardinhas que foram igualmente limpas e “*ticadas*”. O Sr. Manoel foi pescar e conseguiu dois sardinhões que, depois de fritos, foram consumidos com os demais no jantar.

### **Partida para o Mamirauá (27.12.2008)**

Choveu a noite toda. De manhã, aguardei um pouco o tempo melhorar e, como isso não acontecesse, partimos às 07h15. Houve um contratempo lamentável; o Romeu, para variar, se distanciou demais, à frente, e perdemos o contato visual. Tentei chamá-lo, pois ultrapassamos um furo que encurtaria, significativamente, o percurso. A chuva aumentou e o perdi de vista. Preocupado, alterei a rota planejada, seguindo-o e, para isso, contornei a Ilha e acessei a Boca pelo Japurá pelo pior caminho.

Encontrei dificuldade em entrar na boca do Mamirauá, pois, embora avistasse as construções da Comunidade, o capim “*memeca*” obstaculizava praticamente toda a Foz. Estava realizando mais uma tentativa ao Norte da Foz quando avistei um “*recreio*” entrando. Acelerei a remada e consegui confirmar com uma passageira que eles estavam se dirigindo para a Boca. Mantive as remadas fortes, para não perder o recreio de vista, e chegamos juntos ao nosso destino.

### **Senhor Joaquim Martins**

Conheci o decano da Comunidade e um dos alicerces do Projeto Mamirauá. O senhor Joaquim, muito lúcido e falante nos seus mais de setenta anos bem vividos, contou-nos uma série de “*causos*” e piadas regionais. Na ocasião, aportaram no seu flutuante três pesquisadores do Instituto Mamirauá.



*Imagem 136 – Flutuante Boto Vermelho*

## **Resgate do Romeu**

Contatamos o Gerente Operacional do Instituto Mamirauá, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, mais conhecido como “César”, solicitando seu apoio para encontrar o Romeu, caso ele tivesse se perdido, e ele iniciou pessoalmente uma operação de resgate. O Romeu apareceu mais tarde, cansado e de mau humor, procurando justificar o injustificável, atrelamos nossos caiaques à “rabeta” do Tito, um dos filhos do senhor Joaquim, que nos conduziu até o Flutuante Mamirauá, onde fomos cordialmente recebidos pelo zelador, o senhor Ivo.

# Mamirauá

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

## Sonho Transformado em Realidade

*Não há nenhuma outra floresta tropical no planeta onde o desnível entre as cheias e a seca seja de 12 metros, onde a água se espalha a cada ano por milhões de hectares. Os animais e plantas que aí vivem foram selecionados desde o final do Terciário para suportar estas variações.*

(José Márcio Ayres)

Depois de mais de 300 palestras realizadas na Região Sul, nos últimos nove anos, em Universidades, Estabelecimentos de Ensino Médio, Cursinhos Pré-vestibulares, Lojas Maçônicas, Associações Comerciais e Organizações Militares, nas quais apresentei a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá como modelo de preservação ambiental, chegou, finalmente, a oportunidade de conhecê-la *"in loco"*.



Graças ao Tenente Roberto Stieger, conheci, no INPA, a pesquisadora Vera Maria Ferreira da Silva, a maior especialista em mamíferos aquáticos amazônicos do mundo. A amiga Vera, na oportunidade, acenou com a possibilidade de conseguir autorização para visitar a reserva através do Instituto Mamirauá. Já tinha descartado totalmente a hipótese de conhecer a RDS, pois havia feito contato através da Pousada Uacari e a diária era impraticável. Os administradores não se sensibilizaram com o projeto científico-cultural envolvendo alunos do Ensino Médio e Fundamental do CMPA.

Já estava descendo o Solimões quando a Vera solicitou maiores informações sobre o projeto para encaminhá-las ao Instituto. Seguindo sua orientação, minha querida amiga Rosângela, de Bagé, RS, atendendo meu pedido, enviou toda a documentação solicitada ao Gerente Operacional do Instituto, senhor Josivaldo Ferreira Modesto, conhecido como César, que se empenhou pessoalmente para que a autorização fosse concedida. O resultado final de todo este processo permitiu que, na área da reserva, eu fosse abrigado em seus flutuantes, sem qualquer ônus e tratado como pesquisador que sou.

O César, em particular, e cada um dos pesquisadores, funcionários e ribeirinhos que contatei dentro da Reserva foram incansáveis em me apoiar prestando todas as informações solicitadas.

## **RDS – Pequeno Histórico**

Até a década de 80, o macaco branco de cara vermelha, conhecido como uacari, só havia sido descrito no século XIX pelo naturalista inglês Henry Walter Bates. Em março de 1983, um biólogo paraense chamado José Márcio Ayres parte de Tefé no navio “*Gaivota*”, financiado por seu pai, para pesquisar os uacaris. Depois de diversas tentativas frustradas, Ayres aportou o “*Gaivota*” na Boca do Mamirauá.

Após anos estudando os curiosos primatas, seu estudo foi publicado em 1986 e, em 1990, mais de um milhão de hectares da várzea, incluindo a área onde havia desenvolvido seu estudo, foram declarados pelo Governo Estadual como Estação Ecológica Mamirauá. Em 1992, foi criada a sociedade civil Mamirauá, com o intuito de coordenar pesquisas e trabalhos de extensão

na reserva e, em 1996, a ONG publicou seu plano de manejo, visando ao uso sustentável dos recursos naturais e o policiamento dos recantos mais longínquos da reserva. Ato contínuo, o Governo Estadual consagra estes princípios, criando a Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá.

## **A Várzea**

Em decorrência das inundações periódicas, o Rio Solimões, rico em nutrientes, proporciona o habitat ideal para a reprodução e berçário para mais das 300 espécies de peixes da Reserva. Por outro lado, o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos na Amazônia e a conseqüente procura por proteína barata, tornam a opção pela pesca nos Lagos e Rios uma ameaça, tanto ao ecossistema de Mamirauá como de tantos outros.

## **Pesquisa Científica**

O Governo Brasileiro, através do Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, e de doadores internacionais, financia projetos como o de estudo ecológico do pirarucu, a rádio-telemetria dos botos e do jacaré-açu, dentre outros, tornando Mamirauá um centro de excelência para estudos relativos à floresta alagada.

## **Extensão**

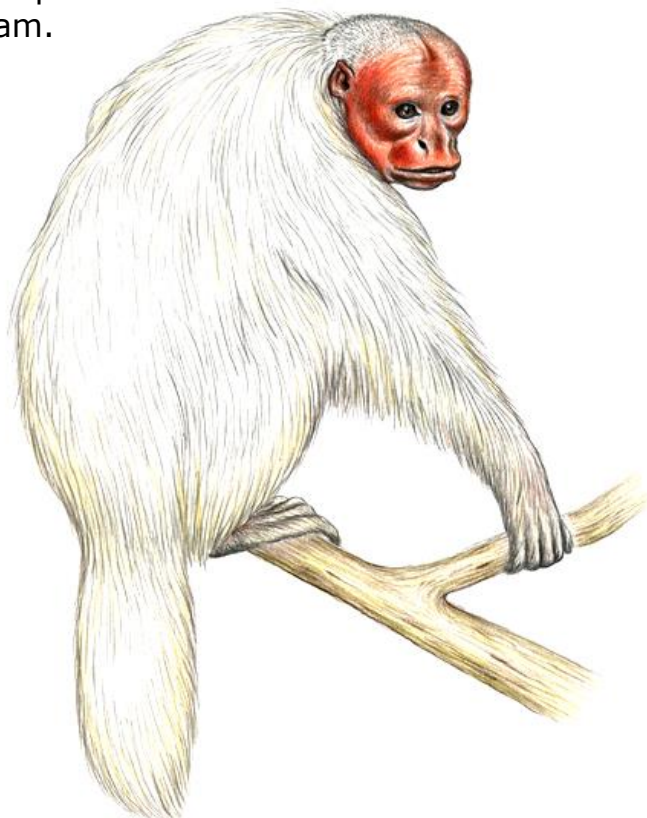
Com a população ribeirinha são desenvolvidos projetos de saúde, educação ambiental e técnicas agrícolas aplicando novas técnicas produtivas de árvores frutíferas, planos de manejo madeireiro sustentável e artesanato tradicional, envolvendo cerâmica e cestaria, além da operação de uma Rádio Comunitária.



## Conclusão

Reputo a RDS Mamirauá como modelo, tendo em vista o envolvimento democrático da população ribeirinha na absorção e aplicação de novas técnicas ambientais, no controle e fiscalização dos recursos naturais da reserva e a modelar ação norteadora do Instituto como organização científica de excelência, apresentando novas alternativas sustentáveis.

A corrupção verificada em toda a Nação, nos órgãos encarregados de fiscalizar os atos lesivos ao patrimônio genético e ambiental do País, mostra ser Mamirauá um modelo que deu certo e que está em constante reformulação e aperfeiçoamento. Meus reiterados agradecimentos ao amigo César e a todos do Instituto pela cordialidade e carinho com que nos receberam.





*Imagem 137 – Furo Envira – RDS Mamirauá – Tefé*



*Imagem 138 – Pousada Uacari – RDS Mamirauá – Tefé*



*Imagem 139 – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá*



*Imagem 140 – Leo – Flutuante Mamirauá – RDS Mamirauá*





*Imagem 141 – Senhor Joaquim Martins*



*Imagem 142 – Anoitecer em Mamirauá*

**Garça Feliz**  
(Quintino Cunha)



*Um Lago, a cuja flor, nas canaranas,  
Impossível, traiçoeiro, repelente,  
Um jacaré assustadoramente  
Estruge e tange as gárrulas ciganas.*

*Depois margina à sombra das oeiranas,  
Vendo uma garça, sorrateiramente,  
Solta-lhe a cauda e um jato de repente  
D'água, desfaz-se no ar em filigranas.*

*E, quando morta a triste garça eu via,  
Como um toque ilusório de alegria,  
No coração sensível da tristeza,*

*Rosna perto uma onça e o monstro solta  
A embiara feliz, que as asas volta  
Para o bonito céu de azul-turquesa!*

# **Águas Azuis, Pretas e Brancas**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

As pesquisas de Harald Sioli, fundador da ecologia tropical alemã, antigo diretor do departamento de Ecologia Tropical do Instituto Max-Planck de Limnologia, e Wolfgang Junk, mais recentemente, do mesmo instituto, são dois limnologistas que trataram da classificação das águas amazônicas, levando em conta suas características físico-químicas e ecológicas.

Sioli navegou pelas nascentes dos Rios da Amazônia, na década de 50, e coletou informações inestimáveis. Como Wallace e, outros antes dele, classificou-os em Rios de **águas brancas**, Rios de **águas pretas** e Rios de **águas claras**. Junk, trabalhando com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, INPA, na década de 70, deu continuidade às pesquisas limnológicas na região.

## **Rios de Águas Brancas**

Essas águas transportam grandes quantidades de sólidos suspensos, como magnésio e cálcio, conferindo-lhe uma aparência lamacenta, amarelada ou ocre, muito turva, e uma baixa visibilidade. Possuem pouco material orgânico e grande quantidade de sólidos, tornando-as levemente alcalinas ou neutras. As águas brancas têm origem nas nascentes andinas e, como as rochas andinas, são, geologicamente, relativamente novas, desagregam-se facilmente; em consequência das condições climáticas e do relevo, essas partículas são carregadas pelas chuvas para os Rios, que as transportam até a planície amazônica.

Nas margens dos Rios de água branca, observam-se áreas de várzea férteis propícias para a agricultura. A várzea é o resultado de periódicas inundações e da deposição de nutrientes carregados pelas águas.

## **Rios de Águas Pretas**

Os Rios que nascem em áreas de sedimentos terciários são da cor do chá preto. Essas águas são, na sua grande maioria, ácidas, em decorrência da presença de grandes quantidades de substâncias orgânicas dissolvidas, oriundas de solos arenosos cobertos por vegetação. Em regiões de relevo plano, em baixas altitudes, as chuvas removem do solo as partículas mineiras mais finas junto com o material orgânico e formam solos arenosos, denominados podzóis. O processo, chamado podzolização, produz uma camada superficial de solo, areia branca, formado, especialmente, de grãos de quartzo.

## **Rios de Águas Claras (ou Azuis)**

Os escudos do Brasil Central, ao Sul, e das Guianas, ao Norte, são compostos por rochas de formações geológicas muito antigas, e os Rios que têm suas nascentes nessas áreas, de relevo geralmente plano e regular, apresentam pequenas taxas de erosão. As águas têm pequenas quantidades de material suspenso e, em consequência, pobres em nutrientes, e aspecto cristalino. Suas colorações variam do verde-claro ao verde-oliva e podem variar de ácidas a levemente alcalinas.

## **Variantes**

Os três tipos básicos de água se fazem acompanhar por variantes, decorrentes da mistura entre Rios

que drenam regiões diferentes ou de variações sazonais, determinadas por quantidades maiores ou menores de chuva. Diversos Rios na Amazônia apresentam dificuldades na sua classificação, sendo necessário conhecê-los em toda a sua extensão e nas diferentes épocas do ano para não incorrer em erro.

### **Controverso Japurá (mistura entre Rios)**

*Na confluência Japurá observa-se um fenômeno ainda mais extraordinário. Antes que esse Rio se junte ao Amazonas, este, que é o reservatório geral, envia três ramos, o Uaranapu [Aranapu], o Mnhama [Manaã] e o Avateparaná [Auti-Paraná] ao Japurá, que, entretanto é apenas seu tributário. O astrônomo português Ribeiro comprovou esse fato. O Amazonas fornece assim águas ao Japurá antes de receber esse afluente em seu seio. (Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander Freiherr von Humboldt)*

O Rio Japurá é um Rio de águas claras que começa a ser corrompido pelas águas do Rio Auti-Paraná, na altura da Cidade de Maraã, que carrega até ele as águas do Solimões. Mais adiante, ele recebe uma nova carga de água do Solimões no seu leito, através do paraná Aranapu. A tonalidade da água do Japurá tem provocado uma confusão, na sua classificação, se observado apenas na sua confluência com o Solimões.

É necessário que se observe, portanto, o Rio à montante de Maraã para classificá-lo corretamente.

### **Controverso Rio Branco (variação sazonal)**

O Rio Branco, como o próprio nome sugere, assim se chama em decorrência do material suspenso, transportado das montanhas, que confere cor branca às suas águas, no período das chuvas. Na seca, porém, as águas ficam transparentes.



## **Planícies Alagadas**

A cordilheira dos Andes é responsável pela maior descontinuidade climática da América do Sul. Desertos de um lado e vegetação luxuriante de outro. A grande responsável pela manutenção dessa vegetação são as chuvas. Grande parte delas é formada no Oceano Atlântico e empurrada pelos ventos alísios.

## **Mamirauá**

As chuvas não são distribuídas uniformemente durante o ano. No Mamirauá, a época das chuvas mais intensas é a de dezembro a março, e o período da seca é de julho a outubro. Esta variação no regime de chuvas provoca uma variação de até 12 metros no nível das águas, fazendo com que toda a área da reserva fique submersa, exigindo uma enorme capacidade de adaptação por parte da flora e da fauna local.

## **Lagos**

São mais de 600 Lagos já identificados, que servem de importante fonte de subsistência para as Comunidades da reserva. O mais importante deles é o Mamirauá, que foi, certamente, um meandro abandonado pelo Rio-menino que encontrou um novo caminho mais retilíneo. Como os sedimentos trazidos pelo Rio se depositam continuamente nas restingas altas, elas podem, no futuro, transformar-se em florestas de terra firme. Cada hectare da reserva abriga "*apenas*" cem espécies diferentes de árvores, em contraste com as trezentas das de terra firme. Isso demonstra que as áreas de várzea não são capazes de sustentar os altos níveis de biodiversidade das terras firmes, tendo em vista as adaptações que as espécies tiveram de desenvolver ao longo dos tempos para sobreviver.

## ***Reflexões em Mamirauá***

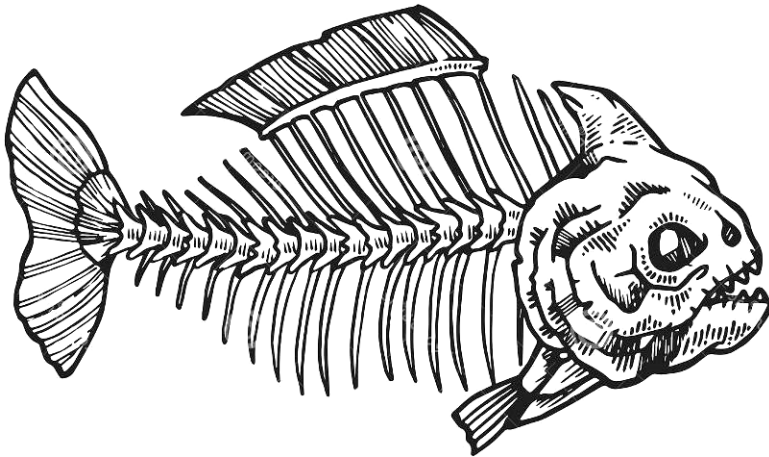
*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

A chuva torrencial me embala e me leva à reflexão. Contemplar as imensas “*Ilhas*” de aguapés e capim-memeca descendo o “*cano*” do Mamirauá provoca uma profunda nostalgia. A saudade dos entes queridos que me apoiam incondicionalmente nessa Expedição de Brasilidade, de autoconhecimento, de cultura e de hospitalidade amazônica toma conta de minha mente e me leva a rememorar a participação de cada um deles nesse projeto de tantos nomes e que, mais que qualquer outro, deve ser conhecido como “*Projeto de Amizade*”. O precário suporte de que eu dispunha no começo desta empreitada pelo Solimões foi compensado, inicialmente, pelo incentivo de alguns parentes e de muitos amigos e, mais tarde, pelo de colaboradores voluntários que, como eu, comungam dos mesmos e patrióticos ideais. Alguns contribuíram financeiramente, outros com equipamentos ou utensílios para viagem, e outros ainda, como a equipe de apoio, publicando as imagens, textos e entrevistas, permitindo aos interessados acompanhar o deslocamento na forma de um diário de bordo (*diarioriomar.blogspot.com*).

Fui cativando e sendo cativado por amigos ao longo da jornada. Amigos que me acolheram no aconchego de seus lares ou de suas Comunidades e me incentivaram. A cada um deles, sejam Militares do Exército Brasileiro, Policiais Militares, Prefeitos e Secretários Municipais, Caciques, Líderes Comunitários, Presidentes ou Administradores rurais, Empresários, Professores, Jornalistas ou simplesmente Povos da Floresta, o nosso agradecimento.

Os dias correm céleres e a saudade da amazônica hospitalidade já começa a me afetar. Guardarei eternamente na lembrança a imagem e o carinho de cada um que, de alguma maneira, marcou minha vida nessa Expedição pelo Rio-Máximo.

**Lago Maldito**  
**(Jonas Fontenelle da Silva)**



*Se hoje, em surdina, o teu pesar disfarças,  
Ouvindo o canto das jaçanãs morenas,  
Sentes, minh'alma, as aflições e as penas  
De um Lago azul sem jaçanãs nem garças.*

*Lago em que havia à superfície esparsas  
Grandes vitórias-régias e falenas  
E em que hoje existe a canarana apenas  
E são as praias matagais e sarças...*

*Senhora, olhai, vede esta cena, em mágoa...  
Um peixe enorme agita as barbatanas  
Fazendo um grande redemoinho n'água...*

*Morre aos venenos do timbó medonho...  
– Assim tombei nas lutas desumanas,  
Tal a Descrença envenenou-me o Sonho!...*

## ***Histórias da Minha História*** ***(Aldo de Queirós)***



*São tantas, tantas as minhas histórias  
Que contá-las todas nem mesmo eu sei.  
Registros de fracassos e vitórias,  
Poeiras dos caminhos que pisei.*

*Em cada velho amigo uma lembrança;  
Em cada aventura uma vaidade;  
Em cada tentativa a esperança;  
Em cada desencontro uma saudade...*

*Tudo tem uma história para contar:  
O amor perdido, a mágoa por chorar,  
Como do corpo a simples cicatriz.  
São tudo histórias de uma história só,  
Que escrevi da vida e escrevi no pó,  
Da ânsia imensa para ser feliz.*



*Imagem 143 – Com. Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*



*Imagem 144 – Com. Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*





*Imagem 145 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*



*Imagem 146 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*



*Imagem 147 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*



*Imagem 148 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*





*Imagem 149 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*

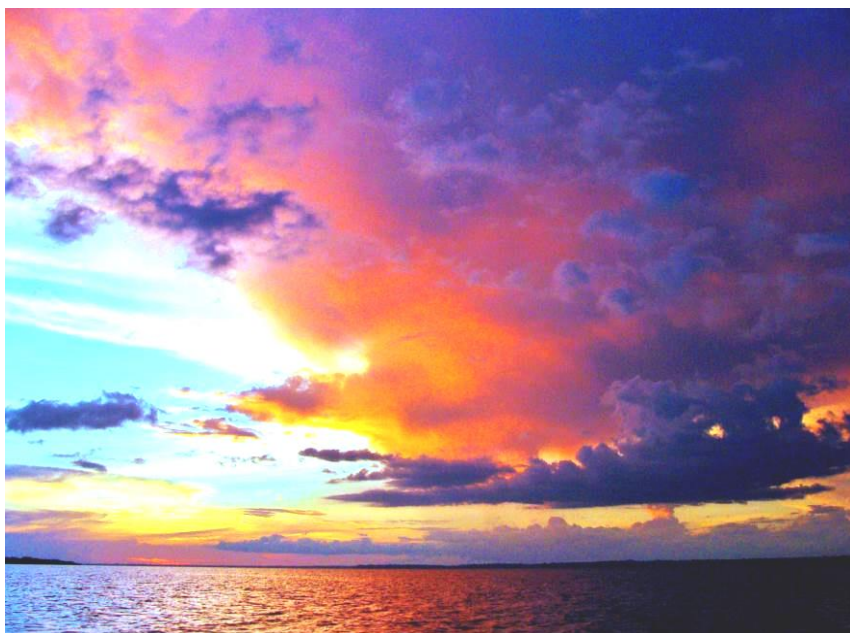


*Imagem 150 – Com.Boca do Mamirauá (Nina Nazario)*





*Imagem 151 – Apuí – RDS Mamirauá – Tefé*



*Imagem 152 – Pôr-do-Sol – Lago Tefé – Tefé*

## **Flutuante Mamirauá – Tefé**

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*



### **Mergulhando nas Entranhas do Mamirauá**

O Mamirauá é um poço de tranquilidade, margens intocadas, a vegetação não é violentada pelas águas como a do Solimões. Passei pela Pousada Uacari e cheguei ao flutuante onde fui recebido pelo senhor Ivo, que ofereceu um saboroso almoço/jantar, preparado pelas pesquisadoras Juliane e Joana que tinham partido para Tefé. O flutuante não possui geladeira e os alimentos têm de ser descartados para não estragar.

### **Entusiastas Pesquisadoras**

Fui surpreendido, agradavelmente, ao entardecer, com o retorno da Juliane e da Joana e mantive um prazeroso contato com ambas. Juliane, veterinária gaúcha de Porto Alegre e pesquisadora de mamíferos aquáticos amazônicos (botos); Joana, carioca, da gema, trabalha com a ecologia de vertebrados terrestres, tendo como foco as onças. Gravei uma pequena entrevista com ambas, em que relataram suas histórias de vida e o objeto de sua pesquisa. Ambas demonstraram uma paixão pelo que fazem e a determinação com que enfrentam as vicissitudes do ambiente por vezes hostil.

## **Entrevista com as Pesquisadoras**

### **Juliane**

*Sou médica veterinária, me formei na UFRGS em Porto Alegre, RS. Eu já trabalhava há 8 anos com o programa macacos urbanos. Aqui fui selecionada para trabalhar como veterinária de mamíferos aquáticos trabalhando com o peixe-boi. Além disso, eu apoio outros pesquisadores, há pouco eu estava trabalhando com o pessoal da onça e antes, com o pessoal dos jacarés e todos os que precisarem de apoio veterinário no Instituto, dentro de minhas possibilidades, auxílio.*

### **Joana**

*Sou bióloga, formada na UFRJ no Rio de Janeiro, RJ; fiz graduação e mestrado sempre trabalhando com ecologia de mamíferos. Quando concluí o mestrado, surgiu a oportunidade de vir para a Amazônia; hoje, trabalho com a onça pintada, em Tefé, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.*

## **Primeira Manhã em Mamirauá (28.12.2008)**

Acordei cedo para tirar umas fotos do nascer do Sol em Mamirauá. O alvorecer é fantástico, quase tão lindo como o do Rio Guaíba, em Porto Alegre. Despedi-me das amigas pesquisadoras e saí de caiaque para reconhecer e fotografar a área.

A vegetação da várzea é formidável, as espécies evoluíram e se adaptaram às condições especiais das inundações sazonais, sobrevivendo apenas as mais fortes, o que explica ser sua biodiversidade menor do que a da vegetação de terra firme. As raízes, em especial, chamam a atenção dos mais sensíveis, parecem ter sido tecidas por hábeis artesãos celestiais.

Conheci, no Flutuante “*Boto Vermelho*” do INPA, a pesquisadora carioca Sani, que trabalha sob a supervisão da nossa querida amiga Vera Maria Ferreira da Silva, considerada referência mundial como pesquisadora de mamíferos aquáticos. Alegre, de bem com a vida, a Sani está perfeitamente integrada à região e ao seu trabalho. À tarde, ela veio nos visitar no Flutuante e saiu para passear com o caiaque duplo só voltando ao entardecer.

### **Entrevista com a Pesquisadora Sani**

*Eu sou a Sani, sou bióloga, me formei em 2006 na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), no Rio de Janeiro. Depois que terminei a Faculdade, surgiu a oportunidade de eu vir para cá trabalhar com o boto, com a Vera M. F. da Silva, através de um convênio do Instituto Mamirauá com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Já faz um ano, cheguei em 2007. Trabalho com as duas espécies de botos que há na região que é o boto vermelho e o tucuxi, e o nosso trabalho é avistar os animais e saber como está a população, se estão tendo filhotes, o que eles estão fazendo por aqui.*

*Basicamente, é isso o que eu faço, eu fico de sete a oito horas no barco todo o dia correndo atrás dos botos para contar para a minha chefe o que está acontecendo.*

### **Senhor Joaquim Martins (29.12.2008)**

O líder e patriarca da Comunidade Boca do Mamirauá, Sr. Joaquim, como havia prometido, veio nos visitar na manhã de segunda-feira, acompanhado do “*Lulinha*”, um de seus 38 netos. A chuva que começara à noite só parou por volta das dez horas. O Senhor Joaquim ficou proseando e contando suas histórias.



É impressionante o vigor físico, a lucidez deste verdadeiro esteio da RDS Mamirauá. Quando a chuva amainou, acompanhei-o na pescaria. Seu Joaquim, leve e silenciosamente, afundava o remo na água e manobrava a canoa contornando a vegetação

aquática do cano do Mamirauá. Viu, ou sentiu, um leve movimento nas águas e, sem pressa, pressentiu a direção seguida pelo cardume de aruanãs, ergueu o braço empunhando a haste e, num impulso rápido e preciso, lançou o arpão a alguns palmos à frente da leve ondulação na superfície (siriringa). Seu Joaquim sabia que a "siriringa" era provocada pelo cardume que nadava próximo à superfície. A haste do arpão (sarasaca) fincou o bico de ferro em forma de flecha no corpo da aruanã, mantendo preso o formoso peixe às farpas do bico de ferro do arpão que se soltou da haste. O animal foi recolhido com a mesma destreza com que fora arpoado. Novamente atento aos mais leves movimentos na água, ele se aproximou de um grande aglomerado de capim-memeca com a intenção de pescar um tambaqui. Usando um "enganador", um tosco caniço com um peso amarrado na ponta da linha, batia na água simulando a queda da "arati", frutinha que é o objeto de desejo do saboroso peixe. Na outra mão usava, num igualmente tosco caniço, a frágil "arati" como isca. Se usasse a delicada "arati" para atrair o peixe, ela se desprenderia do anzol. Não demorou muito para que um grande tambaqui fosse puxado para a canoa pelo seu Joaquim. A destreza no arpoar e o domínio das técnicas de pescaria justificam a

fama de grande pescador que ele tem.

Retornamos ao Flutuante e ele nos presenteou com a aruanã e metade do tambaqui que foi assado pelo zelador Ivo e saboreado no almoço.

## **Peixes Ornamentais**

À tarde, chegou com sua equipe, o Jonas, especialista no manejo de peixes ornamentais. Participei da captura de acarás (<sup>284</sup>) à noite, numa preparação para a palestra que o Jonas iria ministrar na pousada e que seria concluída no laboratório do nosso Flutuante. A noite estava perfeita, embora sem Lua, limpa e estrelada, prenunciando um bom tempo que não se confirmou. No deslocamento da "voadeira", diversas sardinhas, atraídas pela lanterna que o Jonas portava na testa, caíram dentro da nossa embarcação. No retorno, algumas delas serviram de repasto para o grande poraquê que habita um enorme aquário do laboratório.

## **Entrevista com o Mestre Jonas**

*Eu sou o Jonas de Oliveira, nasci na Cidade de Marã, às margens do Japurá, atualmente trabalho no Instituto de Mamirauá e tenho uma filha que também trabalha aqui na área de biologia. Trabalhei 6 anos com peixes elétricos e há 16 anos nessa área de reserva, onde desenvolvemos vários projetos de pesquisas. Moro em Tefé e atualmente estou traba-*

---

<sup>284</sup> Acará Bandeira (*Pterophyllum scalare*): peixe endêmico da Bacia Amazônica que habita os Rios e Lagos que possuem águas pretas ácidas com leve correnteza. Vivem em cardumes de até trinta indivíduos, que compartilham determinado trecho do Rio onde existe, geralmente, um refúgio, como uma grande raiz, árvore caída, galhos, vegetação aquática, etc. Os ribeirinhos chamam os Acarás Bandeiras de "pacu doído" ou "peixe louco", porque eles costumam saltar d'água quando escutam ruídos repentinos. (Hiram Reis)

*Ihando no projeto de peixes ornamentais. O projeto visa propiciar uma renda extra para as comunidades.*

## **Efeitos da Chuva (30.12.2008)**

Na madrugada de 30 de dezembro, choveu torrencialmente, o que impediu novas capturas, e o dia raiou, ainda, com uma precipitação bastante forte. Ajudai o Ivo a desprender o capim memeca, do flutuante, que descia o Rio como se fossem grandes Ilhas móveis, e aproveitei para ler um pouco e atualizar minhas anotações. O Romeu envolveu-se nas atividades culinárias. O Jonas realizou a palestra na Pousada Uacari para os turistas e algum tempo depois, eles vieram até o laboratório do Flutuante. No laboratório, ele relatou que das mais de 300 espécies de peixes levantadas na reserva, menos de 20 são consideradas ornamentais e que destas apenas 3 fazem parte do projeto de manejo, que são o Acará-Bandeira (*Pterophyllum scalare*), o Acaraçu (*Astronotus ocellatus*) e o Acará-Boari (*Mesonauta festivus*). Na oportunidade, um fotógrafo profissional italiano chamado Walter Buonfino insistiu que remassemos para nos fotografar. À tarde, percorri algumas trilhas ao longo dos canos do Mamirauá. As aves estavam exaltadas com a pesca fácil. A chuva aumenta a correnteza do Mamirauá e demais canos do Lago, movimentando o lodo do fundo e liberando grande quantidade de gases. Toda a reserva recendia a enxofre e os peixes são obrigados a subir à superfície em busca de oxigênio, tornando-se presa fácil dos predadores. O espetáculo proporcionado pelas garças, principalmente, é inenarrável.







*Imagem 153 – Walter Buonfino, Romeu e eu*

*Durante o voo, o maguari (<sup>285</sup>) e alguns outros pernaltas esticam o pescoço em linha reta. As grandes garças, ao contrário, inclinam o longo pescoço para trás numa belíssima curva, de maneira que a cabeça fica bem próxima das espáduas. (Theodore Roosevelt)*

Achei a trilha, indicada pelo mestre Jonas, e fotografei as vitórias amazônicas (antigamente conhecidas como vitórias régias), guaribas, outras raízes exóticas e retornei à base. À noite, preparamos nossos apetrechos para seguir destino a Tefé na manhã de 31.

### **Partida para Tefé (31.12.2008)**

Um dos muitos genros de Sr. Joaquim foi designado para nos deslocar até a Comunidade Boca do Mamirauá. Seu Joaquim e filhas nos aguardavam com a típica alegria dos ribeirinhos.

---

<sup>285</sup> Maguari (João Grande – *Ciconia maguari*. (Hiram Reis)



Aproveitamos para comprar alguns artesanatos fabricados pela Comunidade e tiramos uma foto diante da Castanha Sapucaia (<sup>286</sup>) mais famosa do mundo. Sua foto, na época da cheia, com uma pequena embarcação ao lado, ilustra diversas revistas e livros no mundo todo.

Já no Lago Tefé, segui as orientações da pesquisadora Juliane e não tive problemas em localizar o fluante do Instituto Mamirauá. O César, mais uma vez, com a atenção e cordialidade que lhe são peculiares, nos acolheu no porto, levou-nos até o Hotel de Trânsito (HT) de Tefé, onde nos hospedamos, e nos levou, após o banho, para almoçar.

### **Gerente Operacional César Modesto**

*Meu nome é Josivaldo Ferreira Modesto, eu trabalho no Instituto Mamirauá, sou coordenador de operações do Instituto. Aqui todos me conhecem como César, é uma história bem interessante, bem engraçada. Quando eu nasci, minha mãe queria que eu me chamasse César e o meu pai, à revelia de minha mãe, registrou-me como Josivaldo Ferreira Modesto. E, desde então, minha mãe continuou a me chamar de César, e eu virei César até para o meu pai. Eu sou pernambucano de Recife, nasci em março de 1972, tenho 36 anos. Penso que assim como toda criança, todo estudante aqui no Brasil, quando começa a estudar Geografia, História, quando falam da Amazônia, do Estado do Amazonas, a gente fica fascinado.*

---

<sup>286</sup> Castanha sapucaia (*Lecythis pisonis*): típica das várzeas, e mais raramente na terra firme, em toda a região amazônica, principalmente nos Estado do Amazonas e Pará. Árvore de médio a grande porte, atingindo até 40 m e mais de 1,5 m de diâmetro; tronco reto, casca marrom, fissurada. Seu fruto é uma castanha grande, que se abre na parte inferior para deixar cair as saborosas sementes. (Hiram Reis)

*Todo estudante fica muito curioso, querendo saber como é isso aqui, como é essa terra, e eu tive essa mesma sensação quando era estudante: um sonho de conhecer a Amazônia, toda essa beleza que tem aqui. Eu tive a oportunidade de conhecer o professor Márcio Ayres, que foi o idealizador do Instituto Mamirauá e, depois de certo tempo, ele entrou em contato comigo e convidou-me para trabalhar aqui no Instituto, coordenando a parte logística, operacional e eu aceitei prontamente.*

*Foi tudo tão rápido, ele falou num dia e, depois de 2 ou 3 dias, eu já estava aqui trabalhando. Ao chegar aqui, deparei-me com toda essa imensidão, toda essa beleza, toda riqueza cultural, esse povo que tem aqui na região e apaixonei-me de imediato.*

*O Instituto Mamirauá é uma organização social do Ministério da Ciência e Tecnologia, que desenvolve atividades de manejo sustentável, conservação da biodiversidade em duas grandes unidades de conservação estaduais que são a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, criadas pelo Governo do Estado e gerenciadas por convênios com parceria do próprio Governo do Estado.*

*Como são duas reservas de desenvolvimento sustentável, o nosso principal trabalho é focado nas populações locais. Digamos que nós andamos de mãos dadas com todas as comunidades, com toda a população que reside nessas duas grandes áreas, principalmente valorizando o conhecimento dessas populações.*

*Nós costumamos dizer também que todo conhecimento científico, que é produzido aqui no Instituto Mamirauá anda de braços dados com o conhecimento tradicional, de forma participativa, de forma democrática, de forma bem harmônica.*

*Por exemplo, dentro de Mamirauá, que tem uma área de 1.124.000 hectares, uma área muito grande onde caberiam alguns países da Europa dentro dessa reserva, nós temos aproximadamente 11.000 pessoas. Durante grande parte dos anos de existência do Instituto Mamirauá, mais de uma década e meia, nós desenvolvemos atividades de manejo dos recursos naturais e conservação da biodiversidade numa área de 260.000 hectares, apenas, o que nós chamamos de área focal.*

*Uma área que está mais próxima a Tefé, uma área que tem uma densidade demográfica um pouco maior e, por questões administrativas e de logística, nós tivemos condições de atuar somente nesta área.*

*Há mais ou menos 3 ou 4 anos, nós iniciamos as atividades no restante da área, a qual nós chamamos de área subsidiária e levamos o mesmo trabalho que desenvolvemos por mais de uma década na área focal. A Reserva Mamirauá foi a primeira reserva de desenvolvimento sustentável criada no País; até ela ser criada, não existia no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, SNUC, modelos de unidades de conservação.*

*No início da década de 80, mais ou menos, o Dr. Márcio Ayres veio para a região para estudar a socioecologia de uma espécie de macaco endêmica de Mamirauá; endêmica porque só tem aqui essa espécie de macaco, que é o Cacajao calvus calvus, conhecido como o uacari branco aqui na região e em outros lugares, também.*

*Como ele é endêmico de Mamirauá, o Márcio Ayres teve de vir até aqui estudar esse macaco. Quando ele chegou, na década de 80, já existia uma grande pressão dentro dessa grande área. Uma pressão em cima dos recursos naturais, principalmente, dos recursos pesqueiros e madeireiros.*

*Já existia também por parte das populações locais uma vontade, um ensejo muito grande de que o poder público ou de que alguma entidade fizesse alguma coisa para diminuir essa pressão em cima dos recursos naturais. Já existia uma forte parceria dessas comunidades com a diocese de Tefé, pois a igreja aqui em Tefé já trabalhava nesse sentido junto com as populações.*

*Muita gente pensa que o Mamirauá foi quem iniciou esse movimento, mas não foi, foram as próprias populações, incentivadas e apoiadas pela igreja antes da década de 80.*

*Márcio Ayres, como era um cientista muito conhecido, com uma influência muito grande no meio científico e até no meio político, conseguiu juntar uma equipe de cientistas e reunir uma grande parte dos representantes das comunidades da reserva; naquela época não era reserva ainda, e fizeram uma proposta para o Governo do Estado do Amazonas de criação de uma unidade de conservação, uma estação ecológica.*

*A ideia foi aceita pelo Governo do Amazonas e pela Assembleia Legislativa do Amazonas, que criou a então estação ecológica de Mamirauá. Não a área atual, um pouco mais restrita do que o Márcio e o grupo tinham proposto.*

*Uma vez decretada, criada a Estação Ecológica de Mamirauá, a equipe toda se deparou com um fato interessante – como fazer, o que fazer, o como trabalhar numa unidade de conservação que tem o perfil totalmente protecionista, preservacionista como é o caso da Estação Ecológica, se dentro da área tinha aproximadamente 11.000 pessoas? Como trabalhar, retirar o povo dessa área? Com toda a sua história, toda a sua cultura enraizada já naquele local, era um desafio praticamente impossível.*

*Então, toda a equipe se reuniu, foram abertos vários fóruns de discussão e dentro dos preceitos de desenvolvimento sustentável, que já havia sido discutido em 1970, em Estocolmo, e aí foi elaborado um novo modelo de unidade de conservação, que é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável.*

*Foi solicitado ao Governo do Estado que criasse essa nova categoria que foi aceita e foi criada. Mamirauá então deixa de ser Estação Ecológica, que é um modelo totalmente preservacionista, que não permite a presença humana dentro de suas áreas e criou a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.*

*Com isso, a legislação federal, o Ministério do Meio Ambiente também teve que se adaptar a essa nova realidade.*

*E esse novo modelo de unidade de conservação foi implantado no SNUC. Depois de Mamirauá, várias outras reservas com esse mesmo perfil foram criadas no Brasil e no mundo. Um exemplo muito interessante é a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, que é vizinha de Mamirauá e que se junta ao Parque Nacional do Jaú.*

*Então, Mamirauá, Amanã e Jaú formam o maior corredor de floresta tropical protegido do planeta. E depois de Amanã, no Brasil mesmo, foram criadas várias outras unidades de conservação com esse mesmo perfil.*

*Então, o trabalho do Instituto é este: trabalhar junto com as comunidades para a melhoria de sua qualidade de vida, reconhecendo o conhecimento tradicional, deixando que todas as comunidades, os líderes comunitários, planejem e tomem decisão. Decidam seu destino, o destino da unidade de conservação e nós somos um dos principais apoiadores das decisões deles.*

*É um trabalho que tem dado muito certo, nada do que nós fazemos aqui no Instituto dizemos que é um modelo, que é uma coisa que pode ser aplicada em qualquer lugar que vai dar certo.*

*Enfim, o que podemos dizer é que até agora, dentro dessa década e meia, todas as atividades que nós estamos desenvolvendo, junto com as comunidades estão dando resultados bem positivos e isso nos alegra, nos deixa muito contentes, nos deixa com sentimento de dever cumprido; estou falando em nome de todos nós que compomos, que fazemos a Instituição e as lideranças comunitárias das duas reservas.*

*O Instituto em si desenvolve várias atividades junto às comunidades, poderia resumir e dizer que o Instituto tem duas grandes linhas de ação. Uma linha de ação voltada para o manejo dos recursos naturais de forma sustentável, aí englobamos uma série de atividades como, por exemplo, a agricultura familiar, qualidade de vida, manejo de pesca, manejo de espécies madeireiras.*

*E a outra parte, que seria de pesquisa, as pesquisas aplicadas sobre fauna e flora aqui na várzea amazônica e essas duas grandes linhas de ação complementam-se e o objetivo é oferecer alternativas e subsídios para tomadas de decisão dos líderes comunitários das reservas.*

*Dentro da qualidade de vida, temos várias atividades, temos um programa dentro desse núcleo que se chama desenvolvimento de tecnologias apropriadas, que trabalham com a incrementação de sistemas de obtenção de energias renováveis como, por exemplo, energia solar, semicaptação e tratamento de água do Rio. Temos o sistema de ação e desenvolvimento de tecnologia de uso da biomassa para queima em fogões ecológicos.*

*Tem também toda a parte de atenção à saúde, capacitação de parteiras, convênios com o Ministério da Saúde, outros convênios com o Ministério da Justiça, atividades de educação ambiental em Tefé e em todas as áreas da reserva. Tem a parte de fiscalização, que é a formação de agentes ambientais voluntários e aí nós temos uma parceria muito forte com o IBAMA, aqui em Tefé, na formação desses agentes.*

*A Polícia Militar também nos apoia na questão de fiscalização. Enfim, é uma gama de atividades que nós temos, em que uma complementa a outra e faz com que o sentido e o resultado dessas ações sejam um subsídio muito forte para auxiliar na tomada de decisão por parte das comunidades da reserva.*

*O trabalho da minha coordenadoria em si, eu sou um membro da diretoria do Instituto e minha função é assessorar as diretorias do Instituto na implementação da parte logística que apoia todas as pesquisas dentro dessas duas grandes áreas.*

*Também apoia todas as atividades planejadas e desenvolvidas pelas comunidades dessas duas áreas, temos que planejar, executar e participar de toda a parte logística. Até o transporte do pesquisador aqui de Tefé para o campo de pesquisa; aqui na Amazônia não existem estradas asfaltadas ao longo do grande Rio Amazonas, então nossas estradas são os Rios mesmos, nosso transporte é feito em lanchas, em barcos, botes, em voadeiras, em canoas.*

*O pesquisador, quando vai a campo, ele vai por via fluvial, então nossa missão é fazer com que esse pesquisador, esse grupo de pesquisa se desloque de Tefé ao campo de pesquisa com segurança de forma rápida e eficiente e retorne também com segurança e satisfeito com as facilidades que o Instituto provê para que a pesquisa dele seja bem feita, e o resultado seja o melhor possível.*

*Nós estamos falando de uma área (Mamirauá) que é 100% várzea, é 100% alagada o ano inteiro, existe uma variação sazonal do nível da água de 12 metros. Hoje, dia 02.01.2009, onde nós estamos caminhando daqui a 3 meses estaremos navegando 12 metros acima. Essa característica ímpar da região nos faz pensar em um tipo especial de alojamento, de habitação em campo. Aqui no nosso caso, as habitações, os alojamentos, são todos flutuantes, são casas que flutuam mesmo.*

*Casas normais como temos em qualquer Cidade, só que fica flutuando em cima de toras de madeira e servem de alojamento e apoio estratégico para os pesquisadores, para os comunitários e apoia também o sistema de fiscalização das reservas. Todas as bases são equipadas com sistema de energia solar, sistema de rádio para fortalecer o esquema da segurança. Não só da segurança pessoal, como também da segurança da reserva.*

*Funciona vinte e quatro horas por dia e nós ficamos aqui em Tefé com uma base logística flutuante vinte e quatro horas aguardando toda e qualquer comunicação que venha de qualquer ponto das reservas. Como falei, Mamirauá tem 1.124.000 hectares e Amanã tem quase 2.400.000 hectares, uma área muito grande com essa característica, no caso de Mamirauá, de ficar inundado o ano inteiro, com variação de 12 metros de nível de água.*

*E Amanã pega um pouco dessa questão da várzea. A ideia do Márcio Ayres era que o Instituto Mamirauá, e as reservas Mamirauá e Amanã fossem realmente grandes laboratórios abertos para a Comunidade científica, para todos os estudiosos interessados na Amazônia e no desenvolvimento sustentável e isso realmente está acontecendo, ocorre de forma muito visível. Mamirauá hoje recebe estudantes e pesquisadores de várias partes do País.*



*Hoje temos gente da UNICAMP pesquisando aqui, há pesquisadores do INPE, da Universidade Federal do Pará, da UFMG, da Universidade Federal Fluminense e uma quantidade muito grande de relacionamentos institucionais científicos que Mamirauá tem. E também com outras universidades em outras partes do mundo. A ideia é essa, é fazer com que todos nós possamos unir esforços, do ponto de vista humano também para produzir e difundir esse conhecimento, melhorar ainda mais a qualidade de vida desse povo brasileiro. (Josivaldo Ferreira Modesto)*

***Cântico das Criaturas  
(São Francisco de Assis)***



*[...] Louvado sejas, meu Senhor,  
Com todas as tuas criaturas,  
Especialmente o Senhor Irmão Sol,  
Que clareia o dia  
E com sua luz nos alumia.  
E ele é belo e radiante  
Com grande esplendor:  
De ti, Altíssimo é a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,  
Pela irmã Lua e as Estrelas,  
Que no Céu formaste claras  
E preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,  
Pelo irmão Vento,  
Pelo ar, ou nublado  
Ou sereno, e todo o tempo  
Pela qual às tuas criaturas dás sustento*



## ***Tefé – Lago Ipixúna***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Tefé**

Em 1718, as lutas entre as forças portuguesas e espanholas trouxeram a devastação das aldeias, cujos remanescentes o piedoso Frei André da Costa reuniu na Ilha dos Veados e trouxe para Tefé. Habitavam primitivamente a região, os índios: Nuaruaque, Cauixana, Jumaná, Passé, Uainuma, Catuquina, Jamamadi, Pamana, Júri e Jurimagua, Tupeba ou Tapibá. Em 1759, Tefé foi elevada a Vila, com o nome de Ega. No mesmo ano, cria-se o Município de Tefé e, em 1817, foi criado o Município de Olivença, desmembrado de Tefé.

Em 1833, foi suprimido o Município de Olivença, cujo território retornou ao de Tefé e, no mesmo ano, a Vila voltou a denominar-se Tefé. Nessa divisão, a Comarca do Alto Amazonas, que compreendia o território do atual Estado, compunha-se apenas de quatro Municípios. Tefé era um deles e a sua área, abrangendo vastíssima região, era superior a 500.000 km<sup>2</sup>.

Em 1843, é restabelecida a denominação de Ega e, em 1848, é desmembrado o território do atual Município de Coari. Em 1853, foi criada a Comarca do Solimões e, em 1855, a Vila de Ega torna-se sede da Comarca do Solimões. Em 1855, dá-se elevação à Cidade de Tefé. A denominação dada ao Município e à sua sede provém da tribo indígena das “*Tapibá*” de cujo vocábulo o de “*Tefé*” é corruptela. Depois de Manaus, foi Tefé a primeira localidade amazonense a receber Foros de Cidade.

## **Instituto Mamirauá (31.12.2008)**



O almoço do dia 31 de dezembro de 2008, chegada em Tefé, foi por conta do César – um escabeche de pirarucu, fruto do manejo sustentável. Após a refeição, fomos conhecer as instalações do Instituto Mamirauá. Fiquei impressionado em relação ao tratamento paisagístico, a parte arquitetônica e aos equipamentos que certamente justificam seu reconhecimento, junto com o corpo de pesquisadores de projeção internacional, como centro de excelência em pesquisas relacionadas ao meio ambiente e à ecologia animal de regiões de várzea. A passagem do ano foi às margens do Lago Tefé, em um lugar conhecido como “*Muralha*”, com a apresentação de bandas e queima de fogos de artifício. Encontramos apenas um conhecido na multidão, o mestre Jonas, aquele dos peixes ornamentais, que nos convidou para almoçar na sua casa.

## **Passeio em Tefé (01.01.2009)**

De manhã digitei os textos que havia redigido desde o Flutuante Aranapu, na secretaria do HTO, e, depois, chamamos o Manoel, zelador do Flutuante Cauaçu que, nas horas de folga, é piloto de moto-táxi, para nos levar até o Jonas. Após o almoço, retornamos ao HTO e imediatamente após nossa chegada, o César e sua simpática esposa apareceram e nos convidaram para um passeio pela Cidade e arredores. É impressionante observar o dinamismo e a competência deste jovem empreendedor. Parabéns Mamirauá por contar nos seus quadros com um profissional deste quilate.

## **Entrevista nas Rádios (02.01.2009)**

Concedemos, pela manhã, uma entrevista muito bem conduzida na rádio 101 FM. Logo após a entrevista, atendendo determinação do Major Cardoso, o Sargento Plínio me aguardava nas instalações da rádio, hipotecando total apoio por parte da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, comandada pelo General de Brigada Racine Bezerra Lima Filho. Consegui então acesso ao computador do ensino à distância do Colégio Militar de Manaus e a isenção total das despesas com o Hotel de Trânsito. À tarde, concedemos uma entrevista na Rádio Alternativa. O César já aguardava na porta para nos levar para um passeio no Lago. O amigo italiano Walter Buonfino, que conhecêramos em Mamirauá, foi junto. O passeio foi fantástico; visitamos as praias de areias imaculadas de Nogueira e fotografamos o Pôr do Sol sobre o Lago Tefé, cuja beleza jamais iremos esquecer. O Walter, exímio profissional da fotografia, dava dicas de como obter melhores fotos. Fomos convidados pelo Walter para conhecer os amigos que o estavam hospedando, a Betina, conhecida como holandesa, e seu esposo. Não me senti muito à vontade ao saber que ambos haviam militado nas malfadadas hostes do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), que tantos malefícios têm promovido em relação à soberania brasileira na região amazônica. Voltei cedo ao Hotel de Trânsito para continuar com o upload dos arquivos, que se arrastou madrugada adentro.

## **Partida para Caiambé (03.01.2009)**

O César, mais uma vez, com sua pontualidade britânica e cordialidade, chegou às 06h00 para nos levar até o porto. Despedimo-nos do querido amigo de Tefé e partimos para nossa jornada às 06h45.





*Imagem 154 – Escola Estadual Amélia Lima, Caiambé*

## **Hospedagem VIP**

Depois de duas breves paradas, estacionamos em um flutuante de Caiambé e saí em busca de abrigo. A Sr.<sup>a</sup> Valdécia dos Santos Silva, secretária da Escola Estadual Amélia Lima, alojou-nos na sala de aula nº 01, com ar condicionado, e nos franqueou o acesso às instalações sanitárias e cozinha da escola. Foi um tratamento VIP, que eu não imaginava encontrar em um lugar tão ermo. O Governo do Estado do Amazonas entregou a escola em agosto de 2008, totalmente reformada e ampliada. O ar-condicionado das salas, longe de ser um luxo numa região destas, é uma necessidade. À tarde, saí para registrar algumas imagens, subindo, inclusive, na caixa d'água da Comunidade, enquanto o Romeu se envolvia com o remo e com a gurizada.



*Imagem 155 – Comunidade Caiambé – Tefé*



*Imagem 156 – Comunidade Santa Sofia – Tefé*





*Imagem 157 – D. Conceição – Comunidade Santa Sofia – Tefé*



*Imagem 158 – Comunidade Laranjal – Coari*





*Imagem 159 – Comunidade Laranjal – Coari*



*Imagem 160 – Comunidade Laranjal – Coari*



*Imagem 161 – O autor, Jones Cunha e esposa*

## **Partida para Catuá (Lago Ipixúna – 04.01.2009)**

Partimos às 06h30, já havia programado estender nossa jornada de maneira que pudéssemos abreviar em um dia o deslocamento até Coari. Eu estava determinado a passar meu aniversário em Coari.

### **A Jutica de Jones Cunha**

A primeira parada foi determinada, novamente, pelos botos tucuxis, que cortaram a frente do caiaque apontando para a Comunidade de Jutica. Sem pestanejar, chamei o Romeu, que estava um pouco à frente, e embiquei para Jutica. Conheci o escritor e latifundiário, dono daquelas terras, Jones Cunha, que nos ofereceu um café com sucos, tapioca e pupunha, além de me presentear com seu livro “*Jutica, o brilho da terra*”.

Homem de visão empresarial, patriota e amante da natureza, mantém suas terras intocadas, onde os ribeirinhos se dedicam ao extrativismo. Montou uma agradável casa de hóspedes, que pretende destinar ao ecoturismo. O Jones é mais um destes amazonenses que não interessam à mídia sensacionalista, a qual procura apenas mostrar aqueles que agridem a floresta.

### **Jutica, o Brilho da Terra (Jones Cunha)**

O amigo Jones Cunha explica, no seu livro, a origem do curioso nome de sua comunidade:

O peruano batiza o local de Yoteka, "*palavra de origem tupi moderno ou nheengatu, que identifica uma variedade de tubérculo*"; na língua de origem antilhana, yuca, significa mandioca. Fazendo a tradução ao pé da letra, tendo como base o vocabulário nheengatu de Afonso A. de Freitas, Yoteka se traduziria assim: y=água, o=ele ou ela, deles ou delas, te=variante de ete, verdadeiro, em verdade, ca=ka, bater em. Dando um sentido mais lógico ao significado, podemos traduzir como "*bater em água verdadeira*". O batismo parecia-lhe apropriado, afinal água verdadeira era o que mais havia em redor.

Inicia ali um pequeno plantio de mandioca, com as poucas sementes que trouxera consigo, a lavoura iniciada, que, plantada na várzea, frutificou com abundância, está destinada ao alimento da família.

Já havia aberto uma clareira, onde construiu a primeira casa, quando, num ensolarado dia de agosto do ano seguinte, aporta um senhor com mulher e três filhos, que passa a ser conhecido apenas como português. Esse, na verdade, representava os primórdios do regatão nos séculos XVI e XVII, quando o transporte era feito a remo em pequenas canoas.

Aquele também se instala com um pequeno comércio de secos e molhados, forma parceria com Phellipe e juntos começam a comercializar pele de animais silvestres, gordura de peixe-boi, pirarucu salgado, tudo a ser comercializado com regatões que circulavam em direção ao Juruá, Rio da borracha. A casa construída por Phellipe era composta de três cômodos, de madeira roliça, tendo o piso e as paredes forrados com paxiúba, e coberta com palha de ubim-caranam e logo constroem outra igual para o português. O gajo, com seu sotaque característico, não conseguia pronunciar a palavra Yoteka, nome que Phellipe já havia adotado, na forma de falar dele, os regatões na sua maioria, sírios, libaneses e turcos, passaram a entender a pronúncia como “*Jutica*”, assim registravam em seus talonários o ponto de referência como Boca do Jutica. (CUNHA, 2008)

## **Santa Sofia**

Alongando nosso trajeto, paramos no flutuante do “*seu*” Plínio, conhecido como “*Bom Fim*”. Filho de paraibano migrou com sua família do Juruá por pressão de seringalistas. Aposentado, com os filhos criados e morando em Manaus, resolveu procurar sossego no pequeno vilarejo às margens do Lago Catuá, junto com sua amável esposa Conceição que é hoje a Presidente da Comunidade de Santa Sofia.

Um contador de “*causos*” nato brindou-nos com uma série interminável de experiências vividas por ele, e outras tantas por conhecidos seus, sempre colocando uma pitada de humor nos seus relatos. Já nos preparávamos para partir quando nos convidou para almoçar e, como pretendíamos alongar nosso percurso, achamos que seria bom reforçar as energias antes de continuar. Lá pelas 14h00, nos despedimos e seguimos destino rumo à Comunidade Esperança.

## Esperança e os 162 degraus (?)

Apesar de o seu Plínio afirmar que só encontraríamos Esperança depois de uma hora de remo, lá aportamos em 30 minutos. Encontramos o senhor Édson, como havia sugerido Bom Fim, que nos assegurou que o Flutuante cor de laranja do Jorge, à Boca do Lago Ipixúna, ficava a igual distância de Esperança a Santa Sofia. O mapa mostrava uma distância três vezes superior, mas subir aqueles **162** degraus (na verdade 102 como verificamos por ocasião de nossa descida pelo Juruá em 2012/2013) até a escolinha, pelo menos duas vezes, carregando o material do caiaque, motivou-me a prosseguir viagem. É impressionante como os parâmetros de tempo e espaço nessa região são erroneamente dimensionados pelos ribeirinhos, inclusive os mais experientes.

## Lago Ipixúna

Chegamos ao flutuante do Jorge por volta das 16h30 e solicitei que ele nos rebocasse até a Comunidade Divino Espírito Santo no interior do Lago. O administrador rural, inicialmente, apresentou-nos um local para acampar, sem quaisquer condições de higiene. Depois da intervenção de seu irmão, um “leigo” coordenador da pastoral, a chave do quarto dos professores da escolinha “*milagrosamente*” apareceu.

A única vantagem do ambiente em relação ao anterior era a privacidade. O senhor João, de quem compramos um refrigerante, convidou-nos para jantar na sua residência. Ofereceu-nos um jantar à base de peixes e nos informou que em Laranjal teríamos abrigo no Centro Cívico e que lá deveríamos procurar o senhor Everaldo.

## ***Ipixúna – Coari***

*Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)*

### **Partida para Laranjal (05.01.2009)**

Sáímos às 06h05min do Lago Ipixúna sem guardar boas lembranças da Comunidade que, apesar de se chamar “*Divino Espírito Santo*”, não prima muito pelo espírito cristão em termos de amparo aos que a ela acorrem procurando abrigo. Forçamos um pouco o ritmo e chegamos a Laranjal, por volta do meio-dia, após avistar uma enorme samaúma às margens do Solimões. Laranjal tem seu nome ligado a uma grande plantação de laranjeiras que já não existe no local.

Cheguei procurando, como de praxe, pelo administrador rural, o senhor Everaldo, conforme nos informara seu João, do Lago Ipixúna. O senhor Idelfonso nos recebeu e informou que o líder da Comunidade não se encontrava no local, mas que o vice faria contato conosco. Senti certa desconfiança nos olhos do velho homem que nos incentivava a prosseguir sem parar até Coari.

A resistência de seu Idelfonso tinha uma razão de ser. Anos antes, os ribeirinhos haviam se envolvido com traficantes que se abrigavam na Comunidade, fazendo com que a polícia de Coari fichasse diversos de seus membros por envolvimento deliberado com os meliantes. Informei de que nossa intenção era pernoitar na Comunidade e, depois de muita conversa, fomos acomodados no Centro Comunitário. Armei a barraca e arrumei as coisas, tomei um banho de Rio e depois fomos almoçar na casa do Idelfonso, a seu convite.

O velho líder, já nos conhecendo melhor, tornou-se bastante amistoso e o contato com o decano e sua família foi bastante agradável.

## **A Vingança da Samaúma**



A primeira visão que se tem da Comunidade, como já havia dito, quando se desce o Rio, é a da exuberante samaúma com suas enormes sapopemas que lembram os véus de uma deusa da floresta. Existiam três na região; a maior delas foi criminosamente abatida para ser vendida e transformada em compensado. Uma árvore magnífica como esta deveria ser tombada como patrimônio da humanidade e, nunca, utilizada para comercialização.

*A sumaumeira morta, que tombou.*

*Ela era antiga e gloriosa*

*Como um deus que passou,*

*Que vai bem longe, um deus heroico, um deus pagão.*

(Francisco Pereira da Silva – Sumaumeira morta)

O senhor Idelfonso construiu um barco à sombra de uma das imponentes samaúmas sobreviventes próxima à sua casa. O barco ficou pronto e permaneceu no local da construção. Em uma determinada noite, a vingança ocorreu. A samaúma despencou um de seus mais frondosos galhos, esmigalhando o barco e vingando a irmã abatida pela Comunidade.

## **O Jacaré Crocodiliano**

Idelfonso contou que todas as noites um enorme jacaré-açu de uns sete metros de comprimento cruza o Solimões, na frente da Comunidade, rumo a Coari.

A história foi confirmada pelos demais membros da Comunidade e em Coari ouvi diversos relatos a respeito de animais do mesmo porte. O Major Denildo, da Polícia Militar de Coari, meu amigo e guardião, relatou ter visto com os próprios olhos, na casa de um ribeirinho às margens do Nhamundá, um couro de jacaré destas proporções.

### **Partida para Coari (06.01.2009)**

A noite foi de temperatura bastante agradável e teria sido perfeita não fosse o fato de um bezerro apartado da mãe ficar mugindo a noite inteira. Acordamos ao alvorecer, nos despedimos da família amiga que tão gentilmente nos acolhera e partimos.

Parei no Terminal Solimões, da PETROBRAS, próximo a Coari, e fui tratado com total indiferença pelo técnico responsável, depois aguardá-lo por quase 30 minutos. Fui orientado a procurar, logo ao lado do terminal, o representante da CONSAG, prestadora de serviços encarregada da construção do gasoduto. O técnico responsável mandou um recado, por terceiros, para que eu procurasse o pessoal da CONSAG em Coari que, igualmente e após inúmeras tentativas, não se dignou em me receber.

Minha intenção era a de mostrar o trabalho ambiental e social que vem sendo desenvolvido ao longo das obras de implantação do gasoduto. Infelizmente, a PETROBRAS e suas terceirizadas parecem querer transformar o projeto numa grande caixa preta, tamanha a gama de dificuldades que apresentam aos que tentam mostrar as alternativas adotadas pela empresa, procurando proporcionar melhoria nas condições de vida da população atingida pelas obras.



## Major PM Denildo

A navegação até Coari foi rápida em virtude da forte correnteza. Deixamos os caiaques no Flutuante da CONSAG, por volta das 12h30, seguindo a orientação de um de seus funcionários. Telefonei, imediatamente, para o 190, solicitando o apoio de nossos fiéis amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas. Não demorou cinco minutos e o Major Denildo estava no cais. Tomamos banho na residência do Major que, depois, nos levou até o restaurante Piracuí para almoçarmos.



Após o almoço, percorremos a Cidade na viatura da PM e conhecemos seus principais pontos turísticos e o complexo de obras executados pela prefeitura de Coari na gestão do Prefeito Adail Pinheiro. O Major conseguiu junto à senhora Eliana, coordenadora da UAB (Universidade Aberta do Brasil), que ficássemos hospedados na Universidade. A coordenadora e cada um dos membros da UAB nos receberam de braços abertos e nos franquearam o acesso aos computadores e internet.

## Entrevista com o Major PM Denildo

*Eu sou o Maj Denildo de Lima Brilhante, 40 anos de idade, tenho 1 filha de 7 anos, casado há 15 anos com a Cabo da PM Rosa Maria Marques Brilhante, sou evangélico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ex-aluno do Colégio Militar de Manaus, da turma de 1988. Aspirante da Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do RJ, da turma de 1992.*

*Atualmente, sou Comandante da 9ª Companhia Independente de PM e responsável pelo policiamento dos Municípios de Anori, Anamã, Codajás e Coari.*

*Dentre os cursos realizados, fizemos o curso de Direito Internacional Humano e Humanitário, coordenado pelas Nações Unidas; pela PM do Estado de SP temos o curso de gestão pela qualidade total, o curso de técnica de ensino e o curso de planejamento estratégico.*

*Trabalhei em todas as unidades da capital como Comandante, subcomandante e relações públicas. Também tivemos experiências no grupo de trabalho do Governo do Estado do Amazonas, onde nós planejamos e criamos o plano de revitalização da segurança pública do Estado do Amazonas para o ano de 1999, 2000 e 2001. Fomos assessor do Secretário de Segurança do Estado do Amazonas por 2 anos, também comandamos a 1ª Companhia Independente de PM com sede no Município de Parintins, Cidade turística que também é responsável pelo policiamento em 4 outros Municípios, onde permanecemos por 29 meses.*

*Sou idealizador do programa da PM, denominado: Programa Pelotão Mirim. Atualmente, ele é reconhecido em toda a Região Norte como uma estratégia da PM de resgatar as crianças de rua e crianças na rua. Como resultado desse programa, temos uma nova visão de policiamento, uma estratégia de comando, uma estratégia de trabalho onde a Comunidade local passa a ser parceira da PM. Participando do planejamento operacional, indicando e sugerindo os locais onde podemos direcionar o policiamento e também a participação junto à Comunidade através de palestras e atividades comunitárias, pois somente o morador local é quem sabe quem realmente é o infrator daquela Comunidade.*

*A PM passa por lá somente uma vez por dia e o resultado é plausível, adquirindo o resgate da credibilidade da PM junto à Comunidade. (Denildo de Lima Brilhante)*

## Entrevista com o Ex-Secretário Rewi



### **Rewi:**

*Meu nome é Rewi, sou natural do Rio Grande do Norte, vim para a Amazônia trabalhar como Técnico em Mineração na área de Engenharia Ambiental, trabalhei durante algum tempo na mineração e depois vim para Coari trabalhar na implantação desse projeto ligado ao meio ambiente.*

### **Hiram:**

Como foi a sua experiência na área de mineração? O senhor viu alguma coisa que o motivou enveredar para a área ambiental?

### **Rewi:**

*Com certeza, na época eu comecei a perceber que se começou a valorizar mais as ações voltadas à questão ambiental. Então percebi a necessidade do profissional nessa área. Chegando a Manaus, eu fiz curso de Engenharia Ambiental e, como já tinha uma certa afinidade, uma certa vivência na área, acabei me apaixonando. Em qualquer órgão público, na gestão pública, hoje, um dos principais problemas é o que se fazer com o destino dos resíduos. Coari é hoje um dos precursores na maneira de se tratar adequadamente da destinação dos resíduos, a qual hoje é reconhecida no mundo, que seria pelo aterro sanitário. O aterro sanitário diferencia de um lixão, de um aterro controlado. O aterro sanitário tem toda essa preocupação em termos de você reduzir ao máximo os impactos que venham trazer problemas ao meio ambiente e de saúde pública. Coari optou por implantar esse aterro, que é referência em gestão de resíduos e está se tornando referência na Amazônia,*

*e é o primeiro Município a implantar um centro de operação já liberado pelos órgãos ambientais. O Município também optou por implantar, dentro da estrutura do aterro, uma usina de triagem onde o material é reciclado, segregado, empacotado e retorna como matéria-prima para a manufatura de outros produtos. Os restos de material orgânico são transformados em adubo, o qual será utilizado em praças, hortas, etc. Todo material que tem valor econômico como o plástico, o papelão, o metal é enviado a Manaus, no momento, para ser utilizado por outras empresas que trabalham com a reciclagem. O papelão vai ser encaminhado para fazer o papel-higiênico; já o plástico, dependendo do tipo, será usado para fazer conexões, tubos, etc. Para termos uma ideia, quando você recicla uma tonelada de papel, você deixa de gastar em média 100 litros de petróleo, você deixa de retornar para os cursos d'água em torno de 25.000 litros de água poluída e assim você vê as vantagens ambientais. Isso se não levarmos em conta de que esse material, quando é enterrado, mesmo tomando as medidas adequadas, leva centenas de anos para se degradar.*

*A preocupação de hoje é o que fazer com esse volume de resíduos gerados, a população vem crescendo, se aglomerando em centros urbanos e o que fazer com o que se gera? Então, uma das alternativas, hoje, no mundo, vai ser essa. Em grandes centros urbanos, a dificuldade é encontrar áreas para destinar os resíduos. O Município aqui hoje tem essa visão que é o que fazer com esses resíduos, não é simplesmente aterrar. Para você ter uma ideia deste projeto, se não trabalharmos a questão da reciclagem, em 10 anos teríamos que arrumar outra área para trabalhar novamente. Se implantarmos essa coleta seletiva e trabalharmos como já estamos trabalhando, separando esse resíduo, juntando, retornando para o ciclo produtivo, nós vamos duplicar a vida útil do aterro.*

*Ele passa de 10 anos para em média de 20 a 25 anos, você vê as vantagens que se tem fora as vantagens ambientais. Como falei, os resíduos levam até centenas de anos trazendo problemas ao meio ambiente, problemas de saúde pública, contaminação do solo... Paralelo a esse projeto, nós temos um trabalho de sensibilização, conscientização, um trabalho de educação ambiental porque, quando se fala em gestão de resíduo, ele inicia na fonte.*

*Nós temos um Batalhão, que é do Projeto Agente Jovem, com uma média de 300 pessoas trabalhando de casa em casa, de porta em porta, nas feiras, nas escolas, tentando sensibilizar o povo de um modo geral, que devemos dar a nossa contribuição. Eu acredito muito quando se fala em ações ambientais, é a questão de a sociedade estar inserida no processo. O somatório dessas ações, no final, vai dar um resultado promissor e mais rápido com certeza. Baseado nessa filosofia é que o Município vem desenvolvendo esse projeto.*

*E tem a questão não só da conscientização da sociedade de um modo geral como a capacitação das pessoas. Nós temos que capacitar aqui em média mais de 100 pessoas que é para trabalhar nesses projetos. Uma das importâncias desse projeto é a questão social. Para se tocar um projeto como este, nós necessitamos em média de 100 pessoas, quer dizer que são 100 empregos diretos que são gerados.*

*Se levarmos a proporção de 1 para 3 ou 4 como é feito, então nós temos hoje direta e indiretamente em média em torno de umas 400 pessoas. A cada emprego que você gera direto você gera 3 ou 4 indiretos. É uma questão social, nós temos que trabalhar com as pessoas. Além da capacitação, da sensibilização, são pessoas que vão se tornando mais conscientes em termos ambientais.*



*Imagem 162 – Aterro Sanitário Municipal (Coari, AM)*

Não vejo outra alternativa em meio ambiente se você não tiver inserido essa mobilização social. É uma das questões é a questão social mesmo, a sociedade deve participar. Nós também realizamos a coleta seletiva na Cidade e já a estamos ampliando.

Começamos em algumas ruas da Cidade, nas principais avenidas, nas principais ruas que geram maior quantidade, onde já foi feito esse trabalho de conscientização. A sociedade já está se tornando mais consciente, nós já estamos fazendo o trabalho de coleta seletiva. O trabalho mesmo seria mais na fonte geradora. Nós pedimos, pelo menos, que a população separe o úmido, que seria o orgânico, do seco porque, estando separado, fica mais fácil quando chega aqui na usina para nós fazermos a separação. Se essa separação não for feita, torna-se difícil reaproveitar esse material, pois o plástico sujo não é viável para se trabalhar, o papelão sujo também inviabiliza. Por isso, a maior preocupação em pelo menos separar o seco do úmido viabiliza a ação de separar o material, não tendo comprometido a qualidade dele de maneira que não possa se tornar uma matéria-prima. (Rewi)



*Imagem 163 – Lanchonete da Greici*

### **Coari (07 a 10.01.2009)**

O Major Denildo tem sido incansável. O café da manhã regional, de 07 de janeiro, foi degustado na Lanchonete da Greici e o Major colocou o Cabo Pereira à minha disposição para reconhecer a Cidade, realizar entrevistas e assistir à posse do secretariado do novo Prefeito.

No dia 08, tomamos café na Greici, passeamos pela Cidade em companhia do Major Denildo e concedemos uma entrevista na Rádio Nova Coari FM. A Maria Helena, nova parceira do Romeu, chegou por volta das 10h30 e o Denildo ampliou nosso passeio turístico até o Lago Mamiá. Os dias 9 e 10 foram dedicados a contatos com secretários de governo, passeio no Lago Coari e pontos turísticos da Cidade.



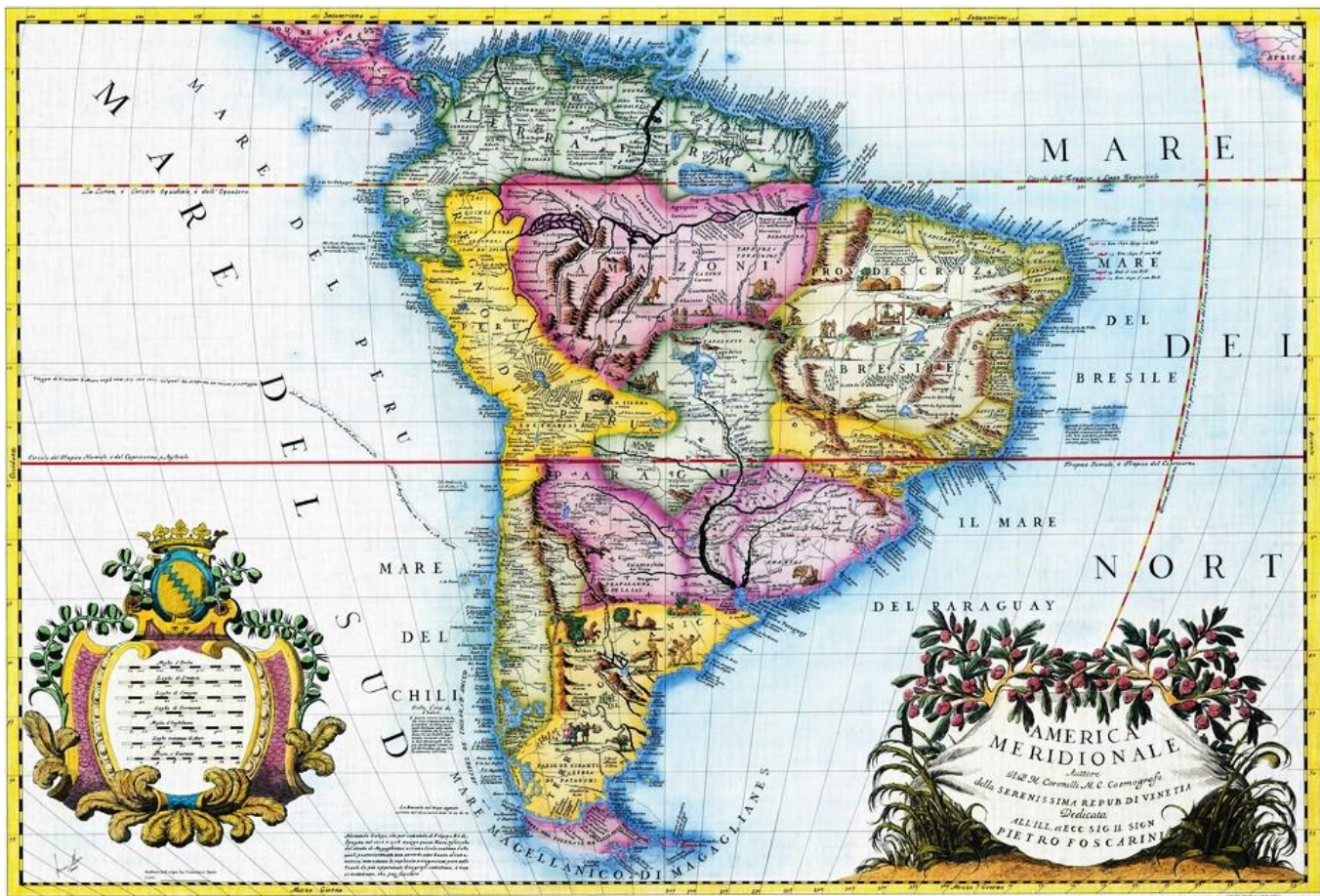


Imagem 164 – América Meridionale (V. M. Coronelli, 1691)



**Meio Século**  
(Marília Gonçalves)



*No tempo em que os cavalos  
Tinham patas de vento  
O vôo ultrapassava a dor  
E as raízes  
Quando sonhos azuis  
Não podiam montá-los  
A desenhar o sulco  
De térreas cicatrizes.*

*No tempo em que os cavalos  
Não escolhiam caminho  
Levantavam as crianças  
Do solo atraído  
No tempo dos cavalos  
E das imperatrizes, as leis  
Eram sombra de quem ia montado.*

*No tempo em que os cavalos  
Desenharam memória  
Da cor da sua cinza  
Sobre a cinza dos dias  
No tempo em que o terror  
Era vê-los, olhá-los  
Como vento a passar sobre histórias vazias.*

*No tempo em que os cavalos  
Numa cidade inquieta  
Galopavam no tempo  
Que não queria parar  
Uma mancha de sangue  
Desenhava-se preta  
Nos dias ressequidos  
A perder-se no Mar.*

*No tempo em que os cavalos  
Eram maiores que a estrada  
Havia vozes cegas  
Ou olhos por gritar  
No tempo em que eram monstros  
Que vinham dispará-los  
Sobre a esperança nascida  
Que não queria murchar  
No tempo dos cavalos  
No tempo dos cavalos  
Na Pátria ia crescendo  
A raiva popular.*





## Bibliografia

A NOITE Nº 11.119. **O "Front da Borracha"** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite nº 11.119, 24.01.1943.

A NOITE Nº 11.260. **A Borracha Movimenta a Economia Amazônica** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite nº 11.260, 18.06.1943.

A NOITE Nº 12.366 – **Assistência Imediata aos Soldados da Borracha** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite nº 12.366, 16.09.1946.

A NOITE Nº 12.635 – **A Verdadeira História da "Batalha da Borracha"** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – A Noite nº 12.635, 05.08.1947.

ACUÑA, Christóbal de. **Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas** – Espanha – Madrid – Ed. García, 1891.

AUGEL, Moema Parente. **Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista** – Brasil – São Paulo, SP – Editora Cultrix. 1980.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **Ensaio Chorographico do Pará (1839)** – Brasil – Brasília, DF – Ed. Senado Federal, 2004.

BATES, Henry Walter. **Um Naturalista no Rio Amazonas** – Brasil – São Paulo, SP – Ed. Itatiaia, 1979.

CARVAJAL, Gaspar de. **Relatório do Novo Descobrimento do Famoso Rio Grande Descoberto pelo Capitão Francisco de Orellana** – Brasil – São Paulo, SP – Consejería de Educación – Embajada de Espana – Editorial Scritta, 1992.

CONCEIÇÃO, Ciro Mendonça da. **Gestão de Negócios e Sustentabilidade** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Brasport, 2015.

CONDAMINE, Charles Marie de La. **Viagem na América Meridional Descendo o Rio das Amazonas** – Brasil – Brasília, DF – Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros – Ed. Senado Federal, 2000.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. **Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa** – França – Paris – Officina Typogrphica de Casimir, 1836.

CORREIO BRAZILIENSE Nº 16.375. **EUA Alertam o Brasil** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº 16.375, **18.03.2008**.

CORREIO BRAZILIENSE Nº 16.704. **Índios Suspeitos de Canibalismo** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº 16.704, **11.02.2009**.

CORREIO BRAZILIENSE Nº 16.774. **Índios Criam Delegacia Própria** – Brasil – Brasília, DF – Correio Braziliense nº 16.774. **22.04.2009**.

CORREIO DA MANHÃ Nº 14.904. **Triunfou o Movimento Revolucionário na Argentina** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã nº 14.904 – **05.06.1943**.

CORREIO DA MANHÃ Nº 14.905. **Constituído, sob a Presidência do General Arturo Rawson, o Novo Governo Argentino** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã nº 14.905 – **06.06.1943**.

CUNHA, Euclides da. **Um Paraíso Perdido** – Brasil – Brasília, DF – Coleção Brasil 500 Anos – Ed. Senado Federal, 2000.

CUNHA, Jones. **Jutica, o Brilho da Terra** – Brasil – Manaus, AM – Gráfica e Editora Silva Ltda, 2008.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS Nº 6.322. **Praticamente Vitorioso o Movimento Revolucionário** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias nº 6.322, **05.06.1943**.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS Nº 6.323. **Renunciou o Presidente da República Argentina** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias nº 6.323, **06.06.1943**.

DIÁRIO DO PARÁ Nº 1.726. **Ticuna vão à Forra do Massacre e Matam Jovem de Capacete** – Brasil – Belém, PA – Diário do Pará nº 1.726, **12.04.1988**.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica Pelas Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792** – Rio de Janeiro, RJ – Conselho Federal de Cultura, 1971.

FLORES, Moacyr. **O Quilombo da Ilha Barba Negra** – Brasil – Porto Alegre, RS – Correio do Povo – Suplemento Letras & Livros, 1983.

GONÇALVES, Marco Antônio. **Acre: História e Etnologia** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Núcleo de Etnologia Indígena, UFRJ, 1991.

HESSE, Hermann. **Sidarta** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Record, 2000.

HÜTTNER, Édison. **A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia** – Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 2007.

JDB, nº 052. **Suicídios Entre Indígenas do Amazonas Preocupam FUNASA** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Jornal do Brasil, nº 52, 30.05.2009.

MATTOS, João Wilkens de. **Roteiro da Primeira Viagem do Vapor Monarcha Desde a Cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Província do Amazonas, até a Povoação de Nauta, na República do Peru** – Brasil – Manaus, AM – Typ. de M. S. Ramos, 1854.

MAW, Henry Lister. **Narrativa da Passagem do Pacífico ao Atlântico, Através dos Andes nas Províncias do Norte do Peru, e Descendo Pelo Rio Amazonas, até ao Pará** – Inglaterra – Liverpool – 1831.

NASCIMENTO, Alberto Francisco. **Tonantins – sua História e sua Gente** – Brasil – Manaus, AM – Ed. Gráfica e Editora Silva Ltda, 2006.

NOGUEIRA, Wilson. **O Andaluz** – Brasil – Manaus, AM – Editora, Valer, 2005.

O ACRE Nº 684. **Legião Brasileira de Assistência** – Brasil – Rio Branco, AC – O Acre nº 684, 07.03.1943.

O ACRE Nº 699. **Aos "Soldados da Borracha"** – Brasil – Rio Branco, AC – O Acre nº 699, 20.06.1943.

O ACRE Nº 700. **Nos Seringais Lutaremos Contra Hitler... (Wilson Aguiar)** – Brasil – Rio Branco, AC – O Acre nº 700, 26.06.1943.

O CRUZEIRO Nº 42. **Onde Estão os Generais da "Batalha da Borracha"** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Cruzeiro nº 42, 09.08.1947.

O FLUMINENSE Nº 38.251. **Aumenta Suicídio Entre Índios** – Brasil – Niterói, RJ – O Fluminense nº 38.251, 21.03.2008.

PALHA, Frei Luiz O.P. **Índios Curiosos - Lendas, Costumes, Língua** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gráfica Olímpica, 1942.

PEREIRA, Franz Kreuther. **Painel de Lendas & Mitos da Amazônia** – Brasil – Belém, PA – Ed. Academia Paraense de Letras, 2001.

REVISTA ISTOÉ Nº 2.007. **As Fotos Secretas da Guerrilha** – Brasil – São Paulo, SP – Revista IstoÉ nº 2.007, 22.04.2008.

ROOSEVELT, Theodore. **Nas Selvas do Brasil** – Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltd<sup>a</sup> – Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. **Diário Da Viagem que em Visita, e Correição das Povoações da Capitania de S. Jozé do Rio Negro Fez o Ouvidor, e Intendente Geral da Mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no ano de 1774 e 1775** – Portugal – Lisboa – Typografia da Academia, 1826.

SPIX & MARTIUS, Johann Baptist Von Spix & Carl Friedrich Philipp Von Martius. **Viagem pelo Brasil 1817 – 1820** – Brasil – São Paulo, SP – Edições Melhoramentos, 1968.

TASTEVIN, Constant. **Le Fleuve Muru. In: La Géographie, Tomo XLIII** – França – Paris – Missions Catholiques, 1920.

VASCONCELLOS, Simão de. **Chronica aa Companhia ae Jesus  
ao Estado do Brasil** – Portugal – Lisboa - A. J. Fernandes Lopes,  
1865.





Mas a obra não trata  
apenas da descrição do  
memorável percurso  
aquático, eis que relevantes  
questões históricas são  
muito bem abordadas no  
Memorial, como um brado de  
alerta à cobiça de Nações  
hegemônicas sobre a nossa  
Amazônia.

Aduza-se, por derradeiro,  
que as belezas e lições  
entesouradas neste livro  
têm, outrossim, o condão de  
robustecer, de forma  
superlativa, o sentimento de  
brasilidade, o apreço à nossa  
Soberania e a relembração  
de nossos avoengos  
portugueses – *“De nada a  
forte gente se temia”* –,  
mote que se adapta,  
perfeitamente, à saga tão  
bem narrada, preñhe de  
audácia e coragem...

Que o excepcional labor  
deste belo historial, de forte  
conteúdo cívico-patriótico, da  
fecunda produção literária do  
bravo e renomado escritor  
Coronel Hiram, sirva de  
luzeiro àqueles que amam,  
de fato, a Terra em que  
nasceram, na inspiração do  
poeta-soldado Luiz Vaz de  
Camões: *“Não me mandes  
contar estranha História,  
mas mandas-me louvar dos  
meus a glória”*.

Coronel Manoel Soriano  
Neto – Historiador Militar

